1º VOL.

VIII + 412 + VIII PÁGS.

INOCÊNCIO, VOL. II, PÁG. 283;

BOM ESTADO, COM RESTAUROS.

C. C

Fran.co Luis Leal. Livr.

3

Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/chronicadelreydi01lope

CHRONICA
DEL REY D. IOAM. I.
DE BOA MEMORIA,
E DOS REYS DE PORTVGAL O DECIMO.
alias segunda parte
~~PRIMEIRA~~ PARTE.

EM QVE SE CONTEM A DEFENSAM do Reyno atè ser eleito Rey.

OFFERECIDA A MAGESTADE DEL REY
DOM IOAM O IV. N. SENHOR
DE MIRACVLOSA MEMORIA.

COMPOSTA POR FERNAM LOPEZ.

Anno de 1644.

EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias.
A custa de Antonio Aluarez Impressor DelRey N. S.

LICENÇAS.

OR mandado do Concelho Geral do S. Officio vi esta Primeira parte da Chronica Del Rey DOM IOAM o Primeiro de gloriosa memoria, cõposta por Fernão Lopez Escriuão da Puridade do Infante D. Fernando, & não tẽ cousa, q̃ encõtre nossa S. Fé, ou bons costumes, antes será muy proueitosa para animar os Portugueses deste nosso tẽpo, a q̃ cõ maior feruor defendaõ o seu Reyno imitãdo taõ glorioſos antepassados. Lisboa no Cõuẽto da Ss. Trindade, em 27. de Outubro de 1642.

O D. Fr. Adrião Pedro.

I por ordem dos Senhores do Concelho Géral do Sancto Officio esta Primeira parte da Chronica Del Rey DOM IOAM o Primeiro de gloriosa memoria, composta por Fernam Lopez Escriuão da Puridade do Infante Dom Fernando filho do mesmo Rey DOM IOAM, & naõ achey nella cousa algũa contra nossa Sancta Fé, ou bons costumes, antes em toda esta historia se mostra com singello, & naõ affectado estylo o zelo da honra de Deos, & amor da patria, que nos Portugueses daquelle tempo ardia, para louuor dos quaes tam merecido por seus excellentes feitos, quando não teueramos deste liuro outros proueitos, era bem, que se imprimisse; quanto mais que os exemplos, que nos deraõ saõ poderosos para efficazmente nos obrigar aos imitar. E assi me parece esta Chronica dignissima de sahir a luz. SãoDomingos de Lisboa 14. de Nouẽbro de 1642.

O M. Fr. Ignacio Galuão.

ISTAS as informãçoens, pode se imprimir a Primeira parte da Chronica Del Rey DOM IOAM o Primeiro de gloriosa memoria, Autor Fernão Lopez, & despois de impressa tornarà ao Concelho para se conferir com o Original, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correra. Lisboa quatorze de Nouembro de 1642.

Fr. Icão de Vasconcellos. Pedro da Sylua.

Franciſco Cardoso de Torneo. ✠ 2 Diogo de Souſa

PODeſe imprimir. Lisboa 27. de Nouembro de 1642.

O Biſpo de Targa.

NA M achey neſta Chronica DelRey DOM IOAM o Primeiro de glorioſa memoria couſa, por onde ſe poſſa negar a licença, que pedem para ſe imprimir. Lisboa 31. de Dezembro de 1642.

Diogo de Payua de Andrada.

QVE ſe poſſa imprimir eſta Chronica, viſto as licenças do Sancto Officio, & Ordinario, que offerece, & deſpois de impreſſa torne para ſe taxar, & ſem iſſo não correrà. Lisboa 13. de Ianeiro de 1643.

Ioão Sanches de Baena. *Ioão Pinheiro.*

Dom Rodrigo de Meneſes.

SENHOR.

EM A CHRONICA, QVE O anno de 1642. q̃ imprimi dos Sereniſſimos Reys de Portugal DOM IOAM o Primeiro, Dom Duarte ſeu filho, & Dõ Affonſo Quinto ſeu neto, ſe referiraõ em breue compendio ſuas virtudes, & prozezas na forma, que o Licenciado Duarte Nunez de Leão as tinha já com licença recopiladas: para auiuar de nouo a lembrança, com que ſe conſeruão ſempre viuas eſtas memorias, & ſe vencer com a publicação dellas, o impedimento, que com a inuaſam neſtes Reynos DelRey Catholico Dom Felippe de Caſtella ſe ocaſionou para ſe ocultarem em cuidadoſo ſilencio as victorias, & glorioſas empreſas, porque o Sereniſſimo Rey DOM IOAM o primeiro mereceo ſer acclamado, & eleito por Rey, ſendo nouo Reſtaurador, & em certo modo Fundador do Reyno, & com que o ſoube ſegurar com a celebre batalha de Aljubarrota, conſerualo com as de Valuerde, Trancoſo, & outras, & vltimamente augmẽtalo, & engrandecelo com a glorioſiſſima conquiſta de Ceita, em que ſe lhe offerecerão ao meſmo paſſo das difficuldades, & riſcos, victorias, & glorias, em q̃ ſe vê tanto de verdadeiras, quanto de impoſſiueis. E porq̃ era juſto, q̃ a Chronica deſte Sereniſſimo Rey ſe imprimiſſe mais por extenſo, como ſe achou eſcrita em tres partes, por os Chroniſtas Fernão Lopez, &

Gomez Eannes D'Azurara, em o tẽpo, q̃ já Voſſa Mageſtade tam felicemente, em conſeruaçaõ de ſeu direito, recobrou os Reynos, que a violencia injuſtamente lhe tinha vſurpados, reſtituindo os a ſua linha, defendendo os, & conſeruádo os á imitação do nome, valor, prudencia, magnanidade, & fortuna de tam glorioſo Principe, me deliberey, mouido do zelo da patria, & do ſeruiço de Voſſa Mageſtade a dar á impreſſaõ eſta Chronica do Sereniſsimo Rey D. IOAM o Primeiro de quem Voſſa Mageſtade glorioſamente deſcende, não ſó por ſer pay do Senhor Dom Affonſo primeiro Duque da Sereniſſima Caſa de Bragança, que caſou com a Excellentiſsima Senhora Dona Briatiz filha vnica do grande Condeſtable Dõ Nuno Aluarez Pereira progenitores de Voſſa Mageſtade, mas ainda pela deſcendencia Del Rey Dom Duarte, de quem Voſſa Mageſtade traz a ſucceſſaõ direita da Caſa Real, & herança deſtes Reynos, & de ſuas Conquiſtas, Eſtados, & Senhorios. O zelo da patria moſtro em publicar as virtudes de hum Rey Pay delſa, & o deſeruiço de Voſſa Mageſtade em o reconhecer, neſta offerta, por herdeiro dellas no direito do ſangue, ſucceſſaõ, & imitação. Cuja Real peſſoa noſſo Senhor guarde, &c.

Antonio Aluarez.

A IOAM RODRIGVEZ DE SÂ, E MENESES CONDE DE Penaguião, Camareiro mòr de Sua Mageſtade, &c.

NDARAM SEMPRE EM competencia Letras, & Armas, mas em voſſa Senhoria ſe acham tam vnidas, que ſe pode bem dizer tal vez armado Apolo, tal vez graduado Marte; pois deixando no anno paſſado tam celebre ſeu nome, nas glorioſas empreſas, em que ſe achou nas entradas, que fez o noſſo exercito nos Reynos de Caſtella, & tomada de ſuas forças, agora tantoque ſoube voſſa Senhoria da memoraueł batalha dos Campos de Montijo, foi o primeiro, que deixando ſua caſa, & regalo, & ainda aſsiſtencia peſſoal, que por razão do cargo tẽ junto á peſſoa Real (por ſeruir mais calificada, & arriſcadamente) ſe partio para Campo Mayor offerecido aos perigos, que ſe offereceſſem, donde reconhecendo, que a reſpeito da victoria alcançada pelas armas de Sua Mageſtade, nam era neceſſaria ſua preſença naquella praça, voltou voſſa Senhoria ao exercicio do Paço, em que he exemplar tam continuo, em beneficio do Reyno, que ſendo digno de ſer imitado, o nam pode ſer de muitos. Eſtes motiuos me incitaram, a imprimir eſtas Chronicas, ſabendo que voſſa Senhoria deſejaua, que ella ſahiſſe á luz, confiado em que voſſa Senhoria álem de a eſtimar, a poderia melhor offerecer em meu nome a Sua Mageſtade. Hũa, & outra couſa eſpero de voſſa Senhoria, a quem Deos dé largos annos de vida com felice augmento de proſperiedades.

Antonio Aluarez.

AQVI COMECA A CORONICA DELREY DOM IOHAM DE BOA MEMORIA O Primeiro deſte nome, & dos Reys de Portugal o decimo.

CAPITVLADA, E COMPOSTA POR FERnão Lopez Eſcriuão da Puridade do Infante Dom Fernando, filho do meſmo Rey Dom Iohão.

AQVAL CORONICA O DITO FERNAM LOPEZ fez por mandado DelRey Dom Duarte, ſendo Principe.

CAPITVLO PRIMEIRO.

REZOENS EM PROLOGO DO AVTOR deſta obra, ante que fale dos feitos do Meſtre.

GRANDE LIcença deu a afeição a muitos, q̃ tiueraõ cargo de ordenar hiſtorias, mórmente dos Senhores, em cuja merce, e terra viuiaõ, e onde forão nados ſeus antigos auôs, ſendolhe muyto fauoraueis no recontamento de ſeus feitos. E tal fauoreza, como eſta, nace de mũdanal afeição, a qual não he, ſaluo conformidade de algũa couſa ao entendimento do homem. Aſſi que a terra, em que os homens, por longo coſtume, & tempo, forão criados, gèra hũa tal conformidade antre o entendimento, & ella: q̃ auendo de julgar algũa ſua cou

sa assi em louuor, como por cõ trairo, nunca por elles he direitamente recontada, porque louuãdoa, dizem sempre mais daquello, & se doutro modo naõ escreuerem suas perdas tão minguadamente, como acontecerem, outra cousa gera ainda esta conformidade, & natural inclinaçaõ, segundo sentença de alguns, que o pregociro da vida he a fame, recebendo refeição, para o corpo, o sangue, & espiritos gerados de tãtas viandas, tẽ hũa tal semelhança antre os que causa esta conformidade. Alguns outros tiueraõ, q̃ isto decia na semente, no tempo de geraçaõ, a qual dispoem por tal guisa aquello, q̃ della he grado, que lhe fica esta conformidade, tambem acerca da terra, como de seus diuidos, & ao que parece que o sentio Tulio, quando veio a dizer. *Nós não somos nados a nós mesmos, porque hũa parte de nós tem a terra, & a outra os parentes:* & porém o juizo do homem acerca de tal terra, ou pessoas recontando seus feitos, sempre copega. Esta mundanal affeiçaõ fez alguns historiadores, que os feitos de Castella, com os de Portugal, escreuerão, posto que homens de boa authoridade fossem, desuiar da verdadeira estrada, & colher por semideiros escusos, por as mingoas das terras de que eraõ em certos passos claramente não serem vistas, especialmente no grande desuairo, que o muy virtuoso Rey da boa memoria Dom Iohão, cujo regimento, e reynado se segue, ouue com o nobre, & poderoso Rey Dõ Iohão de Castella, poendo parte de seus bons feitos fora do louuor, que merecia, & enadindo em alguns outros da guisa, que não aconteceraõ, atreuendose a pobricar esto em vida de taes, que lhe forão companheiros, bem veedores de todo o contrario. Nós certamente leuando outro modo, posta a departe toda affeição, que por azo das ditas rezoens auer podiamos, nosso desejo foi em esta obra escreuer verdade, sem outra mestura leixando nos bons aque cimentos todo fingido louuor, e mormente mostrar ao pouo, qua esquer contrairas cousas da guisa que auierem. E se o Senhor Deos a nôs outorgasse o que a algũs escreuendo naõ negou, conuem a saber, em suas obras clara certidão da verdade, sem duuida não sómente mentir do que sabemos, mas ainda errãdo falso não queriamos dizer, como assi seja, que outra cousa não he deerrar, saluo cuidar que he verdade aquello q̃ he falso, & nos enganados por ignoran-

norancia de velhas escrituras, & desuairados authores, bem podiamos ditando errar; porém que escreuendo homem do que não he certo, ou contar mais curto do que foi, ou falar à mais largo do que deuemos, mentirá, & este costume he muito afastado de nossa vontade. E com quanto cuidado, & diligencia vimos grandes volumes de liuros, & desuairadas lingoagens, & terras, & isso mesmo publicas escripturas de muitos cartorios, & outros lugares, nas quaes, despois de longas vigilias, & grandes trabalhos, mais certidão auer não podemos do conteudo em esta obra. E sendo achado em algũs liuros o cõtrairo do que em ella falla, cuidai que não sabedormente, mas errando muito serão taes cousas. Se outros por ventura em esta coronica buscão fermosura, & nouidade de palauras, & não acertidão das historias, desprazerlhe ha de nosso rezoado, muito ligeiro a elle de ouuir, & não sem gram trabalho em nos de o ordenar. Mas nós não curando deseu juizo, leixando os cõpostos, & enfeitados rezoamentos, que muito deleixaõ aquelles que ouuem antepoemos a simpres verdade, q̃ afermosentando falsidade. Nem entendaes que certificamos cousa, saluo o de muitos aprouado, & por escripturas vestidas de fè. Doutra guiza ante nos calariamos, que escreuer cousas falsas, que logar nos ficaria para a fermosura, & afeitamento das palauras, pois todo nosso cuidado he isto despezo naõ abasta para ordenar a mà verdade; porem apeguandonos em ella firme os claros feitos dignos de grande relembrança do mui famoso Rey Dom Iohão sendo Mestre; de q̃ guisa matou o Conde Iohão Fernandez; & como o pouo de Lisboa o tomou primeiro por seu Regedor, & defensor, & depois outros algũs do Reyno; & desi em diante como reynou, & em que tempo, breue, & saãmente contados poemos em praça na seguinte obra.

CAP. 2. *Como o Conde ouuera de ser morto por vezes, & nenhũa ouue azo de se acabar.*

FALANDO algũs da morte do Conde Iohão Fernandez, onde se começão os feitos do Mestre allegaõ hum dito, de que nos naõ praz, dizendo que fortuna muitas vezes por longo tẽpo escusa amor a alguns homens por lhe depois

ázar mais deshonrada fim, assi como fez a este Conde Iohão Fernandez, que muitas vezes lhe desuiou a morte, que alguns tiueraõ cuidado de lhe dar, porque depois o leixasse nas maõs do Mestre para o matar mais deshõradamẽte. E nos deste dito naõ somos cõtente; & assi por razaõ do q̃ o matou, como da morte, que por elle, nenhũ dos outros o matar podera, q̃ lhe muito mor deshõra não fora, mas temos que o muito alto Deus, q̃ em sua prouidencia nenhũa cousa falece, q̃ tinha despoſto de o Mestre ser Rey ordenou q̃ onão matasse outrẽ, se não elle; E esto em tẽpo assinado & com certos azos, posto q̃ poderoso fosse de o doutra guisa fazer cà certo he que vzando o Conde por tempo daquella grão maldade, q̃ dissemos dormindo com a molher de seu senhor, de q̃ tantas merces, & acrecentamentos auia recebidos. Não sohou isto assi simpresmẽte nas orelhas dos grãdes senhores, e fidalgos, q̃ lhe naõ gèrasse grande, & assinado desejo de vingãça da deshonra Del Rey D. Fernando; mas o poer esto em obra embargauão muyto duas cousas. A primeira ser o Conde guardado de muitos, & bõs fidalgos, q̃ o sẽpre acompanhauão de dia, & de noite: A segunda q̃ quẽ se a tal feito pozesse, auenturaua a vida, & perdiase de todo, que os mais dos homẽs muyto arrecea-uão de fazer. Outros lhe enadião ainda, q̃ por tal cousa seria El Rey muyto mais infamado, & seu linagem della em mayor deshonra que erão os Condes, & outros Grandes do Reyno, però falando em ello por vezes todos outorgauão de ser em tal feito, mas nenhum não se atreuia de ser o primeiro. E o Conde bem entendia, que de taes pessoas não era bem seguro, não dando porem a entender nada, mas seu grande estado, & guardamentos, que por azo delle auião grãdes desembargos Del Rey, & da Rainha, o fazia segurar. Però foy assi que o Conde Dom Iohão Affonso irmão da Rainha, quando veo de Castella, que foy là prezo na de Saltes, chegou a Lisboa, & achando a fama de sua irmaã muyto peor do que a leixara, com este Conde, que dissemos, houue dello grande queixume, & determinou de o matar, & falou esta cousa com alguns dos milhores, que na Cidade hauia, assi como Affonseanes Nogueira, & outros, que erão todos seus vassallos, & encaminhou por hir ver El Rey a Rio mayor onde

estonce

eſtonce eſtaua, quando veo de Elvas, que ouuera dauer a batalha acompanhado o Cõde de muitos, q̃ ſe com elle foraõ. E como hy foy, ſegũdo algũs contaõ, hũa noite ſe fez preſtes, & aguardou muito eſcuſamente com os ſeus para o matar. E indo o Conde alta noite deſacompanhado, ſaluo cõhũa tocha, trigaraõſe os outros mais do que diueraõ, como uiraõ o ar da candea, & elle que os ſentia, & em ſabendo quem era, recceouſe muito, & tornou atraz, & guardando aquella hora paſſou, aſſi que ſenão fez por entam mais. Outros eſcreuem por outra maneira dizendo, que a Rainha como era molher auiſada, já por onde quer que foy, ante que ſeu irmão chegaſſe, ſoube a tençaõ, q̃ contra o Conde leuaua, & quãdo pedirão pouſadas pera elle mãdou ellacorreger hũa camara nos Paços, onde pouſaua, dizendo que queria que pouzaſſe com ella, & recebeoo muy bem, & fezlhe graõ gazalhado, & preſumiaõ que lhe dera a Rainha algũa grãde dadiua, & q̃ o deſanojara, & o deſuiara de em eſto poer maõ, porque o Conde nunqua ſe dello mais trabalhou, & que aſſi eſcapara o Conde Iohaõ Fernandez daquella vez.

CAP. 3. *Como algũs ordenaram de o Conde ſer morto, & por que azo ſe nam fez.*

PASSOV aquella hora, que ſe não fez mais, & partio ElRey daly, & veoſe pera Santarem, & em eſto morreo a ElRey de Caſtella aRainha DonaLeanor ſua molher, & foy là enuiado por Embaixador oCõde Iohaõ Fernãdez como ouuiſtes, & naõ ceſſãdo a deſhoneſta fama da Rainha cõ elle, falauaſe eſto largamente antre algũs ſenhores do Reyno, & eſpecialmente antre aquelles, q̃ por priuança, & acrecentamẽto dehonroſo eſtado eraõ chegados com ElRey, pezandolhe muito da deſhonra, que a ſeu ſenhor era feita por tal modo, & antre aquelles, a que deſto muito pezaua, era eſte Conde D. Iohaõ Affonſo irmão da Rainha, q̃ diſſemos, ſendo graõ priuado DelRey, & muyto de ſeu conſelho, a que ElRey moſtraua graõ boa võtade, a Rainha por contrario poſtoq̃ ſua irmaã foſſe, naõ era tanto em ſua priuança, & amor, ſentindo ella que elle não auia bom deſejo ao Conde Iohaõ Fernandez por a fama, que ambos auiam. Eſte Cõde deBarcellos ſeu irmão doẽdoſe muito da deſhõraDelRey, e

vendo como sua irmaã em quanto o Cõde Iohaõ Fernandez fosse viuo, não auia de cessar do fazimento, que cõ ella auia, cuidou de ordenar outra vez, como fosse morto, & falou esto com o Mestre Dauis, & com Dom Pedralueres Priol do Esprital, & cõ Gõçalo Vasques de Azeuedo; & acordaraõ todos que era bem de fazer hum homem de pequena cõta para qualquer cousa, q̃ se dello seguisse, porque melhor era perderse hũ homem ligeiro, que hũ de grande honra, & mayor estado, & falaraõ primeiro com Fernandaluarez de Queiròs criado Del Rey, & para muito, homem, a que acompanhauão decote quatro de bèsta, & elle se escusou por muitas rezoẽs dizendo, que por nenhũa guisa faria cousa, em que fizesse desprazer á Raynha, mormente tal como esta, de que era certo que ella aueria assinado no jo. Então o vieraõ falar com Rodriguoeanes de Barcos escudeiro de semelhante conta de Fernandaluerez, oqual acompanhaua cõtinuadamente Gonçalo Vasquez de Azeuedo, & era todo seu. A este aprougue de tomar este encarrego, & acordaraõ como o Conde Iohão Fernandez viesse da embaixada de Castella, & entrasse em Portugal, que lhe sahisse Rodrigoeanes ao caminho com cinco, ou seis de caualo, & o mataſſe, & se pozesse em saluo atá que lhe depois elles houuessem remedio. Este acordo hauido, souberaõ como o Cõde Iohaõ Fernãdez era partido de Castella & vinha já por Portugal, & Rodrigoeanes se partio logo, & foi pera Alcobaça caminho de Leiria, por onde dizião q̃ o Cõde Iohaõ Fernãdez vinha, & elle trouue o caminho do Esprital, & assi o errou daquella vez, & escapou da morte.

CAP. 4. *Como ElRey mandaua matar o Conde Iohaõ Fernandez, & porque se leixou de fazer.*

NA M parece cousa indigna se algum que ler, ou ouuir esta istori a fizer pergũta, pois que tanto tempo hauia que era fama largamente pobricada antre a Raynha, & o Conde Iohaõ Fernandez, se tinha ElRey dello algũa sospeita, ou sabia de tal fama parte? ás quaes se responde desta guisa. Certo he que antre as condiçoẽs, que do amor escreuem os que delle compridamente falaram, & foram criados em sua Corte, assi he, que por muito que encobrir

cobrir queiraõ o que ama; não se pode tanto ter, porque alguns sinaes, & falas, & outros demõstradores geitos, não de a entender a quelle ardente desejo, q̃ em sua vontade continuadamente mora, & quando os homẽs vem de tacostumadas affeiçoẽs, & priuãças, onde não ha tal deuido, q̃ má fama embargar possa, ligeiramẽte vem a presunçaõ do erro, em que taes pessoas podem cair. E por tanto ElRey Dom Fernando vendo os muitos modos; per que a Raynha mostraua desorde nada affeiçaõ, & bemquerença ao Conde Iohão Fernandez, & grande acrecentamento, que lhe procuraua por qualquer guisa que podia, bem certificou em seu pensamento ser verdade o q̃ as gentes presumião, postoque da pubrica voz, & fama, que a Raynha hauia com o Conde, elle nenhũa parte soubesse, naõ era algum ouzado de lhe tal cousa dizer, postoque se de sua deshonra com bom desejodoese receando pena por galardam, & mortal odio por amizade, como jaà a algũs aconteceo por taes nouas recontarem, mormente aos Reys, & grandes Senhores. Assi que ElRey Dom Fernãdo bẽ entendia o que era, mas nenhũa cousa daua a entender, receando nouamente descobrir cõ duuida aquello, que a pubrica voz, & fama muito tẽpo hauia que affirmaua, & quãdo a Raynha leuou sua filha a Eluas por lhe fazer vodas cõ ElRey de Castella, & se ElRey D. Fernando mandou trazer de Saluaterra para Almada, cuidou de o matar por esta guisa. Mandou ao seu escriuão da Puridade q̃ fizesse hũa carta pera o Mestre Dauiz seu irmão, em q̃ lhe mandaua, & encomendaua, q̃ vista aquella carta, tiuesse geito de matar o Conde Iohão Fernandez, não dizendo porem a rezão porq̃ & por ella mandaua a Gonçalo Mendez de Vascogoncellos Alcayde mòr de Coimbra, q̃ ordenasse de guisa, q̃ o Mestre seu irmão fosse recebido na Cidade, & lhe entregasse afortalezadocastello, & q̃ lhe quitaua amenagẽ hũa & duas, & tres vezes. O escriuaõ fez a carta; & entẽdeo bẽ porq̃ era, & dizẽ algũs, q̃ foy Iohaõ Fernandez. E como foy feita tornou a ElRey, & disse. *Senhor, vos me mandais fazer esta carta*; resumindolhe q̃ janda era: *porem, senhor*, disse elle, *Se vôs esta cousa bem esguardar quizerdes, vossa merce po de entender que por nenhuma guisa à deueis de mandar, pelo grandano, que se dello seguir pode. Vos, Senhor, bem vedes como o Mestre*

ſtre voſſo irmaõ he bem quiſto de todolos do Reyno, & ſe elle tiueſſe Coimbra, falecẽdo vos, o que Deos não mande, juntarſehiaõ a elle todalas gentes, & ficaria por Rey de ſta terra, & voſſa filha aſſi deſherdada de guiſa, que ella, nem filho que de ſeu marido ouueſſe, ſeria graõ marauilha de nunca em elle mais poder cobrar. E porem me parece ſe voſſa merce for, que tal mãdado deueis eſcuſar por hora. E ſe do Conde Iohaõ Fernandez, aueis tal queixume, porque vos eſta tenha merecido, bem terèis depois tẽpo pera o mandar matar, cada vez, que quizerdes por outra maneira, & naõ deſta guiſa. E ElRey cuidou neſte feito, & pareceolhe as rezoẽs boas, & rompeo a carta, & naõ foi enuiada, & aſſi eſcapou o Conde Iohaõ Fernandez de naõ ſer morto. E deſpois deſto ſendo ElRey Dom Fernando doente, & muito aficado daquella dor, que morreo, ao ſeraõ na noite, que ſe finou, eſtaua hi o Conde Iohaõ Fernandez com aquelles, que eraõ preſentes, & quando vio que não auia em elle outro remedio, ſenaõ morte, receandoſe muyto do que feito tinha lhe ſer acoimado por algum áquella hora, ouue taõ graõ temor, que aquelle medo lhe foi aſſi como degredo, que o fez logo ſahir da Camara, por ſe hir à preſſa para ſeu Condado, & em ſaindo pella porta hum eſcudeiro do Cõ de Iohaõ Affonſo chamado por nome Pedro anes Lobato, ſabendo como o elle quizera matar em Riomayor, como diſſemos, diſſe ao Conde, ſe queria que o mataſſe eſtonce, pois auia tempo azado para o fazer a ſeu ſaluo? & o Conde de Barcellos, ainda que o deſejaſſe muito de ver morto, defendeolho, que o não fizeſſe, & aſſi eſcapou o Conde Iohaõ Fernandez aquelle ſeraõ, porque parece que naõ viera a hora.

CAP. 5. *Como o Conde Iohaõ Fernandez ouuera de ſer morto, & porque azo ſe deſuiou ſua morte.*

OVVERA ainda o Conde de ſer morto por outra vez, & vede de que guiſa ſe ázaua de ſer. Aſſi he que eſcreuendo a Raynha, atodolos do Reyno, que vieſſem ao ſahimento do mes, que ſe auia de fazer por ElRey Dom Fernando mandou ſeu recado a Nuno Aluerez, que eſtaua antre Douro, & Minho com ſua molher, que vieſſe àquelle ſahimento. Nuno Alueres muy anojado pola morte DelRey

DelRey, sem poer mais tardança se fez logo prestes com trinta escudeiros bem corregidos de suas armas, & certos homẽs de pè cõ elles, & nenhum outro veo ao trintayro corregido com gentes senaõ elle, & assi chegou a Lisboa onde o sahimento auia de ser, & feitas suas exequias, & acabado tudo, foi hum dia Nuno Aluerez ver o Priol Dom Pedr aluerez seu irmaõ, & depois que elle fallou, & espaçou hum pouco cõ algũs fidalgos, que hi estauaõ, apartouse pello Paço só a cuidar que hauia de ser do Reyno, & q assi ficaua deserto, & quem o auia de defender de algũs, se contra elle quizessem vir, mormente que se dizia, que ElRey de Castella prendera o Iffante Dom Iohaõ, & o Conde Dom Affonso seu irmaõ, como soubera, que ElRey Dom Fernando era morto, & q juntaua gentes para entrar pode rosamente no Reyno. E cuidando esto, certificou em seu pensamento, que naõ auia outro, que mais razaõ tiuesse de se por em defensa do Reyno, que o Mestre Dauiz filho DelRey Dom Pedro, oqual elle sabia, que era boõ caualleiro, de que auia graõ conhecimento tempo auia. E logo veo a cuidar, que o começo de tal obra hauia de ser o Conde Iohaõ Fernãdez Dandeiro ser morto, no qual a Rainha auia grande esperança. E andando assi sô em esto cuidando, olhou pello Paço, & vio Ruy Pereira seu tio, que hi estaua, & chegouse a elle, & contoulhe tudo o que auia pẽsado em rezão da defensa do Reyno, & quem deuia delle de tomar cargo, & sobre a morte de Iohaõ Fernandez, declarandolhe certamente que em esto seria elle de boa vontade, querendo o Mestre em ello poer mão. Ruy Pereira, que já esto trazia em grande cuidado, foy muito ledo do que lhe Nuno Aluarez dezia; & tanto lhe prouue, que naõ se pode mais ter, & foyse logo ao Mestre fazerlhe recontamento de todo. O Mestre sendo ledo mandou logo chamar Nuno Aluarez agardecendolhe muyto o que com Ruy Pereira falára; perô disse o Mestre contra Ruy Pereira. *Ami parece que não ouço agora murmurar as gentes tanto dos feitos da Rainha, nem falar em esto como sohião.* O *senhor*, disse Ruy Pereira, *vos não sabeis como isto he, quando eu andaua para casar com minha molher, todos falauão como eu queria casar cõ Violante Lopez, & depois que fomos casados, nunca ninguem mais falou em noſso casamento, E estes Senhores*

nhores assi agora taes saõ, & vsarão tanto de suas maldades, & por isso naõ falam jà em elles como da primeira. O Mestre começou de rir desto,& encomendou a Nuno Aluarez,que logo trabalhasse dauer da sua parte mais gentes,que podesse,para em outro dia ser morto o Conde Iohaõ Fernandez,daqual cousa Nuno Aluarez muyto aprouue, & logo se partio do Mestre para sua pousada,pera se auiar, & concertar do que pera tal feito compria. E corregendose para ello com grã de aguça, mandoulhe o Mestre dizer,que cessasse do que lhe dissera,porque senão podia por então fazer.Nuno Aluarez foy desto muy anojado por se poer mor espaço em tal ira,& tornou se ao Mestre falandolhe sobre esto muitas,& boas rezoes pello reduzir a se fazer logo, & vendo que não podia,espediose delle,& foyse pera o Priol seu irmão,que jaa era partido caminho de Santarem,& encalcou em Pontevel,onde esteue mui poucos dias E desta guisa se desuiou a morte do Conde Iohão Fernandez desta vez,& das outras, porque como jaà dissemos, parece que ainda naõ viera sua hora.

CAP. 6. *Como se âzou à morte do Conde Iohão Fernandez: & quem falou em ello primeiro.*

SOHEM às vezes os altos feytos auer começo por taes pessoas, cujo azo nenhum comum pouo podia cuidar, que por elles viesse,onde assi aueo:que em Lisboa auia hum Cidadaõ chamado por nome Aluoro Paez homẽ honrado,& de boa fazenda, & foy Chançarel mòr DelRey D. Pedro,& depois DelRey D. Fernando.Este viuendo em casaDel Rey,& sendo muito doente de gota,veyo pedir aElRey por merce fosse,& o aposentasse em Lisboa,onde tinha suas casas, & assentamento.Sua dor porem naõ era tamanha,quanto foy o gram nojo,q̃ por azo da deshonra Del Rey,segundo a má fama,q̃ a Raynha auia,se géraua ẽ seucoração, & foy assi q̃ ElRey aposentouho honradamente em Lisboa, & a seu requerimento mandou aos Vreadores daCidade,que nenhũa cousa fizessem sem acordo delle Pella qual rezão algumas vezes hião a sua casa ter cõselho sobre o que hauião de fazer, quando elle por azo de sua infirmidade na

na Camara, onde fazião seu concelho, naõ podia ser presente. Natureza, que força os homẽs vzar das condiçoẽs, que com elles naceraõ, constrangeo tanto este Aluoro Paez, de guisa, que não perdendo rancor, & odio da deshõra, que a ElRey seu senhor fora feita, nenhũa cousa entaõ mais desejaua, que ver o Conde Iohaõ Fernandez morto, pois que onão fora em vida DelRey Dom Fernando. E parecendolhe tempo azado pera arrezoar em esto, falou secretamente com o Conde de Barcellos Dom Iohão Affonso irmão da Raynha, que sabia bem que queria mal ao Conde Iohaõ Fernandez por esta rezão, & disse. *Senhor, vos sabeis bem como eu são criado DelRey Dom Fernando, cuja alma Deos aja, & a honra, & acrecentamento, que em mim fez, pella qual causa eu, & todos quaesquer seus criados se deuiam doer muito de sua deshonra, & vingala por onde quer que poder ser, posloque elle morto seja, mormente aquelles q̃ tẽ tal honra, & estado, que ligeiramente o podem fazer. Ora, senhor, vos sabeis bem, quanto ha que as gentes falão da màfama, q̃ a Raynha vossa irmaã ha com o Conde Iohaõ Fernandez, & isto naõ sómente em vida DelRey, mas ainda agora sua màfama naõ ceßa, nem ceßarâ em quanto este homem for viuo, & sendo morto, ceßarà por tempo, & esqueceram as cousas. Pellaqual rezaõ todolos homẽs boõs se deuiam doer de tal cousa, mormente vos, q̃ sois seu irmaõ: a hũa pellas grandes merces, & grandes acrecentamentos que ElRey em vos fez. A outra por ser vossa irmaam, & deshonrando assi deshonra a vos, & toda sua linagem. Eposloque eu sabia que vos isso entendeis, & que jaà em ello quizereis por maõ, cuidey porem de volo dizer, que vos podeis a ello tornar, como vossa merce for, mas de mim vos digo, q̃ sendo eu quem vos sois, & podendoo fazer como vos, que muito ha que eu nam leixára passar tal cousa, poendome â ventura, que me Deos dar quizera.* O Conde disse que bem sabia todo, que lhe agardecia sua boa vontade, & que jaà tempo fora, que houuera talente deo poer em obra, mas que por entonce naõ auia geito ázado de o poder fazer. E falando em esto muyto, disse o Cõde a Aluoro Paez. *Sabeis com quem me parece que he bem que faleis esta cousa, falayo com Dom Ioham Mestre Dauiz, que ha tamanha rezam de se doer da deshonra DelRey como eu, & nam vejo aqui homem mais ázado para fazer isto, & pera tra-*

ra trauar em qualquer ardideza que lhe à mão vier, como elle. Muito me praz (disse Aluoro Paez) *de o cõ elle tratar, e cõ qualquer outro, que eu entendese que o poria em obra: mas quando o vos fazer não quereis, que tantos azos tendes mais que outro nenhum, douido muyto de o elle, nem outro querer fazer. Eu direy ao Mestre*, disse o Cõde, *como lhe vos quereis falar hũa cousa de sua honra, & que por quãto vos sois embargado de dor, & não podereis alâ ir, que quando cualgar por a Villa, que venha por aqui, & vos fale, & bem creo delle que o queira fazer.* Ficaraõ neste acordo, & espediose o Conde & quedou Aluoro Paez com nouo cuidado para falar ao Mestre.

CAP. 7. *Como Aluoro Paez falou com o Mestre sobre a morte do Conde Iohaõ Fernandez, & do acordo, em que ambos ficaraõ.*

TALOV o Conde ao Mestre Dauiz dizendo como Aluoro Paez auia de falar com elle algũas cousas de sua honra, & seruiço, & que o fosse ver quando caualgasse pella Villa, por quanto por azo de sua doença naõ podia ir onde elle pousaua. O Mestre, por saber que era, não tardou muyto em ir alaà, & foilhe falar a sua pousada, sendo ambos em lugar apartado, começou Aluoro Paez de arrezoar todo o que dissera ao Conde de Barcellos, & a reposta de escuza, que em elle achara, & que depois viera a cuidar que nenhum outro auia no Reyno, que mais rezoẽs tiuesse pera o fazer que elle. *Primeiramente* disse Aluoro Paez, *por vos serdes irmaõ DelRey que sua deshonra mais deue doer, que outro nenhum. A segunda porque fostes por azo delle, & da Rainha, posto em tal perigo & prezo, como todos sabem. E que por al não fosse, senaõ por segurar vossa vida, que nunqua ha de ser segura, em quanto o Conde Ioham Fernandez for viuo, por isso somente o deueis fazer, ca pois ElRey agora he morto, vzaraõ mais de sua maldade, & receandose de vos, q̃ bem sabem, que disto deueis ter mor sentido, que outra pessoa, sempre vos buscaram azo, & caminho por onde vossa vida seja cedo finda. E pois que a vingança deste feito a nenhum mais pertence que a vos, fazendo da guisa, que vos eu digo, mostrareis em ello grande façanha, & muito dalembrar aos q̃ depois vierem, em tanto que nenhũa cousa de louuor ante os homẽs*

mẽs serâ agora achada, que foße igual, nem parelha desta. O Meſtre ouuindo ſuas boas, & muytas rezoẽs, com grande vontade, que dello auia, bem outorgaua de o fazer, mas eraõlhe preſentes taes, & tão grandes duuidas, q̃ todos os caminhos pera o poer em obra, eraõ a elle eſcuſos com grandes empachos, eſpecialmente dizendo o Meſtre, que quem ſe a tal feito houueſſe dauenturar, mormente dentro na Cidade, cõpria ter algũa ajuda de pouo, por azo docajão, que ſe crecer podia. Aluoro Paez co deſejo, que auia moſtraua ao Meſtre ſerem todalas razoẽs tão ligeiras pera o acabar, como ſe foſſe hum pequeno feito: Equanto à ajuda do pouo, ẽ que o Meſtre falou muito, reſpõdeo elle, & diſſe, que ſe o elle fazer quizeſſe, que elle lhe offereceria a Cidade, & ſua ajuda entendendo de o fazer aſſi. O Meſtre cobiçoſo donra por ſua ardente natureza, & grande coraçaõ, mouido por os ditos delle determinou de o poer em obra. O homem bom quando lhe ouuio dizer, que todauia queria poer mão em tal feito, foy taõ ledo, que mais ſer não pode, & aſſi como chorando com prazer, ſe afaſtou delle hum pouco olhando, & diſſe. *E he iſto verdade, filho, ſenhor, que vos tam boa couſa quereis fazer? Certam̃ te*, diſſe o Meſtre, *Sy, & não leis aria de a acabar por couſa, q̃ avir podeße.* Então ſe chegou a elle Aluoro Paez, & beijouho no roſto dizendo. *Ora vejo eu, filho, ſenhor, a differença, que ha dos filhos dos Reys aos outros homens.* Começaraõ eſtonce a falar muito como ſe poderia fazer, & milhor azar ſua morte, & porq̃ guiſas, depois de grande eſpaço, que em eſto ouueraõ falando eſpedioſe o Meſtre, & foyſe para ſua pouſada.

CAP. 8. *Como o Conde Iohaõ Fernandez veo ao ſaymento Del-Rey, & o Meſtre foy ordenado por Fronteiro em Riba d'Odiana.*

POR quanto diſſemos do Conde Iohaõ Fernandez, que na noite, q̃ ſe ElRey finou, partio muy trigoſo para ſeu Condado receandoſe âquella hora de receber dano por oque feito tinha. Bem podem algũs dizer neſte ponto, como foy depois ouzado vir ao ſaymento, onde foraõ jũtos muitos mais Senhores, & fidalgos, dos que eraõ preſentes, quando ElRey morreo, pois ſe dalgũs tanto receaua

receaua,cá muy poucos eraõ em Lisboa a aquella ſezão,que ſe elle finou,porque comovieraõ das vodas com a Rainha, cada hum ſe foraõ pera ſuas terras,& Alcaydarias, aſſi como Gonçalo Vaſques de Azeuedo para Santarem donde era Alcayde,& tinha ſeus bẽs,& aſſi outros muitos. Aonde ſabey que aſſi aconteceo que elle receandoſe,&com temor veo, & quando a Rainha eſcreueo a todolos fidalgos, que vieſſem ao ſaymento, & chegou a carta ao Conde Iohão Fernandez,ſua molher lhe contradiſſe muito talvinda,pedindolhe por merce que ſe eſcuzaſſe cá o entendia por ſeu proueito,& elle não curando de ſeu conſelho, partio pera Lisboa & chegou a Santarem,& foi pouſar com Gonçalo Vaſques de Azeuedo muito ſeu amigo, ſegundo moſtrança de fora,oqual o recebeo mui bem, & começou de o prazmar, porque trazia preto, & naõ burel,como os outros, & ſezlho então veſtir. O Conde lhe perguntou ſe hauia de ir ao ſaymento, & elle reſpondeo q̃ não dando ſuas coloradas eſcuſas; mas a verdadeira,que elle ſoſpeitaua o que depois aconteceo, & naõ ſe queria ver em tal aluoroço,por naõ ſaber o que ſe auia de ſeguir, porem conſelhoulhe que não foſſe lá.O Conde p̃ô ſe tão receaſſe dalgũas peſſoas,de nenhum ſe tanto temia em ſua võtade,como do Meſtre Dauiz irmão DelRey,mas eſte receo delle,& dos outros, não era porem priuança de fala,mas de leda cõuerſaçaõ, & moſtrança de bem querença,& ſe algũa couſa ſe receaua em vida DelRey Dom Fernando,& muito mais quando elle morreo,agora hia já cobrando mais ſegura vontade entendendo que cada hum de tal feito perderia ſentido por os muytos cuydados,que ſe a todos recreciam cobrando mundo nouo. E com eſta fouteza partio eſſonce de Sãtarem ſem crendo nenhum contrairo,que lhe auir podeſſe, deshi a fortuna lho fazia mais largo entender, que tinha ordenado de o cedo offerecer á morte, & chegou a Lisboa, aonde já achou muitos,que vinhaõ ao ſaymento. E bem recebido de todos foy em graõ priuança agazalhado da Rainha, deſembargando com elle todolos deſembargos do Reyno.E como o ſaymẽto foy feito, entrou logo a Rainha em conſelho com eſſes Senhores por falar nos trautos,que antre os Reys hauião, os quaes dizião,que ElRey deCaſtella queria quebrar,&,juntaua gentes para

ra

a entrar no Reyno. E foy acorlado por a Rainha,& por todos,que hi eraõ, que o Reyno ſe lefendeſſe,querẽdo elRey deCaſtella vir a elle,& nãolhe obedeceſſem em outra couſa,ſaluo naquellas,que nos trautos era conteudo,& que pois todos ali eraõ juntos, que ordenaſſem logo as frontarias,& quaes eſtiueſſem em ellas,& cada hũm com quantas lanças,& foy aſſi defeito, que foraõ logo partidas as Comarcas, & ordenado ao Meſtre as terras do Meſtrado,& certas Villas, & Caſtellos darredor,dandolhe logo em eſcrito todolos que com elle hauiaõ de guardar, & o deſẽbargo do ſoldo,pera elles.

CAP. 9. *Como foy ordenada a morte do Conde Iohaõ Fernandez,& como o Meſtre partio de Lisboa,ſem leuando entenção de o matar.*

BVSCADAS rezoens dos que liuros fizeraõ deſta eſtorea, por teſtemunho daquelles, que preſentes foraõ,ſegundo todos pela mayor parte dizem,o Meſtre, como teue acordado com Aluoro Paez de matar o Conde Iohaõ Fernandez,logo falou eſte ſegredo com o Conde de Barcellos Dom Iohaõ Affonſo,& com Ruy Pereira,& outros,os quais lhe certificaraõ que ſeriaõ preſentes com elle,quando em ello pozeſſe, & quizeſſe poer mão. E em quanto a Rainha ordenaua ſuas couſas ſobre regimento, & percebimento do Reyno, em que o Meſtre porem ſempre eſtaua,& hia elle muitas vezes a caſa de Aluoro Paez algũas horas com o Conde,& outras a departe falar com elle ſobre a morte do Conde Iohaõ Fernandez,& eſpecialmente como ſe poderia auer ajuda do pouo por ſua parte. Aluoro Paez muito talentoſo de ver tal feito acabado, todauia lhe certificaua que ſy,& naõ que elle deſcobriſſe a nenhum tal ſegredo, mas entendia,como era certo,que a naõ boa vontade, q̃ as gentes tinhaõ á Rainha,& ao Conde, o faria todos de mouercontra elles como viſſem lugar,& tempo azado, & acordaraõ que pera ſe todo melhor fazer,que tanto que o Meſtre chegaſſe aos paços,& começaſſe em eſto de poer mão, que logo Gomes Freyre ſeu page,enſima do cauallo,em que andaua começaſſe de vir rijo pera a Villa bradando ataà caſa de Aluoro Paez dizendo a altas vozes: *que acorreſſem ao Meſtre Dauiz, que o mata-*

o matauão, & que então se sairia elle com os seus, em maneira de acorro, chamando quantos achasse pelas ruas, os quaes se iriaõ cõ elle de boamente, como ouuesse tal appellido, & que desta guisa juntaria toda a Cidade em sua ajuda. Falando desta maneira, & acertando de se fazer assi foy o Mestre desembargado de todo, & dadas cartas quejandas cõpriaõ, & elle espedido da Rainha pera partir. Ora aqui desuairaõ alguns Autores sobre a partida do Mestre, & dizem assi. Huns contaõ q̃ elle fingio que se partio aquelle dia, como defeito partio por o Conde Iohaõ Fernandez segurar mais delle, se algum receo tinha co Mestre tornar em outro dia, & o achar mais despercebido, & naõ tam acompanhado, & que Aluoro Paez se auizasse em tanto de sua parte. Outros affirmaõ sua partida por outro modo, & deste nos praz mais, dizendo, que não embargando que o Mestre ficasse com Aluoro Paez de poer em tal feito mão daguisa, que ouuistes, que elle se receou muyto depois de o fazer por estas seguintes rezoẽs. A primeira, porq̃ taes hi ouue, com que elle falou, que se escuzaraõ dello, quando o ouue de poer em obra, temendose da Rainha, que tinha ElRey de Castella por sua pàrte, que lhe podia depois azar sua deshonra, & morte; saluo se foy Ruy Pereira, & algũs seus do Mestre, a que elle isso descobria, deshi douidando muito o Mestre da ajuda do pouo senão seguir, como dezia Aluoro Paez, ou a tempo, que não prestasse, era posto em grande pẽsamento, Porem principal sobre todas era o graõ aguardamento de muitos, & boõs fidalgos, que sempre acompanhauão com o Conde Iohão Fernandez, tal como Martim Gonçaluez de Ataide, & Iohaõ Affonso Pimentel, & Pedro Rodriguez da Fonseca, & Fernam Affonso de Miranda, & outros, & bem trinta escudeiros seus de cote. Assi que cuidadas bẽ taes rezoẽs, não embargando seu ardido coraçaõ, & boa vontade foylhe muy douidoso de o começar, & partio da Cidade depois de comer, & foy partir a Sancto Antonio Aldea, que saõ dahi a tres legoas, sem leuando jaá nenhũa tenção de matar o Conde, & elle ahi tornou a cuidar como esta couza sora falada com tantos, q̃ por ventura estonce, ou depois alguns por cobrar graça da Rainha & isso mesmo do Conde Iohaõ Fernandez, o podião dizer a cada hum delles, daqual couza descuberta se seguia a elle, & aos seus

graõ

graõ cajão, & perda, & por essa guisa a todolos que foraõ em tal conselho, & cuidando bem isso começou de crecer em elle hum esforçado desejo, com firme preposito de em outro dia matar o Conde poendose a qualquer auẽtura, que aquècer podesse, & por tirar sospeita de sua tornada, chamou logo Fernam Daluarez de Almeida hum Caualeiro da ordem, & Veador de sua casa, & disse. *Tornainos logo dormir a Lisboa, & fazeime de manham prestes de jantar, & dizey á Rainha que eu entendo ldi de tornar, porque me parece que não vou bem desembargado, como compre.* E elle partio logo, & chegou alto seraõ á Cidade, porem ainda falou à Rainha, & ao Conde o porque vinha, & como outro dia o Meſtre auia de tornar, porque lhe parecia que não hia desembargado, como compria. A Rainha, & o Conde responderaõ: que tornasse muito embora, que elle aueria desembargo, como chegasse.

CAP. 10. *Como o Meſtrè tornou a Lisboa, & de que guisa matou ao Conde Iohaõ Fernãdez.*

EM o outro dia pella manham partio o Meſtre daquella, Aldea hu dormira, & começou dandar seu caminho sem trigança algũa desa costumada. E no caminho dizem que descobrio o Meſtre Dauiz esta cousa a alguns dos seus. s. ao Commendador de Iurumenha, & Fernaõ Daluarez, & a Lourenço Martins de Leirea, & a Vasco Lourenço Meyrinho, & a Lopo Vasquez, que depois foy Commendador mór, & a Ruy Pereira, que o foy receber, & disse a hum delles: *Hiuos diante quanto poderdes, & dizei a Alcoro Paèz, que se faça prestes, ca eu vou pera fazer aquello, que elle sabe.* E o escudeiro andou á presa, & deulhe o recado, & tornouse pera o Meſtre onde vinha, & elle trazia hũa cota vestida, & ataa vinte consigo com cotas, & braçaes, & espadas cintas, como homens caminheiros, & chegou ao Paço a hora de terça, ou pouco mais, sem deter porẽ em outra parte. E quãdo desceu caualgou, & começaram de sobir

bir assima ; disseram huns aos outros muy manso. *Sede todos prestes , ca o Mestre quer matar ao Conde Ioham Fernandez.* A Rainha estaua em sua Camara, & Donas algumas assentadas no estrado, & o Conde de Barcellos seu irmam , & o Conde Dom Aluoro Perez Fernam Affonso de Camora, & Vasco Perez , outros estauam em hum banco , & o Conde Ioham Fernandez , que dante estaua á cabeceira delles, estaua estonce de giolhos ante ella , & começaua de lhe falar passamente , & em lhe sendo assi falando , bateram à porta, & o Porteiro , como entrou o Mestre , quiz cerrar a porta por não entrarem nenhum dos seus , & disse que o perguntaria á Raynha , não por delles auer nenhuma sospeita , mas porque a Rainha estaua com dó & em semelhante tempo a este, por respeito deuido a sua pessoa & Real estado , não era costume de nenhum entrar , saluo esses senhores , sem lhe primeiro fazer saber. E o Mestre respondeo ao Porteiro. *Quê has tu assi de dizer?* & em esto entrou de guisa que entraram todolos seus com elle , & elle moueo passamente contra onde estaua a Rainha , & ella se leuantou , & todolos outros , que eram presentes. E depois que o Mestre fez reuerencia à Rainha , & mesura a todos , & elles a elle recebimento, com toda a cortezia, que pera com taes pessoas, & em taes tempos se costumaua de ordinario no Paço, disse a Rainha, *que se assentasse*, & falou ao Mestre dizendo. *E pois, irmão, que he isso? a que tornastes de vosso caminho?* *Torney, Senhora*, disse elle, *porque me pareceo que não hia desembargado, como compria. Vos me ordenastes que tiuesse cargo da Comarca dantre Tejo, & Odiana, se por ventura El Rey de Castella quizesse vir ao Reyno, & quebrantar os trautos dantre nos, & elle, & porque aquella fronteria he grossa ; & de grandes Senhores, assi como do Mestre de Alcantara, & doutros senhores fidalgos, & aquelles , q̃ vos assinastes pera aguardarem commigo, me parecem poucos, por ende torney pera me dardes mais vassallos pera vos eu bem poder seruir, segundo compre a minha honra, & a vosso seruiço* A Rainha disse q̃ era muy bem, & mãdou logo chamar Iohão Gõçalues seu escriuão da Puridade, que visse o liuro dos vassallos, & daquella Comarca, e que lhe desse fè quãtos, & quaes o Mestre quizesse, & que fosse logo de

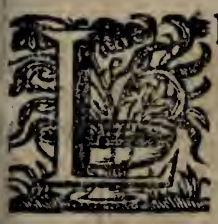
deſembargado de todo: Ioham Gonçalues foy logo chamado depreſſa, & foyſe aſſentar com ſeus Eſcriuaens a prouer o liuro pera deſembargar o Meſtre, & em eſto começaram de o conuidar os Condes cada hum por ſy, & iſſo meſmo o Conde Iohaõ Fernandez ſe afficaua mais que comeſe com elle, que os outros. O Meſtre não quiz tomar o conuite de nenhum eſcuzandoſe, por ſuas palauras dizendo: que jaá tinha preſtes de comer, que mandará fazer ao ſeu Veador. Porem dizem que diſſe muy eſcuſamente ao Conde de Barcellos, q̃ o não ſentio nenhum. *Conde, hiuos daqui, que logo quero matar o Conde Iohaõ Fernandez.* E reſpondeo que ſe não hiria, mas que eſtaria ally com elle pera o ajudar. *Naõ ſejaes*, diſſe o Meſtre, *mas rogouos todauia que vos vades daqui, & me aguardeis pera o jentar, ca eu Deus querendo, tanto que eſto for feito, logo irey comer conuoſco.* A ventura pera melhor ázar a morte do Conde Iohaõ Fernandez começou de lhe fazer arrecear a vinda do Meſtre por tal guiſa, que lhe poz em vontade que mandaſſe todolos ſeus que ſe foſſem armar, & ſe vieſſem pera elle. E de qualquer geito que foy, partiraõſe os ſeus todos do Paço, aſſi fidalgos, que o acompanhauão, como os outros, & foraõſe armar pera ſe virem pera elle. Eſta foy a rezão, porque elle ficou ſó de todos elles, & nenhum eſtaua ahi quando elle morreo. A Rainha eſſo meſmo por femença nos do Meſtre vendoos aſſi todos armados, não lhe aprouue em ſeu coração, & diſſe falando contra todos. *Sancta Maria val! como os Ingrezes haõ muy bom coſtume, que quando ſam no tempo da paz, não trazem armas, nem curaõ dandar armados, mas boas roupas aluas nas mãos como donzellas, & quando ſam na guerra entam coſtumam as armas, & vzam dellas, como todo o mundo ſabe.* Senhora, diſſe o Meſtre, *he muy grão verdade, porem eſſo fazem elles, porque ham muy a miude guerras, & poucas vezes paz, & podemno muy bem fazer, mas a nos he pello contrairo, ca auemos pello miudo paz, & poucas vezes guerra, & ſe no tempo da paz, não vzamos das armas, quando vieſſe a guerra, naõ as poderiamos ſoportar.* E falãdo eſto, & em outras couſas, chegaraõſe

raõse as horas de comer, espedioſe o Conde de Barcellos, & deshi os outros, ca aos mais delles daua a vontade aquello que se depois fez. Ficando assi o Conde Iohaõ Fernandez agastauaselhe o coraçaõ, & tornou a dizer ao Meſtre. *Vos, senhor, todauia de comer heis commigo. Não comerey*, disse o Meſtre, *ca tenho feyto de comer. Sy comereis*, disse elle, *& em quanto vos falais, irey eu mandar fazer prestes. Não vades*, disse o Meſtre, *Eu vos hey de falar hũa cousa, ante que me vá, & logo me quero ir, ca he jâ horas de comer.* Estonce se espedio da Rainha, & tomou o Conde pella mão, & sahiram ambos da Camara a hũa grande casa, que era dante, & os do Meſtre todos com elle, & Ruy Pereira, & Lourenço Martins mais acerqua. E chegandose o Meſtre com o Conde acerca de huma freſta, sentiram os seus que o Meſtre lhe começaua de falar passo, & estiueram todos quedos, & as palauras foraõ antre elles tam poucas, & tam baixo ditas, que nenhum por estonce entendeo quejandas eram, porem affirmão que fora desta guisa. *Conde, eu me marauilho muyto de vos serdes homem, que eu bem queria, & trabalhardes vos de minha deshonra, & morte, Eu, senhor?* disse elle, *quem vos tal cousa disse mentiouos muygraõ mentira.* O Meſtre, que mais tinha em vontade de o matar, que de estar com elle em rezoẽs, tirou logo hum cutello comprido, & enuioulhe hum golpe á cabeça, porem não foy a ferida tamanha, que della morrera; se mais não ouuera. Os outros todos, que estauão darredor, quando esto viram, lançaram logo as espadas fora pera lhe dar, & elle mouendo pera se acolher á Camara da Rainha com aquella ferida, & Ruy Pereira, que era mais acerca, meteo estonce hum estoque de armas por elle, de que logo cahio em terra morto. Os outros quizeraõlhe dar mais feridas, & o Meſtre disse; que estiuessem quedos, & nenhum foy cuzado de lhe mais dar. E mandou logo Fernam Daluerez, & Lourenço Martins, que fossem cerrar as portas, que não entrasse ninguem, & dissessem ao seu pagem que fosse à pressa pella Villa bradando: *Que matauaõ o Meſtre*, & elles fizeramno assi, & era o Meſtre quando

ma-

matou o Conde em idade de vinte, & sinco annos, & andaua em vinte & seis, & foy morto a seis dias de Dezembro, era jaâ escrita de quatrocentos & vinte & hum,

CAP. 11. *Do que a Rainha disse por a morte do Conde, & doutras cousas, que hi auieram.*



EIXEMOS o pagem hir hu lhe mãdaram, & vejamos em tanto que se fez no Paço da Rainha, onde assi foy que os estrupos, & voltas, que todos fizeram, quando o Conde foy morto, soaram rijamente na Camara, onde ella estaua, que era muyto perto, & taes hi ouue, que pensaram, que eram alguns, que não vieraõ cõ tẽpo ao sahimento, & chegaraõ estonce, & fazião doô. A Rainha espantada da volta, leuantouse em pè não sabendo que cuidar, & disse que vissem que era aquello, os outros apressa oulharam por antre as portas, & disseraõ, que o Conde Iohaõ Fernandez era morto. A Rainha quando esto ouuio, ouue gram temor, peró disse. *O Sancta Maria val! me matarão em elle hum bom seruidor! & sem no merecer, ca o mataram bem sey porque. Mas eu prometo a Deus que me va de manhaam a Sam Francisco, & que mande hi fazer huma fogueira, & hi farey taes saluas, quaes nunca molher fez por estas cousas.* O que ella tinha muy pouco em vontade de fazer. Os outros que hi estauão assi homens, como molheres, quando esto ouuiram: cuidaram àquella hora ser todos mortos, que não ouzauam de fugir pellas portas, mas fugiam pellas janellas, & delles pellos telhados, outros por degraos não contados, & assi cada hũ por hu melhor podia. Iohaõ Gonçalues Escriuão da Rainha, q̃ estaua vendo o liuro dos vassallos, quando esto vio, começaraõ de fugir, elle, & os seus cada hum por hu melhor azado achaua. O Mestre moueo dally para hum grande cirado muito acerca, & a Rainha começou de dizer. *Vão perguntar ao Mestre se hey eu de morrer?* E foraõlho a perguntar a graõ medo. E elle respondeo muyto mansamente. *Dizey laá à Rainha minha senhora, que Deus me guarde de mal, & q̃ assessegue em sua camara, & não aja nenhũ temor ca eu não vim aqui por empècer a ella, mas por fazer isto a este homem, que mo tinha bem merecido.*

E foraõlhe com esta reposta, & ella disse, *pois assi he dizeylhe que me desembargue meus Paços*, ca ella não via hora que se o Mestre partisse, porque não era segura de sua vida em quanto elle ally esteue, & em tornando Lourenço Martins donde fora acerrar as portas, vio estar hũa soma de prata ante a cozinha em hũa mesa, & tomoua toda, & lançoua na aba, & leuoua ao Mestre, & disse. *Digo, senhor, jâ vos aqui tendes pera a despeza d'hoje.* O Mestre lhe respondeo asperamente: que tornasse a prata onde a acharа, ca elle não viera ally por aquello, mas por fazer o q̃ tinha feito, & Lourenço Martins fezeo assi. Os fidalgos, que acompanhauão o Conde, & os q̃ com elle vinhão, não sabendo parte do q̃ o Mestre tinha feito, vinhaõ jaa todos armados pera o Paço da Rainha, & vindo muyto acerca delles a volta da gente, que começaua jaa de feruer pella rua, & algũs, que sahiraõ de dentro, & lhe disserão, q̃ não fossem laa, que o Conde era jaa morto, & as portas cerradas, & que as gentes eraõ tantas, que vinhão contra os Paços, segundo dezião, q̃ se laa fosse q̃ não escaparia nenhũ delles, & verião desy mao pezar. Tornaraõ se entonce pera hu vierão, & cada hum trabalhou de se poer em saluo receandose que todos os erão da parte da Rainha, & do Conde fossem mortos aquella hora.

CAP 12. *Do aluoroço, que foy na Cidade, cuidando que matauão o Mestre, & como alaá foy Aluoro Paez, & muitas gentes com elle.*

PAGEM do Mestre, q̃ estaua à porta como lhe disseraõ q̃ fosse pella Villa, segundo jà era percebido, começou de ir rijamente, & aogalope encima do caualo, em que estaua dizendo a altas vozes bradando pella rua. *Mataõ o Mestre, matão o Mestre nos Paços da Rainha, acorrey ao Mestre, q̃ o matão.* E assi chegou a casa de Aluoro Paez, q̃ era daly hũ grande espaço. As gẽtes, q̃ esto ouuirão, sahião à rua ver q̃ cousa era, & começãdo de falar hũs cõ os outros, aluoraçarãose nas vontades, & começauão detomar armas cada hũ como milhor, & mais azinha podião. Aluoro Paez, q̃ estaua jà prestes, & armado cõ hũa coifa na cabeça, segundo vzança daquelle tempo, caualgou logo à pressa encima de hum cauallo, que

annos

annos hauia que não caualgara, & todolos seus criados com elle bradando a quaesquer, que achaua, dizendo. *Acorramos ao Mestre, amigos, acorramos ao Mestre, ca filho he DelRey Dom Pedro.* E assi bradauão elle; & o pagem indo pella rua: soaraõ as vozes do arroido pella Cidade ouuindo todos bradar que matauaõ o Mestre; & assi como viuua, que Rey não tinha; & como se lhe este ficasse em logo de marido, se moueram todos com mão armada, correndo apressa para hum dezião que se esto fazia para lhe dar vida, & escuzar morte. Aluoro Paez não quedaua de hir pera alaa bradando a todos. *Acorramos ao Mestre, amigos, acorramos ao Mestre, que o matão sem porque.* A gente começou de se ajuntar a elle, & era tanta, que era estranha cousa de ver, não cabião pellas ruas principaes, & atrauessauão lugares, escusos, desejando cada hum de ser o primeiro, & perguntando huns aos outros, *quem matou ao Mestre?* não mingoaua quem responder: que o matauа o Conde Iohão Fernandez por mandado da Rainha. E por vontade de Deus todos feitos de hum coração com talante de o vingar, como forão ás portas dos Paços, que eram jaa cerradas, ante que chegassem com espantosas palauras começarão de dizer. *Hu matão o Mestre? que he do Mestre? quem cerrou estas portas?* Ally eram ouuidos brados de desuairadas maneiras. Taes auiaõ, que certificauão que o Mestre era morto, pois as portas estauão cerradas dizendo, que as britassem para entrar dentro, & veriam que era do Mestre, ou que cousa era aquella. Delles bradauam por lenha, & que viesse lume pera porem fogo ás portas, & queimarem o tredor, & a aleiuosa. Outros aficauão pedindo escadas pera sobir acima pera verem que era do Mestre, & em todo esto era o arroido tam grande, que senão entendião huns aos outros, nem determinauam nenhuma cousa. E não somente era isto à porta dos Paços, mas ainda a redor delles por hu homens, & molheres podião estar. Huns vinhaõ com feixes de lenha, outros traziam carque ja para acender o fogo, cuidando queimar o muro dos Paços com ella, dizendo muytos doestos contra a Rainha. De cima naõ faltaua quem bradar que o

Meſtre era viuo; & o Conde Iohaõ Fernandez morto, mas eſto naõ queria nenhum crer, dizendo: *Pois ſe viuo he moſtraynolo.* Entaõ os do Meſtre vendo taõ grande aluoroço, como eſte, & que cada vez ſe acendia mais, diſſeram que foſſe ſua merce de ſe moſtrar àquellas gentes, doutra maneira poderiaõ quebrar as portas ou lhe poer fogo, & entrando aſſi dentro por força, não lhe poderião depois tolher de fazer o que quizeſſem. Ally ſe moſtrou o Meſtre a hũa grande janella, que vinha ſobre a rua, onde eſtaua Aluoro Paez: & a mais força da gẽte, & diſſe. *Amigos, apacificayuos cà eu viuo, & ſaõ ſou a Deos graças.* E tanta era a toruação delles & aſſi tinhaõ já em crença que o Meſtre era morto, que taes auia hy, que aporfiauão que não era aquelle, porem conhecendoo todos claramente ouueraõ graõ prazer quando o viraõ, & diziaõ hũs contra outros. O *que mal fez, pois que matou o treedor do Conde, q̃ não matou logo a aleiuoſa com elle. Credes em Deus inda lhe ha de vir algum mal por ella, olhay, olhay & vede que maldade tam grande, mandarẽo chamar onde hiajà de ſeu caminho pera o matarẽ aqui por treição.* O *aleiuoſa jaâ nos matou hum ſenhor, & agora queria matar outro, leixaya, que ainda ha de acabar mal por eſtas couſas, q̃ faz,* & ſem duuida, ſe elles entraõ dentro, naõ ſe eſcuſàra a Rainha de morte, & fora marauilha quantos eraõ da ſua parte, & do Conde poderem eſcapar. O Meſtre eſtaua á janella, & todos olhauão contra elle dizendo. O, *Senhor, como vos queriaõ matar por treição, bento ſeja Deus, que vos guardou deſſe treedor, vindeuos, day ao demo eſſes Paços, naõ ſejais laà mais.* E em dizendo eſto muitos chorauão com prazer de o ver viuo. Vendo elle eſtonce que nenhũa duuida tinha em ſua ſegurança, deceo a fundo, & caualgou com os ſeus acompànhado de todolos outros, que era marauilha de ver. Os quaes muy ledos ao derrador delle bradauão dizendo. *Que nos mandais fazer ſenhor? que quereis que façamos?* E elle lhes reſpondia adur podendo ſer ouuido: que o agardecia muyto, & que por eſtonce não auia mais miſter delles, & aſſi encaminhou pera os Paços do Almirante, hu pouſaua o Conde Iohaõ Affonſo irmão da Rainha, com que auia de comer. As Donas da Cidade por a rua, por onde elle hia, ſahiaõ todas às janellas com prazer, dizendo a altas vozes. *Mã tenhauos Deus, ſenhor, bento ſeja*

Deus

Deus, que vos guardou de tamanha treiçaõ, qual vos tinhaõ baſte cida, ca nenhum por eſtonce podia outra couſa cuidar, & indo aſſi atè â entrada do Rocio, & o Cõde vinha com todolos ſeus, & outros boõs da Cidade, que o guardauão; aſſi como Affonſoeanes Nogueira, & Martim Affonſo Valente, & Eſteuão Vaſquez Felippe, & Aluoro do Rego, & outros fidalgos, & quando vio o Meſtre ir daquella guiſa, foyho abraçar com prazer, & diſſe. *Mãtenhauos Deus ſenhor, ſey que vos tiraſtes de grande cuidado, mas vos mereceis eſta honra melhor, q̃ nos, anday vamos logo comer.* E aſſi foraõ pera os Paços, hu pouſaua o Conde. E eſtando elles para ſe aſſentar á meza, diſſeraõ ao Meſtre como os da Cidade queriaõ matar o Biſpo, & que faria bem de lhe ir acorrer, & o Meſtre quizera alaá ir. Diſſe eſtonce o Conde. *Naõ cureis diſſo, ſenhor, ſe o matarem, quer o matem, quer naõ mingoará outro Biſpo Portuguez, que vos ſirua melhor, que elle?* Ao dito do Conde ceſſou o Meſtre de ſua boa võtade, & o Biſpo foy morto de ſta guiſa, que ſe ſegue.

CAP. 13. *Como o Biſpo de Lisboa, & outros foraõ mortos, & lançados da torre da Seê a fundo.*

SENDO toda a Cidade ocupada cõ eſte aluoroço, & vindo cõmũmente por junto com a Sé foraõ alguns lembrados q̃ indo por ally com Aluoro Paez, q̃ bradarão aos decima, que repicaſſem & que repiquando em Sam Martinho, & nas outras Igrejas, que na Sè não quiſerão repicar, & ſouberão que o Biſpo era encima, & que mandara cerrar as portas ſobreſi, & porque era Caſtellão diſſeraõ logo que era da parte da Rainha, & do Conde, & que elle fora ſabedor da treição, & morte, q̃ quizerão dar ao Meſtre, & que por aquello não repicarão, aſſacã do cõtra elle eſtas, & outras màs ſoſpeitas, que não mingoauaquẽ as affirmar, & ficou logo ally graõ parte do pouo á Seè com braua ſanha, por auer à preſſa entrada na Seè, & filharem logo do Biſpo vingança. O Biſpo era natural de Camora, & auia nome Dom Martinho, & ſendo Biſpo do Algarue, ouuera o Biſpado de Lisboa, por Gonçalo Vaſques licenciado

ciado emdegredos,&lho ganhou do Papa Clemente por auer o Priorado de Guimaraẽs. Eſte Biſpo era grande leterado,& boõ Eccleſiaſtico,& regia muy bem ſua Igreja,morando encima da craſta della por continuadamente ver as horas,& diuinos officios,& ally tinha em vontade de mandar fazer caſas pera morarem todos os Conegos,pera auer azo de mi lhor ſeruir. E ſendo elle comendo aquelle dia o Prior de Guimaraẽs com elle,que auia hum anno,& mais,que o não vira, ſenaõ entaõ,ouuiraõ graõ volta n o Paço da Rainha,que era hi acerca, & carpinha de molheres com grandes vozes de gentes pellas ruas de rador bradando todos,*que mataõ o Meſtre*. O Biſpo ouuindo tamanh avolta,&cada vez era mais,bem cuidou que não era feito leue,& por ſeguran ça de qualquer couſa , que avir podeſſe,leixou a meſa, a que eſtaua,& deceoſe por hũa eſcada afũ do á craſta,elle,& o Priol de Guimaraẽs,& hum taballiaõ de Sylues,que eſſe dia chegara por recadar com elle.Com eſſes dous cõuidados,& com alguns ſeus,com elles,ſe foy o Biſpo á mais alta torre da Sé,onde eſtauão os ſinos mandando primeiro fechar a de dentro todalas portas da Igreja.

E quando Aluoro Paez por ally paſſou á ida, bradaraõ aos de cima,cõmo diſſemos,que repicaſſem,& o homem boõ naõ ſabia que volta era aquella. Deshy por que o dar da campaam em tal Igreja era azo de grande aluoroço da Cidade,douidou muyto de o fazer,& elles quando virão que não repicaraõ na Seè , & que o Biſpo daquella guiſa eſtaua na torre,& as portas da Igreja fortemente cerradas , que as não podiaõ taõ azinha quebrar,ouueraõ eſcadas,& entraraõ por hũa freſta,& foraõ mui apreſſa abertas,e entrarão eſtõce quãtos quizeraõ, ſẽdo muyto poucos,em reſpeito dos que eſtauaõ fora , & a commum voz de todos era que foſſem acima ver quem eſtaua na torre,& porque naõ repicara,como nas outras Igrejas ,& ſe foſſe o Biſpo,que o deitaſſem a fundo Sylueſtre Eſteuẽs homem honrado,Procurador da Cidade,& Alcayde pequeno della , & outros ſobiraõ por hũa eſtreita eſcada,q̃ anda aderrador, porque naõ hia mais que hum antre outro, nem podia ninguem entrar atorre em quãto a de cima defender quizeſſem. O Biſpo,vendo como era Caſtellão ,&de nação aelles contraira, receauão muito em tal oniaõ E todo ſeſudo deue recear,&naõ

& todo

lhe dauão lugar que entrassem, porem vendose sem culpa, deshi tal pessoa Ecclesiastica, segurandoo elles porem primeiro; & osque com elle estauão, ouueraõ entrada acima, & perguntandolhe porque não mandara dar á campana, pois aquellas gentes bradauaõ, que repicassem? elle se escusou per suas mansas, & boas rezoẽs, de geito que todos forão contentes. A seca sanha, que em taes feitos nenhũa rezão esguarda, começou tanto de dar nos entendimentos do pouo, q̃ à porta principal da Igreja estaua que começarão de bradar, altas vozes, aos de cima: que estauaõ fazendo que não deitauão o Bispo a fundo? dizendo *Guardayuos, naõ vamos nos là, ca se nos himos, todos vôs aueis de ir a fundo com elle*. Os de cima, que vontade não tinhaõ de lhe fazer mal, nem nojo, era lhe muyto graue de fazer, a hũa por ser Bispo, & mais seu Prelado, deshi, por a segurança, que lhe auião feita, naõ sabião que fizessem, a sanha trigaua os coraçoens, & com menco ria começaraõ de bradar oulhando todos pera cima dizẽdo: *Que tardada he essa, que vos là fazeis, que naõ deitais esse tredor a fundo? jà vos tornastes Castellaos como elle? de mais se vos peitou que o não deitassseis, & sois já todos de hum acordo?* Então começaraõ todos de jurar que se o naõ deitassem, & hiaõ acima, que todos viessem a fundo com elle. E por quanto todo o temor he justo, porque homem pode vir à morte, ou acerca dello, ouueraõ desto taõ gram receo, que logo o Bispo foy morto com feridas, & lançado á pressa a fundo, onde lhe toraõ dadas outras muitas, como se ganhasse perdoança, que sua carne já pouco sentia. Alli o desarmaraõ de toda a vestidura, dandolhe pedradas com muytos, & feos doestos ataá que se enfadaraõ delles os homens, & os cachopos, & foy roubado de quanto auia. Semelhantemente foy lançado a fundo aquelle Priol de Guimaraens seu conuidado por hum escudeiro, que lhe mal queria, sobindo a cima com os do conselho, & vio tempo azado pera o matar, & buscandoo pela torre, & achouo escondido, & matouo, & naõ tendo ninguem sentido da morte delle, porque estauão com o Bispo, nem o vendo com oleuarda lli, deitaraõ da torre a fundo o coitado dotaballiaõ, que taõ pouca culpa auia, como os outros, começaraõ de o trazer afundo, & de o doestar, & empuxar, dizendo q̃ com o Bispo estaua, bem sabia

parte

parte daquella treição,& tãtas lhe derão de punhadas,ataá q̃ lhe começarão de dar feridas, & mataraõno,& assi mataram todos tres & outros fogirão, & jouueram alli aquelle dia, & à noite, o Priol,& o tabalião,&em esse dia algũas pessoas refeces lançaram ao Bispo,onde jazia nú,hũ baraço naspernas,&chamãdo muitos cachopos,que o arrastassem, & hia hum rustico bradando diante. *Iusliça, que manda fazer nosso Senhor o Papa Urbano Sexto este trèdor scismatico,Castellão, porque naõ tinha com á Sancta Madre Igreja.* E assi o arrastaram pella Cidade com as vergonhosas partes descubertas, & o leuaram ao Rocio,onde o começarão de comer os cães,que o naõ ousauã nenhum soterrar,& sendo jà delle muito comesto o soterraram em outro dia alli no rocio; & os outros dous foram depois soterrados,por tirarem fedor dante sua vista,& posto que àlgũas pessoas taes cousas parecessem mal, & deshonestamente feitas,nenhum era cuzado de dizer o contrario.

CAP. 14. *Como o Mestre depois que comeo, foy pedir perdam á Rainha, & das rezões, que forão faladas.*

DEPOIS que o Conde,& o Mestre ouueram comido, segundo dissemos no capitulo antes deste, veyose pera elles o Conde Dom Aluoro Perez de Castro, & Ruy Pereira, & outros bons fidalgos, & o Mestre falou com os Condes dizendo,que elle entendia,q̃ fizera graõ desprazer á Raynha em matar o Conde em seus Paços,& que lhe parecia que era bẽ de lhe hir pedir perdaõ,se o elles por bem ouuessem, & acordado por todos que era bem, caualgaram àtarde pella Villa, & foraõse ao Paço da Rainha,& ella estaua em sua Camara cuberta de doó segundo auia em costume,& entrando elles pella porta fizeraõlhe sua reuerencia, & ella alçouse a elles,& os do Mestre, como os Condes entraram, assi foraõ elles todos dentro de volta armados,como andauam. A Rainha quando os assi vio entrar disse cõtra elles,como queixosa. *Ah Sancta Maria vallque desmesura he hora essa,ou que entrada de Camara? E como? todos nos hauemos de ser em conselho?* E elles calaramse, & não dixeraõ nada, leyxandose estar quedos,& ella quando isso vio, disse. *Andar,pois hora a Deu. assi apraz, estay em boa hora.* E

tornaraõse

tornaraõſe a aſſentar em ſeu eſtrado, & diſſe aos Condes, que ſe aſſentaſſem, & o Meſtre ſe aſſẽtou eſtonce, & os Condes ambos, cada hum de ſua parte, & ſendo elles aſſi aſſentados, diſſe o Conde Dom Aluoro Perez ao Meſtre. *Senhor, dizey à Raynha o porque aqui vieſtes, & deshi falaremos em al.* E entãoſe alçou o Meſtre, & pozſe em giolhos ante a Raiñha, & o Meſtre começou de dizer, *Senhora, aquelle, que naõ erra naõ tem de que pedir perdão, & eu, pois vos errey, he rezaõ que volo peça, como quer que Deus ſabe, que minha entenção naõ foy devos errar, nem fazer nojo, nem deſprazer, mas porque eſta couſa, que eu fiz, ſe me ázou de ſer feita em voſſos Paços, porem vos peço por merce, que me perdoeis, ca eſte homem que matey, naõ o fiz por vos fazer nojo, nem deshonra, mas fizeo por ſegurança de minha vida, ca entendia, que em quanto elle viueſſe, que a minha vida naõ ſeria ſegura & pole eu matar em voſſos Paços deſto vos peço eu perdão, & nam de outra couſa, ca a morte, que lhe eu dey Deus he ſabedor de todas as couſas, ſabe bem, que muito ha que ma elle tinha merecida de lha eu dar, mas matalo em voſſos Paços, iſſo não diuera eu de fazer. E porem, ſenhora, ſeja voſſa merce de me perdoar, & ſe me eſta couſa perdoardes, inda me chegarâ Deus a tempo, que volo pague naquellas, q̃ vos mandardes, & que eu entender por voſſo ſeruiço.* A Rainha em quanto o Meſtre falou, naõ fez nenhum final, que lhe aprazia de ſuas rezoẽs, ante calando moſtraua triſte geito, & os outros olhando como era rezão eſperando ſua boa reſpoſta, vendo como a não daua, falou o Conde Dom Aluoro Perez de Caſtro dizendo contra a Rainha. *Que he iſſo, ſenhora? não reſpondeis vos ao que vos diz o Meſtre? & naõ lhe perdoaes? Pareceme que vos diz bẽ, ca naõ he homẽ mais theudo ainda que foſſe a Deus, que ſe lhe erra, pedirlhe perdão. E pois que volo elle pede, vos lhe deueis de perdoar, mormente filho Del Rey, & deshi o erro naõ foy hora tamanho nem feyto por tam màguiſa, que vos elle mores ſeruiços não poſſa fazer.* A Rainha naõ reſpondeo nada a iſto. Diſſe então o Conde de Barcellos ſeu irmaõ. *Que couſa he eſta ſenhora? porque não perdoaes ao Meſtre? ca bem vos diz o Conde, ca nam he homem mais theudo, ainda q̃ ſeja a Deus ca lhe pedir perdam, quando erra: & pois volo elle pede, & he filho de Rey, ſempre em todo o tempo volo ſeruirâ com boons merecimentos*

mentos. E porem todauia perdoay lhe, pois se tambem conhece, ca em tempo estais de lhe perdoar. E ella quando esta palaura ouuio, toy forçado de responder, & disse como em som de escarnio. *Pera q̃ he hora tal pedir perdam? ou para que sam essas rezoẽs? perdoado he elle de seu, mas dizeime hora, q̃ lho acoime, vos, que sois meu irmaõ pareceme que sobejo he pedir homem o que tem, & elle, pois que he perdoado, não ha por q̃ pedir mais perdam: & porem deixemos hora isso, & falemos em outras cousas, q̃ vos mais cumprem de falar.* Então respondeo o Mestre, & disse. *Senhora se vos avõs isso anoja, naõ falemos em ello mais, & daqui em diante falemos o que voſa merce for. Falemos hora*, disse ella, *em como dizem todauia como El Rey de Castella queria vir a este Reyno antes do tempo, que he posto nos trautos. E isso, Senhora, boa cousa he de se falar*, disse o Mestre. *posto que assaz jâ falado fosse em ello quanto a mi parece o que jáá dito hey, que vos lhe deueis inuiar voſso recado, & frontardeslhe que o naõ faça, & elle homem de rezam he, & creo que o não fara, quando lho vos assi mandardes requerer. E ponhamos*, disse ella, *que lho ensaio requerer, & elle diz que o naõ quer fazer.* Certamente, disse o Mestre, *se lho vos enuiasseis requerer, & o elle fazer naõ quizesse, entam deueis vôs dajuntar voſsas gentes, & embargarlhe sua vinda a todo voſso poder.* A Rainha começou então de se surrir por modo descarnio, & disse, *O que boa rezão essa! & hy era El Rey meu senhor viuo & vos outros todos com elle, & naõ o podiees fazer, quanto mais agora, que elle he morto, & toda voſsa esperança soterrada com elle.* Quando estas rezoẽs ouuio o Cõde Dom Aluoro Perez leuantou se em pè, & disse *Alçaiuos, senhor & vamonos, ca me parece q̃ nam praz aqui com quanto nos dizemos.* Então se leuantou o Mestre & os Condes, & espediraõse della, & foraõse. Em saindo elles pella porta da Camara, oulhou ella & vio ainda jazer o Conde Iohan Fernandez morto ally onde ficara, ally onde o Mestre omatou, & disse contra elles. *Ah Santa Maria val! que crueldade tamanha! E naõ haueis hora dó desse homem, que ahi jáz assi morto, tam deshonradamente? & se quer por ser homem fidalgo como vos? Auey hora delle dô, & fazeyo soterrar, & não jaça ahi dessa guisa.* E elles não curaraõ disto, & foraõse pera suas pousadas. O Conde IohaõFernandez jouue ally morto, & cuberto com hum tapete, velho

velho, que nenhum não ouzaua poer em ello mão pera o soterrar E elle jazia vestido, & ataquado, & hum gibão vermelho, & hũa atabarda de fino panno preto cõ alhetos & mangas muy bem fey to corpo de homem ataà idade de corenta annos, & depois que foy bem noite, mandouo a Rainha soterrar mais esçusamente, q̃ ser pode, na Igreja de Sam Martinho, que he logo junto, & partio-e essa noite dally, & foyse pera Alcaceua pera outros paços, que laà tinha.

CAP 15. *Como os da Cidade quizeram roubar os Iudeus: & o Mestre os defendeo, que lhe não foy feito.*

PASSADO aquelle gram arroido, cõ que as gentes da Cidade chegaraõ ao Paço da Rainha, & que o Biſpo foy morto da guisa, que vuistes, gérouse antre elles hũa nião de mortal odio contra quasquer, que sua entenção nam tinhaõ; & tanto que nenhum lugar era seguro a aquelles, que não eguião sua opinião. Cada hũ dava folgança a seu officio, & toda ua occupação era juntaremse m mogotes a falar na morte do Conde, & cousas, que auião acontecido deshi, pois ElRey de Castella dezião que vinha ao Reyno, que maneira se teria na defensão delle. E hũs nomeauão o Infante Dom Iohaõ dizendo que a elle pertencia o Reyno de direito. Outros dezião que não podia ser, ca era jà preso em Castella, & que nunca hauia de ser solto, ou que por ventura o matariaõ por este azo, & porque esto assi acontecera, que compria mais outro Infante no Reyno, saluo o Mestre Dauiz, que era filho DelRey D. Pedro, como o outro? & que este tomassem por seu Rey, & Senhor Gastado aquelle dia em taes falamentos, na seguinte manham tornaraõ a semelhantes rezoẽs, & cõtando cada hum o que lhe parecia de taes feitos, naceo antre elles hum nouo acordo, dizendo que era bem de roubar algũs Iudeus riquos da Iudaria, assi como Dom Iudas, que fora Thesoureiro mór DelRey Dom Fernando, & Dom Dauid Negro, que era grande seu priuado, & outros, & que destes poderia o Mestre auer muy grande riqueza, pera soportamento de sua honra. E falando huns com outros pera o poer em obra começouse daluoraçar, & juntar muito pouo. Os Iudeus, como esto sentiram, não curaram

dis

dir a Rainha, mas foraõſe ápreſſa alguns delles ás Caſas de Ioham Miguel junto com a See, onde o Meſtre aquella noute dormira, & diſſeraõ ao Meſtre, que os da Cidade ſe aluoraçauaõ pera os hirem roubar, & matar todos, & que lhe pediaõ por merce que lhe accorreſſe àpreſſa, & ſenão, q̃ todos eraõ mortos. O Meſtre dezia que ſe foſſem à Rainha, que elle naõ tinha hora com aquello de fazer, & elles ſe afficauam cada vez mais pedindo trigoſamente acorro. Os Condes Dom Iohaõ Affonſo, & Dom Aluoro Perez, que eſtauão com o Meſtre quando viraõ que elle ſe eſcuzaua, diſſeraõ com doo que delles ouuerão. *O, Senhor, por merce, hi alaa, & ante que comecem, & naõ lho leixareis fazer, ca depois q̃ começarẽ, ſeruoshaõ muy maos de deſuiar de tal feito.* Caualgou eſtõce o Meſtre, & os Condes com elle & foyſe logo laa, & quando chegou á Iudaria achou graõ parte dos da Cidade, que ſe juntauam quanto podião, & todos aluoraçados pera entrarem dentro, & a roubarem, & diſſe eſtonce o Meſtre contra elles. *Que he iſto, amigos? que obra he eſta, que quereis fazer? Senhor*, diſſerão elles, *eſtes trèdores deſtes Iudeos Dom Iudas & Dom Dauid Negro, que ſaõ da parte da Rainha, tem grandes theſouros eſcondidos, & queremolos tomar, & dalos a vôs, que queremos por noſſo Senhor. Amigos*, (diſſe elle) *naõ queiraes eſta couſa fazer, mas leyxay vos a mim eſſe cuidado, & eu ſobre ello porey remedio, Senhor*, diſſeram elles, *Nam aſſi, mas nos iremos buſcar os trèdores, onde jazem eſcondidos, & trazelosemos a vos, & auereis todo quanto elles tem.* O Meſtre dizendo que naõ curaſſem daquello, & elles todos a profiando que ſy. Eralhe graue couſa deſuialos deſta vontade. Diſſeraõ então os Condes ao Meſtre. *Quereys bem fazer? partiuos daqui, & irſeha eſta gente toda comvoſco, & naõ curaram mais deſto, que fazer querem.* E o Meſtre fezeo aſſi & foraõſe todos com elle pela rua noua, & ficando poucos poucos, desfezeſſe gram parte daquella aſſuada, & alli diſſe o Meſtre a Antão Vaſquez, que era Iuiz do Crime na Cidade, que mandaſſe apregoar da parte da Rainha, ſob certa pena, que não foſſe nenhum tão ouzado de hir Iudaria por fazer mal aos Iudeos elle diſſe que o mandaria apregoar de ſua parte, mas naõ já da Rainha; & o Meſtre lhe defendeo que o não fizeſſe, & elle não cu-

ro

róu em esto de sua defesa, & mandouo apregoar de sua parte. As gentes todas, quando ouuiraõ este pregaõ, muito em suas vontades, & diziam huns contra os outros. *Que fazemos estando? tomemos este homem por Senhor, & alcemolo por Rey.* E elle ouuia estas cousas, & fechauase a sorrir louuando muito a Deus em seu coração, que tal desejo punha no pouo contra elle. Então se tornaraõ a elle, & os Condes pera a See, & ally descaualgaraõ pera ouuir missa.

CAP. 16. *Que maneira tinha a Rainha Dona Lianor com o Mestre, & alguns outros a que nam tinha bom desejo.*

OS ANTIGOS, que louuaraõ as nobres molheres, que viueraõ notempo daRainha Dona Lianor, muyto erraram em seu escreuer, se a não pozeraõ na conta das muy famosas, porque se o dom da fermosura de todos muy prezado fez a algumas ganhar perpetual nome, deste houue ella taõ grande parte acompanhada de a praziuel graça, que aquelle, que o mais desejar podesse, seria assaz descontente de sua natureza. A ella proueo deshi com esto costumes de grande auisamento: de nenhũa cousa, que a prudente molher pertencia, era ignorante. Foy molher muy inteira, & de coração caualeiroso buscador de marauilhosas artes por firmeza de seu estado. Desque ella reynou a prenderaõ as molheres ter nouos geitos com seus maridos, & as mostrãças de hũa cousa por outra mais perfeitamente do que se acha nos ancianos tempos, que outra Rainha de Portugal fizesse. E ella auia grandes fundamentos pera quem tinha mà võtade, nunqua lho poder conhecer, & onde entendia fazer gram dano, àzaua mortaes empẽcimẽtos, com mostrança de todo o cõ traito. Assi q̃ postoq̃ ella tiuesse ao Mestre hũ taõ mortal odio por a morte do Conde Ioham Fernandez, em guisa que de nenhũ mal lhe podia então vir taõ grão parte, que a ella fora abastada vingança, perô com tudo isso ella pode tanto com seu grande coraçam, a muy poucos ligeiro de fazer, que nenhuns sinaes de malquerença mostraua ao Mestre de fora, como se lhe nũ qua houuesse feito nenhum desprazer, mas estes poucos dias, q̃

lhe ella de pois falou, eſtando ella na Cidade, ſempre ſuas falas, & repoſtas eraõ contra elle boas, ſem moſtrança de mao deſejo. Ella aos dous dias depois da morte do Conde Iohaõ Fernandez, quitou a Fernão Lopez eſcudeiro do Meſtre, a ſeu rogo, cem dobras, que lhe demandou a que pagaſſe por Lourençoeanes ſeu ſogro, que fora Almoxarife DelRey Dom Affonſo, & nam ſómente ao Meſtre, mas ainda a alguns outros, que ella por tal rezam mà vontade tinha, nenhuma couſa daua a entender de rancor, que tiueſſe contra elles, mas ſuas falas, & deſembargos, todo era feito lédamente com bom geito, até que viſſe tempo azado de ſe poder vingar, ſegundo ſeu deſejo.

CAP. 17. *Como a Rainha partio de Lisboa pera Alanquer & que maneira teue em ſua partida.*

MOVIDA tal diſcordia, como diſſemos, & trabalhandoſe os ſeguidores della por leuar adiante ſua opiniaõ, foi a Rainha poſta em grandes penſamentos, com meſtura de temor, ca ella era certa da maneira, que o Meſtre queria ter com ella; doutra parte temiaſe dos moradores da Cidade. Aſſi que não ſabia que geito tiueſſe por ſegurança de ſua vida, & hõra, & cuidando ſobre eſto muytas, & mui deſuairadas couſas, entendeo q̃ a milhor, & mais ſegura, q̃ por preſente podia fazer, era partirſe daquella Cidade, & hirſe pera outro lugar mais ſeguro: então ordenou deſe hir pera hũa ſua Villa oito legoas da Cidade, a q̃ chamão Alanquer, & partio a Rainha grande manhaã, ſendo já eſpaço do dia andado, com Donas, & Donzellas, quantas auia em ſua caſa, & todolos ſeus com ella. ſ.o Conde Dom Iohaõ Affonſo ſeu irmão, & o Meſtre de Sãctiago D. Fernão Affonſo, & o Almirante Mice Lançarote, & Gonçalo Mendez de Vaſcogoncellos tio da Rainha, & Martim Gonçaluez de Atayde, & Pero Lourenço de Tauora, & Iohaõ Affonſo Pimentel, & Vaſco Perez de Camoens, & Ayres Vaſquez de Alualade, & Ioham Gonçalues Anadel mór, & Lourençoeanes Fogaça, & todolos do Dezembargo DelRey Dom Fernando aſſi como Aluoro Gonçalues, Veador da fazenda, & Gyleanes Corregedor, & outros muytos criados da Rainha, & DelRey Dom

Dom Fernando, & Dom Iudas Theſoureiro môr que fora Del-Rey Dom Fernando, & ſeu Veador da fazenda, com temor dos grandes ágrauos, que fazia ao pouo com os officios, que tinha, & nam ouzou hir de praça, aſſi como os outros, mas com humá funda de barrete ná cabeça, com lança na mam, aſſi como page por ſer conhecido, Bernaldim, & Martim Paulo Garçes, que ficaram no Reyno do tempo Del Rey Dom Fernando, hiam de traz com certas lanças, por guarda das azemalas com temor dos de Lisboa, receando que foſſem depos elles. A Rainha chegou a Aluerqua com trigoſo andar, & dally partio, & foy dormir a Alanquer, & quando entrou pella porta da Villa, diſſe Gonçalo Mendez. *Minha Senhora, agora entendo eu bem que vos eſtais ſegura, cá nam em Lisboa.* A Rainha nam reſpondeo a eſtas palauras, nem diſſe couſa alguma, mas nam mingoaua, dos da ſua companhia quem pello caminho oulhando por detraz diſſe contra Lisboa: *que mao fogo a queimaſſe, & que ainda a viſſe deſtroida, & arada toda a boes.* Ally eſteue a Rainha por dias, pouzando os ſeus fora, & dentro na Villa, a qual ſe naõ velaua, nem tinha outra guarda, ſe nam as portas abertas de dia & de noite.

CAP. 18. *Como o Meſtre guiſaua pera ſe hir pera Ingraterra, & como pedio perdaõ a Vaſco Porcalho.*

DEPOIS que os humanaes, & eſpritaes feitos ſe julgam ſegundo a entençam, que ſe delles ſegue, nenhum tenha ſentido de prazmar o Meſtre, vendo as couſas, que ſe depois ſeguiram, dizendo que elle com deſordenadá cobiça de reynar, ou hauer outro ſenhorio no Reyno, & naõ por outra couſa, ſe moueo a matar o Conde Ioham Fernandez, ca ſua vontade nunqua eſta foy, nem mà; ſomente por vzar de honroſa façanha vingando a deſhonrá de ſeu irmão, antes poz á vida, & honra em grande aventura, temendo de ſe fazer tal obra, deſpoendo de leyxar o Reyno, & o Meſtrado por eſto como defeito quizera fazer, porque tanto que a Raynha partio pera Alanquer, & elle ficou

na Cidade, ouue o Meſtre conſelho por ſegurança de ſua vida ſe hir pera Ingraterra, vendo que lhe não conuinha ficar no Reyno, & mandou fazer preſtes todo o que compria pera ſua ida em duas naos, que jaziam ante o porto da Cidade, carregadas de mercadorias dos mercadores. E como aquelle, que era diſcreto, & comprido de toda bondade, eſguardou o tempo, em que auia de partir, & como he forçalo de paſſar por lugar, onde taes perigos coſtumam de ſer, a que artificios, nem reſiſtencia humanal preſtaua, ſem humanal ajuda daquelle Senhor, que todas as couſas, tem em gouernança, & por alimpamento de ſua conſciencia, antre as couſas, que primeiro fez, mandou chamar a Vaſco Porcalho Commendador môr de ſua Ordem, & contoulhe por ameude, como lhe a Rainha diſſera, quando fora preſo, que lhe fizera entender a ElRey Dom Fernando, que elle ſe queria hir pera Caſtella pera o Infante Dom Ioham em deſeruiço do Reyno, & que por tanto o mandara ElRey prender, & não por outra couſa. *Por a qual rezão*, diſſe o Meſtre, *eu vos tiue tão mâ vontade, que minha tençam foy de vos matar, & depois cuidey que a mim não vinha grande honra de o fazer, poſtoque vos o diſſeſſeis, & perdide vos toda a mà vontade, & queixume, de guiſa, que nunqua volo dey a entender deſentam atè agora, que commigo andais.* Entam lhe contou muitas rezoens, porquè o leyxara de fazer, & diſſe. *Nam embargando, que eu theudo nam ſeja de vos pedir perdam tal, como eſte, por mor avondamento, vos rogo, que aquella maa vontade, que eu vos entam tiue, vos praza de me perdoar.* O Commendador môr ficou eſpantado, & marauilhandoſe muyto de tal couſa diſſe. *Oh maa molher aleiuoſa, comprida de toda maldade, Eu, Senhor, vos tenho em merce, por vos de mim auerdes tão grande cauſa, & não me quererdes matar, nem fazerdes outro nojo, & agardeço muyto a Deus, & lhe ſou muito theudo por vos dar tam boõ entendimento, pera vos cuidardes a verdade da guiſa, que foy, & não doutro geito, que vos juro, Senhor, em minhalma, que nunqua lhe tal couſa diſſe, nem me paſſou por maginaçam.* Então lhe começou de jurar, que nunqua tal couſa

sa dissera, nem sabia dello parte, & disselhe que fizera muy mal, que lho nam dissera depois que delle perdera aquelle queixume. *Que sede certo Senhor*, disse elle, *que se o eu soubera, quando vos mataste o Conde Iolão Fernandez, que eu nunqua me podera ter que a não matára.* O Mestre disse, que não curasse daquello, cà bem cria que elle dezia verdade, & cessando esto, falaraõ em outras cousas mais necessarias.

CAP. 20. *Porquaes rezoens os da Cidade disseram ao Mestre, que ficasse no Reyno, & o tomarião por Senhor.*

FAZENDOSE O Mestre prestes, pera se partir, & posto nos nauios todalas bitalhas, & feitas as mangedouras para as bestas, eram todos os da Cidade, assim os grandes, como os pequenos, abalados com medrosos pensamentos. Muytas cousas lhe mostrauão claros sinaes de noua guerra, & nenhuns podiam cuidar certamente, onde taes feitos auiam de hir ter. Era inda em este tempo gram dano nos pouos do Reyno, especialmente no de Lisboa vendo taes cousas muito douidosas, & postas sob esperança de gram destroição da terra: Nem os da Cidade estonce ser taõ seguro, que sempre não tosse muito acompanhado de temor, vendo como a Rainha partira tam queixosa de todos elles, por em tal guisa terem com o Mestre na morte do Conde Iohão Fernandez. Demais que dezião que escreuera a ElRey de Castella, que logo trigosamente viesse ao Reyno, o qual vindo bem entendião todos, que não era, saluo por se asenhorear delles, & por destroição dos que contra a Rainha foraõ, & o mesmo na morte do Bispo. O coraçaõ de quantos hi auia, era dado a grandes pensamentos, poendo desuairadas fins, & mal, que se de taes feito seguir podia. Hum cuidado era verse ficar sem firmeza de paz por morte DelRey Dom Fernando, pois ElRey de Castella não queria guardar os trautos, segundo era contheudo, & vinha contra o Reyno por tomar posse delle: E segundo a sogeição grande, em que esperauam de ser postos sob o poder de Castellaõs, temendose ser delles sobgigados, como de seus mortaes imigos. Doutra parte grande temor,

que da Rainha auiam, sendo lembrados do grande mal, que ante desto auião recebido dos que contradisseram o casamento DelRey Dom Fernando com ella. Demais estonce, que nam sómente foraõ contra a Rainha, em ajuda do Mestre, na morte do Conde Iohão Fernandez, mas ainda em alçandose em deshonestas palauras, & doestos, que a ella foram muy graues de soportar. Assim que ficando à merce da Rainha, que conhecia por muy vingador de vontade, eralhe assas forte cousa esperar sua execução. Alem desto entendiaõ que vindo ElRey de Castella ao Reyno, entrando sanhoso dentro na Cidade, assim por rezão do pendão, que não consentiraõ leuar pela Cidade, tomando voz por a Rainha sua molher, como por ounião, que aleuantaram contra sua sogra, que era por força receberem dano nos corpos, & bens, a que contradizer nam podiaõ. Que a quizessem leyxar cerquar, & defenderse DelRey de Castella, isso era cousa, que longamente manter naõ podiaõ, & em fim era por força ser a Cidade tomada, & o Reyno todo sogeito a Castella, cà todos esperauam, que como Lisboa passasse, que assim passariam todolos outros. Outra cousa, que muyto afficaua o pouo meudo, era auer na Cidade gram parte de Gallegos, & Castellaõs, & muytos criados da Rainha, assim por criaçaõ como por bemfeitoria, & officios, que lhe derão. Os quaes auendo tal caso, que se defender quizessem, temiam de ser da sua parte, & de todo ponto estorno contra elles. E postas todas cousas ante seus olhos, nenhum era sabedor do que auia de fazer.

CAP. 21. *Das rezoens, que os da Cidade dezião ao Mestre, porque senam deuia de partir.*

ANDANDO o pouo assim aleuantado posto em trabalho de falar em taõ grandes duuidas, & vendo no Mestre tanta authoridade, que pera os defender era pertencente, ardião todos com cobiça de o ver por Senhor. E falando huns com os outros deziaõ. *Que estamos fazendo? Tomemos este homem por Defensor, cá sua discrição, & fortaleza he tanta, que bastará pera empu*

empuxar todolos perigos, que nos auir podem. Estonce chegaram a elle pedindolhe por merce que os nam quizesse desemparar, leyxando a elles, & ao Reyno todo, que com tanto trabalho fora ganhado pellos Reys, donde elle vinha, em poder de Castellaõs, cà elles bem certos erão, que ElRey de Castella era àpressa chamado da parte da Rainha, & vindo ao Reyno poderosamente era por força de se asenhorear delle, senão tiuesse quem o defender, & elles todos postos em mezquinha, & refece sugeição. E que porem lhe pedião por merce que se não quizesse partir, mas que fiquasse na Cidade, cà elles o querião tomar por Senhor, que os regese, & mandasse em toda couſa. E se por ventura o Infante Dom Iohão viesse, & lheo Reyno pertencesse por direito, que o tomarião Rey, doutra guisa não; E se era assi, como todos cuidauam, que elles o tomariam por seu Rey, & Senhor, & que se asenhoreasse logo dos thesouros, & Alfandega, & Almazens, & todos outros direitos, & couſas que pertenciam ao Rey, & que elles o poeriam em posse do Castello, & fortaleza da Cidade, & que escreuese cartas por todo o Reyno, como se esta couſa fazia, & que elles eram certos, que os mais de todos teriam esta tençam, por nam cahirem em poder de Castellãos. Deshi com esto deziamlhe como por ser da sua parte na morte do Conde Iohan Fernandez, & couſas, que se estonce aconteceram, eram postos em grande homisio da Rainha, por cujo azo era forçado, nam tendo quem se por elles poer, de receber gram dano nos corpos, & nas fazendas. Com taes couſas, & com outras semelhantes, se trabalhauam todos demouer o Mestre a se nam partir da Cidade, & ficar no Reyno por seu defensor; mas elle se escusaua com boas, & doces razoens, esforçandoos quanto podia com bõas, & doces palauras de conforto, que nenhuns delles receber podiam, nenhuma couſa lhe outorgando do que lhe em tal feito hiam requerer. Elles, nam embargando esto, quantas vezes o Mestre caualgaua pela Villa, era assi acompanhado do commum, como se das mãos delle cahissem thesouros, que todos oueſſem de apanhar, & seguindoo as gentes com grande prazer, hũs

lhe trauauão pella redea da besta, & outros das fraldas das vestiduras, & bradando todos dezião a altas vozes, que os não quizesse desemparar, mas ficasse no Reyno por Senhor delles, prometendolhe cada hum das riquezas, & bens que tinhaõ, offerecendolhe os corpos por seu seruiço. Elle ouluhauaos rindo do que dizião, & assi chegauão com elle atá onde o Mestre pousaua, & deshi tornauaõ.

CAP. 22. *Da maneira, que a Rainha ordenou pera matar o Mestre, quando soube que queria partirse pera Ingraterra.*

NAM tem o odio menos sentido dauer vingança daquelle que desama, que o amor de trigosos pẽsamentos de cedo. Pouco corre quem muito deseja, & assi como onde ha muito grãde amor, seguiraõ muidesuairados cuidados por cedo peralcãçar afim de seu desejo, assi o que tem rancor de algũas pessoas naõ cessa pensar desuayrados caminhos, com que a pague azinha sua mortal sanha: E por tanto a Rainha Dona Lianor, por vontade femenina, que geralmente he muito desejador de vingança, deshi vzando de hũ grandioso coração, de que a natureza lhe não fora escassa, por estonce nenhũa cousa a seu entendimento era mais representada, que cuidar a miude todolos modos, porque do Mestre podesse auer toda comprida emmenda, & sendo certa como se elle trigaua pera partir em naos, que já tinha bem abitalhadas, & se hir pera Ingraterra, & que nenhũs rogos, nẽ prezes do pouo o podiaõ fazer reter, entendendo que a vinda DelRey de Castella não podia taõ âpressa ser, que se elle muito mais cedo por mar não partisse, & leyxado o modo da vinda Del Rey, que determinado tinha pera delle ser vingada, cuidou de ordenar por outra maneira, porque de morte, ou posto em prisaõ por nenhũa guisa podesse escapar & foy deste geito. Quando ella foy certa que se o Mestre dispunha pera partir, pensou que entaõ tinha mais prestes azo pera o auer à mão preso, ou morto, & dizem que mandou fallar com os Mestres daquelles nauios, especialmente com o Mestre daquella nao, em que elle auia de ir, prometendolhes grandes, & assinadas merces, se isto quizessem por em obra. s. que como as Naos fossem atrauez da costa de Atouguia, q̃

saõ

saõ quatorze legoas da Cidade, q̃ tiuessem geito os Mestres, & Marinheiros de se todos meter nos bateis, & hir em terra, e leyxadas naos as desemparadas de mareantes, que era por força de virem à costa. E que estonce seria forçado de o Mestre ser morto, ou prezo & tal maginação lhe pareceo muito cõuinhauel pera seu prepósito ser muito mais cedo acabado. E presumese q̃ prouue a aquelles o que foy cometido, porque naõ dando ella tardança a tal pensamento, quãdo soube que o Mestre trigaua pera embarcar, & naõ queria ficar na Cidade, falou esta cousa com Vasco Paez de Camoens, & tanto afficou esta trigosa vontade, que ante que fosse certa se era partido, ou não, o mandou duas vezes de Alanquer a Atouguia com certos homẽs, que leuaua consigo pera aguardar como se esto puzesse em obra, & lho trouuessem prezo ally onde estaua, ou certo recado, como era morto. E quando a Rainha soube de certo que o Mestre ainda não partira, & que os da Cidade se afficauão de toda guisa de o tomar por Senhor, cessou de mandar saber nouas desto, atà q̃ soubesse se partira ou não.

.?.

CAP. 23. *Das rezoens, que Aluoro Vasquez ouue com o Mestre sobre sua partida pera Ingraterra.*

SENDO no pouo cuidado mortal, por sua segurança, & defensaõ da terra da guisa, que tendes ouuido, naõ embargando que se o Mestre escuzasse por suas rezoens á não poder fiquar em o Reyno, as gentes porem não leyxauaõ de o seguir, pedindolho cada dia por merce que os naõ quizesse desemparar. E porque era publica voz, & fama que se elle hia pera Ingraterra, vendo Ruy Pereira tanto pouo ao redor delle bradando todos que o queriaõ por Senhor, disse hũa tal rezão contra o Mestre. *Quereis que vos diga, Senhor, vos dizem, Senhor, que vos his pera Ingraterra, mas a mi parece que boõ Londres he este.* Estonce hum Escudeiro fidalgo, q̃ chamauão Aluoro Vasquez de Goes chamou o Mestre a parte & disse desta guisa. *Vos, Senhor, dizem que ordenaes de vos partir daqui, & vos hir pera outra terra.* O Mestre respondeo, *que sy. Que vos moue*, disse elle, *pera fazerdes tal partida? Moueme*, disse o Mestre,

ſtre, *a vinda DelRey de Caſtella, que he certo que ſe vem aqui, deſhi os mores do Reyno tem todos da parte da Rainha, aqual me quer muy gram mal, por a morte do Conde Iohaõ Fernandez, & ſou certo, que me azarà todo o mal, & deſhonra, por hu quer que poder. Por aqual parte*, diſſe o Eſcudeiro, *vos entendeis de partir? Entendo*, diſſe o Meſtre, *de me hir pera Ingraterra. Que vida tendes la de fazer?* diſſe Aluoro Vaſquez, *Entendo*, diſſe elle, *ſeruir a ElRey na guerra, que ouuer com ſeus inimigos, & ganhar aquella honra, & fama, que todos boõs deſejão percal çar. He verdade*, diſſe o Eſcudeiro, *Eu não ſey bẽ em eſto voſſa vontade, mas peçouos por merce que me digaes, poſto que vos la andeis quanto tempo quizerdes, & que ſiruaes muy bem a ElRey, como eu entendo que vos ſeruireis, quando entendereis vos là de cobrar outra taõ boa Cidade por força de armas como a Cidade de Lisboa, em que vos eſtais, & hu ſe offerecem os moradores della a ſeruir, & dar quãto tem atà morrer por vos ajudar? E ſe vos em outra terra entẽdeis de ſeruir por alcãçar hõra, & em feito darmas, hu podeis vos, Senhor, ſeruiço fazer, emque melhor relembrança fique de vos, que a terra, que foy ganhada, por os nobres Reys, de hu vos deſcendeis, & donde ſoes natural? mayormente em gente, que tam de coraçaõ, & vontade natural, vos offerecem ſua ajuda, & ſeruiço? Em verdade, Senhor, vos podeis fazer o que voſſa merce for, mas naõ ſeria em conſelho de vos partirdes daqui pera outra parte, nem o entendo por voſſo ſeruiço.* Quando o Meſtre ouuio taes rezoẽs pareceraõlhe boas, & começou de cuidar em ſua ficada, porque maneira poderia em ſua honra, & proueito.

CAP. 24. *Como Frey Iohan da Barroca veyo a Lisboa, & da maneira de ſeu viuer.*

AINDA que breue, & mais ſimplezmẽte eſte capitolo podeſſe ſer contado porem ſatisfazendo a noſſo deſejo, & dalguns, aque por ventura pode aprazer dello, ſem nomear outros Autores dizemos, que os modos das reuelaçoẽs ſaõ quatro. ſ. dous corporaes, & dous eſpirituaes da parte dalma. O modo primeiro corporal he quãdo os olhos corporaes ſaõ abertos a ver o Ceo, & a terra & outras taes couſas, & eſta reuelação, ou demoſtração naõ he perfeita, por quanto por ella naõ alcan-

alcançamos as virtudes das cousas,que vemos. O segundo, quando vemos a de fora cousa,q̃ tem mysterio de dentro, assi como Mouses,que vio arder o espinheiro, per que se mostraua a Encarnaçam do Filho de Deus. Dos outros dous espirituaes, hum he quando com os olhos dalma, alumiamento do Esprito Santo vimos em conhecimento de algũa cousa: outro quando por humanal esprito,a sutileza de natural engenho, inuestigamos algũa cousa, a qual verdadeiramente depois sabemos,assi como forão os filosofos, que souberam os naturaes cursos dos planetas,& assi doutras cousas. As reuelaçoens outrosy sam por sinquo modos. s, sonho,visam, coraçam,non sonho,fantasma: E estes dous modos postumeiros algũas vezes vẽ por inchamento de estamago,outras por mingoa devianda;outras por amor dealguma pessoa,a que grande bem queremos: outras vezes por gram temor;outras per azo de prefundo pensamento, de humor menencolico, & às vezes por engano de Satanàs,q̃ se transfigura em Anjo de luz,de guisa,q̃ estes dous modos postumeiros, nenhum pode dar interpretaçaõ, que certa seja.Ao coração he quãdo a algum homem de boa vida parece o Senhor Deus,ou àlgum Anjo,& lhe dizem elle, ou outra pessoa.Visam he quando homem aquillo q̃ vio em sonhos, vè despois claramente por vista,assi como o sonho, que vio Faraó das vacas, & das espigas, & declarar por sy nam souber, & ha mester que lho interpetrem, como foy o sonho do Copeiro Del-Rey Faraô. Ora se por algum destes modos sobreditos,ou por outros, que aqui nam pomos,aconteceo a vinda de Frey Ioham, a que despois chamáraõ da Barroca,disto naõ auemos mais conhecimento,saluo quanto achamos escrito, que contaõ delle algũas historias dizendo: que ante por tempo que o Mestre matasse ao Conde,viuia hum bom homem deuoto, em Ierusalem, era vida empardeado,& era Castellão. A este veo em reuelaçam, que se viesse ao porto de Iafa, & que alli acharia hũa nao prestes,que vinha pera Portugal á Cidade de Lisboa, & que entrasse em ella, & aportaria alli.O homem bom se sahio da cella, onde viuia, & chegando a aquelle porto achou hũa nao prestes, como lhe fora dito, & entrou logo em ella, & encaminhou Deus sua viagem de guisa, que chegaraõ a aquella Cidade,onde elle nunqua fora.E

como

como foy noytè disse que o leuassem a hũa alta barroca acerqua do Mosteiro de Sam Francisco desse lugar, onde auia hũa pobre casa bem pequena, & que lhe cerrassem a porta, saluo hũa muy estreita janella, que ficasse por vista, & que Deos o proueria ally do que necessario fosse. Fizeraõno assi aquelles, que desto tomaraõ cuidado, & foy encerrado em aquelle lugar. E viuendo ally o homem boõ em aspera & apertada vida, começaram as gentes de ver em elle tal deuaçaõ visitandoo com suas esmolas, de que elle pouco tomaua, q̃ todos o hauiaõ por Santo, & que Deos lhe reuelaua muitas cousas que eraõ por vir, & algũs hiaõ tomar com elle conselho por saude de suas almas, & fazenda.

CAP. 25. *Como o Mestre fallou com Frey Iohaõ da Barroca, & da reposta, que lhe elle disse.*

PORQVE dos entendidos he requerer conselho, & os grandes feitos naõ encaminharpor seu prepósito, teue o Mestre que era bem, não embargando o que lhe dissera Aluoro Vasquez, & Ruy Pereira, & outros, de se aconselhar com espirituaes pessoas, peis a tal cargo, que lhe deziaõ que tomasse, não somente compria a uer ajuda das gentes, mas ainda as oraçoẽs, & prezes dos boõs, & ajuda de Deus, & sua graça. E pella grande nomeada, que pella Cidade auia desteFrey Iohão daBarroca, assi de sua honesta vida, como de boõs conselhos, que daua a algũs, que o hiaõ visitar, foy o Mestre falar com elle, & esta fala dizem algũs que foy a requerimento do homem boõ, com o qual falara Aluoro Paez, fazendolhe queixume, como se o Mestre queria ir, & que elle lhe disse que todauia conselhasse ao Mestre, que naõ partisse, ca a Deos prazia de elle ser Regedor desta terra, & Senhor della. Outros cõtão, que o Mestre se moueo a lhe hir falar por auer delle algũ proueitoso conselho em seu feito. E hora de qualquer guisa, que seja o Mestre foy a elle, & contoulhe toda sua fazenda, & quanto lhe auiera com o pouo da Cidade, dizendocomo se todos afficauaõ de o tomar por Senhor, & que se não fosse fora do Reyno; deshi todalas outras rezoẽs, que com muitos elle ouuera, conselhandolhe todauia q̃ ficasse, mas que elle não via nenhum caminho, como

como se esto podesse fazer a seu saluo, nem do pouo da Cidade, porque ElRey de Castella vinha muy poderosamente ao Reyno, & as mais das Villas, & Lugares tinhaõ já voz delle: que pera tal defensaõ, como aquella, compria ajuda de muitas gentes, & graõ soma de dinheiros pera despeza do soldo. Deshi o Castello da Cidade, que era contra elle, ser logo tomado, que seria muy graue de fazer tam àpressa; Assi que estas, & todalas outras contrarias rezoens que o Mestre entendeo que tal feito embargar podiaõ, contou pello miude ao homem boõ, & elle a todas respondeo de guisa, q̃ o Mestre folgou muito com sua reposta, poendolhe grande esforço em elles, dizendolhe todauia, que se naõ fosse do Reyno, & começasse de seguir seu feito com ardideza de coraçaõ, & a Deus prazia de elle ser Rey, & Senhor delle, & seus filhos depois de sua morte, & que pera tomar o Castello da Cidade fizesse hum artificio de madeira, que chamão Gata, & que logo sem muita detença seria tomado com mui poucas gentes. O Mestre, quando esto ouuio, marauilhandose das palauras do homem boõ, & começãdo de cobrar esforço, partiose entonces dante elle assaz cuidadoso de sua fazenda.

CAP. 26. *Como foy acordado de enuiar â Rainha cometer casamento com o Mestre, & segurança pera os da Cidade.*

NAM conuem calar, posto que poucos liuros desto façaõ mẽção, a maneira, que o Mestre teue, depois que falou com Frey Iohaõ aquella vez, & outras algũas em rezão de sua partida, ou ficada, porque cuidando elle o prosegumento de tantos trabalhos, & cuidado como compria a tal feito, mandou chamar Aluoro Paez, & outros alguns da Cidade, que lhe sobre esto auiaõ falado, & disse: que pensando elle no que lhepor vezes disseraõ, em rezaõ de sua ficada em o Reyno, duuidou em ello muito, & que via tantos cõtrairos, q̃ esta cousa não poderia hir auante com sua honra, & proueito delles, que sempre duui dara muito de o fazer, porq̃ cuidassem bem em ello, que não era cousa pera começar assi de ligeiro, & que se algũa boa maneira podessem achar acerca do que começar queriaõ, que elle prestes era pera o por em obra, & doutra guisa, melhor seria não começar, & buscarlhe outro remedio. E falando

lando sobre esto perlongados ser moës, vieraõ algũs a cuidar, que por esquiuarem semelhante dano, qual auiera ao Reyno no tempo Del Rey Dom Fernando com guerras. Deshy por esta cousa ser milhor, & mais proueitosamente feito, que era bem que o Mestre cazasse com a Rainha Dona Lianor dizendo que ella auia dauer o Regimento do Reyno por certos annos, segundo nos trautos era conteudo, & que em tanto poderia ser que haueria El Rey de Castella filho da Rainha Dona Breatiz, oqual auia de ser trazido ao Reyno, & criado em elle, como nas auenças fora outorgado, & que elle com a Rainha seria Regedor todo aquelle tempo & quando viesse aquella sezam que elle ouuesse de reynar, que ficaria o Mestre Gouernador Del Rey, & o mór do Reyno, & de seu Conselho, & desta guisa seria a terra em assecego, & paz, & elles seguros de parte da Rainha pella oniaõ, que aleuantaraõ contra ella, & que o Papa vendo quãto bem se de tal cousa seguia, que ligeiramente dispensaria com elles, que podessem ambos casar. Foy esta cousa dita ao Mestre, & posta em conselho, perante aquelles com que rezão tinha de o fazer, & foy determinado que era proueitosa por estas rezoẽs, que ditas auemos, & outras muytas que alguns assinauam, dizendo q̃ era bem de ser cometido, & veriaõ que reposta dauão a ello, & ordenando quem lá ouuesse de ir, acharaõ que era bem enuiar sobre esto Aluoro Gonçaluez Camello, que foy depois Prior do Espital, & Aluoro Paez Cidadão, de q̃ ensima he feita menção, os quaes chegando a Alanquer receberaõ della grande, & infindo gazalhado fengido, especialmente Aluoro Paez, a que ella mor mal queria, & falando à Rainha sobre aquello, a que eraõ inuiados, nam se ordenou com elles em feito de casamento: quanto à segurança dos moradores da Cidade pella oniaõ, que leuantaraõ contra ella dizem algũs que teue este geito, como era prudente molher, & sages, vio que não lhe dando segurança, que o pouo requeria, que como todos andauão aleuantados, que se poderia seguir mais pior, & ella estonce naõ teria azo de se vingar delles, segundo desejaua, & porẽ em ello duuidaua, fingio que comungaua de hũa hostia, a qual affirmão que não era sagrada, & deulhe suas cartas de seguro pera se partirem. Ora assi aueo que depoisque a Rainha foy em Alanquer, como dissemos

come-

começaraõ de falar perante ella esses fidalgos,& outros, que presentes eraõ, sobre o que a cada hum ficara na Cidade, de que se mais doiia, mostrando os taes quanto lhepezaua de o assi perderem. A Rainha ouuindo falar em esto disse contra os outros: *Quãta mim não me peza doutra cousa, que me là ficasse, como do barcinete, & da cotta de Aluoro Paez com o sayaõ.* Disseraõ elles. *Que taõ boas armas saõ essas, que vos naõ podeis auer outras taõ boas por dinheiro?* *Não me dariaõ* disse ella, *outras taes por nenhum dinheiro, & se me alguem estas desse á maõ, eu lhe daria por ellas quãto me pedisse.* E marauilhandose todos que armas poderiaõ taes ser, souberaõ que o dizia por Aluoro Paez, ca era caluo, & por a cotta da cabeça. Algũs, que lhe esto ouuiraõ, foraõ dizer a Aluoro Paez, & trabalhou de se partir mais à pressa, & encaminharam pera Lisboa, & antes que se partisse de Alanquer disse o Conde Iohaõ Affonso a hum escudeiro cazado em Lisboa, com quem auia conhecimento, que hia em companhia dos Embaixadores. *que bem via como Castella era cõtra Portugal, & Portugal contra sy mesmo, & que bem deuia entender que tal sandice, qual leuantauaõ dous çapateiros, & dous alfayates, querendo tomar o Mestre por Senhor, que não era cousa pera ir a diante, & que por tanto, ao menos por segurança de seus bens, que leyxásse a Cidade, & se fosse pera elles. Nunqua tal vistes*, disse o escudeiro, *quãdo cá estou, parece-me que he assi como vos dizeis, & depois que làsaõ, semelhame que todos naõ valeis nada, & que quãto me falais, que tudo he vento.*

CAP. 27 *Como o Mestre outorgou de ficar por Regedor, & Defensor do Reyno, & do que foy falado na Camara da Cidade sobre sua ficada delle.*

EM QVANTO Aluoro Gonçalues, & Aluoro Paez foram enuiados a Alãquer, aluoraçaraõse as gẽtes da Cidade, sabendo que ElRey de Castella se vinha chegando ao Reyno, & disseraõ huns cõtra os outros. *Que temos de fazer com enuiar recado à Rainha, nem poer em esto mais longa tardança vamos ao Mestre, & peçamoslhe affincadamente que seja sua merce em toda guisa tomar carrego desta Cidade, & Reyno, & nos o seruiremos com os corpos, & aueres, & lhe daremos todo quanto temos*

to temos; E assi faraõ todolos outros do Reyno, que verdadeiros Portuguezes forem, & não curẽ de mais inuiar recado à Rainha, nem da reposta, que lhe ha de mandar. Estonce o Commum pouo liure, & não sogeito a algũs, que o contrairo desto sentissem lhe pediraõ por merce que se chamasse Regedor, & Defensor dos Reynos. E elle vendo seus grandes desejos, deshi o conselho de Frey Iohaõ, & dos outros, que lhe sobre esto hauião falado, outorgou de o fazer, com tanto que elles se jũtassem todos aquelle dia no Moesteiro de Sam Domingos, pera auer de falar o q̃ sobre ello entendia de fazer em rezão da sua ficada; por quanto eraõ requeridos, & elles disseraõ que lhe aprazia muito. Iuntos esse dia muito pouo da Cidade em aquelle Moesteiro, propoz o Mestre como se entẽdia partir do Reyno, & as rezoẽs porque, como jà dissemos; Deshi como lhe fora requerido muy tas vezes por elles que todauia ficasse por seu Defensor, & que elle se escuzara dello por certas rezoẽs, que lhe logo assinou; mas pois se elles tanto aficauão, & afirmauaõ que todauia não partisse, & ficasse na Cidade, que elle por seruiço & honra do Reyno determinaua em sua vontade de ficar, com tanto que elle estiuesse em maneira de o seruir, & soportar em aquella honra, & estado, que compria por defẽsaõ do Reyno, elles a hũa mavoz não esperãdo q̃ falasse hũ por todos, mas quantos hi eraõ juntos, altamente disseraõ que lhe prazia de o seruir, & ajudar com os corpos, & aueres atè morrerem todos ante elle. E o Mestre respondeolhe estonce; que pois elles assi dezião de tomar cargo, & ser seu Defensor, & poer o corpo a qualquer auentura, por honra do Reyno, & sua defẽsaõ delles. Quando o Mestre outorgou desta guisa ter cuidado, & regimento do Reyno, toda a tristeza foy fora das gẽtes, & seus coraçoẽs não deraõ lugar a nenhũa trespassação do temor, mas todos ledos sob a boa esperança fundada em bemauenturado fim se esforçaraõ de leuar seu feito a diante, tendo grande fè em Deus, que os auia de ajudar & disseraõ logo ao Mestre: por quanto na Cidade hauia muytos honrados Cidadaõs, que alli naõ estauão presentes, que fossem chamados à Camara do Concelho, & que lhe fosse todo rezoado, & preposto, quãto a elles fora dito, de q̃ guisa outorgassẽ todos, & q̃ elles disseraõ que o querião fazer, o Mestre disse que era muy bem, & foraõ em outro dia todos chamados,

mados,& ſendo aſſi juntos em aquella Camara da Cidade,foy rezoado por parte do Meſtre como todo opouo meudo o recebia por ſeu Regedor,& Defenſor, & que ora era a elles requerido ſe lhes prazia outorgar aquello,que todo o pouo aſſi tinha outorgado.Nenhum não reſpondeo,calandoſe todos juntos falauão muy manſo à orelha com os q̃ ſiaõ acerca delles,aſſique nenhum daua repoſta,& amoſtrance q̃ conſentia em couſa, que outros diſſeſſem,não por lhes a elles não prazer de a Cidade,& Reyno ſer defeſo dos imigos, mas porque todos aquelles douidauão de tal couſa poder ir a diante,nem hauer depois boa fim. Mas a entẽção do pouo meudo era muito por contrairo.Deshi auião grande receo da Rainha de lhe encoimar eſto com grande tormentos, como feito foy no tempo DelRey Dom Fernando,quando lhe contradiſſeraõ o caſamento daRainha com elle.E douidando eſtes,que eraõ chamados,& não reſpondendo ao q̃lhe dizião,era hi muito pouojũto,antre os quaes eſtaua hum thenoeiro,q̃ chamauão Affonſoeanes Penedo,q̃ fora preſẽte com todolos outros,quando ſe ajũtaraõ em S, Domingos, outorgando de receber por Senhor o Meſtre.E vẽdo q̃ nenhum não falaua dos mais honrados da Cidade,q̃ eraõ preſẽtes,começou de ſepaſſear andãdo & poz a mão em hũa eſpada,q̃ tinha na cinta. *Que eſtais voſoutros aſſi cuidãdo? & q̃ naõ outorgaes oq̃ outorgaraõ quãtos aqui eſtaõ? E como? ainda vos douidaes detomar o Meſtre por Regedor deſtes Reynos & q̃ tome cargo de defẽder eſta Cidade, & avoſoutros todos? Parece q̃ não ſois voſoutros verdadeiros Portuguezes. Digouos q̃ quãto por eſſa guiſa buſcayuos todos cedo em poder de Caſtellaõs.* E em tãto falauãoſe algũas rezoẽs entre elles ſobre eſto, mas nenhũa repoſta ſe daua,qual compria,por quanto eſtesmayores ſe receauão muito das rezoẽs,que jà tendes ouuidas.Eſtonce aquelle thenoeiro encima nomeado poz a mão na eſpada outra vez,e diſſe cõtra aquelles,a que ſe fazia tal requerimento. *Voſoutros que eſtais aſſi fazendo? Quereis vos outorgar o q̃ vos dizem? ou dizei que não quereys, que eu em eſta couſa naõ tenho mais auenturado, que eſta garganta, & quem eſto não quizer outorgar, logo ha meſter que o pague pella ſua, ante que daqui parta.* E todos, que hi eſtauam do pouo meudo, aquella meſma rezam diſſeram. Vendo aquelles, que foram chama-

dos o aluoroço, que todos fazião & que lhes não compria desto ter outro contrairo geito, outorgaraõ estonce quanto os outros tinhão prometido, & foy assi escrito, & assinado por suas maõs. E desta guisa foy o Mestre tomado por Regedor, & Defensor do Reyno, no qual Regimento, & defensaõ, que fez, bem se mostrou depois sua virtuosa ardideza, como adiante podereis ver.

CAP. 28. *Como o Mestre tomou officiaes pera sua Casa, & que ditado ordenou de se porem nas cartas.*

DEPOIS q̃ o Mestre por todolos da Cidade este outorgamento de o receberẽ por Senhor teue, & ordenou a maneira, q̃ auia de ter por defensam delle, & de todo o Reyno, & foraõ logo feitos dous sellos, hũ pẽdente, & outro chaõ, das armas de Portugal ditas enadẽdo entre os Castellos a Cruz da Ordem Dauiz da guisa, q̃ vedes q̃ hora traz. Efez o Mestre seu Chãçarel mór o Doutor Ioaõ das Regras, q̃ era mui grãde leterado. E o ditado, q̃ tomou, q̃ se escreuia em todalas cartas, dizia deste modo. *Dom Iohaõ, por graça de Deos, filho do muy nobre Rey D. Pedro, Mestre da Caualaria da Ordem Dauiz, Regedor, e Defensor dos Reynos de Portugal, & do Algarue.* E tomou pera seu conselho este Doutor, que dizemos, & D. Lourẽço Arcebispo de Braga, & Iohaõ Affõso da Azãbuja, q̃ depois foi Arcebispo de Lisboa, & depois Cardeal, & Iohaõ Gyl lecenceado em leys, & Lourẽço Esteues o moço filho de Lourenço Esteues, Priuado q̃ foy Del-Rey D. Pedro, & estes ambos Dezẽbargadores do Paço, & de seu Cõselho, e Proueadores de sua fazenda, & Iohaõ Gil, & Martim da Maya. E pera Thesoureiro da moeda hũ Mercador, q̃ hauia nome Mice Persiual, & foy Corregedor da Cidade outro Mercador, q̃ dizião Lopo Martins, & Almoxarife das Casas, & tendas Iohaõ Domingues Torrado. Repartio outros officios por taes pessoas, quaes entẽdeo, q̃ era seu seruiço, e proueito da terra. E foy logo ordenado na Cidade, q̃ vintequatro homẽs, dous de cada mester, q̃ tiuessẽ carrego de estar na Camara pera toda a cousa, q̃ se ouuesse de ordenar por bõ regimẽto, & seruiço do Mestre, fosse cõ seu acordo delles. Outros muytos officios foraõ dados a pessoas, q̃ seria lõgo de dizer, como Reyno, q̃ se nouamẽte começaua de ordenar. E ẽ fazẽdo

estas

estas cousas, chegaraõ os q̃ foram enuiados a Alanquer, com a repo sta, & cartas da Rainha, e o Mestre não as quiz ler, & rõpeoas logo; & elles folgaraõ muito quando viraõ, que com puro, & limpo de sejo tomara cargo de reger, & defẽder aquelles, que o ajudar, & defender querião. Onde sabey que como o Mestre tomou voz de Regedor, & Defẽsor do Reyno: muytos, q̃ eraõ criados da Rainha, & feitos por ella, & seus familiares, se foraõ logo da Cidade pera là partiraõse de Lisboa, temẽdo estar ẽ ella, pello grãde aluoroço q̃ viaõ nas gẽtes, & medo mui forte Del Rey de Castella. E anteq̃ partisse tomauão todos seus aueres em arcas, & trouxas, como melhor podião, & punhaõno em guarda em casa deseus amigos. E muitos dos q̃ chegauão ao Mestre por o auer de seruir, sabẽdo parte de taes aueres por algũs, que lho descobriaõ pedião que lhe fizesse delles merce, & elle sem mais detẽça, sem sabendo se era muyto, se pouco, outorgaualhe quanto pedião, & muitos aceitauão mui grandes aueres E Aluoro Paez, q̃ fora muito em ajuda dos feitos do Mestre, segũdo encima jâ tendes ouuido, vendo tal demanda, q̃ se começaua, como algũs dizião ao Mestre, q̃ não desse assi aquelles aueres, que muito melhor serião pera elle, & lhe disse hum dia falando com elle, *Senhor, credeme de conselho, & daruosha muy grande ajuda pera leuar vosso feito adiante. Que conselho he esse?* disse o Mestre, *& se for boõ praz me hia muito. Senhor* disse Aluoro Paez, *fazey por esta guisa, day aquello q̃ vosso não he, & prometey o q̃ não tendes, & perdoay aquem vos não errou, seruosha muy gram ajuda pera tal negocio em qual sois posto.* O Mestre disse que lhe parecia muito bem, & fezeo assi, que daua os bens em todolos lugares, que por elle tinhão voz, das pessoas, q̃ andauam cõ a Rainha, ou que se hião pera ElRey de Castella, & nas cartas, nas doaçoẽs dezia. *Por quãto anda em nosso deseruiço com D. Iohaõ q̃ se chama Rey de Castella.* E prometia officios, & terras, & outras, cousas, que não tinha, das que tinha esperança de cobrar adiante & perdoaua as mortes, & maleficios, a quantos lho requeriam, com tanto que não fosse aleiue, oũ à treiçaõ, & se fossem feitos ante do primeiro dia de Dezembro, em q̃ elle matou o Cõde Iohaõ Fernãdez da era de mil quatrocẽtos & vinte & hũ, cõ cõdiçaõ q̃ a certos dias sevieſſẽ a Lisboa à sua custa, em quanto durasse a guerra. Dos aueres, que ficaram

escondidos, ouue o Mestre hum grão thesouro da Condessa molher do Conde Iohão Affonso Tello, irmão da Rainha, o qual leixaua em S. Domingos em guarda, quando se a Rainha partio pera Alanquer, & era de muito ouro, & prata, & joyas, & pedras, & outras cousas, & não embargando q̃ secretamente fosse posto em lugar escuso sobre a porta principal ade dentro, antre o sobrearco, & o telhado, não mingou quẽ o descobrio, e foy todo leuado ao Mestre.

CAP. 29. *Como o Infante Dom Iohão soube que o Mestre seu Irmão se chamaua Regedor, & Defensor do* Reyno, *& a maneira, que em ello teue.*

NAM curando muito de algũas rezoẽs, q̃ escritas achamos, em este lugar sómẽte desta, q̃ rezoada parece, diremos bruemẽte por nos espedir, a qual he q̃ o Mestre, quãdo tomou cargo de Regedor, e Defẽsor do Reino, naõ embargãdo as rezoẽs, q̃ ouuistes, q̃ lhe dissera Frey Iohaõ da Barroca, sua tẽção porẽ não foi de reinar, mas por tal q̃ sua fama crecese de bem em milhor: deshi doendose da terra, de hu era natural, & auẽdo amadiosa piedade do comum pouo, q̃ o tãto aficaua, tomou tal cargo, & não doutra guisa, esperãdo q̃ o Infante D. Iohão seu irmaõ ouuesse azo por algũa maneira de ser liure da prisaõ, & solto, & vindo ao Reyno o podesse cobrar, & ser senhor delle, como algũs dizião, aqual cousa seria aelle grãde hõra, & façanha muito delouuar & q̃ lhe todo o mũdo teria agraõ bẽ. E tendo o Mestre ordenado de fazer a saber na melhor maneira q̃ podesse, aueo que hum escudeiro dos criados do Infante Dom Iohaõ, que andauão por Castella espargidos, & delles por Portugal, ouuindo dizer que o Mestre seu irmão tomara vos de Regedor, & Defensor do Reyno, deshi, como outros dizião q̃ não embargãdo isso, iria fora da terra, cuidou de o fazer saber ao Infãte pera serdello em conhecimẽto, & ver q̃ lhe mãdaua fazer em tal feito. E por quãto era defeso por El Rey de Castella q̃ qualquer do Infãte, q̃ fosse achado no lugar, onde elle jazia, q̃ fosse retente atà sua merce, foy alà aquelle escudeiro o mais encubertamente q̃ pode, & falou com hũ frade em confissão, pelo qual fez saber ao Infante aquello, por que era alli vindo, dizendo como se affirmaua que seu irmaõ aquella tenção, que tomara de Regedor, & Defensor do Reyno

no, entendia de leuar a diáte atè esperar ser cercado Del Rey de Castella em Lisboa, & outra qualquer cousa, q̃ lhe auir podesse. E q̃ porẽ fosse sua merce de lhe mandar dizer q̃ lhe rogaua q̃ era o q̃ faria desy. Ao Infãte prouue muito cõ taes nouas, porq̃ fora preso daquella guisa, & mandoulhe dizer, q̃ lhe rogaua quanto podia q̃ elle, & todos quãtos seus criados se fossẽ pera o Mestre, & o seruissẽ & q̃ este era o mor seruiço, q̃ lhe por estõce podia fazer, & mais q̃ dissesse a seu irmão de sua parte: *que lhe enuiaua rogar, & pedir q̃ em toda guisa se chamasse Rey de Portugal, se o queria ver solto, ca doutra guisa elle nunqua entendia sahir de prisão.* E dizem algũs que disto lhe deu sua carta de crença assinada por elle. O escudeiro se partio de Toledo, & achou Iohaõ Lourenço da Cunha, marido q̃ fora da Rainha Dona Lianor, & outros seus criados do Infante, & contoulhe todo o q̃ lhe auiera cõ elle. Estonce se partiraõ pera Lisboa aquelles, q̃ disto souberaõ parte, & vieraõse pera o Mestre, & elle os recebeo muy bẽ, & folgou muyto cõ elles, & quando vio o recado do irmão, cessou de lhe escreuer o que tinha em vontade, & em rezão da gouernança do Reyno.

CAP. 30. *Do recado, que à Rainha mandou a Gonçalo Vasques de Azeuedo, anteque partisse pera Santarem, & das rezoens, que disse aos do lugar.*

CERTO he q̃ quaesquer historias muy to milhor se entendem, & lembrão, se perfeitamente, & bẽ ordenadas, que o sendo por outra maneira. E posto q̃ nossa tençam seja destas, q̃ escreuer queremos, ó serem em boõ, & claro estylo, porẽ tão grandes historias não podẽ ser tão prestes, mayormente em este lugar, q̃ desuião muyto de tal ordenança, & nosso desejo, & vontade, porq̃ El Rey de Castella vem pera entrar em Portugal. Nu naluerez outro sy vẽ a Lisboa, desi o Castello de Lisboa trabalhase o Mestre cõ o pouo de o tomarem, & alçarem vellas contra os Alcaydes dos Castellos: pello Rey no leuantaraõse ounioẽs hũs contra os outros, & fazẽse outras muitas cousas, & hũa cazão de guisa, q̃ toruão as outras a senão poderẽ contar nos dias, q̃ começaraõ, segundo nosso juizo, milhor he de dizer hũas, e depois outras, posto q̃ a algũs esto não apraz, que as

emburilhão confuſamẽte,& ſerẽ piores muito de entẽder. Porẽ le uemos primeiro a Rainha a Santarem, & depois falaremos do muito de louuar Nuno Aluerez, como ſe veyo a Lisboa pera o Meſtre,& depois da tomada do Caſtello,&aſſi doutras couſas,como as melhor podermos encaminhar Onde entendey que como a Rainha ſoube q̃ os da Cidade tomarão o Meſtre por ſeu Regedor,& defẽſor,& q̃ elle em ſuás cartas vzaua jà de tal ditado,q̃ outra noua guerra ſe gérou nas entranhas della cõ mortaes cuidaçoẽsdelhe empecer. Porẽ penſando muitas couſas,& voluẽdo o entẽdimẽto cuidou de ſe partir de Alãquer,& ſe hir pera Sãtarem,& porq̃ as gẽtes deſta Villa ſe leuãtaraõ antes deſto cõtra o Alcayde quãdo por ſeu mandado trouue o pendãope la Villa, ſegũdo haueis ouuido, e não era certo ſelhe tinhão boavõtade,ante douidaua muito peloq̃ aſſi fizeraõ,mayormente eſtonce pelo leuãto de Lisboa, cuidou q̃ era bem de ſaber por algũa guiſa ſuas võtades delles:anteq̃ ao lugar chegaſſe eſcreueo a Gonçalo Vaſquez de Azeuedo que eſtaua em Santarẽ por Alcayde,q̃ falaſſe cõ eſſes bõs do lugar na milhor maneira,q̃ entendeſe, & ſoubeſſe de ſuas võtades q̃ taes erão cõtra ella,& o que emelles achaſſe lhe fizeſſe depois a ſaber,& ſegũdo viſſe q̃ compria a ſeu ſeruiço. E Gonçalo Vaſquez mãdou dizer hũ dia a eſſes do lugar q̃ ſe ajũtaſſem todos na Igreja de S. Iohaõ de Alpião por falar com elles algũas couſas:& depois q̃ hi foram jũtos chamouos todos pera hum gram curral fora da Igreja,& diſſe em eſta guiſa. *Homẽs bõs,bem ſabeis como eu ſaõ voſſo viſinho,& natural dẽſte Reyno,& tenho aqui em elle meus bẽs, & caſas tantas, & mais q̃ ẽ outra parte: pellaqual rezão ſẽpre quiz,& quero bem a eſte lugar,& aos moradores delle, Credeme que todas as couſas,q̃ por voſſa honra,& acrecentamento poderẽſe fazer,que ofarey muy degrado.Ora,amigos,aſſi he que eſta noite jazendo,& penſando em algũas couſas de minha fazenda vim a cuidar por voſſa honra, & minha ajuda,& de todos moradores deſte lugar,hũa couſa q̃ tal he, & ſe vos parecer q̃ he bem o q̃ eu diſſer no nome de Deos ſeja, ſe doutra guiſa entenderdes q̃ he milhor, em qualquercouſa,q̃ vos todos acordades,me acordarey eu comuoſco,por que de todo bem, que a eſte lugar viẽſſe queria eu ſer quinhoeiro ainda do contrario quãdo miſter fizeſſe.E porẽ me demoui a vos dizer iſto Vos ſabeis bẽ o q̃ aconteceo á*

Rainha

ende elle pousaua. Ià ouuirieis tudo o que sobre isto aconteceo, & como se a Rainha partio dahi, & se veo pera Alanquer, & q̃ os moradores de Lisboa, fizeraõ este, & outros a leuantamentos, q̃ jà fizerão, segũdo bẽ sabeis. Não he de marauilhar, q̃ saõ gẽtes de muitas misturas, & a leuãtaõ entre sy desuairadas opinioens, & aluoroços. E porq̃ a Rainha està em Alãquer, q̃ he lugar, onde ella por hora naõ está taõ honradamẽte, como estaua aqui, parece me q̃ era bẽ q̃ lhe inuiasseis pedir por merce q̃ se viesse pera esta Villa, dizẽdo q̃ vos parecia que naõ era sua honra, nem proueito estar taõ perto de Lisboa, & em tal lugar como aquelle: q̃ pera qualquer cousa, que quizesse, q̃ mais seguramente èstaria aqui, q̃ onde està. Ella hora lhe prazerà, hora naõ, teruoloha em seruiço, & vos ficareis por ello louuados. E porq̃ entendi q̃ esto era vossa honra, & minha, cuydei de volo dizer, & vos fazei como por bẽ tiuerdes. Então respõderaõ todos q̃ dezia muito bem, & q̃ lhes prazia dello, & q̃ assi o mandariaõ dizer por sua carta. E elle disse, q̃ pois assi era, q̃ elle seria o mesageiro dello, & lhe contaria ainda a boa võtade, q̃ em elles sentira em toda cousa, que por sua honra, & seruiço della podessem fazer. Entaõ se partio Gonçalo Vasquez dizẽdo q̃ por isso iria a Alãquer mais cedo do q̃ cuidaua, & quando chegou & contou à Rainha a reposta, q̃ em elles achara, prouuelhe muyto, & ella mandoulhes dizer por sua carta q̃ lhes guardecia muyto a que lhe escreueraõ, & a vontade boa, q̃ tinhaõ de lhe fazer seruiço, & q̃ os hauia por boõs, & leaes, & q̃ tossem certos q̃ lhes faria por ello muytas merces em qualquer cousa, q̃ lhe requeressem.

CAP. 31. *Como a Rainha partio de Alanquer pera Santarem, & das rezões, que disse aos do lugar, ante que partisse.*

RAINHA, como soube por Gonçalo Vasquez, que era estonce Alcayde de Sanctarem, que os do lugar erão prestes pera seu seruiço, & que lhes prazia muito de sua hida pera là, ordenou de se partir de Alanquer depois da festa do Natal, & leyxou por Alcayde do Castello Vasco Peres de Camoẽs, & por guarda da Villa, Martim Gonçalues de Ataide, & ante que partisse mandou chamar os homẽs boõs da Villa, & disselhes estas palauras. *Amigos, bem sabeis como esta Villa he minha, & vosoutros todos sois meus:*

deshi vedes bem o aluoroço de Lisboa, com o Mestre, q̃ não sey, disse ella, *se he Mestre de Christus, sede bombardas, & marauilhome qual foy a sanha ou sandice, que os fez mouer a tal cousa, porem vos não cureis da sandice delles, nem do aleuantamento, que fizeram mas sede boõs, & leaes, como sempre fostes, & fareis muyto de vossa prol, & honra, & a mim seruiço, porque vos sempre farey muytas merces quando me por vos forem requeridas.* Responderaõ estonce todos, & differaõ: que a Villa, & elles todos eraõ seus, & pera seu seruiço, & que outra voz não tomarião, saluo a sua, nem farião outro mandado, se não o seu, como sua Senhora, que era. E ella disse que lho agardecia muyto, & partio estonces pera Santarem. Hião com ella os Condes seus irmãos, & o Almirante Mice Lançarote, & Iohão Affonso Pimentel, & Iohão Gonçaluez de Obedos, & todolos que estauam na Casa do Dezembargo de Lisboa, & algũs outros Caualeiros, & Escudeiros, todos porem pouca gente. E quando chegou a Sãtarem sah raõ a receber essas molheres do lugar, & os Iudeus com as touras, & ella hia sobre huma mula de albarda cuberta com hũ muyto grande manto preto, de maneira que lhe nãoparecia o rosto, & assi chegou ao Castello, & Gonçalo Vasquez, que era Alcayde delle, pedio que lhe quitasse amenagem, & toylhe quite por escritura, & a Rainha ficou aposẽtada em elle. Gonçalo Vasquez se foy pera suas casas. O Conde Iohan Affonso foy pouzar na Alcaçoua, que então bem pouoada, & cerrada sobre sy era, & não leixauão sair, nem entrar nenhum, se não por recado, velandose a Villa cada noite por temor das gentes de Lisboa, que eraõ contra a Rainha. E o Conde Dom Gonçalo sabendo que ElRey de Castella vinha, & não sendo certo como se os feitos auião de seguir, a poucos dias se partio dahi, & se foy pera Coimbra. Mas conuem cessar disto por tornarmos a falar de Nuno Aluarez, assi de sua linagem, & criação, como da vinda, que se veo pera o Mestre a Lisboa.

CAP. 32. *Rezões do Autor desta obra, anteque fale de Nuno Aluerez.*

ESCREVENDO em este passo sẽ constranger nenhũa cousa, entendemos dizer nos feitos deste homem, o modo que

que tem algũs prègadores,q̃ dentro no sermão enxertão a vida daquelle,de que pregaõ, & na fim delle concludem seu thema. E nos,postoque já falassemos algumas cousas deste Nunalverez seus glorioſos feitos adiante escritos, cõuem, que espertem perguntar algũs du veo seu linagem,& qual foy seu começo; porem cessando hum pouco de proseguir nossa ordenança, até que isto em breue ponhamos por modo de prologo que elle bem merece. Primeiramente dizemos assi,porque experiencia nos ensina,que não ha hi tal,que naça sem algũas condiçoẽs desuayradas,&q̃ nossa natureza não pode estar em tãtoasesse go q̃ algũas vezes não receba toruação.Deshi,porque este discreto modo nas vans delectaçoens he cousa muy forte,&graue de fazer por tanto he hauido por bõ qualquer,que por continuada batalha vence assi seus naturaes desejos,q̃ nunqua em elle he achada mingoa hu grande lugar haja reprensão.E se tal vontade traz consigo honra,este,de que falar queremos a merece muy grande,pois por peleja,que nunca cessa,não sem grãde força, & resistencia sogigou por tal guisa os vicios carnaes, q̃ cheo de fruito de grande proueito,o não podia nenhũ prazmar do merecimento algum,que notauel fosse.E podendo nos largamente ordenar seus prudentes feitos,isto seria a vos gracioſa relembrança,& cousa mais doce, que ligeira de fazer. Mas quem poderà dignamente contar os louuores deste virtuoſo barão, cujas obras,& discretos autos,sendo todos postos em escrito,ocupariaõ gram parte deste liuro,certamente nos tora singular prazer, se em sua hiſtoria puderamos seguir a ordenança dosque ditão as cousas em vida daquelles,aque acontecem,decendendo a louuar cada hũa bondade por sy,pois cada hũas virtudes saõ merecedores de seus pregoens,mas hora depois de seu passamẽto,mortos os mais dos que lhe foraõ companheiros,já de seus bons feitos mais gastar não podemos,senão as escassas reliquias delles. Assi que ante despenderiamos longo tẽpo em ler,&ouuir suasproueitoſas obras q̃ breue espaço sermos ocupados em as recontar, & por em ordenança, mayormente pois fugir não podemos aos que em reprender tomão deleitaçaõ, cujo costume apropriando sua reprensaõ a todo prepoſito,em parte que queremos cousa algũa dizer,não podemos que elles julguem por reprendoira,porque algũs sem limpo de-

po deſejo podem dizer que nos o louuamos mais do que ſeus feitos merecem, moſtrando ainda, ſegundo diſſemos, que em eſte ſegre não pode auer tal, que de mingoa algũa poſſa carecer, a grauando em elle algumas leues couſas com grande carga de reprenſaõ; Ou taes diraõ que por vẽtura que ſeu louuor he menos do que deue, tendo ſeus feitos em muito maior conta, do que por nos ſerão recontados, prazmandonos de ouzada prezunção de querer por em eſcrito, o q̃ já compridamente fazer não podemos Outros quereraõ dar por conto tantas boas couſas feitas por algũs de menos authoridade, & hõra, dando rezoẽs pera os igualar a eſte de mais grão eſtado. Mas ainda que algũs fizeſſem grandes, & fermoſos feitos, cujas bondades não entendemos de eſquecer. Porem não achamos hi tal, que crecendo de hũa virtude em outra por não canſada firmeza encorreſſem em elle tantas bemauenturanças, dando lugar a eſtes, cujo officio ſempre achaõ em que obrar, pois em vida delle não foi algũa couſa eſcrito nos empenoſos deſejos, & trabalhoſa cuidação. Nos ſob hũa breuidade do curto eſtylo, entendemos de ſeguir ſeus excellentes autos, osquaes, ainda que a algũs não aprázã outros, com aguilhoẽs da prouei toſa enueja podem eſpertar a fazer ſemelhantes.

CAP. 33. *De que linagem decendeo eſte Nunaluarez, & quem foy ſeu padre.*

CONSIRAR deuemos, quanto á ordẽ dos mundanaes feitos, que a primeira couſa, que he de ſaber deſte homem, aſſi he começo de ſeu linagem. E porem ante que ſuas bondades comendemos com algum louuor, vejamos quẽ foi ſeu Padre, & Madre, & quaes delles decenderão. Onde aſſi foy que em Portugal ouue hum boõ & grande fidalgo nobre de linagem, & condição, que auia nome Dom Gonçalo Pereira. Eſte era de graõ caſa, & Eſtado, & acompanhado de muitos, & bõs parentes, & criados, muyto grado, & preſtador aſſi aos ſeus, como eſtrãgeiros, em guiſa que de ſua grãdeza ſe acha eſcrito que decendia eſtando em Pereira caualeiros, & fidalgos que eraõ chegados a elle; ſeu linage de que antigamente decende, quem largamente o quizer ver, buſque o liuro da linagem dos fidalgos no titulo 21. no §. 11.

§. 11. & por ali pode saber compridamente. Elle ouue certos filhos, de que dizer não curamos, saluo de hum, a q̃ chamaram Gõçalo Pereira, como seu Padre, q̃ foy Arcebispo de Braga, & hũ dos grandes Prelados, que houue em Portugal. Este Arcebispo D. Gonçalo Pereira houue hum filho, a que disseraõ Dom Frey Aluoro Gonçaluez, que foy Priol do Esprital, o qual foy muy grande, & honrado, & auondoso de riquezas, & de boas condiçoẽs. Este foy fora deste Reyno ao Conuento de Rhodes muy grandemente & bem guarnido, assi de escudeiros, como doutra gente, ca elle passou a aquella terra com vinte de caualo, & por galardão de seus bons feitos lhe proueo o grande Mestre daquella Dignidade. Elle fez na ordem, depois que foy Priol muy boas cousas, por acrecentamento della, antre as quaes foy o Castello da Amieyra, que he assáz forte, & bem famoso, & os Paços, & Assentamento de Bomjardim a par de Santarem, que he boa obra, & graciosa de ver, & a fortaleza de Frol da rosa, q̃ he acerca do Crato, lugar detensauel, & bem obrado, no qual edificou huma grande, & deuota Igreja à hõra de Santa Maria. E por ser mais honrada, ordenou della noua Comenda, com abastança de bens q̃ lhe deu por viuer honrado o Comendador della. Este foy priuado de tres Reys de Portugal. s. ElRey Dom Affonso, & DelRey D. Pedro, & DelRey Dom Fernando, dos quaes foy bem amado por suas bondades, especialmente DelRey Dom Fernando. Oqual Priol Dom Aluoro Gonçalues viueo longamente, & ouue entre filhos, & filhas, trinta, & dous; antre os quaes foy hum Dom Pedral uerez, que depois de seu Padre foi Priol do Esprital, & depois foi Mestre de Calatraua em Castella, & este filho de hũa Madre, & Nunal uarez, que era filho de outra Madre, que chamauão Erea Gonçaluez natural de Eluas, oqual naceo no mes de Iulho de mil trezẽtos & quarenta, & oito annos. Esta foy nobre dona quanto a Deus, & ao mundo, viueo em muita castidade, & abstinencia, & fazendo muitas esmolas, & grandes jejũs, naõ comendo carne, nem bebendo vinho por espaço de quarenta annos.

CAP. 34. *Como Nunaluerez foy trazido â Corte DelRey Dom Fernando, & como tomou as primeiras armas da mão da Rainha Dona Lianor.*

ESTE

ESTE Priol Dom Aluoro Gonçaluez Pereira, segundo contão algũs em seus liuros, como era sezudo,& entendido,assi dizem que era Estroligo,& sabedor, & quando lhe algũs filhos nacião,trabalhauase de ver a sua naeçadelles, & por sua sciencia entendeo,que auia dauer hum filho,oqual seria sempre vencedor em todolos feitos darmas, em que se acertasse, & que nunca auia de ser vencido.E dizem que sempre em sua vida Dom Aluoro Gõçalues cuidou que esta virtude hauia dauer Dom Pedralueres seu filho, que depois de sua morte foy Priol,em tal conta o tinha entre seus irmãos.Outros escreuem esto por contrairo, & desta opinião nos praz mais,dizendo, que em casa deste Priol Dom Aluoro Gonçalues andaua hum grande letera do,& muy profundo Estroligo, que chamauão Mestre Thomas, por este contão que soube o Priol que hum de seus filhos hauia de ser vencedor de batalhas,& q este era Nuno Aluerez Pereira:E mostrase claramente ser assi porque vindo Dom Frey Aluoro Gonçaluez a casa Del Rey Dom Fernando a derençar seus filhos, pedio por merce a ElRey que tomasse Nuno Aluerez por seu morador, da qual cousa prazendo a ElRey outorgou de o fazer,& o Priol se partio pera suas terras,& ordenou de mandar seu filho à Corte,& anteque o mandasse chamou Martim Gonçalues de Carualhedo tio de Nuno Aluerez, irmão de sua Madre,& lhe deu juramento,que hũa cousa,que lhe descobrir queria,que nunqua a dissesse ao dito Nuno Aluerez, & prometido per elle de guardar em segredo,& então lhe disse o Priol, como queria mandar seu filho à Corte, & elle por seu ayo pera o ensinar,porem que lhe rogaua, que tomasse cargo de o criar,que lhe fazia certo que aquelle seu filho auia dauer tão boas andanças, que em todalas batalhas,que entrasse, sẽpre dellas seria vencedor, com tãto que se chegasse a Deus em todas suas obras, & nenhũa cousa fizesse em seu deseruiço. E ordenado assi desta guisa,partio o Priol pera a Corte,quando ElRey D. Fernando ouue guerra com ElRey Dom Anrique,& passou por Santarem,& leuou certas gentes consigo,antre os quaes este Nuno Aluerez moço de treze annos,que ainda nunqua tomara armas,& passando gentes de Castella pera Lisboa,onde já cerquo estaua,mandou o Priol a Nuno Aluerez

uerez em que foſſe moço, que caualgaſſe, elle, & ſeu irmão Diogo Alverez hum bom caualleiro da Ordem, com algũs de ſua caſa, q̃ mandou ir com elles, pera ver em que maneira leuauão aquellas gẽtes. E indo elles contra aquella parte, por hu dizião que paſſauão os Caſtellãos, & não vendo nenhuns delles, tornaraõſe pera a Villa, & chegando apar do Caſtello, onde ElRey eſtonce com ſua molher pouſauão, eſtando á meſa, mandaraõnos chamar, & perguntandolhe onde foraõ, & que acharaõ là, donde vinhaõ, & elles reſponderaõ em tudo ſegundo as perguntas, que lhe fazião. A Rainha Dona Lianor falando em eſto, como era molher muy paçaã, & de gracioſa palaura, diſſe a ElRey como em ſabor, *que ella queria tomar Nuno Aluerez por ſeu Eſcudeiro*, & ElRey diſſe que era bem feito, & que elle tomaria por ſeu Caualleiro a Diogo Aluerez ſeu Irmão. E então diſſe a Rainha contra Nuno Aluerez: que ella o queria armar de ſua mão como ſeu eſcudeiro, & que não queria que doutra maõ tomaſſe armas, ſaluo das ſuas. Nuno Aluerez perô que foſſe moço, & quando eſto ouuio, diſſe que lho tinha em grande merce, & que prazeria a Deus que ainda lho ſeruiria cõ boõs merecimentos, & beijoulhe as mãos por ello. A Rainha querendo por em obra eſto, que aſſi diſſera, mandou buſcar hum arnez conuinhauel pera Nuno Aluerez, & porque era de pouca idade, não lho podião achar tam pequeno, & então diſſeraõ à Rainha, como o Meſtre Dauiz tinha hum arnez, que ouuera em ſendo moço, que ſeria bom pera Nuno Aluerez, & ella lho mandou pedir, & como lho trouueraõ deu o logo a Nuno Aluerez, & aſſi tomou elle as primeiras armas da mão da Rainha Dona Lianor, & ella deshi em diante ſempre o chamou por ſeu Eſcudeiro.

CAP. 35: *Como o Priol cometeo a ſeu filho que quizeſſe caſar, & como em ello conſentio, & caſou com Dona Lianor Daluim.*

ANDANDO aſſi Nuno Aluerez por morador ẽ Caſa Del Rey ſendo de idade pouco mais de 16. annos, aueoq̃ viuuouhũa dona antre Douro, & Minho, q̃ hauia nome Dona Lianor Daluim, molher q̃ fora de hum bom caualeiro chamado por nome Vaſco Gonçaluez de Barroſo. Eſta dona era filha

lha dalgo, & comprida de toda bondade, riqua assáz de bem deste mundo, assi de mouens, como raiz. O Priol sabendo parte desua fama, & riqueza, mandoulhe cometer casamento pera Nuno Aluerez seu filho, & quando Iohaõ Fernandez Commendador de Flor da rosa lhe foy cometer este casamento por parte do Priol, a dona deu em reposta, que o fizessem saber a ElRey, & do q̃ a sua merce mandasse, que ella lhenaõ sahiria do mandado. Tornou Iohão Fernandez com este recado, & o Priol fez o saber a ElRey pedindolhe por merce, que pozesse èm ello mão, & a ElRey prougue delo, & mandoua chamar por sua carta, & em esta sezão, que o Priol esto trautaua, era Nuno Aluerez em sua casa, sem desto saber nenhũa parte, & hum dia chamou seu filho, sem estando hi outrem & disselhe em esta guisa. *Nuno peró tu sejas moço, & de noua idade, pareceme que he bem, & seruiço de Deus, & tua honra, que tu hajas de casar, & porque antre Douro, & Minho ha hũa mui nobre dona manceba, & de grande bondade, meu desejo he, que se a Deus aprougue sse, de tu casares cõ ella. E porende quero de ti saber, q̃ he o que te dèllo parece.* E não lhe disse mais. Nuno Alueres alem de ser mezurado de sua natureza, era muyto mais a seu pay, & muyto mandado, & obediente, & quando lhe tal rezão ouuio dizer, ficou hum pouco trouado, à hũa por vergonha, que de seupay auia a outra por lhe falar em feito de casamento, do que sua vontade andaua muyto afastado, que elle em esta sezão, que era de pequena idade, todo seu cuidado não era saluo trazerse bem asy, & aos seus, & deshi caualgar a mõte, & caça, não entendendo damor de nenhũa molher, nem taõ sõmente lhe vinha por maginaçaõ, mas lia a miude por liuros de hestorias, especialmente da estoria deGalàz, que fala da tauola redonda. E porque em ellas acha ua que por virtude de virgindade Galàz acabara grandes, & notaueis feitos, que outros acabar não poderaõ, desejando muito de o semelhar em algũa cousa, & muytas vezes cuidaua emsy de ser Virgem, se o Deos guizasse, & por tanto era muyto afastado doque lhe seu Padre falara em feito de casamento, però por lhe obedecer, & dar reposta a sua vontade & pregunta, dissellhe em esta guisa. *Senhor, vos me falais em casamento, cousa, de que eu não era auisado, porem vos peço por merce q̃ me deis lugar pera cuidar em ello,*

& assi

& assi vos poderey responder. O Padre disse que era bem feito, como quer que se marauilhou muito por lhe assi reponder, sendo homem nouo de dias, & falou com sua Mãy Erea Gonçalues todo o que lhe com elle auiera, encomẽdandolhe que o demouesse que consentisse em tal casamento. Sua Madre falou com elle, & não o podendo reduzir, nem mudar de sua primeira entenção, falaraõ com Nuno Aluerez Pereira seu primo, & Aluoro Gonçaluez de Carualho, com que auia grande afeição, & por suas aficadas preces consentio de o fazer, pois a seu Padre parecia. E em tanto chegou Dona Lianor Daluim a Vila noua da Rainha, onde ElRey, & a Rainha estauão, & bem recebida delles, fez logo ElRey saber ao Priol, & elle veo com Nuno Aluerez seu filho, & logo, como chegaraõ, o casamento foy feito, & Nuno Aluerez recebido com a dona, sem mais festa, por quanto era viuua. E no outro dia partio o Priol com seu filho, & nora, pera as terras da Ordem, a hum lugar, que chamão Bomjardim, & ally conheceo Nuno Aluerez Dona Lianor sua molher, aqual com verdade disse. *Que se nãopodia chamar Dona, porque postoque ella per tal modo fosse ante nomeada, ella verdadeiramente era donzella, ca o seu primeiro marido nunqua del la houue tal conhecimento: o que el la sempre bem encobrio por sua grande bondade.*

CAP. 36. *Como Nuno Aluerez partio pera sua casa, & da maneira do seu viuer.*

TOLGOV Nuno Aluerez com sua molher em casa de seu Padre por algũs dias. Deshi partiraõse, & foraõse antre Douro, & Minho, onde ella tinha sua casa de morada, & auia seus herdamentos, & foy elle bem recebido, & visitado dos boõs da Comarca, offerecendolhe suas amizidades, como he de costume. Nuno Aluerez era de pouca, & branda palaura, & seu boõ gazalhado, & doces rezoens contentauão muito a todos. E elle era mais monteiro, que caçador, como quer que de tudo vzaua, quando compria. Em sua casa hauia de cote doze, & quinze escudeiros, & vinte & trinta homẽs de pé, segundo a terra requere, & estes todos boõs, & bem homẽs pera feito, ca elle nunqua se doutros contentaua, nem contentou em seus dias. Nenhũa cousa fazia com rancor, nem odio,

dio,mas por grande cuſta, que ti nha,deshi por a terra aſſi ſer áza- da,ás vezes paſſaua álem do re- zoado,como quer que não tan- to,que ſempre em elle não foſſe o temor de Deos , ouuindo ſuas miſſas,& viuendo bem,& hone- ſtamente com ſua molher , da- qual ouue tres filhos. ſ. dous q̃ logo morrerão á nacença,& hũa filha,que ouue nome Dona Brea riz,que depois foy Condeſſa , & muy nobre Dona,como a dian- te diremos.Em eſta ſezão acabo de hũs tres annos,eſtando o Pri- ol ſeu Padre naAmieyra,faleceo por morte, comprido de longa i- dade,& foraõ juntos a ſeu fina- mento noue filhos , & noue fi- lhas,ſendo hum de elles Nunal- uerez,E feitas naquelle lugar ſu- as exequias honradamente, dalli foy leuado à Igreja da FroldaRo ſa,que elle edificara. Eſtonce foy feito Priol Dom Pedralverez ſeu filho,como quer que Dom Frey Aluoro Gonçaluez Camelo,que então era Comendador de Poya res,tinha direito no Priorado,mas fezeo fazer ElRey Dom Fernan- do.. E depois deſto morto El- Rey *Dom* Anrique, reynando em Caſtella ElRey Dom Ioham ſeu filho,& hauendo guerra com ElRey Dom Fernando,como ou uiſtes,foy chamado Nuno Aluc- rez pera eſtar na frõtaria com D. Pedraluerez ſeu irmão.Deshi co mo requeſtaua Iohão deOſores fi lho do Meſtre de Santiago de Ca ſtella,& como eſteue com ſeu ir mão ſendo fronteiro em Lisboa do que lhe hi aueo em hũa eſca- ramuça,& que maneira teue por ſer com ElRey na batalha,q̃ hou uera dauer em Eluas,& como de pois da morte DelRey Dom Fer nando quizera ſer com o Meſtre na morte do Conde Iohão Fer- nandez,& porque ſe então não a zou,ſe eſpedio delle,& ſe foy a- poz ſeu irmão, o qual alcançou no lugar de Ponteuel. E pois que iſto já tendes ouuido,compre tor nar a por em eſcrito o que lhe a- ueo em tempo do Meſtre,depois que partio da Cidade de Lisboa, onde leixamos de falar de ſeus feitos.

CAP. 37. *Como Nuno Aluerez, ſoube que o Conde Iohaõ Fer- nandez era morto, & das re- zoens,que houue com ſeu irmão ſobre ello.*

ASSI foy que partin- do Nuno Aluerez dalli,por ſenão ázar a morte do Conde Iohaõ Fernandez,ſe gundo diſſemos emſeu lugar quã do

ado falou com o Meſtre ſobre elle, & indoſe pera D. Pedraluerez ſeu irmão, foy alcançar em hum lugar, que chamão Ponteuel doze legoas da Cidade, & eſtando alli com elle, chegou Gonçalo Tendeiro da parte da Rainha cõ recado do Priol, *que todauia foſſe em ſeu ſeruiço, & que ella o acrecẽtaria fazẽdolhe muitas merces, e lhas faria fazer a ſeu filho El Rey de Caſtella* Deſte recado foy Nuno Aluerez, & muytos dos outros, que hiaõ com Nuno Aluerez, & com o Priol, mal contentes, eſpecialmente Nuno Aluerez, a que muito deſprougue em guiſa, que ſe não pode ter, que naõ falaſſe ao Priol, dizendo, *que não haueria bom conſelho dar lugar a tal embaxada.* E o Priol, que naõ curou de ſeu rezoar, nem lhe reſpondeo nenhuma couſa, & partioſe dalli, & foiſe a Sãtarem, & elles em aquelle lugar, foy Nuno Aluerez apoſentado em Santa Maria de Palhais, & hum dia àtarde depois de cea, ſahio Nuno Aluerez a folgar pela praya a fundo contra a Igreja de Santa Cruz, & paſſando pella porta de hum Alfageme, violhe ter hũa eſpada muito limpa, & bem corregida, & tomoua na mão, & perguntoulhe ſe lhe corregeria aſſi hũa ſua, & elle reſpondeo que ſy, & muito milhor ainda, & Nuno Aluerez fez logo ir por ella, & mandoulha dar q̃ acorregeſſe. Outrodia tornou Nuno Aluerez por alli àtarde, & achoua corregida muito à ſua vontade, & tomouha na mam ſendo com ella ledo, & mandou a hum ſeu eſcudeiro, que lhe pagaſſe bem ſeu trabalho. O Alfageme reſpondeo, & diſſe. *Senhor, eu por hora naõ quero de vos nenhũa paga, mas ireis muyto embora, & tornareis por aqui Conde de Ourem, & então me pagareis o que merecer. Naõ me chameis Senhor*, diſſe Nuno Aluerez, *que o não ſou, mas todauia quero que vos paguem bem. Senhor eu vos digo verdade, & aſſi ſerà cedo prazendo a Deos.* E aſſi foy depois, como elle diſſe, ca elle apouco tempo tornou por alli Conde de Ourem, & pagou bem o corregimento da eſpada, como a diante ouuireis. Em eſto chegaraõ nouas a Santarem, como o Meſtre matara o Conde Iohaõ Fernandez, & iſſo meſmo foram mortos o Biſpo de Lisboa; & outros O Nuno Aluerez, como eſto ouuio, foyſe logo ao Priol ſeu irmão contarlhe eſtas nouas, que aſſi ouuira dizendo, *que eſto era obra de Deos, que ſe queria lembrar*

brar do Reyno de Portugal, pois q̃ os da Cidade queriaõ tomar o Meſtre por ſeu Regedor, & Defenſor pera defender o Reyno, & ElRey de Caſtella, que era fama que vinha pera entrar em elle, & pois q̃ ſe tal couſa começaua, que lhe pedia por merce q̃ todauia ſe tornaſſe pera o Meſtre pera ajudar a defender o Reyno. E o Priol nam curou de quanto lhe elle ſobre eſto falou dizendo, *q̃ aquella couſa era perigoſa, & mui mâo começo pera as gentes, & que ſe ſeguiria dello mui grande dano ao Reyno, & q̃ naõ tinha ſizo, quẽ hia pẽ ſar q̃ tal feito hauia de hir a diante, como elle dezia.* Nuno Aluerez diſſe, *q̃ aquello naõ era mal, & q̃ o Meſtre fizera bem, & o que deuia em vingar a deshonra DelRey ſeu irmão, & ſe poer a defender o Reyno, que ſeus auós com grande trabalho ganharaõ, & q̃ Portugal ſẽpre fora Reyno izẽto pera ſy, & naõ ſogeito a Caſtella, & q̃ hora naõ era rezão de o ſer.* E o Priol torna ua à dizer, *q̃ tal couſa naõ em pera falar em ella, q̃ Portugal não eſtaua em ponto de ſe deffeder DelRey de Caſtella; q̃ era hũ taõ poderoſo Rey, & de mais cõ a mayor parte de Portugal, q̃ cõ elle teria pelas menagẽs q̃ lhe auiaõ feitas ſegũdo nos trautos era cõteudo.* Nuno Alueres reſpõdeo dizẽdo, *q̃ taes menagẽs naõ eraõ de guardar pois q̃ ElRey quebrãtaua os trautos, & q̃ todolos fidalgos podiaõ ſer ẽ ajuda do Meſtre, ſe prazmo, oqual bẽ poderia ajũtar mil homẽs darmas, & muitos homẽs de pè, cõ q̃ poderia por batalha, & q̃ mais valeria por ſe o Meſtre cõ elles todos a pelejar com ElRey de Caſtella, q̃ ficarẽ ſojeitos de Caſtelhanos, & vzarẽ de pois delles a ſeu liure talente.* O Priol diſſe, *q̃ as couſas não eſtauão em tal eſtado pera ſe tal obra poder começar & acabar ſeguramẽte, porem que não falaſſe mais em taes hiſtorias.* Nuno Aluerez vendo q̃ achaua o Priol muito arradado deſua entẽção, falou cõ Diogo Aluerez ſeu irmão, q̃ foſſe todauia pera o Meſtre, & elle outorgou, q̃ lhe prazia & ficarão ambos em eſte acordo.

CAP. 38. *Como Nuno Aluerez deſcobrio aos ſeus, q̃ ſe queria ir a Lisboa pera ſeruir o Meſtre.*

PARTIO o Priol pera ſuas terras caminho da Golegaã, Nuno Aluerez, & Diogo Aluerez ſeus irmaõs onde o Meſtre eſtaua, ſegundo ante tinha acordado, & ẽdo arredado atá tres legoas do lugar, Diogo Aluerez ſe arrependeo da partida, que fizera, & diſſe, que ſe queria

queria tornar pera o Priol seu Irmaõ. Nuno Aluerez, que o de tal vontade desuiar não pode, ouueſe de espedir delle, & veyo dormir esse dia a hũa Aldea, que chamão a Ereya. Ally chamou ade parte a seus Escudeiros, & disse. *Amigos, eu vos quero contar hum segredo, & grande feito, que trago cuidado em meu coraçam, o qual he este. Assi que eu vejo no meu entendimento hum poço muy alto, & mui profundo cheo de grande escuridade, & bem me diz a vontade, que nam ha homem, que em ella salte, que delle possa escapar, saluo por grande milagre, querendoos Deus liurar delle por a sua merce, & nam posso com meu coraçam, senam todauia que salte em elle. E porque ha jâ dias que vos sois meus companheiros, & eu hey prouado vosso bom dejo acerca de meus feitos, porem vos faço saber esta cousa taõ grãde por quanto eu todauia quero soltar em elle; & aquelles de vos, a q̃ prouguer de comigo ser em tal saltaje, telohey a grande bem, & estremado seruiço.* Os outros, *a que naõ aprouguer, poderseha hir pera hu quizerẽ, & fazer de seus corpos o que por mais seu proueito sentirẽ.* Os escudeiros, quando esto ouuiraõ, ficarão espantados; & não sabião q̃ dizer, porẽ responderaõ, & disseraõ: *Nuno Aluarez, vos bem sabeis, que nos somos vosos, & prestes pera vosso seruiço, mas esta cousa, que nos falais, he assi escura, & taõ mà de entender, que nenhum de nos sabe que vos responda, porẽ vos praza de nola declarar por sabermos o que he, & então vos daremos reposta, segundo entendermos.* Nuno Aluerez tornou estonce à sua rezão, & disse. *Amigos, o poço muy alto, & escuro, que eu vejo ante meus olhos, he a grande demanda, que o Mestre dizem que quer começar por defensaõ deste Reyno contra El Rey de Castella, e entendo q̃ cõelle entrar lhe seragraue, & muito perigoso, nem he ainda de cuidar, q̃ della escape, saluo por graça de Deus. E porque minha tenção he de me hir pera elle, & o seruir em ella, porẽ vos disse se vos prazia de serdes em ella meus cõpanheiros?* E elles responderaõ estonce dizẽdo. *Nuno Aluerez, nos somos vosos, & pera vosso seruiço, & somos prestes pera vos acompanhar em esta demanda, q̃ seguir quereis, & em qualquer outra que vos sintaes por vosa honra, & proueito, posto q̃ graõ perigo seja, a taâ despendermos os corpos, & vida por vosso seruiço.* Nuno Aluerez lho agardeceo por boas palauras dizẽdo q̃ elle era prestes pera

lho galardoar em toda couſa, que de ſua honra, & proueito foſſe, como boõs criados, & amigos.

CAP. 39. *Como Nuno Aluerez chegou a Lisboa, & das rezoẽs que diſſe ao Meſtre.*

NVNO Aluerez em outro dia ſeguio ſeu caminho, eſtando então a Rainha em Alanquer, & com ella os Condes ſeus irmãos, & outros muytos, como diſſemos, & quando chegou a Aluerca, determinou de dormir ally. A Rainha ſoube, como ſe elle hia caminho de Lisboa pera o Meſtre, & quizera mandar a elle certas gentes, que o prendeſſem, dizendo contra aquelles que eraõ preſentes. *Viſtes nun qua tal ſandice de Nuno, que eu criey tamanino, que leyxou o Priol ſeu irmão, com que hia, & agora vayſe a Lisboa pera o Meſtre. Senhora*, diſſeraõ algũs, que hi eſtauam, que queriaõ bem a Nuno Aluerez, *não aueis porque o mandar prender, poſto q̃ elle va pera Lisboa, pois naõ ſabeis a entençaõ, q̃ leua, que por ventura elle vay com tal vontade & deſejo, q̃ della vos poderà tãbẽ, & melhor ſeruir, q̃ ſe vir aqui pera vos.* Nuno Aluerez foi ſabedor deſto aquella noite, q̃ dormio na Aluerca, & temendoſe muyto de a Rainha o mãdar prender ao caminho, falou cõ ſeus eſcudeiros percebẽdoos, q̃ ſe tal couſa auieſſe, q̃ todauia ante ſe leixaſſẽ morrer, q̃ auerẽ de ſer preſos. E toda aquella noite eſtiueraõ armados, nẽ as beſtas deſſelladas. E outro dia chegou Nunaluerez a Lisboa & foy logo falar ao Meſtre, q̃ o muy bem recebeo, dizendo. *Que ſua vinda lhe prazia muito, & q̃ dias hauia, que o deſejaua de ver.* Os da Cidade iſſo meſmo foram muy ledos cõ elle, & o receberaõ todos muy bẽ. E depois de dous dias, q̃ Nunaluerez chegou a Lisboa, foyſe ao Paço do Meſtre, & falou com elle em eſta guiſa. *Senhor, grandes dias ha, que eu muyto deſejei, & deſejo de vos ſeruire & naõ foi minha ventura de atà a eſte tempo poder fazer, E porq̃ hora vos ſois em tal ponto, & eſtado, que cuido, que poderey cobrar o que então deſejaua, eu vos ofreço a mi, & a meu proue ſeruiço com muy boa vontade, & vos peço por merce, que daqui por diente me ajais por todo voſſo quite, ſeruindouos de mim em todalas couſas, como de homem, que pera ello ſerey muy preſtes.* O Meſtre lho agradeceo muyto

muyto sua boa vōtade porq̄ dias hauia que o conhecia por bom recebendoo por seu, como elle disse,& fezeo do Concelho com os outros,que com ella estauam, & dahi em diante não fazia cousa de que lhe parte não desse.

CAP. 40. *Como sua Madre de Nuno Aluerez vinha pera tornar seu filho do seruiço do Mestre,& do que sobre ello aueo.*

EIREA Gonçaluez, Madre de Nuno Aluerez estaua a este tempo na Villa de Portalegre, que sāo quatro legoas do Crato, onde o Priol, cō seus irmāos estōce chegara. E quādo soube q̄ seu filho segūdo o Priol disse q̄ficaua em Sātarē,& q̄ esperaua cada dia por elle,& ella respondeo: q̄ bē parecia q̄ curaua pouco de seu irmão,& q̄ nūqua lhe bē quizera, & q̄ agora o mostraua pela obra, pois q̄ vindo em sua cōpanhia não fizera cōta de o trazer consigo. Ella partio logo caminho de Lisboa, onde soube, q̄ Nuno Aluerez estaua, & falando com elle disse quanto lhe parecia graue cousa, & muy perigosa aquella, que fazer queria em se chegar a seruir o Mestre, & lhe ajudar a defender o Reyno contra toda Castella, & contra a mor parte de Portugal, mostrandolhe muytas,& viuas rezoens, que a entençam, que tomaua, nao podia hir a diante, nem por ella crecer em bem, nem em honra. Nuno Aluerez firme em seu prepósito daualhe outras contrairas rezoēs, ē desfazer quanto ella dizia de guisa que tanto rezoaraō sobre ello, que onde ella vinha pera reduzir seu filho pera o seruiço Del-Rey de Castella. Nuno Aluerez reduse entam a ella pera encaminhar o seruiço do Mestre. E sendo ambos dacordo, que era bem o que elle dezia, tornou ella a dizer a Nuno Aluerez. *Filho, eu vos rogo, & vos encomendo pella minha bençam, que pois vos escolhestes o Mestre pera o seruir, & ficar com elle, que vos o siruaes verdadeiramente, & vos nāo aparteis delle em nenhuma guisa, por cousa, que auir possa, E eu farey logo pera vos vir Fernam Pereira vosso irmam, que seja vosso companheiro em seu seruiço.* E elle disse que assi o faria. E o Mestre sabendo por certo auiso como ella era na Cidade, & como vinha pera demouer a seu filho da vontade, que tinha pera o seruir, foy a uer

às casas, onde pousaua, & contoulhe, como sua tenção era de se poer a defẽder o Reyno, & que entendia que ella não viria alli, saluo por demouer seu filho da vontade, que tinha pera o seruir. E que porem lhe rogaua, que em tal cousa se não quizesse entremeter, nem o toruasse, que esto, a que elle se queria opoer, era seruiço de Deus, & honra do Reyno. E que esperaua em Deos que elle lhe encaminharia tambem seus feitos, que seu filho sahiria delles com grande acrecentamento de sua honra. E falando ambos em esto, ella lhe respondeo quanto lhe prazia de seu filho ficar com elle pera o seruir, & que assi lho tinha mandado pella sua bençaõ. E então se partio adu viera, & falou com seu filho Fernam Pereira, & encaminhou de tal guisa com elle, que se partio logo com a sua gente, & se foy a Lisboa pera o Mestre.

CAP. 41. *Como o Mestre falou com os de seu Conselho sobre sua ficada, ou partida do Reyno.*

TORNANDO a falar nos feitos do Mestre, de que cessamos, por leuar a Rainha a Santarem & trazer Nuno Aluerez a seu seruiço, foi alli; q̃ nesta sezão Nuno Aluerez veo pera elle. Era o Mestre em graõ cuidado, & desuairados pẽsamẽtos, porq̃ algũs de seu Concelho lhe dizião q̃ não aguardasse ElRey de Castella cõ seu gram poder no Reyno, mas q̃ sefosse pera Ingraterra, esperãdo muitas rezões, porq̃ o deuia de fazer, & assinando certos proueitos, & seguranças, q̃ se della seguiaõ, dizendo antre outras cousas, q̃ por azo de tal partida elle poderia alà auer tantas ajudas de gentes, pera q̃ depois poderia tornar ao Reyno, & o cobrar cõ muito sua hõra, sem perda das gentes, & dano da terra. Outros eraõ de todo cõtra esta opinião, desfazendo os ditos de taes cõ outras cõtrarias rezoẽs; assi como Nuno Aluerez, & Ruy Pereira, e Aluoro Vasquez de Goes, e o Doutor Iohaõ das Regras & Aluoro Paez, & o Doutor Martim Affõso, dizẽdo q̃ a partida do Mestre não eraboa, nẽ seruiço de Deos, nẽ seu, porq̃ indose elle fora da terra ficaua o Reyno desẽparado, & sẽ defẽsor, & em tãto cobraria ElRey de Castella a Cidade & outros lugares, q̃ lhe releuauão & daloshia a taes pessoas, & afortaleceria de tal guisa, que se não poderião depois cobrar, se nam com grande afam, & espargimen-

mento de sangue. E q̃ porem lhe pediãopor merce,que assesegasse no Reyno,& naõ separtisse delle, que Deus,q̃ a esto o chamara, & escolhera,encaminharia seus feitos com grande acrecentamento de sua honra,& estado.E oMestre ouuia as rezoẽs de algũs,edos outros, & reprouou aquelles, q̃ o aconselhauão q̃ se partisse do reino,assinandose certas,& notaues rezoẽs,porque o deuia de o fazer seu grande coraçam desejador de caualleirosos feitos o fazia inclinar a todauia fiquar em elle, & se poer em qualquer auentura por defensam da terra. Mas desta tençam o toruauaõ muyto, os que lhe aconselhauão o contrairo, em guisa, que o faziam duuidar, & hum dia,depois de comer,o Mestre mandou chamar os de seu Conselho, & Nuno Aluerez com elles. E como todos foraõ juntos, & o Mestre se poz ante elles,dizendo em esta guisa. *Amigos, vos vedes bem o grande perigo, em que este Reyno està, & como, partindome eu delle, segundo alguns de vosoutros dizem, elle seria de todo perdido, & sogeito a ElRey de Castella de guisa, que taes hi ha, que dizem, que milhor era, por defensam da terra, morrer honradamente, q̃ cahir em seruidão de seus imigos. E demim vos digo, q̃ em tal tẽçam tenho, & saõ disposto pera ficar em ella, & nam me partir por nenhũa maneira.* Sobre outrosi, acordados os do Conselho,que eraõ deste bando,disseraõ,que o Mestre dezia muy bem, & foram muy ledos com suas rezoẽs,pedindolhe por merce, que assi o fizesse, & não curasse de outro conselho, & que elles, & todolos outros seruirião bem, & lealmente: & que esperauam no poderoso Deos, que elle trazeria seus feitos a tam boa fim, que seria muyto com sua honra, & de todo o Reyno.E depois de grandes rezoados,que sobre esto ouueraõ falado, foram todos dacordo, que o Mestre ficasse no Reyno,& não se partisse delle, & começaraõ de falar em outras cousas,& na tomada do Castello.

CAP. 42. *Como o Mestre quizera combater o Castello, & como o cobrou sem combate.*

ACABADO esto, q̃ aueis ouuido,disse o Mestre, q̃ hum dos empachos, que tinha neste feito, era o Castello da Cidade, que estaua contra elle por parte da Rainha,

oqual compria muito deſer filhado, por a Cidade não receber dano por elle dalgũas gentes ſe vir quizeſſem contra ella, Nuno Aluerez, & os outros do Conſelho diſſeraõ que o não tiueſſe, nem ſe anojaſſe por ello, q̃ Deus q̃ lhe dera ja a Cidade, lhe daria o Caſtello. Ora aſſi aueo, que penſando a Rainha nas couſas traspaſſadas, era ſeu coração a meude cerquado de gaſtoſos penſamentos, & receando o que ſe depois ſeguio, eſtando eſtõce em Alanquer, ſalou com o Conde Dom Iohaõ ſeu irmão, que era Alcayde em Lisboa, & tinha em ella muytos, & boõs Vaſſallos, que lhe enuiaſſe dizer, que ſe lançaſſem no Caſtello com ſeus eſcudeiros por ſegurança de qualquer couſa, que auir podeſſe. Outorgado por o Conde que eſto era bem feito, falou com Affonſoeanes Nogueila, que alâ eſtaua, que era hũ delles que ſe viẽſſe â Cidade, & falaſſe com aquelles, que ſeus eraõ, q̃ o fizeſſem aſſi. Affonſoeanes chegou a Lisboa, & todos aquelles, com que elle hauia de falar, eraõ ja do Meſtre deshi pelos eſcondidos, tendo outra crença muy cõtraira da primeira, ſendo ja deſua parte contra a Rainha, quando falou com Eſteuão Vaſquez Felippe, deshi com Affonſo Furtado, & com Antão Vaſquez, & outros bons da Cidade, & os achou mudados do que cuidou que tinha em elles, não o quiz dizer a mais, & foyſe pera ſua pouzada, & corregeoſe o milhor que pode & lançouſe no Caſtello pela porta da treiçaõ, com hũs dez, ou doze eſcudeiros, & em ſe lançando aſſi, naceo hũa voz publica pella Cidade, *Treição, Treiçaõ accorrey ao Meſtre, que o querem matar.* As gentes, que o ouuiraõ, foi mui grande aluoroço em elles, & começaraõ de ſe armar, & correr à preſſa contra o Caſtello, por quãto o Meſtre fora pouzar nos Paços do Biſpo, que ſaõ acerca delle, como ordenou de o matar, & vendo os que alli hiaõ que não era nada o que lhe diſſeraõ, tornaraõſe muy ſanhudos, rezoando muytas palauras de ameaça contra quaeſquer, que ſe tal couſa tremetiaõ de fazer. Martim Affonſo Valente, hum dos honrados da Cidade, que era Alcayde do Caſtello por o Conde Iohan Affonſo irmão da Rainha, foy requerido que o deſſe ao Meſtre, & não conſentiſſe que por elle vieſſe mal á Cidade, & a todo o Reyno, pois Portuguez verdadeiro era, dizendo, por muytas rezoens, porque o deuia fazer. Martim Affonſo ſe eſcuzaua delo, dizendo

queo

que o não faria por nenhũa guisa por ter delle feita menagem, & cahir em mao caso, com grande seu doesto, & todolos que delle decendessem. Ordenou entam de o combater, & mandou fazer hum artificio de madeira, q̃ chamão Gata, que, como hũa baixa caua, que estonce o Castello tinha, fosse chea, podesse hir por sima juntar com elle, & de so ella podesse piquar o muro, & entrar dentro, & dizião os de fora aos de dentro: *que o dessem ao Mestre seu Senhor, se não que jurauaõ a Deos, que poerião ensima da gata Constança Affonso, Madre de Affonsoeanes Nogueira, & irmaã da molher de Martim Affonso Alcayde do Castello, & isso meso as molheres, & filhos de quantos dentro eraõ, & que entaõ deitassem de sima fogo, & pedras em quaes dellas quizessem.* Alguns de dentro, receandose disto, dizião ao Alcayde, que antes se sahiriaõ fora, & não ajudarião a defender o Castello, que terem azo de matar as molheres, & os filhos. De guisa que lhe dizião em esto ante que a gata fosse feita, nem a caua chea pera hir por sima. Disse Nuno Aluerez ao Mestre, que elle queria hir falar com Martim Affonso Valente, & com Affonsoeanes Nogueira sobre o feito do Castello, & que entendia que lho daria. O Mestre disse que lhe prazia, & foy Nuno Aluerez ao Castello, & disse a Martim Affonso mas rezoẽs, porque o deuia de dar ao Mestre, dizendo que naõ compria, que por seu azo se perdese a Cidade, & o Reyno fosse em ventura posto, a qual cousa, pois verdadeiro Portuguez era, não lhe deuia consentir o coraçaõ, & fazendoo doutro geito, q̃ todo o mundo lho teria a mal, & merecia de o apedrejarem todalas gentes do Reyno por ello. Cõ estas, & outras rezoẽs, que lhe Nuno Aluerez disse, deshi Martim Affonso vendo todo o pouo da Cidade aluoraçado por tomar o Castello, & o combate, que lhe querião dar, & como os de dentro, que estauão com elle, diziaõ, que se os daquella guisa combatesem, que elles não auião dematar as molheres, & os filhos, por lho ajudar a defender, que não auia poder de se ter muyto tempo. E estonce disse Martim Affonso a Nuno Aluerez, que lhe prazia de dar o Castello ao Mestre, mas qûe o faria primeiro saber á Rainha, & ao Conde Dom Iohaõ, ao qual delle tinha feita menagem. Nuno Aluerez disse, que logo ficasse determinado atà aquelle dia se sofreria de o cõbater, &

que

que lhe desse segurança darrefẽs, por elle não sendo acorrido, a aquella sezão. E entaõ se preitejou Martim Affonso, que não lhevindo acorro, atè quarenta horas, q̃ o Castello fosse entregue ao Mestre, sem outra contenda. E foy posto em arrefens, em poder de Nuno Alueres, Affonsoeanes Nogueira, & trouuco consigo pera sua pouzada. Os da Cidade, como souberaõ que o Castello era preitejado, corrião todos pelas comarcas, & toda aquella noite foi posta grande guarda em toda Lisboa dormindo derrador do monte com muitas candeas acezas, velando, com grande cuidado, pera embargar qualquer ajuda, se a contecese de vir ao Alcayde. Martim Affonso mandou, à pressa, hũ escudeiro a Alanquer, fazendo saber ao Conde em que ponto era com os da Cidade, & como oque rião combater, & dè que guisa. E quando lhe o escudeiro contou, os da Cidade dizião, que lhe poerião as molheres, & os filhos a todos ensima da gata, & que matasem quaes delles quizessem, começou o Conde de se sorrir, & disse: *Que em verdade bom sabroço era esse, que vos elles punhão, pera lhe auer de dar o Castello; dizei que houuestes vontade de lho dar, & desteslho. Parecemeq̃ fostes taes com esse medo, que vos pozeraõ, por vos espantar, como a raposa, que estaua ao pè do aruor, & ameaçaua com o rabo o coruo, que estaua emsima com o queijo no biquo, por lho auer de leixar, & vosoutros taes fostes; tomastes medo, vaõ do que não houuereis de tomar, & por terdes azo de lho dar mais cedo, fostes lho aprazar a certas horas por naõ poder ser acorrido. Eu gentes naõ tenho aqui taes, com que lhe posa acorrer, ainda q̃ as aqui teuesse, o prazo he tam pequeno, que sómente pera ferrar naõ haueria espaço.* O Escudeiro respondeo, que Martim Affonso não podera mayor tempo hauer, q̃ ainda àquello lhe deraõde muimàmente. Falou estonce o Conde á Rainha, & contoulhe o geito, que os da Cidade querião ter em o combater. E ella disse, que pois assi era, que lhe mandasse dizer, que lho entregassem, que quẽ depois ouuesse a Cidade, aueria o Castello. Tornouse o Escudeiro, com este recado, & passou o prazo, & foy entregue o Castello ao Mestre a trinta dias daquelle mes de Dezembro, & foy pousar em elle, & mandouo deuassar, & tirar as portas da parte da Cidade, por conselho de todo o pouo. Martim Affonso, como deu o Castello ao Mestre, veose pera sua

merce

merce,com os que dentro eram, & elle,& Affonſo eanes,& outros todos ſe houueraõ depois ſempre bem,& lealmente.

CAP. 43. *Como foy tomado o Caſtello de Beja,& morto o Almirante Mice Lançarote.*

A RAINHA, antedeſto,como o Conde IohaõFernandez foi morto, & o aleuanto de Lisboa feito, hauia mandado,por o Reyno, ſuas cartas,aſſi aosAlcaydes dosCaſtellos,como aos homens bons, das Villas,& Cidades,fazendolhe queixume do que auia acontecido, & a maneira, que deuiaõ ter em tomar voz por ſua filha. E iſſo meſmoeſcreueo aElRey deCaſtella,que ſe trabalhaſſe de uir á preſſa ao Reyno,o qual neſta ſezão era já na Guarda, ſegundo adiante podereisver. Aſſi q̃,por azo de ſua vinda,como por todos os mais do Reyno ſerem da parte da Rainha,foy alçado voz,& pendão por ſua filha da guiſa, q̃ lhe eſcreueo em ſuas cartas. Mas eſte tomar de voz, & alçamento de pendaõ,com tal titulo, como ſe apregoauão, era muygrande couſa de ouuir àgente piquena dos lugares. E naõ podendo contradizer ás grandes peſſoas,gaſtauaõſe em ſi meſmos,conſentindo,cõ medo,& temor,a que contradizer naõ podiaõ. Aſſi como aconteceo em Eſtremòz a Ioanne Mẽdez de Vaſcogoncellos primo da RainhaDona Lianor,que a aquelle tempo tinha o Caſtello,quando leuantaraõ voz por a Rainha Dona Breatiz,& o trouueraõ pella Villa Lopo Affonſo,& Lourẽço Dias,com algũs outros do lugar,porque viraõ,que o outro pouo era poſto emtrauanca,& malcontente daquelle feito,logo diſſeraõ,que miſter hauia na praça cutello,& açoute pera decepar os que contradiſſeſſem o que elles faziaõ. E durãdo eſta deuiſaõ nos coraçoẽs dehũs,& dos outros,foi ſabido,pello Reyno, como o Meſtre tomàra carrego de ſechamar Regedor,& Defenſor do Reyno, & como tomàra o Caſtello de Lisboa,& o tinha jà em ſeu poder. E algũs do Reyno,que deſto ſouberaõ parte,prouguelhermuito, & eſpecialmente aos pouos meudos,& aos outros,que eram da parte da Rainha,pezaua aſſàz, poſto que entendeſem que todo era vaydade. Ora aſſi aueo q̃ em Beja eſtaua por Alcayde Gonçalo Vaſquez de Mello, & tinha o Caſtello em voz pella Rainha,& em eſto eſcreueo outra vez á Rainha

nha sua cartas ao Conselho de Beja, que tiuessem toda a voz por ella, & que se ElRey de Castella acontecesse de vir por hi, que o acolhessem na Villa, sem nenhum arreceo, & temor; porque elle os defenderia de quemquer, que lhe nojo quizesse fazer, & lhe faria por ello muitas merces. As cartas, recebidas pellos principaes do lugar, mandarão deitar pregaõ pella Villa, que todos ao outro dia fossem ouuir recado das cartas q̃ sua Senhora a Rainha mandára. No dia seguinte juntaraõse Esteuão Malfado, & Iohão Affonso Netto, & Mestre Iohão, & Ruy Paez Caçoto, & Mendafonso, & outros honrados do lugar, & apartaraõse todos á porta piquena de Santa Maria da Feira, & começaraõ de ver aquello, que lhe a Rainha escreueo. O pouo era muyto que estaua pello adro, aguardando que lhe dissessem, que nouas erão aquellas, que a Rainha mandaua dizer, & trigandose as vontades de todos, disse hum, q̃ chamauão Gonçalo Ouelheiro, contra os outros. *Não está hora aqui nenhum, que va saber, que cartas são estas, ou que recado he este, que a Rainha manda?* Falou elle estõce cõ hum boom escudeiro, q̃ chamauão Gonçalo Nunes Daluellos, que era nem dos grandes, nem dos mais pequenos, & disse contra Vasco Rodriguez Carualhal. *Quereisme ajudar, tu, & iremos saber que cartas são estas?* E elle disse, que lhe prazia, & então se juntarão com elles até huns trinta, & chegaraõ hu estauão aquelles honrados, & falou Gonçalo Nunez, & disse: *Que cartas são estas, que vos ledes, de que nos não sabemos parte? Por ventura esta Villa hase de manter, & defender por quatro, ou sinco, que vos aqui sois?* Certamente não, *mas por nosoutros, que aqui moramos.* Disse então Esteuão Faledo. *Que ouniam he esta, com que vos assi vindes?* Respondeo Gonçalo Nunez dizendo. *Isto não he ounião, mas querémos saber que cartas sam estas:* Falou estonce Mendafonso, & disse *que elle perguntaua bem, & que era bem que as vissem.* E então se meterão todos no Paço do Concelho, & parte dos outros com elles, & lendo as cartas, deraõnas a hum Taballião, que as pubricasse aos defora, & elle sahio a elles, & disse. *Amigos, o feito he este, eu não vi pera me mais deter em ler.* O *que aqui vem em conclusam he esto, se quereis ante huma voz dizendo com o Mestre.* Esses mayores, quando esto viraõ, partiraõse logo pera suas pouzadas, & não ouzarão de parecer. E elles

em

em esto sem mais tardança viraõ parecer gente darmas no Castello, então começaraõ todos debradar, *Halcacere o Castello, Halcacere ao Castello.* E Dom Gonçalo Nunez caualgou à pressa, & os outros todos se foraõ armar, & começàraõ logo de hir a combater. O Alcayde, quando esto vio, poz fogo a duas torres, em que estaua muyto almazem pera os da Villa se não prestarem delle, acõtecendo de ser tomado. E os de dentro defendendose rijamente & ferindo algũs de fora. Pozeraõ os da Villa fogo ás portas do Castello, & como foraõ ardidas entraraõ dentro, hũa quarta feira, a horas de comer, & tomarão o Alcayde, & pozerãono em saluo algũs, que lhe bem querião. Gonçalo Nunez, & Vasco Rodriguez tomàraõ logo o Castello, & alçarão voz pello Mestre, roldando, & velando a Villa ás portas fechadas em nome delle, & velandose assi a dita Villa, depois desto, por alguns dias, chegou ao serão ensima dehũa egoa hum homem do Campo de Ourique, & falou aos da Villa dizendo: *que dissessem ao q̃ tinha carrego de reger a Villa, que aquella tarde chegàra o Almirante Mice Lançarote a hũ lugar, que chamão os Collos, que saõ dahi dez legoas, & q̃ se hia a Odemira, q̃ he Reyno do Algarue, pera se alçar cõ elle, & tomar voz por El Rey de Castella.* Gõçalo Nunez, como isto soube, leuou consigo sincoenta de caualo, & cento antre bestarias, & homès de pè, & andàram toda a noite, em guisa que chegàraõ a elle ante manhaam. E o Almirante tinha jà sellado pera caualgar elle, & os seus, & assi armados, como estauão, foraõ todos presos, & Mouros, & Mouras, & azemalàs, com quanto auer leuauão, & aos seus tomàrão as armas, & bestas, & leixaraõnos hir. E o Almirante veo pera a Villa ensima de hũa mula. E elle no lugar, pozeràno na torre da menagem, dizendo elle aficadamente, a todos. *Amigos, mandayme a meu Senhor o Mestre, bem preso, & arrecadado, & nãome queiraes matar sem porque.* E elles deziam que não ouuesse medo. Em quanto Gonçalo Nunez foy leuar ao Mestre todoquanto lhe hauia tomado, receãdose os da Villa, que se leuantasse o Almirante com o Castello, foraõse hum dia todos alaà, & disseraõ a Vasco Rodriguez, que o lançasse fora, & elle, receandose delles, foyse pera sua casa, & leyxouo na torre. O Almirante, quando esto vio, começou de se defender o milhor que pode, & elles bradando, que decese a

se a fundo,& não houuesse medo.Ouueo de fazer cuidando de achar em elles piedade, & compaixão.Mataraõno de mà,& deshonrada morte,& assi acabou seus postumeiros dias.

CAP. 44 *Como o Castello de Portalegre,& Estremoz foram tomados.*

NESTA guisa,que aueis ouuido,se leuãtaraõ os pouos,&outros muitos lugares, sendo grande scisma,& deuisaõ antre os grandes, & os pequenos, o qual ajuntamẽto dos pequenos,pouos,que se estonce assi ajuntauão, chamauam, naquelle tempo,*Arraya meuda*, os grandes,escarnecendo dos pequenos,chamãdolhe *pouo do Mexias de Lisboa*,que cuidauão,que os hauião de remir da sogeiçam DelRey de Castella.Os pequenos aos grandes,depois que cobràraõ coraçaõ, que se juntauão todos em hum,chamauaõlhe, *Trèdores scismaticos*, que tinhão,da parte dos Castellãos,por darem o Reyno,a cujo não era. E nenhũ, por grande que fosse, era ouzado de contradizer a esto,nem falar por sy nenhũa cousa,porque sabia, q̃ como falasse,morte má tinha logo prestes,sem nenhum mais poder ser boom.E era marauilha de ver que tanto esforço daua Deus nelles,& tanta couardice nos outros,que os Castellos, que os antigos Reys,por longos tempos, jazendo sobre elles,com força de armas, podiaõ tomar, os pouos meudos mal armados,& sem Capitaõ,com os ventres aõ sol,ante de meo dia,os filhauão por força, antre os quaes foy hum o Castello de Portalegre,de que era Alcay de Dom Pedraluerez Priol do Esprital , & da sua mão tinha voz por a Rainha, assi como os outros,que se juntàraõ os da Villa, hũa quinta feira pella menhaam, & começàraõ combater, & ante de meo dia,com ajuda de Deus, foy filhado.Semelhauelmente os da Villa de Estremoz, postos em grande aluoroço, cometeraõ ao Alcayde,que leyxasse o Castello, & se viesse pera á Villa,que doutra guisa não seriaõ delle seguros. Iohane Mendez disse,que o naõ faria por cousa,que fosse , que de o fazer lhe vinha grande deshonra,& prasmo. Vendo elles sua reposta,determinaraõ de o combater,& tomaraõ hum carro,& puzeraõno napraça,&ordenaraõ de poer nelle as molheres , & filhos dos que de dentro estauão,com o Alcayde,que eram todos natu-

raes

ies do lugar. Os de dentro, quan
o esto viraõ, disseraõ a Iohanne
Mendez, que deixasse o Castello
os da Villa, que doutra guisa o
ião entendião dajudar. Vendo-
e elle em tal apertada, mandou
izer aos defora, que lhe enuias-
em pessoa segura, com quem fa-
asse, & acordarsehia cõ elles. Mã-
laraõ estonce Frey Lourenço,
Guardião de Sam Francisco, &
utros com elle, que fossem aõ
Castello. E Ioanne Mendez pro-
oz muitas rezoẽs a se escuzar
le não ter com Castella, mas ser
erdadeiro Portuguez, com elles,
nas suas falas, naõ prestando na-
da, foy determinado, que todauia
eixasse o Castello, & fosse entre-
gue a hum dos da Villa, que o ti
uesse. Outorgou o Alcayde q̃ lhe
razia, porque não pode mais fa-
zer, & foy entregue a hum escu-
deiro, que chamauão Martim Pe
ez, & o Alcayde foi logo fora do
Castello, & depois se foy pera
Moura, que tinha Aluoro Gon-
çaluez por ElRey de Castella. E
os do Concelho mandàraõ tirar
s portas da torre, & as do Castel
o contra a Villa, & derribar o
peitoril, & ancas daquella parte,
& deshi em diante foy o Castel-
o velado, & roldado pello Me-
stre, & posto em poder do pouo
meudo. E não somẽte os homẽs,
como dito he, mas as molheres,
àntre sy, tinhaõ bando pelo Me-
stre contra qualquer, que da sua
parte naõ era, em guisa, que hum
dia se leuantàraõ Mor Lourenço
& Margaridaeanes adella, &
outras molheres em rezoẽs con-
tra Maria Esteuẽs, Madre de Nu-
no Rodriguez de Vasconcellos,
dizendo, que seu filho dissera mal
do Mestre, & que era Castellam,
& eilas, por sy, o matàraõ, & foraõ
no lançar do muro afundo.

CAP. 45. *Como o Alcayde de Euora quizera ter voz por a Rainha, & foy tomado o Castello pellos da Cidade.*

VVINDO esto, q̃ aconteceo emalgũs lugares, Aluoro Mẽdez de Oliueira, Alcayde mor da Cidade de Euora, que entaõ tinha o Castello por a Rainha, & vendo que semelhantes saõ do que acõtecia aos outros, podia acontecer a elle, & que não tinha outras gẽtes consigo, com que o defender podesse, saluo alguns seus criados assi como Gonçaloanes Melão, & Martim Brabol, Ruy Gyl, & outros, ataá sete, ou oito, por todos. Mãdou hũ dia chamar Martim Affõso Carualho, q̃ era então juiz,

& assi

& assi era casado com hũa donzella da Rainha D. Lianor, & Gõçalo Lourẽço Alcayde pequeno, & Vasco Martins Poyzado escriuão da Camara do Concelho, & Ruy Gonçaluez Medidor, & Martim Velho, & Aluoro Vasquez Mercador, & outros honrados do lugar, & indo todos a seu chamado lhe prepoz tantas, & taes rezoẽs por parte da Rainha, que elle queria ter, que todos outorgaraõ de se vir pera elle, & lho ajudarem a defender, como se todos lançaram dentro, & foy sabido pella Cidade. Logo em este dia Diogo Lopez Lobo, & Fernão Gonçalues Darqua, & Iohaõ Fernandez seu filho, que eraõ hũs dos grandes, que hi hauia, com todo o pouo da Cidade, se leuantaraõ contra elles, & forão combater o Castello sobindo ensima da Sè, & isso mesmo do açougue, que saõ lugares altos, du lhe podião empécer as bèstas, & dalli tirauaõ muitos virotes aos que estauaõ no Castello, o qual era mui forte de torre, & muro, & sequo de caua, & muy mao de tomar sem graõ trabalho. E pellos fazerem render mais azinha, tomaraõ as molheres, & os filhos dos que dentro eram pera o defender & pozeraõnos ensima de senhos carros todos amarrados em elles que era hum jogo, que os pouco meudos em semelhante casomento acustumauão de fazer. E chegaraõ áporta do Castello, bradando aos desima, que sahissem fora & o desemparassem logo, senão que as molheres, & os filhos lhe queimariaõ todos em vista, & presença delles. E em dizendo isto começaram a poer fogo àsportas com grande aluoroço, & arroido de muyta gente. O Alcayde quando esto vio falou com aquelles, que eraõ dentro com elle, receandose de cahir na desperada sanha dopouo acordarão de lhe dar o Castello ante que mais fizesse, & foy a preitezia que os leixassem sahir fora do Castello, & da Cidade em saluo, & fora dahi com sua honra, & lhe leixariam desembargadamente. E depois que os seguraram com esta condiçam foram lançados fora pella porta da treiçam, tendo cerradas todas às portas da Cidade, receandose que os nam fossem roubar o pouo meudo depois que saissem. O Castello, que era bem forte; & asito, & que nam fora tomado tam apressa da guisa que o foy, senaõ fora pello modo, que tiueram em poer as molheres, & filhos em carros. E como foy tomado, logo foi roubado de quanto hi acharam, &

derri-

bado por muitas partes, & posto fogo dentro em elle, de guisa que queimadas casas, & quanto em elle auia, ficou deuasso, como pardieiro, sem parte defensauel, que em elle ouuesse. A porta da treição foi logo quebrantada, que nenhũ não podia sahir, nem entrar no Castello, o Alcayde se foy pera Fernam Gonçalues de Sousa, que estaua em Portel, & tinha voz por Castella, & dos outros alguns se foram pera Pedro Rodriguez da Fonseca, que era Alcayde de Oliuença, & delles pera Pay Rodriguez, que era Alcayde de Campo Mayor, que tinhaõ ambos voz por Castella. E foy a tomada deste Castello aos 11. dias do mes de Ianeiro da sobre dita era de mil quatrocentos, & vinte & dous annos

CAP. 46. *Como os da Cidade se leuantaram contra a Abbadessa, & do geito, que tiueraõ em a tomar.*

TOMADO ó Castello da guisa, que dissemos, ficou o pouo da Cidade cheo de grande aluoroço, fora de todo boom costume, começàram de se mouer por braua sanha, multiplicando nouos queixumes, contra quem lhe nunqua hauia feito erro. Vzauam de seu liure poder desdanhando que na primeira tomaũão Capitaẽs, assi como Diogo Lopez Lobaõ, & Fernam Gõçaluez, & outros grandes. E tendo sospeita sobre elles disseraõ, que se amauão seruiço do Mestre, & eraõ de sua parte, que se fossem a Lisboa pera o seruir, & ajudar a defender o Reyno, & elles vendo que lhes não compria entender sobre esto, fizeramno assi, & vieraõse pera o Mestre. Os Mayoraes daquestes aluoroços eraõ Gonçaloeanes Cabreiro, & Vicenteannes alfayate, & seguindo seus feitos, como lhe deu a vontade, & trazião appellido, *abite, abite aqui desdabite.* E como algũs delles dezião, *Vamos a Foaõ matalo, ou roubalo*, logo assi erafeito, sẽ lhe valer nenhũ dos grãdes da Cidade, postoq̃ se por elle quizesse poer. Ora aueo q̃ nesta sezão estauão as freiras, & Abbadessa de Sam Bento em hum seu Moesteiro naõ longe desse logar dentro na Cidade em humas suas casas, que saõ no muro, & os brados corressem, & temor de guerra, que se já estonce começaua descubertamente. E andando o pouo em tal aluo-

roço sem outra occupaçam, com que despendesse o tempo, naceo hũa voz (segundo alguns recontão) dizendo que Gonçaloannes Cabreiro hum dos Capataes daquella onião falou contra aquelle pouo & disse: *Vamos matar a aleiuosa da Abbadessa, que he parenta da Rainha, & sua criada.* Outros dizião doutra maneira. Esta parece mais rezam. s. que a Abbadessa ouuindo como elles andauam daquella guisa, & as cousas, que faziam, que disse de geito, que o souberão elles. *Ex os bebados andão com suas bebedices, deixay os vos, que ainda se elles mal ham de achar por estas cousas, que andam fazendo.* Ora por qualquer guisa, que fosse, aleuantouse contra ella, & naõ foy em vão. E foramna logo buscar às casas, onde assi pouzauam, & non a acharam em ellas que ella fora ouuir missa cõ suas freiras à Igreja Cathedral desta Cidade, segundo hauia em costume. Hũa seruidora de sua casa, quando vio q̃ assi buscauão, correo à presa, & foyse dizerlhe como a buscauão daquella maneira, & ella com graõ medo, q̃ houue delles, a q̃ defensaõ não esperaua dauer, leixou de ouuir missa, & meteose no thesouro, & tomou a copa, em que vão a comungar, & dizèm q̃ estaua estonce o corpo de Deus consagrado, & tẽdoo assi nas mãos, abraçandose com elle, os que a não acharaõ em casa, foraõna trigosamente buscar á Seè, & em entrando, todos com grandes brados de seu appellido, q̃ traziaõ *abite abite.* E como todos chegàraõ por ella mostrãdo graõdesejodea achar, sahiraõ estõce a elles Gonçalo Gonçalues, q̃ era dahi Adayão, & Mem Pirez Chantre, & outros Beneficiados, por os desuiarẽ da tençaõ q̃ traziaõ, & nũca tãto poderaõ dizer, nẽ prègar da parte de Deus, & de S. Maria, dizendo q̃ lha leixassem por então, & a não tirassẽ da Igreja, q̃ elles a tirariaõ á presa, & bẽ guardada pera se fazer della direito. E se algũ mal fizera, ou dissera que nunqua o fazer quizessem, nem isso mesmo as doridas, prezes della poderem amansar a braueza daquelle sanhoso pouo. Mas sem nenhuma reuerencia do Senhor, que nas maõs tinha, que os por entam leyxou vzar de seu liure poder, por juizo a nos non conhecido lhe tomaraõ o Corpo das maõs, & a tiraram fora do thesouro: & leuandoa assi, ante que chegassem áporta da escada, lançouse hum delles a ella rijamente & le-

& leuoulhe o manto,&as toucas fora da cabeca,ſem outra cobertura. E indo mais diãte, anteq̃ chegaſſe âporta principal,lãçouſe outrohomẽ a ella,&cortoulhe as fraldas de todalas veſtiduras, em tanto q̃ lhe parecião as pernas todas,& parte dos vergonhoſos mẽbros.Eaſſi a tiràraõ fora da Sè deshonradamẽte, & a leuàraõ pela rua deſalli atè à praça.Em aquelle lugar lhe deu,hum delles, hũa cutilada pela cabeça,de q̃ cahio morta em terra , & deshi os outros começaraõ de a cutilar pela calçada,cada hum como lhe aprazia. E eſtonce a leixaraõ aſſi jazer na praça ,& foraõ comer, & buſcar outros deſenfadamentos , & àcerqua da noite vieram aquelles , que a mataram , & lançaraõlhe hum baraço nos pés & leuaramna ataá ao Rocio , a cerqua do curral das vacas,& leixando a ſſi aquelle deshonrado corpo , algũs, que diſſo ouueraõ ſentido,o tomàraõ de noite , & a ſoterràraõ na Sè eſcondidamente,que doutra guiſa naõ eraõ ouzãdos de o fazer de praça.

CAP. 48. *Como foy lançado voz pello Meſtre na Cidade do Porto , & da maneira , que o pouo em ello teue.*

DEVEIS de ſaber, que tanto que o Meſtre tomou cargo de Regedor , & Defenſor dos Reynos, & ſoube que ElRey de Caſtella vinha com ſeu poder pera entrar em elles , que logo eſcreueo ſuas cartas a algumas Villas, & Cidades , & iſſo meſmo a certas peſſoas notificandolhe em ellas , como bem ſabião da guiſa que eſtes Reynos eſtauam em ponto pera ſe perder , & como ElRey de Caſtella vinha pera os tomar , & meter os pouos delles em ſua ſogeiçãocontra ordenança dos trautos, q̃ prometidos tinha,a qual couſa deuia ter por tam graue , & tam eſtranha, qee antes ſe todos deuião auinturar a morrer ſobre tal demanda, q̃ cahir emſeruidão tão odioſa.E q̃ elle,por honra,& defenſam do Reyno, & dos naturaes delle,ſe deſpozera a tomar carrego de o reger , & defender,o q̃,cõ a graça de Deus,entendia leuar a diante, com a ſua boa ajuda delles , & que porem lhe rogaua , que todos de bom coraçam , como verdadeiros Portuguezes , tiueſſem voz por Portugal , & nam curaſſem em nenhumas cartas, que lhe a Rainha , & ElRey de Caſtella em contrairo deſto man-

daſſem. Antre os lugares, a que ſeu recado chegou, foy â Cidade do Porto, onde ſuas cartas não foraõ ouuidas em vão. Mas como foram viſtas, concordaraõ muito preſtes, logo ſe ajuntaraõ todos, eſpecialmente o pouo meudo, & alguns outros deſſa natural gente douidando recea uam muyto de poer em tal feito mam. Entam aquelles, que chamauão arraya meuda, diſſeram a hum por nome chamado Aluoro da Veiga, que leuaſſe a bandeira pella Villa, & voz em nome do Meſtre de Auiz, & elle refuſou leuala, moſtrando que o nam deuia de fazer, o qual logo foy chamado trédor, & que era da parte da Rainha, dandolhe tantas cutiladas, & aſſi de vontade, que era ſobeja couſa de ver eſtar morto. Nam ſe fez mais naquelle dia, mas juntaramſe todos no outro ſeguinte, com ſua bandeira tendida na praça, tendo ordenado, q̃ a leuaſſe hũ bõ homem do lugar, q̃ chamauam Affonſoeanes Pateyro, & ſe a leuar não quizeſſe que o mataſſem logo, como o outro. Affonſoeanes, como ſoube deſto parte per alguns delles, que eram ſeus amigos, & bem cedo pella menhaam, primeiro que o conuidaſſem pera tal obra, foyſe á praça da Cidade, onde jà todos eram juntos pera atrazer pera o lugar, & anteque lhe nenhum diſſeſſe que a leuaſſe, deitou elle mam da bandeira dizendo, altas vozes, que o ouuiraõ todos: *Portugal, Portugal, pello Meſtre Dauiz.* Entam caualgou Affonſoeanes em riba de hum grande, & fermoſo caualo, que pera eſto jà alli eſtaua preſtes, trazendoa muy honradamente por toda a Cidade, & acompanhada de muita gẽte, aſſi clerigos, como leigos bradando todos a hũa voz *Real, Real pello Meſtre Dauiz Regedor, & Defenſor dos Reynos de Portugal.* E andando aſſi pella Cidade, foraõſe onde grandes tempos hauia, que era poſto entredito, e não ſoterrauão nenhum, & começaraõ de tanger os ſinos, & fazer dizer miſſas, & ſoterrar os mortos, onde jazião enterrados, & trazelos dentro álgreja, & nenhũa peſſoa ouzaua eſto de contradizer. Prègou eſtonce hum frade muyto a prepoſito de ſua entençam concludindo, q̃ todos auiaõ de ſer vnidos em huma vontade, & deſejo, & não andar antre elles deſuairos nenhuns, mas ſeruir o Meſtre lealmente, & de boom coraçaõ,

como

como verdadeiros Portuguezes, pois que se punhaõ a defender o Reyno pera o liurar de sogeiçaõ DelRey de Castella. Muito foraõ todos contentes das rezoẽs, q̃ o frade prègou, & deshi em diante nenhum desacordo houue antre elles, mas todos de hum talente dispozeraõ a ter, & seguir a tençam do Mestre, & desta guisa, que tendes ouuido, tomaram os pouos meudos muitos castellos dos Alcaydes delles, que, por naõ alongar, leixamos de dizer, alçando voz com pendoẽs pella Villa, bradando todos, & dizendo. *Portugal, Portugal, pello Mestre Dauiz.* E naõ guardauão diuido, nẽ mizidade nenhuma, que sua tenção não tiuesse, mas quantos eraõ da parte da Rainha, todos andauão à espada. Quãta desacordança pẽsais q̃ era depois de paes com filhos, & irmãos cõirmaãs, & de molheres cõ os maridos? A nenhũ era ouuida rezão, nẽ escuza, q̃ por sua parte dar quizesse, mas como hũ falaua dizẽdo: *q̃ fohaõ he delles;* naõ hauia cousa, q̃ lhe desse a vida, nẽ justiça, q̃ o liurasse de suas maõs; & isso era especialmente contra os milhores, & mais honrados, q̃ hauia nos lugares, dos quaes muitos foraõ postos em grande cajão de morte, roubados de quãto ha uiaõ, & delles cõ medõ fugiaõ pera as Villas, q̃ tinhaõ voz por ElRey de Castella. Outros se hiaõ pera fora do Reyno, leixados seus bẽs, & todo quanto hauiaõ, os quaes logo o Mestre daua, aquem lhos pedia, & os meudos corriaõ apoz elles, & buscauãonos, & prẽdiaõnos, tão de vontade, que parecia que lidauão pella feè.

CAP. 48. *Porq̃ rezão enuiou o Mestre Embaxadores a Ingraterra, & da reposta, q̃ lhe de lá veo.*

PORQVE toda a rezão outorga q̃ milhor, & mais poderosamente podem os muytos dar fim a hũa graõ cousa, quãdo a começar querẽ, q̃ os pouços, por mui ardidos q̃ sejão, ordenou o Mestre, cõ os do seu Cõcelho, q̃ erabẽ dauer gẽtes em sua ajuda, & acordáraõ de enuiar pedir a ElRey de Ingraterra, q̃ lhe prouguesse dar lugar, & licẽça aos do seu Reyno, q̃ por soldo, & á sua võtade, viessẽ ajudar cõtra seus imigos, & foi ordenado de irem alaà por Embaxadores Lourenço Martins criado do Mestre, que despois foy Alcayde de Leirea, & Thomas Daniel Ingres, os quaes partiram em duas naos dante a

Cidade, & naquelle mes de Dezembro. E depois foy acordado de mandarem Dom Fernam Daffonſo de Albuquerque Meſtre da Ordem de Santiago, & Lourençoeanes Fogaça, Chançarel môr, q̃ fora DelRey D. Fernãdo, oq̃al entaõ na Sè o Meſtre fez caualeiro, anteq̃ partiſſe. Onde ſabey q̃ eſte Dom Fernamdafonſo de Albuquerque, eſtando na Villa dePalmella, ſe veo, com todas ſuas gentes, a Lisboa pera o Meſtre, & o recebeo por Senhor; & ficou por ſeu vaſſallo pera oſeruir. Mas porẽ, não embargãdo eſto, por quanto elle fora feito por a Rainha, receandoſe delle, q̃ ſe poderia deitar cõElRey deCaſtella, & lhe dar as fortalezas do Meſtrado, diſſeraõ q̃ era bem, q̃ foſſe por embaxador alongado de tal azo. Deshi q̃ era mor honra do Meſtre taes embaixadores, que de mais piquena condiçãõ, outorgaraõ todos de oenuiar, & embarcàraõ, em dous naujos, o Meſtre em hũa nao, & Lourençoeanes em hũa barca. Foraõ ſua viagem, & chegaraõ daquelle dia a oito dias, que era ſeſta feira, a hũa Villa, que chamão Priamua lugar de Ingraterra, & dalli ouueraõ beſtas, & encaminharaõ pera Lõdres, onde ElRey eſtonce eſtaua, & foram delle bem recebidos, & de todolos ſeus, & fidalgos da Corte, & depois foram falar ao Dalencaſtro. E ordenou ElRey de ter conſelho em huma Cidade Saras, depois que o Duque veyo, & alli prepoſeraõ ſua embaixada, cuja concluſam em breue era eſta. *Que ſendo o Reyno por ſeu azo deſpachado, & liure dos imigos, que toda a ajuda, que lhe os Portuguezes fazer podeſſem, aſſi de gales como de ſeus corpos, onde elle, por ſeu ſeruiço, mais entendeſe, que eram muito preſtes de o fazer. E mais que ſe o Duque Dalencaſtro por ſeu corpo vir quizeſſe ao Reyno de Caſtella, que lhe, por azo de ſua molher, de direito pertencia, que tinha o tempo muito preſtes, & todo Portugal em ſua ajuda.* E leuaua o Meſtre, & Lourençoeanes pera firmar eſto, & outras couſas, grandes, & largos poderes pera proceſſaõ do Meſtre, & de Lisboa, & do Porto. ElRey auendo ſobre ello acordo, prouge a elle, & atodolos do Cõcelho, q̃ quaeſquer gentes de armas, que por ſoldo, & em ajuda de Portugal lhes prouguеſſe vir, que liuremente opodeſſem fazer, jurando ElRey, & prometendo que não faria menos pera por em obra toda a boa ajuda, que neſte feito dar podeſſe

deſſe, do que faria por defender ſeu Reyno. E por quanto o Duque Dalencaſtro era em Calès a tratar tregoas com ElRey de França, & eſperaua por elle cedo pera lhe ElRey dar o carrego, como ſe eſto milhor fizeſſe, & encaminhaſſe. Trabalhou, em tanto, o Meſtre, & Lourençoeanes Fogaça de inuiar algumas gentes darmas archeiros, por a neceſſidade, em que o Reyno eſtaua, porem foram poucos, dos quaes eram Capitaens, hum, que chamauam Eleiſabri, & outro Triſinga, & hum Caualleiro Gaſcon, que hauia nome Gilho deMonferro. E elles preſtes pera partir em duas naos, mandou o Meſtre a Lourenço Martins ao dito lugar de Priamua, pera os fazer vir embarcar ally: E elle, como ally chegou, meteoſe com elles nos nauios, & veoſe a Portugal, como ao diante diremos, da qual couſa o Meſtre, & Lourençoeanes Fogaça, ouueraõ muito grande queixume, por ſe ver daquella guiſa. E tanto prougue aos Ingrezes deſta ajuda, que lhe os Portuguezes requerer inuiaraõ, que muytos hi ouue, que lhe empreſtaraõ dinheiros pera paga de ſoldo das gentes, que logo auiãode auiar, aſſi como Moſè Nicol, Moſè de Londres, Anrique Viuembrà Caualleiro, q̃ lhe empreſtaraõ tres mil & quinhentos nobres. E aſſi outros mais, & menos, como cada hũ podia, de guiſa q̃ com eſto, & com as mercadorias dos Portuguezes, q̃ là achauão, que tomaraõ, depois contentarão as gentes por tal modo, q̃ lhes prazia vir com leda vontade. E a repoſta, q̃ ElRey deIngraterra, inuiou ao Meſtre ſobre eſta ajuda, q̃ lhe então foy demandada, podeis ver por eſta ſeguinte carta.

CARTA DELREY DE Ingraterra.

RICARDO pella graça de Deos Rey de Ingraterra, Senhor de Ibernia ao muy nobre, & grande baraõ Ioanne por eſſa meſma graça Meſtre da Ordem da Cauallaria de Auis, Regedor, & Defenſor dos Reynos de Portugal, & dos Algarues noſſo mui prezado amigo, ſaude, & deſejo de limpa amizade. Pouco ha q̃ recebemos ledamẽte os embaixadores Caualeiros Fernando Meſtre da ordem de Santiago, & Lourenço Fogaça Chançarel môr de Portugal voſſos embaxadores a nôs inuiados, & claramente entendemos todo o que da voſſa parte nos diſſeram.

E certamente, muy prezado amigo, de coração vos agardecemos o bom deſejo, que vos, & os gentis homens deſſa terra a nós por voſſo azo tem, ſegundo por obra, & conhecimento vemos. E quanto he ao que por elles nos foy declarado ſobre voſſos offerecimentos, aſſi de ſeruiço de galês, como doutras couſas, que nos deſtes Reynos compridouras foſſem. Iſſo vos agardecemos muito, & antre elles, & os do noſſo Concelho foi ſobre ello feito certo trato, ſegundo eſſe meſmo Lourenço vos mais largamente pode contar, & pera o acorrimento, que a vos, & a noſſos aliados deſſes Reynos compridouro era. Nos outorgamos aos ditos Embaixadores, que da noſſa parte poſſem tirar homens darmas, & frecheiros por ſeu ſoldo, quantos, & quaes lhe prouguеſſe. O que em verdade conſirando as reuoltas, & guerras, em que pello preſente ſomos preſſe, aſſi de ligeiro a outra peſſoa não outorgaramos, & queremos que em hum trauto, que hora com noſſos aduerſarios de França, & de Caſtella, fizemos em Calez que ſe entenda em vos, & voſſos aliados. E bem nos prouguera, que voſſos Embaixadores deraõ a elle conſentimento, mas eſcuzandoſe diſſeram que naõ hauião de vos tal mandado. E porque o naõ traziaõ aquelles, que por noſſa parte alli eraõ, nos aficaraõ que vos eſcreueſſemos. E iſſo meſmo os Francezes por ſua parte ao accupador de Caſtella, que as tregoas, que por nos tinhaõ feitas ao primeiro dia de Mayo ſeguinte com os ditos aduerſarios, de hũa parte, & da outra, foſſem guardadas. A qual couſa ſe o noſſo comum aduerſario, não quizeſſe conſentir, nós vos requeremos propria liberdade, pera auerdes guarda, & defenſam das noſſas gentes, E eſto entendemos que era bem eſcreuermos a voſſa nobreza, por fazerdes requerer a eſſe noſſo aduerſario o mais cedo que poderdes, por tal que viſta ſua reposta, nós com boom, & maduro conſelho poſſamos eſguardar voſſa, & principalmente, noſſa comum defenſam. Vos, em tanto ſede forte, tendo boa eſperança em Deus, crendo firmemente que o Rey dos Reys, que he juſto, & não deſempara os que por juſtiça pelejam, nam deſemparará voſſos feitos. mas fazeruos hà glorioſo vencedor, com grande, & honrada vitoria. Nobre, & excellente baram, todas voſſas obras guie o Senhor Deus, & viuaes boõs

& perlongados dias a vosso prazer. Escrita &c.

CAP. 49. *Como a Cidade de Lisboa deu hum seruiço ao Mestre pera ajuda defazer moeda.*

A vistes no recado DelRey Dom Pedro quanto os Reys de Portugal fizeraõ por ajuntar thesouros,& auer riqueza,por ter largamente que despender quando lhe aconteceſſe de defender seus Reynos,ou mouer outra guerra, ſe viſſem ſe lhe compria.E quanto elles trabalhàraõ,que aquelle theſouro não vieſſe à tal mingoa, porque,em taes meſteres,conuieſſe lançar peita ao pouo,tanto trabalhou ElRey Dom Fernando de o gaſtar ſem neceſſidade peruaans guerras,& ſem proueito, & não ſómente gaſtando todolos theſouros , que lhe dos outros Reys ficàraõ , mas lançou nouamente ſizas, & mudou moedas em grande dano , & deſtroição de todo ſeu pouo,de guiſa que,quando o Meſtre tomou cargo de Regedor , & Defenſor dos Reynos, não tinha nenhũa couſa,com que manter a guerra,nem de que fizeſſe bem , & merce a aquelles;Entendendo todos que lhe conuinha,por ſerem liures de tal ſogeição de acorrer a tamanha neceſſidade,como eſta,ordenaraõ de dar ajuda,& fazer ſeruiço ao Meſtre dalgũs dinheiros,& prometeolhe a Cidade cem mil liuras em ſeruiço , q̃ eraõ mil dobras,& que paguaõ os Mouros,& os Iudeos moradores em ella,as quaes lhe foraõ pagadas em dinheiros meudos , & moeda branca,& em prata.Moeda branca chamauão eſtonce graues,& barbudas,& pilartes. Eſtes dinheiros tirauão à preſſa certas peſſoas pellas freguesias, & era mandado que qualquer , que leuaſſe moeda da Cidade pera fora , que a perdeſe toda , & ouueſſe o quinto, o que a tomaſſe,& filhauamna a algũs que a leuauão eſcondidamente, & entregauãona ao Meſtre: Alem deſto pedio o Meſtre a algũas peſſoas da Cidade , & de ſeu termo,que entendeo que o podiam fazer,certos dinheiros empreſtados,& todos lhe offereceraõ de boa vontade qualquer couſa, cõ que o ajudar podião. E a Comuna dos Iudeus, afora o que lhe pagaraõ noſeruiço, lhe empreſtarão ſetenta marcos de prata.E empreſtoulhe mais a Cleresia em Cruzes,& caliz,& outros lauores, aquel-

quella prata, que escuzar podiaõ, em guisa, que a Igreja Cathedral da Sé, com vinte Igrejas, que ha ná Cidade, lhe prefizeram duzentos, & oitenta, & sete marcos de prata, de que a Seè deu os oitenta & sete, & as outras Igrejas, segundo que a cada hum tinha escuzada. E ordenou o Mestre pera seu thesoureiro da sua Moeda hum mercador, que chamauão Persiual, & a este foram entregues todos estes dinheiros, & prata, que dissemos, & mais no uecentos marcos de prata, que o Mestre tinha em sua Camara, & muitos dinheiros meudos, & moeda branca, & outras moedas de Castella, que dizer não curamos, as quaes lhe entregou Affonso Martins seu Escriuão da Puridade.

CAP. 50. *Como o Mestre ordenou de fazer moeda, & de q̃ liga, & talho foi feita.*

COMO o Mestre teue encaminhado perapoder fazer moeda, ordenou logo de mandar laurar reaes de prata. Mas primeiro sabey que ao tempo, que o Mestre tomou esta voz de Regedor, & Defensor do Reyno, corriaõse em elle moedas, que jà dissemos. s. dos Alfonsis, que noue delles valião hum soldo, & vinte soldos valião hũa liura. E mais Bramidas que valião dous soldos, & quatro dinheiros, & Graues, que cadahũ valião quatorze dinheiros, & Pilartes, que valião sete dinheiros, segundo he escrito em seu lugar, onde falamos do abaixamento, que ElRey Dom Fernando fez nas moedas: E corrião mais Reaes de prata de ley de dez dinheiros, & sincoenta, & seis no marco. E a rezão, porque estonce foraõ taes nomes postos a estas moedas queremos aqui dizer. Quando El Rey Dom Fernando começou guerra com ElRey Dom Anrique, como ouuistes, vieraõ a Castella com elle muita gente de Francezes, a que chamauão com panha branca, & vinhão armados em esta guisa. Trazião barcinetes com estofa, & camal de malha com cara posta, & chamauão lhe baruudas. E o cunho, de que era acunhada aquella moeda, tinha de hũa parte hũa cruz em aspa, & em meo della hum escudo com sinco pontos de quinas, & da outra parte bramida com sua cara, & esta gente de armas trazião graues, com pendoẽs pequenos ensima, a que agora chamão, lanças darmas, & aos moços, que

Cepta, segundo ao diante ouuima dos chibaos, chamauão posta graue, & nos chamamos agora às bramidas barcinetes de careal, & aos moços pagés, & daquelles nomes das armas leuaraõ nome aquellas môedas, ca o Graue tinha hũa lança no cunho, & hum pendão piqueno emsima, & da outra parte a aspa, & quinas E correndo assi estas moedas jũtamente valia a dobra cruzada sinco liuras, & a nomisqua quatro liuras, & mea, & o Franco douro de França quatro liuras, o marco da prata de ley de onze dinheiros vinte & duas liuras. E o Mestre ordenou de laurar moeda noua de Reaes de prata, & da ley de noue dinheiros, & deshi outros sinco, & por o lauramento, que mandaua fazer de menos de ley, gançaua pera as despezas. E dizem alguns em suas historias que estes Reaes primeiros, que o Mestre mandou laurar, que prestauão pera algumas dores, & algũs os encastoauam em prata, & traziãonos ao collo, & depois que o Mestre reynou, mandou laurar reaes de ley de hum dinheiro, que valia cada hũ dez soldos, & depois deste mandou fazer outros Reaes de tres liuras & mea de tres dinheiros de ley. E quando ordenou de tomar ços q̃ trazião as bramidas ensireis, mandou laurar hũa moeda de Reaes, que chamauão, Branco que valia hum dez de tres liuras & mea, & eraõ delles de tres dinheiros, & de sessenta & dous no marco. E durando assi estas moedas, foraõ em ellas feitas tantas mudanças de liga, & talha, que seraõ longas de contar, de guisa que valia hũa, Corôa, cento & sincoenta reis brancos de trinta & sinco liuras & meya, em que montauão seis mil duzentas & sincoenta liuras. Assi que, por quãto achauão no tempo Del Rey Dom Fernando mil cento & setenta & tres dobras, não achauão depois mais de hũa dobra. E estas mudanças lhe fez fazer a necessidade das guerras, que muytas vezes com El Rey de Castella houue, por azo das quaes se lhe recreciaõ grandes despezas, que escuzar não podião. E porem compre aqui de notar hum grande dito, & muy proueitoso, que cada hum Rey, & Principe deue dauer com seu conselho, quando lhe tal necessidade auier, que o doutra guisa remediar naõ possa, *que mais val terra padecer, que terra se perder*, que por taes mudanças, & lauramento de moedas, cõ ajuda do muy alto Deus, o Reyno de Portual foy por el-

le

le defeso,& posto em boa paz cõ seus imigos, posloque as gentes em ella algũa mingoa, & dano sentissem.

CAP. 51 *Como o Mestre deu lugar a algũs, que laurasse em moeda, & poz mantimento a muitas pessoas.*

TEIXADAS as rezoẽs, que abastadamente alguns escreuem, mostrãdo quãto he proueitoso ao Reyno laurarem todos moeda, quaesquer que o fazer poderem. Do modo, que o Mestre em isso teue digamos,& mais não. Onde sabey que nesta sezão, que o Mestre mandou laurar sua moeda, sentindo por seu seruiço, & proueito, deu licença ao Concelho de Lisboa, que laurasse hũa soma de prata pera ajuda de soportar seus encarregos, assi de gente darmas, que a Cidade hauia de pagar, como doutras cousas necessarias à sua defensaõ, que lhe por isso recrecião. E isso mesmo deu lugar ao Doutor Iohaõ das Regras,& a outros, sem leuando ganço do que assi laurauão, mas quanto rendia lhe era entregue. E como o Mestre teue feita moeda, ordenou logo seus mantimẽtos aos fidalgos, & Officiaes de sua Casa, assi como ao Doutor Iohão das Regras,& ao Doutor Martim Affonso, a cada hum cem liuras, & assi aos outros, segundo que tal era,& a Dom Affonso filho do Conde Dom Aluoro Perez,& a Dona Lianor Telles molher de Dom Pedro de Castro, & a Dona Breatiz sua irmaam delle, que auia cem liuras. E dos mais naõ compre escreuer. Mas que diremos deste virtuoso Senhor, & de sua grande bondade? que naõ embargando que seu coraçaõ fosse então partido em tantos, & tam desuayrados cuidados, como cada hum pode pensar, que tal negocio requeria, não se esqueceo porem dos espritуaes feitos, & ordenou logo muy honrado sahimento pella alma Del Rey D. Fernando seu irmão, de que teue cargo Antão Rodriguez Priol de Sam Nicolao, em que fez grande,& larga despeza, & mais poz mantimento acertas pessoas deuotas, que rogassem a Deus por elle,& por o estado do Reyno, assi como foy Iohaõ da Barroca,& Margaridaeanes,& a Maria Esteues empardeados, que auião quatro soldos por dia. E fez hũa cousa muito notauel, & de grande louuor antre as gentes, que todos tiueraõ por assinado bem, que alguns

gũs, que eraõ preſos em poder de Caſtellaõs pela guerra, que era jà muito aceza, & não tinhaõ por onde pagar ſuas rendiçoẽs, que elle os mandaua tirar de catiueiro, pagando por elles todo o que hauiaõ de dar, & a outros fazia groſſas ajudas, pera logo ſerem liures de poder de ſeus imigos. E por eſtas, & ſemelhantes couſas, que obraua, começou de ſer tam amado dõ pouo, vendo em elle largueza de doẽs, com leda, & prazivel graça de dar: alem deſto o grande ſaber, & auizamento, & gouernança, & regimento, que tomàra, que todos ſe tinhaõ por bẽ auenturados de o hauerem por Senhor.

CAP. 53. *Como os da Villa de Almada tomaram voz pello Meſtre, & como foy ſobre Alanquer.*

SEGVNDO enſina o longo vſo, & praticar nos faz muyto catos, em nenhuma parte tem a inueja taõ grande morada, como na Corte dos Reys, & dos Senhores, & tendo o Meſtre a meude conſelho com os ſeus pera proſeguir tamanho negocio, falaua às vezes porem a de parte dizendo a Nuno Aluerez algũas couſas, de que os outros não eraõ em conhecimento. Ora aſſi aueo que eſte comum mal, que he inueja, ſe veo tanto a ſenhorear dos coraçoẽs daquelles, que eraõ do conſelho do Meſtre, aſſi como Ruy Pereira, & de Aluoro Vaſquez, & o Doutor Iohaõ das Regras, & de todolos outros ſeus priuados, vẽdo como o Meſtre falaua em eſpecial com Nuno Aluerez algumas couſas, & ſeguia em ellas ſeu conſelho, que vieraõ todos a acordar em ſegredo, auendo deſto grande deſpeito, que ſempre foſſem contra quaeſquer conſelhos, que Nuno Aluerez deſſe ao Meſtre, poſtoque boõs, & rezoados foſſem, & que nunqua ſe tiueſſem a elles, & defeito aſſi o fazião. Nuno Aluerez ſoube parte deſte ſegredo, & nenhũa couſa diſſe a algum delles, & falando hum dia ao Meſtre em ſeu conſelho hũa couſa muito notauel: reſpondeo Nuno Aluerez o que entendeo de guiſa, que aprougue ao Meſtre da ſua repoſta, & acordouſe com elle na ſua tenção. Os outros do ſeu Conſelho, porque ſe o Meſtre tinha à rezão de Nuno Aluerez, não foraõ de tal acordo contentes, ante lho contradiſſeraõ muyto, moſtrando aſſaz de rezoẽs a ſeu conſelho não ſer bõ.

Nuno

Nuno Aluerez, vendo esto, começou de rir, sabendo bẽ parte porq̃ o fazião. O Mestre quando esto vio, perguntoulhe porque se ria? & elle lho contou todo como era, & porque se acordauam do q̃ elle dezia ao Mestre, se marauilhou muyto de tal inueja, & teue com elle geito em lhe falar de guisa, que não tiueram depois mais tal tençam, & foraõ dally em diante todos em hum acordo. E antre as cousas, que em aquelle Concelho foram faladas, assi foy quanto era necessario de Almada ter sua voz do Mestre, porque era assi como chaue do mar pera qualquer armada, que ElRey de Castella quizesse fazer sobre a Cidade. E pois que a Villa não tinha castello, nem Alcayde, que della tiuesse feito menagem, que ligeiramente a poderia auer. O Mestre ouue esto por bom conselho, & foy a ella, & os da Villa o receberam bem, & ficaram por seus pera o seruirem, & esto foy o primeiro dia de Ianeiro de mil quatrocentos & vinte dous. E como tornou de Almada pera Lisboa, ordenou logo de hir sobre Alanquer, hũa Villa cõ seu Castello, que são oito legoas da Cidade, na qual esteue a Rainha depois da morte DelRey, & do Conde Iohão Fernandez antes que partisse pera Santarem, segundo já tendes ouuido. Em esta Villa estaua por Alcayde Vasco Perez de Camoẽs, que a tinha pela Rainha Dona Lianor, & o Mestre ajuntou atè duzentas lanças & bèsteiros, & homẽs de pé nam muytos, & foy este dia á Castanheira hũa legoa do lugar. E no outro dia bem cedo, de madrugada, amanheceo sobre ella, & pousou no Moesteiro de S. Frácisco, & Nuno Aluerez nas casas de Vasco Martins da Tero, que estaua casado cõ sua irmaã, & logo á tarde foraõ os do Mestre escaramuçar com os da Villa, onde chamão a porta de Soure, & o Mestre chegou, & felos recolher, porque os ferião do muro as béstas. E postoque hi fossem feitas por vezes boas escaramuças, nenhũa cousa aproueitaua, que prestasse, porque o lugar era muito forte, & elles não leuauaõ artificios de combater. Mas hora conuem sahir desto, & deixemos o Mestre em Alanquer, & a Rainha em Santarem, & vamos ver que fez ElRey de Castella em seu Reyno, quando lhe chegaram nouas q̃ ElRey D. Fernando era finado.

(?)

CAP.

CAP. 53. *Como ElRey de Caſtel la mandou prender o Conde D. Affonſo ſeu irmão.*

ASSI aueo que eſtando ElRey de Caſtel la na Pouoa de Mõtaluão, onde ficou, quando deixamos de falar em ſeus feitos, chegoulhe recado como ElRey D. Fernando era morto. E tãtoque o ſoube, logo ao outro dia mandou chamar ſeu irmão Dom Affonſo Conde de Gigon de Camora donde eſtaua, & diſſe, *como lhe trouueraõ recado, que ElRey D. Fernando ſeu padre era finado, & que porem por delle eſtar ſeguro, porque eſtaua caſado com ſua filha, & ſe temia de ſe lançar em Portugal, & fazer aluoroço no Reyno, que lhe prazia de ſer prezo.* O Conde ficando eſpantado, quãdo lhe eſto ouuio, pediolhe por merce, que lhe mantiueſſe o que lhe prometera quando com elle comungàra o corpo de Deus & ElRey diſſe: *que naõ curaua de ſuas rezões, que a elle era certo que depois que o Conde partira de Gigon, & viera pera ſua merce, q̃ elle jà era muito a mandar algumas cartas em Portugal em ſeu deſſeruiço.* O Conde jurando que nunqua tal couſa fizera, & que foſſe ſua merce de lhe ter o que lhe prometera. ElRey não curando de couſa, que diſſeſſe, entregou o prezo a D. Pedro Tenouro Arcebiſpo de Toledo, & trouueo fora do Paço, onde já eſtauão até ſincoenta de caualo, & entregouho a hum dos mais honrados, q̃ com elle andauão, & foyſe onde o Conde pouſaua, & prendeo a Condeſſa ſua molher, & mãdou a logo a Toledo, que eraõ ſinco legoas, & o Conde iſſo meſmo fora là leuado. Eſendo oCõde preſo por grande tempo, deu ElRey a terra de Norueña a Igreja de Ouedo, & confiſcou pera a Cõroa de ſeus Reynos todos os outros bens, que o Conde auia nas Eſturias.

CAP. 54. *Como ElRey de Caſtel la mandou prender o Infante Dom Iohaõ de Portugal.*

IA tendes ouuido da ida do Infante Dom Ioham pera Caſtella, como por azo da Infanta Dona Beatriz ſua irmaam, molher do Conde Dom Sancho, fora encaminhado de ficar com ElRey, & foy aſſi que lhe deu ElRey Alua de Tormes, & Real de Mança

nales,

nales,& logares outros, porem não viuia tão abaſtadamente,como compria a ſeu eſtado, & naõ andauão com elle mais que atè dez,ou doze,que o acompanhauão de cote,mas outros fidalgos, que o amauão muito, por quem elle era,lhe fazião grande honra & gazalhado, acompanhandoo em ſua caſa,& pera o Paço. Aſſi como Dom Iohaõ filho de Dom Tello Irmão DelRey Dom Anri que, que tragia dez tanta caſa mór que o Infante,&iſſo meſmo o Marquez de Vilhena, & Pero Fernandez de Valhaſco,que nũqua erraua cento,& ſincoenta de mulas conſigo, & acompanhauãono mais Iohaõ Duque,& Ruy Duque ſeu irmão,& outros bons fidalgos de Caſa DelRey. E como ElRey de Caſtella caſou cõ a Infanta Dona Breatiz,ſabendo que ElRey Dom Fernando era doente muito ameude, logo ſe recearaõ do Infante poder reinar depos ſua morte, & começaram de não ſegurar delle,& ter maneira,que não fizeſſe de ſy couſa, q̃ o ElRey não ſoubeſſe. E alguns dos ſeus, que eſto entendiaõ deziaõno por vezes ao Infante, & elle, como homem afaſtado de toda malicia,não curaua do que lhe diziaõ.E tanto que ElRey fez prender o Conde Dom Affonſo ſeu Irmão, logo mãdou prender o Infante Dom Iohaõ per Garcia Gonçaluez de Grijalua nas pouſadas do Infante, & fezlhe dizer que o não prendia por couſa,que delle ſoubeſſe contra ſeu ſeruiço, mas que ſe receaua, pois ElRey Dom Fernando era finado,de o terem algũs Portuguezes por Rey,& fazer reboliço no Reyno, contra a ordenança dos trautos,& que atà que todo foſſe aſſeſſegado lhe prazia de ſer reteudo:Outros affirmão ſua prizaõ muito por outra maneira, & dizem que,tanto que ElRey Dõ Fernando ſe finou, que logo algũs do Reyno lhe eſcreueraõ à preſſa como ElRey ſeu Irmaõ era morto,& que viſſe por ſua hõra o que lhe compria fazer em elo:& que elle,como lhe eſte recado chegou,que ſe foy a ElRey,& moſtroulhe as cartas.E elle dizẽdo que lho agardecia muito, & que eſtonce o mãdou prender. Porem de qualquer guiſa,que foſſe,ElRey mandou poer em elle boom recado,& guarda,& defendeo qualquer dos ſeus, que foſſe achado naquella Cidade,onde o elle mandara leuar,que foſſe prezo atà ſua merce.

.?.

CAP.

CAP. 55. *Como ElRey fez em Toledo exequias por ElRey Dom Fernando, & da maneira, que em ellas teue.*

PREZO assi o Conde Dom Affonso,& o Infante Dõ Iohaõ como ouistes, ordenou ElRey de fazer sahimento por ElRey Dom Fernando na Cidade de Toledo,e mandou la correger das cousas,q̃ lhe compriaõ, & elle atendeo alli até q̃ todo fosse feito. Como lhe trouueraõ recado,q̃ era todo prestes, partio ElRey pera lâ,& a Rainha isso mesmo. ElRey leuaua h ũsayo preto, & a Rainha hia em hũas andas vestida dalmafega preta,& as andas cubertas todas de pano preto, q̃ a não via nenhum. O Portuguezes,q̃ cõ ella ãdauão,leuauão burel branco vestido,& isso mesmo as molheres,& quando chegaraõ era já ora de bespora,& forão descaualgar a hũa Igreja,q̃ he muito perto do lugar,& vieraõse pera ella todalas donas do lugar pera hirẽ em sua cõpanha. Dalli leuarão a Rainha â Sè,onde já estaua hũ grãde estrado feito,& atade encima,postotodo corregido como cõpria. E quãdo entraram pela porta da Sè fizeraõ todolos Portuguezes graõ dó,& a Rainha cõ as molheres,q̃ de Portugal foraõ,& depois q̃ acabarão das besporas era jà tarde,& foraõse pera seus Paços,q̃ era dentro na Cidade,onde a Rainha tinha a sala,& acamara toda armada de panos tintos em preto. E outro dia pela menhaã partio ElRey,e a Rainha pera a Sè,aonde já estaua feito hũ alto corregimẽto pera elles,& como entraraõ pella porta,fizeram seu dô,assi como às besporas, & depois q̃se tirarão fora. ElRey dos vestidos panos pretos,q̃ leuaua, e vestio hũ cõprido mantão de pano douro forrado de arminhos aberto por a parte direita chamãdolhe estonce lõbardos. A Rainha outrosi foi vestida daquelle pano muy riquamẽte,& o sobreeeo,& assentamẽto,em q̃ alli estauão,todo era cuberto daquelle mesmo pano douro atà o chão, & foyse ElRey;& a Rainha assẽtar naquelle corregimento. Estando elles assi veo hũaporcissão em esta guisa Vinha o Arcebispo deToledo cõ capa bẽ rica,& mitra na cabeça, & todolos Conegos, & Clerezia da Cidade rezãdo,& trazião a bãdeira das armas de Castella,& os sinaes de Portugal,e cõcertos em baixo,& leuauãona,com esta porcissão,& pozeraõna ante ElRey, & a Rainha. Fez então ElRey chamar Vasco Martins de Mello, que fora de Portugal com a Rainha

nha,& elle veo logo presente, & ElRey disse que *a mais honrosa cousa,que em seu Reyno auia,q̃ officio fosse,assi era o seu Alferez mór,que elle por lhe galardoar sua vinda,q̃ viera de Portugal com a Rainha sua molher,deshi polo conhecer por muy bom,& q̃ o fazia seu Alferez de Castella,& de Portugal,& q̃ tomasse logo aquella bãdeira,& aleuantásse por elle segundo çostume,quando fazem algum Rey nouamente.* Vasco Martins disse que *lho tinha em grande merce, mas que tal carrego nam filharia, por elle ser vassallo DelRey de Portugal, & seu Guarda-mór,& que poderia ser de se receber depois guerra contra o Reyno, de que elle era natural, & cahiria em caso de menos valer.*

CAP. 56. *Do q̃ acõteceo quãdo alçarão pẽdão por ElRey de Castella.*

QVANDO ElRey vio que a sua tençã era não tomar carrego de ser seu Alferez mandou chamar Iohaõ Furtado de Mendoça,& deulhe cargo daquelle officio,& entregoulhe abãdeira. Iohaõ Furtado teuelho em grande merce,& aleuãtoua logo, & começàraõ de dar às trõbetas dizẽdo a grãdes vozes. *Real,Real por ElRey D. Ioaõ de Castella,& de Portugal.* E assi leuaraõ abãdeira até forada Sé. A' porta estaua já prestes hũ cauallo DelRey sellado pera trazer a bãdeira em elle por toda a Cidade. Estaua hy Iohaõ Nunes de Toledo,& outros de cauallo,cõ senhas lãças, & dardos brãcos nas mãos, & alfagemes ẽ ellas,pera irẽ em sua cõpanha,cãualeirãdo o Alferez,& pozeraõlhe a bãdeira na fũda,q̃ leuaua na sella,& Ioãne Mẽdes deu grãdes vozes,q̃ todos dissessem *Real, Real, por ElRey D. Iohaõ de Castella,& Portugal,* começãdo a correr todos apoz a bãdeira,q̃ hia diante. E correndo assi com grande prazer descozeo o vento os sinaes de Portugal,q̃ hiaõ debaixo,& ficaraõ pẽdurados,& o caualo,em q̃ hia o Alferez, foi topar em hũ cãto fora daSè,e quebroulhe hũa espadoa,& cahio com elle. Algũs que esto viraõ,tiueraõno a mao final,dizẽdo antre si,q̃ nũqua ElRey de Castella hauia de ser Rey de Portugal,& o disserão aElRey de Castella,q̃ não era bẽ de os sinaes de Portugal andarẽ assi em fundo. E elle mandou logo poer os sinaes ambos em escudo iguaes. E os Portuguezes,q̃ faziaõ dò por ElRey Dom Fernando,quando viram o que acontecera do descozer da bãdeira, & do cahimen-

himento do caualo cõ o Alferes, tirataõ grande prazer cõ ello, dizẽdo hũs aos outros, que hunqua o Deos hauia de fazer senhor de Portugal. Em esto deceo ElRey, & a Rainha do sahimento, em q̃ estauão, e vestiraõ os panos de dó q̃ ante traziaõ, & reuestiose o Arcebispo, e disse missa por ElRey D. Fernãdo. E acabado o dó, & suas exequias, foraõ comer, & dahi se partiraõ logo pera a Pouoa de Mõtaluão, onde antes pousauão, & alli estiueraõ até dez dias.

CAP. 57. *Como ElRey teue conselho se era bem entrar em Portugal & como determinou de o fazer.*

ESTANDO ElRey em aquelle lugar teue conselho se era bem entrar logo em Portugal poderosamẽte por se assenhorear do reino, ou q̃ maneira em ello teria, porq̃ tanto que elle soube, que ElRey Dom Fernando era finado, logo inuiou por companhas, & homẽs darmas, pera entrar em Portugal cõ ellas, & sobre esto ouue graõ cõselho, q̃ durou por dias, & era partido ẽ duas vozes. Os mais do Concelho, & q̃ o milhor, & mais saamẽte aconselhauão, & deziaõ assi. *Senhor, vos não deueis, nẽ podeis direitamẽte entrar ẽ Portugal, & por esta guisa com gente darmas, segundo os trautos, que antre vòs, & ElRey Dom Fernando, foraõ firmados, mas cõpre muyto a vosso seruiço, segundo a forma em que heis jurado de os guardar, & comprir em todo inteiramente com as gentes de Portugal, de guisa que não vades por força de gentes entrar no Reyno, & fazendoo assi, guardareis vossa verdade, segundo prometestes, & nos isso mesmo comuosco. Doutro modo entrando em Portugal com vosso poderio, não podeis escuzar fazer dano na terra, se quer ao menos no tomar das viandas, pella qual rezão creceria grande odio antre os Portuguezes, & os Castelhanos, o q̃ não era vosso seruiço. Deshi em querer des entrar cõ pouca gẽte podiase seguir perigo, & porẽ nos parece, q̃ he bem que vos vades pera Salamãca, que he a cerca de Portugal, & não mandeis, em tanto, pòr nenhũa gente darmas, mas daly manday vossos embaxadores a Portugal notificãdolhe aos Senhores, & poderosos delle, como sabestes, q̃ elRey D. Fernando era finado, & q̃ bẽ sabẽ como ficou por herdeira do Reyno sua filha a Rainha Dona Beatris vossa molher, isso mesmo os trautos, & auenças, que sobre*

isso foram feitas, & juradas, que vossa vontade he de guardar, & comprir todalas cousas nos trautos conteudas, segundo o tendes jurado, & affirmado, & que se elles entendem q̃ ha hi algũa cousa de enadir, ou mingoar em elles, que seja proueito, & honra do Reyno, que sois muito prestes de o fazer, sẽdo em ello guardado vossa honra, & seruiço, & que enuiem seus embaxadores a aquella Cidade pera ver seu recado, & concordar a eleiçaõ em elles todo o que por vosso seruiço sentirdes. E ainda nos parece que he bem, que vindo taes embaxadores a vos, que lhe façaes muyta honra, & partaes com elles de vossos dinheiros, & joyas, & q̃ lhes digaes como quereis, & vos prazerá muito de ter taes maneiras cõ elles, q̃ fosse vosso seruiço, & proueito do Reyno, & honra dos moradores delle. Outrosi lhe podeis mais dizer: q̃ bem sabem como nos trautos jurados antre vos, e El Rey D. Fernando he conteudo que a Rainha Dona Lianor vossa sogra haja a gouernança do Reyno atè que vos hajaes filho, que passe de quatorze annos, o qual ha de ser criado em Portugal do dia, que nacer até tres mezes sob poderio de sua auô, & que assi vos praz de o guardar, & ter: E que se elles entendem outra milhor maneira de regimento, que por algum, ou algũs do Reyno, que elles sejam Regedor, ou Regedores, que por qualquer guisa, que elles virem que he mais proueito, guardando vosso seruiço, & honra, que vos praz muito delo, & que assi o quereis fazer, e assi o digaõ os Mesageiros, que a Portugal mandardes, a aquelles fidalgos, & senhores, com q̃ houuerẽ de falar, & a elles prazerâ com taes maneiras, como com elles quereis ter, & assi asseguraraõ suas vontades, & auelas heys pera vosso seruiço. ſ. Outros do Conſelho, não verdadeiros conſelheiros, vẽdo como ElRey auia grande deſejo de entrar em Portugal, ſẽ curã do dos trautos, & juramẽtos, que elle, & os ſeus hauiaõ feitos, por guarda delles, nẽ das penas, & caſo, em q̃ cahiaõ, ondecõtra todos ou parte delles, não ſómẽte por võtade, por cõprazer a ElRey, louuauão tudo o q̃ elle rezoaua, dizendo, q̃ era muito bem de entrar logo poderoſamẽte em Portugal ſẽ curando de nenhũas auenças, dizendo elles, que não era teudo de guardar taes trautos, que foraõ feitos cõtra ſua honra, & ainda contra direito. & q̃ porem não deuiam ſer guardados, mas q̃ era mui bem, que antes q̃ os Portuguezes ſobre iſſo houueſſem algũ auizamento, q̃ elle entraſſe com ſuas gentes

gentes no Reyno, por cobrar odireito, q̃ delle tinha. E se outra algũa auença hi houuesse dauer sobre ello, q̃ mais seu seruiço era fazerse dẽtro em Portugal, q̃ não estãdo elle em Castella. E ElRey, q̃ graõ vontade hauia de cobrar o Reyno por qualquer guisa, q̃ fosse, chegouse a esta rezão, louuãdo o q̃ elles dizião. Os que sãa mẽte falauão, desfazião estas rezoẽs auendo todo por jogo, & não sõmente entendido, dizendo a ElRey. *Senhor, quanto vosso estado he maior, tanto vos deueis mais de guardar de em algũa cousa serdes prazmado, assi como nas cousas boas atardança he cousa fea, assi atrigança, onde não cõpre, he contada por torpeza, nẽ podemos crer q̃ de tal entrada, por esta guisa, se siguatanto proueito, q̃ muito mais dano não seja: ao menos fazeruos fiquar em dobrada mingoa, falecendo da prometida verdade, & mais do juramẽto, & menagẽs feitas por ella, como se pode dizer, por vossa parte, q̃ fostes enganado nos trautos, sẽdo feitos cõtra vossa honra, & proueito, como estes dizẽ, onde tantos leterados, & assi auisados, & discretos homẽs de vosso Concelho forão juntos, ante q̃ os outorgasseis? & vos mesmo no juramento que fizestes em Badalhouce, aprouando todas as cousas, q̃ por vosso procurador forão feitas, assi em rezão de vosso casamẽto, como na sucessão do Reyno, depois da morte DelRey D. Fernando, dais de vos testimunho q̃ primeiro forão de vos vistos, & examinados, hauẽdo sobre todas, & cada hũa dellas, maduro, & largo conselho, & assi he conteudo, & escrito nos trautos. Pois como se pode dizer agora q̃ foraõ feitos em vosso prejuizo? dizẽno estes por vos seguirẽ a vontade, mas não por mostrarẽ rezão, q̃ o de direito podeis fazer ante quebrãtaes vossa verdade, e ficamos na fé perjuros: & cahimos em mao caso.* ElRey desejando de entrar em Portugal, crẽdo que cõ o graõ poderio o obedeceriaõ todos, & cobraria o Reyno, não punha duuida em o fazer, nẽ curaua de conselho, q̃ lhe nenhũ contra isso dissesse.

CAP. 58. *Como o Bispo da Guarda disse a ElRey q̃ lhe daria a Cidade, & como ElRey determinou em toda guisa de entrar no Reyno.*

INDO ElRey vontade de entrar, desta guisa, em Portugal, però douidaua ainda hum pouco por azo dos muitos, q̃ lhe desdiziaõ. Andaua hy hũ Bispo da Guarda Chançarel da Rainha, que fora

com ella de Portugal, quando casara, segundo ouuistes; Este disse a ElRey de Castella, que a Cidade da Guarda, dõde elle era Bispo, era mui forte, & na frontaria de seu Reyno, & q̃ todos os mais, q̃ em ella viuião, erão seus criados. & farião o que lhe elle mandasse, & que se sua merce fosse DelRey lá hir, que elle o acolheria logo em ella. A ElRey prougue muyto do q̃ lhe o Bispo disse, & creceo lhe mais vontade de entrar toda uia em Portugal, & partio logo da Pouoa de Montaluão, onde estaua, enuiando por cõpanhas, & gẽte de armas, q̃ se viessẽ pera elle á pressa, onde quer q̃ elle fosse. Chegou ElRey, & a Rainha à põte, q̃ então o Arcebispo fazia no Tejo, & mandoulhe o Arcebispo dar a elles, & aos seus todas as cousas, q̃ lhe mester faziaõ, & estiuerão ahi dous dias, e partiraõ pera Talauei ra, & dahi se forão a Pratẽça. Alli disse ElRey aos do seu Cõcelho, q̃ o Bispo da Guarda lhe dissera, q̃ lhe daria aquella Cidade, & q̃ era o q̃ lhes delo parecia? E algũs delles lhe disseraõ *veguadas*, *veguarda*, q̃ fosse sua merce de esguardar os tratos, q̃ antre elle, & os de Portugal hauia, & as juras, & penas, em q̃ os seus cahiaõ ẽ os quebrãtando por qualquer rezão, em nenhũa mancira os deuia passar, e q̃ entrando por tal guisa em aquella Cidade, q̃ os do Reyno se temerião delle, dizẽdo q̃ cõtra a võtade, & a seu pezar se queria apoderar da terra, & mais que a gouernança do Reyno, segundo os tratos, era da Rainha Dona Lianor sua sogra, & que elle em direito, em nenhũa guisa, o podia fazer, & os q̃ dauão este cõselho, dezião inda mais por desuiar, q̃ elles sabiaõ como na Cidade da Guarda hauia hum castello muy boõ o qual tinha Aluoro Gil de Cabral, q̃ não era da parte do Bispo, & que lhe não compria entrar na Cidade, sẽ cobrar logo aquelle castello: E que por tanto nam se atriguasse, ataa q̃ se as cousas milhor encaminhassem por seu seruiço; & outros, que nenhuma cousa curauão, senam falar á võtade DelRey, deziam que era bem que ElRey partisse logo, & cobrasse a Cidade, que era cabeça de toda a Comarca da Beira, que era hũa grão terra, em que auia muy ricos, & muy honrados caualeiros, & escudeiros, q̃ se virião logo pera elle, querendo antes ser sob a gouernança, & senhorio seu, que da Rainha Dona Lianor sua sogra. E ElRey todauia por cobrar o Reyno, postas a departe todalas juras, & prometimentos, que ouuistes, disse este

que

este era mui boõ Conselho,& mádou ao Bispo que se fosse diante pera ter prestes, & encaminhado como elle fosse recebido na Cidade.

CAP. 59 *Como ElRey de Castella entrou em Portugal, & dalgũs fidalgos q̃ se vieraõ pera elle.*

O I-SE o Bispo da Guarda, & chegou ao lugar, ElRey partio de Praseça, & chegou a Perocem, junto com Fonte Giraldo,& ally lhe veo recado do Bispo, que tinha já a Cidade por elle, & que fosse à pressa, de guisa que amanhecesse no lugar,porq̃ os da Villa, & do termo sabiaõ jà como elle vinha,& q̃ se a aquelle tẽpo não fosse, q̃ era duuida de o auer porque sabiaõ já todos apercebidos, & elle não poderia passar bem. E ElRey como vio seu recado,partio de Perocem âtarde,e andou toda aquella noite,&a Rainha cõ elle,& chegou à Guarda em amanhecendo,&naõ hiaõ cõ elle mais que atè trinta homens darmas de seus officiaes,dos que andauam com elle de cote.O Bispo o sahio a receber com sua Clerezia,& preciſſaõ mais hõradamente, q̃ elle pode, & assi entrou na Cidade elle,& a Rainha, & os q̃ com elle hiaõ.E foi ElRey pousar aos Paços doBispo.Aluaro Gil naõ sahio a elle,mas esteue quedo em seu Castello,sem mostrar porq̃ parte tinha,mas veo Vasco Martins de Mello,q̃ fora cõ a Rainha,& pousaua em Fõte Giraldo a q̃ ElRey mandara dizer,quãdo partio de Perocẽ,q̃ se fosse despos elle á Guarda,& Martim Affõso Rico homem seu irmaõ,q̃ tinha Celorico,& Linhares,foi oprimeiro,q̃ se veo pera ElRey deCastella, & ficou por seu alli naGuarda,da qual cousa muito desprougue a seu irmão Vaseo Martis, porq̃ elle começarade se hir pera elle,antes q̃ nenhũ outro. A ElRey veo em outro dia algũa gẽte daquella,porq̃ mandàra,q̃ seriaõ até duzentas lanças.E a cabo de tres dias chegou o Conde de Mayorgas, deshi Pero Fernandez de Valasco, & Pero Xarmento, & outros Capitaẽs com quinhentas lanças.ElRey,vendo que Aluoro Gil nam lhevinha falar,nem sahia fora do Castello,disse a Martim Affonso de Mello que houuesse com elle que lhe falasse. Fezeo assi Martim Affonso, & trouueo seguro da ida, & vinda, falou com elle ElRey,& tornouse pera seu castello,& não lhe falou despois mais. Em outro dia Vasco Martins mã-

dou falar a Aluoro Gil, por Martim Affonso seu filho, dizendo q̃ fizera graõ bem de senão vir pera ElRey deCastella, nem se lhe desse, que lhe fazia certo que ElRey naõ faria sobre elle; senão que passaua por hi, & hiria seu caminho & que se tal cousa auiesse que ElRey quizesse fazer, que lhe prometia de se lançar com elle com seus filhos, & lhe ajudaria a defender o Castello. E ElRey ouue menencoria de Aluoro Gil por lhe mais naõ falar, nem se vir para elle; Mas vieraõse caualeiros, & escudeiros daquella Comarca, em quanto ElRey esteue naGuarda estes aqui nomeados. Martim Affonso de Mello, que foi o primeiro, Vasco Martins daCunha, Martim Vasquez seu filho, & bem assi com outros seus filhos, Fernam Dafonso de Mello, & Aluaro Gil de Carualho, & outros, & ElRey recebiaos mui bem, dizendo que lhe fizessem preito, & menagem pellas fortalezas, que tinhaõ, & elles fazião-lhe menagem de receber, & hauer por sua Rainha, & senhora Dona Breatiz sua molher, & elle assi como seu marido. E isto, todauia, com entendimento que os trautos fossem guardados pella guisa, que foraõ postos antre elle, & ElRey Dom Fernando. A ElRey pezaua muyto desta cõdição, que punhão em taes menagens, porem daua lugar a ello, porque não podia mais fazer por estonce. E como quer que se estes & outros caualeiros, & escudeiros viessem alli pera ElRey, porque, segundo alguns escreuem, não se contentauão do gasalhado, & colhimento, que achauam em ElRey. Peró, segundo alguns escreuem, assi como se vierão pera elle, hindo assi concertarão de tratar antre si por se partir logo. E esto dizem que foy por duas rezoẽs: A primeira porque ElRey era homem de poucas palauras, & não muito ledo, & elles auião vsado com ElRey Dom Fernando que era de grandes gasalhados: A outra, porque lhe ElRey logo não daua dinheiros, & q̃ elle não podia esto fazer, & a taõ ápressa entrara no Reyno por cobrar a posse delle, que não tiuera sentido de esperar nenhuns dinheiros.

CAP. 60, *Das rezoẽs, que Breatiz Gonçaluez disse a seu filho por não dar os Castellos, que tinha a ElRey.*

VM boom fidalgo daquella Comarca por nome Gonçalo Vasquez Coutinho era Alcayde de Trã-

coso

coſo,& Lamego,& outros lugares,eſtando elle em Trancoſo,quãdo ElRey chegou à Guarda,penſou ElRey que ſe vieſſe pera elle, como fizeraõ algũs outros,& elle demouido foy, ſegundo algũs eſcreuem;mas outros aſſinão em ſeus liuros rezoẽs algũas, perque o leixou de fazer. Huns contaõ, que elle enuiou eſtonce hum ſeu eſcudeiro com cartas de crença; hũa a Vaſco Martins de Mello, & outra a Vaſco Martins o moço ſeu filho, que morreo depois da batalha,como ao diante ouireis,perque lhe rogaua que o acõſelhaſſẽ que maneira teria em eſta entrada,que ElRey fazia no Reyno por eſta guiſa; pois via muytos fidalgos daquellaComarca viremſe pera ElRey de Caſtella,& que elle não faria ſobre iſſo nenhũa couſa,ſem ſeu conſelho,& que elles lhe mandaraõ dizer que ſenaõ vieſſe pera elle , q̃ ElRey de Caſtella naõ vinha, ſenam por paſſar ſeu caminho, & naõ por cercar elles,nem outros, poſtoque ſe pera elle logo naõvieſſem.Outros contam que nam foy por eſta rezão,mas que Breatiz Gonçalues ſua madre, que eſtaua com elle em aquelle logar, & falando com ella que maneira teria em ſeus feitos,poisElRey de Caſtella entraua no Reyno por a aquella guiſa, & ſua Madre lhe reſpondeo & diſſe. *Filho,com os necios,& com os trigoſos gançam os homẽs,& nas couſas,que ha pera eſguardar,ſempre a trigança he danoſa.E os Reys, & os poderoſos muytas vezes cuidão de acabar couſas,de que ham grande deſejo, & ás vezes ſe lhe naõ ſegue ,como elles penſam.ElRey de Caſtella entra em eſte Reyno quebrantando os tratos,ſegundo vemos, & poſtoque algũs venham pera elle, & fiquem por ſeus,naõ apraz a muytos porem com ſua vinda, ante peza a todos os pouos,tendo que não faz o que deue,como he verdade, quebrando as auenças,que antre elle, & ElRey Dom Fernando foram firmadas.Lisboa tomou o Meſtre por ſeu Regedor, & Defenſor, como ſouberam que ElRey de Caſtella queria vir.E certas Cidades & Villas outras do Reyno com eſta tençam.Aſſi que já eſtes feitos leuaõ começo,pera ſenam liurarem muito deligeiro,como quer que algũs digam,que a voz, que Lisboa,& os outros lugares tomaõ contra ElRey,he hum pouco de vento; E porem me parece que he bem, q̃ vos leixeis eſtar aſſi,ataa que vejaes que termo deſpoem noſſas couſas.E aſſi podeis encaminhar voſſos feitos,como ſentirdes por mais voſſa honra,& proueito.* A elle pareceo

receo este boõ conselho, & creo sua Madre o que lhe dizia. E esta foy a rezam, porque naõ veo falar a ElRey, & não a primeira, como algũs differam.

CAP. 61. *Do recado, que mandou a Rainha Dona Lianor a algũs Concelhos depois da morte do Conde Iohaõ Fernandez.*

NO mes passado, acerca deste luto, se começou o nouo anno em Castella da Nacença de nosso Senhor IESV CHRISTO, de mil trezentos & oitenta & quatro, & da era de Cesar de mil quatrocentos & vinte dous. Depois da morte do Conde Iohan Fernandez, estando então a Rainha em Alanquer, mandou cartas a algũs Concelhos, em que largamente lhe fez saber quanto ficaua lastimada, & chea de quebranto pela morte DelRey seu marido, & como por seu finamento os Reynos ficàram à Rainha Dona Breatiz sua filha, & por senam seguir jũtamentos destes Reynos com os de Castella, mas sempre serem Coroa sobre sy, como ataa alli foram, segundo nos trautos era deuisado, & ElRey Dom Fernando leixara em seu testamento que ella tomasse carrego do regimento delles aquelle tempo, que o hauia de ser posto que em ello sentisse gram trabalho do corpo, & afliçam pera sua alma, mas que o fazia por saluaçam delles todos, & por lhe satisfazer de muyto seruiço, & honra, que delles auia recebido. Que estando ella em Lisboa em seus Paços ordenando o que compria por seruiço de Deos, & proueito dos Reynos, que tornara o Mestre Dauiz, que ella tinha jâ enuiado por poer recado nas Villas da Ordem, & em outras algumas daquella Comarca, & q̃ matara o Conde Iohaõ Fernandez, por cujo azo, & aluoroço da Cidade, se partira della, & se fora para Alanquer, & q̃ se enuiaua querelar delles de taes cousas, por se sentir dello. Asquoaes sua tençaõ não era tomar com vingança de vontade, mas somente por fazer direito, & justiça, & que entendera de enuiar recado a ElRey de Castella, que se sofresse de entrar no Reyno, pera todos elles receberem dano, & os Reynos ficarẽ sobre sy, o que seria gram duuida se a Rainha sua filha, & ElRey seu marido cobrassem logo o regimẽto delles. E que isto lhe enuiaua notificar, como a pessoas, de que muito fiaua, & por verem a sua ren-

tençam, aqual era na prol, & honra delles todos.

CAP. 62, *Como a Rainha escreueo a ElRey de Castella, que entrasse no Reyno, & a tenção, por que o fez.*

MANDADAS taes cartas pelo Reyno, cuja conclusaõ em breue dissemos, os enfermos coraçoẽs todos postos em gram pensamẽto não sabião que cuidar em taes feitos. Eralhes mui graue de ouuir, que ElRey de Castella viesse ao Reyno, vendoo posto em balança, já de todo ficar com Castella, & isso a maior parte do pouo meudo, que não era do bando da Rainha. Huns tinham q̃ ElRey se sofrearia da tal entrada, escreuendolhe sua sogra daquella maneira, que dissera, maiormente por rezão dos tratos, q̃ com taes menages, & juramentos, erão feitos. Outros de todo perdião esta esperança, vendo os aquecimentos de desuairadas guisas espargidos, pelo Reyno, & como já ElRey dizião que vinha, por logo cobrar a posse delle. E em este comenos, entrou ElRey, como ouuistes, & estando na Guarda, em este mes de Laneiro, que dissemos, chegarão cartas aficadas da Rainha muito em cõtrairo do que ella antes escreuera aos Concelhos; ca ella lhes certificaua que entendia de enuiar seu recado a ElRey, que se sofresse de entrar no Reyno, pera que elles todos naõ recebesem dano; & nestas fazia saber a ElRey como todas as cousas em Lisboa hauião passado, assi da morte do Conde de Ourem, que o Mestre matàra em sua presença, & paços como da morte do Bispo, & dos outros, q̃ aquelle dia forão mortos na See, & que ella com receo & muito nojo se partira de Lisboa, & se viera a Santarem, onde por estonce estaua, & que porem lhe rogaua que pozesse aguça em seu caminho, & chegasse alli, ca ella se tinha por mui deshonrada do Mestre Dauiz, & dos moradores de Lisboa, os quaes entendia, que não querião obedecer a ella, nem auer a Rainha Dona Breatiz sua molher por senhora. E que da discordia, & aleuantamento dos da Cidade o Mestre era Capitão, & cabeça, & poendose Regedor, & Defensor do Reyno em suas cartas, que seria azo de ser grande acrecentamento, & porem que ella tinha irmãos & grandes fidalgos, seus diuidos bem poderosos, que auião assaz

de

de fortalezas,com que lhe podia fazer boa ajuda em muitas guisas. Desbi a Villa de Santarem, em que ella estaua, que era hũa das milhores do Reyno. E que por tanto compria muyto dar trigança a sua vinda pera onde ella estaua. ElRey de Castella, vẽdo seu recado, prouuelhe muyto com elle, & como aquelle, q̃ hauia grão desejo de entrar no Reyno, não lhe forão menos estas cartas da Rainha, quando assi chegarão, senão enadir esporas, porque auia vontade de correr, & logo ao outro dia ordenou de partir. Onde sabey que a rezão, porque a Rainha escreueo taes cartas, segundo algũs ẽ seus liuros assinaõ, foy o grãde queixume, q̃ ella hauia do Mestre Dauiz, & doutros do Reyno, de que sospeitaua; isso mesmo dos pouos de Lisboa, & dalgũs lugares, que tinhão com elles. E entendẽdo ella q̃, depois q̃ ElRey de Castella chegasse, que faria as gentes, com seu grande poder, que lhe obedecessem, & q̃ auingaria de todos, especialmente dos homẽs, & molheres de Lisboa, de que ella dizia, que nunca hauia de ser vingada até que tiuesse hum tonel cheo das lingoas dellas. E sem duuida, se as cousas se seguirão, cómo ella cuidaua, estranhas forão as justiças, que ella mandàra fazer nos moradores daquella Cidade, porque sabia q̃ dizião della prasmadamente na morte do Conde; E depois que desta guisa fosse vingada, & o Reyno todo assessegado, que se tornaria ElRey pera suas terras, & ficaria ella em sua honra, & regimento; assi que nenhum, dahi ẽ diãte, por grande, que fosse, & muito menos os pequenos pouos, seriaõ ouzados de lhe contradizer arreceandose de semelhauel vingança, & o Reyno sem aluoroço, que se hiria ElRey pera sua terra, & ficaria ella como desejaua.

CAP. 63. *Como ElRey de Castella seguio seu caminho, & chegou a Santarem.*

PARTIO logo ElRey da Guarda, & foyse a Santa Maria de Ançores em romaria, & jantou naquelle lugar, & foy dormir a Celorico, que lhe jà Martim Affonso de Mello tinha dado, & esteue ahi quatro dias. Dalli partio, & andou seu caminho, & chegou por Coimbra, que tinha o Conde Dom Gonçalo irmão da Rainha & estaua ahy Gonçalo Mendes de Vascogoncellos seu tio della, & estes não sevierão pera ElRey, nem

nem o colheraõ na Cidade, mostrando que lhe não prazia com elle. Deshi chegou a Miranda, onde estaua o Conde de Viana, o qual veo, & orecebeo, e ficou por por seu, & esteue ElRey alli hum dia. No outro seguinte partio de madrugada, & foy dormir a Chaõ do Couce. Em outro dia foy comer a Ceras, & dormir a Tomar. Alli pensou ElRey que se viesse pera elle o Mestre de Christus sobrinho da Rainha Dona Lianor, filho de sua irmaã: E quando chegou a Thomar, & soube que partira dahi, ouue desto graõ queixume, porque cuidou que ficasse por seu, como os outros. E foy ElRey pouzar âs pousadas do Mestre, que estaõ no Rocio. E certamente segundo escreue hum Author em sua historia assi foi de feito, que o Mestre se hia pera ElRey por ficar com elle, & o seruir, & hum Caualeiro de sua ordem, quando o assi vio hir, & a entençaõ, que leuaua, disse ao Mestre em esta guisa. *Senhor a mi parece que vos his a receber ElRey de Castella, por ficar com elle, & serdes seu: & vos, Senhor, se isto bem guardaes, isto naõ o deueis assi fazer, até que vejaes a q̃ termo estes feitos querem vir. E despois que virdes como se encaminhaõ, então podeis fazer como sentirdes por vossa honra, & proueito sem ficando com nenhum prazmo.* Com estas, & outras rezoẽs, que assi foraõ faladas, foy o Mestre mouido a naõ hir por diante, & tornouse a Pombal. E alli esteue ElRey dormindo em Tomar, foi aquella noite guarda no arrabalde, & foi feita hũa escaramuça, em tal guisa, que matàraõ hum, que hauia nome Anrique Alemão, & hũs sincoenta & seis com elle. ElRey partio dahi á mea noite, e foi amanhecer à Golegaam, & hi comeo, & partio pera Sanctarem, & a Rainha sua molher com elle, & ante duas legoas, que chegasse a Sanctarem, juntaraõse esses, que hiaõ com a Rainha, não porem todos juntos, mas cada hũs como lhe prazia, & sahiraõno a receber beijando as mãos a elle, & à Rainha offerecendose por seus, antre os quaes foy Gonçalo Vasquez de Azeuedo, & Ioaõ Gonçaluez Teixeira, dizendo a ElRey da parte da Rainha Dona Lianor. *Que a Rainha sua madre se enuiaua encomendar a elle, & que fosse muy bem vindo, que tempo hauia que o desejaua ver em Portugal.* A Rainha Dona Breatiz, antes que chegasse às vinhas de Sanctarem, deteuese alli hum pouco para se ornar, como lhe compria, & porque trazia seus con-

concertos de caminho; & mandou ElRey Pero Fernandez de Vascogoncellos, & Pero Sarmento, que se fossem diante, & que o aguardassem ao chaõ de Figueira q̃ he ante a porta do castello, & elles fizeraõno assi, & Gonçalo Vasquez, & Ioaõ Gonçalues tornàraõse para a Rainha.

CAP. 64 *Como se o Mestre tornou de Alanquer pera Lisboa.*

MESTRE, que leixamos em Alanquer, trazia enculca com ElRey de Castella, depois que lhe disseraõ que era na Guarda, por saber as gentes, que cõ elle vinhaõ, & que caminho queria trazer. E ante algũs dias, que chegasse a Sãtarem, chegou ao Mestre recado, como se vinha pera alli direitamente, & que trazia suas gentes espalhadas, & naõ muito acompanhado. Somente disse a Nuno Aluerez como ElRey de Castella vinha pelo Reyno, & que seria muicedo em Santarem, & que lhe parecia que era bem de se tornarem pera a Cidade pera poer guarda, & recado em ella. Nuno Aluerez respondeo a isto dizendo: que posto que se elles tornauão pera a Cidade, que tambem sabia ElRey de Castella o caminho pera vi sobre ella, como elles, que a auiaõ de defender, mas que seu conselho era, que em quanto ElRey de Castella vinha com pouca gente ante que se juntasse com elle ma ior poder, que teuesse enculca com elle, & quando chegasse a termo de Santarem, que lhe sahissem elles de trauessa ao caminho, & pelejassem com elle, & assi o poderiaõ desbaratar, por cujo desbarato adiantaria muito em sua demanda. E o Mestre disse q̃ lhe parecia bem seu conselho, mas que isso senaõ podia fazer a seu saluo, por quanto eraõ alli muito poucos. E em isto veolhe outro recado que ElRey de Castella hauia de ser aquelle dia em Santarem, & o Mestre partio cõ suas gentes, & veose pera Lisboa.

CAP. 65. *Como ElRey falou á Rainha, & a leuou consigo ao Moesteiro, onde pousaua.*

NTE algũs dias, q̃ ElRey chegasse a Sãtarem, mandou diãte Pero Carrilho seu Apozentador mór, pera requerer á Rainha, que lhe mandasse dar pousadas em bairo pera os seus, & ella houue conselho com esses fidalgos, & Senho

res

res, que com ella estauão, acordaraõ, que ElRey, nem os que cõ elle vinhaõ, não pouzassem dentro na Villa, mas que ElRey pouzasse em hum dos Moesteiros, q̃ lhe mais prouuesse, & os seus de fora, como melhor podessem. O Apousentador, vendo isto, não se tornou porem pera ElRey, mas a guardou alli atè que viesse. A Villa começou de se velar melhor, que ante não por isso, como se fosse em guerra. Ora contão algũs, que não embargando que a Rainha Dona Lianor mandasse chamar a ElRey de Castella, & lhe prouuesse muito de sua vinda, però como era molher sagaz, & percebida em tudo, não tinha o coração bem seguro, que ElRey teria em seus feitos aquella maneira, que ella desejaua, & queria, & receando muytas cousas, de nenhũa sẽdo segura, duuidaua muito sahir do Castello, & se poer em poder DelRey, receando o q̃ lhe depois aueo, & não quizera sair fora a lhe falar, mas que se fora ElRey, ẽ tanto, pousar em hũ desses Moesteiros, & depois acordariaõ a maneira, que tiuessem em suas falas. Dizendo Martim Gonçalues de Ataide, & Gonçalo Rodrigues de Sousa, & outros fidalgos, que todauia não se puzesse em poder delle, porque poderia ser q̃ a reteria ElRey atè que lhe entregasse aquelle lugar, & os outros todos, que por ella estauão. E Gõçalo Vasquez, & Ioão Gonçalues disseram â Rainha, que o não fizesse, por nenhũa guisa, mas pois seus filhos eraõ, & os fizera vir de seu Reyno, chamados per suas cartas, que a ella seria grande desmesura, & cousa, de que ElRey teria mà sospeita, & grande queixume em não sahir logo aos receber, & lhe falar, maiormente que elles entẽderaõ nelle, quãdo o forão receber, em q̃ lhe tinha boõ desejo, & vontade de lhe fazer prazer, & honra em toda cousa, que podesse. E dizem que em isto chegou ElRey a Santarem hũa terça feira, depois de besporado-ze dias de Ianeiro, & a Rainha D. Breatiz sua mulher, aqual vinha em huma mulla de sella cuberta de dô, & Dona Breatiz de Castro & outras Donas, & Donzellas cõ ella. Com ElRey vinhaõ ataa cẽto, & oitenta de cauallo todos armados, & lanças aleuantadas, & trombetas consigo. Mas logo à tarde vieraõ muitos, & descaualgou elle, & sua molher em hum grande chaõ, que se faz ante a porta do Castello, & todos os fidalgos, donas, & donzellas, que em sua companhia vinhão, estãdo assi a pè, até que o foraõ dizer

à Rai-

á Rainha,então sahio ella de má mente cuberta de hũ grande mãto preto,que não parecia o rosto trazendoa de braço Vasco Martins de Camoẽs, & poucos com ella.ElRey como a vio, foya logo receber abraçandoa elle, & sua filha, & ella choromigando, começou logo dizer a ElRey. *Filho Senhor, façouos queixume do Mestre Dauiz, que matou o Conde Iohão Fernandez em meus Paços, acerca de minhas fraldas, & me deitou fora de Lisboa, a mi, & á quantos eraõ meus, & tinhaõ da minha parte.* A que ElRey lhe respondeo: *que a isso era elle vindo por lhe fazer todo prazer, & honra, & lhe dar vingança, do que lhe assi fora feito.* E estonce se espedio a Rainha DelRey, & de sua filha, & se quizera tornar pera o Castello, o que ElRey leixar quisera, senaõ fora Pero Fernandes de Valhasco, que disse, que rezoada cousa lhe parecia de a leuar consigo pois auia tanto tempo, que a não vira elle, nem sua filha, & que a leuassem. Todauia, sem embargo desto, a Rainha quizera tornar pera o Castello, dizendo a ElRey, q̃ pois ainda não estaua aposentado a leixasse hir por em tanto, & que outro dia pella manhaam seria pera elle, & pera sua filha. ElRey disse que todauia se fosse cõ elle, & tomouha de braço dehũ parte, & a Rainha da outra, & leuaraõna consigo pera o Moesteiro de Sam Domingos, onde ElRey hauia de pousar. Mas pois do começo desta obra seguimo poer desuairadas opinioes, pera cada hum reter qual lhe mais prouguer, digamos aqui outro rezoado, que muito em parte discorda deste. Ca hum autor, que dà testimunho que esteue prezente diz, que só ella estaua na ponte á porta do Castello. Disserão quãdo ElRey vinha, & que ElRey, & a Rainha ambos chegaraõ juntos & a abraçarão, beijandolhe sua filha a mão, e que as rezoes, que eles ambos ouuerão, nenhum as não ouuio; E que então a apartou hum pouco ElRey da sua filha, & falou muy pouco espaço com ella, sem nenhum ouuindo o que dezião, & então a leuou pera o Moesteiro de Sam Domingos. E assi foi sua partida da Villa, & doutra guisa não. Poendo logo guarda esta noite de duzẽtas lanças com ElRey, e assi dahi em diante.

CAP. 66. *Como ElRey ordenou de se vir pera a Vila, & da maneira como entrou no lugar.*

AS

AS falas,& rezoẽs,que ElRey aquella noite houue com a Rainha Dona Lianor sua sogra, nenhum claramente as poem em escrito, saluo quanto dizem,que ElRey lhe disse:*que elle lhe nãopodia dar vingãça do Mestre,nẽ dos outros, q̃ ella queria,nem sogigar Villa, nẽ Cidade das q̃ tinhão voz contra ella,se primeiro naõ renunciasse a elle,& a sua filha o Regimento, q̃ ella hauia no Reyno, segundo nos tratos era cõteudo.*E elle amudou de todo seu proposito,& võtade,determinou de o fazer;Naõ valeo,segundo contaõ algũs autores, o conselho, que à Rainha deraõ algũs,que desto souberam parte,dizẽdo,q̃ naõ podia enalhear o regimento,& senhorio,q̃ lhe ficara por morte DelRey Dom Fernando,& indo contra sua postumeira vontade, que por direito era hauida por ley.De mais, que tal era contra os tratos, os quaes não podião enader, nẽ mingoar, sem consentimento dos Prelados,& pouos do Reyno,como em elles fazia mençaõ. E ella disse,que não houia porq̃ poer duuida em tal cousa, que bem sabião que ElRey era Senhor do Reyno de Portugal, & a Rainha sua filha; E que em tal feito naõ se podia já mais fazer. E logo ao outro dia quarta feira, mandàraõ chamar hum taballiam, & foi feita a escritura, em que renunciou todo o direito do Regimento, que hauia dauer em o Reyno, & o poz nelle, & em sua filha. E quinta feira, pella manhaam, bem cedo,se veo a Rainha pera o Castello, & quitou a menagem a Gonçalo de Azeuedo, que era dahy Alcayde mór. E mandou chamar a Iohaõ Gomes de Abreu Caualeiro, hum dos honrados moradores do lugar, & disse, que quando fosse a horas de meo dia, que fizẽsse abrir as portas de Leyria, que estauaõ fechadas & guardadas de gentes da Villa & viriaõ com sua molher,& gẽtes pousar dentro na Villa.Iohaõ Gomes respondeo,que fosse sua merce de não querer q̃ ElRey de Castella,nem suas gentes entrassem no lugar,que melhor pousarião nesses moesteiros,& fora no arrabalde, onde lhe dariaõ mantimentos,por seus dinheiros. E que lhe poer a Villa em poder,e se emburilharem todos. A Rainha houue desto queixume,e disse aIohãoGomes como sanhuda *E como? não quereis vos,que meus filhos entrem dentro na Villa? Eu vos digo,se vos não quizerdes,q̃ eu*

lhe darey entrada pella porta do Caſtello, & ſahirâ por eſſoutra porta. A Villa dentro, he onde eu tenho ordenado delles irem pouſar nas caſas de Gonçalo Vaſques de Azeuedo, & elle irâ pouſar nas voſſas comuoſco. Reſpondeo então Iohaõ Gomes, & diſſe. *Senhora, eu dizia iſto por bem, & entendoo por voſſo ſeruiço, mas pois a vôs não apraz, eu farey tudo o q̃ vos mandardes.* E logo em eſſe dia depois de jantar, abrio as portas, & ElRey, como comeo, veoſe à Villa, & vinha enſima de hũ caualo, & parte dos ſeus de bèſtas armadas, & lãças aleuãtadas, todos diãte, e as ruas do Caſtello até S. Eſteuão, onde ElRey hauiá de pouſar, & dalli atè Alcaçoua, todas primeiramente foram filhadas, & poſtos muytos homẽs darmas a pé terra em ellas. E mãdou a Rainha aos Iudeos, q̃ foſſem receber ſeus filhos cõ a toura fora da Villa, & fizeraõno aſſi, & quando ElRey chegou à porta do caſtello, que ſahia contra o chão da feira, já ahi eſtaua a Rainha de beſta, & tomoua ElRey de redea, & a Rainha ſua filha tras ella, àqual leuaua o Infante de Nauarra. E elRey hia armado de hũas folhas, & hum ramo de cidreira na maõ, & entrou pella porta de Erea, & leuaraõ a rua toda de longo, até que chegaraõ ás pouſadas de Gonçalo Vaſquez de Azeuedo, onde hauia de pouſar, que era junto com a Igreja de Santo Eſteuão deſſe lugar, & ficou a Rainha dentro nas pouſadas com ElRey. E logo em eſſe dia lhe foi entregue o Caſtello, e Alcaçoua, & foi tirado aquelle q̃ o tinha por Gonçalo Vaſquez, & poſto em elle Lopo Fernandes de Padilha, & na Alcaçoua poze raõ Garcia Odre, ambos irmãos, cõ oitenta lãças, & auia ElRey ſẽpre em ſeus paços, de dia, & de noite, ſincoenta homẽs darmas.

CAP. 67. *Da maneira, que ElRey teue com os Dezembargadores da Iuſtiça, & como miſturou ſuas armas com as de Portugal.*

ESTANDO ElRey aſſi em Santarem, que he hũa das grãdes Villas, que ha no Reyno de Portugal, & mais abaſtada de todos os mantimentos, vinhaõlhe cada dia grandes Capitaens com muitas gentes de ſeus Reynos, & o Apoſentador da Rainha, com outros DelRey de Caſtella, repartiraõ bairo a cada hum, ſegundo quem eraõ, dentro na Villa, & pelo arrabalde de fora, e naõ eſcuſauão

fauão nenhum de pouſarem com elle, ſaluo a Iudaria em que nam pouſauaõ por azo de Dom Dauid Negro, & de outros Iudeos de grande eſtado, aliados à *Rainha*, & tinham os Caſtelhanos boa maneira, logo no começo, com os que pouſauão, em o comprar das Viandas. E eſtauão todos os Dezembargadores, & officiaes da Caſa do tempo DelRey Dom Fernando com a Rainha em Santarem, quando ElRey de Caſtella chegou, que ſe vieraõ com ella, quando partio de Lisboa, aſſi como Lourençoeanes Fogaça Chançarel mór, & Gonçalo Pirez ſeu Eſcriuão, & o Doutor Gil Docem, & Ioão Gonçalues, & Fernão Gonçalues, & Lopo Eſteues de Leiria, todos tres licenciados em leys, Rodrigo Eſteues de Lisboa, & Gonçalo Pirez Prior de Ourem, & Gonçaleanes bachareis em direito canonico. E eſtes, & outros liuraraõ todos os feitos de Portugal com grande deliberação, & direito, & quãdo ElRey de Caſtella chegou, não quiz desfazer o modo, como eſtaua, & iſſo meſmo os Eſcriuaẽs, & todos os outros, & fez ſeu procurador Gonçalo Martins bacharel em degredos, & todos receberão delle mantimẽto de dous meſes, & em ſeu nome liurarão os feitos, como aquelles, que entendião que jà tinhaõ o Reyno por ſeu. E anda ua Gileanes Corregedor da Corte com hum alguaſil DelRey pela Villa, que regia no q̃ compria, & ouuirão algũs feitos antre os Caſtellãos, & os Portuguezes. E ElRey de Caſtella, poſtoque ſe já ante chameſſe Rey de Caſtella, & de Leão, & de Portugal, & do Algarue, em alli começou de ſe nomear muito mais claramente por azo das ſentenças dos outros Dezembargos do Reyno, alçando pendam de ſuas armas com as quinas poſtas no cabo dellas, já tendes ouuido. E como ElRey alli chegou, diſſe a Lourençoeanes Fogaça, Chançarel môr que fora DelRey Dom Fernando, que lhe leuaſſe os ſellos, que tinha, aſſi chaõs, como pendentes pera os mandar desfazer, & quebrar pera fazer outros com as armas, & ſinaes de Caſtella, & as de Portugal miſcradas com ellas, dizendolhe que tanto que foſſem feitas, que logo lhas entregaria, porque não era ſeu deſejo dauer outro Chançarel no Reyno, ſenam elle. Lourençoeanes comprio ſeu mandado, & entregou lhe os ſellos, com mui pouca

vontade de os auer de receber, nem ser seu Chançarel. E por ter azo de se partir em saluo, elle, & Gonçalo Pirez seu Escriuão disse hum dia a ElRey de Castella. *Senhor, eu, & Gonçalo Pirez Escriuão da vossa Chancellaria não temos aqui nossas molheres, ca eu tenho a minha em Lisboa, & elle tem a sua em Evora, seja vossa merce de nos dar licença para irmos por ellas assi por sua segurança, como por termos azo de vos melhor seruir.* A ElRey prouue de tal requerimento pensando que fosse, como elle dezia, & elles foraõse pera o Mestre, offerecendolhe seu seruiço, & elle mandou Lourençoeanes a Ingraterra, como tendes ouuido; & depois Gonçalo Pirez à Cidade do Porto, como adiante contaremos. O miselar das armas fez ElRey por esta guisa. A redondeza do selo partio de todo por meio, & na mètade estauão as armas direitas de Castella, & na outra mè tade as direitas de Portugal. s. a barra de longo com meyo da redondeza, era cerquada de Castellos, & dentro sinco escudos com as quinas. As letras, que cercauaõ todo o circolo derredor diziam. *Ioannes Dei Gratia Rex Castellæ, & Leonis, & Portugallia,* E seu ditado nas cartas, & em quaesquer escrituras, era este. *Dom Iohão por graça de Deos Rey de Castella, & de Leão, & de Portugal, & de Toledo, & de Galliza, & dos outros lugares que se costumauam nomear.* E taes sellos, & com taes ditados se chamou então, & depois por tempo. E ordenou o Concelho de Santarem de darem logo hum seruiço a ElRey de Castella, & foraõlhe outorgados pellos homès boõs desse lugar trinta mil liuras, as quaes depois ouue o Mestre, sendo Rey, daquelles que dellas foram recebedores. E teue ElRey conselho de fazer moeda em Santarem, mandou laurar huns reaes de prata de ley de sete dinheiros, & Coroas, & outras moedas de valor pequenas. E dizem que deu a Rainha Dona Lianor a ElRey de Castella muytas joyas das que ficaraõ DelRey Dom Fernando, & lhas aguardeceo, & foraõ logo â primeira muyto dacordo, & bẽ amigos.

CAP. 68. *Dos fidalgos, & Caualeiros, que estauão com ElRey em Santarem, & do que aueo a Gonçalo Vasquez com o soldo, q̃ mandou pagar aos seus.*

ELREY

ELREY em Santarem, como dissemos, estauão hy, dos fidalgos do Reyno, estes Senhores, & Capitaẽs com elle, s. Dom Anrique Manoel Conde de Sea, que tinha Cyntra, & Dom Pedral ueres Pereira Priol do Esprital, & o Conde de Vianna, & Gonçalo Vasquez de Azeuedo, que tinha Torres Nouas, & Gonçalo Pirez de Camoẽs, que tinha Alanquer, & Iohaõ Gonçalues Texeda, que tinha Obedos, & Diogo Aluerez, & Fernam Pereira, Irmão do dito Priol do Crato, & Vasco Martins da Cunha, & Martim Vasques, & Gyl Vasques, & Vasco Martins seus filhos, e Vasco Martins de Mello, & Iohaõ Affonso Pimentel, e Iohaõ Rodriguez Portocarreiro, & Martim Gonçalues de Taide, & Affonso Gomes da Sylua, & Martim Affonso de Mello, & Vasco Martins seu irmão, e seus filhos destes, & Fernão Gyl de Sousa, & Gonçalo Rodriguez de Sousa. E pelo Reyno outros, muitos, & boõs caualleiros, que tinhaõ grandes, & boas fortalezas, com que obedecião a seu mandado. E destes senhores fidalgos, que ally chegaraõ a Santarem, mandou ElRey a algũs que se tornassem pera seus lugares; & outros ficaram em sua companhia, onde sabey que todos os senhores, & fidalgos, que ally ficaraõ, & os que se tornaram pera os Castellos, que lhe jà tinham offerecidos, a todos ElRey desembargaua soldo pera certas lanças, com que o ouuessem de seruir. Antre os quaes desembargou a Gonçalo Vasquez de Azeuedo soldo pera cem lanças. Gonçalo Vasquez trazia grande casa, & era acompanhado de muytos, & boons escudeiros, que com elle viuiaõ; assi como Rodrigueanes de Buarcos, & Vasco Rodriguez Leitam, & Ioham Rodriguez da Motta, & outros semelhantes de boa conta. Hum dia foy elle ao Paço, & deixou dito ao seu Veador, que desse o soldo a todos os seus, segundo tinha ordenado, & elle poz tres montes de dinheiro ensima de hũa mesa, hum de florins, & outro de Reaes de prata, & outro de moeda corrente, & quando requereo aos escudeiros que o tomassem, nenhum foy, que o quizesse receber, mas tomauão os florins na mão, o tornauãonos a seu lugar, rindose delles. Gonçalo Vasquez, a hora de cea, tornou pera a pousada, & quando

do vio os dinheiros estar daquella guisa, não soube que cuidar, & perguntou ao seu Veador, que porque os não dera, como elle mandara? *Sabey*, disse elle, *que todos conuidey com elles, & não houue nenhum, que os quizesse receber.* Gonçalo Vasquez esteue hum pouco quedo sospeitando porque o fazião, & disse: que os guardassem dally, que lhe pozessem a mesa. E então os chamou todos a departe, & disse. *Espantado sou de vos serdes todos homens a que eu tal desejo tenho assi de acrecentarem vossas honras, como de encaminhar vossos feitos com ElRey meu Senhor, por onde quer que eu possa, & não querendes vos tomar seu soldo, pera o auerdes de seruir em minha companhia. Em verdade eu tinha de vos tal entenção, que, não digo eu com ElRey de Castella, que he hum Senhor, que todos somos teudos de seruir, mas ainda que eu me tornara Mouro, & me fora perá Grada, pera lá viuer pera sempre, que vôs vos tornareis Mouros commigo, & seruireis em quaesquer cousas, que de minha honra foraõ; & hora pareceme que era enganado com vosco, porque desto vejo muyto o contrayro. E pois que assi he, rogouos que me digaes porque o fazeis?* E elles todos calando, respondeo Vasco Rodriguez, & disse. *Digouos, pois estes calão, & nenhum não fala, que eu quero falar por mim, & por elles. Sabey que elles, nem eu, não temos vontade por nenhũa guisa de tomarmos soldo DelRey de Castella, nem vosso pera o auer de seruir, & antes nos partiremos todos de vos, que auermos de tomar seu soldo, nem sermos seus. Mas se vos quizerdes ter a tenção do Mestre, & de Lisboa, digouos que não haueis mester ouro, nem prata, nem outros dinheiros, que nos deis, mas todos, de boa vontade, despenderemos os corpos, & vidas, por vos seruir, & morrer comvosco onde quer que vos fordes. E esta he a nossa final entençam, da qual nos não hẽmos de desuiar. E se vos algum disser o contrayro, sabey que vos mente, & não o creaes, nem fieis, nem de mim tam pouco, postoque vol diga.* Gonçalo Vasquez quand esto ouuio ficou espantado, & disse que pois assi era, que ell não entendia de os prende nem forçar, mas que elle en caminharia de geito, que iss não viesse mais à praça. En tam houue com ElRey qu se fosse pera Torres Nouas, & ally esteue por guarda d

luga

logar,& assi se foy: E elles vendo que seu desejo era de seruir a ElRey, & ter sua entençaõ, partiraõse delle poucos,& poucos, & foraõse a Buarcos,pera Aluoro Gõçalues seu filho,que tinha a voz do Mestre,& meteraõse na frota do Porto, quando depois veo a Lisboa, como adiante diremos.

CAP. 69. *Dos Lugares,que tomaraõ voz por Castella em todalas Comarcas do Reyno.*

OIS que dissemos parte dos senhores, & fidalgos,que se vieraõ pera ElRey de Castella, conuem que digamos dos lugares,que tomarão sua voz, & lhe obedecerão,por verdes como teue gram parte do Reyno a seu mandar, por todas as Comarcas delle,naõ porem que os pouos moradores dos Lugares lhos dessem, nem lhe obedecessem por seu grado, mas os Alcaydes,& os milhores de cada hum lugar, lhos offereciaõ,& tomauão sua voz,& a faziaõ tomar aos pequenos por força,assi como fez Lopo Gomes de Lira em Braga, que se chamaua Meyrinho por ElRey de Castella, que por prizão, que fez aos moradores do lugar, & às pessoas Ecclesiasticas do Cabido da Seé, lhes fez que fizessem menagem ao Arcebispo de Santiago,em nome DelRey de Castella,& que tiuessem sua voz,& lhe obedecessem, como a seu Senhor,porque o dito Lopo Gomes entrou na Cidade contra vontade do Concelho, & do Cabido, & fez assi entrar ao Arcebispo de Santiago, & outras companhas de Galliza com elle. Então Lopo Gomes mandou deitar pregaõ pella Cidade,que todolos moradores della fossem logo á crasta da Sé,assi Ecclesiasticas,como leygas, pera fazer menagem ao dito Rey de Castella,& a sua molher, que houuessem por senhores, & fizessem por elles paz, & guerra. E aquelles, que o não quizessem fazer, que os degradaua dos senhorios de Portugal, & que perdessem os bens,que tinham. E alem disto eram sugigados do Castello, que estaua sobre a dita Cidade, de que era Alcayde Vasco Lourenço irmão do dito Lopo Gomes, mandaua que seriaõ destroidos, & elles todos com tema, que fizeram estonce o que elle quiz. E por esta guisa, & outras semelhantes, se dauam os pouos a ElRey de Castella, mas nam

de vontade. Onde cuyday q̃ sendo soada sua partida de Castella pera vir a Portugal, que voz de grande espanto foi ouuida em todo o Reyno, quando as gẽtes certificadas que ElRey de Castella queria entrar em elle, vendo que tal entrada não podia ser sem grãde escandolo, & discordia, aqual punha os humanos entendimentos em opinioẽs de muytas guisas, & em tanto, que posto que o amor da terra, & natural afeiçaõ constrangese a muitos fidalgos, & Alcaides de Castellos, a ter por Portugal, antes que por Castella, outros porem auia hy taes, que vsando de cobiça mesturada com tençaõ malicioſa, & delles com temor, & arreceo de cada hum perder sua honra, & por cobrar outra mayor da que tinhão, lhe fez de todo escolher o contrairo por tal modo que foy o Reyno diuiso em sy, & partido em duas partes, em que poucos Lugares & fidalgos tomaraõ a voz de Castella obedecendo a seu mandado. Assi que pelas Comarcas do Reyno estauão por elle estas fortalezas. ſ Na Estremadura, Santarem, Torres nouas, Ourem, Montemor o velho, Leiria, Castello da feira, Penela, Obedos, Torres Vedras, Alanquer, Cyntra. Em antre Tejo, & Odiana. Arronches, Alegrete, Castello de Vide, o Crato, Amieyra, Monforte, Campo Mayor, Oliuença, Villa Viçosa, Portel, Moura, Noudar, Mertola, Almada. Antre Douro, & Minho. Lanhoso, Braga, Guimaraẽs, Valença, Melgaço, Ponte de Lima, Villanoua de Cerueira, Caminha Vianna, o Castello de Neiua. Em Tralos mõtes. Bragãça, Vinhaes, Chaues, Monforte de Rio liure, Montalegre, o Mogadouro, Mirandella, Alfandegà, Lamas de Orelhaõ, Villa Real de Panoyas. Na Beira. Castel Rodrigo, Almeida, o Sabugal, Monsanto, Peramanca, a Guarda, Couilhaam, Celorico, Linhares. Estes sincoenta & quatro lugares, & outros mais, que dizer não curamos, teue ElRey a seu mandar, quando veyo, & antes que entrasse no Reyno. E posto q̃ os ricos, & poderosos, e assi Alcaydes de Castellos, como outros fidalgos, tiuessem voz por El Rey de Castella, os pouos porem todos em seus coraçoẽs eraõ contra elle, & contra a Rainha, em guisa, que assi como dizemos, se aleuantaraõ muytos homens em algũs lugares, & tomaraõ os castellos aos Alcaydes delles, & alçauão voz pelo Mestre Dauiz escreuendolhe que queriaõ ser seus & o ajudarem com os corpos, & aueres, assi como tomaraõ Euora a Aluo-

a Aluoro Mendez de Oliueira,& Eſtremoz a Iohane Mendes de Vaſcogoncellos,e Beja,& outros Lugares,que ouuiſtes. E àquellas Villas,que tinhão voz por Caſtella,mandaua ElRey gentes darmas,quantas auião miſter,de guiſa que o Alcayde,com ellas, & com ſeus criados, & amigos as podeſſem defender, como compria, ca dos que morauaõ nos lugares, não eraõ os Alcaydes muyto ſeguros por as couſas, q̃ viaõ acontecer.E deſtas fortalezas,que tinhão voz por Caſtella, ſahião os Alcaydes Portuguezes a fazer grandes roubos, & caualgadas nos termos das que tinhaõ voz pelo Meſtre,prendẽdo, e roubando,& matando em elles, como ſe lho deueſem por contrairos merecimentos. Aſſi que os q̃ deuião ſer ſeus defenſores, & os liurar das maõs dos inimigos, aquelles matauão, & perſeguiam vzando contra elles de toda crueldade.O que forte couſa,& mortal guerra ver hũs por trigoſos querer deſtroir os outros,& aquelles,que hum ventre gèrou,& hũa terra deu criamento deſejarem de ſe matar de vontade, & eſpargir o ſangue de ſeus diuidos, & parentes.

CAP. 70. *Como foraõ filhados os nauios de peſcado,que vinham de Galiza,*

COMEC,ANDOSE eſta noua guerra,antre Portuguezes, & com Portuguezes, a lem da que auiam com Caſtelhanos,eſtando o Meſtre em Lisboa, como diſſemos, hũa ſegunda feira pella manhaã primeiro dia de Feuereiro da ſobredita era,pareceo pella foz, na entrada do rio,hũa galè de Caſtella,& ſinco baxins,& hũa grande nao com tempo contrairo. Pouſaraõ os baxins,áquem de Reſtelo,mais de hũa legoa,antre Oeiras,& Santa Catherina grande eſpaço os baxins. O Meſtre ſoube parte como algũs deſtes nauios eraõ de Galliza carregados de farinha,& mantimentos,que vinha pera a frota dos Caſtelhanos cuidando que jazia jà ſobre a Cidade.Outros hiaõ carregados de peſcados ſequos pera Aragão,& ſendo certo que todos eraõ de ſeus imigos,fez logo fazer preſtes duas galés,& duas naos,& tres barcas,& foraõ preſtes fornecidas darmas,& companhas em dous dias.E eſtes nauios,que aſſi pouſaraõ,não penſarão receber da-

no

no dos da Cidade, tendo que o cuidado de se perceberem do cerco, que esperauão, era tão grande que este lhe daua assas que cuidar, & não ter doutras cousas sentido. E foy assi que ante manhaã, de velarem as naos, & barcas dos Portuguezes contra aquelles nauios. A galè de Castella, como vio as galés, & as outras velas hir daquella maneira deixou as ancoras, & fogio, & foyse, & os nauios foraõ filhados todos, & trazidos ante a Cidade, sem mais pelejarem que lhe não compria. A nao de duzentos toneis, noua, grande, & bem fornecida de hũ Iudeu, que chamauão Dom Dauid da Cunha, quando vio o que se fazia, desferio postoque tempo azado não houuesse, não quis sahir pella carreira da Alcaçoua, & meteo vela contra vento quanto pode. As galès hiaõ a geito da terra, & hũa nao, e duas barcas as seguião, sendo no mar grande leuadia por o vento, que era forçoso: E porque leuaraõ grande espaço ante ellas jà desesperauaõ de a alcançar. O Mestre estaua em seus Paços, & muitos da Cidade com elle outhando, & quando vio a grande auantage, que a nao de Galliza leuaua ante as suas, disse aos que eraõ presentes. *Sairse aquella?* & elle em dizendo aquellas palauras, o lais da verga: que são atè tres braças de huma das partes, aconteceo de quebrar; por cujo azo lhe foy forçado a mainar. Edestaguisa acobraraõ os Portuguezes, sem mais peleja, né ferida, que algum houuesse. Grande foy o prazer, que o Mestre, & todos ouueraõ por este boom aquecimento, mayormente em tẽpo, que lhe tanto fazia mister, ca em estes nauios foy achado muito pescado seco de pescadas, congros, & poluos, sardinhas de fumo, & de pilha, & muita farinha & outros mantimentos. Onde sabey que, não embargando que gèral officio fosse a todos prouer, & azar qualquer comũ proueito, q̃ cada hum sentia pera a Cidade, que delles houue ahy porem taes, de que se assenhoreou tanto a cobiça, que ligeiramente lhe fez outorgar nos coraçoẽs requerer, & demandar ao Mestre, que lhe vendese aquelle pescado pera o leuarem fóra do Reyno, pelo grande gainho, que nelle sentião, mostrando que era muito seu seruiço, & proueito, com hũa aparencia de palauras todas imigas da prol comunal. O Mestre, em que não falecia, mas antes eraõ em elle auondosa descrição, & iuizo, disse que nenhum lhe falasse em tal cousa, ca elle entendia, que se lhe

lhe encaminhàra aquello por dar a todos boa coreſma, que ſe então chegaua, & que aquelles moradores, q̃ lhe, por cobiça de ganho, requerimento fazião, bem moſtrauão, q̃ pouco ſabião do bẽ do pouo, & de ſua defenſaõ, em tempo, que o miſter tanto auiam pera ſeu mantimento, & outras neceſſidades. E aſſi foi que com aquelle peſcado foy a Cidade farta, & em boa avondança, & pagaua aos fidalgos, & ás outras gẽtes o ſoldo em elle, de que a ElRey de Caſtella muito deſaprouue, quando o ſoube em Santarem.

CAP. 71. *Como o Conde de Mayorcas mandou deſafiar o Meſtre, & como Nunaluerez reſpondeo a elle.*

ENTRE os Senhores, que com ElRey vinhaõ, era hum delles o Conde de Mayorcas Dom Pedraluerez de Lara, filho baſtardo de Dom Iohaõ Nunes de Lara. Eſte era hum muy grande homem darmas, & muy afamado caualeiro, & bem ardido. E hora aqui dizem algũs, contando os feitos de Nunaluerez em ſeu louuor, q̃ eſtando elle com o Meſtre em Lisboa, & ouuindo a fama deſte Conde, & quanto era pera muyto, cuydou de o mandar requeſtar pera ſe matar com elle, trinta por trinta, & que pedira licença ao Meſtre lembrandolhe as rezoẽs, porque ſe a ello mouia, & que o Meſtre lho outorgou, & que Nuno Aluerez mandou deſafiar o Conde, & elle recebeo ſua requeſta, & que foy aſſinado o lugar, & dia, & preſtes Nuno Aluerez pera ello, & que vendo o Meſtre depois de feito, os trabalhos que ſe recrecião, que lhe defendeo que o não fizeſſe, & por tanto ſenão poz ſua requeſta em obra. Mas outro Eſtoreador, cujo falamento nos parece mais arrezoado, conta eſta iſtoria muito doutra guiſa, & de ſeu eſcreuer nos praz mais. Dizendo que hũ Iogral, que chamauão Anequim, que viueo com ElRey Dom Fernando, & ficàra com a Rainha Dona Lianor, hia muitas vezes ás caſas onde ElRey de Caſtella pouſaua, & tinha de coſtume chamar compadre a qualquer, q̃ conhecia, & aſſi chamauão os outros a elle, & como tinha em vzança dandar por caſa dos ſenhores, diſſe hum dia, que queria hir a Lisboa por ver o Meſtre Dauiz & folgar com elle. O Conde de Mayorcas, quando iſſo ouuio cha-

chamouo estonces, & disselhe: *Compadre, dizemme que te vás a Lisboa. Sy* disse elle, *lá quero chegar pera ver o Mestre. Pois rogote*, disse o Conde, *que me faças esta graça, que digas ao Mestre, que se elle nega que não faz treiçaõ, & maldade em aluoroçar este Reyno, & se querer assenhorear delle, oqual de direito o he de meu Senhor ElRey, & de sua molher, q̃ eu lhe porey o corpo sobre ello, & lho farey conhecer. E rogote que lho digas todauia.* Anequim disse que lhe prometia de lho dizer, & de lhe trazer a reposta. E foy assi que elle chegou a Lisboa, & falando ao Mestre disselhe esta embaxada do Conde. E acabando elle de dizer, Nunaluerez, q̃ presente estaua, antes que o Mestre nenhũa cousa falasse, respondeo a Anequim, & disse. *Meu Senhor o Mestre naõ he rezão que lhe ponha o corpo, mas sobre essa tençam que elle diz, eu lho quero poer de muy boamente. E se elle negar que o Mestre meu senhor, & nos outros Portuguezes com elle, naõ fazemos justa guerra por defensam de nossos corpos, & aueres, & que ElRey de Castella mal, & como naõ deue, entrou em este Reyno, antes do tempo, que deue, britando os trautos, que era teudo de guardar, por aqual rezão perdeo em elle todo quanto direito tinha, & que por isso o Reyno pertence ao Mestre meu Senhor, que aqui está, como filho DelRey Dom Pedro, que he, que eu me porey sobre ello, & lho farey conhecer quer hum por hum, ou dous por dous, ou quantos elle quizer. E rogote que assi lho digas.* E falaraõ então em outras cousas. E dahi a poucos dias partio Anequim pera Santarem, & o Conde lhe perguntou se disse ra sua entençaõ ao Mestre, & elle disse que sy, & a reposta, que Nuno Aluerez dera a ella. *Quem he esse Nunaluerez?* disse o Conde. *Senhor*, disse elle, *hum irmaõ de Dom Pedralueres Priol do Crato. Naõ sey*, disse o Conde, *que homẽ he, nem conheço, nem curo doutrem senaõ da pessoa do Mestre, nem porey o corpo, senaõ a elle, q̃ quanto aos Padres, da linhagem dos Reys vimos, & da parte da madre, ambos somos bastardos, pois se mo elle poer naõ quer, por outrem, naõ entendo entrar em campo, nẽ lhe por o corpo sobre esto.* Em este comenos prouendo o Mestre o q̃ cedo esperaua de ser, como ElRey de Castella foy em Santarẽ, & elle se partio de Alanquer pera Lisboa, mandou recolher pera a Cidade, todos os moradores do campo, com os mantimentos que leuar podessem, & elles trigosa-

gosamente com receo dos Castelhanos, que lhe deziaõ, que já corriaõ a terra, partiraõse com as molheres, & filhos, & com os gados, & bestas, & cousas que leuar podiaõ, & vinhaõse pera Lisboa. E outros se passauão álem do rio Ribatejo por buscar segurança a sua vida, segundo cada hũ melhor entendia. O que dorida cousa era de esguardar ver de dia, & de noite tantos homẽs, & molheres vir a manadas pera a Cidade, com os filhos nos braços, & pela mão, & os paes com outros ao pescoço, & suas bestas carregadas de alfayas, & cousas que trazer podião. E assi se recolhiaõ de todo o termo pera a Cidade todos os moradores derrador, antes q̃ ElRey de Castella viesse.

CAP. 72. *Como Nunalueres foy atrauez de Cintra â forragem, & algũs Capitães de Castella chegaraõ ao Lumiar.*

PORQVE entendia que hũa das cousas, que lhe muy necessarias eraõ, pois cerquado auia de ser, era abondança de mantimentos, ordenou, antes que ElRey de Castella viesse de mandar gentes á forragem aos lugares, que nam tinhaõ sua voz, por abastecer a Cidade de viandas, o mais que se fazer podesse, & mandou a Nuno Aluerez, que se fosse pera trazerem de seu termo algũs mantimentos, & com elle até trezentas lanças de Escudeiros, & Cidadaõs, & poucos homẽs de pè, estãdo então em Cyntra o Conde D. Antique, & gentes, com que a bẽ podia defender, que tinhão voz por ElRey de Castella. Correo Nuno Aluerez a terra toda, sem achar nenhum, que o trouasse, & apanhou muitos mantimentos de gados, & trigo, & outras cousas de comer, de que carregauão assáz azemalas, de que jâ hiaõ percebidos pera isso, & nenhum sahio do lugar fora, que trabalhasse delho tolher. ElRey de Castella, que em Santarem estaua, auia muyto pouco que viera Dom Pedro Fernandez Cabeça de Vaca, Mestre de Santiago, & Pedro Fernandez Valhasco seu Camareiro mór, & Pedro Rodriguez Sarmiento Adiantado mòr de Galliza, & com elles mandou mil lanças de boons homẽs dármas, q̃ chegassem até começo de Lisboa, pera fazer começo de cerquo, & não consentissem aos da Cidade que se estendessem pella terra â fazer dano nenhum. E na noite seguinte, que Nunalueres partio

tio de Cyntra com sua caualgada, chegou recado, que aquellas gentes estauão em Alanquer, & queriaõ vir sobre elle, pella qual rezão se partiraõ logo algũs de sua companhia, & se vieraõ à Cidade, & os que ficaraõ, no dia seguinte lhe dezião, que se partisse à pressa, & não attendese alli aquellas gentes. Mas Nuno Aluerez não o quiz alli fazer, nem curou de quanto dezião, & veose muito passo, & de vagar com sua caualgada, & no caminho, muito contra võtade de todos, aguardou atè meio dia se vinhaõos Castelhanos para lhe poer a praça. O Mestre em Lisboa estaua, quãdo soube desto parte, mãdoulhe em ajuda Ruy Pereira, tio de Nuno Aluerez, com cento & sincoenta lanças, & depois que foy tarde, vendo que os Castelhanos não vinhão a elles, vieraõse pera a Cidade, com tudo aquillo, que trazião, & foraõ do Mestre muito bem recebidos. Aquelles Capitaẽs de Castella, que dissemos vinhaõ com suas gentes pera encalçar Nuno Aluerez, & lhe tomar a preza, que fizera. E porque hauia hum dia, que Nuno Aluerez era na Cidade, pozeraõse no Lumiar, & pellas Aldeas derredor, sem irem mais por diante. E foy isto aos oito dias do mes de Feuereiro já nomeado.

CAP. 73. *Como o Mestrè teue ordenado de hir a Santarem pelejar com El Rey de Castella, & porque azo se naõ fez.*

IA dissemos como El Rey de Castella, quando veyo a Santarẽ foraõ apoſentados todos os seus pella Villa, com pessoas grandes, & means, & de pequena condiçaõ, em guisa que não hauia nenhũ no lugar, com que não pouzassem. E logo no começo de seu apoſentamento começaraõ de ter boa maneira com os hospedes, Depois, por dias, começaraõ de se assenhorear delles, fazendolhe tantas sem rezoẽs, & desmesuras, que todos se tinhão por agrauados, cà elles filhauão a seus donos, o que tinhão, & tirauaõ dous, & tres visinhos de suas casas, & faziaõnos pousar em outra parte, & colher todos em hũa casa, & não lhe leixauão tirar nenhũa cousa, nem roupa de cama pera dormir, saluo a que trazião vestida. Outros lançauaõ fora de casa, & ficauaõ elles com a molher, & dormiaõlhe com ella, & outros o fazião perante os seus olhos, mal que lhe pezasse, dizen-

ndo que,quanto tinhaõ, tu-
ra ſeu,& delles nenhũa cou-
doeſtandoos de torpes , &
palauras,dizendolhes aſſás
onras,& laſtimas,& ſe algũ
ia falar,ou reſponder , logo
trauaõ que o queriaõ matar.
outros ligauão de pés , &
s,& aſſi os tinhão toda a noi
outros não ouſauão de ſair
de ſuas caſas pera nenhum
r ſem aluarà , doutra guiſa,
eraõ prezos,& maltratados,
anto que muitos deſempara-
quanto tinhaõ,& fugiaõ pe-
sboa,& pera os outros luga
foi iſto em tanto,que algũs
de Santarem,& outros Por-
zes,que com ElRey de Ca-
eſtauaõ,enuiaraõ por vezes
sboa ao Meſtre que foſſe là
barcas pera pelejar com El.
de Caſtella,& que elles o a-
rião.E eſta couſa falou oMe-
rimeiro com Nuno Alue.
& depois com os outros do
celho,& todos acordaraõ q̃
ema ntremeterſe nello. E
endoſe o Meſtre trabalhar
poer em obra, ouue depois
elho de o não fazer , nem
tal lugar em barcas,que ſaõ
os,que não podem leuar,ſe-
pouca gente,onde compria
muita,& mais que as bar-
não chegarião mais longe,ſe
não atè Muge, que ſão duas le-
goas do lugar por a agoa do Te-
jo,que era muito pouca, & não
podia mais aſſima ir. E a mayor
duuida deſte feito era,ſe aquel-
les recados,que vinhão,eraõ ver-
dadeiros,achados por parte Del-
Rey de Caſtella,pera matar,ou
prender o Meſtre,& todos aquel-
les,que em ſua companhia foſ-
ſem,&porem ceſſou de ſe não fa-
zer.

CAP. 74. *Comoa Rainha eſcreueo ao Conde Dom Gonçalo ſeu irmaõ,que deſſe Coimbra a ElRey de Caſtella.*

RAINHA,logo no começo, ſendo dacordo com El-Rey de Caſtella,fez-lhe entender, que ligeiramente podia auer,& cobrar todos os lugares, que no Reyno auia,ca os mayores da terra eraõ ſeus deuidos,& de ſua molher,& todos os outros,que Villas,& caſtellos tinhão, a elle obrigados por criação,& bemfeitoria. E poſtoque algũs de mao recado, alçaſſem voz contra elle, moſtrando que o não querião, que nam curaſſe da doudice de taes, ca eram ſandeos,& ſeguidores de ſã dia opiniaõ,fundada em vaam eſpe-

esperança. E que ella escreueria ao Conde Dom Gonçalo seu irmão,& a Gonçalo Mendez de Vascogoncellos seu tio,que esta uão em Coimbra, que era hum dos principaes lugares do Reyno, & que logo tomariaõ sua voz,& lhe daria a Cidade, postoque o não sahissem a receber,quando elle por ahi passára, & que ella chegaria lá com elle se comprisse,& assi a cada hum dos outros lugares,quando puzessem duuida de lhos entregar.Onde,segũdo achamos escrito,o Conde D. Gonçalo,antes disso,viera ao Porto fazer sahimento por ElRey Dom Fernando,& a Rainha lhe escreueo que se viesse aCoimbra, & os homẽs boons da Cidade, q̃ o recebessem bem,& lhe fizessẽ toda a honra. No Castello estaua por Alcayde Gonçalo Mendez tio do Conde,& da Rainha, aque muito prouue com sua vinda.E dizem que,pouzando elle na Villa,lhe fez prometimento seu tio,que elle naõ desse o castello,nem elle a Villa a nenhũa pessoa, sem consentimento de ambos,& desta guisa estaua o lugar.E depois que o Conde hi foi, vieraõse pera elle Iohaõ Rodrigues Pereira,& Iohaõ Gomes da Sylua,& Aluoro Gonçalues Camello,que depois foy Priol do Esprital,& Nuno Viegas,& Nuno Fernandez de Marquez, & Nuno Fernandez de Penacoua & Pero Gomez de Seabra, & Martim Correa,& outros. Assi tinhaõ ahi consigo trezentas, & sincoenta lanças, & estaua bem seguro muyto á sua vontade. E quando a Rainha falou a ElRey assi como jâ dissemos,disselhe e le que escreuesse a seu irmão, & a Gonçalo Mendes,que ouuess por bem de lhe darem a Cidade & tomar sua voz,& que elle lh faria por ello muitas merces. E carta, que lhe enuiou foy dest guisa.

CARTA DA RAINHA Dona Lianor a seu irmão Dom Gonçalo.

IRMAM, amigo, qu eu muito amo. Creo que bem sabeis como eu, renu ciando o regimento deste Reyno & posto em ElRey de Castell meu filho, entendo que fiz em ell oque deuia,porque bem vedes vo que doutra guisa naõ podia minh filha cobrar esta terra,& auer senhorio della,segundo concerto, estas cousas leuão,porque eu sey Gonçalo Mendez vosso tio,posto que me dessa Cidade tenha feit menagem, não a pode dar, se vo não quiserdes.Porem vos rogo, c mo irmaõ,& amigo, em que he

gran

grande fiuza, que vos praza de tomardes vós por ElRey de Castella vosso cunhado, recebendoo por senhor, & fareis em ello, o que deueis por minha honra, & vossa, & elle volo agalardoará com muytas merces, & vos porá em mayor estado, ca não compria a mim, nẽ a vos cobrar o Mestre Dauiz, pera nossa linhagẽ ser deshõrada por elle.

Escreueo outro sy a Gonçalo Mendes dizendo, que bem sabia a honra, & acrecentamento, que ella em elle fizera, em como tinha aquelle Castello da sua maõ, de que lhe hauia feito menagem. E porem lhe rogaua, que sem outra contenda, tomasse voz por ElRey de Castella seu filho, & que lho entregasse, & que em esto faria o que deuia, & a elle grande prazer, & seruiço: & que fosse bem certo, que lho agalardoaria em muytas merces, melhor do que elle podia cuidar.

CAP. 75. *Do que aueyo a alguns da Cidade, que sahiraõ fora a pelejar com os Castelhanos.*

EM quanto estes recados foram à Coimbra fez o Mestre de Sanctiago, & Pero Fernandes de Valhasco, & Pero Rodrigues Sarmento, que deixamos no Lumiar, como ouuistes. Onde alli foy, que pouzando elles naquellas aldeas, sahiraõ hum dia por mandado do Mestre Iohaõ Fernandes Moreira, & outros de cauallo, com alguns peães, & besteiros, atè hum campo, que se chama Alualade grande, & isto por sahirem os Castelhanos, a elles, & os trazerẽ atè à cerca da Cidade, & foy de tal guisa, q̃os Castelhanos, como se cuberã q̃ elles estauão naq̃lle lugar, derão ás trõbetas, & cauallgaraõ õs Capitaens, & muytos dos seus com elles; & derão os Portugueses volta, & como forão acerca, nam se poderão tanto sahir, que os outros os nam alcançaram, & mataram delles, & prenderaõ, & foy alli morto o dito Iohaõ Fernandes, & se não foraõ às vinhas por onde deitauão, porque os de cauallo nam podiãó hir, mais dano fizerão em elles seus imigos. O Mestre sahira aquelle dia fóra com Nunaluarez, & gente da Cidade, até trezentas lanças, & homens de pé, & besteiros, & poseraõse em batalha em hũa lombada, que se faz assima da Igreja de S. Lazaro, que serão dous tiros de bésta da Cidade, & aguardaua alli, que quando os Castelhanos viessem pelo al-

canço apoz aquelles, que assi chegaram atè Alualade que o achassem prestes de peleja, & elles quando chegaram, & os viram assi estar por terra ordenados em batalha, naõ se quizerão decer, & ouueraõ por entaõ seu acordo de nam pelejar, & tornaramse para as Aldeas, onde pouzàrão, & o Mestre com os seus pera a Cidade.

CAP. 76. *Das rezoens, que Nuno Aluarez disse ao Conde D. Aluaro Pirez de Castro, & a seu filho: & como o Mestre ordenou de hir a pelejar com os Capitaens de Castella, que estauão no Lumiar.*

CERTAMENTE, falando em este passo, & tirada toda affeiçam fora, o Mestre marauilhosamente he de louuar, se bem parardes mentes ao proseguimento dos seus notaueis feitos, ca posto que elle tiuesse hum muyto ardido, & ouzado coração, igual aos perfeitos, & virtuosos baroẽs, muyto contrarios lhe eram porem presentes, cà elle hauia mayor parte de Portugal, contra hum pequeno Portugal, que ficaua. E conhecia alguns, que se vinham pera elle, por molles, & de fracos coraçoens, segundo os conselhos, que lhe dauam. Outros lhe punhão sospeita, & duuida de suas lealdades. Mas essas, & todalas cousas, que entender podeis, que lhe erão assaz cõtrarias, não o mudauão porem de seu proposito, como aquelles querião, com hum grande, & alto coração naõ vencido de taes tempestades. Ca o Conde Dõ Aluaro Pirez de Castro, quando se veyo pera elle, falou hum dia o Mestre cõ elle, & cõ seu filho todalas cousas, que lhe até alli aconteceram, & que elle tinha em vontade de fazer. E o Conde, que mayor desejo tinha ao proueito, & honra DelRey, que aquello, que o Mestre começàra, hauia por nada todos os seus feitos, dizẽdo, q̃ auia começado cousa forte, & muyto douidosa de a poder acabar cõ sua honra, Assi que aquelle, que o deuera esforçar, pois que vinha pera o seruir, aquelle lhe dezia aquestas, & outras taes palauras, que erão bastantes pera desemparar de todo quãto tinha começado, & emvõtade de fazer. Nuno Aluarez, que presente estaua, não pode sofrer seu arrezoado, nem soportar que lhe não falasse. Respondeo

eston-

estonces em esta guisa. *Digouos senhor, que pois vos ficastes com meu senhor o Mestre, & boa vontade tendes de o seruir, que saes rezoens, & conselhos, como os que lhe vós daes, nam sam boons, nem comunaes, nem elle nam os deue de querer, antes hir com seu feito por diante, & nenhuma cousa tornar a traz. E nam digo contra ElRey de Castella, que he hum alto, & poderoso Rey, mas ainda que fosse cõtra todos os Reys do mundo, elle deue de continuar sua defensam de todos aquelles, q̃ lhe sam sojeitos, ca tem coraçam, & rezam de o fazer, ca nenhum outro em Portugal pertence pera ello. E todos os boons Portugueses tem rezam de o seruir, ajudar, & seguir o que começado tem, despendendo com elle os corpos, & aueres até a morte, & Deus, que a isso o chamou, encaminhará seus feitos de bem em melhor, & o trará em sua guarda, & a fim que elle deseja. E quem vontade tiuer de o bem, & lealmente seruir, assaz terá tempo, em que o mostre.* O Conde com sanha, quando vio assi falar, respondeolhe logo, & disse. *Que he isso, Nunaluarez? Como falais vós assi ouzadamente? Nam haueis empacho de falardes tam solto?* Em verdade disse Nunaluarez, *nam, ca de quanto disse, nenhũa cousa me peza, senam por ser muyto pouco.* A isto respondeo estonces Dom Pedro seu filho, & disse contra Nunaluarez. *Nam haueis vergonha, Nunaluarez, de assi falardes contra meu Padre? Digouos*, disse elle, *que nam, ca eu do que a vosso Padre disse, nam hey vergonha delle, nem de vos, ca disse o que deuia por seruiço de meu senhor o Mestre, & nam por outra cousa.* Em isto antes que mais palauras ouuesse antre elles, mandou o Mestre, que se calassem, & calaraõse logo todos. Ora vendo o Mestre como aquelles Capitaens de Castella estauaõ dassessego nó Lumiar, hauia bem quinze dias, & nam se partião dahi, vindo algũs escaramuçar acerca da Cidade, falou com o Mestre de Sanctiago, & com Nunaluarez, & com todos os do seu conselho dizendolhe: que lhe parecia, que era bem de irem pelejar com elles, E Ruy Pereira, & Iohão Lourenço da Cunha, & todolos outros, q̃ hi estauão, outorgaraõ de se poer em obra. E em falando que Capitaens eram os que vinham com aquellas gentes, nomeando cada hum por seu nome, quando diziam. *Vem ahi foaõ Mestre de Sanctiago.* Res-

pondia o Conde Dom Aluaro Pirez encolhendose todo, & dezia. *Ay que minino.* E em dizendo. *Vem assimais foaõ,* & el le respondia. *E esse paruo*, & assi dezia por outro: *Ay que cachopo,* & assi daua a cada hum seu motete, dando a entender, por taes geitos, que não era bem de irem pelejar com elles, dizendo que lhe parecia, que eraõ muytas gẽtes, & grandes, & bons Capitães com elles, & que pois delles pouco nojo recebião, que nam curassem de sua estada. E o Mestre disse, que aquillo não era de sofrer serem a seu despeito tam perto da Cidade, de não tornarem a ello, como deuião. Então juntaraõ todos suas gentes fazendose prestes pera o outro dia. E os Castelhanos, que trigosamente o souberaõ, partiraõse àpressa delles pera Alanquer, outros pera Torres Vedras, & nam os quizerão attender, & muitos dos Portugueses, quando o ouuiram, chegarão lâ, & acharão as Aldeas desemparadas delles, & as panelas ao fogo, & espetos com carne, que naõ ouuerão vagar de comer com trigança de sua partida, & se o alguem doutra guisa escreue, como opinião imiga da verdade, deue ser engeitado seu dito.

CAP. 77. *Porque se gerou o desprazimento antre a Rainha Dona Lianor com ElRey de Castella.*

SE dizem, que a malicia bebe gram parte de sua peçonha, bem se pode isto dizer da Rainha Dona Lianor, porque pousando ella em aquellas casas com ElRey seu genro, como dissemos, nam foram muytos dias, que à Rainha começou de desprazer da conuersação DelRey, & ElRey isso meesmo da sua, & o desprazimento, que a Rainha principalmente teue, foy por esta guisa. Em Castella vagou o Rabbiado mór dos Iudeos, nesta sezão que a Rainha mandou o recado, que ouuistes a Coimbra, & vieraõno pedir alli a ElRey em Santarem, onde estaua; a Rainha Dona Lianor, lho foy pedir pera Dom Iudá, Thesoureiro que fora DelRey Dom Fernando, & muyto seu priuado della, & elle se escusou de lho dar, & deu o à Rainha D. Breatiz sua molher pera D. Dauid Negro, priuado q̃ era DelRey Dom Fernãdo, Iudeu muyto hõrado, erico, q̃ começou de seruir como ElRey chegou a Sãctarẽ. A Rainha D. Lianor como era

molher de muyto graõ coraçam, que toda sua vontade queria cõprida, vendo a maneira, que ella tiuera cõ ElRey em poer nelle o Regimento do Reyno; desshi outras cousas; & que hora elle nam quisera darlhe aquelle Arrabiado, que era huma cousa tam pequena, & a primeira, que lhe pedira, & entendendo que ao diante, poucas cousas hauia de acabar com elle, maiormente vẽdo que eram contrairos em suas falas, & condiçoens, & cõ gram menencoria, que houue DelRey, dizem, que disse a algũs daquelles, que de Lisboa foraõ com ella. *Vede que senhor este, & que merces esperaremos vos, & eu delle! que huma tam pequena cousa, que lhe pedi, me nam quiz outorgar. Ora vede, que merce ha de fazer a mim, nem a vos. Iuro-uos em verdade, que se me quizesseis crer de conselho, que vos farieis bem de vos hirdes todos pera o Mestre, pois he vosso natural, & senhor, que volas fará melhor, que este, ca eu, que uolas queira fazer, já nam tenho azo, o como, & cada vez o terey pior. E segundo a maneira, que eu em elle entendo, façouos certos, que se me eu daqui podesse partir com vosco com minha honra, que nunca aqui mais estiuesse, tam somente hum dia.* E assi o fizeram depois os mais delles, que se foram todos pera o Mestre. As razoẽs, porque entam começou de desprazer a ElRey dos modos da Rainha, dizem que foy, porque a via muy solta em falar, tendo geitos em suas falas naõ quaes compria a molher viuua, mayormente auendo taõ pouco que ElRey Dom Fernando morrera, & ella toda cuberta de doo, & dizialho ElRey adeparte antre sy, & ella, que por sua condição em tal caso muyto não outorgaua, & lhe fazia infindas razoẽs, nunqua se partiaõ muito dacordo.

CAP. 78. *Como ElRey partio de Santarem caminho de Coimbra com entençaõ de a cobrar.*

PASSANDOSE assi estas cousas, a Rainha começou de se arrepẽder muito de todo o que começado tinha, & assi da vinda, q̃ fizera vir ElRey ao Reyno, como da arrenunciaçaõ do Regimento, que auia posto em elle. E leixando o pensamento, que primeiro tinha cuidado, dizem que incubertamente mandou suas cartas a alguns lugares

dos que ElRey de Castella entẽdia de cobrar, que inda que elle là fosse, & ella em sua companhia com elle, que lhas nam dessem por muitas rezoens, que lhe ella disseesse, nem por outrem mãdasse dizer. Antre os quaes foy hum delles â Cidade de Coimbra & em esto veo reposta do primeiro reçado, que ella enuiara ao Conde Dom Gonçalo, & a Gonçalo Mendes, segundo ouuistes, dizendo o Conde: que lhe aprazia muyto do que lhe escreuera, mas que esto se naõ podia fazer em nenhũa guisa, a menos Del-Rey a lá ir com seu poder, mostrando que o hia a cerquar por auer à Cidade, ca de outro modo duuidaua se o consentiriaõ a quelles, que com elle estauam, & que ella toda via fosse em companhia, & naõ fizesse outra cousa. Visto este recado, prouue muito a ElRey com elle, & ordenou logo de partir toda sua Corte, & as Rainhas ambas consigo, & foi esse dia dormir à Torres Nouas. ElRey, & sua molher pouzaram no arrabalde, & a Rainha Dona Lianor em outras pousadas, a qual foy aquella noite guardada de certos homens darmas Castelhanos, & ella em outro dia, quãdo o soube, disse contra os que hiam em sua companhia. *Como? guardada sou eu de gente de Castelhanos? quanto agora entendo eu que vou preza.* E ElRey sabendoo, disse que o fazia por milhor, & por sua segurança, & outras taes razoens, com que se escusou. Dahi partio, passou por Thomar, & por os outros lugares, que sam no caminho, onde achou muy mao acolhimento, & as portas da Villa cerradas. E dezia ElRey aos seus adeparte: que bem lhe daua a elle a vontade, ante que partisse de Santarem, que tal recolhimento lhe auiam a elle de fazer em aquelles lugares.

CAP. 79. *Como ElRey chegou a Coimbra, & dalgumas cousas, que lhe aconteceram.*

CHEGANDO ElRey a Coimbra, & muytas gẽtes com elle, pousou nos paços de Santa Clara junto com a ponte da Cidade & o Conde de Mayorcas dentro no Mosteiro, & o Conde Dom Pedro em Santa Anna, & com este pousaua Affonso Henriques o moço seu Irmão, & o Conde Dom Iohão Affonso de Barcellos,

cellos, & Iohaõ Rodrigues Portocarreiro, & Iohão Affonso Cabeça de Vaca, pousaua em S. Frãcisco, D. Iohaõ Conde de Vianna, logo hi acerqua em hũa tenda em São Martinho Couto do Bispo, & outros em S. Iorge, & nas Almoinhas, & per outros lugares dessa Comarca. E depois q̃ todos forão assessegados, não fizeraõ nenhum mal, nem querẽça de combater, ante entraua cada dia na Cidade o Cõde de Mayorcas, & outros a falar com o Conde Dom Gonçalo, & com Gonçalo Mendes de Vascogoncellos, & comião, & bebião com elles. Pellosquaes lhe ElRey mandou dizer, & rogar, que lhe prouguesse de lhe dar àquella Cidade, & tomar sua voz, & que elle lhe daria soldo pera quantos com elle estauão, prometendo a hũs, & a outros grãdes, & largas merces, & assinando, âlem desto, muitas rezoẽs, porque o deuia fazer. E o Conde deu em reposta, que não dariaõ aquella Cidade, senão a cuja fosse de direito. ElRey, vendo suas rezoẽs, mandoulhe dizer, que tiuesse por bem de lha dar, ou que lhe daria villas, & lugares no Reyno de Castella, onde lhe mais prouuesse, de q̃ elle fosse contente: E que de seu Condado não fizesse conta, ca elle o acrecentaria, & poria em muito maior estado do que elle era, affi cando muito que o fizesse àquelles, que leuauão o recado: & elle daua sempre a reposta, que ja ante hauia dado. Então lhe mãdou ElRey rogar que, pois lha dar não queria, & elle tinha o Regimento do Reyno, que estiuesse assi sem lhe fazendo della guerra o Conde lhe respondeo, que *se sua Irmaam sem seu conselho, nem daquelles, com que deuera de falar, fizera o que tinha feito, que ella se compuzesse; que elle com aquello não tinha que fazer, & que a reposta, q̃ jâ dada auia, entẽdia de dar, quantas vezes lhe em esto falassem.* Em esto passou hum dia o Conde de Vianna o Rio cõtra Villa Franca, & chegàrão a hũ lugar, que chamão a Regaça, & sahio da Villa Martim Correa com alguns seus, & alguns poucos de piaẽs, & quatro bẽsteiros, & ouuerão alli hũa pequena escaramuça, em que matarão seis piaens dos da Villa, & prenderão tres; em se recolhendo o dito Martim Correa, & os outros com elle, deitou apos elles hum escudeiro criado Del-Rey tam desatentadamente, que se meteo o cauallo com elle em hũa vinha, & alli chegaraõ piaẽs da Villa, & mataraõno.

E este vio ElRey matar,& desuestir das armas,então os do arrayal,quando esto viraõ, mataram dous prisioneiros,que tinhaõ presos. Depois sahio o Conde de Mayorcas,& Pero Dias de Cadoama,& sahio o Conde Dom Gõçalo,& Gonçalo Mendes, & outros,& prenderão hum escudeiro Castellão,que chamauão Garcia de Villaodre, & logo ao outro dia o enuiaraõ a ElRey com todas suas armas,& dahi em diante não se fez mais,saluo se lançauão sètas de hũa parte á outra, & tirou Nuno Fernandez com hũa bèsta de torno, & deu a hũ muy bom caualeiro,que chamauão Iohão Affonso de Bolonha.

CAP. 80. *Das rezoẽs, que Dona Breatis de Castro falou com Affonso Anriques, & do que elle respondeo.*

CONTANDO esta estoria comprida mente, por virdes em conhecimento qual foy a rezam, porque ElRey de Castella mandou a Rainha fora deste Reyno, & se teue justa rezão de o fazer, ou por o contrairo,vejamos o q̃ escreue hum Autor em sua Coronica,que largamente, mais que nenhum outro,falou de tudo como se seguio.Onde sabey,segundo elle poem,que estando ElRey assi algũs dias aguardando se se mudariaõ suas vontades ao Conde Dom Gonçalo,ou a Gonçalo Mendez,que a Rainha desesperada de sua primeira esperança, & posta em amargosas, & tristes cuidaçoẽs,mostraua de sy turbado sembrante,de guisa que qualquer lhe podia entender seus nojos. Vendo isso Dona Breatis filha do Conde Dom Aluoro Pirez de Castro,que andaua com a Rainha de Castella, falando hũ dia em seus amores com Affonso Anriquez,irmão do Conde D. Pedro, primo DelRey, que era muyto seu namorado,veyolhe a dizer em esta guisa. *Vos bem vedes,como a Rainha Dona Lianor me criou,& me deu á sua filha,por acrecentar em mim, he posta em tam grande coita, como todos vedes,esperando ser muito mais, segundo a mi parece, porque se as cousas não guisaõ á vontade DelRey,nem sua:por aqual rezaõ saõ postos em mayor desacordo do,que ninguem cuida. Ora pois,vos dizeis,que me quereis tanto bem, q̃ de boamente casareis comigo, eu vos quero descobrir hũa cousa,que tenho cuidada,& se vos soreis homem,que podesseis apostar com o*

Con-

Conde voſſo irmão iſto, que eu trago cuidado, eu faria de mim, boamente, voſſo talente em toda couſa, que me vos requereſſeis. Então ſeria noſſo caſamento melhor; & muito mais com noſſa honra. Naõ ha couſa, diſſe elle, *que me vos requeirais, que eu por vos poſſa fazer, & meu irmaõ por minha honra, que a nos naõ façamos muito de grado, & dizey o que vos prouuer*, Feitas entaõ ſuas juras, & prometimẽtos ſer muito guardado em ſegredo, começou ella de rezoar, & diſſe. *Bem vedes como a fazenda da Rainha vay tanto perá mal, & muito em contrairõ do q̃ todos penſauamos, & ſe ella nam he fóra do poder Del Rey de Caſtella, nunqua pode ſer que ſeu feito venha, ſenão a muita deshonra. E porem ſe ô Cõde voſſo irmaõ, que he homem de grande eſtado, & que me parece que tem com ella bom geito, ázar por algũa guiſa como ella foſſe fóra de ſeu poder, & poſta dentro na Villa, com ô Conde ſeu irmaõ, & nos outroſi com ella, entam ſeria ella tornada a toda ſua honra, & nòs mais honradamente caſados. E ainda vos digo mais, que ſe voſſo irmaõ podeſſe fazer iſto, & ella foſſe poſta em ſeu liure poder, que naõ era maravilha deſpois caſar com elle, & haverem elles ambos ô regimento deſta terra, cá ella tem taes irmaõs, & tantos parentes, & criados; q̃ era por força de ſe aſſenhorear do Reyno, & auer o regimẽto delle, como antes tinha.* Quando Affonſo Anriques ouuio eſtas rezoẽs, & outras muitas, que ſobre o tal feito falarão, parecerãolhe taes, & tam boas, que logo em ſua vontade conſentio de ſe trabalhar muyto por tal couſa ſer poſta em obra, & diſſe que elle o faria logo com ſeu irmão, & ella que o falaſſe com a Rainha.

CAP. 81. *Das rezoẽs, que à Rainha ouue com ô Conde Dom Gonçalo ſeu irmão.*

FALANDÔ Dona Beatris iſto com a Rainha, & Affonſo Anriques com ſeu irmaõ, á Rainha prouue muito cõm ſeu conſelho & ao Conde Dom Pedro nam menos, & falando ſeus feitos ſobre a tal couſa, acordaraõ de ô mandar dizer por Affonſo Anriques ao Conde Dom Gonçalo, ô qual quando o ſoube foy muy ledo de ſe poer em obra, & foraõlhe eſſa noite falar á Villa ô Cõde, & ſeu irmão ambos ſoos, & contoulhe todo ô que em ello queria fazer. O Conde diſſe que lho

lho agardecia muito, & que se o pozesse em obra, que ganharia em elle hum bom amigo pera fazer qualquer cousa, que per sua honra fazer pudesse. E que elle os aguardaria com suas gentes aquella noite; que para ello fossem prestes. E para se isso fazer mais descansadamente, & carecer de toda sospeita, vinhaõ alguns à falsa fé, da parte do Conde Dom Gonçalo falar à Rainha & isso mesmo ao Conde Dom Pedro, fazendo mostras, & dando a entender a ElRey, que tudo se fazia por seu seruiço, & por cobrar cedo aquella Cidade, e desahi ordenou a Rainha, que era bẽ de falar a seu Irmão de praça, por ver se o podia demouer por suas falas, & encaminhar como ouuesse lugar; pois, por falas doutrem, o não postar com elle. E ElRey disse que era bem feito. Não embargando, que não soubesse parte do que se trataua contra elle, elle não seguro que não fosse arte, mandou fazer na ponte hũ palanque de guisa, que a naõ podesse o Irmão tomar, posto que tal fala ouuesse antre elles: E quãdo veyo o dia da fala, tomou o Conde Dom Pedro a Rainha de braço, & até vinte com ella, & o Conde estauá já na ponte, & tres ou quatro com elle. Quando a Rainha chegou fezlhe sua reuerencia, & tomou a mão, & beijoulha, & ella disse estõce. *Maõ beija homem, que queria ver corta da. Senhora*, disse elle, *verdade he, mas nam he ella a vossa: Pois se ella a minha nam he*; disse ella, *porque nam dais vós esta Cidade a ElRey meu filho, como eu mando? Marauilhada sam de vós saberdes a honra, em que vos eu puz, & o grande acrecentamento que em vôs hey feito, & como vos nã metereis o pè em esse lugar, se eu nam fora, & hom por minha honra o nam quereis dar a quem vos eu mando, & rogo! Verdade he*, disse elle, *o que vòs dizeis, & eu logo o darey a vós de mui boamente, se vôs cá quizerdes vir. Eu preza sam*, disse ella, *& nam posso lá hir. E eu*, disse elle, *porque vos vejo preza, & posta em poder alheo, pareceme que faria grande maldade de a dar a quem vos prẽdeo. E pois vós fizestes o que vos prouue, sem conselho meu, nem daquelles, com quem deuereis de falar, lâ vos auinde com elle. Bem posso dizer*, disse ella, *que desemparada sam de vós, & de todos meus parentes, a que fazia grandes merces, & muito bem.* Aquelles isso mesmo, que vinhão com a Rainha, começàraõ de dizer ao Cõde, que lhe parecia que fazia

zia mal de ver sua irmaã daquella guisa, posta em gram desauença com ElRey por azo daquelle lugar, & naõ lho querer entregar, pela qual rezaõ lhe ElRey faria muitas merces, & que elles ficariaõ por fiadores dello. *O que lhes eu faria*, disse o Conde, *he isto. Se ElRey com cem lanças, & ella, quizessem vir comigo dentro a esta Villa, eu lhe daria muy bem de jentar.* ElRey disse, que elle naõ faria essa cousa. *Isso saõ palauras de bom mercado. Pois se o vos fazer nã quereis*, disse elle, *naõ sey mais que vos faça.* Entam se afastarão todos pera fora, & elles falaraõ ambos de tal guisa, que nenhum pode ouuir, nem entender cousa, que algum delles dissesse.

CAP. 82. *Das falas, que se tratauão antre o Conde Dom Gonçalo Irmão da Rainha, & o Conde Dom Pedro.*

A RAINHA, depois das falas, fez entender a ElRey, que ella tinha esperança de elle cobrar muy cedo a Cidade, & nam embargando as rezoens, que com seu Irmão houuera, & per outras cousas, que depois com elle falàra. E isto tudo dizem que èra pera se em tanto guisar tẽpo ázado pera sepoer em obra aquillo, q̃ ella com o Conde contra ElRey tinha ordenado de fazer, & era por esta guisa. ElRey hauia de ser morto huma noite pelo Conde Dom Pedro, & certos Alcaydes de sua parte, & lançarse o Conde com todos os seus na Villa, & a Rainha com elle, & que elle tomasse voz logo de se chamar Rey de Portugal, & ella Rainha, como de antes era, casandose primeiramente ambos, & que desta guisa ficaria ella senhora do Reyno, pella ordenança, que era nos trautos, pois arrenunciara como naõ déuia, naõ o podendo fazer de direito, & que ella trataria com o Mestre, & encaminharia todos os seus feitos. Mas o Cõde Dom Gonçalo naõ sabia parte da morte DelRey, nẽ do casamento da Rainha com o Conde, nem que se auia de chamar Rey, porque elle, quando lhe em tal feito falou, nam lhe descobrio mais de sua fazenda, saluo que se lançaria dentro na Villa com a Rainha, pela tirar do poder DelRey de Castella, mostrandolhe, que era descontente DelRey pelo grande lugar, & priuança, que daua a Pedro Fernandes de Valhasco. O Conde Dom

Pedro

Pedro entendia, que com os muitos parentes, que tinha, & deshidas gentes Del Rey de Castella, que ficassem, que se chegarião a elle, que bem poderia leuar sua tençaõ a diante, mayormente q̃ a Rainha o esforçaua bem, dizendo: que os parentes, & criados, que ella tinha assi mesmo Del-Rey dom Fernando, que pello Reyno tinhaõ muitas fortalezas que lhe logo darião, antes que a El Rey de Castella, por ficar o Reyno izento sobre sy, & elles poderiaõ acabar quanto quizessem. Onde sabey, que o principal Embaxador destes feitos, que leuaua recado á Rainha, & ao Conde Dom Pedro da parte do Conde Dom Gonçalo, & isso mesmo trazia a reposta, era hum frade de Sam Francisco, mas elle nam sabia parte da morte Del Rey, nem das outras cousas, que ao Conde Dom Gonçalo eram ditas. E quando este frade hia falar ao Conde sobre seu segredo, & da Rainha, hiase logo o Conde Dom Pedro a El Rey, & dizialhe, como aquelle frade viera a elle, & como lhe falara sobre o dar do lugar, & a rezaõ, por que se detinha, & como tudo faziaõ por melhor. El Rey muy ledo com estas rezoens, cada dia esperaua de o cobrar. Ora assi foi que este frade nesta embaxada era muyto amigo, & conhecente daquelle Iudeu Dom Dauid Negro, a que El Rey dera o Arrabiado de Castella, que ante dissemos; & receando que na reuolta, que se auia de fazer ao lançar do Conde com a Rainha dentro na Villa, recebese algum dano este Iudeu, & filhos pequenos, que tinha consigo, cuidou de lhe fazer que se partisse do arrayal, e se viesse pera a Cidade, & que elle buscaria caminho ázado, pera que o puzesse em saluo com sa honra. Desto lhe fazia saber muy escusamente por hum escrito, & que esta vinda fosse toda via atè hum dia certo, que lhe logo assinou. E o Iudeu quando vio o escrito ficou taõ espantado, que mais naõ pode ser, vẽdo ser muyto contrairo tal recado à esperança, que El Rey, & quantos no arrayal auia, tinhaõ, & não lhe secegando o coraçaõ, trabalhouse muyto, & fez de tal guisa, que o frade lhe veo falar encubertamẽte, como seu especial amigo, que era. O Iudeu lhe perguntou, que escrito era aquelle, que lhe mandara? & elle respondeo, que por quanto poderia ser, que no dia, que deziaõ, que se a Cidade auia de dar, se poderia fazer tal reuolta, que seria dano dos do arrayal & que

& que elle poderia receber algũ cajão, que por tanto lho fizera saber. E isto lhe dezia o frade por se escusar de lhe mais descobrir. O Iudeu, que era sesudo, bem entendeo, que mayor segredo andaua neste feito, & tanto o affirmou, por força de amizade, dizẽdo, q̃ elle lhe descobriria outras cousas mayores da parte do arrayal, que o frade lhe descobrio em grande segredo, que hũa certa noite ao serão, depois que o Conde lhe enuiasse dizer que era prestes, auião de repicar na Villa hum sino, & fazer mostra que sahia o Conde Dom Gonçalo fora com gente: & que o Conde Dom Pedro, que pera isso auia de estar prestes, & auia de mandar dar á trombeta, & mostrar q̃ sahia ao Conde para lhe contradizer tal vinda: & q̃ em esta vinda, que o Conde assi fosse, auia de leuar a Rainha comigo; & mostrando o Conde Dom Gonçalo que lhe fogia, auia o Conde Dom Pedro hir apoz elle, mostrando que o vencia, & entrar dentro na Villa, & lançarse com seus irmãos, & com todolos seus com a Rainha dentro: & que esta era a dada da Cidade, que se lhe hauia de dar, & doutra guisa naõ, mas naõ lhe soube dizer como o Cõde Dom Gonçalo, & o Conde Dom Pedro, logo como isso fosse feito, auiaõ de tornar com todolos seus a darem de rebate no arrayal, & entaõ tomar a Rainha se o Conde logo consigo a podesse leuar, & matarẽ ElRey, & dos outros o que tinha ordenado. O frade, despois que sobre isso falaraõ quanto compria, poz este segredo em gram puridade ao Iudeu, & este prometendolhe de o guardar, & que se trabalharia de partir do arrayal, antes daquelle dia, & despediraõse hum do outro, & ficaraõ muyto mais amigos.

CAP. 83. *Como foy sabido o que o Conde Dom Pedro queria fazer, & como fugio, & se foy pera o Porto.*

IVDEV, que naõ via a hora, em que esta cousa descobrisse a ElRey, foylhe á pressa logo contar todo oque lhe auiera com o frade. ElRey, quando o ouuio, ficou muy espãtado, & não podia crer esto, que lhe o Iudeu dezia, pero que muyto affiçasse, que era assi, como lhe cõtaua: & de o ElRey não crer, naõ era marauilha, ca o Conde era seu primo com irmão, filho do Mestre Dom Fradique, irmão

Irmão DelRey Dom Anrique padre deste Rey Dom Iohaõ, Entaõ chamou ElRey a Rainha, & contoulhe todo o que dissera o Iudeu, e ella creo logo esto mais ligeiramente, & disse estonce cõtra elle. *Eu vos digo, senhor, que sempre me receey deste homem, pela grande afeiçaõ, que lhe vi ter com minha madre, postoque nenhũa cousa vos disseste.* E quando veyo aquelle dia, que esto se hauia de fazer, chamou ElRey o Conde de Mayorcas, & descobriolhe todo, o que lhe o Iudeu dissera, & disse mais. *Auizay hoje todolos vossos em segredo, que sejaõ armados, & prestes â noite, & vós com elles, pera quando o Conde Dom Pedro fizer infinta, que sabe contra os da Villa, que vós, & os vossos, comeceis de brádar. Treiçaõ, Treição pello Conde Dom Pedro. Então prendey a elle, & aos seus, quantos mais poderdes, ou os matay, se á prizão se dar nam quizerem.* E esto mesmo falou com hum caualeiro, q̃ aquella noite pozesse tal guarda na Rainha, que nam podesse ser tomada, nem se lançar dentro na Villa. A guarda daquella noite era doConde Dom Pedro, & trabalhou elle de correger sua fazenda o melhor, que pudesse pera acabar o que tinha ordenado. E porque a cousa era muy pezada, & muy durosa de fazer, poz elle tam gràm tardança em vir ao Paço, que a outra guarda se quizera vir pera a pouzada, & ficaua ElRey sem guarda nenhũa & o Conde de Mayorcas disse a ElRey, que lhe parecia que era bem de se virem sincoenta lanças das suas pera elle, & naõ ficar o Paço taes horas sem guarda nenhũa. ElRey disse que lhe prazia dello, & foy logo muy azinha prestes. Em isto hum escudeiro daquelles, com que o Conde Dom Pedro falára seu segredo, que andaua pelo Paço olhando o que faziaõ, quando vio aquellas gentes vir daquella guisa, sospeitou que o segredo do Conde era descuberto, & foyse a elle muy á pressa, & disse. *Que he isso, senhor, que estais fazendo?* Como? disse elle, *sabey por certo* disse o escudeiro, *que gentes do Conde de Mayorcas sam jàno Paço, & estaõ hi todos armados em maneira de guarda.* Quando o Conde isto ouuio, sentio que era descuberto, & foy tam fora de sy que nam soube al que fazer, senam que elle, & seus irmãos, & dos seus quantos poderão, tomaraõ à pressa, essas molheres, q̃ tinhão, & foraõse pela ponte, & quando o Conde Dom Gonça-

lo

lo ſoubeq̃ elle hia daquella gui-
ſa, & noõ leuaua ſua Irmaam,
marauilhouſe muyto, & pergun
toulhe como vinha aſſi? & elle
diſſe que fora deſcuberto, & que
fogia com medo de o ElRey mã
dar matar, & o Conde houue de
ſto nam boa ſoſpeita, cuidando
que era fala, & naõ verdade, não
o quiz receber, mas diſſe que pó
is aſſi era, que foſſe pouzar no ar
rabalde, & elle foyſe a Sancta-
rem, & pouzou ahy. ElRey, que
naõ dormia, & eſtaua armado
em ſua camara, aguardando o ſi
nal, que auião de fazer na Villa
quando vio que ſe prolongaua a
hora, & ſoube como o Conde
Dom Pedro era jà fogido, enten
deo que ſoubera parte do que
lhe a elle fora deſcuberto, & mã
dou eſſa noite prender Dom Iu-
dà Iudeu, grande priuado da Rai
nha, & Maria Pirez ſua Cama-
reira, que deſte feito entendeo,
que ſabião parte, & naõ pode El-
Rey logo ſaber ſe o Conde era
dentro na Villa, ſe fora, & como
ſoube, que era no arrabalde, man-
dou paſſar mil lanças pelo vao
pera o tomarem. E o Conde D.
Gonçalo ſoubeo, & mandoulhe
dizer, que ſe puzeſſe em ſaluo, &
elle ſe foy pera o Porto a taõ grã
preſſa, que mais ſer naõ podia.
Quando lá chegou, & contou
como lhe auiera, receberaõno
no lugar: E como quer que naõ
ficauaõ bem delle cuidando, que
andaua com falſura, porque ne-
nhum, que daquella puridade
parte naõ ſoubeſſe, nam podia
al entender, ſenam que por azo
DelRey de Caſtella, & ſeu con-
ſentimento ſe partira delle pera
tomar algum lugar, & huns di-
ziaõ, que o mataſſem, & os ou-
tros que o deixaſſem eſtar. Entaõ
ouueraõ conſelho de o guarda-
rem de viſta ſem prizaõ nenhũa
atè o fazerem ſaber ao Meſtre
como alli chegára, & que man-
daua fazer delle.

CAP. 84. *Das rezoens, que El-Rey, & a Rainha Dona Beatriz, houueram ſobre eſte feito.*

ELREY parecia lõ-
ge a manhaam por
ſaber a verdade, &
certidaõ deſte feito,
& como o dia veyo,
& ouuio miſſa bem cedo, man-
dou trazer à camara Dom Iudá
& a Camareira, naõ eſtando ahi
outrem, ſaluo ElRey, & a Rai-
nha ſua molher, & o Infante de
Nauarra, & Dom Dauid, que deſ-
cobrio a puridade, & hum eſcri-
uaõ, que hauia de eſcreuer. E co-
mo vieraõ, mandou ElRey, que

os

os desuestissem, & meteſſem a tormento. E o Iudeu disse, que não auia porque o deshõrar, mas que elle diria a verdade daquelle feito. Entam começou a dizer como a Rainha escreueo a todolos Alcaydes dos Castellos, por onde pouzarão, que os nam dessem a ElRey, & como todolas falas, que se fizeram ataà aquelle tempo com o Conde D. Gonçalo, eraõ por se lançar o Conde *Dom* Pedro com a *Rainha* dentro na Cidade, & como o Conde se deuia de chamar Rey matandoo primeiro, & todalas outras cousas, que dissemos, & daquella guisa o confessou Maria pirez, & foy todo escrito, & retificado por elles. E ElRey lhes perguntou se o diriaõ assi diante da Rainha? & elles disseraõ q̃ si. Entam mãdou ElRey pela Rainha, & traziaa de braço aquelle caualeiro, a que ElRey encomendara que parasse nella mentes. Ella, naõ embargando que viesse como preza, vinha bem sem medo, & sem mudança, que mostrasse como molher de grande coraçam, & entrou ella sõ na camara, & nam outrem, & quando vio o Iudeu, que descobrira o segredo, disse contra elle esforçadamente. *Aqui estais vós Dom David? Vos me fazeis aqui vir? Mais rezam*, disse ElRey, *he que seja elle aqui, que me deu vida, q̃ quem me tinha ordida a morte.* Entam disse ElRey ao escriuaõ, que lese á *Rainha* o que o Iudeu dissera contra ella, & quando ouuio que elle confessara, disse contra elle. *O perro, cam, traidor, dis seste aquello de mim?* Disse elle. *Disse, & digo que he verdade, & assi passou de feito. Mentes*, disse ella, *como perro, traidor, & se assi passou de feito, tu mo aconselhaste.* E em começando de arrezoar sobre isso, disse a Rainha Dona Beatriz sua filha. *O madre, senhora, em hum anno me quizerades ver viuua, orfaam, & desemparada? Ora*, disse ElRey, *aqui nam compre mais razoens, eu mataruos naõ quero por amor de vossa filha, posto que mo vos bem merecido tenhaes, nem me compre andardes mais em minha cõpanhia, nem eu na vossa, mas mandaruos hey para hum muy honrado Mosteiro de Castella, onde jà estiueram Rainhas viuuas, & filhas de Reys, & alli vos mandarey dar muy honradamente mantimento, porque bem posſaes viuer.* E ella sem medo, & receo nenhum respondeo a ElRey, & disse. *Isso fazey vós a alguma irmaam, se tiuerdes, & a metey por freira nesse Mosteiro, ca vos a mim nam*

mo

mo haueis de fazer, nem volo o olho verâ. Em verdade este he hum bom galardam, que me vôs dais! Deixey o Regimento, que no Reyno tinha, & fizuos hauer a mayor parte de Portugal, & agora, a dito de hũ perro, q̃ com medo dirà, que Deus nam he Deus, assa caisme que falsey, por me nam dar des as cousas, que me prometestes & sobre que comungastes, comigo, o corpo de Deus em Santarem. Digouos que, quanto a isto se pode bem dizer, que quem o seu cam quer matar, raiua lhe poem nome. ElRey nam curando do que ella dizia, mandou leuar a Camareira presa, & ao Iudeu perdoou a rogo de Dom Dauid, & por estonce nam se fez mais

CAP. 85. *Como a Rainha Dona Lianor foy leuada pera Castella.*

POZ ElRey este feito em conselho cõ aquelles, com quẽ deuia de falar, dizẽdo, que lhe parecia rezam prender a Rainha sua sogra, & a mandar pera Castella, pera algum Mosteiro, & naõ cõsentir que mais estiuesse em Portugal, por as cousas, que hauião acontecido, & taes hi ouue do conselho, que disseram: que era bem o que ElRey dizia, & que assi o mandasse por em obra, dizẽdo que se a Rainha estiuesse com elle mais no Reyno, que mandaria seus recados aos fidalgos, que tinhão as fortalezas, que lhas nam dessem, nẽ se viessem pera elle, aqual cousa era muyto seu deseruiço, & grande enuezamẽto do q̃ começado tinhão. Outros deziam que nam era bẽ de ElRey prender a Rainha sua sogra, nem elle lhe fazer aquello que dezia; por quanto ella deixára a gouernança do Reyno, que ouuera de ter, segundo nos trautos era conteudo, & o puzera em elle, & mais que lhe dera a Villa de Santarem, & mais outros Castellos, como todos bem sabião: E sobre tudo ser madre da Rainha sua molher, & dóna tam honrada, como era, que lhe nam parecia rezão, nem cousa pera fazer de a ElRey mandar daquella guisa. Destas contrairas rezoens, teuese ElRey ao conselho primeiro, que era bem de a prender, & leuar a Castella, & foy logo entregue a Diogo Lopes de Estunhega. E partio ElRey

de Coimbra, & veose a Santarem, & dalli encaminharão com ella pera Castella, pera a porem no Mosteiro Torredesilhas. E hindo ella pello caminho escreueo, muy escusamente, suas cartas a Martim Annes de Barbuda, & a Gonçaleannes de Castro da Vide, que lhe rogaua aficadamente recontando muytas rezoens, porque o deuiam de fazer, que se fizessem prestes pera a tomar no caminho a aquelles, q̃ a daquella guisa leuauão. E foy tal sua vẽtura, que as cartas se deram tam tarde, que elles naõ houueraõ nenhum espaço pera poerem em obra seu rogo, & alli foy leuada pera Castella a aquelle Mosteiro. Maria Pirez foy metida a tormẽto pera cõfessar onde a Rainha posera algũ thesouro de ouro, ou de prata, & outras joyas, & dizem que em Santarem confessou que estauão muytas cousas, em casa de hum boom do lugar de que a Rainha muyto fiaua, & q̃ houue ElRey grã parte dellas.

CAP. 86. *Do recado, que os de Alanquer enuiaram ao Mestre, & da reposta, que sobre ello deu.*

OS moradores de Alanquer, quando souberam, que a Rainha era presa em Coimbra, & o geito, que ElRey com ella tiuera, acordaram todos juntamente, que era bem de terem com o Mestre, & isto com seu resguardo, & certas condiçoens. Enuiaram a Lisboa seu recado por Vasco Martinz de Altro, & Aluoro Fernandez do Rego, os quaes chegarão ao Mestre, & ditas suas encomendas, preposeraõ por esta guisa. *Senhor, aquelles homens boons de Alanquer, & nós com elles, consirando como somos Portugueses, & todos naturaes destes Reynos, & como da rezam somos teudos de amar prol, & honra delles, mayormente contra aquellas pessoas, que sem rezaõ, & contra direito lhe querem fazer dano, & mouer guerra, assi como ora faz ElRey de Castella, & aquelles, que ajudam seu bãdo, que rendoos meter em dura, & graue sogeição contra rezam, & direito, acordamos por vós, em vosso nome, com esta condiçam, que sendo a Rainha Dona Lianor solta, que ora he presa em poder DelRey de Castella, & posta em seu liure poder, de guisa, que esse Rey, nem outra pessoa, nam a possaõ reter, nẽ fazer outro desaguisado contra sua vontade,*

estou-

estonces vós lhe confirmeis, & hajaes por firme a doação daquelle lugar, pela guisa, que lha vosso Irmaõ ElRey Dom Fernãdo fez: & que as rendas, & direitos, que vós em tanto houuerdes do lugar, que lhas mandeis depois entregar onde vossa merce for, & q̃ confirmeis aos dessa Villa seus boons vsos, & foros, que antiguamente sempre houueraõ. Respondeo estonces o Mestre, & disse. *Que esguardando elle seus boons desejos, que hauiaõ pera honra, & defensaõ do Reyno, deshi como elle tinha a Rainha em lugar de madre pera a honrar, fazer por sua honra todo aquello, que elle bẽ podesse, quando ella fosse tal,* disse elle, *que quizesse olhar por honra, & defensam destes Reynos, o que cremos que daqui em diante fará vendo as maneiras, que contra ella ouue ElRey de Castella, & como a trata mal, praznos outorgar o que vos, & elles pedis, com tanto que elles tomem logo nossa voz, & se ponham por toda a honra, e defensam destes Reynos, & nos respondam com as rendas desse lugar: E sendo a Rainha em seu liure poder, que haja essa Villa, como a dantes hauia, assi lha outorgamos, & confirmamos. Com condiçam que ao tempo, que o dito lugar for entregue por nosso mandado, ella prometa, & jure que seja em toda a honra, prol, & defensam destes Reynos assi contra ElRey de Castella, como contra quaesquer outras pessoas, q̃ contra elle sejão. E nam o fazendo ella assim, aconselhando ella o contrairo de direito, ou defeito, que a doaçaõ, q̃ lhe fizermos, seja nenhũa, e q̃ elles sejaõ teudos de se leuãtar cõtra ella, & fazer guerra, & paz por nós. E alem de seus boons vsos & foros, que lhe confirmamos, lhe entendemos de conhecer, em grandes graças, & muytas merces.* E entam lhe deu o Mestre suas cartas de todo esto. E com tal reposta se tornarão os moradores do lugar, & ficaram por seus.

CAP. 87. *Como ElRey partio de Santarem; & do conselho, q̃ houue se cercaria Lisboa.*

EL REY de Castella, entendendo que auia mister muytas companhas das q̃ comsigo tinha, segundo se as cousas guisauam, nam como elle cuidaua, hauia ante desto mandado ao Marquez

de Vilhena, ao Arcebispo de Toledo, & a Pero Gonçalues de Mẽdonça, os quaes leixára em Torgillos acerca de Toledo, por esta rezão, a que lhe enuiassem atê mil lãças bem corregidas, & fossem prestes, & enuiados a ElRey, assi como elle mandou. E ElRey partio de Santarem com todolas gentes, que elle hi tinha, aos dez dias do mes de Março, leuando comsigo a Rainha sua molher, & leixou no Castello Lopo Fernandes de Padilha, & na outra fortaleza, que chamão Alcaçoua, outro caualeiro, que diziaõ Fernam Carrilho, & com elles assaz de gentes, pera guardar tudo, & veose a Alanquer, onde Vasco Pirez de Camoens o sahio a receber, & lhe deu o logar fazendolhe por elle menagem, & desta guisa fez Fernaõ Gonçalues Teixeira, que era Anadel mór em tempo DelRey Dom Fernando, por o Castello de Obidos contra vontade dos moradores delle. E veyo ElRey pouzar a hũa Aldea termo desta Villa, que chamam o Bombarral, & esteue alli huns quatro dias, & dahi partio, & foyse a Arruda, & alguns do logar meteramse com medo em huma lapa, cuidando de se defender, ou escapar alli, & souberãono os Castelhanos, & pozeraõlhe fogo, & queimarão ahi bẽ corẽta pessoas. Os Reposteiros q̃ vinhaõ diante pera correger a camara, onde ElRey hauia de pousar, quando entraraõ dentro em ella, acharão dous homẽs, q̃ jazião escondidos, & tinhão suas espadas, & punhaes nas cintas, e filharão nos presos até q̃ ElRey de Castella veio, & quando lhos apresẽtarão, & soube da guisa como forão achados, disse contra os q̃ erão presentes. *Por certo nã podè ser, ainda que estes digão, q̃ se esconderaõ aqui com medo, salluo vinhão com mandado do Mestre, pera despois q̃ eu jouuesse dormindo me hauerem de matar.* E mandou, que os enforcassem, & em esto houue ElRey seu conselho, se cercaria a Cidade de Lisboa, ou se andaria fazendo guerra, pois tam pubrica era antre os Portugueses com os Castelãos. E huns lhe aconselharam dizẽdo, q̃ não era bẽ cercar a Cidade, por quãto algũas das gẽtes começarão já de morrer de peste lẽça, & q̃ muyto mais dano faria em elles, sendo todos jũtos, q̃ espalhados pela terra, & quãto milhor seria, pois q̃ grão parte do Reyno lhe rebellaua, & era contra elle, de o andar apoderãdo, fazẽdo escarmẽto nos q̃ obedecerlhe não queriaõ, e por estõce cercar

co àCidade,mayormẽte q̃ ainda q̃ elle seu arrayal puzesse sobre Lisboa,ella naõ seria porẽ cercada,pois o mar era desembargado & sua frota naõ era ainda vinda pera lhe embargar a seruidaõ della. Alem desto,que elle naõ trazia engenhos,nem outros artifícios pera lhe nojo fazer, & que os tiuesse,que lhe prestauaõ muy pouco, segundo as muytas gentes, que dentro jaziaõ. E que porem melhor era naõ porem cerco sobre ella. Outros de todo erão contra este conselho,dizendo que tanto que a sua frota viesse, que logo em ponto cercasse a Cidade, por quanto Lisboa era o melhor lugar de todos, & cabeça principal do Reyno, que de tal guisa tinha ella de olho quantos lugares ahi hauia, que ganhada Lisboa, todo Portugal era ganhado. De mais,que com o Mestre estauaõ muytos dos que contra elle tinhaõ sua voz com suas gentes, & deshi os moradores da Cidade,& outros,que se acolheraõ a ella dahi derrador do termo, & que naõ podia ser, q̃ as viãdas lhe naõ faleceſſẽ por tempo,pela qual rezaõ nam haueria poder de lha defender longamente, & era per força cobrada todauia mao seu grado. A ElRey pareceraõ estas rezoẽs boas crendo este conselho, que lhe depois foy danoso. Determinou como a frota chegasse,logo nesse dia a fosse cercar, & que em tanto muyto melhor, & mais à sua võtade estauão pelas Aldeas, & Comarca derrador, onde leixemos a ElRey dasossego com todas suas gentes,até que venha sua frota, sem tendo por hora mais que cõtar delle: E vejamos que fez este tempo o Mestre com os da Cidade,por percebimento de sua defensam,hauendo lugar pera ello desembargadamente, por espaço de sincoenta dias,

CAP. 88. *Como o Mestre ordenou por Fronteiro dantre Tejo, & Odiana Nuno Aluarez Pereira.*

EM meyo deste tempo, que dissemos, passando as cousas, q̃ haueis ouuido,vinhão ao Mestre muitos recados a Lisboa,onde estaua, em como Villas,& Castellos dãtre Tejo,& Odiana tomauão sua voz, & como filhauão, per força, os moradores dos lugares àquelles,q̃ as tinhaõ por ElRey de Castella, cõ os quaes o Mestre, & todolos,q̃ cõ elle eraõ, tomauão

muyto grande prazer. E vindo-lhe assi estas boas nouas, chegou lhe hum nouo recado, que os Pouos eram em grande, & cuidadoso pensamento, dizendo alguns Concelhos daquella Comarca, que por quanto elles hauião tomado sua voz, de que El Rey de Castella hauia grande despeito, que mandaua a Fernaõ Sanches de Toar seu Almirante mór, que despois que armasse a frota pera vir sobre Lisboa, que armasse suas gentes, & se viesse, por terra, a Alcantara, onde o Mestre estaua, & que elle, & Dom Affonso de Guzmaõ Conde de Niebra, & Dom Pedraluarez Prior do Espital, & outros senhores, com suas companhas, que viessem cõ bater aquelles lugares, que tinhã sua voz, & destruissem toda aquella terra, & que se fossem pera elle, pera o cerco de Lisboa. E que jouueram sobre Portalegre sinco dias, & cortaraõ vinhas & oliuaes, & fizerão outro muyto dano, & assi o fazião por onde quer que chegauaõ. E que assi lhe pedia por merce, que mandasse algum Capitaõ, a que se todos ajũtassem, pera auer de poer os imigos fora da quella terra. O Mestre contou estas cousas a algũs, de q̃ fiaua, & falando no Conde D. Aluaro Pirez de Castro se era bẽ de ser là enuiado, punhã duuida em elle, por ser parẽte da Rainha, & deshi por outras cousas, q̃ em seu lugar tocamos. Isso mesmo falando em outros, tambẽ lhe achauão certas duuidas, em guisa, q̃ o Mestre veio a dizer q̃ nenhũ auia pera ello mais pertencẽte, nẽ q̃ o Conde, se o fizesse, q̃ Nuno Aluarez Pereira, prazendolhe de tal carrego tomar. O Doutor Iohão das Regras era muyto contra isto, dizendo que pera tamanho encarrego cõpria de mandar hum homem de madura authoridade, & muyto auizado, & sabedor de guerra. Demais, q̃ Nuno Aluarez trazia seus irmãos com os inimigos, & outras rezoens, que assinaua pera naõ ter elle oque ouuesse de hir. O Mestre naõ curou dos q̃ o contradeziaõ, & falou isso com Nuno Aluarez, & encomendoulhe tal negocio cõ todolas boas rezoẽs de esforço, & encomenda, q̃ se em tal feito cõpria dizer. E elle sem nenhũa cobiça de honra, nẽ de ganho, mas sómẽte por seruiço de seu senhor, & defẽsaõ da terra, donde era natural, recebeo sua encomenda, & mandado, como aquelle, q̃ cõ limpa võtade tinha desejo, em toda cousa, q̃ lhe á mãovisse, de o seruir. Entã foy sabido a todos como Nuno

Aluarez

Aluarez hauia de hir por Frōteiro dantre Tejo, & Odiana, & elle trabalhouse de leuar cōsigo até corenta escudeiros boōs dos boons, que na Cidade hauia por seguraça do Meſtre, como algūs escreuem, mas porque compriſſe seu talante, que foy de hauer em sua companhia homens, que o foſſem por nome, & obra; dos quaes diremos aqui alguns por verdes quem forão, & ficarēem relembrança. ſ. Vaſco Leitão filho de Eſteuão Leitão, neto do Meſtre de Chriſtus, Dō Eſteuam Gomes, Iohão Vaſques de Almada, Pedro Annes Lobato, Ruy Crauo, Affonſo Pirez da Charneca, Antão Vaſques, Iohão Aluarez, Micē Manoel, Aluoro do Rego, Iohão Lobato: Eſteuēannes Berbereta, Lopo Affonſo Dagoa, Lourenço Affonſo seu irmão, Lourenço Martins Pratas, Diogo Dutaens, Diogo Domingues de Sanctarem. Eſtes, & outros boons escudeiros aſſi de Euora, como de Beja, que em eſta ſezam eſtauão em Lisboa, que ſe pera o Meſtre vierão, porque os lança uão fora dos lugares os pouos miudos poendo em elles duuida, foraō em cōpanha de Nuno Aluarez quando partio.

(?)

CAP. 89. *Da bandeira, que Nuno Aluarez mandou fazer, & do poder, que lhe o Meſtre deu.*

TOMANDO Nuno Aluarez eſte cargo, que diſſemos, & vendo como, nā ſōmente nas grandes couſas, mas nas muy piquenas, deuemos ſempre demandar ajuda daquelle ſenhor, ſē o qual, nenhūa couſa, não pode hauer bom começo, nem fim, propoz em ſua alma hauer Deos por guiador principal de ſeus feitos, & ordenar os outros mundanaes, quanto ſua humanal fraqueza, a cerca de cada hum, bem podeſſe encaminhar. E porque hu ſam os mores perigos, alli conuem mais deuota relembrāça daquelle ſenhor, cujo adjutorio homem eſpera, mandou Nuno Aluarez fazer hūa bandeira, a qual hauia o campo branco, & huma cruz grāde vermelha por meyo: & no quarto primeiro da cerca da haſte, pintada a Imagē de noſſo Saluador Ieſu Chriſto crucificado, & ſua Madre, & S. Iohão a cerca delle: & no outro ſeguinte da ponta da bandeira, eſtaua a Imagē da precioſa Virgem com ſeu filho bento no collo: & nos dous quartos do fūdo: no primei

ro, junto com a haſte, S. Iorge armado em giolhos com as mãos juntas pera ſima: & no outro Sãctiago, deſta meſma guiſa, tendo cada hum ſeu bacinete ante ſim por tal, que ao tender da bandeira nos lugares onde cõpriſſe, vendo a figura do Saluador, & de ſua precioſa Madre, mais deuotamente acendeſe ſeu coração pera os chamar em ſua ajuda. E eram poſtos nos cantos das bandeiras quatro eſcudos pequenos das armas de ſua linhagem, que he huma cruz branca em campo vermelho aberta por ametade. O meſtre deu cartas a Nunaluarez pera todolos lugares, que tinhão ſua voz, fazendolhe a ſaber, como o mandaua áquella Comarca por Fronteiro, & defenſor della, & quaeſquer couſas, q̃ lhe elle requereſe por ſeu ſeruiço, & defenſam do Reyno, que foſſem preſtes pera comprir ſeu mãdado, como ſe elle meſmo foſſe preſẽte. E pera q̃ os coraçoẽs, aſſi dos que com elle hião, como dos que vieſſem pera elle, foſſem mais aceſos no que lhe foſſe encomendado, porque a eſperança do trigoſo galardão, os grãdes trabalhos faz parecer pequenos: pedio Nunoaluarez por merce, que lhe deſſe poder, que elle podeſſe dar os bens de quaeſquer peſſoas, que ſua voz nam tiueſſem: & dados por elle primeiro, que pello Meſtre, q̃ ſua dada foſſe valioſa, & podeſſe dar dinheiros de graça, & fazer quaeſquer outras merces, & acrecentamentos, como cada hum merecedor foſſe. O Meſtre, não ſómente em eſto, mas nas menajens dos caſtellos, & juſtiça, & todalas outras couſas, lhe outorgou ſeu poder, & foy lhe logo pagado hum mes. Nuno Aluarez ſe tez preſtes pera partir.

CAP. 90. *Das rezoens, que o Meſtre diſſe a Nuno Aluarez, & como ſe eſpedio delle.*

GRANDE liança de amor, & bẽquerença ſe gérou entre Nuno Aluarez, & o Meſtre, deſque veyo pera elle, & começou de o ſeruir, & eſto foy, ſegundo algũs eſcreuẽ, porque erão ambos de caualeiroſos coraçoens, & acompanhados de virtuoſos coſtumes. E porque não ha hi couſa, que entre os homẽs gère mayor amor, que concordança nos boons deſejos, não pode o Meſtre com ſua vontade, que ſe eſpediſſe delle em Lisboa; quando Nuno Aluarez partio da Cidade, mas como

mo passou pera Almada, & se foi a Coina, que saõ dalli tres legoas & chegou hi o Mestre em huma galè, & comeo esse dia com Nuno Aluarez, & despois que houuerão comido sahiose o Mestre a hum espaçoso rocio, & Nuno Aluarez com elle, com todolos que consigo leuaua, & sendo alli juntos, falou o Mestre a Nuno Aluarez de guisa, q̃ ouuiraõ muitos, & disse em esta guisa. *Nuno Aluarez, vôs sabeis bem os recados, que a mim vierão dentre Tejo, & Odiana daquelles senhores, & gente de Castella, que entrarão por aquella parte por danar aquella Comarca, & como os Lugares, que por mim tem voz, me enuiarão pedir por merce, que lhe enuiasse algum Capitaõ, com que se ouuessem de ajuntar, por lhe embargar de fazer mais dano daquello, que começado tem, & eu por vos amar, & confiar de vòs, por serdes bom, & pera ello pertencente, vos escolhi antre os outros todos, por vos enuiar a aquella Comarca, & deuos por companheiros esta boa gente, que aqui está, que sam verdadeiros Portugueses, & parte delles da minha criação, os quaes eu creo que vos seguirão, & ajudaràõ lealmente, em toda cousa de meu seruiço, & de vossa honra, em que se assentar de poerdes mão, & eu assi lho rogo, & mando, que ofação, & que vos sejão obedientes, & bem mandados, em toda a cousa, que lhe vós disserdes, como seria a mim mesmo, & eu terlhoey em grande seruiço, & lhe farey por ello grandes merces.* E elles responderão todos ledamente, *que lhes prazia muyto de ofazer, & que assi ocompririam de boa vontade.* E entam tornou o Mestre contra Nuno Aluarez dizendo. *Que lhe encomendaua aquella gente, que consigo leuaua, & que lhe rogaua que os tratasse bem, & lhes desse de sy bom gazalhado, como era certo, que elle faria, & fazendoo assi lhe faria grande prazer, & lhoteria em seruiço.* E Nuno Aluarez disse: *que lhe prazia muyto, & que assi ofaria com bom desejo.* E entam beijou a mão ao Mestre, & todolos outros, que com elle crão; & partiose o Mestre pera Lisboa, & Nuno Aluarez com todolos seus pera Setuuel.

CAP. 91. *De hũa sacaria, que Nuno Aluarez fez pera prouar os seus de que esforço erão.*

CHEGOV Nuno Aluarez aquelle dia a Setuuel com entenção de pousar, & dormir

dormir na Villa, & os moradores do lugar, porque inda estauão sem determinança de cuja parte terião, não o quizerão receber na Villa, nem somentes consentir que entrasse dentro, & elle vendo suas entençoẽs, & seu não bom acolhimento, tornousse a dormir ao arrabalde, & assi se alojou com as gentes, que leuaua. Ora vede quanto he de louuar Nuno Aluarez em grandeza de engenho, & auizamento de sua noua guerra. Certamente elle deue ser dado como por exemplo aos grandes, & virtuosos homens, nem nós não podemos contar louuor dalgum notauel barão, em que elle notauelmente não haja parte. Porque vendo elle como leuaua algũa parte da gente noua, taes que ainda não foraõ em alguns perigos, & doutros não sabia suas vontades quaes erão, cuidou de prouar seu ardimẽto qual seria, quãdo se encõtrasse com seus inimigos. E por quanto muytas gentes DelRey de Castella estauão estonces em Santarem, disse Nuno Aluarez, que lhe parecia rezam, por nam virẽ algũs delles pela ribeira do Tejo afũdo, de q̃ elle parte naõ soubesse, & receber delles dano, q̃ queria mandar poer denoite suas guardas, & escuitas hũa legoa dalli cõtra o Castello de Palmella, das quaes guardas, e escuitas deu encargo de as requerer, & poer a hũ escudeiro, q̃ chama uão Lourẽço Fernãdes de Beja, & falou com elle em segredo, q̃ denoite tornasse muy ápressa dizendo, que gentes de Castellaõs vinhão a elle, & Lourenço Fernandes foy poer suas guardas, & escuitas: & jazendo Nuno Aluarez denoite dormindo em sua pousada, chegou Lourenço Fernandes muy de rijo dizendo à Nuno Aluarez, que se apercebesse á pressa, que fosse certo, que Pero Xarmẽto vinha a elle com trezentas lanças, afirmando que elle vira os fogos no lugar, onde jaziam alojados. Nuno Aluarez mostrou, que de taes nouas era muyto ledo, mandou logo dar á trombeta, & as suas gentes foraõ logo juntas com elle, & armados todos, & prestes. Começando de amanhecer Nuno Aluarez partio com suas gentes, & tanto que sahio do arrabalde, poz todos em batalha por ordenança, como deuia. E assi forão regidos por terra bem acerca de huma legoa contra onde Lourenço Fernandes dezia, que vira os fogos. E sendo já alto dia, disse que aquelles fogos, que elle vira, erão de Almocreues, que jazião

ziaõ em hum grande valle em sua ameijoada, & começarão de se tornar. Nuno Aluarez oulhou em elles, & vio os todos consigo sem falecer nenhum; mostrando ardida vontade pera qualquer cousa, que lhes auiera; & folgou muyto com elles, quando lhe vio tal desejo.

CAP. 92. *De que guisa Nuno Aluarez escolheo dos seus os que tomou pera seu conselho.*

Seguinte dia, depois desto, chamou Nuno Aluarez graõ parte dos que consigo leuaua, dizẽdo que queria falar com elles algũas coulas, que erão seu proueito delles, & proueito delle, & seruiço de seu senhor o Mestre, & começou dizer assi. *Amigos, eu vos direy, o que tenho pensado sobre nosso feito, a nòs conuem de boa rezão, auermos, por vezes, recado do Mestre, & ell' tambẽ de nos: isso mesmo, que hajamos a meude nouas de nosos imigos, por nos desuiarmos de seu dano delles, & lhes empecermos mais a nosso saluo, que podermos; & sobre taes cousas, como esta, conuem de auermos nosso conselho, pera determinarmos cada hum o q̃ entendermos, por mais seruiço de nosso senhor o Mestre, & deshi por amor de nos outros todos. E porque fazendose este conselho, presente quantos aqui somos, seria cousa muy deuassa, logo sabida pelos defora; que pouco compre aos boons guerreiros; porem me parece, que he bem, que quando taes cousas, ou outras semelhantes vierem, onde comprir vosso conselho: que eu fale com alguns de vos outros, crendo que elles tenhaõ auantagem para seguir seu acordo, logo aquelles, que saõ seus iguaes, se terião por descontentes, & sempre serião anojados, tendo que, cõ desprezimento, os nam fizeram do conselho, nam os auendo por tam boons. E porem me parece que os de Lisboa escolham, antresy, quaes lhe aprouguer, com quẽ fale meus segredos, & assi mesmo os de Euora, & de Beja, & doutros lugares, se os hi ouuer, & desta guisa auerey meu conselho com elles; como compre, & elles vos podem despois rezoar, o que for pera descobrir, & requereruos quaesquer cousas, que a cada hum de vos outros pertença. Outrosy porque nos temos justa querela, & rezam pera defender nosa terra, crendo q̃ Deos he justo juiz, cheguemos a elle, que nos ajude, & se assi fizermos, tendo firme esperança em Deos; poucos de nos venceram*

imigos:

muytos. Alem desto vos encomendo, que vossa ajuda, & acorro seja de tal guisa feita aos nossos naturaes, que andando nós pela terra, pela defender, elles nam sintão doutra de nos tal dano, como recebem de seus inimigos. Doutra guisa a mim conuirà tornar a ello, fazendouos algum desprazer, o que eu nam queria, por cousa que fosse. Responderaõ elles estonce, dizendo, que lhes prazia muyto de o fazer daquella guisa, & que elle o cuidàra tambem, que melhor ser naõ podia. E que naquello, & em todolas outras cousas, lhe entendiaõ de comprir vontade, quanto seu poder abrangesse, Escolheraõ então os de Lisboa antresy, pera serem do Concelho, Iohão Vazquez de Almada, & Affonso Pirez da Charneca, & Vasco Leitam, & Pedroeanes Lobato. Os de Euora, Diogo Lopes Lobo, & Iohão Fernandes da Arca, & Lopo Rodrigues Pessanha, & assi outros, & começaram de lhe chamar senhor.

CAP. 93. *Como Nuno Aluarez mandou chamar algũas gẽtes, & das rezoẽs, q̃ propoz a todos.*

NVNO Aluarez, ante que dalli partisse ordenou logo oficiaes, & fez hum seu Escudeiro que chamauão Affonso Gil, Alferez de sua bandeira, & fez Meirinho, & Ouuidor, & cadea, & Thesoureiro pera receber do Thesouro do Mestre. E ordenou Capella, & Prégador, & ouuia duas missas cada dia, q̃ nenhum Rey, nem senhor, até alli, tinha em costume. Dalli partio Nuno Aluarez com suas gentes, & se foy caminho de Montemôr o nouo. E porque os homens boons do lugar nam eram inda bem firmes no seruiço do Mestre, folgou ahi hum dia, & falou com elles, dizendolhes muytas rezoens boas por parte do Mestre, de guisa q̃ foraõ muy contentes, & firmes de em todo manter sua voz. E em outro dia partio Nuno Aluarez de Montemòr, & foy á Cidade de Euora, onde foy bem recebido, & lhe fizeram muyta hõra, & falou com os da Cidade aquello, que cõpria por sua guarda, & defensaõ do Reyno, da qual cousa foraõ todos muy cõtentes. E elle era de graciosas palauras, & de boom conhecimento, & todos se contentauam de lhe obedecer, como se de longo tempo o houuessem por senhor. E dalli escreueo logo a todolos lugares da Comarca, que se viessem pera elle cada hum prestes com

com ſuas armas, como lhe compria, nam lhe declarando porem couſa, que fazer quizeſſe, & não embargando, q̃ lhe eſcreueo do Meſtre ſeu ſenhor, nam lhe vieraõ, ſenaõ trinta lanças, & cõ duzentas, que leuaua, eram duzentas & trinta, & antre piaens, & bésteiros ajuntaria até mil. E cõ eſtas gentes partio logo de Euora, & ſe foy a Eſtremoz, & alli houue nouas certas, que aquelles ſenhores de Caſtella, & gentes, que conſigo traziam, eram todos na Villa do Cratto, q̃ eſtaua por Caſtella, & vinham cercar Fronteira, & que eram muytos, & bem corregidos. Nuno Aluarez, como tal rezoado houue, porque pouzaua no arrabalde, & tinha pouca gente, mandou o logar apalancar todo pera ſer empacho, & poderem vir ſe algumas gentes a elle denoite vieſſem, & aſſi eſtaua em Eſtremoz aguardando as gentes, que mandára chamar, que lhe nam vinham, eſpecialmente as de Eluas, & de Beja, á que mais vezes eſcreuera, que a outras, però cõ ſuas afficadas cartas, ouueramſe de vir pera elle; E como todos foraõ jũtos fez o alardo no rocio. Era pouca gente darmas, & naõ bem armados, que nam ſeriam mais de cauallo, que huns trezentos, & antre elles, cento & oiteta de bacinete, & poucos mais de mil homens de pè, & atàa cẽ bèſteiros, & a eſtes falou Nuno Aluarez juntamente em eſta guiſa. *Amigos, creo que já ſabeis todos como o Meſtre meu ſenhor, & voſſo, me mandou a eſta terra pera, com ajuda de Deos, & voſſa, a defendermos de algũm mal, & dano, ſe lho os Caſtelhanos quizeſſem fazer, de guiſa que lhe demos todos della bom conto. E porque eu hey por noua certa, que o Priol do Eſprital meu irmaõ, & o Meſtre de Alcantara, & Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda, & outros ſenhores, com ſoma de gentẽ, eſtaõ jà no Cratto, que he daqui muyto acerca, & ſam preſtes pera entrar em eſta terra de meu ſenhor o Meſtre, por fazer todo o mal, & dano, que poderem, minha võtade he, com ajuda de Deos, & companha de vos outros, de os hir buſcar, anteque entrem, & pelejar com elles, & eſpero na mercè de Deos, que nos dará delles tam bom vencimento, porque ſempre ficará de vôs hõrada fama, & boa nomeada, & mais faremos ao Meſtre meu ſenhor grande, & eſtremado ſeruiço, & a nôs graõ bem em defender noſſa terra, & bens, o que dreitamente ſois teudos de fazer.* Acabadas eſtas, & outras

muy-

muytas rezoens, que Nuno Aluarez disse, por lhe fazer vontades& esforço, responderão todos a hũa voz, dizendo que cousa era muyto pezada,& não pera responder supitamente, mas que lhe desse espaço pera cuidar em ello, & falarem antresim. Nuno Aluarez foy desto muy pouco ledo, vendo a tençam porque o dezião,& peró q̃ logo quizera a reposta, conueo entonce que se fosse, porque nam podia mais fazer.

CAP. 94. *Da reposta, que a Nuno Aluarez foy dada, como todos outorgâram de ser com elle na batalha.*

FALARAM os melhores com estes, q̃ com elles vinhão, isso mesmo huns com outros, grandes, & desuayradas rezoens, & no seguinte dia, hauendo todos seu acordo foy a reposta dada em esta guisa. *Nuno Aluarez senhor, nós entẽdemos bem todo o q̃ nos honte foy por vòs proposto, & achamos, que he cousa muy duuidosa de nos hirmos em vossa companhia pelejar com aquellas gentes, por duas primeiras rezoens. A primeira he virem grandes senhores por Capitaens, com muytas, & boas gentes, ca ahi dizem que vẽ Dom Iohão Affonso de Guzmão Conde de Niebra, & Dom Diogo Martinz Mestre de Alcantara, & Iohão Rodriguez de Castanheda, & Garcia Gonçalues de Grijalua, & Aluaro Pirez de Guzmaõ, & Pero Ponce de Marchena, & Iohaõ Gonçalues de Carrenço, & o Craueiro, & Garcia Fernandez de Villa Garcia, & Martim Eannes de Barauda, & ainda dizem que vem hum Fernão Sanches de Toar Almirante mór de Castella, & outros grandes senhores, a que nam sabemos os nomes, & que trazem consigo mil lanças, & muyto bem corregidas, & muytos ginetes, & bésteiros, & gram soma de homẽs de pé. E segundo as poucas gentes, que nòs somos, tal peleja como esta será muy desigual.* Disse estonces Aluoro do Rego hum bom escudeiro, que andaua com Nuno Aluarez. *Certo, senhor, que de muytas gentes, & boas, que o sam elles, porque eu conheço os mais dos Capitaens, que aqui vem, & mais vos digo ainda, que, leixada a outra gente, que alli vem mais de boons, que nos aqui somos de comunaes.* A isto respondeo Pedro Eanes Lobato outro escudeiro, que andaua com Nuno Aluarez & disse.

& disse. *Quanta de mim vos digo, senhor, que taes os queria pera pelejar, grandes senhores, & bem delicados, anteque escudeiros esfaimados; & homens de trabalho, que me desem que fazer todauia; ca estes, que vem banhados de agoa rosada, & de flor de laranja, nam se ham de ter muyto, que os logo nam vençaes. A outra rezam disseram elles, porque muytos duuidauam assi he; porque vem ahi Pedralluarez Priol do Cratto vosso Irmão, & duuidauam muyto, & o ham por estranho, que vòs pelejeis com vossos Irmãos, ante dizem, que he cousa, em que muy azinha poderam receber cajam, & serem enganados, & todos mortos, & perdidos, & as Villas, donde sam, cobradas dos Castellaõs. Em concruſam, que serâ pouco seruiço de Deos, & do Mestre, & porem em concruſaõ vos respondem todos, que nossa tençam he de nam hirmos comvosco á tal obra.* Nuno Aluarez quando ouuio tal reposta, foy müy anojado em sua vontade; peró sem sanha, & graciosamente respondeo estonce, & disse. *Amigos, eu nam sey mais que diga do que vos já tenho dito, peró ainda vos quero responder a isso, que me disestes. Quanto he o que dizeis: que os Castellãos sam muytos, & vem grandes Capitães, & senhores com elles, tanto vos serà mayor honra, & louuor de serem por vós vencidos, ca jà muytas vezes aconteceo, os poucos vencerem muytos, porq̃ todo o vencimento he em Deos; & nam nos homens. Na outra cousa, em que duuidaes, segundo parece; que he a vinda de meus Irmãos em sua companhia, a isso nam temais, por nenhuma guisa, nem Deos quizesse tal, que nenhum por mim fosse enganado, ca eu não os hey por meus Irmãos, nesta parte, pois que vem por dosuiar a terra, que os gérou. E nam digo contra meus Irmãos, mas em verdade vos juro, que ainda que ahi viesse meu Padre, eu seria contra elle, por seruiço do Mestre meu senhor. E pera vós verdes que he assim, se a vos praz de em esta obra sermos todos companheiros, eu vos juro, & prometo, que eu seja o dianteiro ante a minha bandeira, & o primeiro que comece a pelejar, & assi podeis ver á võtade, q̃ eu tenho contra meus Irmãos neste feito. Mas, não embargando vosa tençaõ ser todauia qual me disestes, aquelles, que se quizerem hir pera suas casas, & lugares, vaõse com Deos, ca êu, & esses poucos de boõs Portugueses, q̃ cõmigo vem*

vem,lhe entendo poer a praça. E entam aquelles, que duuidauam quando lhe taes palauras ouuirão dizer, cobraram coraçam de o seguir, & acompanhar, dizendo todos a huma voz,q̃ queriam hir com elle. *Ora amigos,* disse elle, *eu vos rogo, que os que comigo quizerdes vir a esta batalha,que vos passeis da parte álem deste regato de agoa, & os que nam quizerdes destoutra parte.* E elles disserão,que todos passarião, & como quer que o assi disseſſẽ, alguns se remordião antresy,mostrando, que mais o disserão cõ vergonha, que por vontade de o fazerem, especialmente Esteueannes o moço, & Mendafonso de Beja, que se não poderão tanto ter, que não disseſſem de praça que hião là em forte ponto, q̃ nunca de lá hauião de tornar. Nuno Aluarez fingio que os não ouuia, nem curou de seus ditos, tanto era ledo com arepostа,que lhe todos derão, que querião todos hir com elle. E sendo assi ledo, & seguro, que todos hiriam em sua companhia, propoz logo,em outro dia bem cedo,partir pera a batalha.E jazendo dormindo em sua pousada, à meya noite, pouco mais, ou menos, chegou a elle Aluoro Coitado á pressa dizendo como Gil Fernandes, & Martim Gonçalues de Eluas tinhão jà sellado,& estauam armados,que se querião hir pera Eluas, não querendo ser na batalha com elle. Nuno Aluarez como isso ouuio, alçouse á pressa, & foyse a elles, onde estauaõ jà mandando correger, & disse. *Irmãos, amigos, & pera vos he de fazerdes tal obra? Leixardes tanta honra,como vos tendes prestes,& falecerdes do que prometido tendes,por vos tornardes pera vossas cãsas?* E contra Gil Fernãdes em especial disse. *E se quer vos, Gil Fernandes,que eu pensaua, & penso que sois hum dos boons seruidores, que o Mestre meu senhor em èsta terra tem? tal mingoa mostrais vos, & tal obra como esta?*dizendolhe,*que mais prezaua o seu corpo so, que quantos com elle vinhão.*E elles se escusaraõ com boas rezoens,& elle cõ outras milhores os mudou daquella vontade,outorgando todauia q̃ seriam com elle naquella batalha.

CAP. 95. *Das rezoẽs, que Nuno Aluarez houue com Ruy Gonçaluez.*

COMO foy manhaam com outro trespasso, mandou logo dar à trom-

trombeta; & partio com todos caminho de Fronteira, que era dalli quatro legoas, pera onde os Castellaõs hauião de vir. E hindo pelo caminho, mandou diante algumas gentes, por hauer nouas dos imigos, onde eram. E em esto não tardou muyto hum escudeiro Castellaõ, que chamauam Ruy Gonçaluez, que em outro tempo viuera com Nuno Aluarez em casa de seu Padre, & então viuia com Dom Pedraluarez seu Irmão. Veyo muy rijo ensima de hum caualo caminho da Frõteira, & chegou a Nuno Aluarez, que o recebeo muy bem, & lhe perguntou onde era seu Irmão, & os outros senhores de Castella? E elle lhe disse: que ficauão em Fronteira, que seria legoa & meya, donde elle achou Nuno Aluarez, o qual lhe perguntou, que fazia? E elle lhe disse, que tinha tenção de combater o lugar. E Nuno Aluarez lhe perguntou a que vinha? E que lhe disesse verdade se vinha por enculca, & por cujo mandado? E Ruy Gonçaluez disse. *Bem vedes vós, senhor Nuno Aluarez, que em esto, nem al eu naõ vos hey de dizer senão a verdade, que vos sede certo que a voso Irmão, & aquelles senhores de Castella, fizeram entender, que vos apercebieis, & ereis prestes pera os hirdes buscar & lhes poer batalha, & disso se marauilhàram, que muyto de muito lhe he graue de ter, & crer terdes vòs tam pouca gente, como elles sabem, que vos tendes, trabalhardes vos de tal cousa, & falaram com voso Irmão que lhe parecia desto? E elle respondeo que nam sabia, peró que de certo certificaua, que se vós em este feito alguma cousa haueis começado, vos conhecia por tal, que a leuareis a diante, atè morrer. E os outros lhe disseram, que prouuesse de me mandar a vós por vosa tençam. E álem desto elle vos enuia dizer o que cometeis ca he cousa muyto douidosa pera vos com tam pouca gente, como tendes hirdes pelejar com tantos, & tam grandes senhores, como alli estaõ. Ca vos faz certo, que alli estam taes Capitaens, & asi corregidos, que ainda que El Rey Dom Fernando fosse viuo, elle teria que fazer de lhe poer a praça. Mayormente vos da guisa, que estaes, que volo nam ha por cordice, porque se vos naquella batalha fordes, nam há defensam em vos, nem elle em tal obra vos poderá ser boom, & que porem lhe praz-*

 zeria

zeria, & assi volo manda aconselhar, como a seu Irmão, que ceseis disto, & escolhais de duas cousas huma. Que ou vos torneis pera seu senhor ElRey de Castella, por o qual vos faz segurança, que vos fará muytas merces, & vos acrecentará de guisa, que sejaes bem contente: ou que esteis em Estremoz, como estaueis, & os leixeis hir pela terra, como entendem fazer, & nam queiraes perder a vos mesmo, com as gentes, que conuosco tendes. Nuno Aluarez ouuindo aquellas rezoens, respondeo ao escudeiro, & disse. *Ruy Gonçaluez, eu hey bem entendido as cousas, que dissestes; em breue vos responderey; respondo assi: que vos digaes ao Priol meu Irmão, que eu em este feito nam quero seu conselho, nem Deos nam queira, que o haja de querer, do que me mandou dizer, & que assi o diga aos outros senhores, que eu da tençam, que tenho tomada, nam me mudarey em nenhuma guisa, senam, com ajuda de Deos, leuala a diante, mas que se apercebam pera a batalha, que eu com eses poucos de Portugueses, que comigo tenho, lha entendo hir poer, & nam sey hora cousa, que mais deseje, que ser jà nella, & antes de pequeno espaço serey com ella a Deos prazendo, & desto nam douidem. E rogouos, Ruy Gonçaluez amigo, que tanto façais por meu amor, que vos vades com este recado o mais â pressa que puderdes, atà matar o caualo, cà entendo que nom podereis hir tão azinha, que, com ajuda de Deos nam seja delle muy acerca.*

CAP. 96. *Como Nuno Aluarez poz batalha aos Castelhanos, & os venceo.*

PARTIO Ruy Gonçaluez, como lhe Nuno Aluarez encomendou, & foy muy à pressa, quanto o caualo o podia leuar a trote & a galope, & chegou muy azinha a Fronteira, onde aquelles Capitaens com suas gentes estauão, & como chegou, falou ao Priol, & aos outros senhores, todo aquello, que a Nuno Aluarez dissera, & o que lhe hauia respondido, & elles, como o ouuirão, cessarão logo da obra, que tinhão começada pera combater a Villa, & com grande aguça se perceberão pera hirem á batalha, & elles que começauão ja hir do arrayal, onde pouzauão, caminho de Estremoz, pera onde Nuno Aluarez vinha. E Nuno

no Aluarez com ſuas gentes: era já Nuno Aluarez bem conuinhauel pera a batalha, onde chamauam os Atoleyros, huma meya legoa pouco mais, ou menos áquem de Fronteira; Como Nuno Aluarez foy em aquelle lugar, ſendo certo que os Caſtelhanos vinhaõ á batalha, fez logo decer por terra todos os homens darmas, & deſſa pouca gente, que tinha, concertou ſuas batalhas da vanguarda, & reguarda, & ala direita, & eſquerda, & fez concertar os beſteiros, & homens de pé pelas alas, onde entendeo, que melhor eſtariam pera bem pelejar, & receandoſe dos homens de pé, que lhe nam faleceſſem, por os Caſtelhanos, que eram muytos, poz alguns homens darmas com elles, dizendolhes que ſe elles viſſem que tornauam atraz, que os mataſſem. E iſto aſſi concertado, começou de andar pelas batalhas enſima de huma mula esforçando as gentes com boas palauras, com geſto ledo, & vulto praziuel, dizendo a todos, *quatro couſas, que ſe lembraſſem dellas, & as firmaſſem em ſeus coraçoens. A primeira, que ſe encomendaſſem a Deos, & a Sancta Maria ſua Madre, q̃ os quizeſſe ajudar contra ſeus imigos, pois que tinham querella juſta. A ſegunda, como vinhaõ elles pera defender aſy, & a ſuas caſas, & bens, & ſe tirarem da ſogeiçam, em que os ElRey de Caſtella queria poer contra rezaõ, & direito. A terceira, como eram alli por ſeruir ſeu ſenhor, & alcançar grã de honra, que a Deos prazeria de lhe dar muy cedo. A quarta, que firmaſſem em ſeu entendimento de ſofrer todo trabalho, & aporfiar na batalha nam huma hora, mas hum dia, ſe miſter foſſe.* E eſtas foram ſuas palauras de esforço, anteſque entraſſem á batalha, as quaes aſſi ditas, os Caſtelhanos erão já muyto acerca, & Nuno Aluarez ſe deceo logo da mula, em que andaua, & ſe poz na vanguarda com os primeiros ante a ſua bandeira, aſſi como prometera, & era iſto hũa quarta feira de treuas no mes de Abril, naõ tẽdo ainda comido nenhũa couſa, & fincou os giolhos em terra, & fez ſua oraçam á Imagem do Crucifixo, & da ſua preciosa Madre, que trazia pintada na ſua bandeira; & iſſo meſmo todolos ſeus; os giolhos em terra cõ as mãos alçadas fizerão ſuas oraçoẽs, & muytos delles choraũão, & beijou a terra, & alçouſe

em pè,& poz ſeu bacinete ſẽ cara,e tomou a lãça nas maõs,quẽ le trazia o pagẽ,& diſſe cõtra os ſeus. *Amigos, nenhum douide de mim, todos aquelles, que me ajudardes, Deos ſeja aquelle, que vos ajude, & ſe eu aqui morrer por voſſas culpas, & mingoas, Deos ſeja aquelle, que vos demande minha morte.* Os Caſtelhanos traziam vontade de pelejar pè terra,& Nuno Aluarez aſſi o entendia, & quando virão os Portugueſes poſtos naquella guiſa, pera morrer, ou vencer, mudàram ſeu propoſito, & ordenàraõ de virem à batalha a caualo, atrevendoſe que erão muytos, & bẽ caualgados, que logo os desbaratariaõ, como deſſem nelles, a qual couſa a todo homem rezoado parecia ſer aſſi, & começàraõ ſuas batalhas a caualo, & os ginetes apartaram com a carriagem em huma ladeira de hum paõ verde, acerca donde hauia de ſer a batalha. Entam moueram os Caſtelhanos, com grande esforço, as lanças ſobre os braços muy rijo de encontro dando grãdes vozes, & alaridos chamando: *Caſtilla, Sanctiago.* Nuno Aluarez, & os da ſua parte chamando: *Portugal, Saõ Iorge*, abaixando ſuas lanças cada hũ ao ſeu, & os caualos topando em ellas, alguns delles cahiram logo em terra com ſeus donos, & outros, antes que de todo chegaſſem a topar na batalha, eram feridos de virotoens, & dardos, que lançauão os homens de pê por ſima dos homens darmas, e os caualos aluoroçandoſe lançauaõ de ſy os que nelles vinhão, & com as feridas queriaõ dar volta, & tornando atraz, & topando em outros cahiaõ em terra. Semelhauelmente vinham os outros de refreſco, que eſtauam atraz pera iſſo preſtes, & aſſi lhe auinha como òs primeiros. E Nuno Aluarez com os ſeus ſobre elles matando de guiſa, que prouue a Deos de os Caſtelhanos ſerem desbaratados. E poſto que a batalha foſſe pelejada de vontade, muy pouco eſpaço durou, que ſe logo nam venceo, & foram mortos ao primeiro ajuntàr quarenta homens darmas, & depois outros até ſetenta & ſete, & dos Portugueſes nenhum morto, nem ferido. Antre os quaes foy hi morto o Meſtre de Alcantara, & Pero Gonçaluez de Seuilha, & Ruy Gõçaluez o Craueiro, & outros boons fidalgos, que naõ eram de tamanha conta, & foram feridos o Almirante & o Priol, & Garcia Gonçaluez de Grijalua. Mas neſte paſſo eſcre-

creuem alguns duas rezoens repunhantes à verdade. A hũa he, que por mà ordenança, que os Caſtelhanos em ſy poſeram, forão entam desbaratados. A ſegunda, que aquelles, que ficaraõ viuos, que ſe recolheram em hum, & que os Portugueſes os nam ouzaram mais cometer, a qual couſa por fauor, nem encobrir mingoa, nam ſe deuera aſſi de eſcreuer, que o Autor da hiſtoria nam deue ſer imigo, mas eſcriuam da verdade, a qual foy deſta guiſa. O Conde de Niebra, & o Priol do Crato, & o Almirante, & Martim Annes da Barbuda, que ſe chamaua Meſtre de Auiz, & outros Capitaes, com muytos dos ſeus, depois que ſe viram fora da batalha, nam quizeram tornar mais a ella, mas começarão de fugir hũs pera o Cratto, & outros pera Mõforte, & pera outros lugares, que tinham voz por Caſtella, & hindo aſſi fugindo, diſſeram alguns ao Almirante dos que hiaõ com elle, que deſſe volta, & tornaſſe à peleja, que aſſaz eram de gentes pera elles. E elle reſpondeo aos que lho diziam, & diſſe. *Homem morto nam torba ſoldo, ande a bandeira, & váſe, que depois que homem he huma vez desbaratado, mal torna outra vez a talho.* E dizer que ordenaraõ mal ſua peleja, a verdade iſſo nam conſente, ca hi vinhaõ ſenhores, & Capitaens, aſſi Portugueſes, como Caſtelhanos, aſſi ſabedores da guerra, com tanta, & tam boa gente, que nam ſõmente pera Nuno Aluarez cõ aquelles poucos, que conſigo trazia, mas pera hum muy alto Principe, elles eraõ abaſtantes pera ordenar bem ſua batalha, & pelejar com elles, & com tal ardideza, & boa ordenança os cometeram. Mas ó muy Alto Senhor Deos, em cuja maõ he todo vencimento, & poderio de dar muytos nas mãos dos poucos, prouue entam de dar victoria aos Portugueſes, os quaes vendo como os Caſtelhanos fugiaõ, foy logo Nuno Aluarez a cauallo com muy poucos dos ſeus, porque tam á preſſa nam poderam auer todos beſtas, & ſeguio o alcance huma grande legoa, atè que, por noite, foy forçado de ſe tornar dizendolhe alguns dos ſeus, que aquillo era tentar a Deos, nam ſe contẽtar da merce, que lhe Deos fizera, & ſeguir o alcanço taõ lõge, & Nuno Aluarez ſe foy pera onde foy a batalha, & muy tarde foy dormir a Frõteira, & em ſe tornãdo acerca do lugar, chegou hũ eſcudeiro à

presſa armado enſima de hum caualo, & meteoſe antre os Portugueſes. ſ. Iohão Vazquez de Almada,& Pedroeanes Lobato, & outros, & deſpois lhes falou. *Mantenhauos Deos, ſenhores.* E diſſe ſe ſeria ſeguro? *Sereis* diſſeraõ elles, *mas dizeilo já muyto tarde.* Entam lhe perguntaram, que homem era, & a que vinha? Elle diſſe, que era filho de Pero Gonçalues de Seuilha,& que vinha ſaber, ſe era morto, ou preſo, ou de que guiſa eſtaua? E elles leuaraõno a Nuno Aluarez, & depois que lhe falou, & ſoube o porque vinha,entam o certificaram,que era morto, & quẽ fora, que o matara. E Nuno Aluarez mandou que o agazalhaſſem bem,& que lhe fizeſſem toda a honra. Onde aqui notai,que Nuno Aluarez foy o primeiro, que da memoria dos homẽs até eſte tempo poz batalha em Portugal por terra,& avẽceo muy ledos todolos daquella Comarca, que voz, & vontade por Portugal tinham,& muytos dahi em diante com bom deſejo ſe vinhaõ pera elle,& lhe eraõ obedientes em toda couſa, que lhes mandaua. Iſſo meſmo o Meſtre quando o ſoube em Lisboa, onde eſtaua preſtes pera ſer cercado, tomou com taes nouas gran de prazer, & El Rey de Caſtella pelo contrairo, que era eſtonces na Comarca do termo de Obidos. E no ſeguinte dia depois da batalha Nuno Aluarez logo pela manhaam ſem mais repouſar de ſeu trabalho, ſe fez preſtes,& partio pera Monforte,onde eſtaua Martim Annes da Barbuda, que diſſemos, caualeiro Portuguez, & muy afamado por muy bom homem darmas, com muytas gentes conſigo, com que fugira da batalha. E Nuno Aluarez leuaua tençam,que ſe elle ſahir nam quizeſſe, que o combateſem. E depois que foy em Mõforte, as gentes,que dentro eraõ naõ quizeraõ ſahir, però eraõ bẽ trezentas lanças, & por o lugar ſer forte, & muytas gentes nelle & Nuno Aluarez nam ter artificios de combate, nam curou de o combater, peró eſteue ahi hum dia,no qual ſe fizeraõ boas eſcaramuças antre os Portugueſes,&

CAP. 97. *Como Nuno Aluarez cobrou Arronches, & Alegrete.*

DESTA bemauenturança ptimeira, que Deos Deu aNuno Aluarez, & aos Portugueſes, foram

ſes, & os da Villa em roſto das barreiras, ſem ſe fazer porem couſa, que de contar ſeja. E outro dia pela manhaam, que era dia de Endoenças, ſe foy Nuno Aluarez de pè, & deſcalço em romaria a Sancta Maria do Açumar, que he huma legoa dahi, Igreja bem deuota, & todolos ſeus de pé com elle: E como chegou à Igreja achoua muy çuja das beſtas dos Caſtellãos, que nella metiam, quando per hi paſſauam, & anteque ſe apoſentaſſem, a mandou alimpar, & elle foy o primeiro, que começou a tirar o eſterco fora. Em eſto veyo recado de alguns Portugueſes a Nuno Aluarez, q̃ podia tomar Arronches, que eſtaua por Caſtella, & lhe darião a Villa. Nuno Aluarez foy daqueſto muy ledo, partio pera là, & foy dormir ao Açumar, & mandou ſeu recado aos que a Villa hauiam de dar, que maneira hauia de ter, & ouue eſſa noite logo reſpoſta. E outro dia, grande manhaam, caualgou com ſuas gentes, & chegando à Villa foy recebido nella, & como foy dentro começaram de combater o Caſtello de toda a parte, & em elle eſtauam boons caualeiros Caſtellaõs. ſ. Affonſo Sanches, & conſigo atè trinta lanças, & outros Portugueſes. O combate foy grande, & queimadas as portas do Caſtello, & entrado por força, foram todos tomados, & a Affonſo Sanches, & Sancho Sanches ouue Gil Fernandes, & os leuou preſos conſigo quando ſe tornou com as gentes de Eluas, & cobraram os Portugueſes em aquelle lugar caualos, & armas, & outras couſas, de que ſe aproueitaram. E outroſy de Alegrete, que tambem eſtaua por Caſtella, lhe mandarão dizer, que mandaſſe receber o lugar pera o Meſtre, & Nuno Aluarez mandou logo là hum bom eſcudeiro, que chamauão Martim Affonſo de Aramenha, que dalli era natural, mas moraua em Portalegre, & algũs outros com elle, a receber o lugar, & foy lhe entregue, & aſſi ficaraõ por o Meſtre Arronches, & Alegrete, & leixou Nuno Aluarez em Arronches ſeu tio Martim Gonçaluez, & teue alli a Paſchoa, & mandou muytos, que ſe foſſem pera ſuas caſas, & que eſtiueſſem proſtes, como viſſem ſeu recado, & elle partio pera Eſtremoz, & dalli pera Euora, & depois pera Montemòr.

CAP. 98 *De hũa entrada, que os Portugueses fizeraõ por Castella, & do roubo, que tomaraõ.*

SE sois bem alembrado do que tendes lido, El Rey de Castella he em termo de Obidos, esperando sua frota pera ir cercar Lisboa, & em quanto Nuno Aluarez está de folga, & o Mestre aguardando seu poderoso cerco, por este tempo nam ficar de vago, vejamos em tanto algũas cousas, posto que ligeiras sejão, até que a frota de Castella venha, aque auemos de tornar: onde assi aueo que alçando voz por a Rainha muytos Alcaydes de Castellos, como ouuistes, mandou o Mestre Vasco Porcalho Comendador môr de sua Ordem a Villa Viçosa por Alcayde, & que lanças se fora Garcia Pirez do Campo Craueiro da dita Ordem, porque era criado da Rainha, de que tomauam sospeita. E tendo Vasco Porcalho assi sua voz, mandou o Mestre, que Aluoro Gonçaluez Coitado estiuesse em Villa Viçosa com trinta escudeiros naturaes da dita Villa, porque elle era desse mesmo lugar. Este mesmo Aluoro Gonçaluez Coitado era muyto amigo de Pero Rodriguez Alcayde do Alãdroal & acordaraõ ambos de fazerem huma caualgada em Castella, por que nenhũs, que voz entaõ por Portugal tiuessem, eraõ ouzados de esto cometer, por quanto Pero Rodriguez da Fonseca estaua em Oliuença muy poderoso cõ quinhentos de caualo antre homens darmas, & ginetes, de guisa que toda aquella Comarca era temerosa ante elle, & os gados todos muy segurosao longo do estremo da parte de Castella. O acordo feito, & o dia deuisado, juntou Aluoro Gonçaluez seus trinta escudeiros, & cento & sincoenta homens de pé do Alandroal, assi que erão por todos quarenta & sinco de caualo, & duzentos homens de pé. E juntos assi pera entrar por Castella, passaram denoite Odiana por o porto da Cerua, & foraõ ao exido de Chelas sobre o quarto da alua, & fizeraõ preza em dous fatos de vacas de Garcia Gonçaluez da Sylua, & tomarão quatorze vaqueiros, & arrancaram as tendas, & carregaram os fatos com todos seus aparelhos. E assi tomáram vacas, nouilhos, & egoas com seus pastores, & nam escapou mais que hum, que foy dar noua a Villa Noua de Frezno, & a Alconchel, lugares do senho-

nhorio deCaſtella.E Pero Rodriguez, & Aluoro Coitado mandarão trazer a caualgada aos homens de pè,& lhes derão dez de caualo, que vieſſem com elles, & elles com os bésteiros ficarão em reſguardo, ſe algumas gentes recreceſem, pera pelejar. A qual caualgada paſſarão porFerreira, & vierão com ella pelo Soueral derrador antre a Villa do Alandroal, & Iurumenha até o campo de Pardaẽs, onde eſtà huma Igreja de Sam Marcos, & naquelle cãpo partirão ſuas caualgadas os Capitaens, ſuas direitas partes,& cada hum dos outros, o que ſe lhe montaua,& o quinto,q̃ o Meſtre dera a Aluoro Coitado,não quiz áquella hora auelo pera ſy,masqueſe partiſſe por elles, de que todos foraõ muy contentes, & agardeceraõlho muyto,& acháraõ em aquella preza oitenta nouilhos, que andauão apartados em hum dos fatos,& as vacas erão mil & quatrocentas,& egoas erão vinte & ſeis, & noue poldras de tres annos,& outros poldrinhos pequenos. E as egoas derão a Aluoro Coitado, que mandou pera hũa ſua quinta acerca de Benauente. Eſta foy a primeira caualgada, q̃ os Portugueſes fizeraõ emCaſtella no começo deſta demanda.

CAP. 99. *Como Vaſco Porcalho foy lançado de Villa Viçoſa, por ſoſpeita, que delle tomaraõ.*

ESTA caualgada, & roubo aſſi feito,ſoube Pero Rodrigues certo, que o Comẽdador mór Vaſco Porcalho recebera cartas de Pero Rodrigues daFonſeca contra ſeruiço do Meſtre, & ſelo ſaber a Aluoro Coitado em Villa Viçoſa, onde eſtaua, & quando o eſcudeiro chegou com eſte recado, eſtaua Vaſco Porcalho na praça da Villa, & Aluoro Gonçaluez ſe fez preſtes de o prender falandoo primeiro com alguns da Villa, & tomada a porta da treiçam com bèſteiros, & homens de pê, que naõ leixaſſem ſahir, nem entrar nenhum,mandou poer á porta doCaſtello dez eſcudeiros,& cercar todas as portas da Villa, & a grande preſſa mandou ao Alandroal, que he dahi huma legoa,a chamar Pero Rodrigues,o qual,como vio ſeu recado, caualgou com dez eſcudeiros,& ſeſſenta homens de pé, & a muy graõ preſſa chegou hi, & Aluoro Gonçaluez,que tinha jà tomada huma torre grande, que eſtà ſobre hũa das portas, q̃ lhe mandou abrir, & como ſe

viraõ

viraõ, falárão ambos, & naõ foy ouuido. E logo com os seus, & com todolos da Villa, chegarão aos Paços da Ordem, onde já o Comendador estaua com quinze escudeiros, & trinta homens, & dez bésteiros, & a rua dos Paços bem apalanquada pera se defender. A gente era muyta, & foy logo quebrado o palanque, bradando todos a alta voz, dizendo todos. *Moira, moira o traidor, cõ quantos tem, que nos tinha vendido a ElRey de Castella.* Dizendo todos, que lhe pozessem o fogo, fizerãonos estar quedos, & mandaraõ dizer que se sahisse Vasco Porcalho. Depois que seguturaraõ elle, & os seus, sahio dos Paços fora a falar com elles. E afastados a huma parte, perguntou o Comendador môr, porque se mouerão ao deshonrar, & matar (ẽ porque? cercandolhe seu Castello de menagem, em que o Mestre seu senhor o posera, & que lhe tinha feito por elle menagẽ. *Na qual cousa* disse elle, *naõ me parece, que fizestes bem, nem ouuestes bom conselho, nem o Mestre, cujo criado, & freyre eu sam, nam o hauerá por bem, nem volo terá em seruiço, E digouos, que eu lhe entendo de escreuer todo o mal & deshonra, que me por vôs he feito.* Ditas estas, & outras rezoens, que largamente propoz por sua querella, respondeo Aluoro Gonçalues, & disse. *Caualeiro, vos nam vos aggraueis, nem hajais por mal cousa nenhũa destas, que sam feitas, nem que vejais fazer. E nenhũa se faz por vos deshonrar, nem matar, mas por o entendermos assi por seruiço do Mestre nosso senhor. A nos he dito, & somos dello certo, que vos carteaueis com Pero Rodriguez da Fonseca Alcayde de Oliuença, & q̃ ha jâ tres meses, que sois vassallo DelRey de Castella, & recebestes delle merces, & lhe prometestes de dar esta Villa, & que em Oliuença estam trezentas lanças de Castelhanos, que hoje hauiam de tomar posse da Villa. E porque isto seria muy gram mal, & dano, & deseruiço do Mestre nosso senhor, queremos ser de vòs seguros & queremos, que entregueis este lugar, & entaõ vos hi pera elle mostrandouos sem culpa disto, & serui o no que vos mandar, & aqui naõ ha mister mais rezoens, nẽ escusas coloradas, ca vos nam haõ de conhecer dellas, mas hoje serà o Castello chão com a Villa, & a põte quebrada, & todo o mais, que entendermos por segurança do lugar, & seruiço do Mestre nosso senhor.* A esto deu elle sua reposta, porque quiz mostrar, que nam

era

assi, & elles disserão, que não arrezoasse mais sobre tal historia, cá bem sabião que era verdade, & que lhe entregasse logo o Castello, que por estonce nam deuia de falar nelle. Vasco Porcalho nam podẽdo mais fazer, chamou logo hum escudeiro, de q̃ muyto fiaua, & mandou, que se fosse com elles, & que lhe entregasse o Castello; tomando primeiro estromento da força, que lhe faziaõ, & protestãdo de não encorrer em caso de desleal pelo preito, & menage, que dello fizera. Tomarão entam posse do dito Castello, & mandarão quebrar a ponte do Castello da porta da treiçam, & taipar a porta das partes de fora, & fizeraõ que se seruisse a Villa; & o Castello todo em hum, & o Comendador foy fora com todas suas cousas, & quantos com elle estauão.

CAP. 100. *Como o Mestre mãdou entregar a Vasco Porcalho o Castello, como antes tinha*

PARTIO o Comẽdador pera Lisboa, com aquelles, que com elle aguardauam, & o Mestre os recebeo muy bem, nam embargando que Pero Rodriguez, & Aluoro Goncaluez lhe tinhão já escrito, como se todo passara. Vasco Porcalho fez grande queixume ao Mestre; mostrando q̃ lhe fora feita graõ deshonra por enueja, & nam por ser verdade, o que delle disseraõ. O Mestre releuou tudo com boas rezoẽs, dãdolhe de sy bom gasalhado, & esteue assi alguns dias. E comendo huma vez o Mestre, seruia ante elle de Copeiro o Comendador, & no fim da mesa deu agoa ás mãos, & depois que leuantaram as toalhas, o Mestre o chamou, & disselhe. *Comendador, nam sejais triste por esto, que assi passou, porque aquelles, que o fizeram, entenderam que me faziam seruiço, mas eu, nam embargando isso, quero de vós fiar muyto mais do que fiaua, de aqui a diante, & quero que sejais tornado a vossa honra, & que vos entreguem o meu Castello de Villa Viçosa, como dantes tinheis. E se me vos fordes desleal, sereis o mais trẽdor homẽ do mundo, serdes vos freyre da minha Ordem, & meu caualeiro, & cuidardes vós nenhuma treiçam contra mim, isso nam poderia eu crer, nem creo que vos fez Deos tal, que trabalheis de poer sobre vosso nome apellido vergonhoso. Eu vos mãdarey dar minhas cartas pera Aluoro Gonçaluez, &*

Pero

Pero Rodriguez, & pera os homens boons deſta Villa: que vos entreguem voſſo Caſtello, como o dantes tinheis, & a vôs hey por boom, & por leal, & eu creo que vós ſois tal, que fareis voſſo deuer E eu vos farey por ello merces. E mandouos, que hajais todauia boa amizade com eſſes caualeiros, & el les pelo meu vos honraram, & vos aſsi o fazey a elles, & a eſſe Concelho. O Comendador ouuindo eſto beijou a mão ao Meſtre, dizendolhe, que lho tinha em grã de merce em o querer tornar a ſua honra, q̃ jà ſe hauia contado com os moitos ſem culpa, que em elle ouueſſe, ca ſeu coraçam nam cuidaua outra couſa, porque o deſeruiſſe, nem Deos nam quizeſſe que tal mingoa por elle paſſaſſe. Eſtas, & outras muitas rezoens lhe diſſe o trèdor, porq̃ o Meſtre o hauia cá de hauer por mais ſem culpa. Entam mandou o Meſtre eſcreuer ſuas cartas de crença pera Aluoro Gonçaluez, & Pero Rodriguez, & pera o Cõcelho da maneira, que com elle tiueſſem, & elle ſe eſpedio do Meſtre, & ſe veyo a Villa Viçoſa, & pouſou no Moſteiro, com os q̃ trazia, & mandou as cartas a Aluoro Gonçaluez, & a Pero Rodriguez, ao qual pezou muyto quãdo vio tal recado, & deixou bom recado na Villa, & foy falar a Aluoro Gonçaluez Coitado pera hauer conſelho com elle. E quando chegou a Villa Viçoſa achou que Aluoro Gonçaluez tinha todas as portas da Villa cerradas de pedra, & nam eſtaua nenhũa aberta, ſaluo hum poſtigo, q̃ eſtá ſob o poderio de hũa grande torre, & a aquelle poſtigo eſtauam dez homens darmas, & vinte peoens, & ſeis béſteiros, & por alli entrou Pero Rodriguez, & deſpois que falou a Mecia Pirez molher de Aluoro Gonçaluez Coitado, foyſe a aquella torre, onde eſtaua, & moſtraraõ as cartas hũ ao outro, & viram que vontade era do Meſtre de Vaſco Porcalho ſer tornado á poſſe do Caſtello, e aſſi como antes. E però lhes muito pezaſſe os da Villa houueraõ acordo de comprir o mandado do Meſtre, & mandaraõno chamar, que ſe vieſſe pera ſeu Caſtello, pois era merce do Meſtre de o elle ter.

CAP. 101. *Como Vaſco Porçalho prendeo Aluoro Gonçaluez por arte.*

DEPOIS que Vaſco Porcalho entrou no lugar, falou a Aluoro Gonçaluez, & a Pero Rodrigues com

com boas,& meſuradas rezoens, como he coſtume dos que querem enganar, dizendolhe, que lhe perdoaſſe, ſe os anojára em alguma couſa, & q̃ elle era preſtes pera ſeruiço do Meſtre em todolas couſas, que lhes elles mandaſſem, & tiueſſem por bem, & que lhes prometia boa,& verdadeira amizade,& que foſſem em hum amor, & em huma vontade. E tal conuerſação deu de ſy, a todos,& por tal modo,que elle tornou a repairar o Caſtello,como dantes eſtaua, hauendoo todos por bem feito, & poz muyta pedra no muro, & por ſima das ameas,groſſas traues, & acalmouſe de lenha,& carnes,& outras couſas, que pera defenſam pertenciaõ, dizendo que aſſi lho mandára fazer o Meſtre. E em fazendo eſtas couſas, fingio grãde amizade com Aluoro Coitado,& foy ſeu compadre de hum filho, que Aluoro Gõçaluez baptizou,ao qual bautiſmo veyo Pero Rodriguez Alcayde do Alandroal,& depois que todos comeram com Aluoro Gonçaluez,tornouſe Pero Rodriguez pera onde viera, & Aluoro Gonçaluez não foy aquella noite dormir a aquella grande torre da Villa,de que ainda eſtaua de poſſe; mas como foy ſeram veoſe Vaſco Porcalho pera elle, moſtrando que vinha com ſeu compadre,& tomar com elle prazer, & veoſe com elle alta noite,até que entrarão ſincoenta eſcudeiros, & duzentos homens de pè, que tinha eſcondidos dentro no Caſtello, & prendeo Aluoro Coitado, & ſua molher, & filhos,& quantos com elle eſtauão, & os leuarão logo ſubitamente á torre da menagem, & lhe roubou as caſas de quanto nellas tinha,& aquelle ſeram entraram no Caſtello duzentas lanças de Caſtellaõs, & á madrugada deram às trombetas, & aleuantaram bandeira na torre de menagem, bradando em altas vozes *Caſtilla*,*Caſtilla*. Quando os da Villa viram os Caſtelhanos conſigo,foram muy deſacordados, & poſtos em gram toruaçam,aſſi pela tomada da Villa,como pela prizão de Aluoro Gonçaluez, abriram o poſtigo,& começou a gente de fogir pera Borba, aſſi de pé, como de caualo, & o Comendador folgaua por liurarem a Villa & ſe hirem todos, como de feito foram, & ſeus criados. Então começou Vaſco Porcalho fazer mà vizinhança a Pero Rodriguez Alcayde do Alandroal, & aſſi fazia Pero Rodriguez a elle, Os do Alandroal paſſauaõ já frã

camen-

camente de mantimentos, comendo pam de bolotas, & doutras asperas cousas. O Comendador, como prendeo Aluoro Coitado fezeo a saber a ElRey de Castella,& que lhe mandasse dizer como era sua merce de fazer delle; E isso mesmo escreueo Pero Rodriguez ao Mestre, como o trêdor Comendador,de que elle fiara, dera VillaViçosa a ElRey de Castella,& como tinha preso Aluoro Coitado. E ao Mestre pezou muyto, & mandou a Pero Rodriguez, que pozesse bom recado na Villa, que tinha. Veyo recado DelRey de de Castella, & mandou o Comẽdador a Aluoro Coitado á torre de Oliuença, por ser hi melhor guardado, & huma carta a Pero Rodrigues da Fonseca, q̃ o guardasse bem. Nuno Aluarez soube parte como Aluoro Gonçaluez fora preso, & pezandolhe muyto escreueo a PeroRodriguez do Alandroal,que fizesse muyto por saber se hauiam de leuar dalli a Aluoro Coitado, & escreueolhe que si,mas que naõ sabia como, nem quando, & Nuno Aluarez lhe enuiou alguns escudeiros pera os ter consigo, & ordenar cõ elles se pudesse, como fosse tomado aos Castellaõs quando o leuassem pera Oliuença,dos quaes era hum Affonso Pirez o Negro, que depois foy Alcayde de VillaViçosa, & Lourenço Martins do Tojal, & Gonçalo Caõ, & Gonçalo Colaço, & Lourenço Pirez Cinza,& GonçaloLourenço de Sampayo, & outros boons escudeiros, aos quaes mãdou que fizessem todo o que Pero Rodriguez ordenasse, & elles assi o disseraõ,quando a elle chegarão, & elle o agardeceo com boas palauras, & folgou muyto com elles.

CAP. 102. *Como os Portugueses pelejaram,& os vencerão, & desbaratarão.*

LOGO como estes escudeiros chegaram, caualgarão huma noite deVillaViçosa oComendador de Alcantara, & o Comẽdador de Calatraua com certos de caualo, & de pè,& foraõ correr termo de Euora,& por aquella Comarca, & indo elles grande noite muito encubertos,hum moço Portuguez natural de Borba, que chamauão Rodrigo Valejo, hia por pagem de hum Castellão, que se dizia *Diogo* Gonçaluez Maldonado, & fogiolhe no caminho no quarto dalua,& foyse

foyse à Villa do Aládroal dar nouas a Pero Rodriguez Alcayde do lugar, como aquellas gentes erão entradas a roubar o termo de Euora, que erão duzentos de pé, antre almograues, & outras gentes, & cento de caualo, com gentes, que com elles hião; & disselhe o caminho, q̃ leuauão, & a fala, onde hauião de fazer presa. Quando Pero Rodriguez isso ouuio, foy muy ledo com taes nouas, & muyto mais o forão os escudeiros, que Nuno Aluarez alli mandára, porq̃ Vasco Porcalho dera os bens de alguns delles, que erão de Villa Viçosa. E Pero Rodriguez ouue logo conselho com elles como lhes parecia que era bem de fazer em tal cousa; & acordarão todos, como quer que a gente fosse muyta, que os fossem aguardar no caminho, & pelejassem com elles todauia. E Pero Rodriguez fez logo fazer prestes os que consigo hauia de leuar, & eram com os escudeiros de Nuno Aluarez vinte & seis de caualo, & setẽta homẽs de pè, e tomarão o caminho de Estremoz, caualgãdo o mais á pressa, q̃ poderão até a estrada, q̃ vay de Villa Viçosa pera a Cidade de Euora, e leuarão cõsigo o moço, q̃ lhe as nouas trouuera, a q̃ lhe pez na trilha, q̃ os Castellãos passauaõ, & isso mesmo da serra, & alli ouueraõ acordo que no posto della se pozessem, onde serião tão boons os poucos, como os muytos, & acordando que alli os aguardassem a qualquer ventura, que lhe Deos quizesse dar. Encobrirãose os de caualo, & os de pè em hum baixo, & poz Pero Rodriguez duas atalayas, que deuizauão grande terra por aquelle campo, & elle estaua com huma dellas. E assi estiueraõ des hora de prima atà meyo dia, que virão vir os de pè tangendo a caualgada, & com elles dez de ginetes em guarda. Era a caualgada muy grande á marauilha. que elles trazião sinco mil ouelhas, & sineo mil & quinhentas cabras, & antre homens, & moços atá sessenta & dous metidos em tres baraços. Os de pé vinhão todos com a presa, & com elles dez ginetes, & os homens darmas ficarão em resguardo de traz. Com tal segurança traziaõ sua caualgada, como se estiuesse em Castella. E em esto pareceo a gente darmas, & vinhão fazendo mór vista, do que eram. E leixauão a estrada, que trazião direita, & forão correr ao Redondo, que estaua dahi muyto perto, & escaramuçarão ao derradór

da

da Villa, com álguns dos que ahi eſtauão. E quando Pero Rodriguez, & aquelles eſcudeiros eſto virão, diſſerão huns aos outros. *Agora he tempo de darmos ſobre eſtes de pè, que aqui vẽ com a caualgada, & ſobre eſtes ginetes, anteſque lhe venha acorro de gente darmas.* E logo ſe repartirão em duas partes aſſi os de pé como os de caualo, & foraõ dar nos de pè, & nos ginetes aſſi como vinhaõ, & nos primeiros golpes derribarão ſinco ginetes, dos de pé ſincoenta, & tres de taes feridas, que nam houueraõ miſter meſtre, que os curaſſe, & mao ſeu grado deſemparàraõ a caualgada, & começaraõ a fogir pera a ſerra aquelles, que o poderam fazer, ca os Portugueſes aſſi de pé, como de caualo, & os que elles trazião catiuos, que foram logo ſoltos, os ſeguiaõ mortalmente matando, & prendendo em breue eſpaço. Foraõ antre mortos, & preſos cento & vinte & tres, & os outros eſcapàraõ na ſerra, & fez Pero Rodriguez cõ armas, & bèſtas dos ſinco, que cahiraõ, cinco eſcudeiros de homẽs de pè, que o bem mereciam, aſſi que já eram trinta & hum de caualo pera pelejar. Os ſinco ginetes, que eſcaparam, foram dar nouas aos homens darmas, como a caualgada era em poder dos Portugueſes, & muytos dos ſeus mortos, & preſos. E elles com grande menencoria, recolhendoſe todos ao mayor andar que poderam, por fora da eſtrada, & vieram ſobre o lugar, onde fora a peleja, & acolheramſe a hum cabeço muy alto, donde podiam bem ver quantos eram os Portugueſes. Pero Rodriguez, quando os aſſi vio ouue acordo cõ os eſcudeiros, q̃ poſtoque a peleja muy deſigual foſſe, & antes q̃ os Caſtellãos cobraſſem eſforço de vir a elles, que os cometeſſem elles primeiro. Entam poz os de pè todos a huma parte, & mandoulhe que eſtiueſſem quedos, & nam ſe deſcorregeſſem por couſa, que viſſem, ca elles queriaõ hir cometer aquelles de caualo, anteque elles oueſſem acordo, & ſe virem com elles, & ſe com elles nam podeſſem, que entam ſe recolheriam onde elles eſtauão, & que elles nam ouueſſem dò de partir os dardos, & lanças pelos caualos dos Caſtellaõs. Entam pozeram as lanças ſob os braços, & brádando todos por *Portugal, & Sam Iorge*, foraõ ferir nos imigos. Os Comendadores cõ os deſſa parte, com bom deſejo adereçaram a elles chamando,

Caſti-

Castilha; & ao juntar das lanças cahirão dos Castellãos em terra & dos Portuguezes dous às lanças; & despois que forão perdidas vierão às espadas, & feriãose bem a vontade; & de tal guisa o fizerão os Castellãos; porque erão muitos, que se enuergonhauam a fóra leixarem os Portuguezes a praça; os homẽs de pẽ entendetão isto, & vendo a peleja assi desigual, não embargando o mandado, que tinham de lhe acorrer ao tempo; que lhe fazia mister seu acorro; & como chegaram começaram a despẽder daquelles dardos nos caualos dos Castellãos, por cujo azo seus donos cahiaõ em terra; & tanto fizeraõ os de caualo cõ os de pé por auer milhor de seus imigos, que por força os fizerão arrancar do campo, & Lourenço Martinz do Tojal, & Gomez Lourenço de Sampayo; quando virão que se os Castellãos venciaõ & começauam de fogir, differaõ hum ao outro. *Vamos a estes Comendadores, pois os conhecemos, não nos escapem assi.* Então deitaram a pos elles, cada hum a seu. Os Comendadores por recolherem a gente, hiãose detendo, acompanhados porem dos seus. Lourenço Martinz, & Gomez Lourenço meteramse perantre todos, & cada hum encontrou de guisa, que os pozerão fóra das sellas, & elles entraraõ cõ seus boõs criados, & tornaraõ sobre elles, & mataraõ os caualos a Lourẽço Martinz, & a Gomes Lourenço, & ficaraõ ambos feridos a pé. Entaõ cobráraõ os Comendadores caualos, & sobreueo Pero Rodriguez, q̃ correo a aquelles escudeiros, onde já estauao pera serem mortos, ou prezos; & por alli se partio a peleja. Daquelle lugar se partio Pero Rodriguez; & disse aos escudeiros, q̃ leuassem aquellas ouelhas pera Alandroal, ca alli acodiriaõ seus donos por ellas. E recolhida a gẽte achou, que naõ mingoaua nenhum dos seus, mas foraõ feridos vinte & sinco homens de pé, & dos escudeiros onze, de feridas porem seguras de morte, & morreraõ dos Castellãos ally, onde juntaraõ, quatro de caualo, & foraõ noue prezos, & seis caualos mortos, & noue viuos, & da parte dos Portuguezes sinco caualos mortos, mas naõ mingoauam outros milhores pera seus donos, daquelles. E alli vieraõ os donos das ouelhas, cada hũ por as suas, & dauaõ a Pero Rodriguez a metade, & elle naõ quiz mais de trezẽtas cabras, & cem carneiros para comerẽ aquelles feridos.

CAP. 103. *Como foy liure Aluoro Gonçaluez Coitado da prizám & desbaratados osCastellãos, que o leuauam.*

NA M tardou muyto, q̃ acerca desto chegou hũ dia pela manhaã hũa enculca, q̃ Pero Rodriguez tinha ẽ Villa Viçosa, & disse q̃ aq̃lla noite, q̃ hauia de vir, q̃ auião de leuar Aluoro Coitado de Villa Viçosa à Oliuença, & q̃ visse o q̃ compria. Pero Rodriguez chamou logo os escudeiros perãte aquelle homem, & começarão de falar que maneira terião em ello, & acordàrão que aquella noite se lançassem em cilada acerqua de Villa Viçosa em hũ pinhal azado pera ello, & q̃ aquelle homẽ fizesse de guisa, q̃ soubesse as horas, a que auia de ser leuado, & perque maneira, & mandarãono que se fosse, & que lhe leuasse nouas âquelle pinhal. Pero Rodriguez depois do sol posto, com aquelles dezaseis de Nuno Aluerez, & com quinze escudeiros seus, & sincoenta homens de pé, partio do Alandroal fingindo que leuaua o caminho de Estremoz, & depois, q̃ foi noite, derão volta por outro caminho, o mais incuberto, que puderão, & forãose ao pinhal, que deuisado tinhão, & elles esperando poralli por reposta do homẽ, que mandarão, que lhe trouuera o recado. Era já grande serão andado, & não sahia lingoa do lugar, que certa fosse, saluo quanto lhe dissera aquelle homem que esperauão. E vendo sua tardança muy grande, começaram de duuidar se era verdade o que lhe elle dissera. E dizião algũs que isto podia ser treição daquelle homem, de que Pero Rodriguez fiàra, os ter vendidos. E o que se desto mais receaua era o dito Pero Rodriguez; & tanto que elle, & os outros bem lhe prouguera de serem dalli fora, & não ter tal obra começada. Em esto os dous escudeiros Lourenço Martinz, & Gomez Lourenço começarão de dizer assi. *Pero Rodriguez, vos sois aqui vindo por seruiço de Deos, & do Mestre, & Nuno Aluerez quando nos a vós mandou encomendar que este Aluoro Gonçaluez sahisse da prizão, quando o daqui quizessem leuar, se o vós podesseis fazer. Ora esto he já treição ordenada, & naõ lhe podemos fogir per nenhũa guisa, q̃ naõ hajamos de liurar pelas maõs & aguardando qualquer auentura, ou aqui, ou no caminho; por tanto se vos prouguer, nos queremos hir com dous homens de pè, & tomarmos lingoa, se podermos: & vôs aguarday aqui, cá muy toste tornaremos a vos.* Pero Rodriguez

guez disse q̃ lhe aprazia, & que nam partiria em nenhũa guisa a tâ q̃ elles viessẽ. Foramse os escudeiros com dous homẽs de pé almograues, & como foram perto da Villa, mandaram os de pé ao arrabalde, & elles ficaram acerca em direito da porta da treiçaõ. E estando assi viram muyta gente de pè, & de caualo, & viraõ dous homẽs de pè Castellãos, q̃ se querião hir com aquelles, q̃ estauaõ à porta da treiçam, nam per mandado do Comendador. E os escudeiros prenderamnos logo, & fizeramnos calar, & em esto viram aos dous homẽs, q̃ foraõ cõ elles, & disseram. *Iâ Aluoro Gonçaluez tiram do Castello, & lhe tem huma mula prestes, em que vâ. Parecenos que seram duzentos de caualo a nosso esmar, & muita gente de pé, & chamaõ Affonso Garcia Almocadem; que saya màhora, se ha de sahir. Ora,* disseram elles, *ficaiuos aqui como elles mouerem, & começarem de caualgar, và hum de vós dar nouas, outro vâ acerca, & veja em certo quanta gente he, & per qual caminho vão.* Entam se partiraõ os dous escudeiros, cõ aquelles homens, q̃ assi prenderaõ, & foraõse ao Pinhal, & como chegarão contaraõ a Pero Rodriguez, & ós outros todos o que lhes auiera. Estando perguntando a aquelles prisioneiros, q̃ gẽte estaua em Villa Viçosa? Chegou o homẽ porq̃ Pero Rodriguez esperaua, & os outros dous q̃ ficauão no lugar por saber o caminho, & ambos deram nouas, dizẽdo assi. *Sabey q̃ os Comendadores vem com Aluoro Coitado, & trazẽ consigo atè nouenta de caualo, & sessenta homẽs de pê, & todos escolheitos, & vinte & sinco bésteiros, & vẽ per sua guia delles Affonso Aluarez Almocadem, & trazẽ esta estrada da córte de Oliueira, & horà os ouuireis passar por aqui,* & começarão de se poerẽ a caualo, & em se corregẽdo ouuirão o tom dos caualos dos Castellãos. *Como vos parece* disse Pero Rodriguez, *que serà bem, ou em q̃ lugar começaremos nossa demanda? Parecenos são cõselho:* Disserão os outros *deixarmolos mais alongar da villa, & à entrada daquelle azinhal os cometeremos.* Em esto falando chegou o outro pião, com recado dizendo: *Ia passaõ os Comendadores, & leuão a maior palraa de palauras, que homem nunqua ouuio, & vão sem auizamento nenhum, cà elles não leuão gentes, ca vem diante, nem nenhum resguardo doutra gente,* entam disse Pero Rodriguez: *A mim parece que*

he bem, q̃ em aquelle campo alem daquelles estebaes, ajamos a demanda com elles; E nam hauemos porque os mais leixar hir, ca poderam de nos hauer sentido, achar-lhehemos milhor percebidos, a noite faz boa, & nam muyto escura & nos ferremos nelles de supito, & prazẽdo a Deos, elles nos farão graça de Aluoro Gonçaluez, & dalguns caualos, & armas, que leuam: E entam caualgaram a mais andar, que poderam, & entraram na estrada, por onde hião os Comendadores, & chegaram tam acerca delles, que ouuiram as repetiçoens do grande arroydo, que leuauam antresy, & como começaram de entrar ao cãpo, corregeramse os Portugueses pera hir a elles, & puzeraõ as lãças sob os braços a mayor correr dos caualos, q̃ leuar podiam. Os Castellãos quando os assi viram, deram huma grande arrancada por diante, & a grandes vozes os Comendadores. *Nam he nada senhores.* E ao arrancar que fizeram, deu hum caualeiro a Aluoro Gonçaluez huma lançada sobre hũa jaqueta, que leuaua vestida dizendo. *O trẽdor vendido nos has.* E Aluoro Gonçaluez se lançou da mula em terra cõ hũa adoba muy grande, q̃ leuaua nas pernas, & se escudou da mula. Pero Rodrigues, cõ os q̃ cõ elle hião forão ferir nos Castellãos, e desta chegada, q̃ derão em elles, cahiram bẽ escudeiros das bestas, & os seus homens de pé se acolheram ao monte, sem fazer cousa que de contar seja. Os piães Portugueses nam houueram outro trabalho, senam prender daquelles escudeiros, q̃ cahião, & apanhar lanças, & adargas, q̃ cahiaõ por esse campo, & tomar mulas, & caualos, & azemalas, e outras bestas com fardagẽ dos Comẽdadores, & doutros escudeiros de conta, q̃ hião em sua companhia & ahi não hauia quẽ lho tolher, porque logo foram vencidos, & arramados por esses estebaes. E porq̃ era denoite, & ficaraõ sem guia deceraõse dos caualos, & lãçaraõse ao monte por escapar, e por essa rezaõ ficaraõ muytos caualos sẽ donos, alẽ dos q̃ na volta primeira cahiraõ. Os Comẽdadores foraõ dar consigo em hũa fraga pedregosa, e alli deixarão os caualos, e os outros, q̃ com elles hião, & os caualos tornaraõse ao cãpo. Os Portugueses não sabião parte de Aluoro Gõçaluez, e bradarão por elle, chamauãno por seu nome, e elle jazia em hũ grande jũcal, e naõ ouzaua de responder cuidãdo, q̃ aq̃lle era Martim Annes da Barbuda, q̃ o vinha tornar aos Ca-

Caſtellãos polo leuar conſigo catiuo por o mal, que lhe queria. E pela ventura foy a aquelle lugar Gomez Lourenço de Sampayo, & andando brádando por Aluoro Gonçaluez, elle o conheceo na fala, & entam reſpondeo. E hauendo gram prazer com elle deceoſe do caualo, & ajudou o a montar em elle; ca elle nam podia por rezam da adoba, que tinha, & pozlhe huma eſpora; & deulhe a lança, & cobrou Gomez Lourenço o caualo do Comendador de Calatraua, que era o mais afamado, que hi vinha. E foramſe pera onde eſtauam os outros. Pero Rodriguez foy muy ledo com elle; & quantos hi etão, dizendo, que por elle ſómente erão alli vindos; & elle agardecialhes ſua boa obra; quanto podia. O arroydo era grande na Villa, & répicauão quanto podião, cuidando que era Nuno Aluarez, que hia ſobre elles, & eſta entenção tinhaõ os do lugar, ſegundo lhe dezião os que ſe acolherão a Villa. Em eſte desbarate forão preſos noue eſcudeiros, & tomados dezaſeis caualos, & ſeis mulas, & tres azemalas, & vinte & finco beſtas de albarda, com fraſquagem de alguns eſcudeiros, & deixando as rezoens, que ambos outuerão, Aluoro Gõçaluez ſe eſpedio de Pero Rodriguez, & de quãto lhe dauão não quiz leuar mais de oito caualos, & foraõſe com elle pera Eſtremoz dezaſeis eſcudeiros, q̃ Nuno Aluarez mandara, & mais algũs homens de pè; & Pero Rodriguez ſe tornou pera o Alãdroal, o qual em outro dia deu ſeis caualos a ſeis homẽs de pè, q̃ fez eſcudeiros, & repartio as outras couſas todas, & a rendiçam dos preſos tanto a hũ, como ao outro, e tão bom quinham ſẽpre tinhão os que acertauam de ficar no lugar, como os q̃ hião fora cõ elle.

CAP. 104. *Como Pero Rodriguez foy accorrer Aluoro Coitado, que o nam prendeſem os Caſtellãos.*

QVANDO Vaſco Porcalho ſoube a tomada de Aluoro Gonçaluez, & como os Comendadores foram desbaratados, ouue grande pezar, & cõ grande queixume dezia, por modo de eſcarnio, cõtra os q̃ eſtauão preſentes. *Em verdade hey por eſtranho nũca nenhũ de vós me pedir o quinto deſtas caualgadas, q̃ fazeis (cento de vos pelejão cõ trinta, & ſẽpre de vos ficão mortos duas duzias, e os outros, fogindo como ouelhas, tornãoſe*

não se pera este curral: quanta cõta lhonra como esta, boa fama hirá de vòs a ElRey. E mãdou essa noite duas inculcas sobre que fazia Pero Rodriguez, & que gentes foraõ cõ elle na tomada de Aluoro Gonçaluez, ou se estaua ainda no Alandroal, q̃ elle quizera vir ahi correr, & fazer algũ bem se pudera, & huns homens, que Pero Rodriguez mandára essa noite por escutas, tomaram lingoa das escutas de Vasco Porcalho. O qual sabendo que Aluoro Gonçaluez era jà em Estremoz, & hauia em aquella noite de partir pera Borba, mandou quarenta de caualo, & trinta homens de pè, que se fossem poer no caminho por onde Aluoro Gonçaluez hauia de vir, e que de morto, ou preso lhe não escapasse a todo seu poder. E Aluoro Gõçaluez não sabia disto parte, & Pero Rodriguez sabia disto nouas & mais por hum homem de Villa Viçosa, q̃ lho veyo dizer, & como disto foy certo, mandou chamar os do lugar, & perguntoulhes, q̃ lhes parecia, q̃ deuia de fazer em tal feito? E elles responderam, que fizesse o que por sua honra entendesse, que elles prestes estauam. *A mim me parece,* disse elle, *que não hé bom deixarmos perder quem nos tanto trabalho deu pera o hauermos de liurar q̃ se lhe nós não acorrermos, poderá ser preso, ou morto, cousa q̃ eu nam queria por nenhũa guisa, q̃ aconteçese. Fazeinos prestes, q̃ nós prestes somos.* Então caualgou elle cõ os do Concelho do Alãdroal, & chegou a aquelle lugar de Mõtaluão onde lhe disseraõ, q̃ o Comendador mãdara aguardar Aluoro Gõçaluez. Os Castellãos tinhaõ duas atalayas, quãdo os viraõ hir forã se acolhendo não os querẽdo aguardar, nẽ pode Pero Rodriguez delles percalçar nenhum. Entam se foy caualgando por Estremoz & achou Aluoro Gonçaluez, q̃ ainda não partira, & contoulhe como viera, & elle lho agardeceo muyto, & disselhe, q̃ pozesse boa guarda, & auizamento, que naõ recebesse dano. Partiraõ entaõ Aluoro Gonçaluez, & Pero Rodriguez pera a Villa de Borba, & no dia seguinte, alta manhaã, mãdou Aluoro Gõçaluez descobrir terra por dous escudeiros, & acharão dez de caualo, q̃ vinham correr a Villa de Borba, & estes vieraõ atè o lugar apoz aquelles dous, q̃ foraõ descobrir, & tomaraõ jũto cõ a Villa vinte boys, q̃ andauão pacẽdo. Aluoro Gõçaluez, e Pero Rodriguez, quãdo viraõ isso, sahiraõ a elles pera lhos tolher, & tomaraõlhos, antes q̃ chè-

chegassem a huma ciladr, que os Castellãos tinhão lançado onde chamaõ, *Orelhas*, & foy a cilada descuberta, & seguida de corredura, atè ás hortas do Reguengo da Villa, onde tomarão sete azemalas do Comendador Vasco Porcalho, as quaes os Castellãos naõ ouzaraõ de lhas hir tolher, cuidando q̃ eram muyta mais gente, entaõ se tornou Aluoro Gõçaluez pera Borba, & Pero Rodriguez pera o Alandroal.

CAP. 105. *Como Vasco Porcalho foy correr ao Alandroal, & da prèza, que tomou.*

O Comendador Vasco Porcalho, vendo a fouteza, q̃ contra elle mostraua Pero Rodriguez, com os q̃ consigo tinha, escreueo a Pero Rodriguez Alcayde de Olueça, q̃ mandasse correr a Villa do Alãdroal, de q̃ recebia muyto má vizinhança, & q̃ fosse certo, q̃ como os corredores corressem assi os de pè, como os de caualo, logo sahiriam a elles, & que nam os hauia de deixar até o Rio de Odiana, ca tanto corriaõ os homens de pè daquelle lugar, como os de caualo, & que assi os podiam prẽder, & acutilar à sua vontade, lançandolhe hũa cilada longe áquem do lugar. E em quanto elle mandou este recado enuiou vinte de caualo correr o Alandroal, & fizeram preza em huns poucos de asnos, & foramlhe tolhidos pelos do Concelho. Estes corredores tornaram pera a Villa, & disseram a Vasco Porcalho, que nam entendiam la mais de hir por aquella guisa, & que os seguiram de tal maneira, que se o caminho nam fora longe, que là ficaram por seus hospedes, O Comendador com despeito caualgou a grande madrugada, leuou cento, & cincoenta de caualo, & duzentos, & cincoenta homens de pé, & lançou se em cilada acerca do Alãdroal, aonde chamaõ o Pinheiro, & depois que foy bem de dia, mandou vinte de caualo, que corressem atè as portas da Villa, e qualquer cousa, que achassem, trauassem em ella sem receo nenhum. As gentes fizeraõ como lhes elle mandou, & correram atè as portas do lugar, & tomarão setenta cabras. Os da Villa sahirão a elles, Pero Rodriguez com dez de caualo, & setenta & sinco homens de pè, & foram por outra parte por lhe tomar a dianteira, e jà os de pé tinhaõ as cabras tiradas dos corredores, & os de caualo foram dar na cilada dos Castellãos

ſtellãos, a qual deſcuberta, leixarãoſe todos hir direitamente à Villa, que era muyto acerca. Pero Rodriguez por acudir aos piães vieraõ todos emburilhados até as cercas das caſas do arrabalde da Matta, & alli os eſperaraõ, & começaraõ de pelejar. Pero Rodriguez era a pê com os ſeus, & ſendo a peleja muyto de ſigual, foraõ os Portugueſes vencidos por força, & fogiraõ pera a Villa, acolhendoſe às caſas da rua da Matta, que erão furadas humas pelas outras, foraõ por alli eſcapando. Doutra guiſa os mais delles foram mortos, & preſos, mas naõ foraõ mais que ſinco homens mortos bem mancebos, & pera muyto, os quaes lhe mataraõ junto com o muro, & foraõ muytos feridos. Pero Rodriguez houue huma ferida; & dos Caſtellaõs morreraõ dous, & quinze caualos. Tornouſe entam Vaſco Porcalho, com grande prazer, pera Oliuença, leuou aquellas ſetenta cabras, ſem hauer nenhum, que lhe pozeſſe embargo; & ficou Pero Rodriguez com os ſeus bem no joſo por tal deſauentura, porem dezia de praça por os confortar. *Amigos, tal vay de guerra: ſemelhantes couſas oitenta & ſinco a trezentos & ſincoenta leixar o campo, ſem vergonha o podem fazer. E eſtes, que morrerão por defenſam do Reyno, Deos lhe hauerá merce das almas.*

CAP. 106. *Como Pero Rodriguez da Fonſeca lançou huma cilada aos do Alandroal, & do que lhe aueyo.*

PERO Rodriguez da Fonſeca nam foy eſquecido do q̃ lhe eſcreueo Vaſco Porcalho, & caualgou de Oliuença com duzentos homens de caualo, & trezentos de pé, & veyo huma noite lançarſe em cilada acerca de São Bras Moſteiro huma legoa do Alandroal, como foy menhaam diſſe aos ſeus em eſta guiſa. *Amigos, eu queria tomar eſta Villa, & matar, ou prender os que nella viuẽ & ſe o fazer podemos, ſegundo meu deſejo he, faremos ſeruiço, & prazer a ElRey de Caſtella, & lograremos todolas caualgadas, & pois que Vaſco Porcalho no outro dia matou parte delles por huma cilada, que lhe lançou, nôs façamos por eſta maneira. Os q̃ forẽ correr, ſe tomarẽ algũs priſioneiros, ou qualquer outra couſa, façaõ infinta que vam contra Terena, & alguns dos outros fiquẽ em face da Villa, trauando com elles*

les como mayor reſguardo, que Villa, como lhes era encomendado; & Pero Rodriguez Alcayde do Alandroal mandàra eſſa menham deſcobrir a terra por dous eſcudeiros contra Villa Viçoſa, & a Atalaya, que vio os ginetes deu à campaam, & derribou o ceſto. Os do lugar como viraõ aquillo, ſahiram a pè com lanças, & dardos; & quem iſſo nam tinha, leuaua ſeis, ou ſete eſtebas aguçadas, como hauia muytos. Pero Rodriguez nam quizera que ſahiram, & depois que os vio em eſcaramuças, ſahio com dez de caualo, & de tal guiſa os ſeguiram, q̃ o caminho, que cuidaram de leuar, nam poderam hir por elle, mas ſeruidos de dardos, & de garrochas começaram de fogir pera onde Pero Rodriguez da Fõſeca eſtaua em cilada muy deſcuidadamẽte de tal aquècimento; E quando os Portugueſes, & os Caſtellãos foraõ miſturados, hindo aſſi dar em elles, porque hião aſſi de ſupito, foy o deſacordo grande em elles, que alguns nam podiam montar a caualo, & ſem eſguardar ſe eram poucos, ou muytos, fogiram como milhor podiam, tambem de caualo, como de pè: Aſſique a ventura ajudando aos poucos, & dando temor, & eſpanto nos muytos, fogio Pero Rodri-

poderem, & ſenam acharem couſa, em que façam preſa, tiremnos mais alongado da Villa, que poderem, & façamno ſaber o mais eſcuſo, que poder, & elles aſsi alongados do logar, & eu com eſtes eſcudeiros, meternoshemos antre elles, & a Villa, & quem conhecer Pero Rodriguez, faça muyto pelo prender, & nos outros mate quanto poder; ca ſe elle for preſo; elle me darà logo a Villa, ou o degolarey logo á porta da Villa. Os outros ouuindo eſtas rezoens, diſſeram, que tal acordo era muy boom; mas que lhe parecia que era bem de o fazer ſaber à Vaſco Porcalho, que eſtaua caualeiroſo de gente, & aſſi ſeria muyto milhor, & mais a ſeu ſaluo. Pero Rodriguez diſſe que lhe naõ prazia, que eſta honra queria elle pera ſy, & pera elles. *Ca hoje queimaremos a porta do lugar*, diſſe elle, *& depois que for em noſſo poder elle o ſaberà, doutra guiſa me nam apraz.* Firmandoſe aſſi eſte conſelho, eſtremou quarenta ginetes os milhor encaualgados, que achou, & de que mais fiaua, & tornouos à auizar da maneira que diſſemos, encomendandolhes que, ſegundo ſeu boom juizo, vſaſſem do que lhes mais encomendaua, & elles correram à

Rodriguez com aquelles,q̃ com elle acertaraõ,& outros naõ chegaram dahi a dous dias a Oliuẽça,& foraõ na volta mortos dos imigos sete homẽs de pé,& dous de caualo, & sinco dos ginetes, & mortos treze caualos, & ficaram noue viuos, & da Villa foraõ feridos tres de caualo,& dez homens de pè,& morto hum,& trouueram muytas lanças,& dardos, que ficarão no campo, & tornaraõse com muy grande prazer pera a Villa.

CAP. 107. *Como Payo Rodriguez Marinho prendeo Gyl Fernandez de Eluas.*

EM se passando assi estas cousas, escreueo o Mestre a Gyl Fernãdez de Eluas que fosse falar a Payo Rodriguez Marinho de Campo mayor,que alçasse voz por elle, & lhe faria muytas merees. Gyl Fernãdez caualgou logo,cõ sincoenta homẽs darmas,&foyse aCampo mayor,& estando fora daVilla em huma Igreja, que sehi faz,mãdou dizer a PayoRodriguez Marinho, que lhe prouguesse sahir fora doCastello,pera falar com elle cousa, que era de sua honra,& proueito. Payo Rodrigues disse, que naõ sahiria fora;mas que fosse Gyl Fernandez antre o muro,& a barreira do Castello, & que leuasse dez homẽs darmas consigo. E Gyl Fernandez disse,que lhe aprazia,cõ condição que de huã parte,& da outra fosse feito preito emenagem q̃ fosse seguro hum do outro, Payo Rodriguez disse,que lhe aprazia, & foy assi afirmado antre elles. Estonces apartou Gyl Fernandez dez homens, & foyse á barreira do Castello, onde hauião de falar, & achou já Payo Rodriguez prestes, quando vieram a se abraçar, lançou Payo Rodriguez a Gyl Fernandez o braço sobre o hombro, em maneira de seguraça, & com a outra mam lhe tomou a espada, & disse. *Vos sereis preso.* Gil Fernandez quando esto ouuio ficou espantado, & nam teue geito de se defender, ca Payo Rodriguez tinha tanta gente, & assi corregida, que os dez escudeiros nam o poderam ajudar,mas trabalhandose de fogir, quando aquello viram foraõ delles presos cinco. s. Gonçalo Casco, & Martim Vazquez, & Gyl Lourenço seus primos,& outros dous. Em quanto prenderam estes saltaram os outros sinco a barreira, & foramse pera aquelles,que fora ficaraõ.E todos

espan-

espantados de tal treiçaõ tornaraõse pera Eluas. Gyl Fernandez sendo assi prezo, ouue de se render por duas mil dobras, & deu fiadores, e sahio da prizaõ, & quãdo chegou a Eluas ouueraõ todos muy gram prazer, porque em quanto elle era prezo, eraõ muy a miude corridos de seus imigos. E pera sua segurança de sua rendiçam, deram os clerigos as Cruzes das Igrejas, & os leigos taças, espadas, & cintos guarnecidos, & dinheiros, & outras cousas, que pozesse todo em prẽda a Payo Rodriguez, atá que bastasse sua rendiçam. E depois q̃ tudo teue entregue, tornouse Afonso Sanches, & a Sancho Sanches, que trouuera por prisioneiros de Arronches, segundo ouuistes, & rẽdeo os por outras duas mil dobras, das quaes lhe deram logo as mil, & as outras o dia certo, como elle era obrigado a Payo Rodriguez, & assi quitou todo, & pagou as prendas, & os escudeiros.

CAP. 108. *Como Gyl Fernandez foy pelejar a Castella, & do q̃ lhe auẽo.*

ESTO assi feito, mandou Gyl Fernandez chamar seus amigos, & ajuntou antre elles & os outros de Eluas ata cento de caualo, & quatrocentos homens de pé, & entrou de praça por beira de Oliuença, & de Alconchel, & foy pelejar a terra de Xerez, & trouxe muy gram preza de vacas, & ouelhas, & prisioneiros. E vindo elles assi pera Portugal, ajuntaraõse os de Xerez, & doutros lugares derrador atá trezentos de caualo, & muytagẽte de pé, & alcançaraõno no lugar, que se chama Maceira das porcas, & elles alli cercados, alguns outros disseram a Gyl Fernandez; *Vós sabeis bem, que tendes em Oliuença Pero Rodriguez da Fonseca, & Payo Rodriguez Marinho, que jà com elle está, & tem ambos humas trezentas lanças, & setecentos homens de pé, pera pelejar comuosco à tornada, & se vos guardardes, que estas gentes, que vem àpoz nos, se juntem com as outras, que estam diante, terẽis peleja muyto mais forte, porem à nos parece, que he bem com estes agora, & vencidos, estes os outros nam nos quererám aguardar.* Gyl Fernandez disse, que lhe parecia aquelle bom conselho, & antesque elle corregete suas gentes, pera hir pelejar com elle, & dando nos imigos foram desbaratados, & alguns delles feridos. Gyl Fernandez, quan-

quando os vio da quella guisa,& chegou rijamente pera lhes acorrer, & disse. *Santa Maria, val, que cousa he esta,namorados, que nãosão pera nada*, & entaõ se lançou antre elles esforçando os seus; & com tal ardideza feriraõ nos Castellaõs,que foraõ vencidos, & desbaratados,& fugiraõ delles pelo campo, & outros, a aquella serra,que chamauão das Porcas, que naõ ouzaraõ mais chegar a Gyl Fernãdez,& vindo elle assi com sua caualgada esperando hauer outratal peleja com aquelles fidalgos, que dissemos, souberaõ elles como Gyl Fernandez desbaratara os de Xerez. Ambos ouueraõ seu acordo de não pelejar com elle, & elle passou com todo aquelle gado sem nojo nenhũ até a Villa de Eluas,o qual era tanto,que quem quizesse tomar delle pera comer,naõ lhe era vedado.

CAP. 109. *Como Gyl Fernandez pelejou com Payo Rodriguez Marinho, & foy desbaratado, & morto.*

POR verdes de q̃ guisa Gyl Fernandez foy vingado de sua prizão, posto que taõ acerca não fosse,queremos volo aqui dizer,que não sabemos se nos virá mais à mão de falarmos de seus feitos. Onde foy assi que vindo Payo Rodriguez Marinho, mandou vinte de caualo de Campo mayor que vielse correr a Eluas, Gyl Fernandez sahio a elles com sincoenta de caualo, & seguioos por hum muy grande espaço, & tomou delles quatro escudeiros, & deteuese á beira de hum cabeço,q̃ chamão Cigoura, & entendeo q̃ vinha alli Payo Rodriguez, que já os seus mandárão chamar, & estando aguardando vierão algũs de Payo Rodriguez diante, & Gyl Fernandez prendeo lhe dous delles: Payo Rodriguez trazia consigo oitenta de caualo muy bem cortegidos, & como chegou tomou logo hũa pequena de altura á beira do caminho á ilharga daquelle cabeço, e Gyl Fernandez estaua no baixo. Dambas as partes nam hauia homens de pé, mais que dous, que trazia Payo Rodriguez, hum bẽ steiro, & outro tiraua pedras de mão,com que fazia bem de nojo. Em isto disse hum bom escudeiro, que chamauão Pero Fernandez Biscainho a Payo Rodriguez. *De meu conselho vos nam pelejeis com Gyl Fernandez. Em verdade*, disse Nuno Fernandez

Cogo-

Cogominho, *vos aconcelhaes muy bem, ſermos aqui oitenta de caualo bem corregidos, & Gyl Fernandez naõ tem alli mais de ſincoenta, ladrão, & ſeu companhão, aſsi como Iohaõ Ruyuo, & Affonſo das vacas, & outros taes, & dizeis que naõ peleje com elle, digouos eu, que ſe elle iſſo erra, que tarde cobrará outra taõ boa.* Reſpondeo eſtonce Pero Gonçaluez, *E como, Nuno Fernandez, não vedes vos andar alli bons eſcudeiros acerca de Gyl Fernãdez faça Payo Rodriguez como lhe prouuer, ca eu não he hey de fugir do campo.* Nuno Fernandez era homem de conta, & tinha ahi ſete eſcudeiros ſeus, & deshi era bem guerreiro. Payo Rodriguez naõ reſpondeo a nenhum delle, & eſtiueraõ em beſtados hũs cõtra os outros, quantoſeria hum quarto de hora. Vendo eſtonces Gyl Fernandez iſto, falou aſsi contra os ſeus. *Arredemonos hum pouco delles, & logo cobraraõ coraçaõ de decer a nos.* E como começaraõ de ſe arredar logo Payo Rodriguez correo rijamente por tomar a altura ſobre Gyl Fernandez, & Gyl Fernandez tomou outra ladeira, & foy ſahir igual delle. E entam endereçou Payo Rodriguez rijamente contra elle, & deu logo hũa lançada de ſobre maõ a hum, que deziam Affonſo Eſteuẽs, que lhe paſſou a cotta, em direito da ilharga, & entrando pelo corpo cortou duas coſtas, & chegou aos boſes. & cahio morto em terra; E Gyl Annes primo de Gyl Fernandez poz a lança ſob o braço & foy a encontrar Payo Rodriguez pela ilharga, & deu com elle em terra de ſima do caualo. Os de Payo Rodriguez acodirão ſobre elle, & deraõ com Gyl Annes em terra, & iſto mexendoſe a peleja rijamente. Começaram a fogir os de Payo Rodriguez, & Gyl Fernandez diſſe a dous eſcudeiros, que tiueſſem preſo a Payo Rodriguez, em quanto elle ſeguia o alcanço. Em tanto Martim Vazquez hum dos eſcudeiros, que foram preſos com Gyl Fernandez, quando os aſsi vio eſtar, diſſe contra elle deſta guiſa. *Que he eſto Payo Rodriguez? Agora pagareys vos o que fizeſtes a Gyl Fernandez, & a ſeus parentes, naõ ſejaes brauo contra os mãſos, ca eu aſſaz de manſo eſtou.* E ſobre iſto ſe começaraõ de ſeguir taes palauras antre elles, q̃ Martim Vazquez o matou, & lhe cortou a cabeça, & aſsi fez a Nuno Fernandez Cogominho, & a outro eſcudeiro, que chamauaõ Alouro Rodriguez, & foyſe logo pera Elũas, & leuou as cabeças

consigo. Quando Gyl Fernandez tornou do alcanço, & soube como Martim Vazquez os matara daquella guisa, perguntou por elle pera lhe fazer mao jogo, & quando o nam achou com grande menencoria disse. *Andar: Pois assi he dos imigos os mais poucos.* Entam mandou apontar algũs, que foram presos, & caminhou pera a Villa de Eluas, ca nam foram antre presos, & mortos, mais que atè huns vinte & sinco dos piaens, dos quaes foy hum Pero Fernandez Biscainho, aquelle escudeiro, q̃ aconselhaua a Payo Rodriguez, que nam pelejase com Gyl Fernandez.

CAP. 110. *Dalgumas naos de Genoua, que o Mestre cobrou a seu poder: E como combateo Alanquer, & naõ foy tomado.*

VOs todos ouuis, & nenhum me pergũta que Nuno Aluerez passou a Alentejo, & se estas cousas fizeraõ, q̃ temos cõtado q̃ fazia o Mestre em Lisboa, ou em q̃ gastaua seu tẽpo em Lisboa, por defensam do Reyno, & da Cidade. E pois que o ninguem nam pergunta, queremos que o saibaes, que depois que o Mestre se espedio em Coina de Nuno Aluarez como tendes ouuido, & se tornou a Lisboa que tres galès suas, & tres barcas nam longe do porto da dita Cidade foram tomar duas naos carregadas de panos, & prata, & doutras muytas cousas, que nellas vinhaõ, & mais huma barca de Galliza carregada de madeira. Veninabo de Tumba, & Nicolao de Palma que eram patroens destas naos, brãdauam que eram de Genoua, dando muytas rezoens á proua, que assi era, a qual cousa era bẽ justa, & os da Cidade brãdauam muyto mais que elles perfiando todauia, q̃ eram de Castella. Em esta duuida, que se bem podera escuzar, mandou o Mestre poer todas as mercadorias na Alfandega, de que se depois muyto aproueitaram, & lhes foy grande ajuda pera a paga do soldo, & doutras despezas, ca em ellas foram achadas mais de tres mil, & cem peças de panos de preço, & brancaes, & escarlatas, & outros panos de menos preço, & mais de cem peças de sarja, & mais de cem varas de lenço froncil, e prata, & ouro, & chumbo, & perlas, & outras muytas cousas, que nam cumpre de se escreuer. E dahi a sete dias chegou huma barca

ca á Cidade,& deu nouas,que os Ingreſes erão preſtes pera partir poderoſamente, & virem em ajuda do Meſtre, & do Reyno. Em eſto fizeram ſaber os deAlāquer ao Meſtre, que mandaſſe lá ſincoenta homens darmas,& os da Villa com elles, trabalharião todos de tomar o Caſtello, & alçar voz por elle. Ao Meſtre prouue muyto deſto, & vieramſe alguns denoite pera hirē com a gente, que lá mandaſſe. O Meſtre armou logo duas galès, & fez Capitão dos q̄ hauião de hir Micè Manoel filho de Lançarote, o que matarão em Beja. Forão eſtas galès pelo Rio aſſima atê a ponte de Marinha, que he huma legoa do lugar. Quando alli chegarão pera poer a gente,erão já taes horas, que,elles no lugar, era ſol leuado bem manhaã que os poderaō ver de toda a parte. Peró nāo embargando eſto. ouuerão as portas da Villa,como tinhão azo, & entrarão dentro ſem outro eſtoruo,& foramſe logo direitamente ao Caſtello,aſſi os que hiāo de Lisboa, como os moradores do lugar, & começarão de os combater rijo, dizendo ao Alcayde, que deſſe o Caſtello a ſeu ſenhor o Meſtre. E vendo que o fazer nāo queriam, começarão de brādar, que vieſſe fogo pera queimar as portas. O fogo foy azinha preſtes, & beni ſeruido pera arder, que huns leuauão trancas, & toucinhos, & outros leuauão azeites, cada hū como milhor podia, de guiſa q̄ por mingoa de boas ajudas nāo leixaſſe de queimar. Mas porque o lugar,onde elle eſtaua à porta, era muyto abrigado do vento, q̄ o ajudaſſe, deshi a muyta agoa, que lançauāo deſima os que defendiam aquelle Caſtello,foy todo aquelle trabalho deſpezo em vam, & durando o combate des hora de prima atè acerca de beſpora, em que foraō alguns feridos, alçaraōſe nouas como ElRey deCaſtella eſtaua dahi aquatro legoas no Bōbarral, e mādaua gētes á preſſa por ſocorro do lugar, q̄ lhe mādara pedir Vaſco Piiez deCamoēsAlcayde do Caſtello. Outros deziaō, que vinha ElRey com as gentes que tinha. E vendo os da Villa como o Caſtello ſe nam podia tomar aſſi á preſſa, como elles cuidauāo, & que ſe ElRey de Caſtella, ou os ſeusvieſſem que era por força de paſſarem mal pela entrada, que deram na Villa,acordaram de ſe partir logo. Entam partiram as molheres com as filhas,& filhos com eſſa pouquidade, que leuar poderão, & nam ficaram ſenam

alguns

alguns pobres, & depois não receberaõ nojo, & però lhe Vasco Pirez brádaua, quando vio hir, que se tornassem, & nam ouuessem medo DelRey, nem das gẽtes suas, postoque viessem, poendo a de parte sua segurança. Meteramse nas galés, vieramse pera Lisboa muyto anojados do que começaram, pois nam ouuera fim, & ficandolhe muytos dos bens moueis, que tinham as casas auondadas de alfayas, que os do Castello depois roubaram, anteque outra gente viesse. E o outro dia chegou Garcia Fernandez de VillaOdre a Alanquer por mandado DelRey, com muytas gentes pera lhe acorrer, cuidando que ainda estauaõ combatendo os que vieraõ de Lisboa.

CAP. III. *Como o Mestre mandou armar certas galès em Lisboa.*

VENDO o Mestre, e os de seu Conselho como se ElRey de Castella vinha com todo seu poder, & da grande frota de naos, & galés, que mandaua armar pera virem sobre Lisboa, pera lhe tapar o porto, que naõ fosse socorrida de mantimẽtos de nenhũa parte, houueram seu acordo de armar as naos, & galés, que hauia na Cidade, pera estarem prestes, se alguns poucos nauios em tãto viessem, que lhe podessem embargar a vinda, & hauer mantimentos desembargadamente da parte de Alemtejo, assi pera o encalmamento da Cidade, como pera a segurança dos que se pera ella vinhão daquella parte com ajuda, & defensaõ sua, quando soubessem, que a frota de Castella vinha poderosamente, que sahirião as naos, e galès ao Porto, & juntarsehião cõ as outras, que lá estauão, & estonce virião juntamẽte todos pelejar com a frota de Castella. E pera armarẽ as galès foy dado carrego a Dom Lourenço Arcebispo de Braga, ó qual o tomou de vontade, & começou logo de as mandar poer nos vasos, & deitar á agoa, & tal aficamento, & tãtas gentes fazia juntar a este trabalho, que as mais dellas foram deitadas às mãos na agoa sem cabrestante, & elle andaua pela Cidade emsima de hum caualo, & de humas cottas vestidas, & o roxete ensima, & huma lança na mão, o ferro sempre pera diante. E postoque os da Cidade com bom desejo se offereceesem a aquelle trabalho, ainda os elle mais aficaua, nam leixando nenhum

nhum de qualquer estado, em guisa que não ficaua clerigo, nẽ frade, nem outra pessoa, que todos alli nam fizesse chegar, & se lhe algum dezia que era clerigo, elle respondia, que assi era clerigo como elle, & oque lhe dezia que era frade. *E eu Arcebispo, que he milhor que frade.* Dezia elle, & tal aguça poz em as armar, que em breues dias foram armadas doze galès, & vieram mais huma, & hum galeote armadas do Algarue. E porque hi nam hauia escudos, & dardos, que se perderam nas armadas, que fizera ElRey Dom Fernando, fazia escudos das leiuas dos toneis, & cerrauam bordos, & fazião dardos.

CAP. 112. *Como foy entregue o estandarte a Gonçalo Rodriguez, & partio a frota pera o Porto.*

ARMADAS sete naos, & mais galés, & prestes de todo que lhe compria ordenou o Mestre por Capitam da frota a Gonçalo Rodriguez de Sousa, Alcayde que entam era de Monçaraz, & veyo o Mestre muyto acompanhado à Sè, & todos os da Cidade, Ordens, & Clerezia, & dalli sahiram todos em grande, & solene procissam, a Clerezia toda diante, & o Mestre acerca com todo o outro pouo, & muytas trombetas em lugar, onde nam faziam torùo, & assi por meyo da Cidade leuarão o estandarte das armas ditas de Portugal, & chegaram com elle atè a porta Douro, que he junto à ribeira de agoa, & foy alli entregue a Gonçalo Rodriguez, & posto na mayor galè de todas, que chamauão a real. E esto assi feito, tornouse o Mestre, & os outros cada hum pera suas pouzadas. E foy maravilha na noite seguinte, que Christãos, & Mouros, que velauão o muro da parte de Sam Vicente de fóra, acerca donde he feita huma Capella que chamão dos Martyres, que forão na tomada de Cepta, quando foy cobrada dos Mouros, q̃ à mea noite velando alguns virão vinte homens vestidos de vestiduras aluas, assi como sacerdotes, & quatro delles trazião na mão quatro cirios acesos, e hião & vinhaõ em procissaõ entrando na Igreja, & falando muy baixo antresy, como se rezassem algumas horas. Os do muro quando viraõ aquesto ficaraõ muy espantados, & começaram

de chamar outros, que ouilhasẽ tam gram milagre, & ſupitamẽte deſapareceraõ. E logo neſſa hora falando huns com os outros, em eſto virão nas pontas das lanças, que eſtauão nas torres, ſen has candeas accezas de claro lume, que durou acerca de huma hora. E deſto derão teſtimunho ſete Chriſtãos, & tres Mouros, que velauão huma torre. E já ante deſto, hauia oito dias, q̃ chegàra hum homem de Montemòr o velho ante dẽſto, & trouue hum eſtromento pruuico feito por mão de Lourenço Affonſo tabaliião do dito lugar, no qual era conteudo, que huma ſegunda feira, aos onze dias de Abril, ſendo preſentes Gonçalo Gomez da Sylua, & ſeus filhos, & outros muytos da dita Villa, chouera cera naquelle lugar, tal como a que poem as candeas, & trouue amoſtra della. Os da Cidade, quando ao outro dia virão aquelle milagre, que contauam os da guarda de Sam Vicente de fora, forão muy ledos com elle, & com outras taes couſas, que neſta ſezão ao Senhor Deos prazia moſtrar. E o Biſpo, & clerezia, com todo o pouo, em prociſſaõ, forão a aquella Igreja dos Martyres dandolhe muytas graças, & pedindolhe merce que ſeſſe em ſua ajuda. Em eſto foi grão tormenta no mar, & chegaram hum dia tres naos de Caſtella cõ tempo contrairo muito a ſeu pezar, & pouzarão dentro no rio tres legoas da Cidade em direito de hũ chamão Oeiras. E eſtas naos vinhaõ carregadas de farinha, ceuada, & doutras couſas pera o arrayal Del Rey de Caſtella, cuidando que jazia já ſobre a Cidade. As gentes das galès, como houuerão dellas viſta, remarão contra ellas pera as hauerem de tomar. Quando eſto virão fizerão todas vela pera fogirem, e ſe hirem em ſaluo, ſe poderaõ. E vendo, que o fazer naõ podiam por o tempo, que lhe era contrairo, deraõ antes com as naos em terra, & quebraraõſe anteque as cobrarem os Portugueſes, & ſe aproueitarem dellas, & das couſas q̃ trazião. E os homens pozerãoſe em ſaluo em bateis, & a nado & como melhor podião. E as gentes Del Rey de Caſtella, que eſtauão em Cyntra, que andauã por aquelle termo, os ajudaram a defender, que não ouuerão dano. E os Portugueſes queimarão as naos, & tornaraõſe á Cidade, & aquella tormenta q̃ fez ſe ouuerão de perder quatro galés daquellas, q̃ jaziaõ ante a Cidade, e prougue a Deos de as guardar. O

tem-

tempo como foy âzado pera as galés poderem partir anteque a frota de Castella chegasse, que já hauia nouas, que era no mar, foy o Mestre fazer alardo com ellas da parte de Almada, hu chamam a Mora, & àtarde vieram as velas todas pouzar ante a Cidade no porto. E aos quatorze dias do mes de Mayo partio Gonçalo Rodriguez com ellas pera a Cidade do Porto, & as naos nam podèram hir em sua companhia, porque o tempo lhe era contrairo, & tornaramse pera a Cidade, & chegaram as galés a Atouguia, & o lugar estaua por ElRey de Castella, pot quanto Iohão Gonçaluez, que era Alcayde de Obidos, & tinha sua voz, constrangia por tal guisa os moradores dalli, que tinham a parte, que elle defendia, & por tanto os das galés sahiram fora, & roubaram mantimentos, & outras cousas, que achauam, & tomaram noue bateis, que ficaram do tempo DelRey Dom Fernando, pera se aproueitarem delles, porque eraõ ligeiros. E dalli foram as galês sua viagem, & chegáram á Cidade do Porto, onde jação hum pouco folgando, em quanto himos ver ElRey de Castella.

CAP. 113. *Como escaramuçaram os Castellãos com os Portugueses, & foy hi prezo Iohão Ramirez de Arelhano.*

ELREY de Castella ficou dias ha acerca de Obedos na Aldea, que chamam o Bombarral, por azo dos seus, que o aconselharam, que nam fosse acerca de Lisboa, anteque sua frota chegasse, pera lhe tomar de todo a Riba Tejo, assi por outras rezoens, que já sam escritas; & por isso assessegou alli ElRey por dias, & depois veyose chegando por essas Aldeas a milhor desentadamento, que achaua, até que chegou a huma grande, & espaçosa Aldea, que chamauam o Lumiar huma legoa da Cidade, & alli propoz de antretanto estar de assessego. Os seus pouzauam por outras Aldeas, de muytas, que ha por essa Cidade, & em quanto ElRey por alli esteue, nam vinham os seus escaramuçar contra a Cidade, senão muy poucas vezes, & esto, porque estauaõ atredados della, & naõ lhe vinhão assi á mão. Porem hum dia vierão alguns Capitaês com suas

gentes de armas,pioẽs,& bèſteiros,& ſobiraõ do Valle de Santa Barbora ao monte de Sam Gens &alli ſe pozeraõ em magote,em ſuas bandeiras, & apupando todos contra os da Villa empadezados:E eſtando aſſi hum pouco moueram contra a porta de Sancto Agoſtinho. Em aquella quadrilha eſtaua por guarda o Conde Dom Aluoro Pirez deCaſtro, & Dom Pedro ſeu filho, & Mem Rodriguez, & Ruy Mendez de Vaſcogoncellos,q̃ tinhão ſuas bem duzentas lanças, afora outras da Cidade, que com elles eram de companhia, & quando viram eſtar os Caſtellãos daquella guiſa, ſahiram alguns fora pera eſcaramuçar.Em ſe voluendo a eſcaramuça, muyto de vontade huns, & outros, foy prezo da parte dos imigos hum boom fidalgo daquelles Capitaens, que chamauam Iohão Ramirez de Arelhano. Como aquelle foy prezo, cobraram os da Cidade eſforço, & fizeramlhe fazer volta, & deram com elles por aquelle gram ſopé a fundo, & hiam arraſtando as bandeiras por ſima de paens, & ſameadas na coſta daquelle monte, onde foram alguns feridos,& mortos. O Meſtre ouuindo os ſeus como eſcaramuçauam, ſahio fora pé terra com gentes darmas, & bèſteiros à porta de Sam Vicente no cal, que ſe hi faz, & depois que vio a eſcaramuça deſfeita, tornouſe pera a Cidade,& mandou guardar Iohaõ Ramirez no Caſtello da menagem, aos que tinham carrego delle deulhe dous veſtidos de ſeu corpo, & lhe fazia toda a honra. Em eſte dia,que era a vinte & ſeis dias do mes de Mayo, começou a vir a frota de Caſtella, & chegaram ante a Cidade treze galès, & huma galeota, com as quaes ElRey folgou muyto por ter azo de ſe vir lançar arredor della.

CAP. 114. *Como ElRey chegou ſobre a Cidade,& do combate, que lhe deu.*

PASSOV hum dia, & mais naõ,ao ſabbado ſeguinte bem cedo pela manhaã, & chegaram ás torres, que ſam em hum alto monte em direito de Sam Domingos alguns fidalgos a cauallo da parte dos Caſtellãos, & falando a ſalua fè, diſſeram contra os das torres, que foſſem dizer ao Meſtre, que ElRey ſeu ſenhor jà vinha por caminho & que-

& quería alli fazer ſeus editos,& certos requerimentos,& que porem mandaſſe alli vir alguns caualeiros, & Cidadãos da Cidade pera verem como faziam ſuas proteſtaçoens. Fizeram eſto ſaber ao Meſtre,& elle mandoulhe logo dizer, que ſe foſſem logo dalli, & ſe o fazer nam quizeſſem, que lhe tiraſſem logo ás bèſtas. Ouuindo os Caſtellãos eſte recado, partirãoſe donde eſtauam, arredandoſe logo do muro, & alli aguardaram ElRey ſeu ſenhor, que jà vinha por caminho. Onde ſabey, que eſtes editos,que ElRey quizera fazer,erão pera julgar de mao caſo a todolos moradores da Cidade, pera lhe depois poder dar os bens, & proceder contra elles à ſua vontade, dizendo como chegara alli por peſſoa com ſua bandeira tendida, & que o nam quizeram receber, como ſeu ſenhor, que era de direito. Em eſto chegou ElRey de Caſtella com ſua hoſte todos a caualo, & muytos piaens, & bèſteiros, que houueram das galès por auizar a Cidade, & chegou acerca della em hum alto monte, que hora chamaõ Monte Oliuete, & eſteue alli gram parte do dia, & muytos dos ſeus andauão entaõ cortando aruores,& vinhas,& fazendo todo o dano, que podião. E aſſi foy, que em eſte dia pela manhãa,anteque ElRey de Caſtella vieſſe,ſahirão daCidade pela porta de Sancta Catherina algũs homẽs darmas, & bèſteiros, & iſſo meſmo homẽs de pè: & ordenarão hũa pauezada pera eſcaramuçar cõ osCaſtellãos,q̃ já erão certos, que hauião de vir, antre os quaes eram Fernam Pereira Irmão de Nuno Aluarez, o Doutor Martim Affonſo, que depois foy Arcebiſpo de Braga,& Iohão Lourenço Xeraſcon, & Vaſco Martins de Gaâ, & Fernam Daluarez Dalmeida Veador da caſa do Meſtre, & outros muytos boons homens de armas. E o Meſtre eſtaua na torre de Aluoro Pirez pera ver,que ElRey deCaſtella faria com aquellas gentes, q̃ conſigo tinha.E ElRey eſteue de teudo em aquelle lugar sẽ fazer couſa nenhũa, paſſante de hora de terça, & vẽdo como aquelles que ſahirão da Cidade, eſtauam á viſta delles, ſem moſtrar que lhe hauiam medo, diſſe entonce contra os ſeus. *Vós outros não vedes como eſtes villãos andaõ fora da Cidade, ſem receo nenhum, que de nós hajão? A elles, a elles, fazelosençarrar dentro,ca villãos ſam todos.* Algũs dos ſeus quando lhe eſto ouui-

ram disserão, que âquello nam èra de fazer, porque ainda que elles dessem com elles atà as portas, nam hauiam poder de empècer â Cidade. Em ElRey ouuindo isso, houue menencoria, & sem mais resonder pedio o bacinete, & disse ao Mestre de Sanctiago, que com sua bandeira fosse adiante, & elle fazendo o que ElRey mãdou decc ramse muytos dos caualos, & com as lanças nas mãos moueram contra elles, até chegarem huns a outros, & os Castellãos eram muytos, & os da Cidade poucos, & não os podẽdo sofrer fizeraonos tornar rijo pera a Cidade, & com outros deram na ca ua, q̃ então èra ahi baixa, e alli os matarão, ou prẽderão, senão forão os das torres, & muros, q̃ os defendião ás pedras, & virotoens Em esto veyo ElRey detraz com os seus, & Pero Fernandez de Velhasco começou de dizer a altas vozes. *Auante, senhores, auante, que nossa he a Cidade.* E isso mesmo o Conde Dom Iohão Affonso Tello Irmão da Rainha, isso mesmo dezia: *Auante, senhores, auante, que por aqui vay o caminho pera minha casa.* O Mestre quando esto oulhaua, & vio que os da Villa se colhiam sem regimento algum, & os Castellãos adereçauam direitamente á porta, veyose com grande aguça á torre, donde estaua, & cerrou per sua mão huma porta, & mandou aos outros, que cerrassem a outra, & disse contra os seus: *Volta, volta, senhores, que he isso? Eu vos farey que sejaes boons, aindaque nam queiraes.* Então ficauão os Portugueses, que andauão fora, antre o muro, & a barbacaam, & todos alli se começarão de dar ás lanças huns aos outros muy rijamẽte, & por o combate durar grande espaço, nũca os Castellãos os poderão arrancar daquelle portal da barbacaã, q̃ eram sem portas. A muyta bèstaria isso mesmo assi das galès, como da que ElRey trazia, não quedauão de tirar aos do muro, de guisa que todo era cheo de rejoens. E outro sy os bésteiros de dentro tirauam por antre as ameas aos de fora. Desima das torres deitauam muytas pedras, que acarretauam molheres em cestos, que lhe pouco empèciam, porque eram molles, & esboroauamse todas. O arroido era muy grande, & a gente da Cidade acodia alli toda. Em quanto esto se fazia, andauam homens de pé bèsteiros fora da Cidade

àlem

àlem das torres de Sam Domingos, & veyo a elles Dom Aluoro Perez de Guzmão cõ muytos ginetes, & fizeraõ eſporada contra elles, & foram hi delles feridos, & perderão dous caualos; & nam morreo hi nenhum de huma parte, nem de outra. E vendo os Caſtellãos, que naõ aproueitauaõ, durando o combate por muy grande eſpaço, leixaram de combater, ſendo jà alguns feridos, & mortos, antre os quaes morreo o Alcayde dos Donzeis, & outro, que chamauão Ruy Duque, & outros alguns, os mais delles de tiros, que lançauam de huma torre. Dos Portugueſes foram mortos quatro, & muytos feridos, antre os quaes foy ferido Fernam Pereira, Martim Pauedo, & outros. E eſto ferto aſſi, tornouſe ElRey com os ſeus pera onde partira, & os da Cidade tiueraõ cuidado de ſoterrar ſeus mortos, & penſar dos feridos.

CAP. 115. *Como ElRey de Caſtella chegou ſobre Lisboa, & como aſſentou ſeu arrayal ſobre ella.*

AO dia ſeguinte, que eram vinte & noue dias do dito mes de Mayo, chegaram as naos, que foram armadas pera vir de companha com as galès, & eram por todas quarenta antre grandes, & outras nam tamanhas. ElRey como ſoube que a frota das naos chegara, partio logo em outro dia com toda ſua hoſte pera poer arrayal ſobre a Cidade, & chegou ſobre ella a hora da terça, & a ſoma das gentes, que ElRey alli tinha, ſeriam até ſinco mil lanças, a fora as gentes, que foram em Sanctarem, & por todolos outros lugares, que por elle eſtauam, & mais mil ginetes, de que era Capitaõ Dom Aluoro Pirez de Guzmaõ. & muytos boons beſteiros, que eram bem ſeis mil, ſegundo alguns eſcreuem; de gente de pé muy muyta ſem conto, afora a que veyo na frota, & doutras aſſaz, que lhe vinham cada dia por terra. Mandou ElRey apoſentar o arrayal apar de hum Moſteiro de Dònas, que chamauam *Sanctos*, da Ordem de Sanctiago, que he arredado da Cidade pouco mais de dous tiros de béſta, & alli fizeram logo pera ElRey huma alta caſa ſobradada feita ſobre quatro traues groſſas, cercada de parede de pedra ſeca, e acer-

deilá eram assentadas muytas, & nobres tendas assi DelRey, como dos senhores, que com elle vinham. E todalas outras gentes aposentaram suas tendas por Alcantara, & por Campolide, e por o comaro derrador, em grandes, & bem ornadas ruas, todas ensima embandeiradas, & pendoes em desuairadas armas, & sinaes de como cada hũ era acõpanhado de armas, cõq o arrayal resplãdecia. E da multidam das trombetas, & doutras cousas, que lhe dauão grande apostamento, naõ compre fazer rezoado. O arrayal era todo apalanquado da parte da Cidade de hum pequeno valle, onde estaua hum pouco; cá de nenhum outro lugar hauia receyo de receber nojo, pois que de todolas Villas darredor estauaõ por elle, & era arrendado, & muyto farto de mantimentos, q̃ lhe vinhaõ de Santarem em barcas por mar: & por terra grandes recouas de bestas, por cuja guarda mandaua ElRey estar sempre gentes no caminho em certos lugares, onde entendia, que podia receber dano. E naõ sòmente de Santarem, mas de todos os outro lugares, que por ElRey de Castella estauam, era o arrayal por seruiço de todo o que mister hatia. De Seuilha vinhão muytas barcas, & baixeis com mantimẽtos, & armas, & quaesquer outras cousas, que lhe necessarias eraõ. E naõ cuideis, que naõ sòmente, mas especiarias de muy esuayradas maneiras achareis em elle grande auondança a vender Alli hauia Fisico, & Solorgioens, & Boticairos. E naõ sòmente tinha prestes as cousas necessarias pera conteruar, & açucares, & conseruas lhe achareis em muyta fartura, & agoa rosada, & outras destiladas agoas, de que os viçosos homens vzauam no tempo da paz; todo alli se achaua por dinheiro, segundo cada hũ queria, & o azo destas, & outras muytas cousas serem achadas no arrayal em grande quantidade, foy a chegada de duas carracas, que eram de Leuante, carregadas pera Frandes, & o tempo contrairo as constrangeo por força, que pouzassem em Restello junto com a frota; & ElRey lhe mandou rogar que lhe prouguesse de descarregar alli, & vẽderem suas mercadorias no arrayal, & que fariam muyto seu proueito, & que lhe fariam em ello grande prazer, & seruiço, & lhe faria por ello merces. Ouueram os mercadores, & patroens seu acordo, & com aficados rogos DelRey, & receo, deshi mouidos

uidos por seu proueito, outorgaram o que lhe requereo; & descarregaram suas mercadorias, de que as gentes acharam grande a bastança; ca panos de sirgo, & de lam, de desuairadas maneiras achareis em certas tendas, como cada hum ouuesse mister. Rua de molheres mundanarias hauia no arrayal tamanha, como se acostumaua nas grandes Cidades. No arrayal hauia rua, em que se vendiam, & abundauam muytas armas; & outras de mercadores Christãos, & Iudeus, em que achauão panos, & solias; & outras muytas cousas a vender. E ahi hauia rua de cambadores, em que hauia compra, & vendas de moedas douro, & prata, & doutras maneiras em grande auondamento. *E* muytas outras cousas, que dizer nam curamos, achareis em ella a vender. Sòmẽtes de calçadura nunca foy bem abastado. Era muyto manteudo em justiça, de guisa que nenhum homem leixaua de dormir, supposto que muytos dinheiros tiuesse consigo; nem se faziaõ em elle outros enojos, porque os homẽs acostumauão hauer pena. Por guarda do arrayal leixauão a ordenança denoite, & estauaõ em certos lugares â vista da Cidade alguns de caualo, que nenhum nam podesse sahir della, que logo nam fossem vistos. No mar acerqua de Almada, jazião sempre duas galès prestes, pera nam vir à Cidade mantimento pelo rio, nem gentes pera sua defensaõ. E fora das naos jaziam ao longo da Cidade, de Cataquefaràs até á porta da Cruz todas em ordenança huma ante outra, de hũa à outra hauia deitado hum grosso cabre, por tal, que aindaque alguma barca, ou batel quizesse passar dálem com gentes, ou mantimentos, que o nam podessem fazer por alli, por azo do embargo de taes cabres. E assi tinha ElRey seu cerco por mar, & por terra, que bem mostraua aos que o vissem, que seu grande, & seu nobre poder abastante era pera esta, & mayor cõquista. E porque os senhores, & fidalgos, que hi eram com elle, viam da sua parte tantas ajudas assi dos lugares, que porsy tinhão como das gentes, & mantimentos, que lhe cada dia vinham: & estas cousas muyto por contrairo ao Mestre, & aos lugares, que por elle tomaram voz: alguns delles falando em ello, disseraõ hum dia a Fernam Daluerez. *Vós, que sois homem, que vistes muytas cousas de guerra semelhãtes a estas assi em França em cõpanhia*

panhia DelRey Dom Anrique, como em outros logares, adonde vos achastes em feitos darmas, pareceuos a vòs, que o Mestre em Lisboa pode leuar adiante esta tençam, que tomaram em se defeder DelRey nosso senhor, & da mayor parte dos Portugueses, & ainda de gentes doutros Reynos, q̃ sam em sua ajuda, & seria mais, se elle quizesse? Senhores, disse elle eu vi jâ muytas cousas, porq̃ sam homem de muytos dias, vi grandes feitos começar com grande poderio, & muytos azos pera se acabarem, & nunca chegarão ao desejo daquelles, porque eram começados, & vi cometer muy pequenos feitos, sem nenhũa ázada rezam, que tiuesse pera se hauer de acabar, & pouco a pouco chegarão atê gram termo, que a nenhum nàm podia vir por pensamento. E assi digo desta demanda, que ElRey nosso senhor toma com o Mestre, que se lhe a ventura hũ dia der fauor, o Mestre, & a Cidade hirão por diante cõ o q̃ começado tẽ, e deste feito mais não entẽdo.

CAP. 116. *Porque guisa estaua a Cidade corregida pera se defẽder quando ElRey de Castella poz cerco sobre ella.*

NENHVM falamento deue mais vizinho ser deste capitulo, que haueis ouuido, q̃ poermos logo aqui breuemente de que guisa estaua a Cidade, jazendo ElRey de Castella sobre ella, & porque modo punham em sy guarda o Mestre, & as gentes, que dentro erão, por não receber dano de seus imigos, & o esforço, & fouteza, que contra elles mostrauão, em quanto esteue assi cercada. Onde sabey q̃ como o Mestre, & os da Cidade, souberão a vinda DelRey de Castella, & esperarão seu grande, & poderoso cerco, logo foy ordenado de recolherem pera a Cidade os mais mantimentos, q̃ hauer podesse, assi de paõ, & carnes, como quaesquer outras cousas, & hiaõse muytos às leziras em barcas, bateis, & depois q̃ Sãtarem esteue por Castella, & dahi traziaõ muitos gados mortos que salgauaõ, em tinas, & em outras muitas cousas, de que fizeraõ muito encalmamento, & colheraõse dẽtro à Cidade muitos lauradores cõ molheres, & filhos, & cousas, que tinhaõ, & outras pessoas daquella Comarca derrador, aquelles, a q̃ aprouge de o fazer: & delles passaraõ o Tejo com seus gados, & bestas, & com o que leuar podiaõ & se foraõ cõtra Setuuel, & Palmella, & outros ficaraõ nas Villas

las, que por Castella tomaram voz. Os muros todos da Cidade naõ hauiaõ mingoa de bom repairamento, & em setẽta & sete torres, que ella tem arredor dsy, foraõ feitos fortes com remanchoẽs de madeira, os quaes eraõ bem fornecidos de escudos, & lanças, & dardos, & bèstas de torno, & doutras maneiras cõ grande auondança de muitos uirotoens. Auia mais nestas torres muitas lanças de armas, & bacinetes & doutras armaduras, que reluziaõ tanto, que bem mostraua, cada huã torre porsy, que abastaria pera se defender. Em muitas dellas estauaõ tiros bem acõpanhados de pedras, & bãdeiras de Sam Iorge, & armas da Cidade, & do Reyno, & doutros alguns senhores, & Capitaẽs, que as punhaõ nas torres, que lhe eraõ encomendadas. Ordenou o Mestre, com as gentes da Cidade, que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos, & Cidadaõs, aos quaes dera certas quadrilhas de homẽs darmas, & bésteiros pera ajuda de cada hũ guardar bẽ a sua, & em cada huã quadrilha auia hum sino pera repicar, quando tal cousa viesse, & como cada hum ouuia o sino da sua quadrilha, logo todos direitamente corriaõ pera lá, por quanto, ás vezes, os q̃ tinhaõ carrego das torres, vinhaõ espaçar pela Cidade, & leixauaõ nas encomẽdadas a homens, de que muyto fiauaõ: outras vezes nam ficauaõ em ellas, senam as atalayas, mas, como dauam à campaam, logo os muros eram cheos, & muytas gentes fora. E nam sómente os que eram assinados em cada lugar pera defensam, mas ainda as outras gentes da Cidade, ouuindo repicar na Sé, & nas outras torres auiuauamse os coraçoens delles. E os Misteres, dando folgança a seus officios, todos com armas, logo juntamente corriam pera hu deziaõ, que os Castellãos mostrauam de virem, & alli vireis os muros cheos de gente com muitas trombetas, brádos, & apupos, esgremindo espadas, & lanças, & semelhantes armas, mostrando fouteza contra seus imigos. Nam curauam entam do dito que diz. *Que mais ajuda à Igreja ô Reyno com oraçoens, que os caualeiros com as armas.* Nam guardauam alli a decretal. *Ecclesiastici arma portantes:* Os quaes, segundo direito, nam curam tomar armas, postoque seja pera defensam da terra, mas clerigos, & frades, especialmente da Trindade, eram logo nos mu-

ros

ros com as milhores armas, que hauer podiam: ca huns denoite velauam ſuas torres, & os das quadrilhas roldauam todo o muro, & torres de huma quadrilha até a outra. E outras ſobre roldas andauam pelos muros, huns idos, & outros vindos. E naõ embargando todo eſto, o Meſtre, que ſobre todos tinha eſpecial cuidado da guarda, & gouernança da Cidade, dando aſeu corpo muy breue ſono, requeria, por muytas vezes de noite, os muros, & torres com tochas anteſy, bẽ acompanhado de muitos, que ſempre conſigo leuaua. Naõ hauia ahi nenhũs reueis dos que hauiaõ de velar, nem tal, a que eſqueceſe couſa, que lhe toſſe encomendada, mas todos muy preſtes a fazer oque lhe mandauaõ, de guiſa, que todo o bom regimento, que o Meſtre ordenaua, naõ mingoaua abondança de trigoſas execuçoẽs. De trinta, & oito portas, que há na Cidade, as doze eraõ todo o dia abertas, encomendadas a boons homẽs de armas, q̃ tinhaõ cuidado de as guardar, pellas quaes nenhũa peſſoa, que conhecida não foſſe naõ hauia de entrar, nem ſahir, ſem ſabendo primeiro certo, por que rezaõ hia, ou vinha, & alli atraueſſauaõ paos com tauoado pera dormir os que tal cuidado tinhaõ, por de noite ſerem delles acompanhados, & nenhum malicioſo ſer atreuido de cometer nenhum erro. Dalguãs portas tinhaõ certas peſſoas as chaues por rezaõ dos bateis, que ataes horas hiam, & vinhaõ dálem com trigo, & outros mãtimentos ſegundo lereis em ſeu lugar. E outras chaues apanhaua hum homem cada noite, de que o Meſtre muyto fiaua, vendo primeiro como as portas ficauaõ fechadas, & lhas leuauaõ todas ao Paço, donde pouſaua. Acerqua da porta de Santa Caterina da parte do arrayal, por onde mais coſtumauaõ ſahir a eſcaramuçar, eſtaua ſempre huã caſa com camas preſtes, & ouos, & eſtopas, & lençoes velhos pera romper, & ſolorgiaõ, & triaga, & outras neceſſarias couſas das eſcaramuças. Na ribeira hauia feitas duas grandes, & fortes eſtacadas de degraos, & valentes paos, que o Meſtre mandara fazer, anteque El-Rey de Caſtella vieſſe por defender o combate da Ribeira, & era des onde o mar mais longe eſprayaua atá junto da Cidade, & huma foy caminho de Sanctos a fundo, caminho da atalaya, & outra a aquella darte. A outra fizerão no outro cabo da Cidade.

de,junto com o muro dos fornos da cal, jũto com o Moesteiro de Santa Clara, as quaes eraõ de estacas dobradas assi bastas,porque nenhum de caualo podesse passar por ellas, & tambem poucos homens de pé, sem ptimeiro sobindo por sima da altura dos paos, que seria graue cousa de fazer, & antre as ordens das dobradas estacas, hauia espaço sem pedra deitada, em que hum batel podesse caber sem remos posto atrauez, se compriſſe de se alli acolherem. Nam leixauão os da Cidade, por serem assi cercados,de fazerem a barbacaam derrador do muro da parte do arrayal,da porta deSancta Catherina até a torre de Aluoro Paez, que seria dous tiros de bésta. E as moças,sem nenhum medo, apanhauam das pedras pela Cidade, & cantauão altas vozes, dizendo. *Esta es Lisboa prezada, miralda,y leixalda,si quisieredes carnero,qual dieran al Andero, si quisieredes cabrito,qual dieran al Arçobispo.* E outras rezoens semelhantes. E quando os imigos as queriaõ estoruar, erão postos em àquelle cuidado, que forão os filhos de Israel, quãdo ElRey Xerses,filho DelRey Dario, deu licẽça ao ProphetaNehemias,que refizesse os muros de Hierusalem, que guerreados pelos vizinhos derrador,que os não alçassem,cõ huma mão punhão huma pedra & com a outra tinhão a espada, pera se defender. E os Portugueses fazendo tal obra tinhão as armas junto comsigo, com que defendião dos imigos, quando se trabalhauão de os embargar,que o não fizessem. As outras cousas que pertenciam ao regimento da Cidade, todas erão postas em boa, & igual ordenança, & assi nam hauia nenhum, que contra outrem leuantasse arroido, nem lhes empẽcesse por talento dos excessos,mas todos vzauão de amigauel concordia, acompanhada do proueito commum. Oh que fermosa cousa era de ver em tão alto, & poderoso senhor, como era ElRey de Castella, com tanta multidão de gentes assi por mar, como por terra, postos em tam grande, & boa ordenança ter cercada tão nobre Cidade, & ella assi guarnecida de gentes, & darmas, com taes auizamentos por sua guarda, & defensam,em tanto,que dizem os que o virão, que tam fermoso cerco de Cidade nam era em memoria de homens,q̃ fosse visto de muy longos annos até aquelle tẽpo.

(.l.)

CAP.

CAP. 117. *Como foy tomado Ourem, & preso Diogo Lopez Pacheco, & dado por elle Iohaõ Ramirez de Arelhano.*

ESTANDO o Mestre assi desta guisa, aosonze dias domes de Julho, chegoulhe recado por certo recõtamẽto, que o Mestre de Christus Dom Lopo Dias de Sousa, naõ per força, mas por consentimento dalgũs moradores de Ourem, tomara a dita Villa, q̃ estaua por Castella, & mantinha sua voz, & a possuia sob o senhorio do Mestre, do qual lugar foram tomados, & prezos dous filhos do Conde Iohão Affonso Conde de Barcellos Irmaõ da Rainha Dona Lianor, & todos os homens darmas, que o dito Conde hi tinha pera guarda delle, & ao Mestre, & aos da Cidade prougue com estas nouas muyto, & logo acerca morreo de sua morte Dõ Aluoro Pirez de Castro Conde de Arrayolos, & soterraraõno no Moesteiro de Saõ Domingos. Em este comenos naõ foraõ muytos dias estando ainda a Villa de Almada pelo Mestre, a qual he em direito de Lisboa huma legoa, a trauez do *Rio*, da outra parte, chegou hi Diogo Lopez Pacheco, q̃ andaua em Castella, de que em alguns lugares he feito mençam, & elle, & tres seus filhos. s. Iohaõ Fernandez, que era lidimo, & Lopo Fernandez, & Fernaõ Lopez bastardos, & quizeraõ entrar na Villa, os do Concelho nam quizeraõ temendose delles, porq̃ vinha de Castella, & pouzou no arrabalde com outros Portugueses, que hi pouzauaõ, & trazia consigo atà trinta homẽs, dos quaes eraõ quatorze de cauallo. Ebuscando azo de sua vinda, dizem algũs em este passo, que depoisque a Rainha dona Beatriz reinou em Castella, que sempre elle teue sospeita, que naõ podia là elle bem viuer, & però que sospeitoso nunqua he seguro, receandose elle da Rainha, que lhe teria odio, como lho tinha ElRey Dom Fernando seu padre, por azo da vinda delRey Dõ Anrique que viera sobre Lisboa, & a desl truiçaõ, que em ella fizera, o qual affirmauão que fora por seu azo delle, pois que delle este receo, & sospeita tiuesse, naõ podia alfazer nem lhe compria andar mais mundo do que já andara, ca era homem de oitenta annos, & quãdo ouuio dizer que o Mestre tomara carrego de Regedor dos Reynos de Portugal, & do Algarue, determinou de se partir de Castella

Castella, & se lançar com o Mestre em Lisboa; & por mais segurança de sua vida, & com tal entençaõ, se veo à Almada. Vendo que passar naõ podia por azo da trota, chegou, & mandou dizer aos de Almada, que lhe dessem a villa, & que fossem seus, que lhes faria porello merces. Os do lugar responderaõ antre outras rezoes, que elles eraõ Portuguesez, & naõ entendiaõ fazer mudança; mas como Lisboa fizesse, que assi fariaõ elles. Estando desta guisa, a cabo de tres, ou quatro dias, que Diogo Lopez chegou, sabendo ElRey parte de sua vinda, mandou de noite, encubertamente, passar em galès, & bateis, & naos muitas gentes, & besteiros, & caballos, & duas galès dellas foraõ à Marqueira, que he hum porto a cerca da villa, & estiueraõ quedas. Duas, ou tres gales passaraõ toda a noite aquelles, que ElRey mandou, e foraõ aportar a o Cabo de Martim Affonso assima da motela da Ribeira. Quando foy menhaam a gente dos Castellaõs se foy à estrada, que vem de Coina pera o lugar, & as escuitas, q̃ tinha a villa, foraõlhe dar nouas de sua vinda delles. Amenhaam era muito neuosa, & sahiram homẽs de cauallo, & de pé, & Diogo Lopez, & seus filhos cõ elles & erão na villa, por boõs, & comunaes atè oitẽta de caualo, gente de pè, & os bèsteiros quatrocẽtos, & sincoenta. Os Castellaõs seriaõ quatrocentos de caualo, & muitos bésteiros, & piaẽs, e ao topar, que fizerão hũs com outros cahirão dos imigos antre de pé, & de cauallo quorenta, & dos Portugeſez sete. Hũa cilada, que os Castellaõs tinhão antre a Villa, & aonde aportarão, sobreueyo dar em elles, & morrendo de huma parte, & da outra, foy preso Diogo Lopez, & fugirão os filhos ensima de seus caualos pera hum Castello, que se chama Cezimbra, que saõ dahi tres legoas, que mantinha voz do Mestre, & foy mais preso Affonso Gallo Recebedor da Villa, & outros com elles, & delles fugirão pera Cezimbra. Os Castellaõs, que erão muytos, combaterão logo Almada, & não lhe podẽdo então fazer couſa, que muyto dano lhe fizẽsse, pozerão cerco sobre ella de soçego, desentam a tiuerão cercada. Diogo Lopez foy trazido a ElRey de Castella, & tinhao preso no arrayal, auendo delle muy gram queixume. O Mestre vendo como Diogo Lopez se partira de Castella, com seus filhos, & por defen-

fensaõ do Reyno fora prezo, da quella guisa, ordenou logo de o liurar da prizão, & comprou Iohão Ramirez de Arelhano a Perim Gascom, & a Diogo Esteues, cujo prisioneiro era, pera o dar por Diogo Lopez. Deste caimbo não prazia a muitos desuiando o Mestre, q̃o não fizesse, dizendolhe, que Diogo Lopez era já homem velho, & mais não tal, de que sepodesse prestar em feito de guerra, & que Iohaõ Ramirez era boom homem darmas & assi o mostrara quando fora prezo; & pois que era pessoa, que lhe podia empécer, que tal feita não era igual, nẽ se podia fazer por nenhũa guisa. Certamente assi era, como se dezia, ca Iohão Ramirez era muy bom, & ardido caualeiro, & amauão ElRey de Castella muyto, por que o criara, & por estremado homem de armas, & era filho de Madama Venezeana, de que ElRey muito fiaua, & era sua ama. O Mestre não curou de quantos lhe contradezião, mas teue por bem de o dar por elle, vzando emtal feito de virtuosa vontade, com direito conhecimento, & assi foy dado Iohão Ramirez por Diogo Lopez, o q̃ o Mestre logo fez de seu conselho, & lhe poz por mez quinhentas liuras de mãtimẽto.

CAP. 118. *Dos Capitães, que ẽtrarão com o Arcebispo a correr em Portugal, & como foy preso Fernando Affonso de Camora.*

VVIDO tendes ja vay em dous meses como treze gales partirão de Lisboa, & se forão à Cidade do Porto pera todas juntamente com as naos, & galés desse lugar virẽ dar batalha à frota DelRey de Castella, depois que jouuesse sobre a Cidade. Pera milhor vermos todos que se fez depois que ahi chegaraõ, leamos primeiro tres capitulos seguintes do que aueyo ante sua chegada. Onde sabey, que tendo cercada ElRey de Castella Lisboa, como dissemos, & estando por elle antre Douro, & Minho os lugares, que já saõ ditos. Ajuntouse Dom Iohaõ Manrique Arcebispo de Sanctiago com muyta gente de Castellaõs pera correr, & destruir toda aquella Comarca, que voz tiuesse pelo Mestre. E os Capitães Portugueses, que com elle vinhaõ eraõ estes. s. Lopo Gomez de Lira, & Iohaõ Rodriguez Portocarreiro, & Fernaõ Gomez da Sylua, & Ayres Gomes o velho, & Martim Gonçaluez de Ataide

&

& Vaſco Gyl de Fontella, & Gõçalo Pirez Coelho, & os Capitaens Gallegos, eram Fernam Pirez de Andrade, & Bernardeannes de Sanctiago, & Garcia Rodriguez, & Affonſo do Valle Carca, & Martim Sãches de Marinha, & Pedraluerez, & Payo Sordea, e Iohão Rodriguez de Biedma, & Gonçalo Marinho, & outros. Traziam todos atè ſetecentas lanças, & dous mil homens de pé, todos gente eſcolhida, & bẽ poſtos pera pelejar. Andauamais naquella Comarca hum caualeiro Caſtellaõ, a que chamauam Fernamdafonſo de Camora, homẽ bem fidalgo acompanhado de oitenta de caualo muy boons eſcudeiros, & aſſi Caſtellãos, como doutra gente, mas eſtes andauam apartados porſy, & com arte, & por eſta guiſa. Quando chegaua aos lugares, que eſtauaõ por Portugal dezia, que era da tençam do Meſtre, & quando chegaua aos que eſtauam por Caſtella, em poucas palauras lhe fazia entender que era da ſua parte, & aſſi andaua com aquelles ſeus comendo, & gaſtando a terra, ſem lhe contradizendo nenhuma peſſoa, & com eſte fingimento chegou a Sento Tirſo de riba Daue, com ſua gente, & lançaramſe ahi a folgar muy ſeguro de nenhum contrairo, que lhe auir podeſſe, ſem poendo ſy alguma guarda. O Conde Dom Pedro, que eſtaua no Porto, como já he dito, como eſto ouuio, diſſe aos da Cidade como aquelle Fernandafonſo andaua com eſta falſura. Como elles ouuiram dizer de tal arte, como aquelle Fernandafonſo vzaua, roubando, & gaſtando a terra, treſmontando ſobre elle huma noite, & chegaram demadrugada ao lugar, onde jazia com todolos ſeus deſegurado, & acharamnos ainda nas camas, & però que elle trabalhaſſe de ſe defender quanto pode, & aſſi alguns dos ſeus nam lhe preſtou nada, mas antes ouue hi feridos de huma parte, & da outra, & mortos da ſua gente, & outros fugidos cada hum, como milhor pode, & prenderam a elle, & a Affonſo de Valença ſeu filho, & mataram hum ſeu ſobrinho, tomaramlhe os caualos, & mulas, & todolas outras couſas, que lhe acharam, & trouxeram todos à Cidade, & jouue hi prezo elle, & o filho atè que a frota depois foy pera Liſboa, & foi tomado em ella dos Caſtellãos, como adiante ouureis.

(?)

O CAP.

CAP. 119. *Do conselho, que o Arcebispo ouue com os seus, & como foy cercar o Porto.*

ESTANDO o Arcebispo em Braga com as gentes, que jâ nomeamos, estando pela terra a roubar, & fazer todo o mal, q̃ podiaõ, ouueram conselho em q̃ maneira fariaõ guerra o mais a seu saluo, q̃ podesse, & com mais sua hõra. E dizẽ algũs, q̃ differão antresy. *Vamos ao Porto, q̃ sam dahi a oito legoas, & cerquemolo por hũa parte, & nosso arrayal seja posto á porta do Oliual, & em breues dias o tomaremos, porq̃ na Cidade nam ha quem peleje com nosco, nem ha poder de se defender, que muyto seja.* O Arcebispo, quando esto ouuio, respondeo entonces. *Eu nam sam em este conselho por duas rezoens: a hũa por a Cidade ser de muyta gente, que a poderam muy bem defender: a outra, porque he porto de mar, que por muytas vezes pode auer acorrimento, quando tal cousa auiesse; mas pareceme, que serà bem nam nos chegarmos muyto a elles, mas andarmos a geito duas legoas derrador, & tirarlheemos os mantimentos. E porque elles nam nos saõ encaualgados, naõ nos podẽ vir fazer nojo, & em tãto hirsehaõ gastando antresy, sem outro nenhũ nosso dano, ca pois a mayor parte estâ por Castella; o reuelar de Lisboa, & deste lugar; & dalgũs outros, q̃ tẽ voz do Mestre, nam pode ser q̃ muyto dure, ca elles veraõ, q̃ fazẽ vaidade em defender porfiosamente sua tẽçaõ, & faraõ todo q̃ lhes ElRey nosso senhor, & a Rainha sua molher mãdarẽ, & digouos, q̃ este seria meu conselho.* No qual se outorgauaõ todolos Castellãos, q̃ hi eraõ; mas os Portugueses desnaturados, q̃ hi eram especialmente, Lopo Gomez de Lira, com seus parentes, & amigos, disseraõ ao Arcebispo. *Senhor, vamos adiante todauia, ca naõ hauemos, porq̃ hauer receo dos q̃ moraõ na Cidade, sam gẽtes se m conselho, & naõ ha em elles nenhũ bõ regimẽto: porq̃ os coraçõẽs dos muitos saõ desuairados, nam sõmẽte por inueja, mas ainda por sospeição, a qual cousa, ainda antre elles, pode ser muito mais, quando nos virem juntos consigo, que se volueraõ todos sem gouernança, & nacerá antre elles tal desacordo, que serâ a nos muy grande honra, & façanha; assi que de huma guisa, ou de outra, nam podemos desto alcançar, senam bem. E porem nam o ponhamos mais em vagar, mas cheguemos alà em toda a guisa, & que mais*

nam

nam seja, vamos se quer fazer mostrança, & prouar que querem fazer. O conselho era muy boom, se os da Cidade foraõ em desacordo, como elles deziam, porque naõ ha morte mais chea de peçonha, nem que assi destrua as Cidades, & que as faça mais azinha perder, que discordia antre os moradores dellas. Mas esto era muyto pelo contrairo, ca as gentes da Cidade eraõ todas de hum acordo, por saude & defensaõ della, & todos tinham hum coraçam; & deshi, como se mostrou depois ao diante. Entam o Arcebispo, vendose aficado destas, & outras rezoens, ouue de consentir ao acordo, q̃ os outros deziam, & começaraõ de andar seu caminho pela estrada de Guimaraens, & chegaram ao meio dia acerca do Porto, & pouzaram seu arrayal aonde chamão Sam Romaõ, que he meia legoa do lugar, & alli comeram, & folgaram.

CAP. 120. *Como os do Porto sahiraõ fora pera pelejarem com os Gallegos.*

QVANDO os da Cidade souberam como os Castellãos eram em aquelle lugar, & a võtade, cõq̃ vinhão, ouueraõ todos seu acordo, dizendo huns aos outros. *Estas gẽtes, q̃ alli jazem, sam muytas, & boas, & vem com tençaõ de cercar esta Cidade, & a tomar se poderem, pois nos cercados delles, ou nos leixaremos aqui jazer encarrados, comogados em curral, & nam sahiremos fora, ou lhe poeremos a praça. Senão sahirmos fora, esto serà a nòs muy grande mingoa, & prazmo, pois compre todauia de sahirmos, cade outra guisa, que vergonha seria a nos auermos a Cidade cercada de nossos imigos, q̃ querẽ de nos hauer honra, & prouar pera quanto somos, & nos naõ curarmos dello, & estarmos oulhando do muro, como molheres. E porem nam deuemos consentir com elles, nem leuem de nos tal louuor, & a vergonha fique comnosco, leixandoos chegar aqui á sua vontade. Mas sayamos a elles, & em toda a guisa, & nenhum nam haja receo, ca Deos serà em nossa ajuda.* E auido este acordo, leyxando conselho, trabalharam logo de se armar todos à maior pressa, que poderão, em tanto que do maior, atè o mais pequeno, nam ficou nenhum, que se nam armasse pera sahir fora, como fossem prestes todos. Dos quaes era o principal o Conde Dom Pedro já no

meado, com quinze escudeiros bem corregidos, & outro fidalgo chamado Martim Correa, & outros boons escudeiros com suas gentes, de guisa que eram por todos com os da Cidade, até setecentos homens de pé. Era mais Gonçalo Pirez Escriuaõ da Chancellaria, padre que fora de Luis Gonçaluez, & de Pero Gonçaluez, que chamauão Malafaya, de que adiante se fará mençam; oque o Mestre ante desto hauia mandado em huma barca com Iohaõ Ramalho, & Nicolao Domingues, homens honrados da dita Cidade, pera encaminhar cousas de seu seruiço. E este não quedaua dizendo a huns, & a outros. *Amigos, sayamos a elles, q̃ nam sam pera nos nada, nos somos Portugueses direitos, & por defender nossa terra, & Reyno, naõ deuemos tomar nenhum receo, mas todauia pelejar com elles, & defendelo atà a morte, anteque nos sogigarem contra rezam, & direito.* E elles todos prestes com grãde esforço, & vontade, sahiram todos fora, & foraõse apousentar ao chafariz de Mija Velhas, que he pequeno espaço da Cidade, ca porque nam eram encaualgados, & era jà sobre a tarde, naõ ouzarão de hir mais longe, & atenderaõnos alli, & quando virão que nam pareciam, tornaraõse pera a Cidade, & naõ se fez mais por estonce.

CAP. 121. *Como as galés de Lisboa chegaram ao Porto, & se ajuntarão as gentes dellas com as da Villa pera pelejar com os Gallegos.*

No outro dia de madrugada, armaramse todos, & sahiram pela porta do oliual, porque ouuiraõ dizer, que daquella parte querião vir aquellas gentes, & foramnos aguardar por grande espaço, & longe da Cidade. E elles estando alli, achegaram ãs galés, que dissemos que partiram de Lisboa, todas apauezadas, & bem corregidas, com grande alegria, dando às trombetas, dizendo suas saudaçoens, como he costume de mareantes. Pouzarão ante a Cidade: os que ficaram em ella, & não sahiaõ fora, quando viraõ as galés forão mui ledos cõ ellas mandaramno logo dizer aos outros. Os das galès isso mesmo, como chegarão, & lhe disseraõ como os da Cidade sahirão pera pelejar cõ aquellas gentes, sem outra tardança, nẽ mais espaço, poseraõ logo as pranchas fora, e saltarão todos em terra, s. Gonçalo Rodri-

Rodriguez de Souſa, & Ruy Pereira, & Affonſo furtado, & Gonçalo Vazques filho de Vaſco Martins de Mello, & ſeu Irmão. & Antão Vazques, & Ayres Vazques Daluallade, & outros fidalgos, & patroens de galés, & com elles atá trezẽtas lanças, & quinhẽtos bẽſteiros, & tres mil, e quinhẽtos galeotes. Aſſi erão, por todos, com os da Cidade, q̃ já ditos ſaõ, mil homẽs darmas, & oitocentos bẽſteiros, & ſinco mil homẽs de pé, todos cõ grande võtade de pelejar com a bandeira do Meſtre tẽdida ante elles. Quãdo os Gallegos ouuirão dizer, q̃ as galès de Portugal chegarão, e como as gentes dellas erão juntas com as da Cidade, muito lhe pezou de taes nouas, de guiſa que de todo perderão a confiança, em que ante confiauão; peró por que erão certos, que os do lugar nam eram encaualgados, leixaraõſe eſtar de ſocego. Os Portugueſes, quando eſto ſouberaõ, oueram acordo antreſy dizendo. *Pois que aſsi he, que elles nam querem vir a nós, vamos nos alá buſcalos onde eſtão; & nenhum ſe enfade em quãto andar podemos, ca doutra guiſa faram de nós eſcarnẽo.* Entaõ moueram todos o caminho de Paparanhas cõ ſuas bandeiras diante, & hũa do Meſtre, que todos hauião de guardar, & a outra dos ſinaes da Cidade. E muytos dosque os viraõ aſſi, chorauam de prazer, dizendo. *Senhor Rey todo poderoſo, ſẽ do noſſo bando, & ajudaos contra ſeus imigos.* E elles hindo aſſi regidos em batalha com grãde vontade de pelejar, viraõ quatro ginetes da parte dos Gallegos, como os viram hir daquella guiſa deram logo volta, & diſſeram ao Arcebiſpo, & aos outros, que já pareciõ no viſo de Paparanhas. Entam caualgaraõ todos azinha, & paſſaram a agoa de Leça, & pozeramſe aſſima da ponte do Rio em hum alto lugar forte, de geito que nenhum lhe podia fazer nojo, nem paſſar por aquella ponte ſem muyto, & grãde ſeu dano. E os Portugueſes quando o viraõ daquella maneira, acendiamſe em mais vontade de pelejar, em buſcando lugar azado, por onde paſſaſſem a ſeu ſaluo pera os fazerem decer daquelle monte; nunca o poderaõ achar, & porque ſe chegaua a noite, aos marmoeiraes de Leça & dahi mandaraõ ſeu recado ao Arcebiſpo per hum frade da Ordem de S Frãciſco, q̃ chamauão Frey Vaſco Patinho, oqual chegou a elle, & diſſe. *Señor, aquelles Capitães, q̃ alli eſtão com aquellas*

gentes vos enuiàm dizer,& rogar que vos praza de vos arredardes daqui;que elles possam passar pela põte desembargadamẽte,& vos ponhaes em lugar onde vos elles possam poer batalha, & pelejar com vosco. Amigo,disse o Arcebispo, *estas gentes estão aqui juntas, como vosvedes,se elles anôs quizerẽvir,aqui nos acharão prestes pera pelejar,mas doutra guisa nam nos mudaremos de como estamos, senam quando virmos que nos cõpre,& esta reposta lhe leuay*. Tornouse o frade com este recado, deshi cerrouse a noite, & pozeraõ suasescuitas pelos caminhos, que nam recebessem dano de alguma parte. E fizeram muytas fogueiras no arrayal, & os demais vigiaram toda a noite, ca nam eram mais longe, que à tiro de virotom, & os Castellaõs nam quedaram despachar ao arrayal, & mandar suas azemalas contra Braga.

CAP. 122. *Como os Portugueses escaramuçaram com os Gallegos,& se foy o Arcebispo.*

HOYSE gastando a noite azinha, ca era no mes de Mayo, na alua da manhaã tanto que aluoreceo, os Gallegos, que estauaõ já todos prestes, assi os de caualo, como os de pé,com sua bandeira tendida dos sinaes deSanctiago. Os Portugueses, quando esto virão,buscaraõ lugar por onde passassem, & naõ o poderaõ achar,& bẽ mostrauaõ à de fora a grande vontade,q̃ dentro no coraçaõ tinhaõ. Ouueramse de meter por hũa brenha muito espessa, però deitarão em ella muitos paos, & muytos ramos de aruores,& começaraõ por alli de passar o melhor,que poderaõ até trezentos antre bésteiros, & de pè, &alguns de caualo,e cõ elles hũ Cidadaõ do Porto, que os caudilhaua,q̃ chamauam IohãoRamalho. Os Gallegos quando viram que elles passauaõ por lugar taõ mao,marauilharaõse,& disseraõ *Deixemos passar quantos poderẽ, & depois q̃ forẽ da parte dàquem de anteq̃ sejão acaudilhados, & regidos, como cõpre, daremos em elles rijamente de volta, & assi os desbarataremos*. Os Portugueses entenderaõ esto, & foraõse mais afundo buscar outro milhor lugar,peronde fossem todos juntos & anteque passassem osGallegos de caualo,& de pé todos em tropel,vieraõ dar muy rijamẽte naquelles poucos,q̃ já eraõ da parte dàlẽ. Os Portugueses por todo esto naõ

nam se arramarão, mas tiuerão-se todos juntos, & começarão de se ferir de vontade, mas os bésteiros magoauão muy mal os Gallegos de guisa, que cahirão logo mortos hum de caualo, & dous de pè, & afastaramse afora por força. Falou estonce o Arcebispo aos seus, & disse. *Amigos, parae mentes como estas gentes, vem a nòs assi como homens, que nam temem a morte; & certamẽte graue cousa seria, & nam me parece rezão auermonos de embrulhar com elles, ca elles trazem muytos bésteiros, porque ham de nos grande milhoria, & matando nos os caualos, poderiamos azinha ser vencidos, & porem leyxemolos, & vamonos a noſso saluo, ca ainda q̃ dous Reys viesse a hũ delles gente de treze galés, em ajuda lhe daria tanta auãtagem, & poeria em outra tam grande duuida, que bem cuidariam, que tal peleja era de escusar, mayormente que deue fazer a nos?* Então outorgarão todos em esto, que o Arcebispo dezia, mouerão & foramse logo, hindo alguns Portugueses a geito delles ladrãdoos. Deram, parte dos Gallegos, volta, foy morto hum Portuguez. Estonce aguardaram aquelle dia, & noite seguinte, pensando que seus imigos faziam aquello com arte, & que por ventura tornariam a elles; & elles, depois que souberam que eram muyto alongados, tornaramse pera a Cidade com muyto prazer.

CAP. 123. *Como Ruy Pereira disse sua mensagem aos do Porto, & a reposta, que lhe deram.*

DEPOIS que os dá Cidade foram socegados, & isso mesmo as gentes da frota, disse Ruy Pereira aos do lugar, que se ajuntassem todos, que lhes queria notificar algumas cousas, que lhe o Mestre mandaua dizer. E no outro dia, que era sesta feira, ajuntarãose todos pera ouuir sua embaixada, aqual por elle proposta, mostrando primeiro huma carta de crẽça, começou a dizer desta guisa. *Senhores, amigos, o Mestre noſſo Regedor, & Defensor vos enuia muyto saudar, & se encomenda em voſſas boas lealdades. E mãdauos dizer, que bem sabeis como este Reyno anda todo enuolto com desuairadas tençoens, & como os Castellãos o querẽ sogigar, & hauer per sy, & como elle por bem do Reyno, & sua defẽsão tomou voz de Regedor, & Defensor della, pois hi nãoha outro,*

que se ponha por elle ao defender, & emparar, & que elle se offerece por sua defensam, até poer o corpo, & a vida à morte. E que outrosy sabeis bem como ElRey de Castella está já muy acerca da Cidade com todas suas gentes, & poder pera hauer de cercar, & correr, & gastam toda aquella Comarca, que já tem por sua, aguardando, que como vier a frota, logo cerquẽ toda a Cidade por mar, & por terra. E porem vos enuia rogar, como a boons naturaes, & leaes Portugueses, & como aquelles que sempre mostraes lealdade à Casa de Portugal, q̃ vos praza destas naos, & barcas, q̃ aqui ha em esta Cidade, serem logo armadas, & isso mesmo façaes logo deitar as galès na agoa, & sejã logo esquipadas pera ella com estas outras, que hora cá vieram de Lisboa, hirem todos a pelejar cõ a frota de Castella, depois q̃ vier, & temos esperança em Deos, & na Virgem MARIA sua Madre, que nos ajudará contra elles, & nos dará della tal vencimento, q̃ será grande honra, & proueito & seruiço de nosso senhor o Meestre, & muyto boa nomeada de vôs outros todos. Alem desto vos enuia mais dizer, q̃ por a graõ necessidade, em q̃ elle he posto, & pera defensam destes Reynos, a que tanto faz mister, q̃ lhe acorraes cõ huma soma de dinheiros empresta dos, q̃ escuzar nam pode pera tam necessarias despezas como vedes, q̃ seguem, & que elle nam tem outras prendas, q̃ vos dar por tal emprestilho, senã a sy mesmo, se o Deos guardar de mal, o que prazerá a Deos, q̃ o guardará, & que elle vos promete, como filho DelRey, q̃ he, & por toda sua verdade, q̃ elle vos pague tudo muy bem, & pera esto eu trago aqui sua procuração, & poder abastante, como bẽ podeis ver pera obrigarme em seu nome, como a vós todos aprouguer. Respondeo estonces hum homẽ boom Cidadam do lugar, que chamauão Domingos Pirez das Eiras, que deraõ lugar os Cidadaõs, que falasse por elles, hauendo já a gente informaçaõ doque lhe hauia de ser proposto, & disse em esta guisa. *Ruy Pereira, vós dissestes muy bem vossa mensagẽ todo oque a vôs foi encomendado. Eu digo por mim, & por todo este pouo, q̃ aqui está, q̃ nós somos prestes com boa vontade de seguir o Meestre nosso senhor, & fazermos todo oque elle mandar por seu seruiço, & defensam do Reyno, q̃ já elle seria hum estranho, q̃ nòs nam conheceriamos, & quando se elle despozesse aos taes trabalhos, & perigos, por nos defender, & emparar*

parar, mayormente ser elle filho Del Rey Dom Pedro, como he, & nam termos outro, aque tenhamos mentes, senam a Deos, & a elle. Muy grande rezam he de vos fazermos qualquer cousa que sua merce for. Demais por defensam destes Reynos, de q̃ todos naturaes somos. E porem ouro, prata, dinheiros, todo quanto temos faremos prestes pera tal necessidade, q̃ senaõ pode despender em cousa mais guisada, q̃ por defender nossa terra, & por nunca sermos em poder de Castellãos, & todos seguirmos sua tenção, q̃ he muito aguisada, & nam ha em esta Cidade quem tenha o contrairo desto, & quando hi tal fosse achado, o que Deos nam mande, elle naõ haueria vida antre nos. E para esto as naos, barcas, galés, com todolas cousas, q̃ lhe fizerem mister, lhe offerecemos de muy boa vontade; farinhas, carnes, pescados, & vinhos, q̃ fizerem mister de muy boa vontade pera a frota, de todo haureis abastamento. E todolas gẽtes da Cidade, q̃ pera tal obra forem pertencentes, todos entrarãm em ella de muy boa vontade; & porẽm vos peço, pera esto requeredores qual vos quizerdes, & logo todo será feito, sem nenhũa mingoa, & mandai vossas cartas pelas Comarcas a quaesquer, que tẽ voz por Portugal, q̃ se venham à pressa pera hirem em esta frota. E certo he, q̃ todolos que amão hõra, & proueito do Reyno, que logo aqui serãm. E antre esses, aq̃ toda uia haueis de escreuer, he o Conde Dom Gonçalo, q̃ tem Coimbra & esto por tres rezoens: A primeira, a Cidade de Coimbra, q̃ poeremos em segurança, q̃ he lugar, de q̃ poderia vir gram torua a nossa demanda: A segunda, das gẽtes, q̃ tem consigo, q̃ nos serãm boa ajuda: A terceira, q̃ se elle vier pera vir em ella, nenhum dos outros nam haueram que dizer. Entam acordaram, que era bem de lhe enuiar recado por Dom Martim Gil Abbade de Paçò. Des hi escreueraõ suas cartas à outras pessoas pera essa Comarca, fazendo lhe saber sua tençam qual era, & que se lhe guisasse logo, & se viessem ao Porto, & que lhes dariaõ todalas cousas, que mister ouuessem, sem nenhuma duuida.

CAP. 124. *Do recado, que os do Porto enuiaram ao Conde D. Gonçalo, & da reposta, que a ello deu.*

ESTÒ assi acordado escreueram sua crẽça, & deraõna a Dõ Martim Gil Abbade de Paçò, q̃ depois foy

foy Bispo do Algarue, & elle chegou a Coimbra, onde o Conde estaua, & foy bem recebido delle, & porque era sua feitura, & por elle houuera a Abbadia, & perguntandolhe o Conde de praça, quem o deitara daquella parte? *Senhor*, disse elle, *oque me cá fez vir, he huma mensagem, que vos trago, daquelles homens boons do Porto*. Então se apartarão a departe, & lida a carta de crença: propoz Dom Abbade em esta guisa. *Senhor, aquelles homens boons da Cidade do Porto, & isso meesmo o Capitão da frota, que hora hi chegou de Lisboa, com todolas outras gentes, que em ella sam, se enuião muyto saudar a vossa merce, dizendo: que bem sabeis como este Reyno, por nossos peccados, he hora duuidoso em duas partes, de guisa, que a vinda do Antechristo nam podia em elle fazer mayor diuisão, doque hora esta terra está, & os Castellãos sam todos contra Portugal, & a mayor parte dos Portugueses, segundo bem vedes. Però não embargando esto, o Meestre, com toda a vontade, se poem de todo a defendelo, nem ha outrem, q̃ o queira emparar, & elle está em Lisboa prestes pera ser cercado, como já ouuirieis dizer, & ElRey de Castella vay sobre a Cidade, com todo seu poder, & frota. E o Meestre receando muyto o grande nojo, q̃ receber pode da frota de Castella, tendolhe tomado o Rio, & não hauer os mantimẽtos, & ajuda, q̃ auer poderia de alguns lugares de Alẽtejo, por azo de ser cercado por mar, mandou certas galés, q̃ hi são, & todas armadas; segundo lhe comprirem, hirem pelejar com a frota de Castella, por desempachar o Rio, & ficar a Cidade desabafada daquella parte, & pera isto armasse a frota das naos, & galés, quanto mais podesse, & escreueram já muytos sobre ello, q̃ se venham à presa pera entrar em ella. E porq̃ a frota compre dehir bem armada, & posta sob gouernança de hum bom Capitam, & em esta Comarca nam ha nenhum semelhante a vós, acordàram, q̃ era bem de vos escreuer sobre ello: porem vos enuião pedir por merce, q̃ os ajudeis em esta demanda, & vos praza de tomardes encarrego da frota, & serdes senhor, & Capitam della, & elles vos querẽ obedecer todos, & hir sob vossa guarda, & capitania, & vos dar compridamente todalas cousas, q̃ mister ouuerdes, vós, & os vossos: pelá qual rezam se vossa merce for de o fazer, me parece q̃ alcançareis grande honra, & mostrareis em ello vossa bondade, & todos vos teram em grande*

de bem ajudardes a defender terra, de que sois natural, segũdo meu entendimento abrange, & destes feitos naõ entendo outra cousa. Despois desto, & outras rezões, que Dõ Abbade ao Conde disse, a primeira cousa, que lhe respondeo foi esta; dizendo, que porque nam hia Gonçalo de Sousa por Capitaõ da frota, assi como de Lisboa viera? *Senhor assi hé, que Gonçalo Rodrigues, como chegou ao Porto, logo a poucos dias partio da hy, & dizem que vos veio falar, & des hy a Gonçalo Gomez da Silua, & ao Mestre seu sobrinho; & depois a Gonçalo Vasquez de Azeuedo, da qual cousa foraõ todos mal contentes; dizendo que naõ andaua lealmente no seruiço do Mestre, mas que queria vender as galés, & frota a ElRey de Castella;* Por a qual rezaõ foy graõ aluoroço na Cidade, & elle hase feteudo, & por isto naõ fiaõ delle cousa, que seja, nem hade hir por Capitaõ, nem outro titulo de hõta. O Cõde ouuindo aqueste, depois de graõ rezoado, que antre elles ouue, finalmente lhe deu em reposta que se o Mestre lhe quizesse dar as terras, que foraõ da Rainha Dona Lianor sua Irmam, que elle tomaria sua voz, & o seruiria na frota, e em toda acousa, que em seu seruiço fosse. Tornouse entaõ o Abbade com este recado, & visto por Ruy Pereira, & por Gonçalo Pirez, & outros, que do seruiço do Mestre tinhaõ gram cargo, escreueraõlhe logo sobreello. O Mestre, quando esto ouuio, naõ soube reposta, que a ello desse, por quãto dellas tinha feito merce a Nuno Aluarez, que lhas ante pedira, però por auer o Conde a seu seruiço, fez saber a Nuno Aluarez oque lhe escreueraõ, & estes feitos todos, em que termo estauaõ. Nuno Aluarez, q̃ todo seu desejo era encaminhar o seruiço do Mestre, porõde quer que podesse, quando vio sua carta, mandou logo de Euora, donde entonce estaua, hum seueseudeiro com reposta ao Mestre, dizendo, que nam embargando, q̃ lhas elle prometidas tiuesse; & feito dellas merce primeiro, ca a elle prazia muyto, que os desse ao Conde Dom Gonçalo, peça o hauer pera seu seruiço; & que nam dezia elle aquellas terras, mas todo o mais, quanto elle tinha, que o desse a quẽ sua merce fosse, por encaminhar seu seruiço, ca elle esperaua no Senhor Deos, que lhe acrecentaria tanto sua honra, & estado, que elle lhe agalardoaria dez por esto, milhor doque elle sabe ria pedir. O Mestre, quando esta

repõ-

reposta vio, teuelho por grande bondade, & des hi por azar seu seruiço, que lhe em tal sezam cõpria; escreueo logo à pressa ao Conde, prometendolhe as terras que de sua Irmaam ficaram, & mais lhe mandou huma carta, que elle podesse tomar peras y, & pera os que com elle estauão, todolos direitos, & rendas, que o Mestre em Coimbra hauia de de hauer. E confirmou a seu filho Dom Martinho o lugar de Bouças, & de Lordelo, que dante tinha. E o Conde ficou logo por seu, & começou de se fazer prestes pera o seruir, & entrar na frota. Entam chegou Gonçalo Pirez, & pedio ao Conde, q̃ lhe mandasse dar biscouto; que estaua em Coimbra, & em Montemòr, & ao Conde prougue dello, & leuaram dahi muyto biscouto, & armas, de que corregeram dous barcis pera o Porto, & ao Cõde mandára o Mestre dar muytos dinheiros de graça, & peças de pano pera elle, & pera os seus; & desta guisa teue elle com o Mestre, & tomou sua voz.

CAP. 125. *Como as galés foram correr a costa de Galliza, & do que lhe aueyo em sua viagẽ.*

NO Porto estaua Dom Pedro Conde de Trastamasa, que se lançou em Coimbra, quãdo ElRey de Castella hi veo pera cobrar a Cidade segundo ante contamos, & dous seus Irmãos com elle; hum delles era Affonso Anriquez Caçador mor DelRey de Castella: E outro Affonso Anriquez mais moço, que foi filho de huã Iudia; & este se viera dizer a Lisboa ao Mestre em como estaua alli prestes pera seu seruiço; & ficou hi com elle: & todos tres eraõ filhos do Mestre de Santiago Dom Fadrique, filho que foy DelRey Dom Affonso, & de Lianor Nunez de Guzmaõ. O qual Dom Fadrique foy depois morto por ElRey Dom Pedro de Castella, segundo dissemos em seu lugar, se dello fois a cordado. Em este comenos o pouo da Cidade solto, & liure dos outros cuidados, naõ com pequenas, mas com grandes despezas, faziaõ carregar com triança quaesquer cousas, que conuinhaueis eraõ pera tamanho negocio, & seruiço do Mestre, sem o qual elles não crião o Reyno poder ser defeso: E trabalhando cada hum de poer em obra quanto sua boa vontade desejaua de fazer, ouuerão antresy conselho: Que pois as galés já erão armadas, & as gentes se vinhão ajuntando pera entrar nas naos, que fos-

foſſem, em tanto, correr a coſta de Galliza. E ordenado como ſe partiſſem, foy lhe dado mãtimento de certos dias, & hiaõ nas galés de Lisboa, por patroẽs, os que de lá vierão com ellas, ſaluo ſe era na galé Real, em que fora Gõçalo Rodriguez de Souſa, que em eſta hia o Conde Dom Pedro por Capitaõ, a que todos obedeceſem. E na galè, que chamauaõ Santa Anna, hia Gõçalo Vazques de Mello, & Vaſco Martins ſeu Irmaõ, que depois morreo na batalha, na Bẽauẽturada. E Affonſo Furtado na que chamauam Santa Clara. Eſteuam Vazques Felippe na que deziaõ Sam Iohãne. Lourenço Mendez Comendador em outra, que chamauaõ Sam Iorge. Micé Manoel filho de Lançarote Paſſanha Almirante, que foy morto em Beja, na q̃ chamauão Vitoria. Iohaõ Rodriguez Guaday, em Santa Maria de Cacella. Antaõ Vazques, & aſſi Gyl Eſteues Fariſeu, & Ayres Pirez de Camoẽs, & outros em galés aſſi do Porto, como de Lisboa, que mais naõ curamos de nomear. E correndo a coſta de Galliza chegaraõ primeiro a Bayona de Minhor, Caſtello franco & pequeno, & por lhe naõ queimarem a peſcaria lhe deraõ quatrocẽtos frãcos. Depois ſe foraõ a Angia, que he peſcaria ſem fortaleza, & queimaraõ ahi dous nauios, que eſtauaõ em eſtaleiro. E deshi partiraõ pera Cunha, & por lhe nam queimarem a peſcaria, lhe derão ſeiſcentos francos, & ficarão alli parte das galès, & foraõſe ſeis a Ferrol, & eſte foy todo queimado, que não ficou delle, ſenão a Igreja. Deshi chegarão a Neida, & foy preiteiada por quatrocentos francos. E depois tornarão eſtas ſeis galés, & partirão com as outras todas da Cunha, & foraõſe a Betanços, boa Villa aſſaz, por quãto ouuerão nouas, que eſtauão alli alguãs naos com artificios de combater a Villa, que hiam pera Lisboa, & acharam hi huã nao carregada de engenhos, que hia pera o arrayal, & pozeraõlhe o fogo. E queimaraõ outra nao noua de Pero Ferrenho de Minha. E tomaraõ huã galé, que chamauaõ a Volãda, junto cõ o muro da Villa, em que foraõ algũs feridos, & trouueraõna conſigo. Entaõ começarão a cõbater o lugar de guiſa, que cerraraõ com o muro, ca hião ahi muy valentes homẽs, & ardidos de coraçõo, aſſi como Iohão Rodriguez Guarda, & Antão Vazques, & outros fidalgos pera muyto, & eſtando em ponto de a tomar, & os da Villa

taõ

taõ aficados, que a começauão a deſemparar. O meſmo Conde Dom Pedro, que por Capitão hia, mandou dar ás trombetas brãdando que ſe afaſtaſſem a fora dizendo: que não era bem morrerem alli alguns por tomarem hum tal lugar, como aquelle, mas que ſe pretejaſſem que ſe ao outro dia lhe não vieſſe ſocorro, que lhe foſſe entregue, ſem outra contenda, & eſto fizerão os Portugueſes de muito màmente, tomando deſto muy boa ſoſpeita. E em eſſa noite veo Fernam Perez de Andrade com tanta gẽte, & ſe lançou no lugar, que foy eſcuſada a preitezia. Deſto foy muy prazmado o Conde dizẽdo, que porq̃ elle ſabia eſte acorro, que auia de vir aos da Villa, que por tanto lhe diſſera que não combateſſem mais, fazendolhe entender que mais ſeguro era de lhe dar eſpaço, que a tomarem por força. Andàrão eſtõce por aquella coſta tomando muito refreſco, fazendo todo o mal, & dano, que podião, de guiſa, que do percalço, que então trouuerão, foy pagado á gente ſoldo de tres meſes. E elles no Porto por lèdice de ſua vinda ordenarão hum torneo veſpora de S. Iohão, que era, em q̃ os moradores da quella Cidade coſtumauão fazer gram feſta. E o torneo foy de capellinhas com eſpadas brãcas, & muito cordorans, ſegundo vzança daquelle tempo. E deu Affonſo Anriquez Caçador mor ao ſeu Irmão o Conde por cajão huã cutilada na mão direita, de que depois foy aleijado, por cujo azo não veo na frota, quando partio do Porto pera Lisboa.

CAP. 126 *Como Nuno Aluarez ouuera de hir na frota, & porque rezam nam entrou nella.*

AS galès no Porto, como diſſemos, faziãoſe as naos preſtes quanto podiam por cedo virem a correr ao Meſtre, e à Cidade, que auia nouas que era muy mingoada de mantimentos, por azo da frota de Caſtella, que lhos embargaua a naõ poderem vir por mar, & em apoſtandoſe a frota doque lhe compria, nam embargando a grande trigança, paſſauaõ mais dias doque miſter hauião os que atendiam ſua ajuda, & accorro. O Meſtre vendo, que a frota tardaua, deshi a Cidade poſta em gaſto de mantimentos, & auendo grande fiuza noſeu mui gran de ſeruidor Nuno Aluarez Perei-

ra

ra, que o em ello bem ſeruia, eſcreueolhe trigoſamente a Euora onde eſtaua, que ajuntaſſe ſuas gentes, & ſe foſſe ao Porto embarcar na frota, & ſe vieſſe em ella pera pelejar com a de Caſtella que aſſi tinha a Cidade cercada. Nuno Aluarez como vio ſeu recado, ſoube como o Conde D. Gonçalo, & Ruy Pereira, & outros fidalgos, hauiam de vir na frota, & eſcreueolhes à preſſa, q̃ lhes aprougueſſe de o eſperar, ca mui cedo encaminharia pera hir ſer ſeu companheiro. E partio logo com os ſeus hum pouco de ouro, que o Meſtre lhe enuiára, aos quaes prougue muyto, quando Nuno Aluarez lhe diſſe, que o Meſtre lhe eſcreuera, que ſe foſſe ao Porto. O Conde, Ruy Pereira, & outros alguns, a que Nuno Aluarez eſcreueo, logo enuiaram ſeu recado com enueja, & muyta entençam, ſegundo ſe affirma & nam quiſeram aguardar; mas ordenáram de partir com a frota, como de certo partiram. Nuno Aluarez, ſem diſto ſaber parte, a gram trigança andou ſeu caminho leuando conſigo atà duzentas lanças, & quem menos eſcreue erra em ſeu eſcreuer, & quando chegou à terra, onde eſtaua o Meſtre de Chriſtus, comeo hi com elle hum dia, & o Meſtre lhe perguntou, que lhe parecia deſtes feitos? como ſe os ouueſſe por eſtranho, & nam pera vir a tal acabamento, como Nuno Aluarez, & outros cuidauam. E Nuno Aluarez lhe reſpondeo, q̃ a Deos graças, os começos lhe pareciam boons, & que eſperaua em elle, que a fim foſſe milhor. E aſſi ſe eſpedio do Meſtre, & leuou caminho de Coimbra. & quando ahi chegou ſoube como a frota era jà em Buarcos, & outra vez eſcreueo aos Capitaẽs della, q̃ lhe rogaua, que por ſeruiço do Meſtre aguardaſſem, e não partiſſem ſem elle, que logo em ponto lá ſeria. E elles, como viram ſeu recado, vzando ainda da primeira enueja, ordenaram de partir logo, & nam quizeram attender. Nuno Aluarez, como foy certo de ſua partida, pezoulhe muyto, & entendeo bem, q̃ ſe ſe alguns trigaram de partir mais cedo, doque deuiaõ, por elle nam hir com elles, que Deos nam lho acoimaſſe, & os guiaſſe em ſeu ſaluo, como elles deſejauam.

Aonde leixemos as naos, & galès andar pelo mar, em quanto fazem ſua viagem, & leuemos Nuno Aluarez à Alem Tejo, & como foy em Euora, donde partio: Entam tornaremos à contar da

frota

frota, como chegou a Lisboa, & do que lhe assi aueo.

CAP. 127. *Como Nuno Alua rez ordenou de partir de Coim bra, & do que lhe assi aueo*

NVNO Aluarez, pouzando assi em Coimbra, pouzaua hi estonce a Cõdesa mulher do Conde Dom Anrrique Manoel, que tinha Cyntra por ElRey de Castella, por odio, que auia a Nuno Aluarez, de quando fora correr o termo daquelle logar: deshi por ser muyto da parte da Rainha, & fazer seruiço a ElRey, ordenou de o prender, juntãdo secretamẽte muita gente dos escudeiros, & doutros homens, porquanto ella alli tinha assas de parentes, & amigos, & criados pera bem poder fazer tal obra. As gentes de Nuno Aluarez, ja como, & em que guisa desto souberaõ, começàrão de se auoluer juntandose pera hir ao Paço, onde a Condesa deziaõ que fazia seu ajuntamento, & em toda a guisa quizerão ordenar de ter com ella maneira. Nuno Aluarez, que disto não sabia parte, quando lho disseraõ, acodio muy á pressa aisso, & fez que se não fizesse nenhuã cousa do q̃ se ouuera de fazer, & assi guardou Deos Nuno Aluarez de prizaõ, & a Condesa degrão perigo, & em esto Nuno Aluarez, querendose partir pera donde viera, não tinha pera sy, nem pera os seus cousa, com que partisse, de guisa que alguns tirauão a penhado sobre as armas o que hauião de comer. Nuno Aluarez vendo nos seus esta mingoa, mandou vender quãta prata tinha, & partio o preço com elles pera se desempenharem, mas, com todo esto, não pode escusar que não fallasse aos homens boons de Coimbra rogandolhes que lhes acorressem com alguns dinheiros emprestados pera sua partida, & a elles a prougue de o fazer, & acorreramlhe com certos dinheiros, de que mandou dar a cada hum sete liuras daquella moeda pera despeza do caminho. E entaõ se partio, & foy primeiro falar a Gonçalo Mendez de Vascogoncellos, que tinha o Castello de Coimbra, & faloulhe acerca de hũ postigo da parte de fora, & Gõçalo Mendez, quando vio algũas gẽtes daquellas de Nuno Aluarez não corregidas, como elle cuidaua, marauilhouse, dizẽdo aos seus, depois q̃ se Nuno Aluarez partio, *Espantados saõ de tais homẽs, como estes poderem defender este*

Reyno

Reyno à ElRey de Castella, que
he hum tamanho senhor; saluo se-
Deos anda por Capitão delles. Dal-
i se foy Nuno Aluarez a Tho-
mar; & alli ouue seu conselho
de chegar a Torres noúas por fa-
ar a Gonçalo Vazques de Azeue-
do, q̃ era muyto seu amigo, & ti-
nha o lugar por ElRey de Castel-
a, se o poderia reduzir a seruiço
lo Mestre, & de feito foy à là, &
falou com elle nestes feitos, co-
mo elle milhor entendeo; & de-
ois de muytas rezoens, que am-
os ouueraõ; outra reposta não
ode hauer, saluo que não via ca-
minho, nẽ fundamento, como
s feitos do Mestre viessem a a-
quella fim, q̃ elle desejaua, dando
or isso a entender, não muyto
laro, però que se elle visse taes
onjeituras, em que se podesse de-
ender, que bem lhe prazia seruir
Mestre, & assi se espedio delle
Nuno Aluarez, & se tornou a
Thomar.

CAP. 128. *Como a Nuno Alua-*
rez lhe aueo com Dom Dauid
Algaduxe sobre dinheiros, que
lhe quizera dar.

SEGVNDO parece, por qualquer guisa que foy, Gonçalo Vazques de Azeuedo ouue de saber parte do que a Nuno Aluarez aueyo em Coimbra, & como andaua misterioso de dinheiro, escreueo à presença a ElRey de Castella, que era bem de o mandar conuidar com algum dinheiro; pera ver; & prouar que reposta achaua em elle, & se se demoueria por azo da mingoa, em que era posto, & que se ouuesse por sua parte, & nam sòmente tinha hum grande estorno arredado de seus feitos, mas ainda, muy azinha, cobraria todo o que desejaua auer. ElRey de Castella respondeo a isto, que lhe não parecia rezam, nem aguisado serlhe tal cousa cometida por sua parte, porque poderia depois ser, que nam se outorgando em ello, se gabaria andando, que o mandara rogar, & conuidar com peita, a qual cousa lhe todos contariam por mingoa, mas que lho enuiasse elle cometer por outra maneira, como de seu, & que se Nuno Aluarez demouesse a tomar alguma cousa; & sentisse em elle, que por lhe darem à sua vontade, se tornaria da sua parte; que entaõ por mingoa de cometer, nam falecesse nenhuma cousa, & que lhe fizesse logo saber. Gonçalo Vazques falou logo estonce com hũ ludeu, que chamauaõ Dom

Dauid Algaduxe Irmaõ da molher de Dom Iudà, Theſoureiro que foy DelRey Dom Fernando, & chegou a Nuno Aluarez a Thomar, onde eſtaua, & diſſe como lhe parecia, que elle andaua miſterioſo de dinheiro, & que algũs dinheiros elle tinha DelRey de Caſtella, ſe alguns a elle aproueſſe de tomar, que elle lhe accorreria com mil dobras por eſtonce, & que tempo vitia em alguma ſezaõ, que elle as ſeruiria a ElRey ſeu ſenhor. Nuno Aluarez vio as rezoens do Iudeu, entendeo bem eſte cometimento, & falou com alguns do ſeu conſelho, por ver o que, em tal caſo, lhe aconſelhauão. E taes hi oue, que lhe diſſerão, que lhes parecia que era muy bem, pois que lhos Deos trazia á mão, ſem ſeu requerimento, que os tomaſſe todauia, pois que os tanto hauia miſter pera ſua deſpeza. Nuno Aluarez diſſe, que lhe naõ parecia bem, nem aguiſado tomarem dinheiro de nenhuma peſſoa, ſaluo daquelles, a que entendeſem de ſeruir. E que pois elle andaua por ſeruiço do Meſtre, & defenſaõ dos Reynos de Portugal, & que doutro nenhum naõ deuia de tomar dinheiros: & que elles atê eſtonce andàram ſempre limpos, & ſem prazmo de nenhuma couſa, & que agora, tomando eſtes dinheiros, por fazer eſcarneo de cujos erão, que alguns poderiam ſer prazmados, dizendo, que jà tomarão DelRey de Caſtella dinheiros, & ouueram delle bem, & merces, a qual couſa, por ventura, poderia antre elles ſer deſacordo, & couſa ſoſpeitoſa; aſſim que os dinheiros nam foram tomàdos, però que o Iudeu muy aficadamente o conuidaſſe com elles.

CAP. 129. *Como Nuno Aluarez pelejou com alguns Caſtellãos, & os desbaratou.*

NVNO Aluarez ſe partio de Thomar, onde eſtaua, & ſe foy a Punhete pera encaminhar antre Tejo, & Odiana, que era a Comarca, donde elle tinha carrego. Alli ſoube, que certas gentes de Caſtellãos eſtauam no Cratto pera partir pera Sanctarem, & que de Sanctarem queriam hir outros pera Caſtella. E eſtas gentes hiam em guarda de grandes recouas, & roubos, que alguns Caſtellãos faziam no termo de Sanctarem, & por outros lugares, de roupas de cama, & veſtidos

ſtidos, & alfayas, & doutras couſas, que de preſtar entendião, E ouue conſelho de aguardar hũs com outros na eſtrada; por onde hauião de paſſar dous, ou tres dias, pera, com ajuda de Deos, pelejar com quaeſquer, que aconteceſe de vir, com entenção. Partio de Punhete, & chegou à eſtrada, per onde os Caſtellãos hauiaõ de paſſar de Sanctarem pera Caſtella, a huma pequena ribeira; onde chamam a Alpeteguam; & comeo acerca della, ſob huns freſcos freixos. Anteq̃ ſe aſſentaſſe a comer, mandou poer a tiro de béſta, & mais longe, ſuas atalayas, por nenhumas gentes poderem paſſar, de que elle parte nam ſoubeſſe, que elle hauia por coſtume de nunca ſe alojar de dia, que naõ tiueſſe atalayas, & denoite guardas; & eſcuitas ao longe, & ao perto. E tẽdo ſuas atalayas poſtas, & eſtando a comer aſſi elle, como as outras gentes, aqui vem huma das eſcuitas rijamente, & muy calado, & diſſe que pela eſtrada contra Sanctarem via grandes poòs, & que lhe parecia, que vinham alguns de caualo, & de pé. E com eſtas nouas Nuno Aluarez foy muy ledo; & deu logo de mão aos mantens, & mandou, que lhe ſellaſſem as beſtas muy ſem arroido, & aſſi o diſſeram a todos os ſeus, que ſe vieſſem logo pera elle manſamente, & elles fizeraõno aſſi, ca nam tinhaõ rezam de ſe deter, ca todos eſtauam armados ſõmente das cabeças, & as beſtas ſelladas, & preſtes pera o que aguardauão. Nuno Aluarez eſtaua deſuiado da eſtrada, por onde os Caſtellãos vinham. Antre elle, & a eſtrada hauia hum aleuantamento de charneca à guiſa de comiada, & daquella comiada, ſe fazia huma decida pera a eſtrada, & elle diſſe aos ſeus, que todos foſſem a pé calados atè o tezo da charneca, & elles fizeramno aſſi, & como foram enſima no tezo, mandou dar rijamente ás trombetas, & todos a tropel deram rijamente, á preſſa, a aquella eſtrada onde os Caſtellaõs vinham, os quaes nam eram mais que oito de caualo, & cem homens de pé, boons almogrates, todos com lanças, & adargas, & ſeus punhaes, & com elles alguns bèſteiros. Como os Caſtellaõs viram a Nuno Aluarez, deceramſe rijo com ſuas gentes, & foram trouados por mui pouco, porque logo ſe começaram a defender como boons homẽs, mas ſua defenſam nam preſtou nada, porque muy azinha foram deſ-

barattados, & antre mortos, & presos foram ahi pouco mais de oitenta, & alguns se esconderão pelos matos, & não poderão ser achados. E leuarão os de Nuno Aluarez muytas azemalas, & bestas, ouro, & prata, & dinheiros, & roupa de vestir, & outras cousas. Foraõse caminho de Euora, onde leyxaremos estar Nuno Aluarez por guarda de sua frontaria, & vejamos se chegou jà à frota de Castella, que partio do Porto pera Lisboa, & do que lhe aconteceo.

CAP. 130. *Do conselho que El-Rey de Castella ouue com os seus, em que guisa pelejaria com a frota de Portugal.*

ARMANDOSE a frota no Porto, & prestes pera partirse, como ouuistes, El-Rey de Castella trazia suas enculcas por o caminho de guisa, que cada dia sabia nouas doque se fazia naquella Cidade, & ante alguns dias, que a frota ouuesse de partir, soube certo o dia, que hauia de sahir de foz em fora. Mandou chamar Fernam Sanches de Toar, seu Almirante mòr, & Pero Afam de Ribera Capitam das naos & disselhe em esta guisa. *Fazey aqui vir de manhaam todos os Alcaydes das galès, & Mestres das naos, que quero comuosco, & com elles, falar algumas cousas, q̃ compre a meu seruiço.* E em outro dia fizeram elles como ElRey mandou, & trouueram logo consigo os Alcaydes das galés, & Mestres das naos, segundo lhe foram dados em rol, & foyse ElRey com elles dentro ao Moesteiro de Sanctos, & com elle alguns caualeiros. s. Pero Fernandez de Valhasco, & Fernaõdaluarez de Toledo, & o Conde de Mayorcas, & mandou ElRey às guardas, que cerrassem as portas, & fizessem todos afastar derrador longe do Moesteiro; por nenhum nam poder ouuir cousa do que se falasse. E assentousse ElRey nos degraos do Altar mòr, onde jà estaua corregido, como compria, & posto o liuro missal alli, & pouzados todos ante elle de huma parte, & da outra, disse entonces ElRey contra elles. *Eu vos fiz aqui chamar pera hum conselho, que comuosco quero hauer, mas anteque nenhuma cousa saibais doque vos quero dizer, vós me jurareis aos Sanctos Euangelhos, que do que quero*

quero agora aqui falar comuosco, nenhuma cousa ser descuberta, atà aquelle tempo, que for necessario de se fazer. E depois que todos juraram, enadeo elle mais, & disse. *Nam embargando o juramento, que jà todos fizestes, eu vos defendo sob pena de treiçam, que cousa alguma, do que se agora aqui falar, que vós a parente, nem amigo, nem a outra alguma pessoa, que seja, nam descubraes, nem deis a entender nenhuma cousa, saluo quando volo eu mandar, ou quando se houuer de poer em obra.* Elles disseram, que assi o fariam. *Ora sabey*, disse ElRey, *que a rezam he esta. Eu hey por nouas muy certas, que a frota de Portugal he já armada, & prestes pera partir tal dia de foz em fora, & penso que vem em ella Nuno Aluarez com muytas gentes de Alemtejo. Ora cumpre, que hajamos conselho, em que guisa poderemos milhor pelejar com ella a nosso saluo, se aqui dentro no rio, ou no mar de foz em fora: Pera esto Fernam Sanches com os Alcaydes, & vós, Perafam com estes Mestres das naos, apartaiuos cada hum a seu cabo, & eu com estes fidalgos auerey meu conselho, & onde os mais de vos accorrerem, aquella rezam tenhamos.* Entam se arredaram huns dos outros, cada hum à sua parte. E depois que ElRey ouue seu acordo com estes fidalgos, fez chamar os outros, & perguntou a Fernam Sanches, que era o que hauiam acordado? *Senhor*, disse o Almirante: *O que a mim, & a estes Alcaydes, sobre esta rezam, parece, he esto, que milhor seria pelejar com esta frota no mar de foz em fora, que aqui dentro no rio. A rezam porque, he esta, ou assi he, que a sua frota vem bem armada, ou nam: senam, jà vem vencida: se bem armada vem, nós iremos milhor, que elles; poernoshemos tras a Berlenga, & dahi iremos pelejar com ella, & entendemos, com a merce de Deos, & nossa boa ventura, de a vencermos, sem nos escapar nenhuma della. E se pelejarmos aqui no rio, ainda que com todos elles aferremos, podem-se hir alguns saindo: Demais, q̃ tem ante a Villa algũas naos, & barcas, q̃ podem bem armar, & em sua ajuda vir, & podernosham̃ fazer muito grãde estoruo, porẽ de nosso cõselho he de todauia pelejarmos cõ elles de fora. E vos, Perafá*, disse ElRey, *q̃ he o q̃ vos parece? Pareceme, senhor*, disse elle, *q̃ milhor he pelejar cõ a frota dentro aqui no rio, q̃ no mar de foz em fora, e esto por muitas rezões: Principalmen-*

mente estamos em tempo, que os aguioens reynaõ muyto nesta terra, querendo hir ao mar nam poderam hir as naos igual com as galés, & posloque igualasse, nam poderiam hir senam balrauento, porem conuinha, que se espalhasse a frota, & nam poderia ser toda junta, o que a nôs compria, ca elles viram todos juntos, porque trazem o vento por sy, & como nos achassem andar espalhados por hi, podernos hiam tomar hum, & hũ; & aindaque nós fossemos juntos, & quizessemos em elles aferrar, pois que elles trazem o vento consigo, cortarnos ham todos atâo mar; Mayormente, que vem em ella muy boons mareantes, & bem sabedores da guerra. E por estas rezoens seria milhor, & mais seguro pelejarmos com ella no Rio, que de outra guisa, ca nos fariamos prestes nossas naos muy bem, & poernos hemos âlem de Restello, & as galés todas tras nos, & deshi desfraldaremos logo sobre elles, & o vento, que elles trazem por sy, ficaria entam por nós, & estonces pelejariamos com ella, & com ajuda de Deus, & nôsa boa ventura os desbaratarem os, sem duuida nenhuma. E caso que doutra guisa fosse, o que Deus nam queira, a terra dálem he nossa, dàquem isso mesmo, a qualquer parte, que fossemos, achariamos ajuda, em caso, & poderiamos achar gentes darmas, & quanto ouuessemos mister. Certamente, disse ElRey, esse he bom conselho, & esse he o acordo, que eu, & estes fidalgos ouuemos. Em verdade, disse então Fernão Sanches, esto parecerà mui grande couardice estar des vós aqui com toda vosa hoste & frota, & naõ sahiremos nôs fora do rio, pera lhe darmos siquer hũa saudaçaõ de tiros. Manday senhor, por merce siquer que saihamos até Cascaes. Esta rezão da vantagem, que se por nòs poder hauer, do vento, que elles trazem por sy dentro aqui em o rio, ella o mesma aueremos em Cascaes, & muyto milhor ainda, como quer q̃ dem là conselho, nos todauia esguardalos hiriamos dentro em o mar. E ponhamos, disse ElRey. que acontece tal Norte, que dentro em este mar fossem desbaratados, que fareis entam? Quando essa cousa fosse, disse elle, o que Deus nam quizesse, viriamos a grande presa nas galés por gentes, que vos tereis prestes, pera fauorecer a frota. Almirante, disse ElRey, o vosso dizer he muy bom mas o lutador, que hũa queda dá huma vez, de màmente torna por

outra

outra, & vos depois que huma vez começaes a ser necessitados, de mâmente tornareis lá. Porem milhor he pelejar com ella dentro no rio, que doutra maneira, eu terey tantas gentes prestes, que se tal cousa comprir, que logo sejam dentro em barcas, & bateis. Senhor, disse Perafam, quanto a nos assi parece, porque em qualquer guisa, que nos auenha, milhor podemos ser ajudados de perto, que de longe. A mim, disse ElRey me praz, & mando, que assi se faça.

CAP. 131. Das rezoens, que Pero Fernandez de Valhasco disse, porque nam era bem, que a sua frota pelejasse com a de Portugal, & do que ElRey respondeo sobre ello.

ACABADAS estas rezoens, & o conselho hauido, como já he dito, alçouse Pero Fernandez de Valhasco, & pozse em giolhos ante ElRey, & disse em esta guisa. Senhor, nos auemos tomado conselho, & acordo de pelejar cõ a frota de Portugal aqui em o rio, anteque de foz em fora, però contra vontade do Almirante, & desses Alcaydes, que com elle vierão. O que a mim parece que nàm he de fazer gram força de pelejar cõ ella mais em hum lugar, q̃ em o outro, pois que dambas as partes sãõ dadas taõ boas rezoens, que cada huns entendẽ dauer em sua ajuda. E porem onde quer, q̃ vossa merce for de se fazer, alli he bem que se faça, sem mais rezoãdo sobre ello. Mas pelejar com ella toda uia, ou nam, a esto digo a vossa merce, & sob reuerencia vossa, & de quantos aqui estão, que tal conselho nam he assi boom, que outro milhor nam possa hauer por algumas rezoens. Segundo à mim parece; vós senhor, que entendeis que pelejando com esta frota, & vencendoa, que por aqui venceis, & cobraes todo o Reyno, & a cousa nam he assi, porque em ella vem boa parte de fidalgos de Portugal, & outros escudeiros, & Cidadãos, ainda de homens de baixa maneira muytos, os quaes ham grande diuido com esta Cidade, & com todo o Reyno por parentes, & criados especiaes amigos, & morrendo elles aqui, ficamos sempre em homizio com todolos seus duiidos, que pode ser que teram gram parte das fortalezas do Reyno, & vẽdo elles como vós haueis mortos seus filhos, & irmãos, & parentes, & senhores, perque forão feitos, não querem obedecer, & sẽpre vos

faram nojo, & deseruiço em qualquer guisa, que poderem. Ainda q̃ vos senhoreeis dos corpos, nunca jà mais podereis cobrar os coraçoens delles, nem seu amor, que he a milhor cousa, que o Rey pode hauer, quando se quer aßenhorear de algum Reyno nouamente: ca doutra guisa pouco prol he ao senhor auer os corpos dos vassallos, se delles nam ha os coraçoens, pois nam lhe auendo a sã vontade, nunca sereis senhor da terra, em socego, & paz, como a vòs compre. A segunda, vôs dissestes, que cuidaueis, que Nuno Aluarez vem na frota, com tantas gentes dantre Tejo, & Odiana, em que parece que ella vem bem armada, & tantos por tantos, e poucos mais, nam ha ventagem nenhũa, senam ha bom Mestre, q̃ he muyto a ventura, a quem a Deus quizer dar, o que he muy duuidoso atà que seja visto. E demais he de cuidar, que elles todos vem de hũ coraçam pera morrer, ou viuer, posloque sejão vencidos. E elles faram tal mortandade na vossa gente, anteque o sejam, que esto seja a vós muy gram nojo, & deseruiço, & perda grande do Reyno de Castella, se elles vencessem, que he cousa que pode acontecer, entam seria muyto pior perda, & nojo, & gram quebrantamento de vossa gente, & esforço grande da sua. E porem de todas estas cousas vós escolhereis o mais seguro. Pareceme, que seria milhor de tratardes boa auença com o Mestre, em guisa que elle ficasse grande na terra, e vos senhor do Reyno, antesque pelejardes com a frota, nẽ se fazer mais outra guerra, pois q̃ elle està em tempo, q̃ he de cuidar q̃ trataremos com elle a vossa vontade. E por esta guisa aßegurareis milhor os coraçoens delles todos, & naõ os mouereis cõtra vos mais daquillo, que està aceso. E ElRey disse, que tal conselho nam hauia de tomar, nẽ mouer ao Mestre nenhuma preitezia; que bem via elle, que a mòr parte dos lugares, & fidalgos de Portugal tinham sua voz, & eram da parte da Rainha sua molher: E q̃ mostraua mingoa, & gram couardice quem taes auantagens tinha por mar, & por terra sobre o Mestre, mouer nenhuma auença, nẽ outra preitezia, mas pelejar toda uia com sua frota, & continuar seu cerco sobre ella, até que a tomasse: Que o Reyno por direito lhe pertencia. E se neste lugar alguns escreuem, que ElRey respõdeo, que jà lhe ElRey cometera muytas preitezias, & assinando como, & porque guisa, & a reposta, que o Mestre daua, tal escritu-

critura auei por patranha, & não lhe deis fè, por ser muy contraira da verdade. Porque manifesto he, que ElRey, até este tempo, nũca lhe cometeo nenhuma auença, nem tinha rezam de lha cometer, ante auia por escarneo a voz, que tomàra por elle a Cidade, tendo q̃ cedo se auia de perder, de todo, elle, & quantos tiuessem sua voz.

CAP. 131. *Como à frota do Porto chegou a Cascaes, & da maneira, que o Mestre lhe mandou, que tiuessem.*

DEPOIS que ElRey teue determinado de pelejar a sua frota dentro no Rio, como dissemos, mandou duas galès de foz em fora, como por atalaya, & estiuessem alli aguardando por lhe trazerem nouas, como vissem a frota de Portugal vir, & jazendo as galès fora, sete legoas da Cidade, onde se chamaua Matapalõbas, a frota de Portugal pareceo jũtamente, assi como vinhaõ. A qual eraõ dezasete naos, & dezasete galès, como ouuistes. As duas galés, como a viraõ, vieraõ logo dar nouas a ElRey de Castella, & isso mesmo aos da sua frota. E quando deraõ noua aos seus, que a frota de Portugal parecia, toda a chusma das galés se leuantauaõ em pé, & esgrimiaõ espadas nuas, & outras armas, & outros muytos apupos, & alaridos, & fazendo grandes alegrias, cuidando, q̃ se no outro dia hauia de vencer a frota, & tantoque a vencessem, que logo a Cidade era tomada. E esto seria pouco mais de huma hora ante sol posto. Os da Cidade viram os da frota fazer taes alegrias, mas não sabião por que era tamanha lèdice. E em esto chegou a frota a Cascaes essse dia depois de comer, que era Domingo dezasete dias de Junho da era já nomeada. A frota pouzada em aquelle logar, que eram sinco legoas da Cidade, ouuerão acordo os Capitaens della, que maneira terião em sua entrada, & isso mesmo na peleja, que hauia de ser. E huns dezião, q̃ porque ElRey de Castella tinha muitas gentes, & muyto maior frota, porque a elles lhe nam compria arredarse pelo mar, porquãto hi vinham muytos homens, que auião em vzo, que poderia ser que os trouaria, & seguindo os das naos de Castella voltarião sobre ellas, quando vissem geito, & esto lhe daria grande auentagem pera os vencer. E esto, & outras

tras muytas rezoens falarão hũs com os outros, mas nenhũa determinação de se fazer. E ouuerão acordo de mandar hum batel muyto ligeiro ao Meſtre, que lhe trouueſſe nouas, como eſtauão alli, & que maneira lhes mãdaua, que tiueſſem em ſua entrada, & que encaminhaſſe de os ajudar. O batel partio de noite muito remando, & com boons paueſes, vindo acerca da terra de Almada, por os da frota não hauerem delle ſentimento, & vinha em ella, pera falar ao Meſtre, Iohão Ramalho mercador do Porto, & bem rico, & bem atreuido no mar, & chegou a Lisboa alto ſerão, & diſſe ao Meſtre como a frota eſtaua em Caſcaes, & as horas, que chegarão, & que vinha ſaber como era ſua merce de fazer em outro dia. O Meſtre o recebeo muy bem, & folgou muyto com eſtas nouas, & quantos hi erão preſentes, & então entenderão todos a alegria, que os das galés de Caſtella moſtrauão, era por azo da vinda da frota, & quando o ſouberão que parecia, entam ſe apartou o Meſtre pera huma camara com elle, & perguntoulhe por a frota como vinha armada, & de que guiſa? E elle reſpondeo, que as galés vinhão bem armadas, mas que as naos della vinhão comunalmente, & outras mingoadas de homens de armas. E que a rezão, porque as galès vinhão bem armadas, era porque o Conde Dõ Gonçalo vinha por Capitão dellas com muytos boons eſcudeiros, & o Meſtre pezoulhe muyto por eſſo, porem diſſe a Iohão Ramalho: *Vos fareis por eſta guiſa. Eu tenho aqui muytas barcas grãades, que mandey correger, & todas com bandas á guiſa de fuſtas, & algumas naos, & barcas, q̃ aqui jazem, as quaes de manhaam ſerão todas bem preſtes, & pois o vento he bom, & bem de viagem partireis logo com a marè: as galès todas ao longo do Rio, & as naos acerca dellas da parte de Almada, mais acerca, que puderdes E não cureis de pelejar nenhuma couſa, mas vindeuos todos ante a Cidade, & entaõ fornecerey as naos de boa gente, & iſſo meſmo armaremos eſtes nauios, & barcas que aqui eſtão, & todos juntamẽce, & eu comuoſco hiremos pelejar. E ſe por ventura as naos de Caſtella aferrarem com alguns de vos, defendãoſe em tanto o milhor que poderem, & eu terey os nauios com gentes aſſaz, com que vos accorra, ou por ventura me achareis no mar, & por eſte modo ſeja voſſa vinda.* Entaõ ſe eſpedio Iohão Rama-

Ramalho,& tornou ao batel sem sendo sentido de maneira da frota, nem doutro estrouo,que ouuesse.

CAP. 132. *Como foy sabido por a Cidade que a frota vinha, & do que as gentes por ello faziam.*

COMO se Ioão Ramalho espedio do Mestre,peró fosse já alta noite, logo foy sabido pella Cidade como viera recado da frota,que jazia em Cascaes,& que em outro dia auia de entrar, & pelejar com a frota de Castella, & quando soou foy sabido por toda a Cidade; de quanto cuidado, & esperãça foraõ chebs os coraçoes dos moradores della, não he leue de dizer.Elles hauiam grãde prazer tendo esperança, que pelejando sua frota com a de Castella, & vencendoa, que ficaria a Cidade dessa banda da parte do mar desabafada, & poderiaõ hauer mãtimẽtos por elle, de que eraõ muito mingoados, & vencida a frota, per força gançarem gram parte della,pela qual rezaõ viria tal perda aos Castellaõs, que por ventura seria azo de ElRey de Castella descercar a Cidade.Doutra parte auiaõ temor, & receo quando consirauaõ que a frota de Castella era muyto mais, q̃ a sua,& armada de muytas, & boas gentes, & grande ajuda, que podiam hauer do arrayal DelRey, que tam perto tinhão, se lhes compriss e. E sendo a frota de Portugal vencida; a grande perda, que todolos demais hauiam de perder,& filhos, & maridos, & doutros seus parẽtes, que pererecerião por morte. Alem desto outro muy grande mal,q̃ lhes era prestes.s. a Cidade posta em tam grande presa, & angustia; que nam sòmente de todo perdiam esperança de sua defensaõ,mas ainda,acontecendolhe tal couса,de em breues dias cahirem, por força,nas sanhosas mãos de tam mortaes imigos,por vzarem delles a seu liure talente; & estes tam fortes cuidados os fez aleuantar todos assi homens, como molheres, & nam poderem mais dormir. E falando das janelas huns aos outros assi nesta couса, como na peleja do seguinte dia, começouse de gerar por a Cidade hũ grande aluoroço de fala,aqual durou por grande espaço, & foyazo de cedo tangerẽ as matinas, maiormente em noites piquenas. Em esto começaram as gentes de se hir às Igrejas, & Moesteiros com cast-

candeas acesas nas mãos, fazendo dizer missas, & outras deuaçoens, com grãdes prezes, & muitas lagrimas. Oh qual estado, & modo de viuer era entaõ izento deste cuidado? Certamente nenhum, porque naõ sómente as leigas pessoas, mas ainda os outros Religiosos todos, eraõ postos sobre grande supito de tal pensamẽto. Porque! como assi seja, que do vencimento, ou do seu contrairo, cada hũ esperaua receber parte, qual seria o peito taõ duro de piedade, que naõ fosse amolentado com mauiosa compaixaõ, vendo as Igrejas cheas de homens, & de molheres, cõ os filhos nos braços, todas brãdando a Deos que lhe acorresse, & que ajudasse a Casa de Portugal? Certo nenhum, saluo se fosse não lidimo Portuguez, & assi gastàram boa parte da noite, atè a menham, hũs em lagrimas, & deuotas oraçoens, & outros em se corregerem, & fazerem prestes pera os imigos.

CAP. 133. *Como alguãs naos peleiaram com as de Castella, & foram tomadas tres dos Portugezes.*

MVY pouco dormio o Mestre, aquella noite, nem as gentes da Cidade, como dizemos, mas, como foy alta menhaam, bem cedo, ouuio suas missas, & veose à Ribeira, com muitos, que aguardauaõ pera armar os nauios, & barcas, com que auia de acorrer a frota, & em se metendo as gentes em ellas, & o Mestre querendo entrar em hũa nao, naceo antre elles hũa doce contenda. Os da Cidade deziaõ ao Mestre: que senaõ meteesse em nenhũ nauio, que não era couza pera consentir de se elle auenturar à tal perigo, & poer sua saluaçaõ em duuida, mas que elles hiriaõ pelejar com os imigos, que elle ficasse na Cidade, & naõ os desemparasse. E o Mestre disse que lhe tinha muyto em seruiço seu bom desejo, & fiel bemquerença, mas que em nenhũa guisa do mundo elle naõ ficaria na Cidade, mas por sua pessoa seria sempre na peleja, & que fiaua em Deos, que sahiria della com muita sua honra, & de toda a Cidade, & do Reyno de Portugal, & elles, quãdo viraõ, que se alnão podia fazer, disseraõ, que fizesse como sua merce fosse. E fazendo esto assi, a frota Del Rey de Castella, q̃ eram quotenta naos, todas meteram as vergas, & forneceramse de muitas, & boas gentes. E porque a maré vazaua, e o vento era calma,

ma, leuarão as galés as naos grandes, atè as outras mais pequenas, os baixeis por dauante, & foramse todos a Restello o velho, que era dalli a huma pequena legoa contra onde a frota auia de vir. E pozeraõse todos em ordẽ com as proas pera a terra de Almada, & cada hũa, sem proer em terra, pera guiarem com amaré, & assi estaua ordenada sua batalha. E mais mandou ElRey gentes de armas, & caualo acerca dos muros de Sancto Agostinho, & de Sam Vicente de fora, por serem os da Cidade acupados em acudir a aquella parte, & naõ ajudarem aos da frota desembargadamente. Ora assi foy, que sendo pouco mais de hora de terça, & enchendo já a maré, pareceo a frota de Portugal pella ponta de Sam Giaõ, que saõ tres legoas da Cidade, & vinha ordenada desta guisa. Vinhaõ sinco naos diante; em a mayor dellas q̃ chamauão a Milheira, vinha Ruy Pereira, cõ sessenta homens de armas, & quarenta bésteiros consigo. E em outra, que chamauaõ a Estrella, Aluoro Pirez de Figueiredo; & em outra Pero Lourenço, & Ruy Lourenço de Tauora; & assi nas outras seus Capitaens, assi como Gyl Vazques, & Lopo Vazques da Cunha, & Iohaõ Rodriguez Pereira, & Lopo Dias de Crasto, & Nuno Viegas, & Gonçalo Eanes do Valle, & outros, mas estes quatro nomeamos, porque estes sós aferraram. Depois destas sinco naos vinhaõ as galès todas juntas apaueisadas, & pendoadas, & traz as galés vinhaõ doze naos & a viraçam ventaua tendendo ao longo do Rio muito de viagẽ pera poderem entrar. ERuy Pereira, baraõ bem notauel, em que abondaua marauilhoso, & ardido coraçam, quando vio as naos de Castella estar cerradas em terra, como dissemos, que ainda naõ desferiam, naõ sabẽdo a tençam porque, veyo as demandar muy acerca, & as outras quatro naos com elle. E quando vio que os Castellaõs não fazião querença contra elles, foy outro bordo cõtra Almada. E este espaço do dia, que atequi passou, não fazião homens, & molheres, desque amanheceo, senão correr pera os muros, & lugares altos por terem lugar de verem a peleja. Vinhão lhe â memoria seus padres, & Irmãos, que alli traziam, batendo nos peitos, ferindo os giolhos em terra, rogando a Deos chorando que os ajudasse. Induzião as madres aos innocentes paruos, que tinham nos collos, que alçassem as mãos ao Ceo, insinãdolhes

como

como diſſeſſem, que prouueſſe a Deos de ajudar aos Portugueſes. E outros fazendo ſeus votos por deſuairadas maneiras, chamãdo à Precioſa Madre de Deos, & o Martyre Sam Vicente, que foſſem em ſua ajuda. Doutra parte o Meſtre, & toda a gẽte da Cidade era ocupada em ſe fazer preſtes pera entrar nos nauios, & barcas, q̃ hauião de armar pera acorrer á ſua frota, de guiſa, que nam ſómente os homens mancebos, mas velhos, as cabeças cubertas de caans, ſe guarneciaõ de armas pera pelejar. Eſtõce entrou o Meſtre em huma fermoſa nao, que fora das que tomárão, com os panos dos Genoeſes, que diſſemos, & entrarão, com elle, bẽ quatrocentos homens de armas. E porque a nao não era alaſtrada, & a gente entrou mais doque diuera, não podia reger, como compria. Nos outros nauios ſe meteram tantas gentes, & iſſo meſmo nas barcas bandadas, que ſe querião entornar com ellas. Hũa barca, em que hia Gonçalo Gonçaluez Borges desferio por fazer viagem pera Reſtello, & o vento contrairo a leuou por força caminho de Sanctarem, & aſsi fez outra, em que hia Mem Rodriguez de Vaſcogoncellos. O Meſtre quiſera tambem fazer vela, & vendo o mar, & vento contrairo, & que era muyto peor desferir, ſahioſe em terra, & as gentes com elle. E as barcas erão nauios pequenos & não podião empécer aos grandes, & maiormente por tempo contrairo a ellas; deſarmaráoſe com os nauios. Ora fazẽdo a nao de Ruy Pereira, & as outras aquelle bordo, q̃ dizemos, contra Almada, & vindo as galés de Portugal todas a remos em eſtala, & em direito da frota dos imigos. E vendo os Caſtellãos, que já as poderião ter de julauento, desferirão todas aſsi como eſtauão pera hir ſobre ellas. Das quaes a primeira, que fez vela, foy hũa nao que chamauão de Iohão da Rena, que tinha hum batel a meio maſto fornecido de homens de armas. Ruy Pereira quando vio que as naos, que hião ſobre as galés, que refreſcaua cada vez mais, temendo, que lhe farião dano polas empachar, mais com aviza mento, que com ſandia vzança, como alguns diſſerão, ſe fez em outro bordo, & veyo aferrar cõ Iohão da Rena, & aferrarão com tres naos ſinco de Caſtella, & hũ carracão, & empacharãoſe as guarniçoens de hũas com as outras deguiſa, que hião todos em hũa maça pelejando ſeu muyto deuagar, & bem ſem piedade, & aſsi

assi os lançou a marè fora com a maré, & vento contrairo às barrocas de Almada a par de Cacilhas. E este aferramento, que Ruy Pereira fez com as naos, deu grãde ajuda ás galès de Portugal, porque as primeiras naos de Castella quizeraõ dar pelas galés, & em quanto Ruy Pereira aferrou, & se empacháraõ com ellas, passaraõ as galés, que nenhũa das outras naos lhe pode empècer, nem chegar, mas cruel fortuna, auendo grande espaço que durauà a peleja, azou em Ruy Pereira quanto hum valente, & ardido caualeiro podèra pelejar, alçoua cara do bacinete, que naõ podia bem sofrer, ouue hũa virotada pela testa, de que em pouco espaço lançou aquelle fidalgo o espirito, que taõ cedo não ouuera de fazer fim. O nobre, & valente barão, verdadeiro Portugues, de quãtos então foste prazmado, dizẽdo que por tua sandice, & ardideza, que poderas bem escusar a peleja, & te ver em saluo com as outras naos, te ofereceste a taõ mortal perigo. Porem não foy assi, mas como falaria o comum pouo, dizendo, que assi como Iesu Christo morrera por saluar o mundo todo, assi Ruy Pereira por saluaçam dos outros. De cuja morte o Mestre, & toda a Cidade tiueram grande sentido. As doze naos, que hiaõ de traz, vinhãose quãto podiam pera a Cidade, e as de Castella todas traz ellas, mas não lhe podião fazer nojo por o muito vento, que traziam. A nao, em que vinha Aluoro Gonçalues de Saa, ferrára, quãdose começára de vencer, & seguiam na aferrando em ella sinquo galés fazendo muyto pela tomar, especialmente onde chamão a Cuba, por azo do vento, que lhe encalmaua, emparandoa a altura da terra, & aficauão na tanto com as béstas, que toda a nao, & o timão, & os aparelhos erão cheos de virotoẽs, de guisa, que parecia estranho de ver. Ecomo se a nao ouue fora da sombra daquelle monte, sahiose das galès com a marè, & vento, que trazia, & escapou, & foyse em saluo. O que fermosa cousa era de ver em tam pequeno espaço a trauez de hum tam estreito Rio ver sinquoenta esete naos, & trinta galès, armadas todas, & bem corregidas com desejo de empècerem huãs às outras. O que dia de tanto cuidado, & mayormente dos que, na presente peleja, tinhaõ gram parte desua esperança, porque hũa cousa julgaua o desejo, & outra or denaua a ventura. As galès de Castella naõ poderam

deram alcançar as de Portugal, nem ellas não quizeraõ aferrar com ellas, porque cada huã galê de Caſtella trazia a traz ſi huã nao, fornecida de gente de armas pera lhe ſocorrer, quando tal couſa compriſſe, nem aferraram outras naos, ſaluo as que diſſemos, de que foram tomadas tres de Portugueſes, & mortos algus de hũa parte, & da outra, & os outros todos prezos, & feridos boa parte delles. O Meſtre andaua pela Ribeira armado a pè com muytos cõſigo, recebẽdo bem a gente da frota, aqual ſe lançou junto com terra des as tercenas a té a porta do mar, & a de Caſtella ſe tornou pera Reſtello.

CAP. 134. *Como trouueram a ElRey hũ dos eſcudeiros, que foraõ preſos, & das rezões, que ouue com elle.*

TOMADAS aſſi aquellas tres naos, & as outras todas poſtas em ſaluo, & os Caſtellaõs começaram de poer fora nos bateis os Portugezes, que nellas acharam, tambem os feridos como que nenhũ cajaõ ouueraõ. ElRey mandou que leuaſſem ante elle algũ daquelles, que hi foraõ tomados que naõ foſſe refece pera os que foraõ inuiados por eſto. Como chegaraõ á Ribeira viram vir em hum batel, com os outros, que traziaõ a terra, Vaſco Leitaõ, que era hum dos boons eſcudeiros, que alli vinhaõ, & diſſeraõ, que aquelle abaſtaua pera dar nouas a ElRey do que ſua võtade deſeja ua ſaber. Leuaraõno eſtonce ante ElRey, & a primeira couſa, que lhe perguntou, foy ſe vinha Nuno Aluarez naquella frota? E elle reſpondeo que naõ. E entaõ lhe perguntou quaes vinhaõ nas galès, & nas naos? E elle os nomeou todos por nome, & da guiſa que pelejaraõ, & como fora morto Ruy Pereira, & outras couſas, que a eſto pertenciam; E em falando aſsi com ElRey, vinha a Rainha pera huma Camara por acerca donde ElRey eſtaua, & Vaſco Rodriguez, quando a vio, foylhe bejar as mãos, & ella, que o bẽ conhecia, porque era criado de Gonçalo Vazques de Azeuedo, diſſe a Vaſco Rodriguez. *Aqui ſois vós? Aqui, ſenhora*, diſſe elle, *à merce de Deos, & à voſſa.* Paſſou eſtonce a Rainha, & ficando elle aſsi, tornouſe aonde ElRey eſtaua, & ElRey ſorrindoſe contra elle diſſe: *Ah noramala que bom beiar demaõ eſte: Vem com alança na maõ cõtra ſua natural ſenhora*

senhora pera lhe fazer perder o Reyno, que he seu de direito, & beijalhe as mãos em modo de escarneo. Nam hauieis vós mister senam que vos cortassem os beiços & a lingoa por tal beijar de mão, qual fizestes. Senhor, disse elle, *nam nolo dizem a nós assim, mas fazemnos entender, que esguardando o fundamento desta guerra, & como entrastes no Reyno ante do tempo que nos contratos era posto, & britastes as cousas, q̃ em elle erão cõteudas, perdestes o direito, q̃ em elle auia, q̃ nos fazemos rezaõ, & o q̃ deuemos em defẽder nossa terra, pois nola desta guisa quereis tomar.* Pero Fernandez, de Valhasco, & outros caualeiros que alli estauam, quando esto ouuirão a Vasco Rodriguez, disse estonces contra ElRey. *Tomad alla, señor, que os dizen? esto he o que vos nós dissemos por vezes no Concelho, & nam foy crido, & fizestes o que foy vossa merce.* Falando em esto tiraram o escudeiro dante elle, & leuaramno pera os outros prisioneiros, que sahiam das naos. E taes hi ouue, q̃ forão depois remidos, & dados por outros, & delles fogirão, & se vierão pera a Cidade, & outros forão leuados nas galès pera Seuilha.

CAP. 135. *Como nam pelejou mais a frota com a de Castella, & como ElRey mandou combater Almada.*

VENDO o Mestre sentido, & cuidado de fauorecer sua frota de antes pera pelejar com a de Castella por as rezoens, que jà sam tocadas, começou com os da Cidade de ordenar por sua defensaõ & ajuda, todo o que vio, q̃ compria a tão grande feito, & as contrairas cousas, que acõtecer podião, leixar em mão da ventura, esperando tempo azado pera se esto poer em obra; sobreveyo a ElRey de Castella mais frota da que tinha. s. vinte & huma nao, & tres galés armadas, não hauendo ainda huma somana, que a peleja das outras naos fora. Assi que tinha ElRey por toda sua frota sessenta & huma naos, afora as carracas, & dezaseis galès, & huma galéaça, as quaes mandou lançar ao longo da Cidade, des Cataquefaraz atà a porta da Cruz segundo a ordenança, que tẽdes ouuido. E vendo o Mestre a desigualança da frota, & as grandes auantagens, que ElRey tinha em semelhãte feito, começou cessar em este comenos, hauendo já a-

cercá de dous mezes que a Villa de Almada era cercada, des aquelle dia, que Diogo Lopez foy preſo, como diſſemos. Era o lugar aficado de combates, que lhe dauão ſeus imigos da parte da terra, onde tinha ſeu alojamento, ca da outra do mar nenhuma couſa lhe podia empèçer, pela grande altura do monte, ſaluo de tolher a agoa, que lhe vedaua. O qual lhe foi maior guerra, q̃ outras armas, nem cauas nenhũas, nem nenhũa poderoſa bombarda, com q̃ lhe fizeſsẽ algũs tiros de guiſa, q̃ os q̃ dentro erão, q̃ entaõ tinhão voz pelo Meſtre, cõpeçaraõ de goſtar couſas aſperas de ſofrer, as quaes he bẽ que em breue ſaibais, pois ainda naõ foram tocadas. Onde aſsi foy, q̃ como a frota de Caſtella veo ſobre Lisboa, os moradores do lugar ſe acolheram todos ao Caſtello, em dous bateis bailheiros, em que ás vezes leuauaõ mantimentos à Cidade, quizeraõnos as galès tomar em terra ſobre o Caſtello, onde eſtauaõ em cerco, & pelos defenderem aquella hora foram muytos feridos, & naõ os poderam leuar, & depois os queimaram os do lugar por os nam leuarem os Caſtellãos. Na Villa hauia aſſaz de gente, que a podeſſe defender doutros eſtrangeiros que ſe acolheram a ella, que ſe vinhaõ lançar com o Meſtre, & não poderaõ por azo da frota, & delles tinham mantimentos de paõ, & vinho, & carnes, & doutras couſas pera ſeis meſes, mas nam hauia outra agoa, ſaluo de hũa pequena ciſterna, & ſobre eſta foy poſta grande guarda, dando a cada peſſoa cada dia huma canada, mais nam. E nam embargando iſſo, os da Villa ſahiram fora a eſperar os Caſtellaõs em certos paſſos, os quaes hiaõ á forragem pelo termo, & a Cezimbra, matauam delles, & feriam em tanto, que jà nam ouzauam de hir, ſenam muytos juntos. E aſsi eſperauam os que hiam nos bateis à Rantella, & aſsi a roubar de guiſa, que hum dia mataram mais de trinta em huma lama, querendoſe acolher aos bateis, nam ſabẽdo o porto. Eſta ſahida & tornada, quando queriam, era por a porta da barroca, que chamaõ Meijam frio, que he contra o mar, & ſendo muytas vezes combatida, & nam lhe podendo fazer couſa, de que nojo recebeſe, mandou ElRey que lhe fizeſſem huma caua ſob a terra, a qual começàram de longe, que hia direita a huma alta torre, que eſtà ſob a porta do Caſtello, pera a poerem em campos,

&

& com fogo a derribar, segundo se costuma. E os de dẽtro souberam dello parte, onde os Castellãos cuidauam que hia o alto por sob a terra, foram sahir com a boca da coua à alcaçoua da barbacaam, que os de dentro tinham já acabada, muyto mais alta do que ante era. Ahi pelejaràm huns com os outros, & foy morto o mestre della, & alguns feridos de hũa parte, & da outra de guisa, que se naõ poderaõ della mais aproueitar, o qual hoje em dia parece, & podem ver. ElRey ouue grande menencoria quando isso soube, & por seu corpo passou à dita Villa com parte de suas gentes, & Capitaens pera a fazer combater à sua vontade. E mandou que lhe fizessem no campanario da Igreja de Sanctiago, que he perto do dito Castello, hum cadafacens forte de madeira, donde elle visse toda a Villa, como se combatia. E quando foy o dia do combate, pozse em aquelle cadafacens, & fez a toda a gente combater o lugar todo derrador da parte da terra, porque do mar nam podia ser, por a grande aspereza da altura do monte, & foy combatido com gente de armas, & de pè, & tiros, & bèsta ria, & fundas de demogrillas, & mantas, & outras artilharias de combate, des hora de terça atè depois do meyo dia. Os da Villa sentindo que ElRey estaua naquelle cadafacens, como quer que delle naõ hauiam combate, saluo das sètas ordenaram de lhe tirar hum tiro. E ElRey enfadado, que se partia pera comer, sendo na Igreja, desparou o tiro, & deu no cadafacens, & matou dous homẽs & ferio tres, & mandou ElRey afastar as gentes, & nam combaterem mais por aquella vez, & foram mortos, & feridos alguns Castellaõs, hum filho de Iohaõ Lobato, & outro de Iohaõ Gomez, os filhos de Domingos de Sanctarem, & outros feridos de pedras, & sètas, porque dos tiros, que os imigos queriam deitar dentro, nam recebiam dano, por quanto todos passauam, & hiam dar na agoa, por azo da estreitura do lugar. Depois mandou ElRey leuar huma bombarda, que pezaua mais de sinco quintaes: A primeira pedra, que lançou, foy muyto baixa, & naõ fez nenhum nojo, & ao segundo tiro nam empéceo nada, que brou de tal guisa, que nam pode mais aproueitar. Vendo ElRey, que se nam queriam dar por nenhuma guisa, prometeo de nunca pretejar com elles, mas q̃ todos

dos andaſſem à eſpada, & leyxou ſobre o lugar Perô Xarmento,& Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda com gentes com grande abondança, & mandou que os combateſem cada dia, & ordenou de ſenam partir dalli.

CAP. 136. *Das couſas, que paſſauam os de Almada por mingoa dagoa.*

TORNANDOSE ElRey pera ſeu arrayal,jurando,e prometendo,que nunca lhe deſſem vagar de ſerem combatidos, atàque, por força, foſſem entrados, ſem nenhũa preitezia. Onde ſabey, q̃ dentro na Villa eram huns quorenta caualeiros, afora beſtas de ſeruentia, & quando a agoa foy mingoando, ouueraõ conſelho de nam darem de beber ás beſtas & foy tanta a ſede dellas; que alli onde mijauão os homẽs,hiam as beſtas chuchar, & comião aquella terra molhada. Entam ordenaram de as lançar fora, por as nam verẽ morrer,& por os Caſtellãos ſe não preſtarem dellas, lançauamnas todas pelas cabeças afundo contra o mar. Cada hum lançaua as ſuas, & aſſi foram todas mortas,por a mingoa da agoa, que não tinhaõ,& amaçauão o pam com vinho, & cozião a carne, & o peſcado,& comião o pão,em quanto era quẽte,& como era frio,nam o podia ninguem comer, & aſſi outras viandas. Em eſto faleceo a agoa da ciſterna,& foylhe forçado tornar a beber outra,muyto dauorrecer. ſ. que jazia na alcaçoua, que chouera na alcaçoua, na qual as molheres, anteque foſſe cercada, lauauão as roupas enfondidas, & os trapos dos meninos, a qual era muyto verde, & muyto çuja, & jaziaõ em ella beſtas mortas, & caens, & gatos, q̃ era nojoſa couſa de ver. E de noite ſahião os homens por cordas a furtar aquella agoa. E os Caſtellaõs, quando ſouberam, q̃ daquella guiſa a tomauaõ,trabalharamſe de a guardar,& muytas vezes de noite, & de dia ſerem ſobre ella mortos, & feridos alguns de hũa parte,& da outra. E eſta agoa coziãona, & cozida a bebião, & amaçauão com ella. Depois que eſta agoa mingou, trabalhauamſe dauer agoa do mar,& de tinas, q̃ tinhão poſtas na Ribeira pera apanharem agoa doce, & deciam por hum caminho,que fizeram pela barroca, a tomar daquella agoa

agoa, & o primeiro dia atrouue ram á ſua vontade. E os Caſtellaõs, como o ſouberão, pozeram guarda nella, & os da Villa indo alaà acharão os Caſtellãos, que a guardauão, & elles não crão mais de dezaſete, & dosimigoseraõ bẽ cento, que jazião eſcondidos antre os penedos, & pelejarão ſobre a agoa, & forão mortos tres Portugueſes, & os quatorze, muyto mal feridos de ſétas, & dardos, & naõ leuarão mais que dousodres, meyos de agoa, & quebrarãolhe as tinas. E em eſto morria jà a gente com ſede, aſſi homens, como molheres, & moços pequenos, & alguns, que ſe a ella acolheraõ, & lançaramſe fora da Villa, de noite, & fugiam por buſcar ſuas vidas; & faziam do lugar toda a noite almenaras, porque lhe dauam a entender o grande aficamento, em que eram poſtos, que doutra guiſa lho nam podiam fazer à ſaber. Sendo aſſi cerquados por mar, & por terra, o Meſtre, & os da Cidade bem entenderam ſeu grande trabalho, mas nam lhe podiam prouer de nenhuma couſa. Porem o Meſtre mandou huma noite hũa ligeira barca com hũ tiro, que tiraua, & poluora, & outras defenſaueis armas, & foi por aquẽcimento á parte, onde jaziam bateis de Caſtella, & foy filhada com armas, & preſos todos os que leuauaõ. E eſtonce hum caualeiro Gaſcom chamado por nome Monſen Monc muyto homem de prol, & bom homem darmas, tinha preſo Affonſo Gallo, que era Recebedor da Villa, & fora preſo na eſcaramuça primeira, quando Diogo Lopez Pacheco foy preſo. Eſte caualeiro trouue alli preſo por huma corda Affõſo Gallo, acerca do Caſtello, & diſſe aos de dentro: q̃ bem ſabiam como aquella Villa, & todo o Reyno, era de direito DelRey de Caſtella, & que muytos lugares do Reyno ſe lhe deram, & dauam; & que elles, cõ perfia, nam queriam fazer, como os outros faziam: Porem fizeſſem de guiſa, que nam foſſem traydores, & deſſem a Villa a ElRey de Caſtella, & que lhe faria por ello muytas merces; & que elle traria perante elles aquelle Affonſo Gallo, que era Recebedor da Villa; & que fizeſſem o que elle dezia, ſenam que era, por força do dito Affonſo Gallo morrer, & nam quizeſſem ver ſua morte, & dos outros, que preſos eram: que ElRey mandaua matar todos. E os da Villa reſpon-

deraõ; que bem os poderia ElRey mandar matar, ſe quizeſſe, mas que a Villa nam dariam, por couſa que foſſe, & que ſe arredaſſem dalli com ſua honra, & ſe foſſem com ſeu priſioneiro. E elle perſiando em ſuas rezoẽs, que todauia deſſem a Villa a ElRey, fizerão preſtes hum tiro piqueno & tiràràolhe dantre as ameas, & foy tal ſua ventura, que deu com elle morto em terra, & ficou Afonſo Gallo viuo em pé, de cuja morte ElRey ouue gram queixa, jurando, que todos hauião de morrer pela eſpada.

CAP. 137. *Como os de Almada deram a Villa a ElRey de Caſtella.*

SENDOos de Almada em tam grande preſſa, por mingoa de agoa, que hauer nam podiam, acordàrão que mandaſſem recado ao Meſtre, mas não ſabião remedio nem conſelho, como podeſſem mandar. O Meſtre iſſo meſmo, que bem ſoſpeitaua as tribulaçoens, em que erão poſtos, deſejaua muyto de ſaber em que ponto erão ſeus feitos, & não tinhaõ geito, nẽ ſabião maneira, como dello podeſſem hauer comprida certidão. E eſtõce hum homem de Almada, que viera na frota do Porto, diſſe que elle leuaria recado a nado, ſe o Meſtre o quizeſſe mandar. Ao Meſtre lhe aprouue muyto dello, & lhe diſſe, por palauras, couſas, que lhe diſſeſſe, & mais lhe eſcreueo por carta o que entendeo por ſeu ſeruiço, & huma noite chegou aquelle homem à Ribeira do Monte, & ſahio por aquelle caminho da barroca, que bem ſabia, onde chamão Mejam frio, & falando aos do Caſtello, que velauam, eſpantaramſe quando o viram, & conhecendoo, abriramlhe a porta, folgando muyto com elle. E quãdo viram, que viera a nado, oueramno por muyto, & a concluſaõ do recado por palaura, & eſcrito, era que lhe mandaſſẽ dizer, em que ponto eram, & que ſe tiueſſẽ o mais, que podeſſem, & elles lhe fizeram ſaber quanto hauião paſſado atè alli, q̃ naõ tinhão agoa nenhuma, nem ſabião remedio que fazer às ſuas vidas. Com eſte recado ſe tornou logo denoite a nado. O Meſtre, viſto ſeus padecimentos, a que ſe remedio hauer nam podia, acabo de tres dias, tornou aquelle homem outra vez com recado, em que o Meſtre lhe mandou dizer, que lhe pezaua muy-

muyto do que hauião padecido, & que pois que assi era, que preitejassem com ElRey de Castella o milhor, que pudessem, & lhe entregassem o lugar. Entonces ordenaraõ de mandar dous boons homẽs com recado a ElRey como queriaõ ser seus, & lhe darem a Villa; porem que primeiro nadou aquelle homem o Rio, que he antre Lisboa, & Almada seis vezes com leuar recados, & trazer repostas, & sempre denoite. ElRey sabia jà por hum homem dos que forão tomados, q̃ não tinhão agoa, & que morrião muytas crianças de dia, & que era por força de se darem, ou morrerem todos, & tinha vontade de não preitejar com elles, & tal reposta deu aos q̃ lá forão. E hauendo tres dias, que là andauão. ElRey não os queria ver, & querendose tornar, mandouos chamar a Rainha, & com elles pedio a ElRey por merce, que lhe perdoasse, & preitejasse com elles, a ElRey prougue dello. Foy a preitezia: que lhe seguraua os corpos & haueres, & cada hum estiuesse em sua casa, & fosse senhor do seu, não lhe tomando nenhuma cousa, & assi lhe cõpria os dous dias do trato. O primeiro dia de Agosto, ElRey, & a Rainha forão em galés a Almada, & foylhe entregue a Villa, & as chaues della, recebendoo por seu senhor, padecendo primeiro, como dissemos, tantas pressas, & tribulaçõ-es, quaes nenhum de Portugal padeceo primeiro por seruiço do Mestre em manter sua voz. E ElRey, & a Rainha comerão dentro na Villa, & chamou os do lugar, dizendo q̃ lhes fossem leaes & que lhe faria muytas merces, & alguns lhe pedirão algumas cousas, & elle as entregou, & mãdou que os tabaliaens escreuessem em seu nome, & se chamasse sem seus, & leyxou por juizes os que eram dantes, & por guarda delles as gentes, & Capitaens, q̃ ante a tinham cercado, & logo em esse dia se tornou pera seu arrayal.

CAP. 138. *Como foy descuberto ao Mestre o que Dom Pedro tinha ordenado, & da maneira, que em ello teue.*

MVYTAS graças fez o Senhor Deos ao Mestre, em começo de seus boons feitos, antre os quaes, huma dellas foy descobrirlhe algumas treiçoens, que contra elle cuidauão taes, de que elle muyto fiaua, porque muytos, cõ tra-

ueſo deſejo, & peruerſo coração que ſe pera elle vinham, aſſi peſſoas grandes, como doutra condiçam, moſtrauamlhe final de amor, & ſeruiços, & ſua perſeuerança era de pouca dura, ſegundo em ſeus logares vereis. Doutros nam tinha boa ſoſpeita, fazendolhes porem grandes merces por mudarem ſua má vontade, & leyxando pouco, & pouco o fingimento começado, cahião depois em grande mingoa, & vergonhoſa reprenſam. Antre os quaes, ſegundo ſe afirma, quem nodoa tomòu de tal erro, foy Dom Pedro filho do Conde de Arrayolos Dom Aluoro Pirez de Caſtro, que era já morto, como ja ouuiſtes, que era cazado com huma filha de Iohanne Mẽdez de Vaſcogoncellos. Mas como o Meſtre deſto ſoube parte, eſcreuele por muytas guiſas. Hũs dizem tendo, que eſte Dom Pedro de Caſtro tinha fala feita cõ ElRey de Caſtella, em que era Iohão Lourenço da Cunha, que lhe deſſe entrada por ſua quadrilha, que o falou com Ruy Freyre, porque era Gallego, como elle, cuidando que lhe tiueſſe ſegredo, & que Ruy Freyre o deſcobrio ao Meſtre. *O* qual, como vio Dom Pedro, diſſe, preſentes muytos fidalgos, de praça: como lhe fora dito, & por quem: E q̃ Dom Pedro diſſe, que Ruy Freyre mẽtia: & que lhe poria o corpo: dizendo o outro: que bem lhe prazia, & outras rezoens a eſto pertencentes: que o Meſtre lhe diſſe: que ſe calaſſe, & não curou mais dello, & que aſſi ceſſou eſte feito. Mas tal eſcreuer he muyto errado por duas breues rezoens. A primeira, não he de cuidar q̃ hũ ſenhor tão ſeſudo, & deuoto, como era o Meſtre, ouuindo huma tam grande couſa, como eſta, q̃ era perda do Reyno, & mais de ſua deshonra, com grande cajão de morte, a foſſe deſcobrir de tal guiſa, & quem lha com puridade diſſe: A outra, que nam curaſſe mais delo, & que o leyxaſſe aſſi paſſar, ſem pena, como ſe foſſe feita de jogo. Outros dizem, que Iohão Lourenço da Cunha, & alguns com elle, andauão por matar o Meſtre com peçonha, ou por outra guiſa, & dar a Cidade a ElRey de Caſtella, & que deſta treiçã ſabia parte eſte Dõ Pedro, que era o principal delles por rezão da guarda de Sancto Agoſtinho, que era ſua, por cuja porta ElRey, & os ſeus hauiam de entrar. Mas hum Autor outro, a cujas rezoens nos mais acoſtamos, falou neſte paſſo, & diz aqui aſſi. Que o Conde Dom Aluor

uoro Pirez, & seu filho Dom Pedro de Castro, estando cõ o Mestre em este cerco, auiaõ a guarda do muro de Sancto André até a porta de Sancto Agostinho, tendo consigo pouco mais de cem lanças, afora outros homens darmas da Cidade, por guarda daquella quadrilha, & morto o Cõde, como dissemos, ficou elle cõ as gentes suas, & de seu Padre, em aquella mesma guarda; & q̃ o Mestre soube, por Ruy Freyre, todo o que Dom Pedro em esto tinha ordenado, & quando: mas nãoja que o Mestre descobrisse. E de Ruy Freyre isso descobrir, tinha grande rezam, ca era filho do Mestre de Christus Dom Nuno Freyre, que fora Ayo do Mestre Dauiz, em sendo moço, por a qual cousa o Mestre lhe tinha boa võtade. Deshi diz que veyo a adoecer de huma dor, de q̃ morreo, Iohaõ Lourenço da Cunha, marido que fora da Rainha Dona Lianor, & quando se confessou de seus peccados, disse a seu Abbade como elle sabia muytas cousas, que eram dano da Cidade, & ainda de todo Reyno. E o confessor disse; que o nam absolueria, nem lhe daria perdoença, atáque as nam dissesse ao Mestre, Entam foy o Mestre chamado, & falou com aquelle Iohão Lourenço, & descobriolhe muytas cousas, de que se o Mestre depois auizou. Antre as quaes foy, q̃ Dõ Pedro de Castro com todos seus vassallos, por grande quantidade douro, & de prata, que DelRey hauia de receber, lhe tinha vendido a dita Cidade, que aos quinze dias daquelle mes de Agosto, na noite da Assumpçam da Benta Virgem MARIA hauia de dar entrada ás gentes DelRey, as quaes hauiam de sobir por escadas postas nos muros, quaes compriam, & que os ferros pera ellas foram feitos em Alanquer, & q̃ o final certo das horas, a que viessem, hauia de ser huma candea posta em hũa séteira do muro. Do qual final o Mestre soube parte, & mandou poer gentes em guarda daquelle lugar, os quaes receberam os Castellãos, quando chegaram, com setas, & pedras, & outras cousas, doque lhe muyto nam aprouue. E Dom Pedro foy logo esse seraõ preso, & todolos seus com elle, & em outro dia foy sabido pela Cidade como esto acontecera. Brádauam todos ao Mestre, que o mãdasse matar cruelmente, & elle os apacificou com boas palauras, sem lhe sendo feito mais nojo. E deshi a hũa somana, mandou lançar fora da Cidade todos seus

vassal-

vassallos,& criados,& chegando tomauaõlhe suas armas: Equãdo hauiaõ alguns outros Gallegos, & Castellaõs; & dõ Pedro ficou preso,& bem arrecadado. Epois temos aqui a pena, por naõ tirarmos depois aordem do que hauemos de falar, digamos logo outro bom jogo de Affonso Anriquez, que veyo nafrota, Irmaõ do Conde Dom Pedro,que ficou no Porto, o qual acompanhaua muito com Iohaõ Rodriguez de Saá,mostrandolhegrande amizade, & foy assi hum dia. Que Affonso Anriquez,tendo vontade de se lançar com os Castellaõs, disse a Iohaõ *Rodriguez*, q̃ fossem mirar o arrayal DelRey de Castella, & Iohaõ Rodrigues disse que lhe a prazia, & caualgàraõ ambos: IohaõRodriguez ensima de hum boom cauallo castanho, & Affonso Anriquez ensima de huã mula , & estando ambos oulhando, disse Affonso Anriquez a Iohão Rodriguez. *Irmão, empreſtayme esſe caualo, & irey falar a aquelles meus parentes,& por lhe falar mais seguro, quero ir ensima delle, anteque nesta mula.* Iohaõ Rodriguez,muyto descuidado do que elle tinha na vontade de fazer, deceose logo,& caualgou elle. Affonso Anriquez como foy ensima do caualo falou a Iohaõ Rodriguez dizendo, *Irmão, quedate con Dios , ca eu querome ir pera meus parentes:* E chegou as pernas ao caualo, & fogio pera o arrayal dos Castellaõs Iohaõ Rodrigues ficou muy espantado,& teueſe por muy escarnido delle, & veyose ao Mestre, & achou o nastaracenas,& contoulhe como lhe auiera cõ elle, desculpãdose que elle tal cousa naõ sabia parte. O Mestre, que bem conhecia Iohaõ Rodriguez por boom, & verdadeiro Portugez,filhouse de rir, & disse que o hauia por bem sem culpa. Em esto o Mestre chamou todolos da Cidade, & ordenou de se tirar hum pedido de cem mil liuras da moeda antigua, pera paga do soldo da gente darmas, do qual não foraõ escusos clerigos, nem frades,nem pessoa algũa,por honrada que fosse: E afora o que cada hum clerigo pagaua por si,segundo a renda de seu beneficio, todalas Igrejas, & Mosteiros derão ajuda de prata em cruzes, & calices , & outros ornamentos, pera fazerem a dita moeda. Seguiose entonces que aos dezanoue dias do dito mes foy o sol criz ao meyo dia, & perdeo sua claridade, & estando entam em o signo de Leo, a qual cousa foy espanto a todos, & deziam

os

osEstrologos,que significaua em Casa Real gram mortandade de gente honrada, & assi aconteceo depois nos grandes senhores de Castella, segundo ao diante ouuireis.

CAP. 139. *Como as galés de Castella quizeram tomar as de Portugal, & do que sobre ello aconteceo.*

AZENDO as naos de Castella daquella maneira, & as galès a cerca de Santos, vogauam muitas vezes perante a Cidade contra Enxobregas ao longo do Rio lançando muitos tiros, & virotoēs à frota de Portugal, que jàzia encalhada á beira dos múros. s. as naos junto com o muro do Paslo da madeira; com mastros, & traues, & outras defensoēs diante,por rezão dos tiros, que lhe tirauão, & as galès logo acerca, porem prazia a Deos que nenhū lhe não empècia, nem isso mesmo ás galès de dentro. ElRey de Castella hia às vezes nellas por deuisar, & oulhar a Cidade, & deshi tornauãose as galès, & ElRey hiase pera seu arrayal. E vendo ElRey como as naos de Portugal não andauam com a maré,& quã do vinha de boa preamar ficauam em seco,deshi as poucas gẽtes,que em ellas estauão por guarda, cuydou como as poderia tomar todas, & mandou chamar patroens, & alcaydes, que desto auiam conhecimento, & descobriolhe toda sua entençam, & o que sobre ello auia cuidado, & louuando as rezoēs,& quanto sobre ello pensára, derãonas logo por tomadas da guisa, que o ElRey dezia, & fizerãolhe pergũta, se queria ellè que as queimassem ou que lhas trouuessem todas como jaziam? & ElRey disse que lhe não queimassem suas galés, mas que lhas trouuessem o mais em saluo, que ser podesse. *Ca as galès*,disse ElRey,*sam minhas,& naõ as quero dessa guisa perder:* E esto dezia elle dando a entẽder que as galès,& o Reyno todo era seu,&quãto em elleauia.Então esses Capitaẽs,& homens mareantes, com que ElRey falou,ordenàrão por esta guisa: Que aos vinte,& sete dias daquelle mes de Agosto que seriam as agoas viuas,& a marè chea,na alua da menhaam,as gentes das galés se armassem todos de noite,leuando poucos galeotes,& bèsteiros, & homens darmas muitos,& todos os grandes bateis, eas naos se corregesem, & se fizessẽ pres-

tes

tes, & isto fosse assi calado,& assossegadamente feito, que nam fosse visto, nem sentido pelos da Cidade,& que o Conde de Mayorcas,com quatrocẽtos homẽs darmas,& pioens,& bẽsteiros cõ bateſem da porta de Sancta Catherina atà Cataquefaraz,& pera a Ribeira,se podesſem.E q̃ aquella porta combatesſem quinhẽtas, ou seiscentas lanças, com muytos pauesados, & bẽstaria, mostrando,que queriaõ por alli combater a Cidade, & de feito combatesſem rijamente por emaueſsar os da Cidade em desuairados lugares.Eo conselho era muy bõ se as gentes forão poucas espalhadas por muytas partes, mas hy auia tantas companhas, & assi abastantes pera defender, que,ainda que se toda derrador combater podera,o que nam podia, hy hauia bem que toruar seu combate. Veyo aquelle Sabbado,que tinha deuisado de combater, & bem cedo pela manham, quando queria sahir o sol, começàrão as galés de vogar de Sanctos hu jazião,ao longo da Ribeira,& os bateis pauesados,como compria. O Conde de Mayorcas vinha isso mesmo por terra,com muytas gentes pera combater alongo do muro, & outros muytos à porta de Sancta Catherina, segundo era ordenado. E esto todo feito muy trigosamente;as velas daCidade, quando isto viraõ,começàrão logo de repicar naSé,& tambem nas quadrilhas, onde estauão sinos; naõ tendo porem sospeita nenhuma do que as galès queriaõ fazer, mas presumiaõ, q̃ hião remando ao longo do Rio, segundo hauião em vzança. E por as gentes, q̃ por terra vinhão, começarem de acudir aos muros daquella parte, onde os imigos faziaõ mostrança, que queriam combater,dormindo ainda muitos da Cidade,as galés,hũas com as outras,jazendo bem juntas,& todos tinhaõ os remos varados, & cada hum fidalgo cuidado da sua, nas quaes sempre leyxauão gẽte de resguardo, como milhormente entendião. Os Castellãos, vindo em direito da Cidade, remàraõ todos rijo pera terra,e leixando asancoras por de rè,começàrão de aferrar com ellas por proas, & os bateis armados antre ellas, por tal que supitamente, & emprouiso as podesſem tomar; mas nam poderam aferrar com ellas todas. E assi como aferràraõ,com muyta bèstaria, & homens darmas,que trazião,magoauão muy mal essas poucas gentes, & galeotes, que nellas estauaõ, sem percebimento de tal ofen-

offenſaõ, deguiſa, que perôas defendeſem o milhor, que podiam, já muytos dellas feridos, & outros ſem feridas, começàraõ deſamarrar as galês, & os daCidade acodiaõ rijamente polos ajudar, mas daualhe gram torua as portas cerradas acerca das galés, & naõ podiaõ hir à Ribeira, ſaluo por porta dahi alongada. O Meſtre, que eſtaua nos Paços, quando ouuio repicar, & vio como as galés aferrauão as ſuas, veyoſe a caualo muyto depreſſa á Ribeira, com muytos boons homẽs, que o ſeguião, & entrou pela porta da Tercena, muy contra võtade do Conde Dom Gonçalo, que, com couardo coraçam, lhe dezia, que nam ſahiſſe fora, atàque viſſe, que couſa era. O Meſtre não curou deſeu dito, & entrouſe pela Ribeira dizendo aos ſeus, que entraſſem nas galés, esforçandoos quanto podia. As gentes creciaõ cada vez mais, cobrando esforço com ſua preſença, por cujo azo tomaraõ maior ouzança de as defender quanto podião: Huma galè, em que entrou AffonſoFurtado, jazia de trauez, & não ao lõgo, & duas galés vierão pera a ferrar com ella, & elle fez fazer banda cõtra terra, & a banda cõtra o mar eſtaua alta, & as duas galés lhe deraõ com as põtas no coſtado, & a galè ſe defendeo muy bem, porque tinha a banda, & ferio aſſas das outras galés, & naõ foy tomado. Em iſto huã galé de Caſtella eſtaua aferrada cõ outra de Portugal, de que era Patraõ FernamNunezHomem, Comendador da Ordem Dauiz, foy entrada por força dos imigos, mas eſto foy, depois que Affonſo Goterres de Padilha boom caualeiro Caſtellaõ, que andaua com o Meſtre, foy derribado com feridas, porque, em quanto elle eſteue na proa com huã lança nas maõs, & bacinete ſem cára, nenhum pode em ella entrar, por muito q̃ ſe dello trabalhaſſe, & tendo ja quatrovirotes tãchados no roſto, & pelejando aſſi cõ elles, alçou o braço por fazer hũ golpe, & veyo hum dardo por a quẽcimento, o qual, entrãdo ſob o braço, lhe apontou dẽtro na boca, & reteudo de tal ferida, deu lugar alhe darem outras, cõq̃ foy forçado cahir da proa a fundo, & entraram então os Caſtellãos a mao ſeu grado dos que a defendiam, chegando, por força, atè a metade. As gentes da Ribeira, quando viram queoutra nenhuã galé não era entrada, ſenão eſta, que eſtaua em ponto de ſe perder, começàram brádar aos do muro que lhe deitaſſem

macha

machados perà arrombar,que a não leuaſſem os Caſtellaõs, & deitados,& começando de darà galê, era ahi preſtes Iohaõ Rodriguez de Saá,barão bem notauel de fama,& muito boom homem darmas,& vendo taõ apreſſurada peleja dentro na galê,como caualeiro muy preſtes,demarauilhoſa ardideza, por ſima dos remos pera lhe acorrer em pés, & mãos,com a lança ſobſy a trauez,leixou a galé onde eſtaua,& hum ſeu homẽ de pé com elle, entrou na que os Caſtellaõs tomauam, & com a lança nas mãos, pela coxia alongo,começou a fazer aſſi,que aos Portugeſes era gram prazer de o ver,& aos imigos graue de ſoportar, & elle fez deſemparar a galé, & quãtos Caſtellãos eraõ em ella, & delles feridos, & mortos, & outros,naõ querendo eſperar ſeus golpes, de guiſa que ella ſoy deſemparada dos que a tomada tinhaõ por força. Em eſto acendiaſe mais a peleja,a qual era de hũa parte, & da outra muy braua, & de grande arroido,aſſi de brados de homẽs como troẽs,& trombetas,& repiques de ſinos, & como de chamar a altas vozes. *Portugal, & Sam Iorge,& outros.Caſtella, & Sanctiago.* E naõ eraõ poſtos em menos preſſa, como ſe já a Cidade tiueſſe pàrte de ſeus imigos dentro no muro, & outros prouaſsem pera entrar. E bràdaua o Meſtre que fizeſſem alguãs couſas, que compriam, trigoſamẽte, co grande arroido das gentes, & ſoons das armas,com que peſejauaõ, lhe empachauaõ tanto ſeu mandado, que parecia que mandaua em vaõ. Duas couſas faziaõ ſer eſta peleja muy forte, & deſcomunal da parte dos Caſtellaõs. A primeira,deſejo grande de tomar as galès, perque vinhão, que ligeiramẽte cuidàraõ cobrar, como prometeraõ a ElRey ſeu ſenhor. A ſegunda determinado tempo,que mais dar naõ podiaõ, que em quãto as galés podeſſem nadar. Da parte dos Portugueſes outroſi era muy ferida, tẽdoſe todos por muy eſcarnecidos,perdẽdoas daquelle geito por deſaper, cebimento.E poſto que nòs louuamos Iohaõ Rodriguez, & Afonſo Goterres, que elles faziam taõ boas façanhas,naõ entendais vós que elles ſós defendiaõ as galès, ſem outrem pelejar por as defender, mas eſtes, & alguns fidalgos,que a qui nomeamos, tinhaõ tão grande auantajem antre os outros homens darmas, como brauos touros metidos em corro emcompanha de manſo gado.O Meſtre andaua a caualo pe-

lo pela Ribeira fazendo entrar as gentes em as galés, metêdose no mar com aficamento,& na agoa veyo hum virotam, & deulhe na espadoa do caualo, e o caualo,sentindose ferido,cahio logo cõ elle na agoa,& foy o Mestre sob agoa armado, como andaua,cõ bacinete sẽ cara.E a gente, que era toda ocupada, cada hum como milhor podia, naõ o viraõ, & sem sendo acorrido de nenhũ, quando se sentio sob a agoa,poz as maõs nos giolhos, & alçouse em pè, & achouse taõ alto, que lhe daua a agoa sob a barba,& quando se assi vio,sahiose fora da agoa. E alguns, quando o assi viraõ, chegaraõse a elle logo, & trouxeramlhe huma mula, em que caualgou, & se tornou a seu primeiro officio, de esforçar os seus, & de os tornar ás galès pera as defenderem. Ora assi aueyo por aquécimẽto, que esta galé de Castella, de que era Capitaõ Vasco Martins de Meira,q̃ entrou na de Portugal, jazia emdireito daporta do açougue,& tinha hum proez por huã larga agulha dentro dos muros da Cidade,& vendo hum homem, em quanto assi pelejauaõ, como as ancoras estauam assi empachadas, meteose em hũ lopano por sob a banda da galé,& foy amarrar bem huma ancora com aoutra a bom bem sem medo. Ioham Rodrigues, però estiuesse já muito ferido,naõ se contentou do que feito tinha, que era assaz de louuar,entroulhe daquelle geito aos Castellãos a galé, que tomada tinhão,mas ainda se trabalhou de lha filhar assi por força,& pelejou de tal guisa com outros,que o ajudarão,que, a mal seu grado dos imigos,saltárão dentro na sua galé.Os Castellãos, vendo como se venciam, quizeram desaferrar,mas não poderão, ca era aquelle lugar muy defendido, & não prestaua seu afam, & não sabiam a arte, com que estauão empachados daquella guisa. Entonce começárão os Portugeses de brádar aos do muro, que tirassem pello proez da sua galè,& começando de tirar, erão os homens,& molheres tantos a aquelle trabalho, que não achauão onde poer as mãos,& tirarão ambas as galés pera terra.E em esto venciase a galè cada vez mais, deitandose muytos galeotes à agoa, anteque serem mortos, ou catiuos. Vasco Martins, quando vio que se a galé perdia de todo,& senam podia saluar por nenhuã guisa, deccose pela popa assi armado, & poz os pès na beira do caparam, & embaraçouse

raçouſe com elle na agoa, & alli morreo: E aſsi fizerão outros muytos; os quaes, depois q̃ a marè vazou ficarão em ſeco, & delles tirauam com rede. As outras galés pelejàram tanto, até q̃ cansàram, & a deſeſperança de não poderem comprir, o que começado tinham, os fez afaſtar afora, & leixandoſe jazer de largo, muy anojados do que lhes acontecera, penſando dos que eram feridos. E foram preſos, & mortos muytos Caſtellãos, & dos da Cidade até dez. Ferido Iohão Rodriguez de Saá de quinze feridas & duas no roſto. E achàrão na galé, que aſsi foy tomada, priſioneiros Portugueſes de Sortilha, & cartas, que mandauão de Seuilha a ſeus amigos, que lhe leuaſſem das moças chamorras, que erão boas ſeruidoras. Ás gentes q̃ vierão por terra, & por a Ribeira, como diſſemos, pera combater, não empèceo ſeu trabalho couſa, que nojo fizeſſe, mais era feito por trauação de enuezar as gentes, que por proueito, que em ello ſentiſſem. E deshi as pedras, & ſétas forão tantas, que ouuerão, por ſeu barato, de ſe afaſtar delle, & da eſtacada da Ribeira. O Meſtre andaua vendo eſtes caualeiros, & eſcudeiros, que erão feridos, & esforçandoos cõ boas palauras fazendolhe merce; & todos dauão muytas graças a Deos que aſsi os ajudàra a defender de ſeus imigos.

CAP. 140. *De algumas couſas, que acõteceram aos da Cidade com os do arrayal jazendo cercados.*

PASSANDO aquelle dia de gram trabalho, aſsi pelo mar, como por terra, & vendo o Meſtre, & os da Cidade, como lhe fora feito por arte, não auendo daquello nenhuma ſoſpeita, puzerão em as galés, & em outras couſas, milhor reſguardo, & auizamento. E tendo ElRey aſsi a Cidade cercada com grãde multidão de gentes, deshi a Ribeira, & ocupado com ſuas naues, & galés, com que lhe embargaua toda ajuda, que hauer podião, começou a Cidade de ſentir maior gaſto, que dantes hauia por cauſa das gentes, que vierão na frota, de guiſa que crença era DelRey, ſabendo bem deſto parte, que a hauia de tomar por fome. Ora mantendoſe a Cidade o milhor, que podia, não eram em ella eſtonce mais que vinte de caualo, como ſouberaõ que hauiaõ de

de ser cercados, logo mandaraõ todas as bestas da parte dalẽ, porque as naõ podiaõ manter, durando o cerco longamente. E estes vinte eraõ assi como lohão de Baeça, & Gomez Garcia de Froes, & Vasco Martins de Gaà, & Luis Anriquez, & outros taes. E ainda pera estes poucos, q̃ hi auia, naõ podia auer mantimẽtos pera elles, antes compranauaõ os lançoes cheos de palha, & leuauãolhe della, & aquella lhe dauão a comer. E às vezes hiaõ estes de caualo cõ homẽs de pè, & bésteiros escaramuçar cõ os imigos, & os do arrayal sahião a elles, & emburilhauãose, cõmo he costume, q̃ contando por meude todas as cousas, q̃ em cõbate, & escaramuça aconteciaõ a hũs, & aos outros: naõ abastaria o presẽte dia, dandouos fastio douuir, & a nós cansaço de as escreuer. Porẽ leyxando homẽ destes feitos, o q̃ chammẽte poderia falar, tomado aquello, q̃ em semelhantes casos comunalmẽte acontece: s. q̃ a vẽtura naõ pode aprazer a ambasas partes, às vezes ordenaua, q̃ os imigos dauão cõ os da Cidade atá as portas, & às vezes os Portugueses com os Castellãos jũto cõ o palanque do seu arrayal, acerca do Paço dos Sanctos, nas quaes de hũ cabo, e do outro algũas vegadas auia muitos mortos, e presos, & feridos. E outras vezes nãõ muito lõge da Cidade sahiaõ muitos a oulhar, sẽ leuãdo algũas armas, & o Mestre ouue isso por mal, porq̃ podiaõ receber dano dos imigos, & mandou, q̃ qualquer q̃ fosse oulhar, q̃ naõ leuasse armas pera se detender, ou ferir, q̃ lhe tomassem a roupa: desentão se cauidarão, & sahirão todos com armas. E em esto aueyo hũ dia, q̃ naceraõ nouas na Cidade, & naõ foi sabido por quẽ, q̃ ElRey de Castella se passára a Almada, por azo da pestelẽça, & q̃ naõ estaua no arrayal, senaõ muy pouca gẽte, e aluoroçaraõse todos trigosamẽte, e quizerão sahir fora pera hir dar emelle, naõ sómẽte os homẽs mas ainda as molheres queriaõ leuar lenha pera o queimar. E elles à porta de Sãcta Catherina, esguardou o Mestre em esto, & disse, q̃ naõ era bẽ sahirẽ assi, como se dezia, & seria muy grande perigo, mas que fossem esses poucos de caualo, q̃ hi auia, saber em certo, como esto era, & que entam se acordarião na maneira, q̃ sobre ello tiuessem. Partirão os de caualo por outra porta, que chamauão de Sancto Antam, por nam serem vistos dos do arrayal, & foram por hum valle asima acerca das tendas dos imigos. Os

Castellãos, quando os viram consigo, começarão de bradar. *Armas, Armas*, dando ás trombetas muy rijamente, & foy grãde aluoroço no arrayal, caualgando ápressa muitos de cauallo, que sempre tinhaõ as bestas prestes, & isso mesmo os de pé, cada hum como milhor podia, & deraõ apoz elles, & alcançaram hum escudeiro Gallego, que cahio com o caualo, a que chamauão Vasco Gonçaluez, q̃ depois foy Almoxarife do celleiro, & prenderaõno, & sahio por redençaõ. Em quanto elles assi foraõ, & tornaraõ, sempre o Mestre esteue á porta, tendo as gentes que naõ sahissem, & quando os viraõ vir daquella guisa, sahio Fernam Rodriguez Comẽdador de Iurumenha, q̃ depois foy Mestre Dauiz, cuja era a guarda da porta, com homẽs darmas, q̃ consigo tinha pera recolher os de caualo, q̃ vinhaõ fogidos por os Castellaõs, q̃ lhe chegauão acerca da Cidade, se o Mestre non detiuera cõ sua boa descriçaõ, & auizamento.

CAP. 141. *Como ElRey enuiou cometer auença ao Mestre, & das rezoens, que sobre ello passaraõ.*

NAM curando mais de falas nas cousas, que no cerco aconteceram, começou a triste morte de mostrar sua sanha mais asperamente com os do arrayal; & isso mesmo contra os da frota, matando, nam sómente escudeiros, & fidalgos, & outros de piquena condiçaõ, tanto, que era cousa de ver: mas ainda começou de encertar nos senhores de grande estado, de guisa que poz grande espanto em todos os Castellaõs, vendose assi aficados de pestelença, que se cadavez mais ateaua em elles; bem entenderão que sua estada nam podia alli ser muyta, porque era per força de descercar a Cidade, & se partir della cedo, & disseraõ a ElRey, falando sobre esto, muitas, & desuairadas consiraçoens; que era bem de mouer ao Mestre alguma preitezia, por leuar alguma honra de sua vinda. A ElRey pareceo bem, por as rezoens, q̃ cada hum dezia, & mandou pedir ao Mestre segurança. pera lhe da sua parte poder hir falar Pero Fernandez de Valhasco, que era homem, de que ElRey muyto fiaua. Ao Mestre prouue delo, & ao dia, que lhe deuisado foy de lhe vir falar, mandou o Mestre alguns caualeiros ao caminho, que ficassem em arrefens, com as gentes, que vinhaõ com Pero Fernan-

nandez, ataque elle falasse com o Mestre, & se tornasse, segundo da parte dos Castellãos era pedido: & estes forão Iohão Affonso Deça, & Aluoro Gonçaluez Camelo, Affonso Eannes Negro, Mem Rodriguez, & Ruy Mendez de Vascogoncellos, & outros. E chegou Pero Fernandez, ante do meyo dia, ensima de hũ bom caualo, & hum pagem consigo com huma lãça em barjeta, que ficou com os outros. O Mestre estaua acaualo com cota, & braceis, & hũa espada na cinta, & huma tabardilha ensima. Quando se virão fizerão suas mesuras, & abraçarãose. Isto foy antre a barbacaam, & o muro, à porta de Sancta Catherina, mas as falas, que neste logar foram faladas, fez a affeição escreuer algũs em fauor DelRey de Castella, de guisa, que nam conceitaram da guisa, que o Mestre demandaua a Pero Fernandez: Que se a ElRey aprouuesse de ficar por Gouernador do Reyno, ataque ElRey de Castella ouuesse filho de sua molher, sẽdo o gouernamẽto, segundo o auia de ter a Rainha Dona Lianor, como nos trautos antre ElRey Dom Fernando, & elle, que elle tomaria voz da Rainha Dona Beatriz, & regeria o Reyno por ella, tornandose ElRey de Castella pera o seu Reyno, & não curando mais em este entrar aguardando a forma dos capitulos em este passo deuizado, q̃ desto lhe faria quaesquer menagens, & escrituras, que em tal caso comprissem. E nadeo ainda dizendo mais. Ao que Pero Fernandez respondeo ao Mestre: Que ElRey seu senhor nam faria tal preitezia por nenhũa guisa que fosse, mas que tanto lhe fariaõ que fossem dous Gouernadores. s. o Mestre hum delles, & outro hum caualeiro Castellão, o que ElRey quizesse escolher; & q̃ o Mestre deu em reposta: Que o Reyno de Portugal não consentiria, q̃ caualeiro de Castella fosse Gouernador, nẽ Regedor delle: & que assi se espedio Pero Fernandez não concordando com elle em tal preitezia. Mas quẽ taes rezoens vẽcido de afeiçoens escreueo em fauor de outrẽ, áverdade fez grãde injuria ca nenhũ humanal entẽdimẽto, aindaq̃ perõ não fosse escrito, pode cõsentir q̃ Pero Fernãdez viesse por tratar algũa auença com o Mestre da parte DelRey seu senhor; & que o Mestre fosse cometedor della, anteque o Pero Fernandez requeresse, demais ao que se depois seguio da vinda do Priol do Cratto que encubert

tamente calaraõ, porẽ incitando tal recado as falas recõtadas em breue passarão por este modo. Pero Fernandez disse ao Mestre, q̃ el le lhe hiria dizer cousas de seu seruiço, se a elle lhe prouguesse de cahir em ellas, dizẽdo q̃ bem via elle, como elle era cercado, por mar, & por terra, de seu senhor ElRey de Castella; q̃ os mãi timẽtos erão tão poucos na Cidade, q̃ não hauia poder de se manter muito, como elle bẽ sabia; q̃ pois filho de Rey era, q̃ senão quizesse perder de tal guisa, mas que pretejasse com ElRey seu senhor, do qual receberia muitas merces & acrecẽtamento em cousas, que fossem de sua honra. E da preitezia, que elle fizesse com ElRey de Castella, que elle, & Pero Xarmento, & outros quaesquer, que elle quizesse, lhe fariaõ toda a auença, & concordia, que ambos ficassem sobre a preitezia, & lhe farião disso preito, & menagem, que ElRey de Castella lhe guardasse, & não o fazẽdo ElRey assim, que elles deseruissem a ElRey de Castella, & ajudassem ao Mestre contra elle em toda cousa de seu seruiço. A esto respondeo o Mestre, que elle dezia como boom caualeiro, que era, que lho agardecia muito, mas que soubesse de certo, q̃ em qualquer cousa, que lhe auiesse sobre esta demanda, que começada tinha, que elle entendia, que elle naõ se perderia, mas antes se ganharia; ca este Reyno fora de seu padre, & de seus auòs, & que hora ElRey de Castella o queria sogigar, & auer injustamente contra os trautos, & prometimentos, que feito tinha E que porem muitos criados DelRey seu padre, & DelRey Dom Fernando seu Irmão, se vieraõ pera elle, pera o ajudar a defender; & que elle com rezoens, & verdade; que tinha, entendia, com a graça de Deos, de o defender, não sómente DelRey de Castella, mas de qualquer outro, que lhe dano fazer quizesse: E que postoque as cousas não viessem a aquelle fim, que elle desejaua, assi como elle dezia, que elle entendia que se não perdia em ello; mas que se ganhaua com muito sua honra, elle, & todos aquelles que o seguiam. Sobre esto passaram muitas rezoens; ás quaes o Mestre nunca deu reposta de abrir algum começo da preitezia, ca se a dera, como alguns escreueraõ, cuidaу que muy aspera fora a conuença, em que ElRey de Castella não cahira, segundo a pestelença, que antre os seus andaua, por leuar alguma honra de su-

de sua vinda. As gentes estauam oulhando pelos muros ade longe rogando a Deos, que os pozesse em alguma auença, pera que a Cidade fosse descercada, por á grande mingoa, que hauia de mantimentos. Pero Fernandez, vendo que, por quantas boas rezoens daua ao Mestre, naõ daua lugar a nenhũa preitezia, despediose delle, cõ sua graça, & foise pera os seus, q̃ o estauão aguardãdo, & os caualeiros Portugueses vierãose pera a Cidade. E quando Pero Fernandez chegou a ElRey de Castella, perguntoulhe que recado achaua no Mestre? E elle respondeo dizendo. *Day ao demo, senhor, que nunca em elle outra rezam pude achar de quantas cousas lhe faley, nem outra reposta, que respondese, saluo nam, nam, nam.* Em ElRey ouuindo esto ouue grande menencoria, e disse: que nam curaua delo, que por ventura elle lhe requereria depois auença em tempo, que lhe seria muy mà de hauer, & outras taes rezoens. Dom Pedralluarez Priol do Esprital, que hi estaua, que era grande priuado DelRey, & muyto amigo do Mestre, & seu compadre, disse, que lhe queria hir falar, & que entendia que o moueria; & taberia delle toda sua tenção. ElRey pelo presente, & depois por dias, nunca em ello quiz consentir assi por aficamento dos seus, & deshi pela peste, que cada vez era mayor, ouueo de outorgar. E auendo ja vinte & dous dias, que Pero Fernãdez viera falar ao Mestre, lhe veyo falar o Priol, & vinha com elle o Cõde de Mayorcas, mas naõ pera falar ao Mestre, & propoz todas as rezoens, que o Priol em tal feito pode bem dizer. Outra reposta não pode hauer do Mestre, saluo a que dera a Pero Fernandez, espediose delle, & foyse. Da qual cousa houue ElRey gram queixume, dizendo: q̃ juraua a Deos q̃ nũca mais lhe cometese auença, nẽ se partisse de sobre a Cidade por causa, que auir podesse, atà que por fome, ou força darmas a cobrasse, como desejaua. E entam entenderão todos assi os da Cidade, como os do arrayal: que esta noua, & grande guerra, não se auia de partir por auẽça, & preitezia, mas por foro espargimento de sangue. E o Priol tẽdo daquesto sentido por em auesar Nuno Aluarez seu Irmão, & o poer em desacordo cõ o Mestre, lhe escreueo hũa carta, em q̃ lhe dezia: Que o Mestre fazia com ElRey suas auenças, do que lhe muito prazia, mas que lhe pezaua muyto,

porque na preitezia, que tinha tratada, não fazia delle nenhũa mençaõ, tendolhe feito tantos, & boons seruiços. Nuno Aluarez, quando vio tal carta, bem entendeo que esto não era, saluo por o desuiar do seruiço do Mestre seu senhor. E respondeolhe por outra: que se o Mestre seu senhor fazia com ElRey algumas auenças, de qualquer guisa que fosse, que elle o conhecia por tal, & tam boom, que elle nam faria nenhuma preitezia, saluo com sua honra, & de todos os seus. Mas que se marauilhaua muito delle auer tam pouco tempo, que andaua com os Castellãos, & saber já tantas Castellanarias. Onde sabey, que no seguinte dia, depois que o Priol falou ao Mestre, que era já o postreiro de Agosto, depois de comer, veyo do arrayal o Conde de Mayorcas, muito acompanhado de boons homens, & recebeo por molher Dona Beatriz filha do Conde Dom Aluoro Pirez de Castro já finado, sendo o Mestre presente, q̃ a leuou de redea, & o Conde Dom Gonçalo, que os meteo por mãos, & outros muytos caualeiros, & fidalgos, que a leuárão á noite pera o arrayal, & sua madre com ella.

CAP. 142. *Como o Mestre determinou com os do seu Cõselho de pelejar cõ ElRey de Castella.*

ETORNANDO toda a esperança, & humanal adjutorio, que o Mestre auer podia dos lugares, e pessoas, a q̃ requerido tinha por toruação da fortuna, segũdo ouuistes, não dãdo lugar à auẽça, q̃ lhe ElRey de Castella mandasse cometer, propoz em sua vontade, & conselho, de nunca cahir em nenhuma preitezia, que lhe cometida fosse, mas de todo ponto poer o Reyno em auentura, & sua honra, & vida, & estado, ou de tal guisa trabalhar por defensam delle, que nunca fosse sogeita a Castella. E vendo como os mantimentos erão mingoados, & deshi as cousas, q̃ já sam tocadas, & outras, q̃ ao diante ouireis, em mayor acrecentamento, determinou de fazer aquello, q̃ naõ cõuinha, senão a grande, e forte coraçaõ. s. anteque a mingoa fosse mais aceſa, & outras cousas, q̃ se recrecer podiam, que se juntasse̅ todos, & fosse̅ pelejar cõ ElRey de Castella, & q̃ sendo delles, ca elle em Deos esperaua, que cobrarião tão grande honra qual de longos annos nam fora haui-

auida; E auẽdoa pelo contrairo, q̃ ser não podia, que morriaõ como bons, & honradamente, anteque serem sogeitos de quem não deuiam. E postoque viſſem grande caualaria de seus imigos, & muitos notaueis perigos, em tal feito prestes, acordaram em toda guisa, que postrimeiro remedio deste feito era pelejar com ElRey de Castella, á ventura, que lhe Deos dar quizesse, esperando em elle que seria boa; mas esta peleja rezoauam por destuairados modos. Huns deziam que viesse Nuno Aluarez de Alẽtejo com suas gentes, & todos juntamente sahissem a pelejar com ElRey; mas esto era mao de fazer, porque hi nam auia em que passassem escusadamente, saluo huns poucos de bateis piquenos, em que tantos de huma vez vir naõ podião. E postoque tantos hi ouuera, que vir podessem, era com grande medo, & perigo, por a frota de Castella, que tinha o Rio tomado. Outros acordarão que era milhor, que passasse o Mestre com algumas gẽtes, que tinha nas galés da parte dálem, & q̃ as queimasse logo todas, por as nam tomarem os Castellaõs; & que se juntassem com Nuno Aluarez, & que viessem todos por arredor a pelejar cõ ElRey de Castella. Mas esta rezão desfazião muitos, dizẽdo q̃ a Cidade ficaua, emtanto, em muy grande duuida, & perigo. E depois de muitas rezoens, quaes podeis entẽder, q̃ se em tal cousa falarião, finalmẽte foi acordado, q̃ o milhor conselho pera tão grande feito era mandar recado a Nuno Aluarez, q̃ a hum dia certo, & hora, o mais caladamente, q̃ ser podesse, viesse dar no arrayal cõ suas gẽtes, & q̃ entam sahisse ante cõ todolos da Cidade, e q̃ desta guisa auião fiuza em Deos, q̃ desbaratarião seus imigos, muito mais a seu saluo. E então escreueo o Mestre a Nuno Aluarez como a frota chegàra a Lisboa, & como não podera pelejar com a de Castella, por muito mais, & milhor armada, & o tempo não bem azado pera a socorrer com ajuda, & que a Cidade ficáua cercada por todo mar, assi como por terra, por a qual rezão, se á primeira era mingoada de mantimentos, agora era, & seria cada vez muito mais, maiormente por as muitas gentes, que sobreuieram na frota; & porque de dia em dia em esperanças de se poder defender mingoauam; que elle tinha determinado, & acordado em seu conselho de sahir com as gentes da Cidade a pelejar com ElRey de Ca-

ſtella: E que elle, álem das trezentas, & vinte lanças, que conſigo entaõ trazia, ajuntaſſe as mais que podeſſe, & vieſſe derrador por aquelle dia, & hora, que ambos deuizaſſem ſe eſto poer em obra: E que elle fizera alardos das gentes, que conſigo tinha, & que achara de lanças de ſoldo mil, & ſeiſcentos homens darmas, & dos moradores da Cidade quatrocentas lanças, & muitos pioens, & béſteiros, & q̃ porèm lhe fazia ſaber todo, pera lhe reſponder ſobre ello, & encaminhar a maneira, que em eſto ouueſſe de ter. E ſe alguns contaõ, que o Meſtre lhe eſcreueo, que ſe vieſſe ao Montijo, com todolos ſeus, por quanto elle queria paſſar a Alemtejo pera ajuntar gentes, & vir pelejar com ElRey de Caſtella, & que Nuno Alуarez veyo alli, iſſo era por falar com elle a maneira, que tiueſſe no pelejar, mas não por deſemparat a Cidade, & a leixar em poder de muytos, de cujo ſeruiço não era bem ſeguro, a qual couſa ſe fazer nam pode. Nuno Alуarez foy ledo com eſte recado, como aquelle, que de honroſos feitos era deſejador, & diſſe aos ſeus, como o Meſtre lhe eſcreuera todo o que ſe paſſára atá entam, & o ponto, em que ja eſtauão, & que pois a Cidade era já cercada por mar, & por terra, & naõ podia ſer acorrida de mantimentos, q̃ era gram duuida poderſe defender, que muyto foſſe; & ſendo Lisboa tomada, que o Reyno era todo perdido. E porẽ lhe parecia, que era bem, q̃ leixaſſem alli toda á carriagem, que ſe eſcuſar podeſſe, & nam leuaſſẽ mais mantimentos, que quantos auondaſſem atá Lisboa, & q̃huma madrugada amanheceſſem ſobre o arrayal DelRey de Caſtella, & nam curaſſem de guardas, q̃ achaſſem, nem doutro nenhũ embargo, ſaluo que todos juntamente ſe foſſem direitos à caſa, onde ElRey pouzaũa, & que trabalhandoſe os do arrayal de o querer defender, que pelejaſſem com elles; & que elle enuiaria dizer ao Meſtre, q̃ em aquelle dia, & horas ſahiſſe, com gente da Cidade aos ajudar, & que eſperaua em Deos, & em ſua precioſa Madre, que leuarião ſua obra a diante com muito ſua honra. E quando doutra guiſa foſſe, o que Deos encaminharia pelo contrario, q̃ muito milhor era morrerem alli honradamẽte arredor das faldras de hum tam nobre Rey, que os andar elle depois apanhando de lugar em lugar, como perdigoẽs, & enforcalos hum, & hum pe-

los

los souereiros. Ouuindo esto, que Nuno Aluarez propoz, respondeirão os seus, & disserão; q̃ o conselho era muy boom, & bem acordado, mas que Lisboa naõ estaua ainda em tamanho aficamento, porque se diuesse poer em tamanha auentura, mas que aguardassem por alguns dias, atá que vissem, oque Deos nisto queria obrar, & quãdo a Cidade viesse a tal aficamento, porque se diuesse poer em tamanha auentura, que outro cobro hi não ouuesse, que esto lhes ficaua fazer à derradeira. E postoque Nuno Aluarez muito tiuesse em vontade de se esto logo poer em obra, perô porque seu costume era cõsentir aos do seu conselho nas boas, & aguisadas rezoens, outorgou com elles, mayormente que pera tal obra bem he de entender, q̃ não compria hirem nenhuns, senão com viua, & leda vontade, dos quaes dezia depois Nuno Aluarez, por vezes, que querendo elle, acordára como elles erão muito poucos, & os outros muytos, & bem corregidos, que lhe parecera hum forte feito, & muy receado de cometer. E doutra parte, quando esperaua em Deos, cõ firme fiuza, que hauia de vencer a ElRey de Castella, que lhe semelhaua q̃ os via fugir pera Cintra, & pera Cascaes, & pera outros lugares, que tinhão voz sua. Escreueo então ao Mestre: o q̃ os seus ouueraõ todos naquelle feito, que entendia de fazer o seu acordo delles. E por esta guisa estaua a Cidade esperando aquelle dia da merce de Deos, q̃ já doutrem naõ entendia adjutorio, nẽ acorro, o qual leixemos com esta esperança, sem mais falar por hora de seus feitos, & vamos saber que fez Nuno Aluarez, depois que partio de Punhete, & chegou á Cidade de Euora.

CAP. 143. *Como Nuno Aluarez determinou de tomar Mõçaraz por arte, & de que guisa foy filhado.*

ESTANDO Nuno Aluarez em esta Cidade por acodir a qualquer parte, que os imigos quizessem fazer guerra, soube nouas como Gonçalo Rodriguez de Sousa, que tinha o Castello de Monçaraz, se lançára cõ os Castellaõs, & mandara a aquelle, q̃ por elle tinha o Castello, que alçasse voz por ElRey de Castella, & tiuesse voz por elle. Da qual cousa Nuno Aluarez foy muy anojado por o lugar ser no estre-

mo, & donde elle alguãs vezes entendia de ordenar couſas pera auiar o ſeruiço do Meſtre, deshi porq̃ tam boom fidalgo, como elle, & outros taes, de que o Meſtre fiaua, & fazia merces, naõ andauaõ ſaammẽte em ſeu ſeruiço, ſegundo alguns per obra moſtrauam. E que hora ſe parecia q̃ era verdade a ſoſpeita, que delle tomaraõ no Porto, quando hia por Capitaõ da frota. Deſejando Nuno Aluerez hauer aquelle Caſtello teue huma tal maneira, & ſoube, por huma certa informaçaõ, que o eſcudeiro, que era Alcayde, não tinha conſigo, ſaluo ſua molher, & poucos homens, & que eſtaua mingoado de mantimentos. Falou Nuno Aluarez com hum eſcudeiro, de que fiaua, & deulhe por parceiros até doze, que ſe foſſem lançar huma noite no arraualde do lugar, & q̃ elle da outra parte do Caſtello mandaria lãçar ſinco, ou ſeis vacas afundo em hum valle, que hi auia, como que andauam deſemparadas, & ficarão de alguns roubos, que os Caſtellãos leuàraõ, & que entendia que o Alcayde ſe ſahiria a ellas pela porta, q̃ chamauão Alorquia, & naõ curaria de a fechar por trazer as vacas pera o Caſtello, & que elles tiueſſẽ atalayas com elle, que como viſſem ſahir do Caſtello, que logo em ponto ſaltaſſem todos dẽtro, & fechaſſem as portas ſobreſy á preſſa. Os eſcudeiros forão, & delles ſe meterão em algũas caſas mais chegadas bẽ acerca do Caſtello, & outros nos penedos, & barrancos, que ſaõ junto muyto perto. E ſendo as vacas ante manhaam lançadas onde Nuno Aluarez ordenara, alçouſe o Alcayde, vioas andar naquelle valle, & como as vio, teue que Deos lhe trazia boa ventura pola porta, & ſahioſe logo rijamente de guiſa, que com aguça nam curou de fechar a porta, nem mandar poer em ella guarda, penſando elle ſe tornar logo com ellas. Os eſcudeiros, que ſobre elle tinhão a guarda, como o virão ſahir, foramſe rijo às portas, & entraram no Caſtello, & lançaraõ a molher do Alcayde, & os que com ella eſtauão fora, & fizerão ſaber a Nuno Aluarez como era o Caſtello filhado. Da qual couſa ElRey foy anojado. E mandou Nuno Aluarez em elle poer recado, qual cõpria, & fezeo ſaber ao Meſtre, a que muito aprouue.

(?)

CAP.

CAP. 144. *Do recado, que Iohaõ Rodriguez de Castanheda mãdou a Nuno Aluarez, & do que sobre ello auenio.*

NVNO Aluarez, sendo assi em Euora, chegoulhe recado, & soube de certo, que hũ grande, & notauel caualeiro, que chamauaõ Iohaõ Rodriguez de Castanheda, que era Capitaõ de trezentas lanças, & Garcia Fernandez Comendador da Ordem de Sanctiago, com outros caualeiros, & muy boas gentes, chegàram a Badalhouce, dizendo que o queria hir buscar. E Esta vinda, escreuem alguns, que foi por mandado Del-Rey de Castella. Nuno Aluarez como esto ouuio, foise logo caminho de Eluas, anteque Iohão Rodriguez partisse de Badalhouce, por o escusar de trabalho. Iohão Rodriguez, como soube, que Nuno Aluarez era em Eluas, que sam dahi tres legoas, mandoulhe dizer por hum seu trombeta, que bem sabia, como El-Rey seu senhor de Castella era Rey de Portugal de direito, & q̃ se lhe aprouuesse de o seruir, & ser seu vassallo, que elle faria cõ ElRey que acrecentasse em elle, & lhe fizesse muitas merces. E q̃ se o fazer nam quizesse, que elle o hiria buscar, & que o aguardasse alli, que logo em outro dia seria com elle, pera lhe poer a praça. E se elle a elle quizesse hir, ca bem via, que fazia mal em dar a ElRey guerra em sua terra. Nuno Aluarez recebeo bem o trombeta, & mandouo logo agasalhar, & deulhe em reposta, q̃ dissesse a Iohão Rodriguez, que bẽ sabia que nos trautos, que ElRey de Castella fizera a ElRey Dom Fernando, quando casàra sua filha, eraõ contendos certos capitulos, os quaes elle não guardàra, & se viera meter no Reyno contra o juramento, que feito tinha: E que elle enuiasse a dizer a ElRey de Castella, que se alçasse de sobre Lisboa, & se tornasse pera sua terra, mantendo os trautos, como nelles era posto, & assi poderiaõ todos ser dacordo, & doutra guisa naõ. *E na parte, que diz, que me quer vir buscar, que me praz muito de sua vinda, & eu lhe terey bem feito de jantar.* E com esta reposta se partio o trombeta. E no outro dia de manhaam, ainda naõ era fora das vinhas, pouco mais de dous tiros de bèsta, Nuno Aluarez mandou dar às trombetas, & sahiram cõ ellas os da villa taõ ledos, como se foraõ pera voda, assi os homens dar

mas

mas, como os pioens, & seriaõ por todos cõ os deNunoAluarez ataâ quatrocẽtas lanças,&pioẽs, & bésteiros. E Iohaõ Rodriguez trazia bẽ quinhẽtoshomens darmas,& trezentos genetes,& dou tra gente de pé assaz delles,assi dos que consigo trouxera, como dos moradores do lugar. E contando o trombeta a reposta, que leuaua a IohaõRodriguez,& a esses outros caualeiros, que com elle estauaõ, auendo elles todos por escarnio, & rindo de tal reposta,& Nuno Aluarez foy visto, onde hia cõ suas gentes.Elles se marauilhauaõ desto, caualgàraõ muyto a pressa,& sahiraõ fora da Cidade, & quizeraõ embargar o posto da Ribeira de Odiana, que vay por hi acerca. E Nuno Aluarez passou a,amao seu grado, & alli foy enuolta hũa muy grande & forte escaramuça, & bem pelejada, na qual foraõ presos atá vinte escudeiros de Iohaõ Rodriguez,& muitos feridos,& foylhe por força dar volta com os seus, & lançarse na Cidade, & mandou cerrar as portas. E Nuno Aluarez se deteue grãde espaço ao redor do lugar a trato de auir a tomar,&guardãdose sahiraõ outra vez fora pera vingar algum queixume, se o tinhaõ; & nenhũ naõ foy ouzado de o mais cometer,& elle se veyo com suas gentes bem ordenadas pera Eluas, donde partio.

CAP. 145. *Como Nuno Aluarez, ouue recado que gentes se ajuntaraõ pera o hir buscar, & da maneira,que em ello teue.*

EL REY auendo grã sanha da guerra,& desprazer, que lhe Nuno Aluarez fazia naquella Comarca de huera fronteiro.E tendo sentido da morte do Mestre de Alcantara, que fora morto na batalha dos Atoleiros,como ouuistes,mandou hum gram Capitaõ de sua hoste,& muy famoso, & muy bom homẽ darmas, que chamauaõ Pero Xarmento, Adiantado mor de Galiza,& de suas gentes, tomasse quãtas quizesse, & se fosse a Alentejo buscar Nuno Aluarez,& que de morto, ou preso,em nenhũa maneira lhe escapasse.Porque tendo Pero Xarmento a ElRey, falando com elle nesta historia, que escreuem que Dom Pedraluerez,& este Pero Xarmento pediram a ElRey, que lhes desse licença, que elles queriaõ vingar a morte do Mestre deAlcantara,que elle lha deu, Nuno Aluarez, estando assi em

Eluas

Eluas, chegoulhe recado, q̃ muitas gentes dos Castellaõs estauaõ no Crato, & que do arrayal de sobre Lisboa, õde ElRey de Castella jazia, hauiaõ de vir pera se ajuntarem com elles, o dito Pero Xarmento, & o Priol do Esprital seu Irmaõ com seiscentas lanças; Nuno Aluarez, tanto que esto ouuio, teue logo seu conselho de lhe hir ter o caminho á ponte do Soro, anteque se ajuntassem cõ as outras gentes, & partiose a pressa de Eluas, & andou esse dia, cõ sua hoste sete legoas, & foyse alojar á fõte da figueira, que está no cabo do ameal, caminho do cano, & mandou de noite poer sũ as guardas, & escuitas, como hauia em costume, & sendo ja alto seraõ, huãs trinta lanças de sua companhia se alongaraõ do alojamẽto do arrayal contra o Cano, por suas bestas pacerem milhor, que andauão muito trabalhadas, & leuaraõ cõsigo hũa trombeta, que andaua em companhia de hum daquelles, que se assi apartaraõ. E quando veyo à meia noite aquella trõbeta, pormingoa de bom auizamento, começou de tanger, & foy ouuida no ajuntamento, onde Nuno Aluarez jazia, & cuidaraõ que eraõ os Castellaõs, que o hiaõ buscar, & vinhão seu caminho. E logo Nuno Aluarez mandou dar as trombetas, & foy posto em batalha, com todos seus armados, & assi de pé foy ordenadamente a taã onde a trombeta tangera, & como soube o que era, tornouse pera onde partira, & defẽdeo que, dahi em diante, nenhũ fosse ousado a partarse da hoste pera cousa que fosse. Como foy manhaam, Nuno Aluarez partio caminho da ponte do Soro, & hindo álem de Auiz lhe veyo certo recado, que Pero Xarmento, & o Priol seu Irmão, & as gentes, outras, q̃ partirão do arrayal pera o Cratto, passarão por aquelle lugar auia hum dia, da qual cousa lhe muito desprougue, & aquelles, que erão com elle, & dalli se tornou ao Cano, donde forão bem pensados de figos, que outro mãtimento não hauia hi, por azo da guoera, que não consentia demorar alli ninguem, & elles não o trazião, & dalli se tornarão a Euora.

CAP. 146. *Como Nuno Aluarez poz batalha a Pero Xarmento, & outros capitaens, & q̃ nam quizeram pelejar com elle.*

NVNO Aluarez em Euora cuidoso por estes feitos, tornoulhe recado

recado de seu senhor o Mestre, em que lhe fez saber, que do arrayal DelRey de Castella eram partidas seiscentas lanças, pera se ajuntarem no Cratto com as outras gentes, que hi estauão pera lhe hir poer batalha, & que o encomendaua a Deos. E enuioulhe dinheiros pera soldo de hũ mes, que muito por então mister auia. Logo apoz este recado lhe chegou outro, que Pero Xarmento, & o Priol seu Irmão, & Iohão Rodriguez de Castanheda, & o Conde de Niebra, & o Mestre de Alcantara, que viera por Mestre depois da morte do outro, q̃ morreo na batalha de Fronteira, & Martim Annes da Barbuda, que se chamaua Mestre Dauiz, & outros fidalgos, & escudeiros, que erão por todos duas mil, & quinhentas lanças, & seiscentos ginetes, & muitos piaens, & muitos bésteiros, erão todos no Cratto, & hi se estauão corregẽdo nas cousas, que lhe mister fazião pera sua entrada, & pera o hir buscar, & lhe poer batalha, & deshi pera roubar, & correr todo antre Tejo, & Odiana, na peor maneira, que o fazer podessem. Nuno Aluarez mandou logo pela Comarca por ajuntar mais gentes consigo das que tinha, & foram todas mil & quinhentas, & trinta lanças, & sinco mil antre homens de pé, & bésteiros. E em esto apareserão estes senhores cõ toda sua gente do lugar do Cratto, correndo a terra, & chegarão a Arrayolos, o qual alguns contaõ que foy combatido, & tomado por força, mas os q̃ mais certamente falão, dizem que elle foy dado por alguns naõ boons Portugueses, dos quaes era o principal Gonçalo de Oliueira, que era parente da Rainha. Dalli enuiou Pero Xarmento, por hum caualeiro da sua companha, q̃ chamauaõ Garcia Gonçaluez de Ferreira, a Nuno Aluarez hũa carta muy desmesurada, da qual Nuno Aluarez nam curou, nẽ quiz responder á ella. E mais lhe trouue hũa espada darmas dambas as mãos, & disse que a desse a Nuno Aluarez em gajas, & q̃ o desafiasse de sua parte, que se com elle viesse ao campo, que o entendia de açoutar, como menino. Nuno Aluarez sem mostrar desy sanha, perõ as palauras fosse desonestas, recebeo bem o caualeiro, & tomou a espada, & aceitou a desafiaçaõ, & mandou, que o apousentassem bem, & disse, que elle lhe daria depois a reposta. E ordenou logo os que ficasse por guarda na Cidade, & todo al, que vio que compria, & ouue seu cõselho

selho de todauia hir primeiro a elles, anteque elles viessem a elle. No dia seguinte ouuio Nuno Aluarez cedo missa, & mandou chamar aquelle caualeiro Castellão, que lhe trouuera aquella desonesta carta, & desafiaçaõ, & disse com gesto apraziuel. *Caualeiro, hora vós hiuos com Deos, & dizey a meu amigo Pero Xarmẽto, & a esses Capitaens, que sam em sua companhia, que se venhão ao campo, quando quizerem, que ahi me acharão prestes, como elles desejão.* Garcia Gonçalúez se partio logo marauilhandose muito de sua mesura, & ardideza. E em esto, estando Nuno Aluarez pera comer, foy certificado que os Castellaõs se vinhaõ chegando, quãto podiaõ, & como isso soube, sem mais comer nenhuma cousa, mandou dar às trombetas pera caualgar, & suas gentes beberaõ por terra, cada hũ como milhor podia. & foraõ juntos com elle muyto à pressa, & elle partio logo, com todos, muy ordenadamente, & foy alem da quinta de Oliueira, pouco mais de hũa legoa da Cidade, & naquelle lugar se teue, & esperou os imigos. Alli comera Nuno Aluarez se tiuera que, ca elle não mandou leuar azemalas, nem outra carriagem, entendendo que tinha a batalha muy prestes, como chegassem, por quanto os Castellaos erão muitos, & elles muy poucos em cõparaçaõ delles. Deshi cuidaua, que quẽ vencesse o campo, acharia o que lhe mister ouuesse. E buscaraõlhe alguma cousa de comer pela companhia, & não acharão outra viãda, saluo hum pam encenteado, & hum pouco de vinho, que hũ homem de pé leuaua em hũma cabacinha. Estas forão suas iguarias por aquelle dia todo, onde esteue com sua batalha posta acerca. O outro dia, pela manhã bem cedo, partio, & se foy a Dutor, hũa legoa daquelle lugar, & alli ordenou sua batalha por terra, como ante, & poz sua vanguarda, & reguarda, & alas de homens darmas, & pioens, & bẽsteiros, como elle bem sabia fazer, & elle estaua na vanguarda. E alli veyo Pero Xarmento, & o Priol, & essoutros Capitaens, & ordenaraõ sua batalha da vanguarda, & reguarda, & alas muy acerca huns dos outros, & sẽ mostrança de pelejar. Os ginetes dos imigos cercarão todolos Portugueses de guisa, que de Euora não podia nenhum vir pera a cõpanhia de Nuno Aluarez, nem dos seus se hir pera a Cidade, que logo não fosse preso, & faziaõ os gine-

ginetes algumas remetidas nos homens de pé, & onde milhor entendiam, mas todo achauam prestes de defensam, sem lhe poderem empècer. Os Castellãos assi por grande espaço, receando a batalha, mandaram dizer a Nuno Aluarez, que bem via que seu jogo hia despartido, & que de tal entençam, como tinha, nam curasse, ca bem visto era que nam auia em elle defẽsaõ, mas q̃ toda uia se tornasse a seruiço DelRey de Castella, que o acrecentaria fazendolhe muitas merces, como as elle bem merecia. E que esto era mais sam conselho, que se perder, com quantos alli estauam. A estas, & outras taes rezoens Nuno Aluarez em breue disse ao mensageiro: que daquellas palauras nam curasse mais, & q̃ se fosse embora, & que dissesse a aquelles senhores, que o a elle enuiaram: que lhe parecia q̃ não era bem de se o tempo assi passar de balde: & que, pois que o desafiar mandaraõ, que pouco fazião de sua honra serẽ tantos, & tambem encaualgados, & elles pelo contrario, & tardarem tanto de nam virem á batalha, que vierão buscar, & tinhão tam prestes, como elle bem via. Ca pois elles erão a caualo, & vinhão demandar batalha, que elles o deuiam começar primeiro, ou que ordenassem elles sua batalha por terra, & que elles os hirião cometer. E porem lhes prouguesse de todauia virem à Villa. A estas rezoens não tornarão os Castellãos mais, mas leixaramse estar assi cõ sua batalha posta, & por noite se apartarão hum pedaço, & assentaram seu arrayal. Nuno Aluarez vendo que os Castellãos faziam esto com sageria, pera os esfaimar, hauendo já dous dias, & huma noite, que eram fora da Cidade sem mantimentos, que ao recolher os poderiaõ matar a seu saluo sem batalha, ordenou de se tornar aquella noite a Euora, pera em outro dia tornar á batalha, percebido de mantimẽtos, se lha poer quizessem. Aquella noite foy de graõ tempestade de agoa, & çarraçaõ, & o recolhimento perigoso, de guisa que alguns enlheaũão a terra, & não sabendo hir pera a Cidade dauam no arrayal dos Castellãos, & alli os filhauam, & tomauam por prisioneiros. E outros furauão por as vinhas comendo vuas, & alli os achauão seus imigos, & os matauão, & prendião. Nuno Aluarez chegou alta noite a Euora, & quando veyo pela manhãa soube como os Castellãos aleuãtauaõ seu alojamento caminho

de

de Vianna duas legoas de Euora, & como crão bem encaualgados, correrão a terra, & leuaraõ o mais roubo, que poderaõ, & foraõse pera Arrayolos, & dahi partirão delles pera o Cratto; & Pero Xarmento, & Iohaõ Rodriguez de Castanheda, atà setecentas lanças, caminho de Lisboa, deshi ao arrayal Del Rey de Castella, & forão falara El Rey, do qual forão não muy bem recebidos por não pelejarem com Nuno Aluarez, segundo elles, cõ frias rezoens, foram muy bem desditos Del Rey, dizendo contra elles: que lhe nam podia Nuno Aluarez mais fazer, que lhe poer a praça no campo, esperandoos dous dias á batalha, & com couardice nam ouzaram pelejar com elle. Disto tiueram grande sentido Pero Xarmento, & o Priol pela mingoa, que por elles passara.

CAP. 147. *Como Nuno Aluarez ordenou de hir a Almada sobre Pero Xarmento, & do que sobre ello aconteceo.*

GRANDE sentido teue Nuno Aluarez do geito, que os Castellãos com elle tiueraõ, em lhe fazer poer a praça duas vezes não querendo vir a batalha, & esto por o desbaratarem por sageria de artefices, & não por arrezoada ardideza, pois já muitas, & mais gentes, & milhor corregidas erão: deshi roubarem daquella guisa a terra, de que elle estaua por fronteiro, se tiuesse por muy escarnecido delles, & cuidou de lhe ordenarsemelhante jogo cõ milhoria, se o fazer podesse, & por suas enculcas, que a Almada mandou, soube parte do que Pero Xarmento, & Iohão Rodriguez de Castanheda, & outros alguns fidalgos fazião. *E* tendo vontade de hir sobre elles, como pera ello visse arrezoado tempo, juntou suas gentes, que passarião de trezentas lanças, afora homẽs de pé, & bèsteiros poucos, & veyo se com elles a Palmella, & alli se deteue, & ordenou sua ida. E se algum aqui diz, que Nuno Aluarez desta vegada tomou o Castello de Palmella, a esto não damos fé, nem está em rezão de escreuer, ca os Mestrados Dauiz, & Sãctiago, sempre tiuerão voz por Portugal, depois q̃ o Mestre D. Fernãdo Affonso de Albuquerque se veyo a Lisboa, como dissemos. E se o elle estonce tomou, q̃ se fez dos Castellãos, & do Alcayde, q̃ nelle estauão, q̃ tinhão voz por

Caſtella? Ca todolos lugares, que ſua voz tinhaõ, em todos elles. El-Rey poz Alcaydes, & gentes, q̃ os guardaſsẽ, & os guardauão, diſſe. Bẽ fora pera iſſo prouar dizer ſiquer o nome do Alcayde em breue, como fora tomado, mayormente lugar tam forte, & tam mao de filhar. Mas parece, que nam tem licença pera o dizer. E outro dia foy Nuno Aluarez por eſpaçar correr monte nam longe da Villa, & matou hum grande, & fermoſo porco, o qual mandou poer enſima de huma boa azemala, & quatro homens de pè com ella, & hum eſcudeiro, a que deu cargo de o apreſentar, que chamauão Gomez Frazão. Ora aqui eſcreuem alguns que Nuno Aluarez mandou eſte porco em preſente a Pero Xarmento, & que lhe mandou dizer, que a poucos dias o hiria ver; & Pero Xarmento foy ledo com elle, & que o mandou logo a ElRey de Caſtella ao arrayal. & que enuiou dizer a Nuno Aluarez, que lho agardecia muito, & que ao mais nam reſpondeo, antes enadem ſobre iſſo, & contam, que Nuno Aluarez quando lhe mandou aquelle porco, que lhe enuiou dizer, que queria hir jantar com ElRey: & que Pero Xarmento: que vieſſe muyto embora quando quizeſſe, que preſtes acharia a ſalſa. Mas examinadas taes rezoens, ſegundo hum eſtoreador eſcreue, nam ſatisfazem ao arrezoado entendimento, & moſtraſe claramente ſer aſſi. Porque ſe o preſente de Nuno Aluarez fora apreſentado a Pero Xarmento com taes palauras, como eſtes dizem, ſeguiria tanto ſua condiçam em ſe auizar logo delle, que a Nuno Aluarez fora muyto mao de fazer couſa, que ſobre eſto foſſe penſada. Nem os que eſta hiſtoria contam, nam fazem mençam de Pero Xarmento à chegada de Nuno Aluarez ſobre Almada, nem couſa, que com elle auieſſe. Mas como quereis vôs que fizeſſe mençam de Pero Xarmento, que nam eſtaua hi, nem lhe fora a preſentado porco, nem porca. Porem leixemos ſeus errados ditos, ſeguindo as rezoens de hum Autor muyto eſquadrinhador dos feitos de ſemelhantes duuidas. Deueis ſaber, que huma quarta feira pela manhaã poſtrimeiro dia do mes de Agoſto, partirão os homens de pé, com aquelle porco, caminho de Almada, que ſam dahi boas finco legoas, & quando chegaram ao meyo dia nam acharam ahi Pero Xarmento, por quanto

era

era álem do Rio, & no arrayal DelRey de Caſtella, & pozerão o porco em Caeilhas perto de Almada, atendendo Pero Xarmento que tornaſſe. O porco enuiado, falou Nuno Aluarez com os ſeus, que tiueſſem á chegada certos cargos cada hum em ſeus lugares. ſ. huns às barreiras, & pa lanque, que eſtaua feito nas entradas das ruas, & que o britaſſe por força, anteque os Caſtellãos hi acodiſſem, & elles ſe meteſſem antre o arrabalde, & a Villa, pera filharem os que do arrabalde nelle ſe quizeſſem lançar, & com eſtes hauia de hir a ſua bandeira, & ſe achaſſem as portas abertas, que entraſſe a bandeira dentro com aquelles homens de armas, que o acompanhauam, ou ſe lançaſſem dentro da volta com aquelles, que fogiſſem, & que aſſi tomaſſem o Caſtello. Outros hauiam de hir ao porto de Cacilhas, que ſe alguns Caſtellãos da frota paſſaſſem, que os embargaſſem a naõ tomar terra. E por quanto Nuno Aluarez ſoy certo, que em Couna, tres legoas de Almada, eſtaua em guarda trinta ginetes: & que ſe algumas companhas ſuas, ou doutras partes vieſſem, que foſſem dar nouas aos do lugar, pois aquelle era o arrezoado caminho, por onde hauiam de vir. Porem que partio elle com tal entençam, como diſſemos, bem ſol poſto, & já tarde, & leuou caminho da charnequa por ſima de Azeitam, antre Cezimbra arradado hũa legoa daquellas eſcuitas, cuidando de todo ſer na alua rompente em Almada, & andou toda aquella noite bem ſete legoas, & as mais dellas fora do caminho, & as guias nam terem bem certas, deshi as terras hum pouco eſpeſſas, cuidaram que eram já perto de Almada. E Nuno Aluarez ſe deteue já quanto dormiram ſonhos poucos. Quando ſe leuantaram começou de amanhecer, viram que eram mais longe do lugar do que penſaraõ. Entam ſe trigou Nuno Aluarez no andar mais rijo, & ſahindõ o ſol chegou a hum lugar, que chamam a Souereira, que he acerca de hi huma legoa a Almada. E vendo tam tarde, falou aos ſeus, que andaſſem a trôte, & a galópe, quanto as beſtas os leuar podeſſem, & elles o fizerão, de guiſa que pareceo que toda a terra era já cercada, & cobrida do ſol; ainda elles chegaram a tẽpo, q̃ muytos dos Caſtellãos aindá jaziaõ nas camas, q̃

mal prestou o sono da manhaã. O primeiro, que às barreiras chegou, foy Nuno Aluarez com tres escudeiros, que à pressa derão por terra, & com estes entrou Nuno Aluarez pela Ribeira do arrabalde descontra Couna, dandose ás lanças com alguns Castellãos, que o embargar querião. Deshi chegou logo a sua bandeira, que vinha muyto perto, com todos aquelles, que a guardauão, & tomaram a rua direita contra Cacilhas, fazendo o milhor, que podiam. Em esto os Castellãos, que pouco cuidado tinham de semelhante feito, delles dormindo, & outros jazendo de seu vagar, quando ouuião bràdar, *Castilla*, & pelo arrabalde *Armas*, *Armas*, *Castilla*, *Castilla*. Delles se lançauam fora das camas por saberem que era. Outros se vestiam pera se armar à pressa. E os que já andauam fora das pouzadas, faziamse prestes a defender as ruas, mas o desacordo era tam grande, que sua defensam prestaua muy pouco, que o principal cuidado era por escapar a vida, porem ajuntandose alguns, cobrando coraçam, quizeram voltar a Nuno Aluarez por aquella rua, por onde elle hia conhecendo já que era aquelle, & hum seu piam chamado Nuno Aluarez sahio da traucssa antre Nuno Aluarez, & os imigos, & arremessou a hum Castellão huma escuna, & deu com elle em terra morto. Os outros fogindo quanto mais podiam, nam querendo aguardar semelhante jogo. Hia com elles de mistura Iohaõ Rodriguez de Castanheda, que se leuantou rijo da cama na pouzada hú jazia, & nam podendo acabar de vestir o gibão, a bandeira de Nuno Aluarez chegou bem acompanhada atá a porta do Castello, cuidando de a achar aberta, como leuaua deuisado. Mas os do Castello cerraram as portas, & acolheram dentro primeiro aquelles, que poderam, & os outros delles se lançauam na barbacaam, & outros pelas barreiras, cada hum como milhor podia. Cerrados os Castellãos dentro no Castello, nam lhe podendo mais empécer, ficaram alli alguns homens darmas, & outros tornàram sobre o arrabalde, onde mataram, & prenderam alguns Castellaõs delles, que fogiam pelos telhados, outros que se escondiam em lugares escusos de guisa que muy poucos escaparaõ, q̃ não foraõ presos, ou mortos:

tos. E se nam tanto de dia fora, nunca nenhum escapára. Deshi, como homens desesperados, & desacordados, que nam tinham sentido senam de fogir, nam leuàram consigo as cousas, que tinham, & foramlhe filhados todolos caualos, & azemalas; & quantas armas, & cousas booas tinham, assi de Pero Xarmento, como de todolos outros, que pouzauam fora do Castello. Depois que o arrabalde foy todo roubado, mandou Nuno Aluarez dar às trombetas, & recolheo assi todas suas gentes, ainda aquelles, a que foy mandado que gvardasem o porto de Cacilhas, acharão o porco estar na Ribeira; que Nuno Aluarez mandàra à Pero Xarmento aguardando por elle, que tornasse do arrayal. A gente recolhida, & todos acerqua delle, mouco ao monte de sobre o mar, & felos poer em haz ordenados, com sua bandeira em meyo tendida, dando às trombetas, & apupando com outros sinaes de leidice, esto á vista dos da Cidade, & do arrayal dos Castellãos, os quaes vendoos daquella guisa estar, cuidaram que eram as gentes da Villa, que faziam alardo pera lhe pagarem soldo, & os da Cidade cuidauão que eram gentes dos imigos. ElRey, que sabia que tal soldo não mandára pagar, bem cuidou que era outra cousa: E pensando que pela ventura ordenára Pero Xarmento aquello, mandouo chamar, & perguntoulhe que gentes erão aquellas, que estauam em aquelle oiteiro. *Certamente*, disse elle, *senhor, nam sey, mas dizme a vontade que he Nuno Aluarez.* *Em verdade*, disse ElRey, *essa he boa reposta, serdes vós fronteiro daquelle lugar, & virvos hum escudeiro de sinco rocins fazer tal baldom. E assi o dizeis vós senhor*, disse elle, *pois agardecey a Deos, & a este Rio, que está antre vós, & elle, ca se este mar nam fosse; aqui vos viria buscar, onde estais.* Então se partio Pero Xarmento à pressa, ainda nam acabado de vestir, & remeteose em hũa galè, & ElRey mandou que vogassem as outras, & metessem gente darmas nellas, mas não se pode fazer tão azinha por não estarem desto percebidas. Nuno Aluarez esteue assi quãto lhe aprouue, de cuja vista ElRey tomou grande nojo, & os da Cidade muy gram prazer quando souberam que era aquelle. A galé, em que entrou Pero Xarmento, chegou, anteque as outras, ao porto de Cacilhas, &

& como foy em terra, começou de dizer a altas vozes. *Castilla, Castilla, nam he nada, nam he nada*: brâdando à pressa que lhe trouuessem hum caualo. *Não sey*, disse hum Castellão, dos que foram roubados, *como vós dizeis nam he nada, nam he nada, mas dou ao demo a cousa, que me amim ficou, de quanto eu tinha, assi bestas, como armas, que tudo me leuáram, & ainda de gram ventura escapei de prizam, ou morte, & assi todos quantos éramos, & vos dizeis, que vos tragam caualo; & que presta de vos a vós trazerem caualo, ainda que o ahi ouuesse? Ca Nuno Aluarez se foy já com toda a gente à sua vontade, como quiz. Nam monta nada*, disse elle, *tragaõme a mim hum caualo, se o hi ha, se quer verey como se vam.* E nam se fez mais sobre esto. Nuno Aluarez foy comer a Couna, & alli repartio o esbulho, sem auendo pera sy parte alguma, & dalli caualgou, & foy a Palmella, & quando foy noite mandou fazer taes almenaras de fogo, que as viram os de Lisboa, por saberem os da Cidade que estaua elle alli, & tomarem algum esforço. E certamente assi foy defeito, que o Mestre, quando vio aquellas almenaras de fogo em Palmella, bem entendeo, que era Nuno Aluarez, que alli estaua com suas gentes, & ouue muy gram prazer, elle, & todos aquelles, que o viam, & mandou acender muitas tochas no grande eirado dos Paços DelRey, onde estonce pouzaua, por os verem de Palmella, & elle dar a entender, que via as suas luminarias, & que lhe respondiam com aquelles lumes, pois outra fala hauer nam podiam. Assi esteue o Mestre em hum boom espaço, falando com os seus nos feitos de Nuno Aluarez, com aquelle doce arrezoar, & louuores taes, que este leal seruidor merecia de se lhe dizer; deshi se recolheo pera sua camara. Nuno Aluarez apagou seus fogos, por cobrar o sono, que de antes perdera, onde fique com boas noites; nós tornemos ver a ponto esta atribulada Lisboa em que ponto está.

CAP. 148. *Das tribulaçoens, que Lisboa passou por mingoa de mantimentos.*

ESTANDO assi a Cidade cercada da maneira, q̃ ouui-

ouuiſtes, gaſtauaõſe os mantimẽ tos cada vez pelas muitas gentes, que em ella auia, aſſi as que ſe acolheraõ dentro do termo de homẽs Aldeãos com molheres, & filhos, como dos que vieraõ na frota do Porto, & alguns ſemetiaõ ás vezes em bateis, & paſſauaõ de noite eſcuſamente contra as partes de Riba Tejo, que já achauaõ preſtes, per recados, que ante mã dauaõ, & partiaõ de noite remando muy rijamente. Algumas gales, quando os ſentiaõ vir remando, iſſo meſmo remauaõ à preſſa ſobre elles, & os bateis porlhe fogir, & ellas por os tomar, eraõ poſtos em grandes trabalhos. Os q̃ eſperauaõ por tal trigo andauão por a Ribeira da parte de Enxobrega saguardando quã do vieſſẽ, & os q̃ velauaõ, ſe viaõ as galés remar contra lá, repicauão logo por lhes acorrer. Os da Cidade, como ouuiaõ o repiq̃ leixauão o ſono, & tomauaõ as armas, & ſahia muita gente, & defendiaõ nos ás béſtas, ſe compria, & ferindoſe ás vezes de huma parte, & da outra, porem nũca foy vez que tomaſſem algum, ſaluo hũ, que certos bateis eſtauaõ em Riba Tejo com trigo, & forão deſcubertos por hum homem natural de Almada, & tomados por os Caſtellãos, & elle preſo, & arraſtrado, & decepado, & enforcado: E poſtoque tal trigo algũa ajuda fizeſſe, era tão pouca, & taõ raramente, que ouueraõ miſter de multiplicar, como fez Noſſo Senhor IESV Chriſto aos pães, com que fartou ſinco mil homens. E eſto fartou aſſi a Cidade apertadamente, que as pubricas eſmolas começauão de falecer, & nenhũa geração de pobres achaua quem lhe dar paõ, de guiſa, que a perda comum vencendo de todo a piedade, & vendo a grande mingoa dos mantimentos, eſtabeleceraõ deitar fora as gentes mingoadas, & naõ pertencentes pera a defenſaõ. E eſto foi feito duas, ou tres vezes, atà lançar fora as mancebas mundanarias, & Iudeus, & outros ſemelhãtes, dizendo que, pois taes peſſoas naõ eraõ pera pelejar, q̃ naõ gaſtaſſem mantimentos aos defenſores, mas iſto naõ aproueitaua couſa, que muito preſtaſſe. Os Caſtellãos à primeira aprazialhe com elles, & dauaõlhe de comer & acolhimento, & depois vendo que eſto era com fome, por gaſtar mais a Cidade, fez ElRey tal ordenança, que nenhum de dentro foſſe recebido em ſeu arrayal, mas que todos foſſem lançados fora, & que ſe hit ſe naõ quizeſſem, que os açoutaſſem, & fizeſſem

sẽ tornar pera a Cidade: e esto lhe era taõ graue defazer tornarẽ por força pera tal lugar, onde chorãdo naõ esperauão serem recebidos. E taes hi auia, que de seu grado se hiaõ da Cidade, & se hiam pera o arrayal, querendo de todo ante ser catiuos, que assi perecendo morrerẽ de fome, como naõ lançarião fora gente mingoada, & sem proueito, q̃ o Mestre mandou saber em certo pela Cidade, que pão auia por todo em ella, assi por couas, como por outra maneira, & acharaõ que era tam pouco, que bem auião mister sobre ello cõselho. Na Cidade naõ auia trigo pera vender, & se o auia era muy pouco, & tam caro, que as pobres gentes naõ podião chegar a elle, que valia cada alqueire quatro liuras, & o alqueire do milhor quarenta soldos, & a canada de vinho tres, & quatro liuras, & padeciaõ muy apertadamente, & dia auia ahi, que, aindaque dessem por hum pão hũa dobra, o nam achauão a vender, & começarão a comer pão de bagaço de azeitona, & dos queijos das maluas, & raizes de eruas, & outras desacostumadas cousas pouco amigas da natureza. E taes hi auiaõ, q̃ se mãtinhaõ em alfeloas. No lugar onde costumauaõ a vẽder o trigo, andauaõ homẽs, & moços esgaravatãdo a terra, & se achauão algũ graõ de trigo metiãono na boca, sem tendo outro mantimento. Outros se fartauão de eruas, & bebião tanta agoa, q̃ achauão homens, & cachopos jazer mortos inchados nas praças, & em outros lugares. Das carnes isso mesmo auia em ella grã de mingoa, & se alguns criauam porcos, mantinhaõse nelles, & assi piquena posta de porco valia sinco liuras, & seis, que era hũa dobra Castellaam, & galinha quarenta soldos, & a duzia dos ouos doze soldos. E se almograues traziam alguns bois, valia cada hũ setenta liuras, que eram catorze dobras cruzadas, valendo entaõ a dobra sinco, seis liuras, & a cabeça, & as tripas huma dobra, assi que os pobres por mingoa de dinheiro não comião carne, & viuião mal, & comiaõ carnes das bestas, & não sómente os pobres & mingoados, mas grandes pessoas da Cidade lazerando não sabião que fazer, & os gestos mudados com fome bem mostrauão seus encubertos padecimentos. Andauão os moços de tres, & quatro annos pedindo pão pela Cidade por amor de Deos, como lhes mandauão suas madres & muitos não tinhão outras cousas, que lhe dar, senão lagrimas,

que

que era triſte couſa de ver, & ſe leh dauaõ tamanho paõ como huma noz, auiamno por grande bem, & deſfaleciaõlhe leite a aquellas, q̃ tinhaõ crianças à ſeus peitos por mingoa de mantimentos, & vendo lazerar ſeus filhos, & filhas, que acorrer naõ podiaõ, chamauam ſobre elles a miude a morte, anteque a morte os priuaſſe da vida. Muitos eſguardauam as prezes alheas com chorosos olhos por comprir o que a piedade manda, & naõ tendo de que lhe acorrer, cahiaõ em dobrada triſteza. Toda a Cidade era da da a nojo, chea de mezquinhas querelas, ſem nenhum prazer, q̃ ouueſſem: huns cõ grande mingoa do que padeciam; outros à uendo dô das tribuladas; & iſto não ſem rezam, ca ſe he triſte o coraçam cuidoſo nas couſas contrairas, que lhe auir podem, vede que fariam aquelles, que as tam continuadamente preſente tinhaõ. Pero com todo eſto, quando repicauam, nenhũ nam moſtraua que era faminto, mas farto, & rico contra ſeus inigos, & esforçauamſe huns aconſelhar, e dar remedio a ſeu grande nojo, mas nam preſtaua conforto de palauras, nem podia tal dor ſer amanſada com nenhumas doces rezoens. E aſſi como he natural couſa a mão hir a miude hũ leja dor, aſſi huns homens falando com os outros nam podiam em al deſpartir, ſenam em a mingoa, que cada hum padecia; Oh quantas vezes encomendauam nas miſſas, & pregaçoens, q̃ rogaſſem a Deos deuotamente por o eſtado da Cidade, & fincando os giolhos, beijando a terra, brãdando à Deos que lhes acorreſſe, & ſuas prezes nam eram compridas. Huns chorauão antreſy mal dizendo ſeus dias, queixandoſe por quanto viuião, como ſe diſſeſſem com o Propheta. *Ora vieſſe a morte anſe do tempo, & a terra cobriſſe noſſas faces por naõ vermos tantos males.* Aſſim que rogauão á morte, que os leuaſſe, dizendo: que milhor fora morrer, que lhes ſerem cada dia renouados padecimentos. Outros ſe que relauão a ſeus amigos dizendo: q̃ foram deſauenturada gente, que ſe ante não derão a El Rey de Caſtella, que cada dia padecerẽ nouas mezquindades, firmãdoſe de todo em as pioresçouſas, que fortuna em eſto podia obrar. Sabia porém iſſo o Meſtre, & os do Cõcelho ſeu, & eraõlhe doroſas de ouuir taes nouas, & vendo eſtes males, a que acorrer não podiaõ, cerrauão ſeus olhos do rumor do pouo. Como quereis, q̃ nam mal diſ-

disseſſem ſua vida, & deſejaſſem morrer alguns homens, & molheres, que tanta differença ha de ouuir eſtas couſas a aquelles, que as então paſſarão, como ha da vida à morte. Os padres,& as madres vião eſtalar de fame os filhos, que muito amauão, rompião as faces, & peitos ſobre elles, nam tendo com que lhes acorrer, ſenam pranto, eſpargimẽto de lagrimas, & ſobre eſto medo daquella vingança; que entẽdião, que ElRey de Caſtella delles auia de tomar. Aſſi que elles padecião duas grandes guerras dos imigos, que os cercado tinhão, & outra dos mantimẽtos, que lhe mingoauão, de guiſa q̃ erão poſtos em cuidado de ſe defender da morte por duas guiſas. Peraque hé dizer mais de taes padecimentos, ſoy tamanho o gaſto das couſas, que miſter auião, que ſoou hũ dia polaCidade,q̃ o Meſtre mandaua deitar fora todos os que não tiueſſem pão,que comer,& que ſõmente os que tiueſſem ficaſsẽ em ella. Mas quẽ poderia ouuir ſem gemidos, & ſem choros tal ordenança de mãdado àquelles,que o não tinhão? Porem ſabendo que nam era aſſim foylhe já quanto de conforto. Onde ſabey que eſta fame,& padecimentos, que as gentes padeciam, nam erá pelo cerco ſer perlongado, que nam auia tanto tempo, que Lisboa era cercada, mas era por azo das muitas gentes, que ſe a ella acolheram de todo o termo. E iſſo meſmo da frota do Porto,quando veyo, & os mantimentos ſerem muy poucos. Ora eſguarday, como ſe foſſeis preſente,duma tal Cidade aſsi deſconfortada,& ſem nenhuma certa fiuza de ſeu liuramento, cõmo viuirião em deſuairados cuidados, quem ſofria ondas de taes affliçoens. O geraçam que depois veyo. O Pouo bemauenturado, que nam ſoube parte de tantos males,nẽ foy quinhoeiro de taes padecimentos,os quaes a Deos aprouue de cedo abreuiar doutra guiſa, como acerca ouuireis.

CAP. 149. *Da peſtelença,que andaua antre os Caſtellaõs, & dalguns Capitaens, que em ella morreram.*

NAM compre muito trabalhar por dar louuor ásmuitas,& muy boas gentes,q̃ ElRey de Caſtella conſigo tinha, quando ſe moueo pera entrar em Portugal,porque ſem duuida ſabey de certo que a Ca-

a Cása de Caſtella era entaõ hũa das nobres do mundo, de muitos gentiz homens, aſſi de grandes ſenhores, & fidalgos, como, caualleiros, & eſcudeiros bem encaualgados, & guarnecidos de armas; & doutra meam gente de beſteiros, homens de pé em grãde numero, & com tudo, depois que ElRey entrou pelo Reyno, & ſe veio chegando contra Liſboa, pouzando por eſſas Aldeas, começaraõ de morrer de peſte alguns do arrayal das gentes de pé depequena condiçam. E quãdo algum caualeiro, ou tal eſcudeiro acertaua de finar, leuauaõnos a Cintra, ou a Alenquer, ou a alguns dos outros lugares, que por Caſtella tinhaõ voz, & alli os abriaõ, & ſalgauaõ, & punhaõ em ataudes ao ar, ou os coziam, & guardauaõ os oſſos, pera os depois leuarem pera donde eraõ. E por eſta rezaõ ſe mudaua ElRey de hũa Aldea pera a outra, com ſuas gentes, atáque veyo a ſua frota, e ſe lançou ſobre a Cidade, como já hé dito. E tendo aſſi ſeu cerco ſobre ella, começaraõ de morrer na frota, & os outros erã muyto anojados, dando por muitas vezes a ElRey conſelho, que ſe partiſſe dalli por eſtonce, & q̃ depois ſeria tempo pera vir cercar cada vez que quizeſſe, mas elle engeitando ſeus boons rezoados, era muito inclinado anaõ deſcerquar o lugar por couſa, que auir podeſſe, ſabendo bem como a Cidade era mingoada de mantimentos, & que naõ hauia poder de ſe ter grande eſpaço, que naõ cobraſſe á ſua vontade. Ora como aſſi ſeja que antre todalas couſas, em que o diuinal poderio vemos, que mais reſplandece, aſſi he naquellas, que em todo tempo ſaõ deſeſperadas, produzilas a proueitoſo efeito, quando lhe quer aſſi obrar entam por ſua merce, a cerca deſta Cidade, por que ſendo ella muito atribulada, por deſuairados modos de fames, deshi todos cheos de arrefecimento dalgũa eſperança, que doutra parte auir podeſſe, ſaluo a que no muy alto Deos tinhaõ, & na ſua preciosa madre, que os hauia de ajudar, ou ſe auenturãdo todos hum dia amorrer, ou viuer, como diſſemos, prougue a aquelle Senhor, que hé Principe das hoſtes, & vencedor das batalhas, que não houueſſe hi outra ley denaõ pelejar, ſenaõ a ſua, & ordenou que o Anjo da morte eſtendeſſe mais ſua maõ, & precudiſſe aſperamente a multidaõ daquelle pouo. E naõ embargãdo que dantes aſſaz morreſſe, começou de ſe atear apeſte taõ bra

uamen-

uamente, em elles, assi por mar, como por terra, que dia hauia hy que morriaõ cento e sinquoenta, & duzentas assi mais, e menos como se acertaua, de guisa que o mais do dia eram os do arrayal ocupados em soterrar seus mortos. Assi q̃ era espanto de ver aos que o padeciaõ, & estranho de ouuir aos que eraõ cercados; Ca do dia, que faleceo de trama o Mestre de Sanctiago Dõ Pedro Fernández Cabeça de vaca, atá esta sezão, morrerão mais de dous mil homens darmas dos milhores, que ElRey de Castella tinha, a fora muytos Capitaẽs, que nomear não podemos, peró a algũs diremos seus nomes, assi como de Ruy Gonçaluez Mexias, aque ElRey deu o Mestrado depois da morte de Dom Pedro Fernández, & Dom Pedro Fernandez do Sandoual Comendador mór, q̃ cuidou de ser Mestre, & Pero Fernandez de Valhalco Camareiro mór DelRey Dom Pedro, Fernam Sanches de Toar seu Almirante mór, & Fernam Dalucrez de Toledo Mariscal de Castella, & Pero Rodriguez Xarmẽto Adiantado em Galliza, & Dom Pedro Nunez de Lara Conde de Mayorcas, que pouco hauia que casára, como ouuistes, & Dom Ioham Affonso de Benauides, & Dom Fernando Affonso de Cámora Mestre de Santiago, & com este foram tres Mestres, & Ioham Martins de Rojas, & Lopo Ilhoa de Aluerneda, & treze caualeiros DelRey da Cidade de Toledo, & muitos outros caualeiros, & escudeiros de Castella, & de Leam. Era gram marauilha por juizo a nòs nam conhecido, q̃ em fauor de tamanha peste, nenhũs dos fidalgos Portugueses, que hi andauam, nem prisioneiros, ou doutra qualquer guisa, nenhũa nam morria de trama, nem era tocado de tal dor. E os Castellãos por vingança, e menẽcoria q̃ lhe não prestaua, lançauam os prisioneiros Portugueses, que traziam com os que eram doentes de tramas, por tal que moressem pestelenciados, & morriam os Castellãos doentes, & dos Portugueses nenhum padecia, nem dẽtro na Cidade, que era tanto perto do arrayal, nem fora no termo, que forte cousa parece de crer ser hũ Rey assi acompanhado, & seruido de tais, & tam nobres fidalgos, como consigo alli trouuera, & ver sem nenhum proueito tantos delles mortos, ante sy, a fora grande numero doutro miudo pouo, & nam mudar seu desejo do que começado tinha, em quãtos conselhos lhe eraõ propostos,

como

como se assintemente lhe prouguesse de os offerecer à morte,

CAP. 150. *Das rezões, que Dõ Carlos disse a ElRey de Castella, & como ElRey leuantou seu arrayal, & descercou a Cidade.*

SENDO a tromenta do Reyno tam grande, como ouuistes, & Lisboa tão affeita com ondas de taes tempestades, deshi a Comarca della gastada por fogo, & outras destroiçoẽs, de guisa que todalas Aldeas, que hauia em seu termo até Cascaes, que erão dahi a sinco legoas, eraõ já deitadas por terra, & mais os lugares de todo RibaTejo. Alem desto, fome muy continuada, que nenhũa certa esperãça de seu liuramento de cada parte, se geraua, nos moradores della muy pouca fiuza de poder escapar, saluo aquella, que em Deos auia, da maneira, que dissemos. Isso mesmo ElRey de Castella, naõ embargãdo a forçosa demostraçaõ, que hauia da mortindade dos seus, porque deuera de entender que naõ prazia a *Deos* de alli mais estar, perõ, com todo esto, seu firme proposito era perseuerar atèque a tomassem. Assi que os cercados, & cercadores sofriaõ duas grandes penas por comprir as esperanças. Os da Cidade esperauaõ cada dia que ElRey aleuantasse muy cedo seu arrayal, por o aficamento de grãde pestelença; E os Castellãos, outro sy, entendiam que os de dentro, constrangidos por fame, lhe rogariam cõ a Cidade, com penitẽcia de muitos à sua hora. Assi q̃hũs, & outros, mantẽdo sua opiniaõ, sofriaõ dous maiores daños, que em semelhante feito podia acontecer. s. hũs apertada fame dos mantimentos, que mister hauiam; outros mortal pestelença em todolos estados da gente do arrayal. Dom Carlos Infante herdeiro de Nauarra casado com a Infante Dona Lianor Irmaam DelRey, que era com elle em este cerco, vendo a desordenada mortindade, que entre elles andaua, & como cada vez era mayor, dezia a ElRey por muitas vezes que fosse sua merce naõ querer tentar a Deos, estando mais em aquelle lugar, & se alçasse de sobre a Cidade, & tornasse pera seu Reyno, ca posto que elle dalli partisse, assaz leixaua em Portugal caualeiros, & outras gentes, ca tinhaõ muitas Villas, & Castellos, dõde fariaõ guerra ao Mestre, & aos que sua voz quizessem mãter.

E depois

E depois que à Deos prouguesse de cessar aquella pestelença de todo, q̃ entam podia tornar com sua gente, & cobrar o Reyno á sua vontade; dizendo que naõ fosse tal, como sora ElRey Dõ Affonso seu auo, quando pozera cerco a Gibaltar, que morrendo os seus de pestelença, & sendo acõselhado por os senhores grandes, & Capitães da hoste, que se apartasse de sobre o lugar, por as muitas gentes, que morriaõ, & sua pessoa estaua em perigo, & que nunqua o quizera fazer; respondeo aos que o acõselhauaõ: Que em tal cousa lhe naõ falassem, ca elle tinha aquella Villa, que muito prezaua de tomar, tam aficada sem esperança de nenhũ socorro, que a poucos dias seria sua, & a tomaria, & com tal intenção, senão quiz aleuantar, por muy aficados conselhos, que lhe dar podessem, & em esto naceo-lhe huma mortal landroa, de q̃ se finou a poucos dias, & perdeo o lugar, & muitas das gentes, que consigo trouuera. *E vós, senhor,* disse elle, *nam façaes semelhante estada, nem detença de tamanho perigo, ca ainda que vos, & outros do voso Concelho esto nam disemos, a rezam vos daria diso compridо conhecimento, mayormente, que nenhum vos conselha, que de todo ponto deixeis esta guerra, nẽ a demanda, que começada tẽdes, â qual podeis tornar cada vez q̃ quizerdes, e vossa merce for. Mas dizemos o que he rezam, ca pois a Deos apraz esta pestelença tanto dano fazer nos vossos, que espasseis a cousa pera tempo pertencente. Doutra guisa querendo nello mais aprosiar, pareceme que jà este feito leuarà caminho pera o arrayal ser cedo orfaõ dos milhores, que comuosco vieram. Em verdade,* disse ElRey, *o vosso conselho he muy bom, & eu assi o quero fazer, & pois vos dizeis que meu auo cercou Gibaltar, & nam embargãdo que desse a peste nos seus, que por quanto elle tinha aquella Villa, q̃ muito prezauà de filhar, assi aficada, sem esperança de nenhũ socorro, q̃ a poucos dias seria sua, que porem a nam quiz decercar, posto que muitos dos seus morresse, atà q̃ a morte o priuou da vida, & tudo isso fez por cobrar huma curugeira de pouco valor. Ora vede vos que posso eu fazer por cobrar huma tal Ciaade, como esta? A qual cobrada, como eu espero, por aqui cobro todo o Reyno, & tenhoa jà tam aficada por fame, que os de dentro perecem sem combate, nem outra peleja, segundo as nouas, que hey de certo delles, & elles me rogaram com ella, antes*

de

de muitos dias, & me faram minha vontade. E porẽ quero seguir o conselho de meu auo, & naõ o vosso, nem deoutro nenhum, que me leuante daqui. De os meus morrerem me peza muito, porem quero cuidar que entraraõ comigo em hũa batalha, na qual pereceram por sua honra, em defensam de meu Reyno, & ninguem me fale nesto outra cousa ElRey, naõ embargando q̃ esto disseſſe, bẽ via as rezoens, que lhe dauaõ assi as do Infante, como as do seu Conselho, que eraõ justas, & bem razoadas, mas seu grande, & esforçado coraçam desprezaua, & tinha em pouco toda aduuida, & cuidança temerosa, que acerca de taes feitos alguns sobre esto maginar podiam; de guisa que peró duramente sofrese tal pena, sua vontade era indurauel em nam leuantar seu cerco, & continuar o que começado tinha. Em esto deram duas tramas á Rainha, porem nam de grande aficamento, por cujo azo ElRey determinou partir do cerco, & entam aleuantou seu arrayal hum Sabbado, despois de comer, poendo os seus fogo em aquelle dia & ao Domingo seguinte, a todalas cousas deque se prestar naõ podiaõ, segundo he costume dos que leixaõ cerquo, & ardendo toda a noite era hum dos grandes fogos, que os homens viraõ. E foy se apousentar á outra parte da Cidade junto cõ o Mosteiro de Santo Antão, que he muy perto della, & esteue alli hum dia. E Nuno Aluarez, que desto naõ sabia parte quando vio taes fogos, em Palmella denoite, onde elle estaua, ficou muy espantado, & com gram toruaçaõ, cuidando q̃ seria por alguns dos milhores, que cõ elle andauão, deque elle sospeitaua que não eram fieis em seu seruiço do Mestre, porque os fogos eram tamanhos, que parecia que ardia toda a Cidade. Este nojo, & cuidado lhe durou até outro dia pela manhaam, que Lisboa pareceo claramente sem nenhum cajaõ de fogo. E aos sinco dias do dito mes, hũa segunda feira pela manhaam partio ElRey de sobre a Cidade caminho de Torres Vedras, com toda a sua gente, como querque á noite começarão todos de caminhar, cada hum como milhor podia, de guisa que se na Cidade ouuera tantos de cauallo, que se atreuesem a pelejar com elle, bem lhe poderam fazer grande nojo. E em começando ElRey seu caminho muy mais do que ao cerco viera de ledo, chegando a tal lugar de que perdia a vista da Cidade

dade, voltou o rosto com ella, & dizem que disse. *Lisboa, tãta merce me faça Deos, que ainda te eu veja laurada de ferros de arados.* Alli começou de requerer sua gẽte, à qual ainda o Anjo da morte nam cessaua de perseguir, morrendo alguns pelo caminho, & nos lugares, onde depois chegou. Foyse dormir à Cpataria, que sam sinco legoas da Cidade, & ao outro dia à Torres Vedras, que eram dalli tres, na qual villa a Rainha sua molher foy em ponto de morte das nacenças, que do arrayal leuaua, però prougue a *Deos* que cobrou saude. E assi durou o cerquo depois que ElRey chegou ao Lumiar a tè tres dias do mes de Setẽbro, q̃ se aleuantou de sobre a Cidade, quatro meses, & vinte e sete dias, naõ cõtãdo aqui o tempo, que o Mestre de Sanctiago Pero Fernãdez de Valhasco, com outras muitas gẽtes consigo, começou de fazer cerco pela comarca do Lumiar, segundo em seu lugar hauemos contado. E se deste tempo contarmos, como alguns contaõ, porque desentaõ todas as gentes do campo jaziam já dentro na Cidade com medo dos Castellaõs, & se gastàram mantimentos, diremos que foy sete meses. ElRey partio de Torres Vedras, & chegou a Santarem, com sua molher, & gentes, que leuaua, onde oleixemos, em quanto nos formos ver que fez o Mestre, & os da Cidade, depois que ElRey aleuantou o cerco.

CAP. 151. *Como os da Cidade ordenaram perciſſam por darem graças a Deos, & da prẽgaçaõ, que fez hum frade nella.*

QVANDO o Mestre, & os da Cidade viraõ como ElRey se alçaua, & partia cõ suas gentes, & como alçàra o cerco de sobre ella notempo de sua mais aficada tribulaçam, que à mingoa de mãtimẽtos viuer naõ podiao, foram todos taõ ledos com sua partida, quanto se perfeito dizer naõ pode, dando muitas graças a Deos, que se daquella guisa a merceara delles, & sahiram fora da Cidade por ver o sentamento do arrayal, que já era quemado, & acharam muytos doentes naquelle Mosteiro de Sanctos, que dissemos, & vzauam com elles de piedosa charidade, posto que seus imigos fossem. No segũdo dia ordenàram logo hũa grande, & deuota perciſſaõ, na quoal todos fossem descalços ao Moesteiro

Moesteiro da Trindade, que he dos muros adentro do lugar. E o honrado Dom Iohaõ Escudeiro, Bispo que então era dessa Cidade, partio descalso da Igreja Cathedral da See, reuestido em Põtifical, com o corpo do Senhor nas mãos, a mais honesta, & honradamente que se fazer pode, muyto acompanhado de ordens & clerezia, & deshi o Mestre com todo outro pouo. Chegando todos a aquelle Moesteiro, depois que fizeram sua deuota percissam, começou de prègar hum notauel, & grande prègador muy letrado, & Theologo, chamado por nome Mestre Rodrigo de Cintra, da Ordem de Sam Francisco, o qual fez huma solemne, & comprida prègaçam abastadamente de Textos da Sancta Escritura, que seu proposito, sabedormente trouue, do qual se mais dizer nam pode, senam o modo, que em ella leuou, segundo muyto em breue alguns leixaram escrito, & foy daquesta guisa. Elle tomou por thema em começo de seu sermão. *Misericordiam fecit nobiscum.* Tornando a dizer por lingoagem. *Gram misericordia fez Deos comnosco.* Depois declarou que cousa era *Misericordia* & *Piedade*, & como misericordia procedia por naturaes direitos, a qual era releuar homem seus proximos de miseria, que padecem, & como toda perfeiçam da Religiam Christaam está em Misericordia, & Piedade. E entam tratou que mouera a ElRey de Castella leyxar seus grandes, & poderosos Reynos, contra o gram juramento dos trautos, que prometera, & vir nam dignamente ocupar o Reyno, que lhe ainda o direito nam concedia; dizendo, que esto fizera huma nam discreta cobiça com deleitaçam de se asenhorear, deshi mao conselho de alguns seus priuados, com os quaes depois de grandes trabalhos, & mortes de muytos ficáram sem nenhum fruito. *Paray mentes, & abri os olhos de vossos coraçoens*, disse elle, *esguarday como vieram dias em estes Reynos, & especialmente sobre esta Cidade, em que seus imigos a cercaram, & pozeram em grande angustia, & por nossos peccados Portugal contra Portugal peleja, ficando tam pouca parte delle, que quasi nú, & desemparado parece de todo, assi*

ſi que toda a maldade em eſte tempo de grandes treuas em humas, & nas outras teue, & tem corrupta entençam. E entam falou por claros exemplos da grande Cidade de Samaria, que cercou Benadad Rey de Syria no tempo do Propheta Eliſeu, ſobre a qual tendo ſeu cerquo, foy a fame tam grande em ella, que dauaõ huma cabeça de hum aſno por oitenta reaes de prata, & hum pouco de eſterco de pombas pera ſalgar vianda valia ſincoenta, de guiſa, que com tam grande fame comiam os filhos, da qual mingoa, & preſſa ElRey foy poſto em tam grande coita, que rompeo ſuas veſtiduras, & pareceo o ſilicio, de que andaua veſtido a cram da carne, & poſtos de todo em deſeſperaçam, ſe amerceára o Senhor Deos delles, dando tal eſpanto no ſeu arrayal, que lhes parecia, que grande hoſte de gentes os perſeguia, de guiſa, que fogiram todos ſem curando de leuar couſa alguma. Contou da Cidade de Hieruſalem, como fora cercada por Senacherib Rey de Syria, ſendo eſtonce Ezechias Rey della, & como tendoa aſsi cerquada, querendoſe Deos amercear della ferira o Anjo de Deos huma morte ao arrayal, & matára cento, & oitenta & ſinco mil delles, & fogira ElRey ſòmente com dez homens com gram temor, & eſpanto, que houue. Diſſe mais do Principe Olofernes como cercara a Cidade de Betulia, & como lhe britou os canos das agoas, que vinham de dentro a Cidade, & lhe tolheo o logramento de humas fontinhas, que eram acerca della, de guiſa, que com gram mingoa dagoa começaram de ſe queixar, huns contra outros, dizendo, que milhor fora ſeruir a Olofernes, que morrer aſſi de ſede, & que ſendo aſſi neſta preſſa, ordenara Deos que ſahiſſe fora da Cidade a ſancta molher Iudic, ſob fingimento, que a viſſe Olofernes, & a cobiçaſſe, & fora aſſi que a vira, & cobiçára, & ſendolhe leuada à ſua tenda, ſe lançou elle farto de vinho, & adormeceo primeiro, & ella cortoulhe a cabeça com ſua eſpada, & tornouſe pera a Cidade, & o outro dia achando os do arrayal a ſeu ſenhor morto, & ſendo

muy

muy toruados começáram de fogir, & assi foy descercada a Cidade. E tornando elle a comparar per modo a careſtia, & a fame de Lisboa, & as outras mingoas, & padecimentos com a Cidade de Samaria, & isso mesmo das outras Cidades, & a grande misericordia, que Deos fizera com ella em os liurar daquella maneira; taes semelhantes comparaçoens eram ouuiuidas com grandes choros, & saluços, espargimento de muytas lagrimas, de guisa que parecia gram pranto feito por algum senhor, alçando todos as mãos ao Ceo, & dando muytas graças ao Senhor Deos, que tam grande misericordia quizera fazer com elles. Ora, disse elle, *segundo esta Cidade estaua atribulada, & ardendo a fogo de sua gram tribulaçam, na força de sua mayor quentura, que era aficamento de grande cerco, & sofrença de muyta fame, o apagou Deos, porque seu apartamento nam prestaua cousa alguma, que fazer podesseis contra o poderio Del Rey de Castella, nam valiam missas, nem prestauam oraçoens, que deuotas pessoas podessem fazer, brádando a Deos, que se amercease de nos, & quizesse liurar esta Cidade de poder de seus imigos; de guisa que parecia que o Senhor Deos cerraua suas orelhas de nos ouuir, & tornaua sua face de nos querer liurar. E nos assi postos na postrimeira parte de tamanha lastima, & angustia, disse o muy alto Rey Celestial, Padre dos grandes, & Deos de toda a consolaçam, no Consistorio de sua sabiduria. Tempo he que ajamos compaixam da Cidade atribulada, & nam leyxemos mais padecer, como se disesse. O Cidade de Lisboa ouuida he a tua oraçam, & porque te amey, querote liurar auendo de ti gram doo, & a estucia, & mão forte, & tua fiuza, daqui em diante, em mim serà, mas por quanto aquelle gram Rey de Castella era endurado em seu coraçam a nam descercar esta Cidade, por cousa, que hauir podesse atáque a por fame, ou força de armas podesse tomar, nam quiz Deos com elle ter outro geito, por mostrar seu grande poderio, saluo aquelle, que teue com El Rey de Faraò, aque mandou por muitas vezes: que leyxasse hir santificar a seu pouo ao deserto, que peró o percudisse com grandes,*

& estranhas pragas, nunqua o quiz leyxar de todo, atàque o Deos tangeo com a decima praga matandolhe todos os primogenitos filhos, des o filho do mayor senhor do Egypto, até o filho da mais piquena serua, que hauia antre elles, & dos filhos de Israel nenhum por estonce morria. Assi o Senhor Deos começou de tanger de pestelença. ElRey de Castella, anteque a esta Cidade chegasse, que era sinal, & amoestamento, que lhe nam prazia de vir a ella, & elle, por isso nam leyxou de vir. E depois que a teue cercada lhe começaràm morrer alguns dos seus, assi da gente de bom estado, como doutros de piquena condiçam. Deshi crecendo a mortindade, começaram a morrer dos fidalgos, & senhores, que eram seus primogenitos, tanta multidam trigosamente, como todos bem sabeys. E elle por todo esto tinha sua vontade firme de a nam decercar, com quantos conselhos lhe dauam sobre ello, atáque Deos percudio no seu primogenito filho, que mais ámaua, que foy a Rainha sua molher, em a qual duas pestelenciaes postemas naceram, & entam seu duro coraçam, com espanto da triste morte, se partio, & decercou esta Cidade, da qual cousa Deos comnosco fez muy grande misericordia, & nam embargando que o Deos tangeo com aquella graça pestelencial, como vistes, ainda elle vay com tençam de tornar a este Reyno, pelo destroir, & o sogigar, & acontecerlhehà em sua tornada aquello, que aconteceo a Faraô com ò pouo de Israel, que depois que os leyxou hir pera o deserto, foy depos elles com muy grande hoste, & cuidando de os perseguir, & matar, foram mortos, & destroidos, quantos consigo leuaua & elle nam comprio seu desejo; E assi ha de acontecer a ElRey de Castella, que se elle tornar a este Reyno, com a entençam, que leua, Deos lhe matarà tantos dos seus primogenitos, que sam os grandes, & honrados de seu Reyno, com que britou a verdade, que prometida tinha, que nunca mais auerà vontade de tornar a esta terra. E elle poem sua esperança em multidam de muyta gente pera nos destroir sem porque, & nòs esperamos em hum só Deos, que nos liurarà de suas mãos. O qual nos deixou padecer tantas presas, & tribulaçoens como vistes

por

por termos rezam de o mais amar, quando nos dellas liuraſſe com boa fiuza. Ergo leixemos fazer ao Senhor Deos, que todolas couſas obra em bem, ſegundo ſua merce, & as quaes ſe faziam por ſeu juſto juizo, como elle quer, a nos muyto eſcondido. Ca doutra guiſa querer homem eſto adeuinhar como, & porque ſe eſto aſsi faz, nam he outra couſa, ſenam dar guerra, & canſar ao entendimento. Confeſſemos, pois aſsi he, que ſomos dignos do que nos auemos por noſſos peccados, & cheguemonos a Deos por pendoencas, & cantemos ao Senhor Deos cantar nouo, aſsi como cantaram os Iudeus, quando viram o que Deos fizera cõ elles, mattando ſeus imigos ante ſeus olhos; & digamos todos puramente, & de vontade. Bento ſejas tu, muy Alto Deos, Principe dos Reys da terra, doce ſolaz dos atribulados, & muytas graças te damos, que nos quizeſte ouuir, & do fauo da tua doçura deſtilaſte ſobre nós a tam grande miſericordia, abreuiando os dias de noſſa tribulaçam, que nam foſſem mais perlongados, que ſe mais tempo duraram, fora grande duuida de o podermos ſoportar A ti bendigam, & louuem todas as creaturas, & nós louuemos, & benzamos o teu ſancto nome pera ſempre ſem fim. Amem. E eſtas, & outras muytas rezoens diſſe aquelle frade em ſua prégação, com que o poüo muyto choraua, alçando todos as mãos ao Ceo, & dando muytas graças ao muy Alto Deos, que os aſsi deſabafara do poder de ſeus imigos. E acabada a prégação, diſſerão Miſſa muy ſolemnemente, & tornou a perciſſaõ á Sé com o Corpo de Deos, aſsi como antes partira, todos com grande deuação, & muyto conſolados.

CAP. 152. *Como Nuno Aluarez paſſou a Lisboa por falar com o Meſtre.*

SOVBE Nuno Aluarez, q̃ eſtaua em Palmella, como ſe aleuãtára ElRey do cerco; & eſtaua em Santarem, & prouguelhe muito com taes nouas, & foy certificado que elle fizera alardo de pouca gente nam bem corregida pera repartir por ſuas fronteiras, & como homem muy ſages, & em toda couſa ardido, Nuno Aluarez ſoube deſto parte, & como auiaõ de vir com ElRey de Caſtel

la muytos mortos, & doentes dos de ſua companhia, entendendo que hiriam alonge pelo caminho nam bem cautelados, com grande, & esforçado coraçam poz de todo em ſua vontade de lhe hir ſahir diante, & com ajuda de Deos pelejar com elle, & desbaratalo com toda ſua gente. E dizem aqui alguns, contando em breue hiſtoria, que mandou pera ello pedir licença ao Meſtre, & que elle lhe reſpondeo, que lhe aprazia dello muyto, & que lhe rogaua que o aguardaſſe, porque queria ſer com elle em tal obra. E que por ſe eſta couſa poer em treſpaſſo, & o Meſtre não hir ao tempo, que compria, ElRey de Caſtella ſe foy ſeu caminho, ſem torua, que de nenhum ouueſſe, de que a Nuno Aluarez muyto pezou, & da licença, que pedir mandára. Mas hum outro compilador deſtes feitos, de cujos garfos por mais largo eſtylo enxertamos neſta obra, ſegũdo q̃ compre, reconta iſto por eſta maneira. Diz que Nuno Aluarez, eſtando em Palmella, ſabendo nouas, que jâ diſſemos, que ElRey hia com gram deſejo de poderoſamente tornar ao Reyno pera o ſogigar por força de guerra, ordenou de vir falar ao Meſtre, aſsi ſobre a peleja, que entendia dauer com ElRey de Caſtella, como doutras couſas, que muyto compriam a ſeu ſeruiço, nam embargando que ainda a frota jouueſſe toda ſobre a Cidade, aſſi como ante jazia. E por eſta rezam ſe veyo ao Cabo de Montijo, que he em Riba Tejo, duas legoas da Cidade, onde jâ tinha hum batel preſtes, em q̃ paſſaſſe. E quando ouue de entrar no batel, hum ſeu eſcudeiro, de que muyto fiaua, chamado por nome Vaſco Martins do Outeiro, falou a Nuno Aluarez a de parte, & diſſe. *Nuno Aluarez, eu vos peço por merce, que nam queiraes entrar em eſſe batel, nem fazer tal viagem pera âlem, ca eu vos digo, que ſonhaua eſta noite como hia com voſco em eſte batel, que vos tomauam as galés de Caſtella, & a todos nòs outros, que comuoſco hiamos, da qual couſa eu tomaua nojo, que me queria matar, quando via tal perda. E porem pareceme, q̃ he bem, q̃ eſcuſeis eſta ida por hora.* Nuno Alua rez, quando eſto ouuio, reſpõdeo muy manſo, & diſſe. *Amigo meu, eu vos agardeço voſſo bom conſelho, mas eſta couſa Deos a faràmilhor do ueq vos dizeis, & pera vós nõ verdes eſto, q̃ aſsi ſonhaſtes, eu*

vos mãdo q̃ fiqueis, & naõ vades commigo, & por esta guisa vos naõ vereis vosso sonho comprido, nem prazera a Deos que seja assi. O escudeiro, nam embargando esto, disse que queria hir toda via com elle: E Nuno Aluarez nam o quis consẽtir, & assi ficou muito contra sua vontade. E Nuno Aluarez, desprezando todo o sonho, & agouro, vaõ, nam mudaua tençaõ do que proposto tinha, & entrou no batel com alguns seus a horas de meia noite. E posto que se desuiar podera, quiz atraueſſar por afrota, que jazia ante a Cidade; e como foy antre ella, mandou logo dar às trombetas. Os das naos, quando esto viraõ, começàram de se aluoraçar, bradãdo todos. *Armas, Armas;* E hũs saltauaõ nos bateis, & outros vinham á borda, nam sabendo que era aquello. Porem alguns das naos perguntaram aos do batel: quem hia alli? E foy lhe respondido, que era Nuno Aluarez, & vendo q̃ lhe não podiam empẽcer, cessaram de começar nenhuma cousa contra elle. E foy esto no derradeiro dia do mes de Setembro.

(.)

CAP. 153. *Como Nuno Aluarez falou ao Mestre, & das rezoens, que ambos ouueram.*

CHEGOV Nuno Aluarez a terra, ante manhaam, & os q̃ o assi virão ouueraõ grande prazer com sua vinda, & trouuerãolhe hũa mula, em que caualgou, & seu pagem traz elle com a espada de armas, que lhe enuiara de gajas Pero Xarmento, quando ouuera de vir á batalha com elle em Euora, & os seus todos de pé arrador delle, & muytos outros, que o acompanhauão, & foyse logo ao Moesteiro de Sam *Domingos* ouuir Missa em Sancta Maria da Escada, em que auia gram deuaçam, & como acabou de ouuir Missa foyse direitamente aos Paços, onde o Mestre pouzaua, O qual, sabendo jà parte como elle viera, faziase prestes pera o receber. Em esto disseramlhe como vinha Nuno Aluarez, & o Mestre deceo ás portas de hum grande, & espaçoso curral, que se fazia ante elles, & quãdo o vio, ouue com elle grande prazer, & enuiou ferijo a elle abraçandoo, & não sómente o Mestre, mas os seus com os de Nuno Aluarez se abraçauam, & beijauaõ nas faces,

ces, que parecião, que se não podiam fartar huns nos outros, Nuno Aluarez se fincou em giolhos ante elle, por lhe beijar as mãos, & o Mestre naõ o quiz consentir, & elle, estando em giolhos ante elle, trabalhaua por lhas beijar, & o Mestre pelo leuantar, dizendo não era tal como elle pera lhe dar a beijar as mãos, mas pera lhe fazer muytas merces, & acrecentamentos *Mayormente*, disse o Mestre, *a tal como eu, que jouue aqui encarrado em este curral sẽ fazer bem nenhum*. A aquello respondeo Nuno Aluarez tam boas, & mesuradas palauras, que a muytos dos que hi estauão vendo tam animosa contenda, naciam lagrimas nos olhos cõ prazer, que lhe corriam pelas faces, Em fim de suas rezoens, Nuno Aluarez nunca se quiz aleuantar atá que o Mestre consentio de lhe beijar as mãos, & então se leuantou, & forãose ambos pera a Camara, onde falàrão, per alguns dias, que hi esteue, muytas cousas no proueito da guerra, em que erão postos, & esperauão de ser; antre as quaes Nuno Aluarez disse ao Mestre, que elle fora certificado por Pedreannes Lobato, que a elle enuiàra com recado da tomada de Monçaraz, que falando com algũs fidalgos, dos que consigo tinha, q̃ a muytos delles entendera que naõ erão fieis em seu seruiço, & q̃ porem lhe parecia que era bem, que ouuesse com elles, que lhe fizessem todos menagem, & o recebessem por senhor, assi aquelles, que o recebido tinhão, como os fidalgos, & caualeiros de antre Douro, & Minho, que ficassem por seus vassallos pera o seruir na guerra, que esperauão, porque depois que se cada hum fosse pera suas casas, sem fazẽdo isto primeiro, que não seria tam seguro delles, nem os teria assi obrigados, nem prestes pera seus seruiços, & que esta fora a principal cousa; porque se demouera a lhe vir falar: o qual lhe pedia por merce, que encaminhasse, como fosse feito. E o Mestre ouue esto por boom conselho, & ordenou como se pozesse em obra. E aos dous dias do mes de Outubro foraõ todos os fidalgos, & gentes da Cidade juntos no Moesteiro de Sam Domingos, aos quaes o Mestre propoz dizendo: Que bẽ sabiaõ, como sendo elle prestes pera se partir do Reyno por certas rezoẽs, q̃ todos eraõ em cõsentimẽto por aficados rogos, & prezes dos moradores da Cidade, & issomesmo de algũs fidalgos, que presentes eraõ, tomàra cargo de

Rege-

Regedor, & Defensor destes Reynos, por cuja defensaõ, & emparamento, elle sofrera, & entendia soportar quaesquer cajoens, & trabalhos, que lhe auir podessem, atá a venturarse, por ello, á morte. E que, segundo elles viaõ a despoziçaõ, em que o Reyno estaua, & a entençaõ, com que el Rey de Castella hia, que muito maiores trabalhos lhe eraõ presentes pera sofrer, que os q̃ passados atá estões tinhaõ, que por cobrar os lugares, que por Castella estauam, emais defender os que tinhaõ sua voz, nam se podia fazer, senam sendo todos de hũ acordo, & de hũa vontade delhe ordenar donde se podessem auer despezas pera osoportamento de taes encargos. E portanto ordenàta, em quanto estauam todos juntos, de falarem sobre estas cousas. que bem viám elles, que o Reyno era acerca de partir, & que nam eraõ postos em nenhum cuidado de o cobrar, que quando fora filhado aos Mouros; porẽ falassem sobre estas cousas, como se milhor poderiaõ fazer; ca em todo bom acordo, que elles ordenassem, elle era prestes de consentir

CAP. 154. *Como os fidalgos, & pouos fizeraõ menagens ao Mestre, & dos priuilegios, que deu á Cidade.*

TALADAS muitas & desuairadas cousas, assi pelos fidalgos, como todo opouo, e posto ante seus olhos o mal, & o bem, que de taes feitos auir podia, depois de longos rezoados, que leixar queremos, por não deter, sua postrimeira conclusaõ foy esta; que, nam embargando que todolos da Cidade, & alguns fidalgos, dos que eram presentes, & tiuessem já recebido o Mestre por senhor, assi fidalgos, como Cidadãos, & lhe fizessem menagem, como a Regedor, & defensor dos Reynos de Portugal, & do Algarue, & que o seruissem, & ajudassem com os corpos, & aueres, que cada hum auia, pois viam que estauão em tempo de auer mister. E mais que fossem chamados aquelles concelhos, que por Portugal mantinhão voz, & todos em Coimbra com os fidalgos, & Prelados, que hi fossem jũtos, falassem sobre o prouimento da guerra, & donde se podião auer as despezas pera ella necessarias. E isto alli determinado,

veyo

veyo aos seis dias do mes de Outubro da era presente já nomeada de quatrocentos, & vinte & dous, forão juntos no Paço Del-Rey, onde o Mestre pouzaua o Conde Dom Gonçalo, & Dom Frey Aluoro Gonçaluez Priol do Esprital, & Nuno Aluarez Pereira, & Diogo Lopez Pacheco, & outros senhores, com todolos fidalgos, assi caualeiros como escudeiros, & todolos moradores da Cidade, & doutros lugares, q̃ a tal feito compriam de estar. Os quaes juntamente, & cada hum por sy, jurarão aos Sanctos Euangelhos corporalmente tangidos, & fizeram preito, & menagem ao Mestre, como a seu senhor de o seruir, & o ajudar com todolas suas forças assi contra ElRey de Castella, como contra qualquer outro, q̃ lhe algũ nojo fazer quizesse, & lhe beijárão a mão por senhor; dellesdo coração, e obra, outros fingidos, & não de vontade, como se depois mostrou, & elle prometeo, & jurou de guardar todolos seus priuilegios, & liberdades; que auia de manter o Reyno em direito, & justiça. Tanto que esto foy acabado, vio o senhor Mestre, como os moradores da Cidade mostrauão tal desejo de o seruir, que mayor ser não podia, despondose em toda guisa a leuar este feito auãte, naõ embargando o cerco, & fame, em que forão postos, & deshi a destroiçam dos bens, que tinhão passada, & esperavão de receber atá despoer os corpos à morte por seruiço seu, & honra do Reyno. Como nobre senhor, de real coração, & que não sômente auondaua largueza de grandes doens, mas ainda se podia delle bem dizer, que era corrẽte rio de limpa, & virtuosa grandeza, com firme proposito, sem fazer tardança, poz logo em sua vontade de regar os coraçoens delles, das muy doces agoas dos agardecimentos, & chamou esses do seu Concelho, assi como o Conde Dom Gonçalo, & Dom Frey Aluoro Gonçaluez Priol do Esprital, & Dom Lourenço Arcebispo de Braga, & Dõ Iohão Bispo de Lisboa, & Dom Payo de Meira Bispo de Sylues, & Nuno Aluarez Pereira, & Diogo Lopez senhor de Ferreira, & o Doutor Iohão das Regras, & outros assaz, q̃ aqui não dizemos. *E* propoz ante elles, & disse: que bem sabia como a Cidade de Lisboa era a milhor, & mayor, que no Reyno auia, & como ella fora a primeira, que tomara voz, & esforço pera defender estes Reynos da sogeição, em que os ElRey de Castel-

Caſtella quizera meter, ſem tendo rezam de todo ſogigar a elle, fazendo muyto por ſer aſſi, na qual ſogeição os de Lisboa nunca conſentir quizeraõ, & o tomaraõ por Defenſor, & Regedor delles, aſſi como outras Villas, & lugares do Reyno, depois, por ſeu azo, fizeraõ ſemelhantemente. Deshi como ella por eſta rezam fora cercada por mar, & por terra, como todos virão, no qual cerco, que aſſi ouueram, perderam muytos dos bens, que auiaõ & eſpargeram muyto do ſeu ſangue, por cujo defendimento, cõ a graça do muy Alto Deos, o Reyno ficaua em parte liure; & fóra de tal ſogeição, na qual ficara, ſe elles, & ella quizeram conſentir. Alem diſſo, q̃ elle eſguardaua as grandes deſpezas, que atelli fizeraõ, & lhes conuinha fazer por honra de ſeu eſtado, & exalçamento do Reyno; E q̃ lhe prazia que aquelles, que tamanha demanda quizeram leuar adiante, como era defender a terra do grande poder de ſeus imigos, que lhes conuinha ſoportar ſeus perigos, & trabalhos, q̃ adur ſe podiaõ galardoar cõ merces: porẽ por galardaõ de tal façanha, & por ficar memoria pera sẽpre a aquelles, que depois vieſsẽ, elle tinha cuidado de dar priuilegios, & fazer merces á dita Cidade em recompenſaõ deſtes tamgrãdes ſeruiços, as quoaes poſto que em igualaçaõ naõ foſſem do que ella merecia, que ao menos ſeu deſejo era de afazer franca, & liure de ſacarias de alguns direitos de pequena condiçaõ, que os Reys em ella, & em ſeu ſeruiço, & coſtume, atá quelle tempo, hauiaõ, de guiſa que todos viueſsẽ ſem refezes ſogeiçoẽs, vzando liuremente do que houueſſem. Editos por elle quaes eraõ, naõ foy tal, que o contradiſſeſſe, mas cada hum dezia que era muito pouco em comparaçam de tam afinados ſeruiços, quaes eraõ os que ella fazia, & continuaua de fazer, rezoando ſobre tal feito muytas couſas, & dizendo: que poſto que outras Cidades, & Villas do Reyno mantiueſſem ſua voz, & tençam, ca todo era em eſforço, & fauor de Lisboa, tendo mentes, que como ella fizeſſe aſſy fariam todos; em tanto que honra, & perda do Reyno em ella ſomẽte eſtaua de todo. A qual couſa era muyto de notar, louuãdo todos a grande bondade do Meſtre por tam virtuoſa tençaõ, acerca deſto ter cuidado, dizendo, que Deos lhe encaminharia depois ſeus feitos com tanta ſua honra, & exalçamento de ſeu eſtado

tado, que elle lho agalardoaria cada vez milhor com auondança de largas merces. Eſtonce lhe quitou eſtes coſtumes, & direitos, que hauiam em vzança de pagar. ſ. Relego, lugadas de pam, & de vinho, Mordomado, & anadarias, açougagem, ſelairo, mealharia, londes, alcaualla. E mais lhe fez merce dos Paſſos, em que ſe tirauam taes direitos, aſsi como do trigo, que eſtá ſob aportagem, & que em outro tempo fora carneçarias, & do Paſſo das fangas da farinha, & do Paſſo, onde hora os carniceiros cortam a carne, & mais lhe deu dezaſeis tendas, que eraõ des o arco das mercearias, atá a porta das carnaçarias. ſ. oito de hũa parte, & oito da outra, as quaes mandou, que ſe derribaſſem, por a praça da Cidade ſer mais fermoſa. Deulhe mais dous taballiados, que auia em Oeiras, & no Reguengo de Ribamar, por não auer outros taballiaens no termo, & naõ ſómẽte lhe tirar eſte coſtume, & direitos, mas ainda deu mais outros, & priuilegios a todolos vizinhos da Cidade, & de ſeu termo, que entaõ erão, & ao diante foſſem, que não pagaſſem em todolos lugares do ſenhorio de Portugal, & do Algarue portagem, nẽ vzagem, nem coſtumagem, nem outro nenhum direito, nem tributo de todolas mercadorias, que leuaſſem pera cada hũ lugar dos ditos Reynos, ou que trouxeſſem de outros lugares pera a dita Cidade, aſsi pera ſeus mantimentos, como pera vender. E deſto lhe mandou fazer eſcrituras, as mais fortes, que puderão, com que os da Cidade forão muy contentes, & elle cobrou gram louuor, & fama. Os quaes lhe pedião por merce que mandaſſe logo derribar o Caſtello deſſa Cidade. Sendo outorgado por elle, foy derribado em terra ſem outra tardança, E em eſſe dia falou Nuno Aluarez ao Meſtre, como ſua firme vontade era, quando ElRey de Caſtella partiſſe de Santarem, ſahirlhe ao caminho à Cham do Couce, & hũa manham vir dar ſobre elle, & que entendia, com ajudá de Deos, de o desbaratar, & que lhe pedia por merce, que lhe deſſe licença pera eſto, dizendo que ſe elles auião de pelejar cõ elles á vinda, com muytas gentes, & bem corregidas, que milhor pelejariaõ eſtõces com poucas companhas, & mal ordenadas. O Meſtre eſtonce reſpondeo que lhe prazia muyto, & que pera tal obra elle queria ſer ſeu cõpanheiro, & que porém ſe tornaſſe elle pera Palmella, & que o aguar-

guardasse alli, & que se passaria álem com os mais, que podesse, & dalli partirão a hir buscar ElRey, & pelejar com elle, tornandose então Nuno Aluarez da guisa, que viera no batel. E aguardando o Mestre pera esto, que dizemos; partio ElRey então mais cedo do que elles cuidauão; mas sabendo porém deste ordenado, & Nuno Aluarez foyse pera Euora, onde folgue hum pouco, até que vá tomar Portel. Nòs iremos em tato poer ElRey de Castella fora do Reyno.

CAP. 155. *Como ElRey de Castella chegou a Sanctarem, & ordenou Alcaydes em alguns lugares.*

PARTIO ElRey de Torres Vedras, chegou a Sanctarem cõ sua molher, a qual hia em hũas andas, ainda de redea. Alli começou de ordenar como ficassem seguros, & defetos os lugares, que mantinhaõ sua voz, & huma segunda feira fez alardo em Vallada por ver que gentes tinha pera partir, assi as que ficassem em cada hum lugar, como as que auia de leuar consigo. Em o alardo foy bem pouca gente, & mal corregida, como homens, que vinham de sobre cerco, & os mais delles morrerão os senhores, com que viuião. E tirou ElRey em Sanctarem de Alcayde Lopo Fernandez Padilha por o leuar consigo, & leyxou na Villa por frõteiro *Dio*goGomez Xarmento seu Irmão, & na Alcaçoua mandou, que ficasse Gonçalo Pirez de Valderauanos, & com elles oitenta lanças, & trezentos bésteiros. E em Cintra leyxou o Conde Dõ Anrique Manoel, & em Torres Vedras hum caualeiro de Castella, que dizião Iohão Duque, & em Alanquer Vasco Pirez de Camoens, & em Obedos Iohaõ Gonçaluez Teixeira, & em Leyria Garcia Rodriguez, Meirinho mór, q̃ fora DelRey Dom Fernando, & em Torres Nouas Pero Lopez de Texeda natural de Castella, & Comendador de Sanctiago, por leuar consigo Gonçalo Vazques de Azeuedo, que fez hum bom jogo, que neste capitulo contaremos: E em Penela, & em Miranda leyxou o Conde de Vianna, & isso mesmo nos outros lugares leyxou aquelles, que os tinham, segũdo tratamos, onde compria outros alguns em seu lugar, assi como o Priol *Dom* Pedraluarez que se foy estonces com ElRey, & nas fortalezas de seu Priolado

leixou

leixou certos, que asguardaſſem: E Gonçaloeannes em Caſtel lo de Vide, & em Villa Viçoſa Vaſco Porcalho Comendador da Ordẽ de Auiz, & em Portel Fernam Gonçaluez de Souſa: em Monforte Martim Annes da Barbuda: & em Campo mayor, & Ouguella Payo Rodriguez Marinho, & em Oliuença Pero Rodriguez da Fonſeca, & em Moura Aluoro Gonçaluez, & em Mertola Fernam Dantes Comendador môr da Sylua, & em Ponte de Lima Lopo Gomez de Lira, & em Braga Iohão Lourenço Bubal, E aſſi outros Alcaydes nos lugares, q̃ tinha. *E* tambem neſtes, como nos outros, & em todos ficaram gentes de eſcudeiros, & beſteiros, & homens de pé, aquelles, q̃ ElRey vio que pera cada hum compria. E falando aos Alcaydes, q̃ falar pode, a outros eſcreueo, q̃ ſe tiueſſem firmes, & defendeſem tambem ſuas fortalezas, ca elle, Deos aprazendo, entẽdia de tornar muy cedo, & eſguardaria todo com grandes galardoens, & merces. E dizem que tam mingoado foy alli ElRey de dinheiro pera pagar ſoldo ás gentes, q̃ leixaua, que antes mandou desfazer ſua grande baixella de ouro, & prata, que trazia: & cortauãona à tizoura, & dauãona em marcos a cada hum. Ora em eſte lugar deueis ſaber que, poſto que alguns culpaſſem Gonçalo Vazquez de Azeuedo, que elle fora em conſelho, & em azo de darẽ Santarem a ElRey de Caſtella, q̃ elle naõ eſteue porem no cerco com elle, nem ſe tremeteo mais de ſeus feitos, ſaluo eſtar ſempre em Torres Nouas, nam determinando qual parte teria, até ver a fim de tamanho negocio. Mas outros rezoaõ iſto pello cõtrairo dizendo q̃ eſtando elle em Torres Nouas, por ſuas cartas, & menſageiros enuiou dizer ao Meſtre, que lhe perdoaſſe todo o que paſſado era, que elle o ſeruiria bem, & lealmente contra ElRey de Caſtella, & contra quaeſquer outras peſſoas, & deſto lhe enuiou firmeza ſua por palaura, & por eſcrito, & que ao Meſtre prougue dello muyto, & que deu pera elle, & pera ſuas gentes, ſoldo, & dinheiros, & em outras joyas. E eſta rezam parece mais certa, por que Aluoro Gonçaluez filho deſte Gõçalo Vazques ſe lãçouentaõ da parte do Meſtre em Lisboa na frota do Porto moſtrandolhe o Meſtre grande gaſalhado, & muyto boa võtade, atá que fogio com Gonçalo Rodriguez de Souſa, & ſe foy pera os Caſtellaõs, quãdo ElRey deſta vez chegou a Tor-

TorresNouas,Gonçalo Vazques naõ oſahio areceber,nem ElRey naõ pouzou no Caſtello,& quãdo vio eſto,porentender que lhe naõ prazia, & pouzando aſſi na Villa, nenhũ Caſtellaõ naõ entraua dentro,mas à porta lhe vinha falar, quando lhe algum recado queriam dizer. Eperô ElRey mandaua rogar que lhe vieſſe falar, ſempre ſe eſcuſaua de o fazer, receandoſe o que lhe depois aueo,ElRey tendo diſſo grãde ſentido,crendo que como elle dahi partiſſe que Gonçalo Vazquez logo daua volta, & ſe tornaria da parte do Meſtre,cuidando toda via de o leuar conſigo, & foy deſta guiſa. A ſoltura, que os homens daõ ás molheres, que muytas vezes lhe trazem deſhonra, & perda, encaminhou Ines Affonſo molher de Gonçalo Vazquez foſſe ver a Rainha Dona Breatiz ſua Cunhada,& iſſo meſmo ElRey, & ambos diſſeraõ o naõ bom geito,q̃ ſeu marido moſtraua em os ſeruir,de guiſaq̃ elle naõtinha em elle boa experiẽcia,dizẽdolhe quantas boas rezoẽs tinha pera amar ſeu bom ſeruiço, & elle delhe fazer merces,& acrecẽtamẽto,as quaes ella por ligeiro ſizo todas cõcedeo á ſuavõtade,prometẽdolhe, q̃ ella o reduziria de todo põto a ſeu ſeruiço,& quãdo tornou pera ſeu marido, começou de lhe prégar todas as rezoẽs,q̃ lhe ElRey, & a Rainha diſſeraõ, & agrãde hõra, & acrecẽtamento,em que tinhaõ em vontade de o porem, & que porèm deſſe o Caſtello a ElRey, & ſe foſſe em ſua companhia, & que ella aſſi lho a conſelhaua, dizendo,que atençam do Meſtre era hũa abuſaõ sẽ fundamento, em que alguns necios, de pouco entender,cahiaõ,& os ſeſudos ſeguardauam dello;que pois a Rainha renunciàra o regimẽto em poder DelRey, deshi a Rainha Dona Breatiz era herdeira do Reyno,a que nenhum contradizer podia,mayormente ſendo já tantos Lugares por ella em Portugal, contra Portugal: E bem moſtraua ſer todo al vento, como elle muyto cedo veria, e o Meſtre naõ hauia poder de ſe emparar ao grãde poderio DelRey de Caſtella,ainda que tiueſſe vinte tantos dos que tinha;Gõçalo Vazquez ouuia bem todo, & naõ reſpondia couſa, de que ella foſſe contente, tendo elle a ſua vontade incerta,como algũs outros tinham, quando viram, que ElRey tornaua pera o ſeu Reyno,nam acabando o porque viera,que era azo demuy grande duuida. Ines Affonſo vendo que

ſe naõ

senaõ podia induzir aseu marido, cõ fermosura de palauras, a dar o Castello, & se ir com ElRey, ordenou que a horas, que elle naõ tiuesse geito de perguntar por ella, se sahio escusamẽte por aporta datreiçaõ, dizendo que amandaua ElRey chamar, & foysse ao Paço pera falar com elle. Escuzãdosedello com algu mas rezoens, enuioulhe ElRey dizer em repo sta, que naõ fazia força, quer fosse, quer naõ, que pois elle jâ tinha sua molher em poder, ficasse elle com Deos, que elle a leuaria consigo pera Castella; Gonçalo Vazquez quando esto ouuio ficou toruado de tal rezaõ, & perguntou aos seus por ella, & disseramlhe da guisa que se fora, de que ficou muy espantado. Mouido entam por coraçam femenino, a que as molheres chamam mauioso, por lhe naõ leuar amolher, foy falar a ElRey, & elle, depois que o teue consigo, mandou amolher a Euora perao Castello, & leuou Gonçalo Vazquez, & Aluaro Gonçaluez seu filho caminho de Castella. Epartio de TorresNouas leixando por guarda do lugar Affonso Lopez Texeda com as gentes, que compria, & quando a Lisboa chegou recado que ElRey de Castella partira da quelle lugar pera seu Reyno, que foy aos quatorze dias do mes de Outubro, em esse dia mandou o Mestre decepar dos pès, & das maos, & poer na forca hum homem chamado lohaõ do Porto, que fora escriuam da Camara DelRey Dom Fernando, por cartas, que falsara do dito Rey, sendo viuo, & isso mesmo do Mestre depois que foy Regedor. Edahi a sete, que foram vinte hum dias do mes se partio afrota DelRey de Castella pela manhà assi naos como galés, & á bespera tornaram todas, por tempo contrario, que houueram: Edepois aos vintoito dias se foraõ todos sem mais tardar. Equẽ diz que esta frota jouue sobre Lisboa, antes que ElRey veyo á batalha, dizey que o sonhou quando esto escreueo.

CAP. 156. *Como ElRey de Castella partio pera seu Reino, & damaneira como hiam.*

EM quãto ElRey de Castella esteue emSãtarẽ, vieraõsepera hirẽ em sua companhia todolos que alguns senhores tinham mortos pera os leuarem pera suas terras segundo hauemos contado. Epartiram de Obedos, & de Alanquer, & dos outros lugares

res, que por Castella estauão, & ajuntarãose todos com elle em a quella Villa, & quando seElRey partio daquelle lugar, partirão todos com elle, & leuarão esta ordenança. Elles hiaõ todos diante, sem mistura doutra gente darmas, & cada hum leuaua seu senhor em seu ataude, cuberto de dõ posto ensima de hũa azemala & arredor della todolos de pè vestidos de grande luto, & detraz os de caualo, que o acompanhauaõ na vida com a bandeira das suas armas. Logo junto acerca delle, & assi hiam todos juntos antre outro, por grande espaço de caminho. A qual percisam era triste, & dorida de ver. ElRey de Castella hia detraz com suas cõpanhas assaz de bem anojado, & desacompanhado dos senhores, & fidalgos, que á primeira consigo leuara, segundo pertẽcia a seu Real estado. Como poderia auer prazer no coraçam DelRey, o qual tantos, & tam boons vassallos trouuera consigo, & assi guarnecidos, & ledos pera o seruir, & ajudar, em tam breue tempo os via leuar todos ante sy mortos, sem que nenhũa cousa de suas honras fizessem. Certamente ere de que, segundo o grande nojo, que estonces ElRey leuaua, por estas, & outras gentes, que perdera, & isso mesmo, posto que com elle hiam, deshi o grande quebramento dos coraçoens, que acompanhauam os mortos, & mui pouca gente, que com elle estonce viera, com boa vontade de lhe fazer nojo, que em muy pouco espaço podera comprir seu desejo. Desta guisa, que dizemos, leuou ElRey seu caminho, atàque chegou ao Estremo, onde cada hum tiueram cuidado de leuar a enterrar seus senhores aos lugares de hù lhe pertẽciam, & ElRey foyse pera Seuilha, & alli ordenou, que Dom Pedro Nunez de Godoy Mestre de Calatraua fosse Mestre de Sanctiago, & que Dom Pedraluarez Pereira, Mestre do Esprital, que era ahi com ElRey, fosse Mestre de Calatraua, como quer, que a muytos desaprougue desta mudança, que ElRey fez, mas os Freyres desta Ordem fizeram o que lhes ElRey mandou, & o que se chamaua Papa Clemente, com que estonce ElRey tinha, confirmoulhe estas permudaçoens. E como Dom Pedrauarez foy feito Mestre de Calatraua, fez ElRey logo Conde de Barcellos o Conde de Mayorcas, & Gonçalo Vazquez de Azeuedo Adiantado de Castella a Velha. Dizem alguns, que isto começauaElRey de fazer receandose

doſe dos que tinhaõ ſeu bando, fazerem depois mudança, porque ſua honra foſſe abalada, ſegundo as couſas, que hauir podiaõ. E por tanto ſob fingimento de trigoſo galardão, moſtrando grão deſejo dacrecentar aquelles, que ſua voz tomauão, quizera logo dar todo Portugal àquellas honradas peſſoas, de que lhe algum eſtoruo depois podia nacer, & as honras, & dignidades, que hauia no Reyno, dalas a ſeus naturaes pera ſegurança de ſeu Eſtado. Outro ſy, porq̃ atéqui nomeamos dous Priores do Crato, & não diſſemos como iſſo era. Sabey, antes que ora al comecemos de dizer, que ſe chamaua deſta guiſa. Aluoro Gonçaluez Camelo por ſeus bons merecimentos, em tẽpo DelRey Dom Fernando, foy priuilegiado pello Grão Meſtre da Ordem do Priorado em Portugal. ElRey, que mayor deſejo hauia de o hauer Pedraluarez filho do Priol Dom Aluaro Gonçaluez ſeu Padre, encaminhou como lhe prouguеſſe delo o que chamauão Papa Clemente, porque ElRey tinha declarado dizẽdo que o Grão Meſtre tinha cõ o Papa VrbanoSexto, & que naõ curaua do prouimẽto, que fizera a Aluoro Gonçaluez, & deſta guiſa houue D. Pedraluarez oPriorado, & o outro ficou ſeu, & quando o Meſtre começou ſeus bons feitos, & ſe AluoroGõçaluez chegou a elle pera o ſeruir, hauendo o Meſtre a Dom Pedraluarez por ſeu imigo, & eſte por bõ ſeruidor pozlhe nome de Priol, poſtoq̃ outro ouueſſe a renda; E eſte ouue do Meſtre bem grandes merces, atáque depois ouue o Priorado. Mas hora leixemos ElRey emSeuilha, como diſſemos, juntando ſuas gentes, & armando frota pera tornar a Portugal, & cõtemos como Nunaluarez tomou Portel, & do que ſe deſpois aueyo a Lisboa, & ao Meſtre, atáque foy alçado por Rey em Coimbra.

CAP. 157. *Como Nunaluarez cobrou a Villa de Portel por azo dalgũs, q̃ dentro morauão.*

ENTRE os lugares, que voz tinhão por Caſtella, antreTejo, & Odiana, era hum delles aVilla dePortel, daqual era Alcayde hũ grãde fidalgo Portuguez, q̃ chamauão Fernã Gõçaluez deSouſa, caſado cõ D. Tareja de Meira, aya q̃ foy daRainha D. Breatiz, q̃ então era de Caſtella, & dizẽ q̃, por cõſelho deſta ſua molher, tomou elle voz cõtraPortugal, & ſe tornouCaſtellão, co-

como Gonçalo Vazquez deAzeuedo, & outros,& afora as gentes, que consigo tinha,estaua no lugar por fronteiro Dom Garcia Aluarez senhor de Villa Garcia, Mestre que depois foy de Sanctiago,com cento & vinte lanças, & outras gentes de Castellaõs. E estando assi o lugar por Castella receandose Fernam Gonçaluez dos moradores delle, tomoulhe as armas a todos, & pozeas no Castello. Aueyo hũ dia, q̃ os de Euora foram correr a Portel, & leuaram alguns gados, & prisioneiros,& Garcia Fernandez sahio a elles com sua gẽte,& os da Villa em sua companha,& nam leuaram al,senaõ capas nos braços & pedras nas maõs. Garcia Fernandez quando aquello vio, oueos por boons,& disse a Fernaõ Gonçaluez, q̃ lhe nam parecia rezam aquelles homẽsestarẽ sem armas daquella guisa, ca posto q̃ algum bẽ quizessem fazer, naõ tinham com que,& q̃ parecia mui mal,hindo com elles com capas nos braços, & pedras nas maõs. Assi q̃ por estas,& outras palauras, q̃ lhe sobre ello falou, se demoueo Fernão Gonçaluez a lhe dar as armas.Em este logar de Portel auia hum clerigo de missa,q̃ chamauam Iohão Matheus, & desejaua muito,q̃ a Villa estiuesse por Portugal,& tiuesse voz pelo Mestre, & pensou em seu coraçaõ,q̃ esto se poderia fazer bẽ, auendo chaues contrafeitas pera abrir as portas, quando elle quizesse, & tomou cera, & pozea sobre as sechaduras,& foyse escusamente a Euora, onde Nuno Aluarez estaua,ao qual faloũ da maginaçam, q̃ cuidaua, & tinha, & como se queria trabalhar dauer chaues feitas pera abrir as portas de noite, & depois, que as concertadas tiuesse, que lho faria saber. Nuno Aluarez lho agardeceo muyto, como aquelle, que hauia grande despeito, porque estaua Portel por Castella, & porque era lugar de sua fronteira, & onde elle muyto comarcaua, disse que se trabalhasse de o poer em obra, & que o Mestre lhe faria por ello muitas merces. O clerigo mandou fazer as chaues em Euora, & foyse com ellas a Portel muito encubertamente, & foram feitas, de guisa que desfechauam as portas, em que elle tinha falado com Iohão Longo, & outros que eramvelas sobre aquella porta, a que muyto prazia dello. E Nuno Aluarez foy ledo com taes nouas, & acordàram que a hũ dia certo partisse ao seram com suas gentes,& andasse aquellas seis legoas de tal guisa, q̃ amanhe-

cese, alta madrugada, acerca da Villa: assi que a noite os cobrisse da vista do lugar. E o final certo pera chegar seguro ás portas, seria este. Por quanto a rolda dos Castellãos andaua pelo muro requerendo as velas, & poderia ser que á chegada da porta seria elle entam presente, a qual cousa era gram perigo, por tanto, quando a rolda viesse acerca daquella porta, q̃ elles brádariaõ altas vozes apupando: *Ex a Rapoza vay* & q̃ estonces estiuessem quedos, & nám mouessem nada, & que brádassem, nomeando *Rapoza*, q̃ entaõ mouessem àpressa, & achariam as portas abertas. E esto assi ordenado, Nuno Aluarez se percebeo dalgũas gẽtes, não mostrando sua tenção pera hu era, & partio hũ dia de Euora sobre a tarde, & leuou caminho de Euoramonte, bem hũa legoa da Cidade, & depois tomou por hũa Ribeira a fundo, & atrauessando sẽpre sem caminho, atè que foy sahir á estrada, que vay pera Portel a hũ lugar, q̃ chamão Torre dos Coelheiros, que saõ dahi tres legoas, & estonce folgarão hũ pouco, & algũs dormirão. Deshi caualgarão, & forão de geito, q̃ ante da manhã bom espaço, chegárão aperto do lugar, & sendo a noite assi cerrada, & elles cõ tal alocego, q̃ os da Villa não soubeRão desto parte, alli descaualgarão todos, & se puzerão a pé terra, com os bacinetes na cabeça, e suas costumadas armas, com as lanças nas mãos, & começáram de andar outra vez, o mais encubertamente, que se fazer pode. E os da Villa, q̃ desto tinhão esperto cuidado, como sentirão que erão acerca, & viram vir a rolda pelo muro apupando. *Ex a Rapoza vay, ex a Rapoza vay*; que era certo final antre elles, & depois que a rolda pouzou já longe começaram elles de cantar, & dizer outras rezoens. O clerigo Iohão Matheus, que de abrir as portas tinha maior cuidado, que de rezar as matinas, foy logo muy passamente a ellas, abrioas, & a gente de Nuno Aluarez começãdo de entrar, alguns Castellãos, que estauaõ com as velas, ouuerão delles já quanto sentido, & começaraõ debràdar, dizẽdo *Armas, armas. Castilla, Castilla.* Nuno Aluarez. vẽdo q̃ era descuberto, mãdou dar às trõbetas. Garcia Fernãdez, & todolos seus sẽtirão a cousa como era, & acolherãose ao Castello, delles em camisa, e outros malvestidos, o mais ápressa, q̃ se fazer pode. E este Garcia Fernãdez quizera Nuno Aluarez auer por prisioneiro, se tão cedo

não fo-

fora descuberto, & cobrarão os seus todalas armas, & bestas de todos os Castellaõs, & todo quã to tinham, que naõ poderam sal uar nada.

CAP. 158. *Como entregaram o Castello a Nuno Aluarez, & se foy Fernão Gonçaluez pera Castella.*

FERNAM Gonçaluez, que no Castello estaua, como dissemos, era o mais soberboso homem que em Portel auia, & muy solto em suas palauras, & quando vio tal obra ficou espantado, entendendo bem que os do lugar ázarão aquello, mas nam soube remedio, que fazer a tal feito. Assossegados todos, & roubado todo quanto acharam, mandoulhe Nuno Aluarez dizer, q̃ lhe desse aquelle Castello pera o Mestre seu senhor, senaõ fosse certo, q̃ o cõbateria logo, e orõperia por tres partes. Fernaõ Gonçaluez, pero estiuesse assaz nojoso, nam leyxou de vzar daquello, que por natureza tinha, & deu logo em reposta a quem lhe esto disse. *Dizey a Nuno Aluarez, que deuia pezar a Deos com tanta soberba. & ameaça, que ainda que o Castello de Portel fosse braga de panos de França, q̃ tem tres buracos, nam romperia tão azinha, como elle diz q̃ romperá este Castello. Ora vós hi, & dizei, q̃ auerei meu conselho.* E esse dia gẽte de Nuno Aluarez & algũs de Beja, q̃ eram com elles, depois q̃ cearam, sem lho mã dando nenhũ, supitamente sem outra ordenança, começaram de combater o Castello, brádando que pozessem fogo ás portas. Fernão Gonçaluez, quando vio aquesto disse contra os seus, em sabor. *Vistes nunca mais estranha cousa q̃ esta, que por ter combate Portel.* E esto dezia elle por a abondança q̃ dos muitos bons vinhos, q̃ ha em aquelle lugar, dando a entender, q̃ beberaõ mais do q̃ lhe compria, & por tanto se demouerão a fazer aquello. Nuno Aluarez mandou então, q̃ nam combatesẽ mais, ca poderiaõ perecer algũs, sem podendo fazer cousa, q̃ muyto aproueitasse. Entaõ mandou Fernaõ Gonçaluez rogar, que lhe prouguesse de falar á salua fé. Nuno Aluarez disse, que lhe aprazia, & falarão ambos á beira do Castello, que he contra a porta de Beja, na qual fala Nuno Aluarez, por reduzir ao seruiço do Mestre a Fernam Gonçaluez: que se marauilhaua muito de ser tam bõ fidalgo, e de

grande linhagem, deshi lidimo Portuguez, como era, & alem de ſto ſer ſenhor daquelle logar, & de Villalua, & de Villaruiua, deixar todo por dar Portel a El Rey de Caſtella, deixando o certo pelo incerto, que lhe parecia que não ouuera bom conſelho, porém nam embargando eſto, ſe a elle prouguеſſe de tomar voz por ſeu ſenhor o Meſtre, que elle haueria com elle, que lhe deſſe todolos outros lugares, & lhe fizeſſe muytas merces. Fernam Gonçaluez reſpondeo, & diſſe: q̃ noſſo Senhor ſabia bem que rependido era doq̃ tinha feito, mas q̃ jà de outra guiſa não podia ſer ſenão leuar adiante o que começàra, mas que lhe rogaua que fizeſſe cõ elle, & cõ os Caſtellãos algũ preitejamento, q̃ rezoado foſſe. Nuno Aluarez diſſe, q̃ falaſſe elle com Dom Garcia Fernandez & com os outros, & ſegundo a preitezia, que pediſſem, aſſi lhe reſponderia. Tornou Fernão Gonçaluez pera o ſeu Caſtello, & logo o outro dia lhe mandou dizer, que os leixaſſe hir em ſaluo pera Caſtella com todo o ſeu, entregandolhe, o que lhe tomado tinhaõ, & que lhe darião o Caſtello, com tanto, que lhe fizeſſem juramẽto. A Nuno Aluarez aprouue eſto, & fez aquelle juramẽto, que lhe foy requerido, antre os quaes, que eſto jurarão foy Fernão Pereira ſeu Irmão, q̃ era hi com elle. Eſtonce mãdou Nuno Aluarez entregar a Garcia Fernandez, & a Fernam Gonçaluez todo oque foy achado, que era ſeu, ſaluo hũa cotta, & hũa eſpada de Dom Garcia Fernandez, que Fernão Pereira eſcondeo ſem ſabendo Nuno Aluarez parte. Eſto aſſi feito Fernão Gonçaluez, com ſua molher, & com todolos outros ſe fizerão preſtes pera ſe partirẽ. Nuno Aluarez mandou com elles pera os poerem em ſaluo em Caſtella hum bom eſcudeiro de Euora, que chamauão Diogo Lopez Lobo. E quando Fernam Gonçaluez, & ſua molher ouueram de partir da Villa, però pouco prazer tiueſſem, começou a dizer, que lhe chamaſſem as trombetas pera tanger, dizendo a ſua molher. *Anday, anday por aqui boa dona, hiremos baylando vôs, & eu ao ſom deſtas trombetas, vós por puta velha, & eu por Vilão, que aſsi o quizeſtes vós, ou cantemos deſta guiſa. pois Maria baylhou tome o que ganhou, milhor era Portel, & Villa Ruyua, q̃ não Cacella, & Segura, tome o q̃ ganhou, dona puta velha.* E eſto dezia elle, porq̃ perdia Portel, e Villa Ruyua, & dauãolhe em Caſtel-

Castella Cacella,& Segura. Deshi esta voz,q̃ tomára,era fama q̃ sua molher o demouera que o fizesse.E estes sabores, & outros hia dizendo Fernam Gonçaluez,em quanto foy pella Villa, & pelo arrabalde. Deshi caualgaram,& foramse caminho de Castella, & Nuno Aluarez poz segurança, & regimento no Lugar,qual cõpria, & tornouse a Euora.

CAP. 159. *Do nome de alguãs pessoas,que ajudaram ao Mestre a defender o Reyno.*

POIS esta obra he cõpilada, segundo a pouquidade de nosso engenho, anos parece ser dina cousa,& boa que aquelles,que foraõ companheiros ao Mestre em seus grandes, & virtuosos trabalhos, ouuessem quinham dalgũa relembrança, que somente ficasse em escrito, ca se o escorregamento dos grandes tempos gasta a fama dos excelentes Principes, muito mais alongada idade soterra os nomes das outras pessoas dentro no moimento cõ elles. E porque em começo de seus bons feitos o Mestre ouue fidalgos, & Cidadaõs, que o bem,& lealmente seruiram, pondo os corpos, & vida por hõra do Reyno, injuria nos parece q̃ seria feita leixalos cair em perpetuo esquecimẽto. Ca assi como este senhor,de que falamos,com grande largeza de especiaes doẽs galardoou todos,sem ficar nenhũ,assi deuẽram os velhos autores fazer delles algũa mençaõ, a qual nos parece, que deuera ser deste geito. Nomear primero que fidalgos de linhagem,em tempo tam duuidoso,se vieram pera o Mestre, & ficàraõ com elle pera o seruir; depois os Alcaydes dos Castellos, q̃ tiuerão voz por Portugal sem fazer mudança: deshi os moradores, & filhos de Cidadãos de Lisboa,q̃andaraõ em seu seruiço. E querendonos socorrer a tal mingoa, & a outras,em que os antigos nãõ compriaõ nosso desejo, achamos, que se não pode ja inteiramente fazer,que enuelhecendo os nomes de taes, morreo a claridade de sua nobreza. Quem quereis vòs que tire já agora de escuridaõ de tantos annos os nomes daquelles, que outras testimunhas naõ tem, saluo esquecimento, & cinza, q̃ adur pode ser achada? Quem cudaes q̃ se não enfade de reuoluer cartorios de podres escrituras, cuja velhice, & desfazimento nega o que homem queria saber? Quẽ

achárã tantos bitafes antigos, q̃ os moymentos, em que ſam eſcritos dem teſtimunho de quem jaz em elles? E quem contentará vontades alheas em tam deuiſos de homens, de guiſa, que a tod os apraz ao que dizer queremos? Certamente hè couſa impoſſiuel, porèm com trabalho, não copioſamente por ſe arremedar como ſe deuera fazer, o proceſſo deſte ſerà muy breue, nomeando alguns fidalgos, que cõ elle ficàraõ, deshi de Lisboa certos Cidadãos, pois ella foy madre, & cabeça de todos eſtes feitos, poſto que delles tenhamos ſeus nomes em algũs lugares deſte liuro poſtos, que aqui juntamente acharão eſcritos aquelles, que percalçar podemos. De guiſa que, como no começo deſta obra nomeamos fidalgos alguns, que ao Conde Dom Anrique ajudàrão aganhar a terra aos Mouros, aſſi neſte ſegundo volume diremos alguns pouços, que ao Meſtre foraõ companheiros em defender o Reyno de ſeus imigos, onde naõ eſcreuendo por ordem de fidalguia, mas como a mão quizer mouer a pena. O primeiro neſta ladainha ſeja o muinobre Nuno Aluarez Pereira, gloria, & louuor de todo ſeu linhagem, cuja claridade de bem ſeruir nunca fez eclypſe, nem perdeo ſeu lume. Enão põmẽte ainda Nuno Aluarez, mas por breue, & ſolazoſa comparação, elle, & os da ſua companhia deuem ſer poſtos primeiro, que outros, porq̃ aſſi como o Filho de Deos depois da morte, que tomou por ſaluar a humanal linhagem, mandou pelo mundo ſeus Apoſtolos prégar o Euangelho a toda a criatura, pela qual rezam ſam poſtos em começo da ladainha, nomeando primeiro São Pedro, aſſi o Meſtre ſe poz a morrer, ſe comprira por ſaluação da terra, que ſeus auós ganharão. Enuiou Nuno Aluarez, & ſeus companheiros, a prègar pelo Reyno o Euangelho Portugues, o qual era, que todos creſem, & tiueſſem firme o Papa Vrbano ſer verdadeiro Paſtor da Igreja, fora de cuja obediencia nenhum ſaluar ſe podia & com iſſo ter aquella crença, q̃ ſeus Padres ſempre tiuerão. ſ. gaſtar os bens, & quanto hauiam, por defender o Reyno de ſeus imigos, & como por manter eſta fé eſpargerão ſeu ſangue, atá a morte. A qual pregação Nuno Aluarez, & os ſeus fizeraõ por palauras, & obras tam compridamẽte, que alguns delles, como depois vereis, forão mortos por a defender. E porém leixemos alguns

guns dos que jà diſſemos, quando Nuno Aluarez partio de Liſboa, & muytos, que ſeria ſobejo de eſcreuer. Eſtes ſeguintes auondem por hora. ſ. Do Reyno do Algarue. De Tauira, & de Farão. Rodrigo Affonſo de Aragão, Vaſcoeannes pay de Vaſcoeannes Cortereal, Gonçalo Arraes, Nuno Velho, Pero Affonſo de Ancora, Iohão Fernandez Garganta, Gonçalo Vazquez Barão, Payo Pereira. De Loulé, & de Sylues. Vaſco Affonſo Alcayde mór do lugar, & Iohaõ Vazquez ſeu Irmão, Gonçalo Gomez Barreto, Lopo Eſteuens. De Tayra, & de Albufeira, Rodrigo Aluarez Bauzaõ, & Fernaõ Pirez Banha, Gonçalo Nauarro, Iohaõ Delgado. E de Bèja, & do Campo de Ourique. Martim Gomez Comendador mòr de Sanctiago, Rodrigo eannes Selandino, & Aluoro Affonſo de Negreiros, Vaſco Lourenço Monteiro, Gõçalo Nunes Alcayde mór do lugar, Mendafonſo de Beja, Iohão Nunes de Brito. De Serpa, & da Coutada. Egas Lourenço Rapoſo, & Pero Rodriguez, & Lopo Aluarez filhos de Aluoro Gõçaluez de Meira, & Lourenço de Arrayolos, & Iohão Gomez de Moura, Pero Eſteues pay de Payo Rodriguez, Lopo Soarez, Sueiro Aluarez Deluas, Pero Martins Alcoforado. De Iurumenha, & do Alandroal. Iohão Gomez. De Villa Viçoſa, & de Eſtremoz, Lourenço Gonçalez, Gonçalo Gonçaluez, Affõſo Pirez do Rego, Lopo Gonçaluez Alconena, Fernam Lourenço Gyleannes, Gõçaloeannes Frãdino, Mendafonſo, Aluoro Martins de Aluarenga. De Euora. Fernam Gonçaluez Darca o velho, Iohaõ Fernandez o velho, Iohaõ Fernandez ſeu filho, Diogo Lopez Lobo, Fernam Lopez Lobo, Martim Lopez Lobo, Eſteuam Fernandez Lobo, todos quatro Irmãos, Rodrigo Affonſo Pimintel, Iames Lourenço, Iohaõ Pirez filho da ama, Martim Cotrim, Fernam Martins Brãdaõ, Gomez Martins Cozagal, Affonſo Lourenço. Do Vimieiro Iohaõ Affonſo da Rigueira, Iohaõ Farto, Martim Vicente Vilhalobos, Fernaõ Gonçaluez Façanha. De Portalegre, & de Montemor. Martim Gõçaluez tio do Conde Nuno Gonçaluez de Moraes, Lourenço Mẽdes, Lourençoeannes Azeiteiro, Vaſco Gyl, que foy Corregedor, Iohaõ Lourenço Carualho. De Alcacere, & de Setuuel. Rodrigo eannes Carualho, Martimeannes. Em Lisboa. Iohaõ Vazquez de Almada, Pedreãnes Lobato, Vaſcoeannes Leitaõ filho de Eſteuam

Leitaõ

Leitaõ, neto do Meſtre de Chriſtus, Dom Eſteuam Gonçaluez, Affonſo Pirez da Charneca, Antam Martins, Iohaõ Aluarez de Faria, Eſteueannes Berbereta, Iohaõ Eſteues Correa, Lopo Affonſo dagoa, Lourenço Affonſo ſeu Irmaõ, Affonſo Dias de Sayauedra, Iohaõ Lobato, & outros, que contamos em ſeu logar, os quaes naõ compreſerem repetidos, mas podemos muy bem dizer, & apropiar que aſſi como noſſo Senhor IESV Chriſto, ſobre Pedro fundou a ſua Igreja, dandolhe poderio que aquelle, que ligaſſe, & abſolueſe na terra ſeria ligado, & abſolto nos Ceos, aſſi o Meſtre, que ſobre avontade, & eſforço de Nuno Aluarez fundou a defenſam daquella Comarca, lhe deu liure, & izento poder, que elle podeſſe poer Alcaydes, & tomar, & quitar menagens, & dar bens moueis, & de raiz, & pertenças, & todolas outras couſas, aſſi que perfeitamente, como o Meſtre, & dellas vzar poderia: E que aquellas couſas, que Nuno Aluarez por ſuas cartas deſſe, o Meſtre as naõ deſſe depois a outrem, & aſſi ſe guardaua, ſem poer mais duuida, de guiſa, que como a dada de Nuno Aluarez ſe moſtraua ſer feita primeiro, logo o Meſtre mandaua, q̃ ſe cerraſſe a ſua, dizendo, que ſua merce era, de naõ ir contra nenhuma doação, que Nuno Aluarez fizeſſe a algũa peſſoa, mas confirmalo, & mãtelo em ella. E aſſi o fez a Nuno Aluarez de Moraes, a que deu os bens de Gonçalo Mendez de Oulueira, que Nuno Rodriguez de Vaſcogoncellos auia em Euora, & em Arrayolos, & outros muytos, que naõ comprem de eſcreuer. E outros honrados diſcipulos ſe chegaraõ depois a Nuno Aluarez pera lhe ajudar à prègar eſte Euangelho Portugues, cuja perſeueração foy a elles, & a ſeu linhagem ſobir a grande hõra, & acrecentamento, aſſi como foy o Almirante mòr Carlos, & Aluoro Pirez de Caſtro, & Martim Affonſo de Mello, & Affonſo Vazquez Correa, & Gonçaloeannes de Caſtello da Vide, & outros, que naõ vão eſcritos em eſte liuro.

CAP. 160. *Dos nomes de algũs fidalgos aſsi Portugueſes, como Caſtellaõs.*

POR ſemelhauel comparaçaõ podemos em outra parte nomear por valeroſos os moradores de Lisboa, & aquelles, que com o Meſtre eſtiueraõ em ſua

sua companhia,& esto com justa rezam, porque, naõ somente sam fortes, & valerosos os que padecem por naõ adorar os Idolos, mas ainda aquelles, que dos herejes scismaticos saõ perseguidos por naõ desemparar a verdade, que tem; Ese quer dizer testimunha, bem testimunhas saõ os de Lisboa dos que no cerquo morreraõ, desuas tribulaçoens, & padecimentos, porem ella como Cidade viuia de Rey, tendo entam o Mestre por seu defesor, & esposo podemos fazer pergunta dizendo *O Cidade de Lisboa, famosa antre as Cidades fortes, & esteo, & coluna, que sostem todo Portugal, que jando he oteu esposo, & quaes foram os valerosos, que te acompanharam em tua perseguiçam, & dorido cerquo.* Ella, respondendo, pode dizer. *Seme perguntaes de que parte decẽde Del Rey dom Affonso o quarto he neto, a altura de seu corpo de boa, & rezoada grandeza, & acomposiçam dos membros, em bẽ ordenada igualdade, com graciosa, & honrada presença, de graõ coraçam, & ingenhosos feitos, que aminha defensam pertencem, & todo meu bem he posto em elle. Os valerosos, que o acompanharam foram duas maneiras. Huns vendo a boa entençam, & justa querela, que eu tinha em defender o Reyno de seus mortaes imigos, publicamẽte foraõ cõuertidos, & recebendo tal querença em seus coraçoẽs, chegandose a mim por serde lles ajudada segundo de praça mostrauão, mas depois a breues dias indozidos de todo por esprito de Satanas, & mao conselho dos falsos Portugueses, poucos, & poucos leixaram seu bom proposito, tornando a fazer seus sacrificios, & adorar os Idolos, em q̃ante criam. E de alguns delles esto fazerem sem dando tal fruito, quaes folhas mostrauam suas palauras, sam tãto de culpar, por q̃ eram jà enxertos tortos nados, & de azambujeiro brauo, assi como o Conde Dom Anrique Manoel, o Conde D. Pedro Affonso seu Irmaõ, Iohaõ Affonso de Beja, Gonçalo Tenreiro, q̃ se chamaua depois em Castella Mestre de Christus, Affonso Tenreiro seu Irmam, Vasco Pirez de Camoẽs, Lopo Gomez de Lira, & outros taes, mas aquellas vergonteas direitas, cuja nacença trouxe seu antigo começo de boa, & mansa oliueira Portugueses, esforçandose de coraçam, & aruore q̃os criou, mudando seu doce fruito em amargoso licor, isto he de doer, & chorar assi como o Almirante Micer Lançarote, & Dom Gonçalo Telles Conde de Neiua Do*

Iohaõ

Iohaõ Afonso Tello Conde de Barcellos, o Cõde de Vianna filho do Cõ de Velho, D. Pedro de Castro, D. Affõso seu Irmaõ, D. Pedraluez Priol do Esprital, Diogo Aluarez seu Irmaõ, Martim Affõso de Mello Rico home, Fernam dafonso de Mello seu filho, Fernam Gonçaluez de Sousa, Gonçalo Rodriguez de Sousa, Ayres Gonçaluez de Sousa seu Irmaõ, Gonçalo Vazquez de Azeuedo, Aluoro seu filho, Pero Lourenço Bubal, que se chamaua Arcebispo de Braga, Pero Rodriguez dafonseca, Gõçaleannes da Fonseca, Martim Gonçaluez de Ataide, Garcia Rodriguez Taborda, Fernam Dãtes Alcayde de Mertola, q̃ se chamaua em Castella Mestre de Sanctiago de Portugal, Vasco Dantes seu Irmão, Aluoro Mẽdez de Oliueira, Gonçalo Mẽdez de Oliueira, Payo Marinho, Gõçalo Marinho, Diogo Botelho, Vasco Botelho, Iohão Rodriguez Portocarreiro, Iohão Vazquez Pimentel, Martim Correa, q̃ tinha o Castello da Feyra, Aluoro Gonçaluez de Carualho, Gyl Aluarez de Carualho, Fernam Gonçaluez de Meira, Vasco Porcalho, Iohão Gonçaluez Teixeira Vasco Gomez de Abreu, Ruy Vazquez Milhão, Vasco Gonçaluez de Viegra, Vasco Gonçaluez de Dornes, Manoel Rodriguez seu Irmam, Nuno Garcia de Chaues Pero Mendez Comendador de Almada, Vasco Madeira, Este ueannes de Beja o moço, Aluoro Fernandez Churricham, Iohan Martins Doutel, que estando depois com El Rey na batalha se lançou com os Castellãos, & assi muitos outros, hum gram capitulo. E se algum disser por todos escusa, q̃ se huns, & outros ouueram do Mestre bom gasalhado mosturado cõ merces, q̃ muito queria aos fidalgos coraçõẽs, e os tortos enxertos, e vergonteas, nouas todos deram saboroso fruito. A esto posso bem responder, que tam gracioso gasalhado, nem mais doce companhia ser achada em outro homem de lhe fazer grandes merces, segundo q̃ cada hum era, de sobejo, podia ser prazmado, mas de muyto pouco nam, de guisa, que mais parecia, que fora elegido pera largo destribuidor dos bens, & terras do Reyno, que pera ser defensor delle. E desto seram boas testemunhas os liuros dos grandes daquelle tempo se fosse necessario de buscarem, & assi que nenhuma cousa do que pertencia á criaçam dos fidalgos coraçoens faleceo a todos, que nam fosse feito, mas os enxertos nam quizeram prender, & assi vergonteas mudaram sua natureza, como acontece algumas vezes, que

os bacelos de boa casta tornamse emoutras muito contrairas, sem culpa daquelle, que o prantou. Eporem taes caualleiros, como nomeey, nam quizera postos em meu calandario, senam foraas boas promagens, que desy lançaraõ; de que o Mestre meu senhor foy depois bem seruido, & guardado, & o Reyno defeso, & emparado de seus imigos, & contrairos.

CAP. 161. *De alguns fidalgos, & Cidadaõs, que ajudaram ao Mestre a defender o Reyno*

OVTRA maneira dos fortes, & valerosos, cuja relembrança deue dedurar pera sempre, foram aquelles, que cõ limpa entenção, sem dobreza de palauras, estiueraõ fortes com grande firmeza, nam se mouendo por nenhũas pessoas, nem ameaças do que começado tinham, osquaes, se jà todos nam podem achar por ficarem em memoria. Eposto que se todos achar podessem fariaõ taõ gram processo, que mais seria de sobejo, que de necessario, & bem ordenado. Porem estes poucos, que aqui sam postos, naõ por ordem de fidalguia, como jà dissemos, mas feito de alguns este piqueno feixe, como se milhor apanhar poderam, fique por sy, & por todos os outros. S. o Mestre de Sanctiago Dom Fernamdafonso de Albuquerque, filho bastardo de Dom Iohaõ de Albuquerque, o qual se veyo pera o Mestre, & lhe offereceo as terras do Mestrado; Dom Lourençoeannes Fogaça, o Doutor Gyl Docem, o Doutor Iohaõ das Regras, o Doutor Martim Affonso, que depois foy Arcebispo de Braga, Diogo Lopez Pacheco, que em tempo tam duuidoso se veyo de Castella com seus filhos Iohaõ Fernandez, & Lopo Fernandez, & Fernam Lopez, por se lançarem com o Mestre, Iohaõ Rodriguez Pereira filho de Ruy Vazquez Pereira, Ruy Pereira, que morreo na frota, Fernam Pereira Irmam de Nunaluarez Pereira, Rodrigaluarez seu Irmam, Gil Vazquez da Cunha, Lopo Vazquez da Cunha, Martim Rodriguez de Vascogoncellos, & Ruy Mendes seu Irmaõ, que leixarão Gonçalo Mendes seu padre em Coimbra, & se vierão pera o Mestre, Lopo Dias de Azeuedo, que leixou todos seus bens, & se veyo pera o Mestre, pera o seruir, Iohão Gomez da Sylua, que leixou seu pay em Montemor o Velho, onde estaua, & se foy ao

Porto

Porto meter na frota,& veyo em ella ao cerco pera o Meſtre, Iohão Lourenço da Cunha, que ſe veyo de Caſtella pera o Meſtre, Aluoro da Cunha ſeu filho, Aluoro Pirez de Caſtro, Ayres Gonçaluez de Figueiredo, Iohão Rodriguez de Saá, Fernam Vazquez de Reſende, Ruy Freyre, Gomez Freyre ſeu Irmaõ, Pero Lourenço de Tauora, Ruy Lourenço ſeu Irmão, Iohão Lourenço de Penella, Vaſco Martins de Saà, Sancho Gomez do Auelar, Lourenço Martins do Auelar, Vaſco Rodriguez Leitam, Aluoro Leitaõ ſeu filho, Fernam Rodriguez de Siqueira, Lopo Vazquez de Siqueira, Fernamdaluarez de Almeida, Gomez Garcia de Foyos, Rodrigocannes de Barbuda, Iohão Rodriguez da Motta, Gyl Eſteuens Doutrim, Pero Fogaça, Pedraluarez de Pedra alçada, Nuno Viegas, Aluoro Vazquez de Goes. Algũs fidalgos Cidadaõs dos moradores, aſſi caualeiros, como eſcudeiros, foram eſtes, que ſe ſeguem. Martim Affonſo Valente, Eſteuam Vazquez Felippe, Gyl Vazquez Fariſeu, Affonſocannes Nogueira, Antaõ Vazquez, Aluoro Paez, Diogo Aluarez ſeu filho, Gonçalo Pirez, que depois regeo a Caſa do Ciuel, Affonſo Furtado Geral, Martim de Lemos, Gomez Martins de Lemos ſeu filho, Ayres Vazquez de Alualade, Ruy Caruô, Gõçalo Gõçaluez Borges, Fernam Gonçalues da Ameixoeira, Pedrafonſo do Caſal, Vaſco Queimado, Affonſo Eſteues da Azambuja, Iohaõ Affonſo ſeu filho, que depois foy Cardeal, Gonçalo Vazquez Carregueiro, Iohaõ Diaz Torrado, Lopo Affonſo do Quintal, Eſteueannes da Gram, Lopo Affonſo Donzel Franciſco Domingez de Beja, Iohaõ da Veiga o Velho, Siluestre Eſteues, Affonſo Eſteues ſeu Irmaõ, Martim Lourenço pay do Doutor Gyl Martins, Affonſo Louręço ſeu Irmaõ, Martim da Veiga, Iohaõ Pirez Canelas, Diogo Affonſo, Iohaõ Affonſo ſeu Irmaõ, Martim Aluarez, Eſteueannes da Barbuda, Affonſo Martins de Geruzo, Nuno Fernandez de Chaues, Pedrafonſo do Caſal, Martim Gonçaluez Rombo, Gonçaleannes do Valle, Aluoro Vazquez da Veiga, Diogo Gonçaluez da Veiga, Iohan Pirez da Veiga, Fernamdaluarez pay do Doutor Ruy Fernandez, Aluoro Lopo das Regras, Affonſo Martins do Paõ, Ruy Portella, Gonçalo Dias Barroſo, Rodrigo Affõſo Barreteiro, Eſteueannes Lobato, Diogo Aluarez de Santo Antonio. Outros muytos caualeiros teue pe-

lo

lo Reino, que ſoſtiueraõ em hũa tençaõ fielmente, mas dos que ſe acertaram com o Meſtre em meu padecimento certo foy minha tẽçaõ leixar hũs poucos em eſcrito poſtoq̃ amemoria demuitos delles ſe aja de perder de todo, mas porq̃ muitas vezes o bõ propoſito he eſcorregadiço, & de pouca dura, & o juſto cadadia cae ſete vezes, & outras tantas ſe leuanta, & naõ he marauilha ſe algũs fidalgos dos que antes nomeey, deſpois de eſtremados ſeruiços, que ao Reyno fizeraõ cahiram do ſeu bom eſtado, partindoſe do que começado tinham, por humanal fraqueza, & deſuairaçam dos tempos. Aquelles, que foram verdadeiros Portugueſes, & ao Meſtre leaes ſeruidores, aſſi eſtonces, como depois, foram poſtos em grãdes honras, & acrecentamentos, como bem ſepode eſcreuer, & quem no conto deſtes caualeiros, & esforçados naõ achar ſeu pay, ou Irmaõ, ou algum parente, a que gram bem queira, naõ doeſte porem eſta obra com gram trabalho ordenada, aqual a todos naõ pode com prazer, nem contentar, aſſi como o vento nam pode comprazer a deſuairados marcantes, mas aja aquella paciencia, q̃ os Sanctos ouueraõ, que naõ ſaõ poſtos na ladainha, nem na ſacra, que ſe diz em a miſſa.

CAP. 162. *Dos nomes de algũs lugares, que tiueram voz por Portugal.*

LEIXADOS taes caualleiros, & tam valeroſos nomeados, conuem outra vez que perguntemos á Cidade de Lisboa dizẽdo: ô muy nobre Cidade de Lisboa, vida, & coraçam deſte Reyno, purgada de todas fezes em o fogo da lealdade. Pois que ja ſabemos alguns caualeiros, dos q̃ por ti padeceram. Hora vejamos quaes foram os fieis, que te fizeram clara entre as gentes, confeſſando ſempre tua tençaõ, ſem deſfalecer nelles tal fè. E ella reſpondeo a tal pergunta, podendo dizer deſta guiſa. Os que confeſſaram comigo o Papa Vrbano ſer verdadeiro Paſtor, & o Meſtre Regedor, & Defenſor deſtes Reynos foy a boa, & leal Cidade do Porto, que muito trabalhou comigo neſte taõ forte negocio, moſtrando grandes ajudas, & deſpezas por manter a verdade, que eu defendi. E com ella Coimbra, Euora, a Guarda, Viſeu, & Lamego, & a Cidade de Tauira.

uira. E deshi Irmamente, com estas, no Reyno do Algarue, a Cidade de Sylues, Castromarim, Faraõ, & outros lugares daquelle Reyno, Sines Sanctiago de Cacem, Mouram, Serpa, Eluas, Monsaraz, Portalegre, Arronchas, Fonteira, Portel, Euoramonte, Estremoz, Castello de Vide, Auiz, Mõtemor onouo, Setuuel, Palmella, Almada, Amieira, a Certaam, Penamacor, Pinhel, Monsanto, Trancoso, Linhares, a Lousaam, Celorico, Moncorue, Miranda, Freixo de espadacinta, Villa flor, Celorico de Basto, Abrantes, Thomar, Soure, Pombal, Alcanede. E assi alguns logares semelhantes aestes. E todolas outras me desemparàram, humas por fraqueza de coraçam, & dellas, por naõ bons Portugueses, outras por força de tormento, que soportar naõ podiaõ, fazendo alguns de mim escarnio, & da tençam que tomaua, por sahir da sogeiçam, aque nossos imigos por força obrigar queriaõ. E em estas aqui nomeadas foram os meus fieis, que sẽpre confessaram a voz, que eu tinha, sendo minhas companheiras nas pressas, & tribulaçoens do Reyno, me despuz apadecer eu assim viuua, & desconsolada, naõ tendo outro, que me emparasse, senam o Mestre, meu senhor, & esposo, em que era minha grande fiuza, & esperança. Iuntaramse todas na Cidade de Coimbra, & alli me receberam com elle de praça, dandomo por Rey, & senhor, como depois ouereis, oqual sempre entendo de seruir, & amar, & ser muito obediente, nam somente a elle, mas atodos os que delle decenderem em quaesquer cousas, que me sua merce mandar, & omeu bõ desejo poder abranger.

CAP. 163. *Da septima idade, q̃ começou no tempo do Mestre*

SEGVNDO nosso falamento, por dar fim ao que começamos em este passo, deueis denotar, que os q̃ escreueraõ as diferẽças do tẽpo, assi como Eusebio de temporibus, & Beda, & outros algũs, assinaraõ, nomeando seis idades. A primeira de Adam atà Noé, que passaram mil, & seiscentos, & sinquoenta, & dous annos, na qual se contiueram dez geraçoens, & perdeose toda por diluuio. E a segũda foi de Noé atá Abraham, cujo espaço foi duzentos e nouẽta e seis annos, na qual se contiueram dez geraçoens. A terceira de Abraham atá Dauid, em que foram

foram catorze geraçoens, & durou nouecentos & quarenta annos. A quarta des Dauid, atá o treſpaſſamento de Babilonia, em que ouue outras catorze geraçoens, & durou tres mil, & ſetenta & tres annos. A quinta, des Dauid atá a vinda do Saluador, que conteue em ſy catorze geraçoẽs, & forão os annos della quinhentos, & nouẽta & nouc. A ſexta, em q̃ hora andamos, q̃ ha quatrocẽtos e quarẽta e tres, q̃ dura, não tẽdo certidão por annos na conta de geraçoens, mas cuidaõ alguns, que fara fim, quando ſe acabar os ſegres, a qual dizem, que ha de durar ſeis mil annos, & q̃ ja eram paſſados, por eſta guiſa, finco mil, duzentos nouenta & ſete. E aſſi ficão pera ſe acabar o mundo ſetecentos & tres annos. Aſſi que doutra idade deſta preſente vida, nenhum ſe entremeteo de falar, ſaluo quando algũs diſſerão, que aſſi como Deos criara o mũdo por eſpaço de ſeis dias & no ſeptimo folgara, que aſſi a folgança das eſpirituaes almas, q̃ no Paraiſo auerião, ſeria a ſeptima idade. Mas taes opinioens bem ſam de engeitar acerca dos entendidos, q̃ pois IESV Chriſto noſſo Senhor no Euangelho diz, que do poſtrimeiro dia nenhum nam era ſabedor, nem os Anjos do Ceo, ſómente o Padre, taes falamentos pouca parte tem de verdade, mas nós com ouzança de falar, como quem já agora, por comparação, fazemos aqui a ſeptima idade, na qual parece ſe leuantou outro mundo nouo, & noua geraçam de gentes, porque filhos de homens de baixa condiçam, que nam compre dizer, por ſeu bom ſeruiço, & trabalho, neſte tempo foram feitos caualeiros chamandoſe logo de nouos linhagẽs, & appelidos; & outros ſe apegaram ás antigas fidalguias, de que já nam era memoria. De guiſa, que por dignidades humanas, & officio do Reyno, em que os eſte Senhor, ſendo Meſtre, & depois que foi Rey poz, montarão tanto ao diante em ſeus deſcendentes, que hoje em dia ſe chamam doens, & ſam teudos em gram conta: aſſi como o Filho de *D*eos chamou a ſeus Apoſtolos dizendo, que os fazia peſcadores dos homens, & aſſi muytos deſte, que o Meſtre acrecentou, peſcaram depois tanto pera ſy, por ſeu grande, & honroſo eſtado. Que taes ouue hi, q̃ traziam conſigo vinte, & trinta de caualo em a guerra, que ſe ſeguio, os acompanhauam trezentas, & quãtrocentas lanças, & alguns fidalgos de linhagem. Aſſi

que esta idade, que dissemos, que sè começou no feito do Mestre, a qua pela era de Cesar, porque esta Cronica he compilada, ha agora setenta annos, que dura, & durarà até o fim dos segres, ou quanto Deos quizer, que todas criou.

CAP. 164. *Como o Mestre foy por cobrar Cintra, & nam pode chegar, por azo da muyta chuua.*

SEGVNDO percalçar podemos, nestes derradeiros dias posemos os nomes dos lugares, q̃ voz por certas pessoas, que foram em seu defendimento, tinhão auido, nam por tal memoria dos mortaes trazer consigo algum espiritu de proueito, mas por dar azo dos que isto ouuerem de seguir aos bons, & honrosos feitos, que os de seu linhagem gainharam grande, & notauel fama. Porque nam ha cousa tam certa, nẽ porque os homẽs milhor se auezem daquello, que aos outros caualeiros sòs pertencem esguardar nas obras, porque os antigos floreceram, ou ouueraõ algum cõtrairo doutra guisa dellas homẽ ignorãte, & assi cego, & nos que sam por vir, & porém nam elongando mais tal arrezoado breuemente, Deueis saber, que, com alguns fidalgos, & Cidadãos dos que nomeamos, & parte doutra boa gẽte, começou o Mestre seus grandes, & guerreiros trabalhos. E a primeira cousa, que se trabalhou de fazer, depois que se El Rey de Castella leuantou do cerco, assi foy auer os lugares derrador da Cidade, que por Castella tinhaõ voz, & teue tala com alguns de Cintra, onde estaua o Conde Dom Antrique Manoel por fronteiro, que sam sinco legoas da Cidade, que lhe dessem o Castello do lugar, que he hũa grande fortaleza em hum alto, & fragoso monte, & a Villa ao pé delle, sem nenhũa cerqua, que a defender possa. E hũa segunda feira, vinte & quatro dias do mes de Outubro, que era o dia antre elles deuisado, pouco mais de hora de bespera, mandou o Mestre sahir fora da Cidade, a hum rocio perto della, que chamauam Sancta Barbora, esses poucos de caualo, q̃ hi auia, & outras gentes darmas, & pioẽs, mostrãdo, q̃ queria fazer alardo. E depois, q̃ alli forão jũtos, apartou dessesfidalgos, assi como o Cõde D. Gõçalo, & o Arcebispo Dom Lourenço, & da outra gẽte, quãta lhe a prou-

gue

gue de leuar, & os outros tornaraõ pera a Cidade, & dalli partio com elles, nam ſabendo nenhũ pera onde elle hia, ſaluo a quelles, que com elle falaram. E a mòr parte delles moutaraõ de pé, por mingoa de beſtas, q̃ naõ tinhaõ por azo do cerco, em q̃ foraõ poſtos. Em elles hindo pelo caminho, naõ muy longe da Cidade, naceraõ no Ceo hũas leues nuues cõ eſcuro emburilhamẽto, molhando a terra de ligeiros orualhos, & crecendo mais ſua eſpeſſura, foy aſſi o ar cuberto de ceguidam chuiuoſa, que a noite moſtrou ſua grande triſteza antes das horas pertẽcẽtes. Os mõtes começaraõ de ſe lauar com multidaõ degroſſas chuiuas. E de cẽdo às eſtradas ſeu trigoſo eſcurecimento, daua tanta torua aos armados, que queriam ſeguir ſeu caminho, de guiſa, que dos pobres regatos hu adur moraua huma pobre raiz, ſe faziam tam grandes Ribeiras, que punham eſpanto de ſe poderem paſſar. E ſendo cada vez maior a aſpereza de tam eſquiuo inuerno, parecia q̃ naciaõ no Ceo nouas maneiras dechuiuas, pera ſouerter omũdo outra vez, com mortal diluuio. Aſsi, que os Rios crecendo fora de meſura, & cobrindo as coſtumadas põtes, adur eraõ os homẽs ouzados de paſſar ſeu medroſo paſſamento o Meſtre, naõ embargãdo eſto, ſeguia ſeu caminho paſſo, & paſſo, q̃ naõ cõuinha doutro geito, pelos q̃ hiaõ com elle de pe. E deshi eſperando q̃ ceſſaſſe tal tẽpo, como ſoe acõtecer, & acabar aquello, porq̃ hião. Em eſte comenos, ſendo já as treuas de todo cerradas cõ infernal eſcuridão, naceo de ſupito hũ pezado ſom auondoſo de grandes vẽtos, miſturado cõ cerração, & ſaraiua, & apertandoſe o vẽto, o Ceo ſe toldou todo em relampados, & trouoẽs fora do arrezoado coſtume, como ſe aſſintemẽte foſsẽ enuiados pera toruar o Meſtre de ſua ida, em tanto q̃ a guia, q̃ os leuaua, perdeo de todo o eſmo da terra, q̃ muy notauelmẽte não ſabião q̃ fazer, nem pera onde foſſem, ſendo já hũas quatro legoas da Cidade, tegũdo a manhaam depois demoſtrou. Delles acertauão, por aquẽ cimẽto em Caſaes, & faziaõ ſahir fora ſeus donos, q̃ lhes moſtraſsẽ por onde hauiaõ de hir, & nenhũ podia dizer, nẽ amoſtrar couſa, q̃ lhe aproueitar podeſſe. Hũs topauão com os outros, não vendo caminho, nem em que logar eraõ, & leixandoſe eſtar quedos de taõ deſmeſurada noite, que cumpre ſobre eſto fa-

zer detẽça, pois se por escrito dizer não pode. As treuas eraõ em tal quantidade, q̃ nenhum lume de relampádos leixauão de dar ouzia de vista, q̃ prestasse, mas assi como aos mareantes, era poſtrimeira desesperaçaõ de gram tormenta parecer nas arcas, & cordas das naos lumes, & candeas, que he chamado o Corpo Sancto, assi em esta danosa noite apareciam tres candeas nas põtas das lanças dalguns de que eram acerca do Mestre. Vendo elle estonce tam nojoso aquécimento, falou a aquelles, que trazia junto consigo, & disse esta rezaõ: q̃ pois a Deos prazia de não cessar aquelle mao tempo, em q̃ era cada vez pior, q̃ naõ fosse mais por diãte, mas cada hũ trabalhasse de se tornar, se entẽdesse tomaracerca caminho, ou por onde milhor podesse. Onde sabey, q̃ estas foraõ as maiores agoas, q̃ os homẽs nũca viraõ, nẽ ouuiraõ falar, & durarão atè acerca da manhaã hindose pouco a pouco começarão, ca a sua abastança foy tanto, q̃ não cabẽdo pelos canos da seruẽtia da Cidade, por hú tem costume de se vazar, quando chouue, reprezàrão no muro, em tanta multidão, ca ainda pela porta de S. Vicẽte daua agoa pela metade do postigo, & derribou casas dos q̃ erão mais acerca, & derribou a parade da cerca do Moesteiro de S. Domingos, & entrou dẽtro em altura de quatro couados, & meyo, & alagou as cellas dos frades q̃ erão então terreas, & hũa nobre liuraria, em q̃ danou muitos, & muy bõs liuros, & sahia tão tesa pela porta da Igreja, q̃ derribaua o muro do alpẽdre, hù prégão & todo o rocio era hũ grãde mar, & alagãdo muitas casas ao derredor delle, & nadauão os toneis do vinho na rua das esteiras, e pela rua noua, & nadou hũa galè, nas tercenas, & outras muytas, q̃ pareciaõ impossiuel de crer. O Mestre chegou em outro dia tarde desacõpanhado de como partira, & contando cada hum os aquècimentos, que lhe auieraõ, era saborosa cousa de ouuir.

CAP. 165. *Como o Mestre foy a Almada, & cobrou o lugar por vontade dos moradores dà Villa.*

ANDADOS quatro dias depois desto, ordenou o Mestre de pagar soldo, & foy logo pago de hũ mes, & tẽdo vontade de cobrar Torre Vedras, & outros lugares, q̃ diremos, mãdou primeiro Iohão Rodriguez Pacheco, cõ gẽte darmas, bèsteiros, & homẽs de pè

pé fazer começo de cerco sobre a Villa de Torres Vedras, hùestaua lo-hão Duque por fronteiro, & tãtoq̃ a ella chegou, sahirão a elle a escaramuçar, & lohão Rodriguez com aquelles, q̃ cõ elle hião, por força darmas o fez recolher polas portas do lugar, e ençarrar dẽtro a mal leu grado, & desta guisa esteue cercada, atá q̃ o Mestre depois chegou. Ora assi aueyo, q̃ El Rey de Castella, quãdo quiz partir do cerco de Lisboa, anteq̃ mouesse seu arrayal, mandou chamar dos moradores Dalmada algũs dos honrados, que hi auia, dizendo, que queria tornar a Castella, por encaminhar cousas de seu seruiço, & que lhe rogaua, que lhe fossem boons, & leaes vassallos, tendo aquella Villa por sua, o qual esperaua, que el les farião, & que elle teria cuidado de os sẽpre defender, & lhes fazer por ello muytas merces, mas que poderia ser, que por induzimentos doutros alguns, elles fariam mudanças de suas boas vontades. Por segurança de tal feito elle queria, que lhe dessem em refens os filhos dos milhores, que hi oueesse, pera os mandar na frota a seu Reyno, ca á tornada, quando viesse, achando que eram bons, & leaes seruidores, elle teria cuidado de lhe criar os filhos, & de os casar, & fazer muytas merces. E elles, que al fazer nam podiaõ, disseraõ, que pois sua merce era fazerse daquelle geito, que lhes prazia de lhos darem, & foram todos em refens, todos os filhos & parentes dos milhores, que na Villa auia, bem atè vinte, assi baroens, como femeas, & eraõ alguns tam pequenos, que não chegauão a quatro annos. E estes moços foram todos dados, & entregues na frota ao Almirante della. E alçado ElRey de sobre Lisboa, ficou hi a frota por algũs dias, & quando partio chegou a Cezimbra, onde roubàram algumas cousas, que tomar poderão, & tornando outra vez sobre o porto da Cidade, foràose logo quatro galés direitas a Almada, & sahirão fora muyto foutamente cuidando aquello, que era rezam, que a Villa por elles estiuesse. Os do lugar, que estonce começàram de vindimar, quando viram as galés, sahiram em Cacilhas, que he muyto perto, repicaram muyto trigosamente, foram logo á pressa juntos os que se prestes fazer poderam. Os Castellãos andauão jà no arrayal de trabalhando por leuar daquelle vinho, que achauam. Os Portugueses começaram de lho defender, metendose com elles,

ferindo, & matando, até a Ribeira, de guisa que ao recolher das galès, onde muytos Castellãos morrerão, & lhe foy forçado cortar os proizes, q̃ tinham em terra, jurando por esto os Patroens das galès, que lhe matarião os filhos, que em arrefẽs leuauão. Assi se forão sem tornando mais. Quando o Mestre disto soube pesou lhe muito de taes nouas, louuãdoos por verdadeiros Portugueses, & ouue logo sérá tala com elles, de guisa, que lhe mandarão dizer que fosse receber o lugar, & que lho entregariam, & tomariam voz por elle, nam embargando os filhos, que em arrefens dado tinham, posto que soubessem que lhos matarião. O Mestre mãdou fazer prestes certas barcas pera aquello per tẽcẽtes, & hauendo nò mais de tres dias, que as galés partirão de Almada, chegou là o Mestre, & o Conde Dom Gonçalo, com hu mas duzentas lanças. Os da Villa sahirão todos a recebelos cõ prociſſaõ, & assi foram com elle até o lugar, que lhe entregàram com leda vontade, contandolhe as pressas, & tribulaçoens, que hauiam passadas por ter sua voz, & elle prometeolhes de lhes fazer mercés.

CAP. 166, *Como o Mestre partio de Almada, & foy sobre Alãquer.*

O Mestre em Almada, como dissemos, chegou lhe recado de alguns Dalãquer, cõq̃ tinha fala sobre esto, q̃ partisse logo pera o cercar, auendo o por seu seruiço; & q̃ fosse alta manhaam, se podesse. E logo hũa tarde, depois de cea, embarcou com aquelles, que tinha consigo, em trinta & sinco, antre barcas bateis, & o Arcebispo, & Affonso Furtado, & outros se forão por terra. E posto que o mar começasse de encher, q̃ era grãde azo pera hir mais toste, por quanto o vento não era de viagẽ, toda a noite pozerão atè chegar a hũa legoa, q̃ chamão o Piquete antre Villa Noua, & a Castanheira, hũa legoa da Alanquer. E alli desembarcaraõ o Mestre, com os q̃ leuaua, & foy cõ elles por terra todos armados, sendo já muy clara manhaam, & quando chegarão acerca do lugar ouueraõ os da Villa vista delles, & repicãdo, sahirão logo pela porta às barreiras. O Mestre, como chegou a hũa Igreja, que chamão Sancto Espirito, que he hum chaõ acerca do Rio, que corre ao derredor da Villa, recolheo a sy sua gente, & deshi foy por hũa comprida calça-

calçada assima,& pouzou em hũ Moesteiro de Sam Francisco, q̃ ahi ha,& deshi mandou dizer a Vasco Pirez todalas boas rezoẽs, que entendeo, q̃ se deuia demouer a lhe dar aquelle logar, cuja final reposta, depois de longos falamentos, foy que o não entendia de fazer. Estonce mandou o Mestre a Lisboa por tiros, & por dous engenhos, & forãōolhe leuados em barcas, atà aquelle logar,onde desembarcarão,& dahi em bois não poderão mais hir, tomaraõ os homens cordas pera os leuarem por ellas, aonde hauião de ser armados, & não os podiam leuar, cansando muyto com elles. Falou estonces o Mestre, & disse. *O Amigos,esforçaiuos por Deos, & tiray bem, & lembreuos vossas molheres, & fazendas, & os filhos, & terras, de hù sois naturaes, & trabalhay por deitarmos estes imigos fora daqueste logar.* E elles se esforçaraõ com suas boas palauras,de tal guisa, que pozerão o arteficio elles,cada hum no logar,onde auia de estar. E aucyo hum dia pela manhaam, que o Mestre, & o Conde Dom Gonçalo, & algũas gentes hiam ver huma casa, em que o Mestre mandou começar huma caua, pera pòr encontros à torre, que está à porta de Santa Maria da Varzea,hù chamão a porta do Carualho. E isso mesmo hum engenho, que mandaua armar em huma porta do logar, & alguns de dentro sahiram pela porta da Villa armados, & os do Mestre moueram contra elles, antre os quaes hia Ayres Gõçaluez de Figueiredo,& os da Villa se recolheram a dentro por huma barreira baixa, onde eram bẽ defesos dos que estauão ensima do muro. E Ayres Gonçaluez,como valente homem darmas, entrou pela porta da barreira,a mal seu grado de quantos dentro eram, & chegou acerca da porta da Villa, & deu por façanha,tres ou quatro vezes com a adarga na parede do muro. Dom Pedro era hum homem piqueno de boas feiçoens, poronde era muyto namorado de Dona Beatriz de Castro,molher que fora do Conde de Mayorcas, que ficara em esta Villa, quando ElRey de Castella partio pera seu Reyno,& falando hum dia estes fidalgos, perante o Mestre das manhas dos homens darmas,começou Ayres Gonçaluez de dar a entender, q̃ os homens de pequenos corpos, não tinhão poder de se igualar com os de mayor grandeza: & huns, & outros defendendo seu bando, disse Affonso Anriquez con-

contra Ayres Gonçaluez, que se lhe a elle prouguesse de elle ser seu companheiro em armas, que elle o acharia sempre cõsigo, em qualquer bom feito, q̃ elle a mão pozesse. Ayres Gonçaluez disse, que lhe aprazia muyto, & deram se as maõs sobre tal Irmandade. E dezião, que todo esto fazia Affonso Anriquez por amor de Dona Beatriz, cujo namorado era, & quando Ayres Gonçaluez entrou pela porta dabarreira, como dizemos, hia Affonso Anriquez junto com elle, & das muitas pedradas, que de sima deitauão, derão huma tal a Affonso Anriquez que cahio em terra, & deu algũs tombos: Ayres Gonçaluez nam podendo sofrer as outras, atastouse afora, & desta queda foi Affonso Anriquez muyto prazmado dos seus, dizendo, que se queria poer em cajoens, que lhe nam compriam, mayormente cõ tal, como Ayres Gonçaluez, que era homem de gram corpo, & força, qual não auia outro naquelle arrayal, & que a igualdança dambos, não era conuinhauel, & outras taes rezoens. E elle respondeo, dando a entender que nam entendia de deixar o prepósito, q̃ começado tinha. Em isto foram nouas muy á pressa, onde o Mestre pouzaua, como se combatio o lugar rijamente, & nam era assim. Porém o Mestre se armou, & quantos hi estauão, & pelo arrabalde, & foraõse caminho da porta de Soure pera combater daquella parte, que era grande espaço donde estaua o Mestre. E como chegàram, disserão alguns, q̃ tal combate não era rezoado, a huma por a porta ser muy forte, & a outra, porque elles erão muito poucos, & os da Villa muitos mais que elles. E o Doutor Iohão das Regras, que hi era de mistura, respondeo estonces dizendo estas rezoens. *O amigos meus, essa he a verdade da peleja, que hũ Portugues nam peleja com hum Castellão, mas com tres, & com quatro, quando mister fizer, & por tanto nam cumpre aqui al, senam combater com vontade, posto que a porta seja forte, & as gentes muitas.* E entam se chegaram, & pozeram fogo á porta da barbacaam, & por força das muitas pedras, que vinhão das torres de sima da porta. Isso mesmo daquella barreira lhe conueyo de se arradarem, sem della arder cousa, que prestar podesse, nem lhe fazer outro nojo; posto que ardera, & abrira de seu grado, não lhes aproueitàra, porque a da Villa era muyto forte. Em esto veyo o Mestre da outra parte, donde estaua

onde

onde escaramuçarão. E estes leixarão o q̃ começado tinhão, & foramse todos pera as pouzadas.

CAP. 167. *Do combate, que derão os do arrayal aos da Villa, em que foy morto Affonso Anriquez, & outros.*

EM esse dia, depois de comer, sahiram os da Villa pera desfazer, & cortar hũa ponte de grossos paos, que passaua pela caua da barreira, por hũ antes prouarão de poerem o fogo. Os do arrayal, quando aquello viraõ, quizeraõlho embargar que os nam cortassem, foy allaa muita gente por esto, & os da Villa sahiraõ á barreira por defenderem os seus, & foy allaa grande enuolta de peleja, de guisa que de escaramuça se começou de fazer combate. Em esto Affonso Anriquez, omoço, que estaua com o Mestre no Moesteiro, ouuindo aquelle grãde arroido, pediolhe licença pera se armar nas suas armas, pois naõ estaua na sua pouzada, & ao Mestre lhe prougue delo, & armouse de humas Solhas, postas em pano de sirgo verde, porque o Mestre era conhecido, quando as vestia, & foyse logo á porta da barreira, onde começaram de combater, & chegando alli foy mais adiante, & deu com alança na porta da Villa por mostrar ardideza, & as pedras muitas, que vinham desima de sobre as torres da porta, acertou delhe dar hũa, que cahio em terra morto: Eos da Villa, que o viram cahir, conhecendo as armas, que eram do Mestre, cuidaram que era elle, & estonces se esforçaram de lançar muytas mais pedras sobre elle, deguisa, que o cobriram todo. Ayres Gonçalues, que era presente, quando esto vio, tomou hum pauez da barreira, comque se emparou das pedras omilhor, que podè, & por huma pequena de perna, que lhe parecia otirou afora por força, nam embargando as muitas pedras, que assi lançauam. E desta guisa morreo Affonso Anriquez cometendo ardideza, a que nam aproueitaua, de cuja morte o Mestre mostrou assas que lhe pezaua, porque segundo daua aentender, que tinha boom desejo de oseruir. Em este combate deu hum virotam a Iohaõ Affonso filho de Affonso Esteuez da Azambuja, de que morreo esse dia, & foy morto Gyl Affonso criado do Mestre, & outros mortos, & feridos. E mais aconteceo entaõ, que dous

bèstei-

bésteiros hum da Villa, & outro do arrayal, tiràraõ hum ao outro, & daquelle primeiro tiro, se atiraram ambos, & foram logo mortos. E derão este combate, que se começou como de escarnio, & se acabou de verdade, até acerca do sol posto.

CAP. 168. *Còmo o Mestre preitejou cõ Vasco Pirez de Camoẽs, & se alçou de sobre o lugar.*

ESTANDO o Mestre sobre Alanquer por espaço de dias, chegou ahi o Conde *Dõ* Pedro Irmaõ de Affonso Anriquez, que alli morreo, o qual ficàra no Porto, ferido da maõ, quãdo afrota houue de partir, segundo contamos em seu logar, & tràzia alguns poucos consigo. O Mestre o recebeo muy bem, e lhe fez boom gazalhado. Em esto começou a agoa de mingoar nos da Villa, porque hũa couraça, que ahi hauia começada, nam era inda em tal altura, que della podessem tomar agoa, posto que fosse tempo de inuerno, naõ chouia cousa, que aproueitasse. Vasco Pirez sentindo as cauas, que lhe faziam, & o enjenho, que armauão pera lhe tirar deshi, como o Mestre mandaua por almazem a Lisboa, entendeo q̃ tinha võtade de cõtinuar seu cerco. E estonce elle, & Gonçalo Tenreiro seu sogro mandaram falar ao Mestre sobre preitezia, na qual a cordados, fizeram tal auença. Que Vasco Pirez pozesse fora os homens darmas, & bèsteiros Castellaõs, que hi estauam, que se fossem pera Sanctarem com todo o seu, & que elle tomasse voz por o Mestre, e fizesse por elle guerra, & paz Ese a Rainha Dona Lianor, que lhe tal castello dera, tornasse ao Reyno, em seu liure poder, sem companha de Castellaõs pera ajudar a defender o Reyno, que lho entregasse por naõ ficar em mao caso. E fez esta preitezia aos dez dias domes de Dezembro, no Moesteiro de Sam Francisco, onde pouzaua o Mestre, denoite ás tochas, presente muitos, que hi estauam. Foy posto em ella que o Mestre leixasse hi homens darmas por guarda do Lugar, quaes Vasco Pirez quizesse escolher. E elle, feita menagem ao Mestre, apontou pera ficar cõ elle Ruy Coruo, & Gonçalo Gonçaluez Borges, & Fernam Gonçaluez da Ameixoeira, & outros, que eraõ seus compadres, & amigos. E partio o Mestre dahi, & foyse cercar Torres vedras, & auẽdo já seis somanas, q̃ chegàra sobre Alãquer.

CAP

CAP. 169. *Como o Mestre partio Dalanquer, & foy cerquar Torres Vedras.*

FEITA tal conuença, & ficando Alanquer por seu, partio o Mestre pera Torres Vedras, onde Iohaõ Fernandez Pacheco auia já feito começo de cerco, & foy leuar engenhos, & tiros pera lhe tirarem com elles. Iohaõ Duque, que a Villa tinha por ElRey de Castella, era hũ fidalgo Castellaõ bem acompanhado de homens darmas, & piois, & bèsteiros, que pera defensaõ eraõ abastantes. O Mestre aposentou suas gentes pelo arrabalde arredor da Villa, como se melhor poderaõ a lojar, & nos Paços DelRey, onde pouzaua o Conde Dõ Gonçalo, & Iohaõ Fernandez Pacheco, punham de dia, & denoite hũa guarda, & a segunda estaua da outra parte contra o Castello. E este logar de Torres Vedras he hũa fortaleza assentada ensima de hum fermoso monte, o qual natureza gèrou em taõ ordenada igualdade, como se á maõ fora feito artificialmente, & em bõ, & gracioso termo junto consigo a derrador de paens, & vinhos, & outros mantimẽtos, que naquelle tempo, per azo da guerra, eraõ gastados de todo ponto. A Villa tem sua cerca arredor do monte, & na mayor alteza delle esta o Castello, & antre a Villa, & o Castello, morauaõ tam poucos, de que nam he feita conta. Em toda sua pouoaçam era hum grãde arrabalde de muitas, & boas casas, & bem ordenadas ruas ao pé do monte. O Mestre desejou de hauer, & cobrar este logar. Iohaõ Duque tinha gram vontade de o defender, por cujo azo se faziam algũmas escaramuças antre os defora, & os de dentro, de que naõ compre fazer estoria, saluo daquelle longo trabalho, porque o Mestre ordenou de o tomar, que foy hũa grande caua, a fora outras, que lhe fez, a qual hauia de hir sahir ao adro da Igreja, que chamaõ Santa Maria, que he dentro no logar, antre a Villa, & o castello. E esta caua era larga & espaçosa deguisa, que tres homens darmas podiam hir a par folgadamẽte por ella, & foy começada em hũa tarde, & arredada do lugar o mais incubertamẽte, que se fazer pode, deguisa que naõ somente os da Villa naõ houueram dello nenhũa noticia, mas ainda muitos do arrayal naõ sabiam parte que se ahi fazia. A terra, que se alli de dia tiraua della, dei-

la,deitauam dentro na tenda, & de noite lançauaõna em tal lugar,que os imigos naõ entendeſſem ſua obra. Os Caſtellaõs tinham atalaya enſima da Igreja, quando viram que o Meſtre hia tanto a miude áquella tenda, ſoſpeitaram o que era,& o Meſtre pòr eſcuſar a ſoſpeita deixou de hir laa de dia; & denoite hia a ver o q̃ faziam,porem todo ſeu cuidar,&ſoſpeita fora vão ſenaõ forão algũas peſſoas,q̃ andauam cõ o Meſtre,q̃ nam amauam ſeu ſeruiço, que por ſinaes, & outras incubertas maneiras, lhe faziam ſaber quanto o Meſtre obraua contra elles.E nam ſomente lhe faziaõ ſaber todolos ſegredos, q̃ em ſeu conſelho falauaõ, mas ainda auexauão o Meſtre de quaeſquer couſas,que em obra mandaua poer,pera deſtroiçam do logar,aſſi como tirar dos engenhos que o Meſtre mandaua que tiraſſem ao muro, & às torres, pera as desfazerem, & derribar, & elles deziam que mandaſſe tirar ao pé do muro da Villa, & que por alli fariam hum portal, pera que entraſſem a tomar o Caſtello.O que tinha cargo de tirar cõ os engenhos, contradezia muito tal conſelho, & nam embargando,tirauam ao muro da Villa, & á torre damenagem. O Meſtre,por ficamento daquelles naõ fieis conſelheiros,ſe houue tanto de aqueixar contra elle, que deſſe,que ſe naõ tiraſſe ao pè do muro, como lhe elles mãdauaõ,que ho mandaria lançar no fundo do engenho dentro no Caſtello.Elle vendo, que por ſeu bom ſeruiço lhe prometiam tal galardam,de que houue grande medo, fogio aquella noite, & foyſe pera Leyria.

CAP. 170. *Como o Meſtre de Chriſtus foy vencido, & leuado a Sanctarem prezo.*

EM eſta ſezam, no mes de Nouembro, que diſſemos, que o Meſtre viera ſobre Alanquer, partira o Meſtre de Chriſtus,Dom Lopo Dias de Souſa,da Villa de Thomar,& com elle Dom Aluaro Gonçaluez,Camelo,Priol que chamaua do Eſpritał, & Rodrigaluarez Pereira Irmam de Nuno Aluarez, & outros,& foy cercar Torres Nouas, leuando conſigo oitenta lanças, & homens de pè, & bẽſteiros, & fez leuar hum engenho pequeno, com que lhe mandaua tirar ás vezes alguns combates, que lhe pouco empecimento faziaõ.Afonſo Lopez de Texeda, que no

Lugar

Lugar ficara por Alcayde, de fendia o milhor que podia. E porque se seguiam espaço de dias q̃ era cercado, começoulhe de mingoar a agoa, & o pescado, deguisa, que cadadia comiam carne, & esperauam de padecer pior. Diogo Gomes Xarmento, que estaua em Sanctarem, soube parte como lhe mingoauaõ os mantimentos, ordenou de fazer pera alá, hũa caualgada, que fosse hũa via, & dous mandados. s. leuar lhe algumas viandas, se as podesse poer dentro pela porta da treiçam, ou deserquar o lugar a todo seu poder. Ecõ sta tençam partio de Sanctarem á mea noite com duzentos de cauallo, antre homens darmas, & ginetes, & andadas aquellas sinco legoas, que ha de hum lugar ao outro, sol leuado amanhecendo, chegaram sobre o lugar. O Mestre, que desto parte nam sabia, quando supitamente tam perto de sy vio, juntaraõse todos, assi como estauaõ, & fezesse prestes pera pelejar. Os Castellaõs isso mesmo, vendo os tam poucos, cobraram fouteza de pelejar com elles, & foy o Mestre vencido, & prezo, & leuado a Sanctarem, elle, & Aluoro Gonçaluez Camelo. E assi jouueram, ataque a batalha depois foy vencida, como ouuireis. E jazendo elle assi preso, mandou pedir por merce ao Mestre, a Torres Vedras, onde estaua, que ministrasse por elle em tanto o Mestrado Martim Gonçaluez Comendador de Almoural, & ao Mestre prouge dello, & assi o mandou por sua carta, & fez poer boom recado em todos os lugares da ordẽ.

CAP. 171. *Como Nuno Aluarez foy a Eluas, & lançou fora alguns do lugar.*

CONTADO hauemos em seu lugar, onde falamos da tomada de Portel, como Nuno Aluarez depois que leixou nelle segurança, qual compriſſe, tornou logo pera Euora. Em quanto o Mestre jaz sobre Torres Vedras, & fazem caua pera o tomar, vejamos o q̃ a veyo entretanto a Nuno Aluarez, pois todo foy em hũa sezaõ. Onde segundo conta hum estoreador, estando elle em aquella Cidade, veyolhe recado da Villa de Eluas, que alguns dos boons do lugar se queriam alçar com ella, & tomar voz por ElRey de Castella; E que Nuno Aluarez se partio pera lá com certas gentes consigo, pera poer assecego na Villa, segundo visse q̃ era mester.

Outros

Outros dizem, que Fernam Pereira chegara a Euora pouco hauia, por hir ver ſua madre, que eſtaua em Eluas, q̃ Nuno Aluarez pelo hir eſpoſar com hũa ſua filha de Gonçalo Gomes, Alcaide que fora daquelle lugar, & o poer em poſſe delle, ſe mouera pera là chegar. Hora de qualquer guiſa, que foſſe, hindo elle pelo caminho com ſuas gentes, vio leuar veſtida a ſeu Irmaõ Fernam Pereira acota, que fora de hum Garcia Fernandez, & cingida a ſua eſpada, as quaes elle eſconderа em Portel, quando ſe Garcia Fernandez ouue de partir. Nuno Aluarez, quando aſſi o vio hir, & conheceo aquellas couſas, cujas foram, foy muito anojado em ſua vontade, eſtonces Fernam Pereira diſſe, que fizera grãde mal paſſar por elle tal mingoa contra ſeu Iuramento, dizẽdo que proueſſe a Deos que lhe nam vieſſe por ello algum gram cajam por quebrantar aſſi ſua jura. Fernam Pereira ſe eſcuſou com rezoens, a que Nuno Aluarez nam quiz mais reſponder, & foram ſeu caminho atè q̃ chegaram a Eluas. E elles dalli a muy poucos dias, mãdou Nuno Aluarez da parte do Meſtre a Gyl Fernandez, & a Martim Rodriguez, & outros boons do lugar, que ſe ſahiſſem da Vila, & ſe foſſem a Torres Vedras, onde o Meſtre tinha ſeu cerquo pera o ſeruirem em elle. Deſto pezou a muitos delles, como aquelles, que ſe tinham por verdadeiros Portugueſes, & leaes ſeruidores do Meſtre, como ſe bem por obra ateli moſtraraõ. Porem obedecendo a ſeu mãdado houeram de fazer, & quando chegaram a Torres Vedras o Meſtre os recebeo muy bem, moſtrando que de ſua vinda lhe prazia muito, dizendo que vieſſem muito embora, & outras rezoens de gazalhoſo recebimẽto. Gil Fernandez, que era ſolto em falar, diſſe logo perante todos. *Mas venhamos muito em ora má, ſenhor, pois por quanto, & boom ſeruiço vos fazemos, nos mãdaſtes lançar fora de Eluas, como lançam os tredores.* Dizendo elle, & cada hũ dos outros todos a que por ſuas honras entendiaõ. O Meſtre reſpondeo deſculpandoſe, que de tal couſa naõ era ſabedor, nem fora feita por ſeu mandado, nem cõſentimẽto, mas q̃ elle os auia por verdadeiros Portugueſes, & tam boõs, & melhores ſeruidores do q̃ elles deziaõ, & lhes faria por ello muitas merces, & acrecentamentos, como elles podião bem ver, & com eſtas, & outras boas palauras os a pacificou, & aſſi

& assi estiueram com elle por espaço de dias.

CAP. 172. *Como Nuno Aluarez foy por cobrar Villa Viçosa, & foy morto seu Irmaõ, & a cercou, & naõ pode tomar.*

TANTAS vezes cõtamos, & foy já ouuido, q̃ hindo Nunaluarez por tomar Villa Viçosa, q̃ Vasco Porcalho dera aos Castellaõs, foy morto Fernam Pereira seu Irmaõ á entrada do lugar, que nenhum desto alguma cousa duuida, mas que o moueo partir pera lá por tal geito, como elle foy, a desconcordancia dos estoriadores nos poem sobre ello em fadigoso cuidado. Porque hũs dizem, que sabẽdo elle que o Commendador fazia voda, & daua casa a hum seu criado, que deziam Aluoro Machado, que cuidou que por a gram festa, & prazer, em que seriam postos a quelle dia, que em quanto os noiuos fossem à Igreja, & a mais da gẽte com elles, que de salto, & supitamente podia tomar o lugar, & por aqueste separtio assi. Outros contam, que alguns homens boons de Villa Viçosa enuiaraõ dizer a Nuno Aluarez que fosse lá, & que lhe dariam hũa porta da Villa, porque entrasse, & sendo elle muito ledo da tal embaxada, trabalhou logo de o poer em obra, & partio com suas gẽtes sobre anoite, fazendo infinta que hia pera outra parte: E sahindo a sua bandeira por a porta da Villa, quebrou a haste della ao Alferez, que a leuaua, & todolos, que eram alli, ouueraõ por mao final, dizendo a Nuno Aluarez, que nam partisse por nenhũa cousa, & escuzasse o caminho, que fazer queria, mas elle naõ curou nada do que lhe deziaõ, & mandou poer a bandeira em outra haste, & seguio a tẽçam, que começada tinha. Andadas a quellas quatro legoas, que hà de hum lugar ao outro, chegou a Villa Viçosa, & alojouse perto della muito sẽ arroido, & todos assocegados. E outro dia pela menhaam ordenou de tomar a Villa, segundo enformaçam, que lhe enuiada fora. E mandou diante Fernam Pereira seu Irmaõ com Aluoro Coitado, & certos consigo. Os quaes a cauallo armados com seus bacinetes, como a tal feito pertencia, chegaram á pressa a Villa Viçosa & deceram dos cauallos, por se lançarem dentro pela porta, que chamam da Torre, que he a mais forte, que ella tem, a qual he em

esta

esta guisa. Ella he hũa torre muy larga bobadada densima da porta, que nenhum pode chegar à porta da Villa, que primeiro não passe por sob toda aquella abobada, a qual ha hũa tal boca na metade, porque cabem grandes cantos, pera os lançar de sima quem quizer. E como Fernam Pereira, & os outros, se quizeram lançar por sob aquella abobada por chegar á porta da Villa, & veyo hum grande canto desima, & deu a Fernaõ Pereira, q̃ lhe esmagou o bacinete, & a cabeça, e foi logo morto, & por esta guisa mataraõ hũ seu escudeiro, q̃ o seguia q̃ chamauam Vicente Esteuẽs. Aluoro Coitado chegou todauia à entrada da porta sem impedimẽto, nem torua, que hi ouuesse, & querẽdo entrar foy ferido, & preso, & leuado dentro á Villa, & tambem leuaram o corpo de Fernam Pereira, que era hum dos ardidos, & fermosos corpos, que em todo Reyno hauia, sendo á quelle tempo de vinte quatro annos. E em esto chegou Nuno Aluarez com sua bandeira, & gẽtes, & quando soube que seu Irmam era morto, & Aluoro Coitado preso, & ferido, q̃ maior ser naõ podia, e naõ podẽdo em ello mais fazer por as portas serem cerradas, & tal entrada mui perigosa, tornouse cõ grande nojo pera Borba, que estaua pello Mestre, que era dahi hũa legoa. Ora sabey que outro Historiador contando a partida de Nuno Aluarez, quando desta vez foy a Villa Viçosa, naõ se outorga em tal rezaõ, mas diz que Vasco Porcalho enganosamente, escreueo aquella carta a Nuno Aluarez em nome de tres, ou quatro dos boons do lugar, dizendo, que se trabalhasse de chegar lá com suas gẽtes o milhor, que podesse, que elles lhe dauaõ entrada de guisa, q̃ podessem tomar a Villa, & quantos eram dentro nella: & que elle crendo que era tal cousa verdade se mouco da guisa, que dissemos, & recebeo aquelle grande cajam, & engano. E certamẽte tal falamento he conforme à rezam, que nenhum dos outros, porque se os da Villa em grande segredo tal cousa moueram em perda, & dano do Commendador, & dos que no logar eraõ, naõ ouueram morte, porque foram vingados dos que tal malda de contra elles cometeram? E nòs naõ achamos estoria, que diga, que algum por esto mal recebesse, ante foram todos acordados, & muito prestes quando Fernam Pereira chegou, & que parecia que já sabiam desto parte. Outros

Outros dizem em este passo, que as Villas, auendo vista delles, appellidaram, & por esto foram alli prestes. No seguinte dia, sendo Nuno Aluarez muy anojado por tal cousa, & perda, como auia recebido, enuiou dizer a Vasco Porcalho, que lhe enuiasse o corpo de seu Irmão, & foy lhe logo trazido, & ordenou de o hir soterrar ao Moesteiro de Saõ Frãcisco de Estremoz, que he dalli a outra legoa, tendo gram sentido, & entençam, que todo aquelle mao aquecimento, que a seu Irmaõ viera, fora por a cotta, & a espada de Dom Garcia Fernandez, que contra seu juramento tomara Nuno Aluarez, porem, nam embargando esto, segundo conuem aos grandes senhores, não mostrou tanto nojo de fora, quanto em seu coraçam tinha, assi por nam acabar aquello, que começàra, como por a morte de seu Irmaõ, & como homem de grande esforço confortou a si, & a sua gente, & mandou chamar por esses lugares dárrador mais companhas, das que consigo tinha, & enuiou a Eluas por hum engenho, & foy cercar Villa Viçosa, & jouue sobre ella per espaço de tempo, tirandolhe denoite, & de dia com aquelle engenho, & escaramuçando, & combatendo nam lhe pode fazer o nojo, que elle desejaua, porque na Villa era boa gente de Castellãos, & de Portugueses com grande auondança de mantimentos, que a defendiam. E elle por nam perecerem alguns bons, dos que com elle andauam, que elle muyto amaua: deshi por azo de hir a outras cousas, que pella Comarca recreciam, que compria tornar por seruiço do Mestre, leuantou o arrayal, & foyse a Estremoz. Nem ainda, segundo se affirma, sua condiçam nam era muyto teuda continuar cercos, nem jazer sobre elles, por o gram perigo, que se algũas vezes segue, dizendo, que no campo o auiam de achar, & que quem vencesse, & ouuesse a praça, ca ligeiramente cobraria os lugares cercados.

CAP. 173. *De como o Mestre partio de Torres Vedras, & foy a Leyria, & deshi a Coimbra.*

ORDENOV o Mestre de alçar seu cerco, & hirse caminho de Coimbra

imbra, onde era certo, q̃ por ſeu mãdado eſtauão jũtos todolos Biſpos, & Procuradores das Villas, e Cidades, que ſua voz entendião manter, ſegundo foram chamados pera ordenar com elles, como auiam de ſeguir ſua guerra, que tam neceſſariamente eram poſtos. E porque alguns artifícios de combate, que alli eſtauam, & mais dous engenhos, naõ ſe podiam leuar como compriam a Lisboa, mandou o Meſtre poer fogo, por ſe delles nam preſtarem os imigos. Onde ſabey, que neſta ſezam era o termo de Lisboa muyto danificado com gram mingoa de mantimentos por a vinda, & eſtada DelRey de Caſtella, & iſſo meſmo no termo de Torres Vedras, & doutros lugares derrador. E vendo muytos lauradores, & outras gentes, que morauam em elles, como ficauaõ aſſi tam mingoados em poder de Caſtellãos conſtrangidos por tal neceſſidade, nam ſabendo o que lhe auia de vir depois, & quando ſouberam, que o Meſtre ſe queria hir, vieramſe pera elle com molheres, & filhos; & muytas crianças pequenas. Aſſi que quantos morauam no arraualde de Torres Vedras, & no termo, & em alguns outros lugares, todos alli foram juntos, o Meſtre, quando vio tantas gẽtes da cõdição, & como brádauam huns, & outros, q̃ ſe amerceaſſe delles, & os leuaſſe em ſua companhia pera auerem algum mantimento, & nam ſerem poſtos em poder de ſeus imigos, foy poſto em cuidado, & mais lhe prouguera com outros tantos homens darmas, que o ajudaram, que leuar conſigo homens, & molheres, & paruos com pridouros de muyta miſeria, com tantos, & de tal guiſa, que lhe podiam eſtonces chamar Padre de muytas companhas, porque atà hum cego, que morava no arraualde, ouuindo, como o Meſtre ſe partia deſte geito com aquellas gentes, começou de brádar grandes brãdos, rogando por Deos, que o leuaſſe conſigo, & nam ficaſſe em poder de tam más gentes: Nuno Aluarez, quando eſto ouuio, mouido com dò, & piedade delle, mandou, que lho pozeſſem nas ancas da mula, em que hia, & deſta guiſa foy com os outros. Eſtonce partio o Meſtre com elles, aſſi como Mouſes quando trouxe os filhos de Iſrael pera o deſerto.

E eſta

E esta ordenança, & elles hião todos diante, & elle com suas gentes detraz, que seriam atá seiscentas lanças, das quaes hiaõ encaualgados cento & cincoenta, & as outras todas de pè com cottas, & laudeis vestidos, & os bacinetes ao pescoço nas fachas, & assi andauam suas trabalhosas jornadas, as quaes o Mestre mandaua, que nam fossem mayores, que quanto aquella pobre gente podesse andar passamente, que eram duas, & tres legoas. Quedou o cego em hum lugar, hù se contentou de ficar, & às vezes hia o Mestre apè com os seus, por lhe fazer boa companhia, como era seu costume, & assi passaram per antre Obidos, & o Cadaual, & naquella Villa de Obidos se lançou com os Castellãos Aluoro Fernandez Turrichão Comendador de Montemòr o Nouo. Deshi forão a Alcobaça, cujo Castello tinha voz do Mestre, com outros lugares da Ordem, de que entam era Abbade Dom Iohaõ Dornellas, que sempre bem seruio. E chegando a Leyria, onde pensou achar bom acolhimento em Garcia Rodriguez Alcayde do lugar, & elle vsou muyto doutra maneira, tendo rezam de fazer o contrario, ca o Mestre hauia a Villa por sua, segundo lhe Garcia Rodriguez por suas cartas dera a entender, fazendolhe o Mestre grandes merces, assi no cerco de Lisboa, como jazendo sobre Alanquer, assi como homem, de que esperaua bom seruiço, em tal tempo, & assi o dezia o Mestre de praça, & nas cartas das merces taes rezoens mandou poer, dizendo desta guisa. *Que nós vendo, & consirando o muyto estremado seruiço, que atéqui recebemos, & entendemos de receber ao diante de Garcia Rodriguez Taborda Alcayde do noſso Castello de Leyria, & querendolho nòs agalardoar, como a bom seruidor, fazemoslhe doaçam, pera todo sempre do noſso lugar de Porto de Mòs com seu termo, & rendas, & direitos.* E assi dezia na carta da merce, quando lhe deu as jugadas do pam de Leyria, & quando lhe fez doaçaõ da terra de Nespereira, & doutros lugares no termo de Viseu, & assi em outras partes, & cartas de merces, de que nam compre fazer mençam. Ora vede se tinha rezam o Mestre de cuidar que esta Villa estaua por sua, hũ homem, a que tantas merces, & outras muytas auia feito. E com todo nunca outra reposta

pode auer delle, quando por hi chegou, saluo, que elle fizera menagem daquelle logar á Rainha Dona Lianor, ca ella o entendia entregar,& naõ a outrem nenhũ E quando do Mestre muyto posfaraõ com elle, disse: que não faria delle graça nenhũa, atá que Deos pozesse fim a estes feitos, como sua merce fosse. Assi que se ao Mestre abalaraõ todos os dentes, como a Rainha disse em Castella, bem abalou este,& apodreceo, atè que cahio de todo, comõ fizeraõ os outros.

CAP. 174. *Como o Mestre chegou a Coimbra, & foy bem recebido de todolos da Cidade.*

PARTIO o Mestre de Leyria caminho de Coimbra, sem fazer mais detença. Em aquelle lugar se lançou Dom Affonso Irmão de Dom Pedro de Castro, com Garcia Rodriguez, mas sobre a tençã, que o Mestre leuaua, desacordaõ alguns Doutores, por cujo azo pera certidaõ se offerecem aqui desuairadas rezoens. Huns escreuem, que o Mestre hia a estas Cortes sobre o titulo de Rey, que era requerido, que tomasse, se o tomaria, ou nam. Outros contam, que sua tençam nam era; saluo gouernar, & defender o Reyno, até que o Infante Dom Iohaõ fosse solto, pera lho depois entregar, & que esta era a mais honrada façanha, que nenhum homem podia fazer, da qual elle seria muy louuado de todos aquelles, que esto soubessem. Delles deziaõ, que elle nam mandaua fazer tal ajuntamento, senam pera ordenar o proseguimẽto da guerra, como se aueriam pera ella as despezas. Outros affirmam, que todolos Concelhos eram alli juntos sómente pera fazerem Rey, & que elle tal vontade leuara, & que esto acabado, entaõ falariam no feito da guerra, & cousas, que a ella compriaõ. Em esta rezam, segundo nos parece, acupam mòr parte da verdade das outras, porque na procuração, que Lopo Martins Corregedor a aquelle tempo de Lisboa, & Iohão da Veiga, & Affonso Gonçaluez, & Sylueſtre Esteuẽs, & Aluoro Gyl,& outros muitos da Cidade, fizeram a Pedro Affonso Sardinha, & a Martim Lourenço seus Cidadãos, quando os enuiaram a estas Cortes, logo em ella estas palauras, & poder especialmente pozeram, dizendo; *Que por elles, & em seu nome podessem alçar, & receber*

por

por Rey, & Senhor deſtes Reynos, o muy nobre Senhor Dom Iohaõ Meſtre da Caualaria de Auis, & lhe fazer ſeu preito, & menagem, como a ſeu Rey, & ſenhor, & receber delle promeſſas, & lhe guardar, & mãter ſeus priuilegios, preitos, & coſtumes. E aſſi dezia o do Concelho de Euora, & todalas outras das Villas, & Cidades do Reyno, que eſtonce alli eraõ juntas, em que ſe claramente moſtra que eſpecialmente hia por eſto. E indo aſſi caminho de Coimbra, anteq̃ lá chegaſſe, ſahio a recebelo, cõ todolos ſeus, Gonçalo Gomez da Sylua, q̃ eſtaua em Montemòr o Velho, que já tinha voz por elle. E o Meſtre lhe fez grande honra, & gazalhado. Mas naõ o ſahio a receber Gonçalo Mendez de Vaſcogoncellos, q̃ eſtaua na Cidade, & tinha o Caſtello, dizẽdo, como diſſera Garcia Rodriguez, q̃ tinha voz da Rainha Dona Lianor, cujas erão todalas menagẽs deſpois da morte *Del* Rey *D.* Fernando, & q̃ a ella auia de obedecer, como quer q̃ algũs dezião, q̃ elle vontade tinha de tomar voz por Portugal, por quanto ElRey de Caſtella britára os trautos entrando no Reyno ante do tempo, q̃ lhe era deuido. Deſhi porq̃ dous ſeus filhos, como ouuiſtes, andauão com o Meſtre jâ tẽpo auia. Outros querẽ dizer, q̃ Gonçalo Mẽdez eſtaua aſſi nam tẽdo cõ Portugal, nẽ cõ Caſtella, atà q̃ viſſe o q̃ hia milhor, & com aquella parte ter, como fazião outros. Mas porẽ elle não guardou tãto, q̃ logo dahi a poucos dias ſe tornou pera o Meſtre, & foi ña eleição ſua, quando o alçarão por Rey. Os da Cidade fizeraõ preſtes pera hir receber o Meſtre, & a Clerezia em perciſſaõ, & os leigos cõ ſeus jogos, & trebilhos; E deshi os fidalgos, & Concelhos, q̃ hi eram todos jũtamẽte de beſtas, como milhor podião, & em ſe corregẽ do hũs, & outros, começarão muitos ápoz de ſahir fora da Cidade per o caminho, per hú vinhão o Meſtre com caualitos de canas, q̃ cada hũ fazia canoueaes com pendoens, correndo todos, & brádando. *Portugal, Portugal, por ElRey Dom Iohão, em boa hora venha o noſſo Rey.* E aſſi foram por muy grãde eſpaço acerca de hũa legoa. O Meſtre, & Nuno Aluarez, & muitos dos que hi vinhão, marauilhauãoſe deſto muito, auendo por couſa eſtranha, & aſſi como milagre, dizendo: que Deos os mouera a fazer aquello & falaua por aquelles moços, como por bocas de Prophetas, & aſſi vierão ante elle atè a Cidade, onde foi com grãde hõra recebido.

Quando o Meſtre chegou acerca della, vio eſtar aperciſſam, deceoſe elle, & todos os outros das beſtas, & humildoſamente fincou os giolhos em terra, & beijou a cruz, & veyoſe de pè com a perciſſam, & entrou pela Cidade com gram feſta, & prazer, q̃ com ella vinhão, & leuaráono aos Paços da Alcaçoua, hu auia de pouzar. Eſoy eſto no mes de Março, hũa ſeſtafeira tres dias andados delle, da era jà nomeada.

CAP. 175. *Das rezoẽs, que ſe falauaõ, ante que entraſſem ás Cortes, & nomes dalguns, que a ellas eſtiueraõ.*

IVNTOS alli eſtes fidalgos, & Prelados que Portugal defender entendiam, & Procuradores de certas Villas, & Cidades do Reyno, começàrão de falar hũs com os outros, aſſi caualeiros, como eſcudeiros, edoutra meãgẽte tãbẽ de praça, como a departe ſobre agouernãça da terra, & quẽ era bẽ de reynar. Os q̃ erão affeiçoados ao Infate D. Iohão, q̃ jazia prezo em Caſtella, bradauão de toda aquella parte, & ſem mais duuida, que em ello pozeſſem, dauãolhe logo o Reino por direita linha, & herança, dizendo, que elle ſòmente hauia de reynar, & outro nenhũ não, & que o Meſtre era bem de reger, & gouernar o Reyno ata q̃ elle foſſe liure, & ſolto, ou ſe em elle fizeſſe outra couſa. E ſe aconteceſe de morrer, reynaria o Infante D. Diniz ſeu Irmão, ou o Meſtre, ou quẽ viſſem, q̃ era mais rezão, & prouito do Reyno, mas q̃ em elle outro Rey não, viſto o tempo, & ponto, em q̃ erão poſtos, era couſa muy errada, & não pera conſentir. E eſta parte tinhão certos fidalgos, delles de praça, e outros caladamẽte, eeſpecialmẽte Martim Vazquez da Cunha, & ſeus Irmãos, & algũs aliados a elles. O maior cõto dos outros fidalgos, & pouo meudo, eram de todo contra eſta tençam, dando muitas rezoẽs anam ſer aſſi, dizendo que hu era prezo donde nunqua hauia de ſahir, mayormente, que viera fazer guerra ao Reyno, & outro ſy iſſo meſmo em tempo Del Rey Dom Anrique, & por tanto compria eleger tal, que regeſe o Reyno, & ſe pozeſſe por elle, ſem mais curar doutros herdeiros, q̃ hi ouueſſe dauer. E ſobre eſto falauão tanto a meude ſuas deſacordaueis rezoẽs, & às vezes por tão deſacordaueis palauras, q̃ jà notorio era a todos quaes fidalgos contradiziam o Meſtre hauer de ſer

de ser Rey,& quaes rezoauaõ por sua parte. De guisa que foram postos em dous bandos, de q̃ o Mestre já hauia noticia. E em esto chegou o dia, que hauiam de entrar ás Cortes, nas quaes eram presentes estes Prelados. s. Dom Lourenço Arcebispo de Braga, Dom Iohaõ Bispo de Lisboa, Dõ Lourenço Bispo de Lamego, Dom Iohaõ Bispo do Porto, Dom Iohaõ Bispo de Euora, Dom Frey Rodrigo Bispo da dita Cidade, Dom Frey Vasco Bispo da guarda, o Priol de Sancta Cruz, o Abbade de Sam Iohaõ de Alpendorada, & o Abbade de Bestellos, & Ruy Lourenço Adayaõ de Coimbra, grande letrado, & outras honradas pessoas Ecclesiasticas. Outrosy dos fidalgos estaua hi Vasco Martins da Cunha o Velho, Vasco Martins de Sousa, Ruy Homem, Nuno Aluarez Pereira, Gõçalo Vazquez Coutinho, Martim Vazquez da Cunha, & Lopo Vazquez, & Gonçalo Mendez de Vascogoncellos, Mem Rodriguez, & Ruy Mendez seus filhos, Diogo Lopez Pacheco, Iohaõ fernandez, & Lopo Fernandez seus filhos, Iohaõ Pereira, Aluoro Pereira, Gonçalo gomez da Sylua, Iohaõ gomez seu filho, Martim Affonso de Sousa, Vasco Martins de Mello, & Martim Affonso de Mello, seu filho, Esteuam Vazquez de Goes, Esteuam Vazquez de Resende, Affonso Vazquez Correa, & Aluoro da Cunha, e outros, q̃ naõ nomeamos. Isso mesmo estauaõ hi assi como Affonso Furtado Capitam mor da frota, Affõso Eannes Nogueira Gonçaleannes de Castello da Vide, que se viera já pera o Mestre, Fernão Rodriguez, que depois foi Mestre de Auis, Martim Gyl Commendador mor da Ordem de Christus, Pero Lourenço de Tauora, Ruy Lourenço seu Irmaõ, Aluoro Gyl Cabral, Loureço Mendez Carualho, Gomez Martins de Lemos, Nuno Viegas o moço, Ruy Vazquez Caualeiro, Egas Coelho, Gonçalo Gonçaluez Borges, Martim Affonso Valente, Esteuaõ Vazquez Felippe, Ruy Crauo, & outros muitos caualeiros, & escudeiros de boa conta, & muito outro pouo, Procuradores das Villas, & Cidades eram hi juntos, aquelles, que nomeamos por cõfessores ante desto em seu lugar.

CAP. 176. *Como o Doutor Iohaõ das Regras propoz em as Cortes mostrando q̃ hauia quatro herdeiros do Reyno.*

Elles todos em hum Paço postos em assessego em boa orde-

ordenança, era ahi hum notauel baram homem de perfeita authoridade, & comprido de boa sciencia, muy grande leterado em leys, chamado Doutor Iohaõ das Regras, cuja sotilidade, & clareza de bem falar antre os leterados eteudo em conta. Este propoz naquellas Cortes, tendo cuidado de mostrar por sciencia, rezam, & verdade o proueito de tam graõ negocio, como este aos pouos ficar depois encarrego escolher, qual determinaçam quizessem. Mas quem poderia reter segundo alguns escreuem a abõdança de seu bom falar, & cõmo se houue taõ sabedormente acerca de taõ alto feito, das quaes cousas alguns leigos leixando as migalhas, do que percalçar podiaõ, em escrito dizem que começou desta guisa.

☞ Senhores fidalgos, louuadas pessoas, que hora de presẽte estais bem sabeis como somos aqui juntos pera com a graça de Deos, & sua ajuda auermos de trabalhar, & acordar as cousas, que compridoiras saõ pera regimento, & gouernãça destes Reynos, especialmente em feito, & defençam da guerra, na qual somos postos, & temos taõ prestes, como todos bem sabeis; & mais pera falarmos se estes Reynos, depois da morte Del Rey Dom Fernãdo, que delles postimeiro possuidor, ficaram vagos, & desemparados sem Rey, & defensor lidimo, que os possa, & deua herdar de direito, pera sobre ello prouermos, como nos Deos ajudar, de guisa, que o Reyno seja manti do em direito, & em justiça, & nos guardados, & defẽsos denossos imigos, & contrarios. Mas, porque alguns dizem que nam ha herdeiro de direito, porem eu, por tirar tal debate dantre vos, & fadiga, em fauor das rezoens dos que deuem herdar, quero mostrar, que naõ somente ha hi hum herdeiro, mas que temos assaz delles, de que podemos tomar qual nos aprouguer. Mas ante q̃ desto façamos palaura, quero responder a hũa rezaõ, que se aqui moue da parte de alguns dizendo; pois semos taõ poucos, que nam podemos escolher, nem eleger Rey, pois que o Reyno he em si diuiso, & naõ somos todos em hũ acordo, mas que leixemos assocegar estes feitos, & despois q̃ a Deos prouguer de o Reyno ser todo de hum acordo, & posto em assecego, como dãte era, que entam deuem todos de eleger Rey, qual mais entenderem que he proueito da terra, & sua eleiçam será valiosa, pois he com acor-

acordo de todos, & naõ taõ poucos, como hora somos, & doutra guisa naõ he de fazer, nem valeria tal eleiçaõ. Mas os que esto dizem naõ saõ de culpar, porque naõ há fundamento em ensinança de direito. Ca se o Papa, que he mayor cousa, pode ser elegido por hũ só Cardeal, morrendo todos, & ficando elle sò; e ainda, se este morrer a Clerezia pode eleger Pastor da Igreja, & ser verdadeiro Papa, quanto mais nos outros em tal necessidade postos, ainda que poucos sejamos, & o Reyno emsy diuiso, podemos eleger quem rejà o Reyno, & nos em pare de nossos imigos, & sobre esto naõ cumpre despender tempo, nem detença de palauras. Mayormente que aqui sam juntos bem sincoenta Procuradores de Villas, & Cidades do Reyno. Mas leixando esto, venhamos a prepósito, & vejamos, pois estes Reynos sam desemparados, & haõ mister Rey, & defẽsor, que se por elles ponha, se temos herdeiro pera elles, que os possa, & deua herdar de direito, a charemos que muitos, de que podemos tomar hum. Edigouos Del Rey de Castella, o qual era primo com Irmaõ Del Rey Dom Fernando, em cujo parentesco naõ he de poer duuida, ca El Rey Dom Fernando era filho de Dona Costança molher que foi Del Rey Dom Pedro de Portugal; & este Rey de Castella he filho de Dona Ioanna, molher que foy del Rey Dom Anrique, & ambas Irmãs filhas de Dom Iohaõ Manoel; & assi eraõ primos com Irmãos filhos de duas Irmaans. E alem desto elle está casado com Dona Breatiz filha lidima do dito Rey Dom Fernando, que foy postimeiro possuidor delles, & assi herdeiro dos ditos Reynos, & isso mesmo El Rey seu marido por bem de tal casamento. E posto que hi naõ houuesse este, temos o Infante Dom Iohaõ, & D. Diniz filhos Del Rey Dom Pedro Irmaõs Del Rey Dom Fernando, os quaes saõ viuos, & sam chegados parentes, que se naõ podem dizer com rezaõ que os Reynos saõ vagos, & sem sucesor, q̃ os deua herdar. E assi temos herdeiros

CAP. 177. *Rezoens daquelle Doutor, porque a Raynha D. Breatiz naõ podia herdar estes Reynos.*

VISTOS temos assaz herdeiros, de q̃ podemos tomar hũ qual ante quizermos. Fiqua gram processo de arrezoar qual delles deue

deue ſer eſcolhido, que dignamẽ te reyne, ſegundo os direitos, que tem. E por vos eſcuzar deſte trabalho, eu quero moſtrar, por viuas rezoens, & direitos, que eſtes Reynos ſaõ vagos liuremente de todo, & nenhum dos que nomeey naõ deue, nem pode ſuceder, em elle, poſto que a alguns pareça o contrairo, por as rezoẽs, que por ſua parte diſſe. E para vòs iſto, ſenhores, claramente verdes compre primeiro dante vos tirardes toda a affeiçam, & bem querença, que a alguãs deſtas peſſoas tenhais, a qual neſtas Cortes nam deue de ter voz, nem deue pouzar com nenhum de vos outros; porque ſegundo ſabeis, dizem a affeiçaõ de todo homem deue ſer leixada, pois por ella o entendimento perde ſeu entender, & arrezoado juizo, deguiſa, que não julga o que direitamente entende, mas, ſegundo aquello, que ama, aſſi peruerte o Iuizo da rezaõ. Porem nòs, leixando tal liança de affeiçaõ, vejamos todos omais proueitoſe, ſegundo aneceſſidade, em que ſomos poſtos, requere, & aſſi, com a graça de Deos, & ſua ajuda, que deu bom começo a noſſos feitos, encaminhará dar boa fim a eſte negocio, de guiſa, que ſeja a ſeu louuor, & ſeruiço, em honra, & defenſam deſtes Reynos. Ora, ſenhores eu diſſe, que tinhamos aſſaz, de herdeiros pera eſcolher hũ, qual quizermos, & moui primeiro ElRey de Caſtella, dizendo, que era primo com Irmaõ DelRey Dom Fernando, poſtimeiro Rey, que foy deſtes Reynos, & per bem do diuedo, & deshi poer a parte da Rainha ſua molher, filha do dito Rey; que ella hauia no Reyno direita herança. Do diuedo naõ curo; pois que hi ha outros mais chegados parentes, que ſaõ Irmaõs. Mas de elle poder herdar por bem do caſamento deſua molher; deshi por bem dos tratos, que por azo de tal caſamento foram feitos antre eſtes Reynos, & os de Caſtella. Eſto digo, que nam pode ella ſer por nenhũa guiſa; & prouo deſte modo. A Rainha Dona Beatiz molher que era delRey de Caſtella, nam era cidimamente nada, ca ſua madre, ao tempo, q̃ caſou cõ ElRey Dom Fernando naõ podia caſar com elle, & per direito tal caſamento era nenhũ. Tão pouco pode ſer a filha legitima pera ſoceder, nẽ poderherdar. E que ella caſar nam podeſſe, bẽ o ſabem quantos aqui eſtaõ. Certo he que a Rainha Dona Lianor ante que cazaſſe com ElRey Dõ Fernando, naõ podia cazar com

elle

elle, & por direito tal cazamento era nenhum, ca ella fora casada com Ioham Lourenço da Cunha, do qual ouue huma filha, que morreo, & Aluoro da Cunha que aqui está. E posto que, depois que a ElRey tomou, lhe ella chamasse Aluoro de Sousa, dizendo, que era filho de Lopo Dias de Sousa, & de hũa molher de sua casa, que chamauaõ Eluira, & esto por sedar por Virgem a ElRey Dom Fernando, dizendo, q̃ seu marido nunqua com ella dormira, & se ElRey gabasse que a achara virgem. Certo era que elle era seu filho, que quando Iohaõ Lourenço foy doẽte em Lisboa, que o Mestre o foy ver, ante que morresse, elle lhe pedio, por merce, que a este moço desse seus beens, & lhos leixasse auer, & possuir, como seu filho, que era, o qual nunqua ouzàra nomear por filho em vida DelRey Dom Fernando, & assi os houue, & herda agora, como todos sabem. Ora sendo ambos assi cazados, hauia já huns tres annos, ElRey Dom Fernando lhe tomou a molher, recebendoa depois de praça, o que fazer não podia, sendo seu marido viuo, a que muyto pezou de tal feito. Ese alguem disser; q̃ he verdade que, pois a Rainha Dona Lianor era parenta de Iohaõ Lourenço, que nam podia ser seu marido, & assi podia casar com outro, & ser o casamẽto valioso. Respondo, que esta rezam naõ desfaz meu preposito, porq̃ foy muito pello contrairo, ca elles ouueram despensaçam de Roma pera seu matrimonio ser valioso segũdo bem sabe Diogo Lopez Pacheco, e outros muitos. q̃ aqui estão, e isso mesmo Vasco Martins de Sousa, que a vio, & teue na maõ, que lha mostrou o Conde Velho, falando com elle acerca destes feitos, & assi era sua lidima molher, & elle seu marido, & nam podia casar com outrem. Por outra rezam digo, ainda que nam podia ser sua molher por nenhũa guisa, sem hauer pera ello especial dispensaçãodo Papa, porquanto ella era sua cunhada bẽ chegada, sendo ElRey Dom Fernãdo, & Iohaõ Lourẽço seu marido de segundos com Irmãos, & vede de que guisa Iohão Lourenço da Cunha foy filho de Dona Maria de Butteiros, neto de Martim Affonso Chichorro Irmam DelRey Dom Diniz, filha de Dona Maria sua filha, & de Gonçaloeannes de Butteiros; E ElRey Dom Fernando era filho delRey Dõ Pedro, neto DelRey Dom Diniz, filho DelRey Dom Affonso o quarto seu filho. Assi

que

que o dito Rey Dom Fernando, & Iohaõ Lourenço seu marido eraõ terceiros com Irmãos, filhos de segundos com Irmãos, & assi se nomeauaõ por vezes. E sey que este diuedo saberá bem Vasco Martinz de Souza, que vem, & decende daquella linhagem. Ora vede como podia ser sua molher lidima, & os filhos taes, que podessem, & deuessem herdar, se casaua com molher casada, sabẽdo bem que era seu marido, & taõ chegado parentesco. Porem tal casamento naõ era valioso, quanto a Deos, nem quanto ao mũdo, ante foy vergonha, & escarnio de ouuir assi nestes Reynos, como nos de Castella. E ainda mais venha a outra rezaõ, posto que mingoa aqui naõ faça, & digo que toda molher, que he infamda, que faz maldade a seu marido, & desto ha pubrica voz, & fama, que os filhos, que della nacem, o direito presume, & os há por sospeitos, que podessem ser nam de marido, ca pois ella com dous dorme, mal será certo de qual delles emprenha. E por esta guisa fez hũa vez a Rainha D. Lianor a ElRey Dom Fernando que naõ tomou por seu filho hum cachopo, que pario huma molher casada, cõ que elle dormia, o qual elle já tomaua, sem poer duuida, cuidando pouco em tal cousa: & a Rainha, que neste feyto era mais sagaz perguntou à molher por o tempo que houuera da dormida de seu marido com ella atá que ElRey com ella se ajuntara, & achou que fora taõ pouco espaço, que naõ hauia poder dizer certo cujo era aquelle filho, & desta guisa lho fez engeitar. Ora ao nosso prepósito; que a Rainha Dona Lianor foste infamada que nam era leal a seu marido, & isso mesmo, & porque guisa, nam compre dello fazer mais sermam, porque muito milhor he calar taes cousas por serem feas, que vergonhosamente as pubricar. E assi torno á minha rezaõ; que se nos herdeiros houuessemos de escolher destes, que ja comecey, naõ tomariamos nos sua filha, desta, pois que o direito a tẽ por sospeita, ca nòs naõ deuemos tomar por herdeira pessoa duuidosa, q̃ reyne sobre nòs, mas muito certa, & sem sospeita. Pois como fare mos certo o que o direito ha por incerto? Nem como diremos que nacco lidima, na qual o direito poem tal sospeiçam? E se algum mais disser, que muitos filhos de tal molher herdam seus bens, & os dos maridos, sem lhes poendo tal contradiçaõ: confesso o

ſoo por algumas couſas. Conſenteos o direito nos ligeiros caſos, & pequeno, que nos grandes douida muito; & nam outorgo, pellos perigos, que ſe ſeguir podem; aſſi como he na herança de hum Reyno, ou ſemelhante couſa, que naõ fazem em hũs poucos de bens de pequena conta, que ficaõ de hum homem, ou de hũa molher. Aſſi que herdeiro duuidoſo no ponto, em que eſtamos, & ſomos poſtos, naõ pertẽce hauermos por ſenhor.

CAP. 178. *Outras rezoens deſſe meſmo Doutor, porque ElRey, nem ſua molher nam deuem ſer tomados por ſenhores.*

DEIXANDO taes impedimentos da parte da madre, & outros deſua peſſoa em que nos podiamos deter, aſsi como ſer ella ſobrinha de ſeu marido filha de ſeu primo com Irmãos, & ſem diſpenſaçam, que hi ouue, naõ ja de verdadeiro Papa, & outras taes rezoens, com que ſe por direito podia moſtrar ſeu cazamento ſer nenhũ; Venhamos a outra maior contradiçam. Certo he q̃ a herança, que elles neſtes Reynos houueraõ de hauer, hauia de ſer ha certos annos, & certas cõdiçoẽs, as quaes elle, & ſua molher juràraõ guardar com grandes penas, nos tratos conteudas, as quaes ElRey todas aprouou, ante que a por molher tomaſſe, quando a em Badalhouce recebeo, jurando ElRey por ſua fé Real, & os Sanctos Euangelhos, corporalmente tangidos, & pelo corpo de Deos conſagrado, que o Biſpo da Cidade, reueſtido em Pontifical, em hũa patena tinha, ſobre aqual ElRey poz ſuas maõs, jurando por elle, que guardaſſe, & compriſſe todalas couſas, & cada hũa dellas conteudas em elles; & que nunqua vieſſe contra elles, em parte, nem em todo por ſy, nem por outrem, em eſcõdido, nẽ per feito, nem per direito, nẽ per outra nenhũa maneira. E vindo contra todas, ou contra cada huma dellas rezoando, ou falando em parte, ou em todo, direitamente, ou pello contrario, em pubrico, ou em ſegredo, q̃ nam valeſſem nenhuma couſa, & ficaſſe logo fẽ perjuro, & mais q̃ pagaſſe por pena cẽ mil marcos de ouro. E cahindo em tal pena, q̃ a elle prazia, & daua logar a ElRey Dom Fernando, ou a aquelles, que pera eſto poder ouueſſem, & a todol os do Reyno de Portugal, que por ſua propria autho-

authoridade, sem outra ordem de juizo, podessem fazer penhora, & entrega nas Villas, & Cidades, & bens de seu Reyno fazendo guerra a elle, & a todos seus naturaes, ate que fosse entregue dos ditos cem mil marcos douro, por a qual guerra ElRey de Castella naõ podesse fazer prenda nas terras, & bens dos Portugueses, mas que quantas vezes viesse contra os ditos tratos em parte, ou em todo, que tantas vezes pagasse os ditos cẽ mil marcos de ouro; prometendo de nunqua allegar nenhuma exceiçam por ty, nem por outrem, nem por outra legitima rezaõ, nem foro, nem decretal, nem ley, nem costume, nem façanha, nem outro direito, sometendose à pena de excomunhaõ, & de interdito posto sobre elle, & seus Reynos, vindo contra os ditos capitulos, ou cada hum delles. E fazendoo q̃ perdese o direito, que hauia nos Reynos de Portugal, por qualquer guisa que fosse. E por esta guisa o jurou a Rainha Dona Breatiz por seu marido, & outorgamento, depois que foy empoder delle, & assi o juràram ao corpo de Deos consagrado, tangido por suas mãos, os senhores, & vassallos de seu Reyno, fazendo preito, & menagem nas mãos de Gõçalo Mendez de Vascogõcellos, que aqui està, que não guardando elle Rey de Castella seu senhor os tratos na forma, em que eraõ postos, ou fosse contra hũa só cousa em elles conteudas, se desnaturassem, & tiuessem com os Portugueses, & lhe fizessem guerra: & nam o fazendo assi, q̃ cahissem naquelle caso, que cahem aquelles, que trahem os Castellãos, ou mataõ seus senhores. Pois se nòs ouuessemos de demãdar tãtos cem mil marcos de ouro, quantos elle encorreo de penas, & elle jurou em estes tratos, & os começou de quebrar, nam auondaria o Reyno de Castella, ainda que o todo mercassem em pregam, pera pagar tam grande soma. Por outra cousa muy forçada digo ainda, que rezam, nem direito não querem consentir, que, posto que ElRey britàra os contratos, nam viera contra o juramento, que fez, porq̃ algũ direito se no Reyno tinha, que elle nam deue ser nosso Rey, nem sua molher tomada por Rainha, aqual rezam he esta. Certo he que mais deuemos obedecer a Deos, que aos homens, nem ley nenhuma naõ he direita ley, senão he conforme com a Ley de Deos, & mandados da Igreja, & pois que o Pa

pa

pa à fóra peccados, assi como a Deos, a quem despreza o que elle manda, despreza a IESV Christo, cujas vezes tem. Ergo de seu mandado per nenhũa guisa deuemos desuiar, quanto á Deos, nẽ quanto ao mundo, pois que cõprido poder tem sobre a terra, em tanto, que não sómente sobre Christãos, mas ainda sobre todos infieis tem poderio, & jurdição, porque todos sam suas ouelhas, as más, & as boas. Nem deuemos de não dar rezão, porque o Papa, que he Vigairo de Christo, isso possa fazer: ou não. Pois se os Iudeus, & os infieis o Papa os pode castigar, & punir, dos Christãos não pode ter duuida, o qual Papa he Pastor, & deue ser hum, & mais não, sob cuja obediencia nenhum nam pode auer saluação, posto que seja martyr por amor de IESV Christo nosso Senhor, se em scisma perseuera, & he fundado. Ergo justamente o Papa pode mandar punir quaesquer scismaticos, nõ obedientes á Igreja. Pois se o Papa Vrbano nosso Pastor, e Deos sobre a terra nos manda, & amoesta, que persiguamos todolos scismaticos, & infieis, assi comõ hereges, & membros talhados da Igreja, & auendoos per escomũgados da mayor escomunham. outorgandonos per esto aquelles priuilegios, & perdoãças, que outorgaõ aos que vaõ contra os Imigos da fè, em ajudá da Casa Sancta; como tomariamos nôs por nosso Rey, & senhor quem for, & he tam claramente contraelle, & cabeça de tanta maldade, & scisma? Certamente naõ he de dizer que notorio he que ElRey Dom Fernando, logo no começo da scisma, teue com nosso senhor o Papa Vrbano, & depois por aficados rogos DelRey de Castella, por o Antipapa, atè a vinda dos Ingreses, que fizeram tomar a primeira verdade. Pois se ElRey de Castella, & aquelles que sua entençam tem, por suas maldades, & indigno prepósito, por nosso senhor o Papa, assi como scismaticos, & herejes, por sẽtença saõ condenados; como tomariamos nòs taes pessoas por nossos Reys, & senhores? E por isso dizem os direitos, que em pecado, & maldade de pagua viue qualquer, que affirma que he Christaõ, & á Sé Apostolica despreza obedecer, & naõ sẽ rezaõ, porque o senhor Iesu Christo ordenou, & ajũtou a sy hũa Catholica, sò Igreja, a qual non recebe em sy despartimento, nẽ diuisaõ mas deue ser hũa vnidade sempre, & perpetualmente. E estes

scisma-

scismaticos, & hereges querem talhar a Igreja de Deos, & vestidura do Senhor nam cozida, pecando na fé contra aquelle artigo. *Creo no Espiritu Sancto, & hũa Sancta Catholica Igreja.* Pois auemos nòs de tomar scismatico; & infiel herege por nosso Rey, o qual os direitos, & nosso Senhor o Papa defendem, q̃ nam façamos, nem queira Deos, que tal erro passe por nòs, mas defendamos nossa terra, que justamẽte podemos fazer. E nenhũ nam praza por erronia, & indiscreta condiçam o contrairo desto auer effeito.

CAP. 179. *Como o Doutor mostrou claramẽte, que nunca foy certo, que Dona Ines fosse molher DelRey Dom Pedro.*

HORA pois, que temos ElRey, & a Rainha naõ pertencentes pera reynar, vejamos se achamos outros alguns chegados parẽtes, que reynem em logar delles, & temolos logo muyto prestes, q̃ sam os Infantes *Dom* Iohão, & *Dom* Dinis filhos DelRey Dom Pedro, dos quaes muyto parece sobejo rezoar, falar homem se deuem herdar, ou nam, porque, assi como o que se quer saluar nenhũa coula duuida na fè, que crè, assi estes, sem maisduuida, sempre sam prestes a ouuir, que sam lidimos herdeiros sem contradiçaõ, que em ello ponham. E porque se alguns acostãõ a esta parte, & nós nam cairmos assim de ligeiro, pezemos ante bem esta cousa, sem affeiçaõ, que se de nòs aenhorehe, & ponhamola em pezo rezoado, segundo rezam, & o direito quer, & assi podemos ver se a verdade contradiz ao desejo de taes, porem nossas rezoẽs claramente haõ de ser encaminhadas, por saber a certidam desto sem outros argumentos, nẽ máis desposiçaõ, a antiga verdade protesta por saber duas cousas daqueste negocio; A hũa si foi certo, q̃ Dona Ines molher DelRey Dom Pedro, era recebida cõ elle. A outra, posto que a recebesse se podia ser sua molher de direito, & os filhos taes, que podessem herdar. E de muytos cuidarem ser sua molher recebida, esto nam he de marauilhar, que vistos os juramentos, que ElRey, & outros sobre esto fizeram, deshi as rezoens, q̃ o Conde de Barcellos em estaCidade propoz naquelle tempo, & mais hũa letra de despensaçam, que logo prouicou perante todos. Bẽ he de cuidar

dar ser sua molher era sẽ outra duuida, q̃ se nello deua depoer. E porque estas cousas a todos sam notorias, & há aqui muitos, q̃ de presente foraõ, naõ curo de perlongar mais como isso passou. Mas respondendo à primeira rezão, q̃ cumpre de saber se foy ella sua molher, eu não digo que foy certo em vida DelRey Dom Affonso, nem depois que a elle recebese por molher, posto que fizessem aquellas avondanças, q̃ aqui fizeram. E denão ser sabido em vida DelRey seu Padre, mostrase claro por esta guisa. Certo he q̃ viuendo ElRey Dom Affonso Padre deste Rey Dom Pedro, sendo o Infante casado com DonaCostança, foy trazida àCorte DelRey Dona Ines de Castro sobrinha de Dona Tareja de Alboquerque pera andar por dama da Rainha, & andando assi em casa DelRey, sendo ella de bom parecer, namorouse della oInfante Dom Pedro, & por nouos geitos que com ella começou de ter, oentendeoElRey seu Padre, & alem de elle ser mui cioso, como já ouuirieis contar, desprouguelhe de taes amores, assi por DonaCostança, a que queria grã de bem, como por Dom Iohão Manoel, com quem hauia grande liança, e ordenou logo de a mandar pera sua terra. E estãdo assi com ella, aconteceo de morrer Dona Costança, & naõ esquecendo ao Infante a bem querença a traz passada, mandou seus recados á tia, & á sobrinha, de guisa que a houue, da qual guisa muito desprouue a ElRey seu Padre, maiormente, porque alguns diziaõ que era sua molher; trazendoa assi o Infante consigo, hauendo seus filhos. Por tirar ElRey duuida se era sua molher, ou nam, estando em esta Cidade, & pouzando o Infante naquelles Paços de Sancta Clara, mandou lá ElRey a Diogo Lopez Pacheco, que aquĩ esta, & Mestre Iohanne, que era do seu Conselho, pellos quaes lhe mãdou dizer, q̃ pois lhe naõ prazia casar com filha de Rey, & tanto amaua Dona Ines, que cazasse com ella, & a recebese por molher, & q̃ a elle prazeria desto, & honralahia como sua molher. E o Infante respondeo que não era seu talante ao fazer, por aficamento, que sobre ello lhe fizessem, nem cuidaua de a receber em dias de sua vida. E falando ElRey com seus Prelados acerca de tal reposta, disseram alguns que entendiam que o Infante o naõ deixaua de fazer, saluo

por tal casamento ser muito desconueniente pera elle. Porque Dona Ines, quando à primeira veyo pera a Corte, naõ se chamaua Dona Ines, mas Ines Pirez de Castro filha bastarda de Dom Pedro de Castro. E ainda vos digo q̃ nunqua ouui dizer quẽ fora sua madre, nem achei em escrito. E depois que o Infante a tomou,& trouxe consigo, entaõ lhe chamaraõ Dona Ines, & desta guisa nũqua foy sabido, em vida DelRey Dom Affonso, que a ElRey recebesse por molher, nem o Infante tal cousa dissesse. E se alguẽ quizer dizer contra esto, que rezoo, dé juramento a Diogo Lopez Pacheco, que aqui esta, se he verdade aqueste, que digo, & eu cuido que dirá de aqueſta guisa se passou, nem chamaram a seus filhos Infantes, senam depois que ElRey Dõ Pedro reynou. E quãdo ElRey D. Affonso dana algũa cousa a cada hũ delles, dezia na carta, q̃ fazia, *Querendo fazer graça, & merce a Dõ Iohaõ meu vassallo, filho do Infante Dom Pedro meu filho*, & doutra guisa nam. Nem ElRey Dõ Affonso, se soubera que era sua molher recebida, posto que naõ fosse azada pera o ser, nunqua a mandara matar, por cousa, que auiera, mas tẽdoa em conta de mãceba, a mandou matar da guisa, que sabeis. Mas naõ embargando que eu haja dito que em vida DelRey D. Affonso nunqua foy tirada tal duuida como esta, bem pode dizer a parte contraira, q̃ o foy logo depois muito certo, quando ElRey Dõ Pedro em esta Cidade, fez notificar a todos, como a recebera, & de o muitos estonce crerem naõ he marauilha, nem saõ de culpar porque as sentenças, que se escõdem de sob semelhança de verdade, ligeiramente vencem o coraçam pouco auizado, mas o sezudo, que á discriçam nam recebe de ligeiro táes cousas, nam se vay depoz a opiniam de muitos mas examina bem o que ouue, & se he rezam de ser, ou nam, por nam cahir em engano, & nos em tal negocio, & engano, como somos postos desta maneira, hauemos de ter que aquella pubricaçam, q̃ estonce foy feita por mostrar que era sua molher, foy muito maior ajuda pera certificar que nunqua fora assi, que pera cessar hum homem do que ante duuidaua. Assi q̃ onde cuidauam que o faziam muito claro pera todos haueiem de crer, alli foram leixar pegadas duuidas assi duuidosas, que nam ha homem. ligeiro que seja, que nellas muito não interprete. *E* vede de

que

que guisa ElRey, disse em Cantanhede por seu juramento que poderia hauer hũs sete annos pouco mais, ou menos, não se lembrando do mes, nem do dia, que elle recebera por sua molher esta Dona Ines, & que por quanto deste recebimento muitos não tinhão boa sospeita de por temor, & receo de seu Padre, em vida delle não ouzara de o dizer, entam, & por descarregar sua conciencia o notificaua a todos. Deshi veyo aqui o Conde de Barcellos, & Mestrè Affonso das Leys, com outros muytos, que ElRey mandou, & perguntàrão a Esteuão Lobato, & ao Bispo da Guarda, que ja consigo trazia, hauidos por testimunhas desto feito: E vistos seus ditos, & huma dispensação, que logo pubricàraõ, quantos simpleces alli foraõ juntos, todos ligeiramente crerão, que era assi como elles deziaõ, & foi então sabudo pelo Reyno todo, que dissera ElRey que fora sua molher. E desto tomàram logo estromẽtos pubricos por parte, & em fauor dos filhos. Ora vede, vos valha Deos, q̃ historia esta pera nenhum sezudo hauer de crer. Certo he, que quanto a cousa he mais pezada, & teuda em mór cõta, & segredo, tanto mais lembra a aquelles, q̃ a fazem, & a aquelles, que prezentes saõ. Pois como pode ser que tamanha cousa, como he o casamento, & q̃ ElRey fazia, em tamanho segredo, & cõ tal receo, & medo de seu Padre, segundo deziaõ, que ouuesse de esquecer em tam pouco tempo, não lhe lembrando o dia, & mes, em que o fizeram, & não somente a elle, mas a quem em tamanha puridade fora chamado pera os receber. Certamente a rezam a isso naõ consente, & nam haqui tal de vosoutros, a que hora perguntassem o dia, em que casou postoque nam fosse festa, mas hum dia simplez, por muitos annos que houuesse, lhe nam lembrasse o dia, & o mes, em que foy & ainda as horas, se acontecer, posto que lhe os annos de todo esqueção. E onde Esteuaõ Lobato cuidou que certificaua muito, por dizer, que fora em dia de Ianeiro, alli fez seu dito mui mais duuidoso, & cheo de sospeita, pera nam ser crido. Que pois elle dezia que fora em dia de Ianeiro que he tamanha festa, como vsaõ todos. Vede se hera este bẽ assinado pera lembrar a ElRey tal cousa, postoque houuera cem annos q̃ fora. Mas parece q̃ naquelle tẽpo perdiaõ oshomẽs muito cedo o sentido, & memoria. A outra

rezão, que ante disserão, porque o ElRey leixaua de fazer, esta he jà muito mais fraca, & muito pior de crer, cà se elle em sua vida lhe fora sempre muito obediente filho, & nunqua o anojàra em nenhũa cousa, ainda mostraua rezão pera crer, q̃ esto fora como elle dezia. Mas, hum homem, q̃ tanto nojo fez a seu Padre, tomando tal molher contra seu talente, & àlem desto tamanho desuairo como elle houue por sua tomada, & dopois da morte della, por espaço de tempo, q̃ receo haueria de dizer q̃ era sua molher? Nam houue receo de ajuntar a sy quantos malfeitores, & degradados hauia pello Reyno, & fazer guerra com elles a ElRey seu Padre, cercandolhe as Villas, & Castellos, & roubando, & poẽdo fogo pela terra, como se fosse de imigos. E diz, que hauia medo, & receo de dizer que fora Dona Ines sua molher, ante fora milhor de o pubricar então, & disserão as gentes que ElRey fizera muy mal de lhe matar sua molher, & tiuerão de milhor mente com elle. Vede se era bom jogo de filho antre pay, que tanta guerra lhe fazia, elle andando pello Reyno em tal destruição, que assi mandaua ElRey velar as villas, & castellos por azo delle, como se dẽtro no Reyno andassem seus imigos. E não cuideis que esto sòmente fazia nas villas, & logares piquenos, mas a Alcaçoua, & castello de Lisboa se velou, & guardou bem tres meses, & assi lhe pagou soldo aos vassallos ElRey aos que em elle estauão, como se fosse na mayor guerra de imigos. E fazendo isto, & outras taes cousas diz, que auia medo de dizer, que Dona Ines fora sua molher. Quẽ hora perguntasse a Diogo Lopez, que aaqui está, que milagres elle andou fazendo pello Reyno, & quanta destruição nos bẽs de Ayres Gomes da Sylua, & de Diogo Gomez de Abreu, & de outros muytos, q̃ ElRey depois pagou, bem podia dizer que recebera Dona Ines. Ora ponhamos que fosse assi que em vida DelRey seu Padre não ouzou de dizer q̃ era sua molher, quem lhe tolhia a elle, depois que elle morreo, q̃ o não pubricasse logo como ElRey morreo, & elle reynou, pois lhe tanto prazia de o saberem todos? Cà poderão fazer hum honrado sahimẽto em Alcobaça, & chamados os fidalgos, & Prelados do Reyno alli pubricasse como a recebera, & todo o que se passara em tal feito, & cuidarão que era assi. Mas acabo de quatro annos, despois que ElRey foy morto, & ne-

nenhum já disso curaua, entam ordenou de dizer, que a recebera por molher, segũdo aqui mãdou pubricar. E porque pensais que esto assi então foy feito? Por que em vida DelRey seu Padre, nem depois ata aquelle tempo, nunqua elle pode hauer dispensação do Papa, que lhe legitimase os filhos, então fez aquella pubricação, como vistes por mostrar que erão lidimos,& valese o que podesse valer.

CAP. 180. *Como os do Porto tomarão o Castello de Gaya, & derribarão.*

DEIXADAS algumas cousas, que neste casaõ no Porto acontecerão, hũa sò diremos em breue por virmos a nosso proposito, a qual foy que Ayres Gonçaluez de Figueiredo tinha o Castello de Gaya da mão do Conde D. Gonçalo,& sua molher de Ayres Gõçaluez estaua em elle cõ algũs escudeiros,& homẽs de pè por guarda, os quaes polas aldeas derrador fazião tão má vizinhança de roubar,& tomar por força as cousas, que vontade hauião, q̃ todos erão delles muito aggrauados,& os do Porto tinhaõ desto gram sentido, & desejo de o vingar, como o bẽ fazer podesem. Aueo assi hũ dia que a molher de Ayres Gonçaluez mãdou pedir certas cousas a hũa aldea, que lhe mandassem pera si,& pera aquelles, que consigo tinha, os moradores do lugar contradisserão de o fazer, dizendo, que ainda que aquelle castello tiuesse voz por Castella, que não hauiam delle pior vizinhança recebido, do q̃ atè alli tinhaõ recebido,& naõ lhe quizeraõ consentir de leuar aquello, q̃ elles queriaõ. A molher de Ayres Gonçaluez, quando lhe com este recado chegaraõ, com pouco siso,& graõ queixume, foy se a aquella Aldea, & leuou quãtos tinha consigo por tomar vingança delles,& trazer todo o que lhe viesse à vontade. Os da Cidade, como esto souberaõ, juntaraõ se logo,& forão là,& tomarão o Castello,& roubaraõno de quãto nelle tinhã, derribãdo o muro,& torres deitauãono todo, ou leuauaõ. Ayres Gonçaluez, como esto soube em Torres Vedras, onde estaua, houue dello muy grão desperto,& disse ao Cõde *D.* Gonçalo, cõ q̃ elle acõpanhaua, porq̃ fora seu ayo, & gouernador de sua casa, em sendo moço. *Paray mẽtes, senhor, & vede q̃ senhor seruimos, & de que esperamos merce andar homem em seu seruiço, & leuar más noites, & maos dias*

pelo seu, & poer o corpo em tantos perigos de morte, & elle mandarnos honrar desta guisa, q̃ vòs vedes, & certo he que os do Porto nam se entremeterão de fazer tal cousa, se o nam sentiram delle, ca elles tem sua voz, & nós isso mesmo. Pois porque se moueram elles a me deshonrar de tal geito, senão parece, que elle tem de nós màsospeita, & mandanos fazer esta honra. O Conde naõ mostraua em ello tamanho queixume, como Ayres Gonçaluez, & por seu aficamento foy ao Mestre, & disselhe aquellas rezoẽs, & outras, cuja concrusaõ era, que elle não tinha delles boa sospeita, & por tanto lhe mandàra fazer aquello. O Mestre se desculpaua quanto podia, dizendo, que de tal cousa nam sabia parte, nẽ fora feito por seu mãdado, nem consentimento, que aquelles homens tinham sua voz, & o seruiram, & seruiam bem em todalas cousas, que podiam, & que naõ sabia, porque se demouessem ao fazer; porem, que sospeitaua, q̃ o fizeraõ por seu seruiço, assi como fizeram os de Lisboa, quãdo derribàram o Castello: & que pois já era feito, nam podia desfazer, mas que elle lhe tornaria seu Castello, & outro como aquelle, & lhe faria por seu bom seruiço muytas merees, como era rezão Mas cõ quãtas boas rezoens lhes dizer podia, nunca os pode apacificar, & assi se partiram dante elle queixosos: Por hora tornemos a ver a caua, que ficou começada, em que ponto está, em quanto se estas cousas passaraõ.

CAP. 181. *Como o Mestre combateo a Villa com as cauas, que feitas tinha, & a nam pode tomar.*

FIZERAM a caua, que dissemos per espaço de tantos dias até que chegaram alẽ do muro antre a Villa, & o Castello, & por saberem o sesmo em que lugar eram, trazião trados muyto grossos, quaes compriaõ pera tal obra & cõ hum delles furauam a terra pera cima, por verem oceno, onde já chegauão, & com outro enchiam aquelle buraco de barro, por se não enxergar, & assi entraram com a caua tam acerca da Igreja, que jà viaõ o campanairo. O Mestre com gram prazer cuidando em outro dia tomar o lugar, foy fazer prestes aquelles, que entendeo, que pera tal obra compriaõ, assi como Iohaõ Gonçaluez da Sylua, & outros pera sairem no adro da Igre

ja

ja, & entrarem dentro com os imigos, Iohaõ Duque, que era auiſado por hũ a caua hia, & onde auia de ſair por aquelles maos conſelheiros do Meſtre, e percebido de todo quanto ſe fazia, a manheceo muito cedo hũa tenda armada ſobre aquelle lugar, por onde os Portugueſes cuidauam dauer entrada. E começaram de a talhar de guiſa, que ſe viram huns aos outros, & cadahum por comprir ſuas vontades eram poſtos em grande afam, de geito, que ſe feriam muy mal os de cima com portas, & tauoado embargandolhe a ſaida, aos de dentro, & ao fogo, & elles lançaramlhe muyta agoa pelo apagar: mandou entaõ o Meſtre armar o tiro de dentro na caua, & poſto que deſſem em aquella madeira, & della quebraſſem, & fizeſſem nojo, não era tanto, que aproueitaſſe, a fim do que começado tinha, & depois de muito trabalho dambalas partes, ſendo feridos de hũs, & dos outros começaram dapreſiar mais ſobre ello. O Meſtre vendo, que quanto trabalho atèlli tomara, todo fora poſto em vão, pezoulhe, & mãdoulhe porhũa caua ſobre o muro da Villa, & trabalhandoſe em ello por dias, puzeram hum lanco delle, a ſuas torres em encontros. E hum dia ordenou ſeus combates pera poer fogo à caua, & quandolhe foi poſto, veyo o muro, & torres á terra, & os de dentro, que já percebidos eram, & faziam o que ſe auia de fazer. Tinham poſtas cubas, & toncas baſtidas feito naquelle lugar, de guiſa, que por onde o Meſtre cuidou de ficar bem largo portal pera entrarem ha ſua vontade, elle, porque o lugar era amontado, ficou muyto mais forte, do que ante era, & tãto que nenhũ podia combater, nem fazer couſa, que lhe dano fizeſſe, quando o Meſtre vio iſto, mandou arradar ſuas gentes fora, nam tendo ſoſpeita, que nenhum andaua em ſua companhia de tal engano, & deſeruiço podeſe vir, mas penſaua, que era boom auizamento dos do lugar que em taes feitos traziam eſperto ſẽtido. Em iſto começaraõ os da Villa dauer mingoa dagoa de duas ciſternas, que tinham dentro, & iſſo meſmo de carne: & o Meſtre ſabendo deſto parte, mandoulhe Iohãõ Duque hum dia hum vergonhoſo preſente. ſ. Hũa natura daſno coſida com duas laranjas, & com ella huma troua, cuja concruſaõ era. *Que das carnes nam auia tal bocado, como aquelle, que lhe enuiaua, mas*

porem, que lhe pedia por merce, q̃ lhe mandaſſe algũa carne freſca, q̃ alguns dias auia, que era deſejoſo della, ca elle não era em culpa de lhe defender o lugar, pois lhe ſeu ſenhor tal carrego leixara. O Meſtre começou de rir, & mandoulhe das carnes quanto podeſſe auondar. E na parte do deſculpamento, lhe reſpondeo. *Que lho não auia por mal, mas por bẽ, porque aquello era theudo de fazer todo o bom fidalgo, & que elle trabalhaſe bem por ſe defender, ea elle muito auia de fazer, por lhe tomar o lugar.* Iohao Duque ouue ſeu conſelho vendo como ſe gaſtauam as viandas, que vieſſe falar ao Meſtre, & em lhe falando moueram ſuas preitezias, nas quaes nam ſe concordando partioſe sẽ nenhũa auença. O Meſtre tinha grande ſentido, porque em tam breues dias òs da ſua parte acontecéram contrarios aquécimentos, aſſi como o desbarato, & priſaõ do Meſtre de Chriſtus, & a morte de Fernaõ Pereira, & o cerco de Nuno Aluarez, que ſe não dera bem, & iſſo meſmo de duas galés de Caſtella armadas, q̃ chegaraõ a Lisboa alta noite, naõ ſabendo nenhum delles parte, & tomaraõ hũa nao do Porto carregada dauer do peſo, & mais tres galès, que jaziam deſarmadas na goa; & foraõnas queimar na metade do Rio, & a nao iſſo meſmo, porque lhe nam deram os da Cidade vagar, que a leuaſſem, & naõ embargando, que de taes couſas conuidamente em ſua võtade tiueſſe aſſaz de nojo, a grandeza de ſeu coraçaõ cobria todo nam dando a entender nenhũa couſa, mas a todo moſtraua ſembrante, & bom gaſalhado, dizendo quando em eſto falaua. *Que coſtume era de guerras darem nojos, & prazeres, aos q̃ nellas muito vzauam.* E outras taes rezoens porque aos ſeus daua a entẽder, que nenhũa couſa daqueilas lhe fazia toruaçam, & que pera grandes trabalhos era ſeu coraçaõ preſtes.

CAP. 182. *Que peſſoas erám aquellas, que ao Meſtre nam eram fieis vaſſallos.*

Nòs he por força pera ſaber certas couſas eſtoriarmos hũ pouco compriido, pois temos coſtume rezoar as opinioens, & parte dos ditos dalguns, que ja ſobre eſto primeiro, que nòs falaram por nam carecer de proluxidade que a alguns gera faſtio, mas por que nam ſendo taes rezoẽs acha

das

das em este volume lhe seja cõtado por imperfeiçam. E porem, o que muytas historias quizer ler mayormente autenticas,& aprouadas, acharà, que os authores dellas louuaram grandes senhores, & seus boons costumes, & doutros escreuem suas feas condiçoens, & desauenturados feitos. E este modo teue Sancto Agostinho no liuro da Cidade de Deos, cuja obra, & authoridade nam he de prasmar nesta parte, seguindo hordenança. Forçado he, que deixemos algũas pessoas, falando dellas em certos logares, mayormente, pois já seus excessos por outros ante que nós sam sameados em mais historias, cuja nodoa parem, segundo direito escrito, & auãgelica doutrina naõ poz magoa em seu linhagẽ, quãdo os descendẽtes dellas não foram seguidores de suas peruersas pègadas, assi que pois nòs dissemos, que tendo o Mestre cercado o Castello, que tanto desejaua de tomar, que nam fieis vassallos, q̃ consigo trazia, per geitos, & escritos desuairados percebiam assi os de dentro, que todo seu trabalho faziam em vam, rezam he, que espereis, que digamos, q̃ pessoas eram estas, & de que estado: & como soube o Mestre dello parte, & quando, & porque guisa, ante que contemos, q̃ os moueo a esto, & pubriquemos aquello, que outros primeiro pubricaram, & prègaram. Vejamos logo que homens eram, & busquemos todolos liuros, que destes feitos fazem mençam. As historias assinam quatro, i. O Conde Dom Pedro, & Dom Pedro de Castro, & Iohão Affonso de Beça, & Garcia Gonçaluez de Baldès. Do Conde Dom Pedro já tẽdes ouuido, onde falamos dos feitos da Rainha, quando foy a Coimbra; como este Conde de Trastamara primo com Irmão DelRey, se quisera lançar na Cidade com ella, & como fogio & se foy ao Porto, & deshi nas galés de Portugal a Galliza, & tiueram nelle naõ boa sospeita no combate de Bentaços, & como foi ferido no termo do Porto por seu Irmão, & depois se veyo pera o Mestre, jazendo sobre Alanquer desta vez, como dissemos, era com elle em este cerco. Dom Pedro de Castro, já sabeis, que era filho do Conde Darrayolos Dom Aluoro Pirez de Castro, o qual foy culpado no cerco de Lisboa, que polla porta de Sancto Agostinho, que era sua guarda, quisera dar entrada aos Castellãos, & como foy preso, & depois perdoado: era aqui em com-

panha

panha do Meſtre Iohão Affonſo de Beca, que era hum dos fidalgos Caſtellãos, q̃ depois da morte DelRey Dom Pedro deCaſtella em tempo DelRey Dom Fernando ſe lançou emPortugal cõ outros, & quando Dom Guido Cardeal de Bolonha tratou pazes antre os Reys, ambos eram das peſſoas, que ElRey DomAnrique nomeou, que foſſem fora de Portugal dos vinte & cinco, q̃ entam deu foy eſte. E quando os Ingreſes vieram depois, q̃ o Conde Cambrique chegou a Lisboa tornaramſe alguns, dos que andauam em Ingraterra com elle, ante os quaes ſe tornou eſte Iohão da Beca, & ficou no Reyno, & andaua com o Meſtre. Garcia Gonçaluez de Baldes, era hũ eſcudeiro eſturião de grãde,& mui boom corpo, o qual ſe lançou com o Meſtre, & quando ElRey de Caſtella tinha cercadoLisboa offerecendolhe ſeu ſeruiço,& ficando por ſeu vaſſallo. E poſto que o lançamẽto de taes peſſoas em tempo de eſquiua guerra de hũa parte, & outra aos prudentes ſenhores muyto ſeja darrecear, però, porque todos ligeiramente crem, que qualquer couſa,q̃ lhes he apraziuel,mayormẽte ſeruiço de boons fidalgos em tempo de neceſſidade. Nam teue o Meſtre deſta ſoſpeita,nẽ relembrança dasnodoas dosoutros.Hora os que os moueram a eſto,ſegundo contam as hiſtorias, foy, que ElRey de Caſtella enuiou cartas por hum Iudeu em grande ſegredo ao Conde Dom Affonſo ſeu primo, em que lhe fez a ſaber, *O gram deudo, que com elle auia, e como elle o mayor imigo, que teue no mundo era o Meſtre Dauiz cõ que elle andaua,contra o qual deuia ſer ſeu ajudador, por antre elles auer tom grande parenteſco, & ſe elle neſto quizeſe obrar, todo o que bem podia fazer, que era falar com alguns taes, que amauaõ ſeu ſeruiço,& matarẽ o Meſtre a ſeu ſaluo, que era bem ligeiro dacabar, que neſto lhe faziã tam grande ſeruiço, & prazer, q̃ mayor ſer nám podia. Pelo que lhe perdoaua algum erro, que paſſadoerà, & o acrecentaria tanto em todo ſeu Reyno, que nenhũ outro ouueſſe ſemelhante,& aquelles, que em ajuda de tal feito foſſem, poeria em grandes eſtados, & faria muytas merces.* O Conde vẽdo as palauras das cartas, & mais o dito do Iudeu, que lho bem dizer ſoube, prouguelhe dello cõ leda vontade, & falou cõ os taes que ouuindo as grandes promeſſas por cada hum acrecentar em ſy,conceberaõ em ſeus coraçoẽs

eſte

este danado segredo determinado de matarem o Mestre o mais cedo, que se fazer podesse. E porem dezia o senhor Dom Iohão Duque de Bretanha Padre deste, q̃ ao presẽte viue, falãdo hũa vez nas deslealdades, que os vassallos contra seus senhores cometem, dizendo cada hum por sy as entençoens, que sobre esto tinham, que huns deziam. *Que antes queriam ser cornudos, que cahirẽ em mao caso.* Outros escolhião serem antes mortos, que cometer tam ma cousa, outros catiuos, & presos, pera sempre, assi cada hũ nomeaua pera sy o mal que ante queria, que lhe viesse, q̃ cometer tam graue excesso. Elle vendo tençoens, começouse de rir, & disse. *Nam sabeis, que vos dizeis, por a mais pequena cousa dessas cairia cada hum de vos em elle, & eu conuosco, quando me a mim viesse.* E ElRey pergũtando. *Porque rezam seria aquello.* Respondeo elle estonce. *Por vingar hũa pouca de sanha, ou por cobiça de acrecentar em mor honra.* E certo estes, que dissemos, q̃ se a esto demoueram por esta segunda rezam foy, & assi o affirma Christophorus decretorũ Doctor, falando dos feitos do Mestre, em hum tratado, que desto compoz Capitulo. Posto que antes: naquelle lugar onde diz. *Rex propter hoc multa bona promittes.*

CAP. 183. *Porque medo tinhão ordenado de matar o Mestre, & descobriram seus segredos.*

NAo embargando esto, que assi he dito a que alonga pratica ensina alguns, porem tem opinião, que ambas as cousas, que dissemos. s. Desejo de honra, & vingança de odio, ambas neste feito concorreram, dizendo; que mais se atrigou Dom Pedro neste conselho, quando lhe foy falado por vingança de odio, que o muyto tinha, por a prisam, que ante passara, que por cobiça de acrecentar em honra, como algũs differam: mas nòs de incuberto falar julgar nam podemos, saluo das graças, & merces, honra, & grande gasalhado, que do Mestre todos recebiam, cada hũ em seu estado: ca posto que elle prẽdese Dom Pedro, por aquelle erro, que as Cronicas contam, logo a muy poucos dias o mãdou soltar, & desta vez jazendo sobre Alanquer, auendo pouco mais de dous meses, que sua prisam fora, o Mestre lhe cõfirmou & fez doaçam pera sempre de toda-

dalas Villas, & logares, & Caſtel los, que os Reys auiam dados ao Conde Dom Aluoro Pirez ſeu padre, aſſi por condado, como por doação, & por outra qualquer guiſa que ſeja, ſaluo dos bens de Diogo Lopez Pacheco, que El-Rey Dom Fernando dera a ſeu padre, mas de todos os outros lhe fez doaçam por eſcriuaõ tão firme, como a *Dom* Pedro quiz mandar fazer. E porem nam he de cuidar, que por odio ſe moueſſe contra hum ſenhor, de que tantas, & aſſinadas merces recebera. Ora por qualquer das rezoens, ou entençoens, que foſſe a fala era de geito, que cada hum delles, q̃ a ſeu ſaluo podeſſe matar o Meſtre, que o fizeſſe; mas Iohão Affonſo, & Garcia Gonçaluez tinhaõ de tal obra eſpecial carrego, lançandoſe logo ha preſſa no lugar, como foſſe feito, por quanto Iohão Duque, que já deſto era ſabedor auia ſempre de ter atalaya, q̃ como o aluoroço no arrayal foſſe viſto, por quãto Iohão Duque já ſabia, que logo abriſſem ſuas portas, ſaindo com os ſeus por recolher os que fogiam, & a morte auia de ſer por huma de duas maneiras. Iohaõ Affonſo de Beca era hũ grãde caualgante, & bem deſenuolto, eſpecialmente ha gineta, & quando o Meſtre caualgaua, & algum dos ſeus, que com elle hia, hia elle ſempre muyto diante com a lança nas mãos, por acõpanhar com os outros, & daua deſporas ao caualo vindo correndo brandindo a lança, & quando era acerqua do Meſtre moſtraua, que a queria arremeſar rijamente, dando a entender, que o fazia por ſabor, por o Meſtre, nẽ outro algum tomar ſoſpeita del le, & eſto entendia elle de fazer muytas vezes por deſegurar, atá que viſſem geito de arremeſſar, & aſſi o matar, Onde aqui he de ſaber, & nam ſem rezam de notar, que o Meſtre tinha hum ſeu criado veador de ſua caſa, a que chamauam Fernam Daluarez Dalmeida comendador de Villa Viçoſa homem auiſado, & bem diſcreto, & q̃ amaua muyto ſeu ſeruiço, eſte caualgaua ſempre com o Meſtre, de guiſa, que ao longe, & ao perto nunqua ſe del le partia. E vendo, que Iohão Affonſo vſaua ameude aquello, máyormente, que nunca moſtraua aquelle geito, ſenão contra a peſſoa do Meſtre, deſprouguelhe dello muito ſem ſoſpeita, porem algũa, que de tal couſa podeſſe auir. E hum dia vindo Iohaõ Affonſo correndo rijo por fazer tal moſtrança, como auia em coſtume

me. Pozſe Fernaõ Daluerez diante, & deſuiou cõ ſua lãça, & diſſe. *Afaſtay, afaſtay la voſſa lãça, naõ haueis empacho fazerdes já tantas vezes eſto, & virdes cõtra de tal geito contra o Meſtre meu ſenhor ſabey, que vos naõ parece bem, antes parece mal a quantos volo vem fazer*. Iohaõ Affonſo diſſe: que o fazia por jogatar, & por fazer ſabor, & nam por fazer deſprazerá o Meſtre. *Eſſe logatar*, diſſe Fernaõ Daluerez, *hi vos fazer a outro, mas naõ ao ſenhor, cõ quem vos viueis*. Eſobreiſſo começaraõ a hauer rezoens, & o Meſtre diſſe que ſe calaſſem, & não curaſſẽ daquello. E deſentão não ſe tremeteo mais Iohaõ Affõſo de vzar aquelle fingimento, & jogo, & perdeo a eſperança de portal azo poder acabar o que tinha cuidado. Outra maneira era; que vindo o Meſtre ver os engenhos, como auia em coſtume, quando foſſe mal acompanhado, & com poucos, que entaõ teriam geito de comprir ſua mà vontade. E aſſi andarão aguardando tempo quá do podiaõ cometer, & acabar tão malicioſa obra. E em quãto eſtas couſas aſſi paſſauaõ cõ maduro aſſoſego, & fingedas rezoẽs dauão ao Meſtre muito maos cõſelhos, fazendo a ſaber a Iohão Duque por eſcritos, & ſinais quãto o Meſtre com elles ordenaua, & era deſte geito, como depois foy ſabido. Tendião os virotoẽs, & punhãolhe penas depapel, ou de purgaminho, & nellas hia eſcrito quanto lhe querião deſcobrir. E mais lho fazião ſaber que donde ſe podeſſem, & começaſſem de eſtar os da Villa acenãdo com as mãos, que por alli hia a caua, & aſſi o fizerão de feito lhe chamauão fideputa, cornudos vaſſallos de alfinago, fazendolhe certos ſinaes, perque auizauão de todo, & com omao conſelho, que ao Meſtre dauão, & em todolas couſas, que contra elles fazião, ſeus trabalhos a proueitauão pouco.

CAP. 184. *Como foy deſcuberta a treição, q̃ ao Meſtre tinhaõ ordenada, & queimado Garcia Gonçaluez,*

IA diſſemos como o Conde Dom Gonçalo, & Ayres Gonçaluez de Figueiredo chegarão ao Meſtre muy queixoſos por rexam do caſtello da Gaya, que foy tomado, como ouuiſtes, & as rezoens, que ſobre ello ouuerão, & deſentão atá eſte tempo ſempre ambos moſtraram deſy geito q̃ eram

eram mal contentes do Meſtre, & tanto que ſeu a partamento,& fala a meude em ſegredo,& apartados, fez gérar preſunçam às gentes, que algũa couſa queriam ordenar contra elle,de guiſa que por eſte azo foram alguns, que diſſeraõ ao Meſtre. *Senhor, ſabey que aqui he fama que o Conde D· Gonçalo,& Ayres Gonçaluez de Figueiredo naõ andaõverdadeiros em voſſo ſeruiço,& ſe querem lançar em Coimbra com os ſeus, pera vos ſerem contrairos nas couſas, q̃ ouuerdes de fazer. Manday ſobre eſto poer auizamento, de geito que não ponhaes ſobre ello eſtoruo, ante que ſe entremetam começar algũa couſa.* O Meſtre ouuio o que lhe deziaõ, & calouſe ſem dar a entender nada. Em eſto começouſe de dizer, & affirmar que Diogo Gomez Xarmento, que eſtaua em Sanctarem com quatro centas lanças, & Vaſco Pirez em Alanquer com cento e ſinco enta,Iohaõ Gonçaluez em Obbedos com cento, & o Conde Dõ Anrique em Cintra com outras cento: que eſtes capitaẽs tinhão fala feita com Iohão Duque, & com eſte Dom Pedro, q̃ diſſemos, que hũa noite ſupitamente deſſem todos ſobre o Meſtre, como tinhão ordenado, & que morto,ou preſo,ou desbaratado,naõ lhe podia eſcapar.Ediz aqui oDoutor já allegado no capitulo, que diſſemos, que a fala antre elles era neſta guiſa: que não ſe podendo matar o Meſtre, como tinhão ordenado, que hũ dia ſe lançaſſem todos na Villa, & que daquelle dia, que ſe aſſi lançaſſem, a ſeis dias ſeguintes, auia de ſer a vinda deſtes Capitaens com ſuas gentes, em cuja ajuda hauia de ſahir IohaõDuque com os ſeus pera todos acabarẽ eſto, que tinhão ordenado. Ora o Meſtre não ſabendo parte do que contra elle traziam ordenado, ſòmente por ſeu percebimẽto, & boa ſegurança, quando eſto ouuio dizer, aos oito dias de Ianeiro da era, q̃ ſe então começará de quatrocentos & vinte & tres annos, ordenou eſte dia de eſtar em Concelho, & mais que todolos Capitaẽs pareceſſem cõ ſuas gentes perante elle,pera ver quantos homens darmas tinha conſigo. E aquèceo que dos primeiros,que ao Concelho vierão, foy o Conde DomGonçalo com ſeu filho Dom Martinho, & Ayres Gonçaluez com elle, & como forão na tenda do Meſtre, elle mandouos todos tres prender, poſtoque o filho foſſe moço pequeno, & entregouos a Vaſco Martinz de Mello. O Conde D. Pedro

Pedro, & Dom Pedro de Castro, que andauão pello campo, falando de bestas, quando ouuiram dizer, que o Conde Dom Gonçalo, & Ayres Gonçaluez erão presos, cuidaram certamente que seu segredo, & fala era descuberta, & com grande medo, que houuerão, sem outro conselho, & mais vagar, que houuessem, começarão a fugir á pressa. s. O Cõ de Dom Pedro se lançou na Villa, & Iohão de Beça, & Dom Pedro de Castro, & fogirão pera Sátarem. E querendose Garcia Gonçaluez lançar no logar com o Cõ de Dom Pedro, pela guarda, que tinha Antão Vasquez, foy filhado pelas gentes do Mestre, & o aluoroço foy tamanho no arrayal por a fogida de taes homens, assi supitamente, & de sorte que o Mestre ficou espantado, & naõ sabia que dizer. Folgou muito quando lhe disseraõ que Garcia Gonçaluez era preso por saber por elle a verdade, & trazido perante elle perguntoulhe que fugida era a sua de tal geito, & porq̃? Elle pensando guardar sua vida, escusouse com rezoẽs naõ bem compostas, as quaes crerlhe não quizerão. Então o mandou meter a tormento daçoutes, & confessou pelo miudo tudo o que hauеis ouuido, & quaes eraõ culpados, & como, jazendo ElRey de Castella sobre Lisboa, por seu mandado se lançarão com o Mestre pera o auer de matar em companhia doutros. O Mestre vendo tão grande maldade, deu muitas graças a Deos, que por sua grande misericordia o quizera guardar de tamanho perigo andando tão desegurado antre elles. Doutra parte mui irado contra elle por noua, & razoada sanha, naõ o quiz mandar matar de simplez & honesta morte, mas cruel de fogo em grao de sofrer, & mandou que o queimassem. E se alguem escreue neste passo que o Mestre era bem certo como lhe muitas pessoas trazião tratada morte, & que nunqua lho daua a entender, esperando que maneira em ello querião ter, não deis fè a tal escritura, que quem vè não pode consentir hũa pensada sospeita, que do Conde Dõ Gonçalo tomou, o teue por ello tanto preso, como depois ouuireis, graue lhe seria de sofrer tal tredorice como esta, pera esperar a pratica della. E porem mandou o Mestre que o trouuessem perante sua tenda, & alli lhe mãdou que confessasse outra vez perante todos aquello, que apartadamente dissera per tormento, & elle disse que lhe pedia por merce

que

que o não constrangesse a aquello, que já hauia confessado. E o Mestre mandou todauia que o dissesse: E elle respondeo que mayor pena lhe era aquello, que a morte, que lhe mandaua dar. Então começou de contar compridamente aquelle notauel erro em que elle, & os outros, que fogirão, & outras pessoas, que erão culpadas, & acabado seu confesso, leuarão-no ao fogo, que já era prestes, & atarão-no a hum esteo, onde ardendo fez mão fim de sua vida.

CAP. 185. *Comò o Mestre deu os bens dos que erão culpados contra elle.*

TAZENDOSE assi naquelle homem estâ bem merecida justiça, nam podiam as gentes em outra cousa falar, saluo na treiçam, que elle, & os outros ao Mestre tinham ordenada, dando sobre ello desvairadas rezoẽs, & exemplos, & com queixume ante si falando deziam contra o Mestre. *Leixayo vos, pois se tal quer, nam lhe a bondaua o que lhe Dom Pedro fez no cerco de Lisboa, quãdo quisera dar a Cidade a ElRey de Castella, perque se perdia o Rey no, & nos outros todos, & prẽdiao, & soltauao pera lhe depois bastecer a morte por galardão do soltamento. Deixou logo de o mandar matar, ou de o meter em carcer, dõde nunqua saisse pera tirar sospeição do Reyno, & soltouo dahi a pouos dias, como se fosse cousa leue q̃ lhe pouco ouuesse de empecer. Quãto agora bem podiam dizer o que diz o exemplo antigo, que quẽ seu imigo poupa, a suas mãos moura. E elle cuida que perdoar aos maos que lhe he muy grande bondade, & elles fazemse cada vez piores, & fazẽlhe este jogo, q̃ vos vedes.* E estes exemplos, & historias cõtauam tantos, & de tantas guisas, que em al nam achauam desenfadamento. Outros deziam que fizera o Mestre bẽ mandar apoz elles pera os auer ás mãos, & fazer nelles justiça, mas isto nam prestaua nenhũa cousa, porque elles traziam os milhores, & mais ligeiros cauallos, que em toda a hoste hauia, deguisa, que nunqua nenhum os alcançaria. O Mestre isso mesmo de praça contaua sua gram treiçam, & maldade, segũdo pelo morto fora confessado, dizendo que agora entendia, & era em conhecimento do geito do arremessar, q̃ Ioham Affonso fazia, & por quantas guisas a cada hũ mostraua em lhe falando quan-

quanto amaua seu seruiço, & quanto todos eram fundados em o deseruir, & enuezar. E contãdo o que lhe auiera com cada hum delles no cerco daquelle logar, & em outras cousas, & como por seu azo naõ fora tomado, & despendera sobre elle muito trabalho em vam. Mas a esto nam mingoaua, que responder muytas rezoens, culpandoo no perdam, que fizera a Dom Pedro dizendo; que a muyto se auẽturaua, quem punha a vida, & honra em quem a elle em algũ tempo começou de errar. Deshi deziam, que fiar de nenhum Castellão era a elle cousa muy empécida, mayormente em tal, como o Conde Dom Pedro, que era primo com Irmão Del-Rey de Castella, do que elle bem deuera entender, que seu seruiço nam era fiel. E o Mestre respondia a todo, & em fim veyo a dizer. *Eu nam sou o primeiro, que fuy enganado por falsos vaßallos, nem hey de ser o derradeiro, mas eu daua gram fé a todo seu conselho, por serem homens de autoridade; deshi por mostrarem gram desejo, que amauam muyto meu seruiço, em tanto que por vezes me fizeram dizer asperas palauras a alguns que me lealmente desejauam seruir, assi como fiz ao Mestre dos engenhos, que daqui fogio com medo, que de mim ouue, & alguns outros, muyto sem porque.* Em todo esto vendo Iohão Duque, como queimauam Garcia Gonçaluez, com grande menencoria, que dello ouue, mandou tomar huns seis, ou sete Portugueses homens trabalhadores, que tinha presos, & mandouos todos decepar das mãos, & fanar dos narizes, & poer todas as mãos ao collo de hum delles, & mandou os assi ao Mestre, o qual vendo sua desmesurada crueldade, mandou lançar na funda do engenho dentro na Villa os prisioneiros, que tinha Castellãos. Deshi vzando mais de piedade, que de rigor de vingança, ouue delles compayxaõ, & mandou, que se nam fizesse. Estonce chegou Nuno Aluarez, que o Mestre mandou chamar a Euora, hu estaua pera falar com elle, & trazia consigo huns setenta de mulas com cottas, & braçaes. E ouuindo em Lisboa dizer, como os Capitaẽs dos lugares, q̃ dissemos se ajuntauaõ pera irem dar hũa noite sobre o Mestre, ouue armas empreſtadas pera os que com elles hiam, & trigosamente foy a Torres Vedras.

O Meſtre ſoube parte de ſua vinda, & prouguelhe muyto com elle, & ſahioo a receber, & mandouo bem apouſentar. E por tres dias ſeguintes depois da fogida, que diſſemos daquelles, o Meſtre aguardou em batalha as gentes, que deziam que auião de vir ſobre elle, eſtonce, nem depois nam veyo nenhum, que lhe nojo fizeſſe. O Conde Dom Gonçalo, & Ayres Gonçaluez mandou o Meſtre, que os leuaſſem ao Caſtello de Thomar, & entregaramnos ao Alcayde, & depois foram leuados a Euora. Eſtonce deu o Meſtre a Vaſco Martins de Mello todos os bens moueis, & de raiz, que a Condeſſa, molher que fora do Conde Dom Aluoro Perez, & Dom Pedro de Caſtro ſeu filho, & o Conde Dom Pedro ſeu genro, hauiam em quaeſquer logares do Reyno (ca eſte Conde Dom Pedro era caſado com Dona Iſabel de Caſtro filha do Conde Dom Aluoro Perez, & deſta Condeſſa Dona Maria) aſſi de terras acaſtelladas, como chaans, reſaluando as terras, & logares do Conde de Vianna, & as que dadas eram por Condado ao dito Conde Dom Aluoro Perez, & mandou, que pozeſſem na dita carta de merce eſtas ſeguintes rezoens: *Por quanto o Conde Dom Pedro nos trazia baſtecida morte, & treiçam, & a dita Condeſſa era em eſto conſentidora.* E eſta Condeſſa Dona Maria ſe foy pera Caſtella com Dom Iohão Affonſo Telles Irmão da Rainha *Dona* Lianor, quando ſe foy deſtes Reynos. E deu eſtonce o Meſtre os bens delles a Affonſo Gomez da Sylua. Outro ſy deu o Meſtre a Lopo Dias de Azeuedo todolos bens moueis, & de raiz, que foram de Iohão Affonſo de Beça, aſſi os que lhe elle dera por doaçam; como quaeſquer outros, que tiueſſe, & mandou poer nas cartas eſtas palauras: *Por quanto o dito Iohão Affonſo em viuendo comnoſco, & recebendo de nós muytas merces, nos trazia baſtecido a morte, & treiçam, como mao, & desleal, & ſe foy pera Caſtella.* E nam ſomente deu dos bens delle, mas ainda de Maria Annes Leytoa ſua manceba, morador em Lisboa, ſe achaſſem que fogira com elle, & aſſi doutros ſeus criados. Onde ſabey, que neſta ſezam, eſtando ElRey de Caſtella em Seuilha arman

do

do naos, & galès pera mandar sobre Lisboa, ajuntando muytas gentes pera entrar em Portugal, chegoulhe recado do desbarato do Mestre de Christus, & de sua prizam, & do Priol, & prouguelhe muyto com taes nouas, quando lhe contaram, o que auiera a estes fidalgos, que nomeamos, & como eram já de seu bando, foy elle muyto ledo entendendo, que seus feitos se dauam a bem. Se muito prougue a ElRey com as nouas, tanto prougue á Rainha Dona Lianor sua sogra, assi da prizam de seu Irmão o Conde Dom Gonçalo, como do desbarato do Mestre seu sobrinho; do Irmaõ, porque elle lhe não quizera fazer a vontade quando foy a Coimbra com ElRey seu genro; & da prizam do sobrinho, porque a nam viera tomar ao caminho quando a leuauam presa pera Castella, segundo lhe ella escreueo, podendoo bem fazer. E falando a aquella hora nos feitos do Mestre, disse. *Ó Mestre, como andas vendido, & nam o sabes!* Perguntando os que eram presentes, porque? Respondeo entonces, & disse. *Porque quantos dentes tem na boca, todos lhe abalam, senam hum só,* & este, que dezia, era Nuno Aluarez.

CAP. 186. *Como Vasco Pirez tomou voz outra vez por ElRey de Castella.*

ECONTADO auemos como, jazendo o Mestre sobre Alanquer, preitejou com Vasco Pirez de Camoens, que lhe desse o logar com certas condiçoens, em que se concordaram, recebendo estonce do Mestre soldo elle, & Gonçalo Tenreiro seu sogro, & tendo assi voz por Portugal soube como Garcia Gonçaluez fora queimado, & como fora descuberta aquella peçonhenta fala, que elle, & os outros antre sy traziam guardada; & mãdou Vasco Pirez ao Mestre Gonçalo Tenreiro seu sogro com recado sobre certas cousas, & quãdo tornou de Torres Vedras parece, que Vasco Pirez nam foy contente da reposta, que lhe trouue, ou por ventura tinha vontade de fazer aquello, que fez, & buscar azo de o fazer mais semprazmo. Entaõ mandou chamar quãtos boõs auia na Villa, assi

os milhores como doutra condiçaõ, dando a entender que queria com elles auer conselho, & entam propoz perante todos, & disse estas rezoens. *Amigos, senhores, segundo as cousas, que vôs vedes que se acontecem, eu queria saber de vos quejanda he a vossa võtade, ou como quereis q̃ façamos, se vos praz q̃ tenhamos cõ ElRey de Castella, ou se mantermos voz do Mestre. Mas o q̃ amim parece he esto. Eu vejo que do Mestre saõ partidos os milhores Capitaẽs, q̃ elle consigo trazia, assi como he o Conde Dõ Pedro, & Dom Pedro de Castro, & Iohão Affonso de Beça, e o Conde Dõ Gõçalo, & Ayres Gonçaluez, isso mesmo; Assi que com elle nam fica gente, q̃ de conta, nẽ valor seja. Pois elle sem gẽte naõ hà poder de se defender de seus imigos, & contrayros, & Del Rey de Castella, o qual eu hey por noua certa que a muy poucos dias serà aqui, com todo seu poder, pera auer, & cobrar este Reyno, que diz que he seu de direito. Ora consiray vos estas cousas, & vede como vos parece que he bem, & assi me respondey logo, ou quando vos aprouguer de vir a acordo.* E elles porque entendiam em sua vontade o que elle desejaua de fazer, disseram, que fizesse como milhor entendese por proueito dos corpos, & dos aueres, ca elles prestes eram a fazer quanto elle mandasse, & por bem tiuesse. Entam respondeo elle dizendo. *Amigos, eu vos digo, que ja ha muito que cuidey sobre esto, & por segurança de todos nòs outros, eu acho que he bom termos com ElRey de Castella.* E falando nesto leuantaram se dentro no Castello, e mandou leuantar hum pendam na torre da menagem, & disse a aquelles, que hi ficauam da parte do Mestre, que se quizessem quedar, & ter voz por ElRey de Castella seu senhor, que elle lhe faria muytas merces, & se lho fazer nam quizessem, que desemparassem a Villa, & se fossem logo. Estonce ficou com elle Ayres Perez de Camoens seu primo, & Micer Lelo Frances criado do Conde Dom Aluoro Perez, & foyse Ruy Crauo, & Fernam Gonçaluez da Ameixoeira, & outros pera o Mestre a Torres Vedras; onde estaua, & foy isto hũa bespora de S. Vicente, vinte e hum dias domes de Ianeiro daquella era. E mandou Vasco Pirez lançar pregam que quantos hi estauaõ da parte do Mestre, q̃ se sahisse logo, sobpena demorte

te; & os que acompanhauam, os que se partiram foramse com elles, os outros ficaram todos. Entam matou muytos gados, que andauam arredor da Villa, & enuiou pelos Castellos, que enuiara a Santarem, & acalmouse o milhor que pode, & pubricou voz por Castella. Falando em esto disse de praça, o que lhe oueram por mal pera tal fidalgo. *Olhay, que vos valha Deos, que boa preytezia fazia commigo, o Mestre: Mandey lá meu padre Gonçalo Tenreiro com alguns desembargos, & nam me tornou nenhũa cousa, inda se me trouuera mil dobras emburilhadas em hum trapinho, guardarlhehia a preytezia; pois me nam trouue nada, nam curo de lha guardar.* O Mestre quando ouuio dizer, que Vasco Pirez se alçara com Alanquer, & tomara daquella guisa voz por Castella, começou de se rir mostrando, que nam daua por isso, & disse contra os outros: *A mal se me querem dar estes meus vassallos.* Estonces falou com Nuno Aluarez, que era bẽ de alçar dahi seu cerco, pois o logar era ássi forte de tomar, que compria de tomar gram detença sobre elle, mormente, que lhe era tam necessario chegar a Coimbra, onde se juntaram todolos fidalgos, & Concelhos do Reyno pera falarem nos feitos da guerra, & que maneira se auia de ter pera a continuar, & que a partida fosse dahi a quinze dias, & Nuno Aluarez mandasse, em tanto, chamar suas gentes.

CAP. 187. *Dos impedimentos, que o Doutor disse, porque Dona Ines nam podia ser molher DelRey Dom Pedro,*

MOSTRANDO claramente, que nunqua foy certo, que Dona Ines fosse molher DelRey Dom Pedro, & que todo seu rezoar foy muy sospeito, & testimunho de grande rudeza, fica por ser a segunda rezão mais forte. Se por ventura recebida fosse, se era tal casamento valioso? E prouou logo, que nam, por eltes impedimentos.

CErto he, que Dona Ines era sobrinha DelRey Dom Pedro, filha de seu primo com irmão por esta guisa: ElRey Dom Pedro era filho da Rainha Dona Breatiz filha DelRey Dom Sancho de Castella, & Dona Violãte molher,

que foy de Dom Fernam Rodriguez de Caſtro, & aquella Rainha Dona Breatiz eram ambas irmaans filhas do ditoRey Dom Sancho, poſto que nam foſſem de hũa madre,porque Dona Violante Sanches ouuera ElRey Dõ Sancho de hũa Dona, que chamauaõ Dona Maria Affonſo, molher que foy de Dom Garcia Dozeiro. E eſta Dona Violante Sanches foy madre de *Dom* Pedro de Caſtro, que chamauaõ da Guerra, cuja filha foy eſta Dona Ines. Aſſi que ella era ſua ſobrinha da parte do Padre, filha de ſeu primo com irmão. Não curemos do que alguns dizem de como ElRey Dom Pedro foy primeiro caſado com Dona Branca filha do Infante Dom Pedro, que morreo nas veigas de Grada, & como foy trazida a eſte Reyno, & a recebeo em eſta Cidade, ante que cazaſe com Dona Coſtança, pera poder herdar, como eſto ſe paſſou doutra guiſa, & nam faz mingoa a noſſo prepoſito. Masvenhamos a hum grande impedimento, alem dos outros, com que o Papa nam diſpenſa, por couſa, que auir podeſſe, por o qual ella nam podia ſer ſua molher per nenhuma guiſa, & eſte he. Que ſendo ElRey Dom Pedro Infante caſado com Dona Coſtança, ouueram ambos hũm filho, que chamaraõ Dom Luis, & quando ordenaram de o bautizar em eſta Cidade, foy eſta Dona Ines madrinha deſte moço, & comadre DelRey *Dom* Pedro, ſaluandoa depois a Infante Dona Coſtança por comadre, & humilhandoſe a ella, como he de coſtume. Ora vede como podia ElRey ſer lidimo marido de ſua comadre, madrinha de ſeu filho; certamente nam podia ſer. Mas alguns entendidos, que deſto parte ſabem, desfazem eſte impedimento dizendo; que ſendo o Infante eſtonce muyto namorado de Dona Ines, & tendo vontade de dormir com ella, que lhe mandou dizer em ſegredo; quando ouueſſe de ſer comadre, que chegaſſe com o menino á Igreja, & eſtiueſſe preſente ao bautizar, mas que nam diſſeſſe as palauras que os padrinhos coſtumam a reſponder em nome do afilhado, & que ella aſſi o fizera, & por tanto nam era ſua comadre, que podia caſar com elle ſem peccado. E allegando por ſua parte a eſte prepoſito hum

semelhante caso de matrimonio dizendo: que posto que hum homem recebese hũa molher per aquella forma das palauras da Igreja, ordenado não com tençaõ de a auer por molher, mas porque doutra guisa a nam podia auer pera dormir com ella, que tal como esta, quanto a Deos, nam he sua molher, & elle pode depois casar com outra, sem nunca em èsto cõsentir, & fará deste peccado pendẽça. A qual cousa he verdade, q̃ quanto a Deos naõ he seu marido, mas quãto ao mũdo, julgarlhohaõ, & será cõstrangido, q̃ lhe faça maridãça. E assi dizem, q̃ posto q̃ Dona Ines fosse rogada pera ser comadre, & com os outros padrinhos tangesse a criança, & fizesse aquellas cerimonias, que sam de costume; que porem tal vontade nam leuaua, nẽ nunca em ello consentira, q̃ tal compadradigo he nenhum, & podia depois casar com padre do tal filhado. A qual cousa, posto que assi seja, que, quanto a Deos, nam fosse comadre, necessario era, q̃ por esta fama, deshi pelo escandolo do mundo, que fosse notificado ao Papa, & elle despẽsando com elles, segundo sua informaçam, auendoa por verdadeira, leixalohia estonce em carrego de sua conciencia, a qual cousa aqui nam ouue, nem nunca lhe foy pubricado. Ora se elles podiam casar, ou nam, vede se he bem douidoso: Mas a historia se passou desta guisa. Sabeo bem Diogo Lopez, que aqui está, & foy presente a este bautismo, & padrinho de aquelle Dom Luis, com outros compadres, que foram rogados. E posto que casar podessem sem dispensaçam, & taes filhos lidimamẽte fossem nados, oq̃ he certo, q̃ naõ fora sòmẽte por virẽ cõtra o Reyno de hũ naturaes eram, em seruiço, & companhia de seus imigos pera destruir, nam por hũa vez, mas por muytas; esto sò he abastante pera nenhum delles auer de reynar, posto que lidimos nascerão. Delles virem contra este Reyno notoreo he a todos, como o Infante Dom Diniz em tempo Del Rey D. Fernando, veyo em companhia DelRey Dom Anrique, armado com gentes pelo Reyno atá Lisboa, fazendolhe guerra por fogo, & roubo, matando, & destruindo quanto podiam. E isso mesmo o Infante Dom Iohaõ, em companhia DelRey de Castella, que hora he com gentes, q̃ por seu mandado veyo cercar Trãcoso, & o teue cercado cõ batẽdoo por algũs dias. E quãdo entrou o Reyno em Val delamul

la desnaturouse, poendo fogo na sua mão, & deshi veyo cercar Eluas, & andou pelo Reyno fazendo muyta guerra. E sey, que isto sabe bem Vasco Martins de Sousa, & Diogo Lopez Pacheco, q̃ aqui estam. Pois muy desaguisado faremos nòs em eleger por Rey, a quem se delle desnaturou, & veyo contra elle pera o deseruir, & nam o dar a quem tantos trabalhos, & perigos de morte soportou pera defender, & he prestes pera o soportar.

CAP. 188. *Da discordança, que os fidalgos, & pouos hauiam antre sy sobre a eleiçam, q̃ queriam fazer.*

NAM embargãdo estas rezoens todas, e outras, que aqui dissemos, que prpoz aquelle Doutor, per que todos deueram de ser em pacifico assessego, pera auer de eleger Rey, sem poer ahi outra mais duuida, però porque a bem querença he muyto firme na maginaçaõ daquelle, que ama, & não se tira assi de ligeiro, por muytas rezoens, que lhe sobre ello digão, naõ poderaõ todalas, que aueis ouuido; arrancar da vontade, & desejo de alguns a primeira tençam, que por parte dos Infantes tinhaõ, assi como Martim Vazquez, & seus Irmaõs, & todolos daquella liança dizendo. Que nam embargando o que auiam ouuido, que o Reyno sem nenhũa duuida ao Infante Dom Iohão pertencia de direito, & que em seu nome deuiam de fazer guerra, atá que vissem que termo auia de auer sua prizão. Que lhes parecia muy estranho darem nome de Rey ao Mestre, pois a outrẽ pertẽcia o Regimẽto, em tato q̃ hũ dia Martim Vazquez se sahio do Cõcelho cõ queixume dizendo altas vozes. *Vós podeis fazer o q̃ vòs pagardes, & fazerdes quem quizerdes Rey, ca eu hum homem sam, & pouco val minha voz, & quẽ vòs fizerdes Rey, eu o seruirey, & ajudarey a defender o Reyno, atà morrer, mas q̃ eu cõsinta, q̃ o seja o Mestre, esto nũca obrey de dizer.* Nuno Aluarez com outros fidalgos, & deshi aquelles Cõcelhos eraõ de todo cõtra estas rezoens, q̃ o Mestre todauia fosse Rey, & sobre esto faziaõ seus cõselhos ade parte, os fidalgos sobre sy, & os procuradores das Villas, & Lugares, & Cidades em seu cabo. E rezoando muito sobre esto começou a dizer hũ delles. *Pera que sam estas palauras tantos dias ha, & estas detenças*

sem

sem proueito, poendo duuida no q̃ todos vem claramente. Olhay, que vos valha Deos, que nos estes fidalgos querem meter em cabeça. Diz, que façamos guerra em nome do Infante Dom Iohaõ, atá q̃ moura, ou que seja solto, & que gastemos os corpos, & quanto no mundo temos, por dar o Reyno a hũ homem, que veyo contra elle pera o destruir, & dalo de todo a El Rey de Castella, mayormente, que se mostra todo claro, segundo bem vemos, que a nenhum delles pertence de direito. Digamos q̃ nunqua me tal cousa saya pela boca; ante que sem mais detença leuantemos o Mestre por Rey, que mais rezam he de o dar a elle, que se auenturou a tantos perigos, por o defender, & emparar, que a quem delle fazia tam bom mercado a seus inigos. Nem curemos do que alguns dizem, que o defenda como Regedor, & Defensor, mas como Rey em toda guisa, porque sempre ouui dizer, Rey pera Rey, & al pera nada. E nós pois auemos de ser guerreados por Rey, Rey seja o nosso Defensor, & do Reyno. Disseraõ então todos, que assi era muy bem, & nesta tençaõ estiuerão firmes. E os fidalgos isso mesmo tinhão de parte seu conselho, no qual, como dizemos, que principalmẽte contradezião o Mestre não deuer ser Rey, sendo cabeça desta opiniãoMartim Vazquez da Cunha. E Nuno Aluarez, porque muyto desejaua o contrairo desto, era o principal doutro bãdo, & porque o amor, & odio não se pode bem esconder, erão ás vezes taes debates antre elles ambos sobre esta historia, que passauão jà do rezoado, de que ao Mestre muyto pezaua, & não porque Martim Vazquez nem os da sua parte quererem tomar a defensaõ do Reyno, nẽ lhes prazer de o auer *El* Rey de Castella, nem por tençaõ, que ao Mestre tiuesse, mas por grande affeição, & bemquerença, que auião, com os do Infante Dom Iohaõ, como dizemos, seruindo com elle nos tempos, que compria, & chegandose a elle, quando era em estes Reynos. Assi que Vasco Martins da Cunha, & seu filho Martim Vazquez, & seus irmãos, & parentes, & outros aliados, tiuerão pera sy grande parte dos fidalgos. O Mestre soube parte do que se antre elles passaua, & pezoulhe muyto de vontade, chamou Nuno Aluarez, & disselhe: q̃ bem sabia como Martim Vazquez, & seus irmãos eram homens de muytas gentes, & tinhão algũas fortalezas, que não compria a seu seruiço de serem

rem desauindos á tal tempo, e q̃ porem lhe rogaua, que em tal sezam não ouuesse com elle desauença. *Ora senhor*, disse Nuno Aluarez, *vostendes aqui outro, q̃ seja contra voſſo seruiço, nem que torue de vos serdes Rey, saluo este roncador de Martim Vazquez, se vos quizerdes, eu vos despacha rey de seu estoruo.* O Mestre disse, que não quizesse Deos tal cousa; mas que se temperasse com elle de boa maneira, de guisa, q̃ nam ouuesse arroido, ca elle não fazia aquello por tençam, que contra elle tiuesse, mas por lhe parecer que aquello era bem. Nuno Aluarez disse ao Mestre, que lhe prazia de fazer seu mandado, cõ tanto, que os outros não asoberbassem, que fosse certo, que se mostrasse sobrançaria, de não postar com seu coração, que o sofrese. E em esto veyo hum dia, que forão ao Paço do Mestre, Martim Vazquez, & seus irmãos, & outros fidalgos com elles, & estando assi no Paço, foy Nuno Aluarez alà pera falar ao Mestre, & leuou consigo mais de trezentos escudeiros com cotas, & braçaes, & espadas cintas, & adargas. E quando Nuno Aluarez entrou assi acompanhado, ao Mestre pezou muyto em sua vontade, receando o que se antre elles podia seguir, porque via assi desauindos, porem não deu a entender nada, nem Nuno Aluarez quando entrou, não mostrou nenhum geito de sobrançaria, mas muyto chammente falou ao Mestre, & isso mesmo alguns dos seus. Martim Vazquez, & seus irmãos, & Diogo Lopez, & seus filhos, que eram parentes de Martim Vazquez, quando virão vir Nuno Aluarez daquella guisa, partirãose do Paço poucos, e poucos. Nuno Aluarez ficou só falãdo ao Mestre, & deshi tornouse pera a pousada. O Mestre calando o que entendeo vio seus geitos de Nuno Aluarez, & a tençaõ porque o fazia, & teueo de graõ coração, & chamou o Doutor Iohão das Regras, & disselhe todo o que lhe com elle auiera, & o modo, que tiueram em sua vinda, & o que receaua de se seguir de taes feitos, rezoando muytas cousas sobre a tençam de Martim Vazquez, *Senhor*, disse o Doutor, *eu hey aſaz trabalho, por mostrar por viuas rezoens, & direitos, que estes Reynos sam de todo vagos, & a eleiçam delles fica liure ao Pouo, juntando muytas prouas de desuairados logares, que diuera satisfazer a elle, & a outros, que muyto mais soub esse, mas parece, que o amor, & bem*

que-

querença, que vence todolas cousas, os nam leixa conceber as rezoens, que por mi foram ditas, & estam ainda na seita, que tinham: Porem pois assi he, & o que eu quizera calar, que este feito faz mais feo, vos prometo, que proponha no primeiro dia, que nesto falarmos, & deshi em diante liureſe, como vossa merce for.

CAP. 189. *Do recado, que ElRey Dom Affonso enuiou à Corte de Roma, por o Infante seu filho nom casar com Dona Ines.*

TORNARAM a falar em aquelle mesmo tempo em aquelle Paço, & todos alli juntos, como costumauam, começou a dizer aquelle gram Doutor.

☞ SEnhores, fidalgos, & hõradas pessoas, bem sabeis como nestas Cortes foraõ por mi propostas algũas rezoens amostrar, q̃ estes Reinos saõ de todo põto vagos, & nenhum há hi, que os deua, & possa herdar por linagem, nem a quem de direito pertençaõ, as quaes eraõ em sy tam claras, & mais os direitos, que as fortificauaõ, de cuja authoridade nam deuemos desuairar, & qualquer siso de homẽ deuia ser cõtẽte das rezões, q̃ chammente sobre elio, que antevos já mostradas foram. Mas, naõ embargando o que eu propuz, que a todos deuera contentar, & a afeiçam, que eu muito receey no começo destes feitos, parece que faz ainda a alguns, que em toda guisa tem, & crem que os Infantes Dõ Iohaõ, & Dom Diniz sam lidimos, & poderem herdar. E visto como ElRey Dom Pedro disse que Dona Ines fora sua molher naquella pobricaçaõ, que aqui foy feita, & porque eu pensaua q̃ aquellas rezões, q̃ ja notificadas eraõ abastantes pera todos verẽ o cõtrairo desto, naõ quizera em ello mais falar por vzar de boa mesura, & me auer honestamente acerca deste passo; Mas todo o q̃ eu propuz a estes naõ satisfaz, nem abasta, ami conuem mostrar de todo em todo o defeito de sua naceença sem legitimaçaõ, pera todos claramẽte verdes em como elles nam naceram lidimos, nem nũqua o foram depois pera poderem herdar por socesſam de nenhũ seu diuedo. E quẽ do que eu hora disser nam for contente, & ficar em sua tençaõ bem mostrará que quer remedar aos Iudeus em sua porfia, que esperauam o Messias, que nũqua ha de

ha de vir. Ora, senhores propoendo em praça o que calar quizera, & nam falar em ello. O feito dest negocio acerca de sua nacença, & legitimaçam breuemẽte se houue assi. Trazendo o Infante Dona Ines consigo, & nam sendo sabido em certo, que era sua molher, ou nam, fizeram entender a ElRey seu Padre, que o Infãte ordenaua de enuiar em Corte de Roma pedir ao Padre Sancto que dispensasse com elle pera poder casar com Dona Ines, & foy isto huns tres annos, ante que Dona Ines morresse, estando ElRey entam na Villa de Alanquer. ElRey Dom Affonso, quando esto ouuio, desprouguelhe muito de se fazer assim, & sẽdo mal contente detal embaxada trabalhouse de a desuiar quãto pode, & secretamẽte escreueo ao Arcebispo de Braga, que entam era em Corte, que houuesse com o Papa de nam aceitar a soplicaçam do Infante acerca de taes feitos, por serem a elle em grande odio, & prejuizo. Ora que voseu disse, sem somar as rezoẽs, que ElRey sobre ello escreueo, & a embaixada, q̃ o Infãte D. Pedro depois que foy Rey enuiou ao Papa, & a reposta, que lhe veyo da Corte, & porque guisase esto passou, vòs direis que todo eram palauras afermosentadas, que he ligeira cousa de achar aos homens, as quaes eu buscàra pera virem a meu prepósito, mas nam sem mais detença, que fosse assi defeito. *E* por nam terdes tal sospeita, sem mais detença de rezoens, nem allegaçoens doutros direitos, que esto ajudar possaõ, eu vos lerey o recado do q̃ ElRey estonce escreueo em Corte, & isso mesmo a embaixada, que ElRey Dom Pedro depois enuiou ao Papa, & a reposta, q̃ lhe elle mandou, a nam comprir sua petiçam, que sam abastantes pera desfazer mayor duuida, que esta, & pera destruir de todo a tal opinião. E porque façamos fim deste negocio.

Entaõ leo hũa carta por latim, que logo todos viraõ em linguagem, cujas rezoens eram estas,

AFFONSO pela graça de Deos Rey de Portugal, & dos Algarues. Ao muyto honrado em Christo Padre Dom Gonçalo por esta mesma graça Arcebispo de Braga saude em Deos. Sabede, que D. Pedro meu filho primogenito herdeiro, anda embeuedo de amores, & enduzido por palauras dalguns, que casasse com hũa molher, filha que foy, segun-

gundo dizem de Dom Pedro Fernandez da Guerra, & de hũa madre, que naõ era sua molher lidima e o induzem pera tal casamento, naõ embargando que alguns, que saõ parentes do Infante no segundo grao de parentesco, ao presente cometão não licita cousa com ella, & dizem que pera tirar tal embargo, que o Infante he em disposiçaõ pera mandar escreuer a algũs seus amigos, que lhe impetrem sobre ello dispensação do Papa, a qual se outorgado fosse, poderse hia seguir ao diante grande escandolo antre os q̃ viuẽ em nossos Reynos: E porque os que saõ presentes, donde o Infante meu filho descende, sempre atá o presente foram honradamente, & com molheres de Reys por legitimo matrimonio casados: E porque outro sy a honra de nossa Real dignidade, em que segũdo direito de natureza a meu filho ha esperança de socessor, & isso meſmo a todos seus hõrados parentes, do dito casamento, se feyto fosse, seguiria a grande deshonra. Porém afficadamente vos rogamos, q̃ secretamente de nossa parte enformeis o Papa como o dito casamento seria não licito, & desigual: & praza a Sua Sanctidade em esta parte não ouuir com affeiçam as soplicaçoens do Infante meu filho. E se comprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade, estonce secretamente lhe mostray esta nossa carta, & emesto trabalhay com tal diligẽcia por nosso seruiço, porque sejamos teudos de vos fazer merce. Dante, &c.

CAP. 190. *Do recado, que ElRey Dom Pedro enuiou ao Papa, & da reposta, que lhe de lá veyo.*

☞. FOY esta carta enuiada em Corte, nam sendo já viuo aquelle Papa Ioanne vigesimo segundo, de q̃ ElRey Dom Pedro quando fora Infante ouuera aquella geral dispensação, por cuja morte socedeo, & era entam Papa Innocẽcio sexto. E morrendo estes Papas, & passando huns poucos annos, aquẽceo a morte de Dona Ines, & dalli a dous annos, & pouco mais, morreo ElRey Dõ Affonso, & se foy por ElRey D. Pedro esto entender, ou por dito doutrem, que o conselhou, duuidaõ muitos o que era verdade se por bem daquella dispensaçam, & força detal matrimonio fora qual deuia, & seus filhos ficauaõ lidimos pera poderem herdar no Reyno por morte do Infante Dõ Fernando seu primogenito, & herdei

herdeiro, porque na concessaõ do Reyno hauia, & tinha direitamente herança, & de em tal casamento elle ser duuidoso, que a recebida tiuesse, era muito rezoada, porque elle por hũa geral dispensaçaõ, que houue, sendo moço, espoſou com Dona Branca filha do Infante Dom Pedro, que morreo nas Veigas de Grada com que depois casar não quiz; & quando houue de ser recebido com Dona Costança filha de Dom Iohaõ Manoel, & lhe hauiaõ de fazer as bençoẽs em Lisboa, algũs duuidauaõ se por bem de tal dispensaçaõ elle podia casar com ella, ou nam. E porque ElRey seu Padre ordenou que todolos Prelados de sua terra fossem presentes ao officio das bençoẽs, duuidaua Dom Gõçalo Arcebispo de Braga se, por tal dispensaçam, elles podiam casar ambos, & primeiro mandou saber, & fazer hũa protestaçam a Dom Iohaõ Bispo da Cidade, se podia elle vir aos despoſorios do dito Infante sem perigo de seu estado. E o Bispo de Lisboa respondeo, que elle veria aquella geral dispensaçam do Papa Ioanne, & q̃ falando sobre ello cõ letrados disseraõ, que bem lhe parecia auõdosa pera casarem por ella, & por sta dispensaçaõ, segundo elle disse, casou elle depois com Dona Ines, o que naõ diuera fazer, segundo os impedimentos, que antre elles auiaõ. Ora sobre esta tal duuida, & outras taes cousas, que a seuesta do compriaõ, ordenou ElRey de enuiar seus embaixadores em Corte, quãdo la foy Giraldo Esteuez, & pellos quaes enuiou ao Papa esta embaixada, que aqui está.

Entaõ mostrou hum grande rolo de purgaminho vzado de velhice, assinado por Gomes Paez de Azeuedo, & por Mestre Afonso, & outros do Conselho Del Rey Dom Pedro, em o qual, antre outras cousas, que ao Papa pedir enuiaua, em tres lugares era conteudo o requerimento deste casamẽto ser valioso, & os filhos legitimados dizendo por estas palauras

Outro sy lhe direis em Camara, que ElRey recebeo per palauras de presente a Dona Ines de Castro, que Deos perdoe, como manda a Sancta Madre Igreja, da qual ouue seus filhos, cõ a qual hauia diuedo, & que lhe pede que praza a sua Sanctidade de outorgar, & reteficar, & a firmar o dito diuedo de linagem, que com ella hauia, a si que por tal confirmança, & legitimança, os ditos filhos, que assi sejam lidimos, & que ajam, & possam

ſam hauer aquello, que hauerião não hauendo hi o dito embargo de linagem & emeſto vos aſſicay pera hauerdes dello recado.

E depois de algumas petições de Biſpados, & de outras couſas dezia em outro logar.

Outroſy, ſe virdes que o Papa vos outorga cada hũa das quatro couſas primeiras em rezaõ das pedidas das Igrejas, pedilhe logo o al da legitimaçaõ do caſameto, & depois as outras couſas, pela guiſa, q̃ aqui ſam eſcritas. E naõ vos outorgãdo cada hũa das quatro couſas, vos todauia fazey de guiſa que hajaes deſembargo da dita confirmaçam de caſamento, em guiſa, que os moços fiquem legitimos. E quanto he das duas pedidas non cureis dello.

☞ ORA, *Diſſe o Doutor*, viſta eſta embaixada que naõ ſaõ rezoens minhas, nẽ outros direitos allegados, bem he de cuidar quanto os Menſageiros fariaõ em Corte por deſto hauerem gracioſo deſembargo. Mas leixando eſto, vejamos o q̃ reſpondeo o Papa.

Entaõ moſtrou huma carta de repoſta, que o Papa enuiara a ElRey Dom Pedro eſcuzandoſe de comprir ſua petiçaõ acerca de taes feitos, que dezia a eſta guiſa.

CARTA DO PAPA.

INNOCENCIO Biſpo ſeruo dos ſeruos de Deos. Ao muito amado em Chriſto filho Pedro muy nobre Rey de Portugal ſaude, & Apoſtolical bençaõ. Seja certa a tua Real Alteza q̃ benignamente recebemos teus honrados, & diſcretos embaixadores, & antre algumas couſas, que em ſua embaixada, da tua parte nos foram propoſtas, eſta em eſpecial foy, que hauendo tu fiuza de atreuimento por huma geral diſpenſaçaõ em q̃ forma acoſtumada, â tua inſtancia, & do muy nobre Rey Dom Affonſo teu Padre, noſſo Predeceſſor de boa memoria Ioanne Papa vigeſimo ſegundo impetráras, caſaſte, & recebeſte por molher Dona Ines, filha que foy de D. Pedro de Caſtro, a qual por linagem tranſuerſa de hũa parte no ſegundo grao de geraçam era tua parenta, & doutra por ſemelhante linha, no terceiro grao era teu diuedo, & no quarto grao de affinidade era tua cunhada. E porem deuotamente nos pediram, & ſupricaraõ de noſſo Apoſtolico, & cõprido poder gracioſamente, & por voſſo reſpeito declaraſſemos o dito matrimonio de ſeu fundamento, por virtude daquella diſpenſaçam ſer antre vos ambos direitamente contratado

tratado, & os filhos, que delle decenderam, legitimamente serem nados. E se assi perfeitamente aquesta graça recusarmos, que ao menos por sua parte nos supricaram que por vosso respeito nos prouguesse legitimar a dita tua geraçam, & de Dona Ines, que perfeitamẽte a reintegrassemos ao primeiro direito de natureza, que em todo ficasse habilitada pera poder soceder, assi como de seu principio fosse valioso, & direitamẽte contratado, & se a tal geração lidimamẽte decendera. Certamente filho muyto amado nos pensamos em ello com boa femença, & consiramos em todo aquello, que pelos ditos embaixadores, portua parte nos foy requerido, & como quer q̃ muito sejamos de bom prepposito pera conceder a teus desejos, & comprazer a tua Real Alteza, pero somos demouidos per algumas lidimas rezoẽs fundadas em direito, que em toda guisa deuemos guardar, & nom comprir com effeito em receber tua supricaçam sobre o declaramento do dito matrimonio. Doutra segunda rezam de tua parte proposta sobre a legitimança dos filhos de ti, & de Dona Ines nacidos, na concluſam te respondemos que a Sancta Sé Apostolica naõ tem em costume de outorgar semelhantes petiçoẽs, & dispensaçoẽs, nem legitimaçaõ, saluo se for a grãdes, & nobres pessoas, & esto por algumas euidentes, & manifestas rezoẽs, as quaes no recontamento de tua soplicaçam, nam se mostrão serem por tua parte expressas, & allegadas pera em prejuizo doutrem, que no direito da concessam hajais per herança, semelhante legitimaçam hauemos de outorgar saluo o terceiro, a que pertence por tal rezam, a supricasse, & o pedisse, ou se por outra algũa guisa claramẽte se mostrasse que teu requerimento procedia de seu expreso consentimento, o que he necessario de preceder maiormente aquese caso, & em q̃ se trata a legitimação sobre soceſſam de herança pera pessoas, q̃ nam sam das terras á temporal jurdiçam da Igreja sogeitas. E porem, muito amado, á Santa Sé Apostolical tem por bem que naõ condecẽda às taes supricaçoẽs nem outorgue semelhante graça. Rogamos a tua Real clareza, cõ todo o bom desejo acõselhamos, q̃ cõ paciẽcia soportes nossas execuçoẽs, q̃ nos demeue, & cõstrãge vsar do cõtrario q̃ tu supricaste, por q̃ a nosso pastoral officio quebrãtar naõ pertẽce a ley de Christo nosso Saluador, más a ella nos chegar, & naõ desuiar de sua doutrina. Dada Em Vinhaõ, Idus do mes de Iunho, de nosso Papado anno nono.

Ora

☞ ORA vede, *disse aquelle Doutor*, iem mais enadder, nem minguar, toda a hiſtoria, como ſe paſſou do caſamento de Dona Ines, & alegitimação de ſeus filhos, a qual eu eſcuſar quizera por honra dos Infantes, poſto que ſejamos em tal paſſo, & entendo que fora milhor, que me fazerem pubricar de praça, & ſamear pera ſempre ſua inceſtuoſa nacença.

CAP. 191. *Como acordaram todolos fidalgos, & pouo que alçaſſem o Meſtre de Auis por Rey*

MOSTRANDO aſſi claramente, como ſe eſtes feitos paſſaram acerca deſta grande, & pezada queſtam, em que muitos douidam, foram todos muy eſpantados por ouuir taes couſas, de q̃ antes parte nam ſabiam, de guiſa q̃ aquelles, q̃ eſto leuemente criam, foram confirmados no q̃ ante ſoſpeitauam, & os q̃ de todo eram contra tal entençam, por noua, & rezoada crẽça, foraõ afaſtados de toda duuida, aſſi como Martim Vazquez da Cunha, & todolos aliados a quella parte. E faladas eſtonces muitas rezoẽs, q̃ por abreuiar, queremos leixar, viſta aſſaz decerta proua a desfazer aquello, ſobre que eraõ em deſacordo, foy antre elles determinado por mãſa, & pacifica concordia hũa virtuoſa, & final entençam, que elegeſſem Rey.

☞ ORA, ſenhores, *diſſe aquelle Doutor* por que já viſtes claramente aquello ſobre que tanto douidaueis, & a que Deos prouue de ſerdes em conhecimento de como eſtes Reynos ſam detodo vagos & poſtos em noſſa diſpoſiçam pera enlegermos quem os defenda, & gouerne, naõ curemos mais de hiſtorias antigas, que a noſſo prepoſito poſſamos trazer. Mas porque ſempre foram defeſos, emanteudos por Rey, & nos iſto como compre por nos fazer, não podemos ſegundo a neceſſidade em que ſomos poſtos, requere, & a nòs conuem em tal caſo por força, elegermos *Rey*, q̃ faça todo aquello, q̃ compre pera naõ cairmos em ſogeiçaõ de noſſos imigos ſciſmaticos, q̃ ſe dello trabalhaõ, quãto mais podem naõ ſomente por noſſo dano, & perda, mas ainda da Sãcta Igreja, & de noſſo Senhor, cujos imigos capitaes ſaõ. E pois naõ he menos de conſirar a peſſoa, que

ha de ser elegida,que o proueito, que se dela segue ao Reyno,veja mos primeiro as condiçoẽs,que se requerem em ella,& se as taes acharmos a aquelle que ouuermos de eleger, nossa eleição sera discreta,& sem reprẽsaõ nenhũa. E digo breuemente, segundo os Sabios recontaõ,que antre as ou tras cousas, q̃ em elle hade auer, deue ser de bom linagem, & de gram coraçaõ pera defender a ter ra deshi que haja amor nos subditos, & com isto bondade, & deuação. Ora q̃ estas condicoẽs sejam achadas no Mestre nosso Senhor que temos em vontade pera eleger, assaz he visto claramente, como todos bem sabeis. De ser de boa linagem vedeslhe bem ser filho de Rey;& decer de gram coração assaz se mostrou, & mostra,q̃ com tam pouca parte do Reyno, como consigo tinhão,com marauilhosa ouzação sofreo taes perigos,como ha passados, & dispozse a muito maiores segũdo otẽpo, em q̃ somos postos. De auer amor aos sobditos,vede q̃ podia mais fazer,q̃ cõ quãtas auẽças, & prometimẽtos lhe ElRey de Castella mãdou fazer com grandes acrecẽtamẽtos de sua honra, & estado tal necessidade,qual foy a fame,& cerquo de Lisboa,q̃ nũqua em ello quiz consentir por naõ leixar os pouos em sogeiçaõ de seus imigos. De auer em ello bondade, bem se mostrar no roubar dos Iudeus que os de Lisboa, quizeram fazer,& no remir dos catiuos, as a judas,que pera ello daua, segundo, que cada hum era. E de elle ser deuoto, & encaminhar, que os de Lisboa fossem prouidos,& os seus boons feitos segundo Deos, esguarday as esmolas,que sez & o falar cõ Frey Iohão da Barroca;& achamos, que todos seus feitos sam em grande pezo, em a dureza de fiso. Alem desto ordenar tam discretamente todalas cousas, que á defensaõ destes Reynos pertencem, nenhum outro milhor poderia. Assi, que pelas cousas, que vemos a tá hora, este Dom Iohaõ Mestre de Auis, que tanto trabalhou, & trabalha por hõra,& defensaõ destesReynos he apto, & pertencente, & merece esta honra, & estado de Rey. E por tanto,pois que he ser uiço de Deos,& prol,& honra da Sãcta Igreja pera naõ sermos destroidos denossos imigos, & ella vir em maõs de sismaticos,cõ hũ amor, & prepozito cõ onome de Deos,q̃ he Sãcta Trindade Padre Filho,e EspiritoSãto,nomeamos e escolhemos,na milhor maneira,q̃ pode ser,este Dõlohaõ filho

DelRey

DelRey Dom Pedro, por Rey, & senhor destes Reynos, & outorgamoslhe que se chame Rey, & mãde fazer no Regimento, & de fensaõ delles todalas cousas, que pertencem ao officio de Rey, segundo costumaraõ de o fazer aquelles, que o atéqui foraõ. E estonce falaraõ muytas rezoẽs, em que nos poderamos deter, que aquinaõ fazem mingoa, & porque o promouessem à alta dignidade & estado de Rey, & que naõ consentisse, q̃ nenhũ mais cõtra esto falasse, & q̃ lho fosse logo dizer.

CAP. 192. *Das rezoẽs, q̃ os fidalgos, & pouos ouueraõ com o Mestre, & como foy alçado por Rey*

AVIDO tal acordo, como dissemos, os Prelados, & fidalgos, & Procuradores dos Concelhos, todos jũtamẽte foraõ entaõ a elle, elhe pediraõ por merce, erequereraõ. Que lhe prouguesse cõsentir em esta eleiçaõ, que feita auiaõ, & quizesse aceitar, & tomar em sy onome, & dignidade, & honra de Rey, tomãdo cargo de defẽder os Reynos, q̃ pera elle os tinha Deos guardados. E esto assi ordenado, o Mestre ouuindo suas rezoẽs, respondeo estonce, & disse. Que elle daua a Deos muitas graças, & lhe era muito teudo lhe poer em coraçaõ, & vontade de o auerem de eleger pera taõ alto estado, & a elles agardecia muito o bom desejo, q̃ contra elle mostrauaõ, mas q̃ elles viaõ bẽ, & elle outto sy sentia em sy, q̃ não era, nẽ podia ser suficiente, pera receber, nem sofrer em sy tal honta, & dignidade, como era o Regimẽto Real: Mayormente q̃ elles eraõ certos q̃ auia taes embargos assi no defeito de sua nacẽça, como na profissam, que á Ordem de Auis fizera, que nam auia poder de receber tal encargo, e hõta, como aquella, a que elles o haujam elegido, & q̃ por tanto naõ podia consentir em ello. Alem desto dezia, que sua vontade nam se outorgaua de oser por outra rezam, dizendo que elle presentes era por defensam do Reyno trabalhar quanto podesse a tá morte, de esperar El Rey de Castella com todo seu poder, & pelejar com elle, & desto não tiuessem duuida, que vencendo elle sendo caualeiro, assi como era, oque esperaua em Deos que assi fosse, cobraria grande honra, & elles isso mesmo. E quando se doutra guisa acertasse o que Deos não quizesse, que

mayor mingoa lhe era, ſendo de Rey, & vencido, poſto que o foſſe ſendo caualeiro. E que porem ſobre os ajuntamentos das gentes, & a maneira, como ſe o Reyno poderia defender, & auer dinheiro pera elles, ſe trabalhaſſem de determinar, & ſobre outra couſa não foſſem deteudos. Então todolos fidalgos, & Prelados, & Procuradores dos Concelhos ouuerão grão nojo, & deſconforto de tal repoſta, como eſta, entendendo, que ſe o dito Dom Iohão não tomaſſe nome, & dignidade de Rey, que o encarrego da defenſaõ dos Reynos não tomaria com tanto amor, & diligencia, quanto a elles compridoiro era, por a qual rezão enfraqueceriõ os coraçoẽs dos pouos, não curando de ſe defenderem, nẽ aguardar ſeus contrairos, como fazia miſter; & que porèm os ditos Reynos eſtarião em gram perigo devir em mãos de ſeus imigos, maiormente ſciſmaticos, & reueis à Santa Igreja, aſſi que eſtando todos em ſeu firme prepoſito, não ſe entendendo de partir do que começado tinhão, tornarão a dizer ao Meſtre. Que per as muitas neceſſidades, em que erão poſtos, delle ſó remedio querião a todos prouer em hauerem a elle por Rey, & ſenhor, por oqual remedio entendiaõ ſer feita prouiſam a todolos outros remedios, pera menos ſentirem os danos, & perigos, com que os ameaçaua El-Rey de Caſtella. Epois elles auiam vontade de ſe defender delle & de leuar a diante a honra do Sancto Padre Vrbano ſexto, verdadeiro Papa de Roma, que porem lhe pediam por merce, & rogauam aficadamente dizendo a altas vozes que os não quizeſſe deſemparar, nem poer em tamanho deſconforto, mas que lhe prouggueſſe tomar em ſy o nome, & dignidade, & honra de Rey, porq̃ bẽ via elle quãto era eſto neceſſario a elle, & ao Reyno, & quanto mal, & dano ſe ſeguiria, ſe a eſto naõ deſſe cõſentimẽto, & obra, prometendo de o ajudar com os corpos, & aueres, & manterem em eſtado, & honra de Rey pera leuar ſua honra adiante, & mais de enuiarem á Corte de Roma ſeus honrados embaxadores por hauerem delà quaeſquer deſpenſaçoẽs, & graças, aſſi pera ceſſarẽ os embargos deſua nacẽça, como porelle ſer filhado em aquelle eſtado de Rey, em q̃ o punhaõ. Equãdo o Meſtre vio ſeus aficados rogos & cõſirãdo as grãdes neceſſidades do Reyno, & ſuas bõas võtades, & offerecimentos

cimentos,entendeo que prazia a Deos de o ser,pois se tanto a ficauaõ a esto, como quer que lhe fosse graue de fazer, por as rezoẽs, que dissera,ouue em ello de consentir,& disse que pois se de outra guisa fazer nam podia, que elle aceitaua sua eleiçam, & dignidade Real de Rey pera defender o Reyno, com aquelles offerecimentos, que lhe por elles eram feitos,em hõra, & reuerencia do Sancto Padre, & da Sé Apostolica de Roma.E esto determinado de todo,& o dia, que oalçassem por Rey,foy o prazer grande em todos,& dado cargo a Nuno Aluarez de mandar correger os Paços, onde se isto auia de fazer & andando elle por hũa sala,onde ElRey auia decomer cõ muitos, que o acompanhauaõ, com grande prazer, que ouue, posto que muy temperado fosse em falar,não se pode ter,& disse contra elles. *Desta vez meu senhor o Mestre será Rey a prazer de Deos, & a pezar de quem pezar.* E quando veyo â quinta feira seis dias daquelle mes de Abril da era ja nomeada de 1423. sendo entam o Mestre de sua noua, & flo recente idade de vinte,& seis annos,& onzemeses,& vinte,& hũ dias, foy alçado por Rey, & feito seu officio assi Ecclesiastico, como secular,dandolhe aquelle poderoso,& real estado,que elle bem merecia, com grande festa, & prazer,assi de lançar a tauolado,como doutros jogos, segũdo uzança daquelle tempo, nam somente em a quelle lugar de Coimbra,mas nas outras Villas, & Cidades, que por elle estauaõ,& sua voz mantinham.Especialmẽte em Lisboa foy feyta huma muy honrada,& solene percissaõ que partio da Sé,& foy a Saõ Domingos com muito prazer,& alegria.Trouueram a bandeira pella Cidade apregoando, *Real Real por ElRey Dom IOHAM*, & alçaram entam na Rua noua hũ grãde,&alto masto de cá da parte do mar, q̃ naõ tomaua a rua.

CAP. 193. *& vltimo. Como Nuno Aluarez foy feito Condestabre, & de alguns modos de seu viuer.*

ENLEGIDO o Mestre, & alçado assi por Rey, falouse logo que fizessem Condestabre pera a guerra, emquer eraõ posto segundo nouamente fizera ElRey Dom Fernando, quando em seu tempo os Ingreses vieraõ & ordenou q̃ o fosse o seu muy leal,& fiel seruidor Nuno Alua-

rez Pereira, auendo aquelle tempo vinte & quatro annos, & nouemezes,& doze dias, conhecendo delle, que era de honeſtos coſtumes,& muy auizado de caualaria. Aſſi que, viſta ſua prudente, & notauel diſcriçam (que bem ſe podia dizer delle que poſto que cega a fortuna em eſta preſente vida leixe alguns nus degalardaõ,que o bem merecesem) contra eſte, naõ ſendo ingrata, o prouco eſtonce em alteza degrãde , & honroſo officio nas guerras,& hoſtes do Reyno , do qual elle vzou de tal guiſa , crecendo cada dia em caualeiroſos feitos. & muitos, como depois ouuireis , eſpertou inuejoſa grandeza, perque ſe esfortaleçaõ em esforçado deſejo de percalçar grandes couſas em ſoportamento de proueitoſo trabalho. Eſte nam eſperando noites, nem eſquiuos dias naõ temia de ſe poer aquaeſquer auenturas per auer vitoria dos imigos , naõ por deſprezar com ſoberba afouteza a maltidaõ delles,mas porque nenhum auizamento antigo podia eſtonce ſer igual ás ſuas ſagaçarias,de que eſte nouo guerreiro,ſendo ſempre muito ſem oufania , & leuantamento , em eſſes bemauenturados vencimentos , aſſi ſagazmente ordenaua ſeus feitos, que nenhum outro podia entẽder o prepoſito de ſua entençam,ſaluo com aquelles,de que cuſtumaua falar . Da ardideza , & bom regimento , em que eſtá a principal couſa da guerra , era elle aſſi comedido , que quem foſſe ſemelhante a elle aſſi lhe ſeria detrabalho. E porem ſe eſcreue delle que foy grande , & forte muro, & ſegundo braço da defenſam do Reyno. Aſſi, que com grande vontade deziam delle depois os Pouos : que nenhum podera ſer elegido a ſemelhante honra , de que tantos proueitos vieſſem ao Reyno & à Alteza Real, como eſte. Elle da menham foy luz clara em ſua geração ſendo de honeſta vida , & honroſos feitos, no qual parecia que reluziam os auizados coſtumes dos antigos , grandes baroens ſeus geitos ,& deſeza . Na guerra moſtraua tal autoridade , que nenhum era ouzado , andando em ſua companhia , de empéecer mais a ſeus imigos , do que lhe por elle mandado era , deguiſa , que cada hum ſe deſpunha a comprir todos ſeus feitos , nem lhe cõuinha de os quebrãtar por couſa, q̃ auir podeſſe.Noqual porẽ ſẽpre moraua hũa diſcreta mã-

ſidam

sidão, que elle especial hauia de bons costumes. Trazer molheres, nẽ jogos de dados, a nenhũ nam era consentido, & muyto se trabalhaua, quando tal desuairo antre alguns nascia, porq̃ se começauão de se nam falar, de os concordar logo, & fazer amigos, de guisa, que seu arrayal nam parecia hoste de guerreiros, mas honesta Religião de defensores, em todalas cousas muy sagazmente, por igual pena, & galardam, procedia contra quaesquer, que sua virtuosa vontade podia chegar com execuçam, & quando se achaua contra algũas pessoas cobrãdo arroido, era seu castigo de guisa, q̃ ao seu pezado assesego mais auião os homens reuerencia, que temor. E elle em sua noua mancebia desuiado de seu humanalvzo começou de assentar em sy todalas boas condiçoens, que em hum louuado barão nomeadas podessem ser, como se o thesouro de toda enfinãça fosse em elle encuberto. Assi que em cuidar virtuosas cousas, & polas logo em obra, ocupaua em tanto o tempo, muyto mais daquello, que sua tenra ida de requeria. E porque semelhantes bondades não eram vzadas antre os outros homens, eraõ em elle teudas em muy grande cõta; de guisa, que onde tantas virtudes morauam, adur podia nenhum cuidar, que viesse, ou algum podesse ser hóspede, nem podia alguem em elle poer prazmo, que nam fosse hauido por malicioso: ca posloque elle trabalhasse por encobrir sua muy louuada fama, seus virtuosos feitos eram pregoeiros della. Nos grandes, & notaueis conselhos, elle era sempre o principal, & nenhũa pezada cousa se fazia sẽ seu acordo. Foy de alta, & prudente conuersaçam, aonde compria, a boa, & amorosa aos de mayor estado, & aos muito pequenos tam doce, como paruo. Auia compaixão dos pobres, & minguados, nam os leixando padecer injuria, & sua larga maõ sempre era prestes a dar, onde quer, hora ao espiritual proueito conseguia seu dom, & elle ordenaua assi sua fazenda, leixadas as pouzadas vaidades, que muyto sam de esquiuar, que por nenhũ mister de guerra, nem doutra necessidade, em suas terras deitou peita, nem seruiço, nem outra ajuda, & tinha taes Regedores de casa, em que hauia pouca, ou nenhũa nodoa de erro na limpeza de sua verdade. Nenhũa cousa encuberta, nẽ fingida hauia, sua palaura nam era menos certa, q̃

se affirmasse com juramẽto. Nos espirituaes autos sobre todalas cousas era elle assi lembrado dos diuinaes officios, q̃ por nenhũa guisa os leixaua de comprir por chegada de nenhũa pessoa, por grande, & poderosa, que fosse. Foy de limpa conciencia, que a paixão da sanha, que em muitos parece sandice, temperou de tal guisa por saude de sua alma, que nunqua a nenhum tolheo fala, postoque rezam tuesse, a qual tirada dantre as pessoas he criador de mayor odio com mordimento de desuairadas sospeitas, Elle foy o primeiro, que começou cada dia ouuir duas missas, dizendo, que assi como o Senhor tinha auantagem de mundanal excellencia sobre o outro cõmũ pouo, assi nas espirituaes obras deuião ter grande milhoria. Nas festas principaes do anno, em q̃ a Igreja costuma, que se faça percissaõ, ordenaua elle de afazer pelo arrayal com candeas nas mãos, segundo o dia, em que era, ouuindo sua prègação, & officio o mais honesto, que se em taes logares fazer podia. E se contaõ em louuor dos Romanos, sendo Gentios, que naõ era a elles segura cousa, leixadas as cerimonias, que ao Deos das batalhas viaõ fazer, entrar em peleja, nem mouer guerra, a que primeiramẽte faziaõ oraçoẽs aos Deoses das terras, que cada hũ tinha em sua guarda, grande louuor deuem de dar aeste, o qual com boa ardideza, & firme esperãça, que no muy Alto Deos, sempre ouue, feita primeiro sua deuota oraçam a aquelle Senhor, em cujo poder he todo o vencimento, ledo, & sem nenhũ receo pelejaua sempre com elles. Este nam somente dos naturaes doens da graça com taõ grandes, & especiaes joyas, que atá aseu tempo, des o começo do Reyno, naõ seleo de nenhũ semelhãte. Eposto q̃ algũs digaõ q̃ o bẽ acostumado mancebo raramẽte percalça duraueis louuores, & este por o cõtrairo assi no tẽporal, como no espiritual viueo, q̃ depois da morte sẽpre foy hauido em grãde reuerencia de todo o pouo como ao diãte ouireis.

FIM

DA PRIMEIRA PARTE.

IN-

INDEZ DOS CAPITVLOS, QVE SE CONTEM neſta primeira parte da Cronica DelRey Dom IOAM o Primeiro de boa memoria de Portugal.

A P. 1. Rezoens em Prologo do Autor deſta obra anteque fale dos feitos do Meſtre, fol. 1.

Cap. 2. Como o Cõde ouuera de ſer morto por vezes, & nenhũa ouue azo de ſe acabar. f. 3.

Cap. 3. como algũs ordenarão de o Cõde ſer morto, & porq̃ azo ſenão fez. f. 5.

Cap. 4 Como ElRey mandaua matar o Conde Iohão Fernandez, & porque ſe leixou de fazer. f. 6.

Cap. 5. Como o Conde Iohão Fernandez ouuera de ſer morto, & porque azo ſe deſuiou ſua morte. f. 8

Cap. 6. Como ſe àzou a morte do Condo Iohão Fernandez, & quem falou em ello primeiro. f. 10.

Cap. 7. Como Aluoro Paez falou com o Meſtre ſobre a morte do Conde Iohão Fernandez, & do acordo, em que ambos ficaram. f. 12.

Cap. 8. Como o Conde Iohão Fernandez veo ao ſaymento DelRey, & o Meſtre foy ordenado por fronteiro em riba de Odiana. f. 13.

Cap. 9. Como foi ordenada a morte do Conde Iohão Fernandez, como o Meſtre partio de Lisboa ſem leuando entenção de o matar. f. 15.

Cap. 10. Como o Meſtre tornou a Liſboa, & de que guiſa matou ao Conde Iohão Fernandez. f. 17.

Cap. 11. Do que a Rainha diſſe por a morte do Cõde, & doutras couſas. 21

Cap. 12. Do aluoroço, q̃ foi na Cidade cuidando, que matauam o Meſtre, & como alaa foy Aluoro Paez, & muytas gentes com elle. f. 22.

Cap 13. Como o Biſpo de Lisboa, & outros forão mortos, & lançados da torre da Sè afundo. f. 25.

Cap. 14. Como o Meſtre depois que comeo foy pedir perdam á Rainha, & das rezoens, que foram faladas. f 28

Cap. 15. Como os da Cidade quizeram roubar os Iudeus, & o Meſtre os defendeo, que lhe não foi feito. 31

Cap. 16. Que maneira tinha a Rainha Dona Lianor com o Meſtre, & alguns outros, a que nam tinha bom deſejo. f. 33.

Cap. 17. Como a Rainha partio de Liſboa pera Alanquer, & que maneira teue em ſua partida. f. 34.

Cap. 18. e 19. Como o Meſtre guiſaua pera ſe hir pera Ingraterra, & como pedio perdão a Vaſco Porcalho. f 35

Cap. 20. Por quaes rezoens os da Cidade diſſeram ao Meſtre, que ficaſſe no Reyno, & o tomarião por ſenhor. f. 37.

Cap. 21. Das rezoens, que os da Cidade deziam ao Meſtre, porque ſe nam deuia de partir. f. 38.

Ca. 22. Da maneira, que a Rainha ordenou pera matar o Meſtre quando ſoube, que queria partirſe pera Ingraterra. f. 40.

Cap. 23. Das rezoens, que Aluoro Vazquez ouue com o Meſtre ſobre ſua partida pera Ingraterra. f 41

Cap.

Cap. 24. Como Frey Iohão da Barroca veyo a Lisboa, & da maneira de seu viuer. f. 42.
Cap. 25. Como o Mestre falou cõ Frey Iohão da Barroca, & da repoſta, que lhe elle diſſe. f. 44.
Cap. 26. Como foy acordado de enuiar à Rainha cometer caſamento com o Meſtre, & ſegurança pera os da Cidade. f. 45
Cap. 27. Como o Meſtre outorgou de ficar por Regedor, & Defenſor do Reyno, & do que foy falado na Camara da Cidade ſobre ſua ficada delle. f. 47.
Cap. 28. Como o Meſtre tomou officia espera ſua caſa, & que ditado ordenou de ſe porem nas cartas. f. 50.
Cap. 29. Como o Infante Dom Iohão ſoube, que o Meſtre ſeu Irmão ſe chamaua Regedor, & Defenſor do Reyno, & a maneira, ẽ que elle teue f. 53
Cap. 30. Do recado, que a Rainha mandou a Gonçalo Vazquez de Azeuedo, anteque partiſſe pera Santarem, & das rezoens, que diſſe aos do lugar. f. 53.
Cap. 31. Como a Rainha partio de Alanquer pera Santarem, & das rezoens, que diſſe aos do lugar, anteque partiſſe. f. 55.
Cap. 32. Rezoens do Autor deſta obra, anteque fale de Nuno Aluarez. f. 56.
Cap. 33. De que linhagem deſcendeo eſte Nuno Aluarez, & quem foy ſeu padre. f. 58.
Cap. 34. Como Nuno Aluarez foy trazido à Corte Del Rey Dom Fernando, como tomou as primeiras armas da mão da Rainha D. Lianor. 59
Cap. 35. Como o Priol comeſou a ſeu filho, que quizeſſe caſar, & como em ello conſentio, & caſou com Dona Lianor Daluim. f. 61.
Cap. 36. Como Nuno Aluarez partio pera ſua caſa, & da maneira do ſeu viuer. f. 63.
Cap. 37. Como Nuno Aluarez ſoube que o Conde Iohão Fernandez era morto, & das rezoens, que ouue com ſeu Irmão ſobre ello. f. 64.
Cap. 38. Como Nuno Aluarez deſcobrio aos ſeus, que ſe queria ir a Liſboa, pera ſeruir o Meſtre. f. 66.
Cap. 39. Como Nuno Aluarez chegou a Lisboa, & das rezoens, que diſſe ao Meſtre. f. 68.
Cap. 40. Como ſua Madre de Nuno Aluarez vinha pera teruar ſeu filho do ſeruiço do Meſtre, & do que ſobre ello ouue. f. 69.
Cap. 41. Como o Meſtre falou cõ os do ſeu Concelho ſobre ſua ficada, ou partida do Reyno. f. 70.
Cap. 42. Como o Meſtre quizera combater o Caſtello, & como o cobrou ſem combate. f. 71.
Cap. 43. Como foy tomado o Caſtello de Beja, & morto o Almirante Micé Lançarote. f. 75.
Cap. 44. Como o Caſtello de Portalegre, & Eſtremoz, foram tomados. 78
Cap. 45. Como o Alcayde de Euora quizera ter voz por a Rainha, & foi tomado o Caſtello pelos da Cidade. 79
Cap. 46. Como os da Cidade ſe leuantarão contra a Abbadeſſa, & do geito, que tiuerão em a tomar. f. 81.

Cap.

Cap. 47. Como foi lançado voz pelo Meſtre, na Cidade do Porto, & da maneira, que o pouo em ello teue. f. 83.
Cap. 48. Porque rezoens enuiou o Meſtre embaixadores a Ingraterra, & da reposta, que lhe de là veyo; f. 85
Cap. 49. Como a Cidade de Lisboa deu hum ſeruiço ao Meſtre, pera ajuda de fazer moeda. f. 89.
Cap. 50. Como o Meſtre ordenou de fazer moeda, & de que liga, & talho foi feita. f. 90.
Cap. 51. Como o Meſtre deu lugar a alguns, que laurasſem moeda, & poz mãtimento a muitas peſſoas. f. 92.
Cap. 52. Como os da Villa de Almada tomarão voz pelo Meſtre, & como foi ſobre Alanquer. f. 93.
Cap. 53. Como El Rey de Caſtella mandou prender o Conde Dom Affonſo ſeu irmão. f. 95
Cap. 54. Como El Rey de Caſtella mandou preender o Infante Dom Iohão de Portugal. f. 95.
Cap. 55. Como El Rey fez em Toledo exequias por El Rey Dom Fernando & da maneira que em ellas teue. 97
Cap. 56. Do q̃ aconteceo quãdo alçarão pendão por El Rey de Caſtella. f. 98.
Cap. 57. Como El Rey teue conſelho ſe era bem entrar em Portugal, & como determinou de o fazer. f. 99
Cap. 58. Como o Biſpo da Cuard adiſſe a El Rey, q̃ lhe daria a Cidade, & como El Rey determinou em toda guiſa de entrar no Reyno. f. 101.
Cap. 59 Como El Rey de Caſtella entrou em Portugal, & de alguns fidalgos, que ſe vierão pera elle. f. 103.
Cap. 60. Das rezoens, que Breatiz Cõçaluez diſſe a ſeu filho, por nam dar os caſtellos, que tinha, a El Rey. f. 104
Cap. 61. Do recado, que mandou a Rainha Dona Lianor a alguns Concelhos depois da morte do Conde Iohão Fernandez. f. 106.
Cap. 62. Como a Rainha eſcreueo a El Rey de Caſtella, que entraſſe no Reyno, & a tenção porque o fez. f. 107.
Caſ. 63. Como El Rey de Caſtella ſeguio ſeu caminho, & chegou a Sãctarẽ. 108
Cap. 64. Como ſe o Meſtre tornou de Alanquer pera Lisboa. f. 110.
Cap. 65. Como El Rey falou â Rainha, & a leuou conſigo ao Moesteiro, onde pouſaua. f. 110.
Cap. 66. Como El Rey ordenou de ſe vir pera a Villa, & da maneira, como entrou no lugar. f. 112
Cap. 67. Da maneira, que El Rey teue com os Dezembargadores da juſtiça, & como miſturou ſuas armas com as de Portugal. f. 114.
Cap. 68. Dos fidalgos, & caualeiros, q̃ eſtauã com El Rey em Sanctarem, & do q̃ aueo a Conçalo Vazquez cõ o ſoldo, q̃ mãdou pagar aos ſeus. 116
Cap. 69. Dos lugares, que tomaram voz por Caſtella em todalas Comarcas do Reyno. f. 119.
Cap. 70. Como foram filhados os nauios de peſcado, q̃ vinhão de Calliza. 121
Cap. 71. Como o Conde de Mayorca mãdou deſafiar o Meſtre, & como Nuno Aluarez reſpondeo a ello. f. 123.
Cap. 72. Como Nuno Aluarez foi atrauez de Cintra âforragẽ, & algũs Capitães de Caſtella chegarão ao Lumiar. f. 125. Cap.

Cap. 73. Como o Meſtre teue ordenado de hir a Santarem peleijar com ElRey de Caſtella, & porque azo ſe não fez. f. 126.
Cap. 74. Como a Rainha eſcreueo ao Cõde Dom Gonçalo ſeu irmão, que deſſe Coimbra a ElRey de Caſtella. 127
Carta da Rainha Dona Lianor a ſeu irmão Dom Gonçalo f. 128.
Cap. 75. Do que aueyo a alguns da Cidade, que ſahirão fora a peleijar com os Caſtellaõs. f. 129.
Cap. 76. Das rezoens, que Nuno Aluarez diſſe ao Conde Dom Aluoro Pirez de Caſtro, & a ſeu filho, & como o Meſtre ordenou de hir a peleijar com os Capitaens de Caſtella, que eſtauão no Lumear. f. 130.
Cap. 77. Porque ſe gèrou o deſprazimento entre a Rainha Dona Lianor com ElRey de Caſtella. f. 132.
Cap. 78. Como ElRey partio de Santarem caminho de Coimbra com intenção de a cobrar. f. 133.
Cap. 79. Como ElRey chegou a Coimbra, & dalgũas couſas, que lhe aconteceram. f. 134.
Cap. 80. Das rezoens, q̃ Dona Briatiz de Caſtro falou com Affonſo Anriquez, & do q̃ elle reſpondeo. f. 136.
Cap. 81. Das rezoens, que a Rainha eu ue com o Conde dom Gonçalo ſeu irmão. f. 137.
Cap. 82. Das falas, que ſe tratauão entre o Conde Dom Gonçalo irmão da Rainha, & o Conde D. Pedro. f. 139
Cap. 83. Como foy ſabido, o que o Conde Dom Pedro queria fazer, & como ſogio, & ſe foi pera o Porto. 141.
Crp. 84. Das rezoens, que ElRey, & a Rainha Dona Briatiz ouueram ſobre eſte feito. f. 143.
Cap. 85. Como a Rainha Dona Lianor foy leuada pera Caſtella. f. 145
Cap. 86. Do recado, que os de Alãquer enuiaram ao Meſtre, & da repoſta, que ſobre ello deu, f. 146
Cap. 87. Como ElRey partio de Santarem, & do conſelho, q̃ ouue ſe cercaria Lisboa. f. 147.
Cap. 88. Como o Meſtre ordenou por Fronteiro dantre Tejo, & Odiana Nuno Aluarez Pereira. f. 149.
Cap. 89. Da bandeira, que Nuno Aluarez mandou fazer, & do poder, q̃ lhe o Meſtre deu. f. 149
Cap. 90. Das rezoens, que o Meſtre diſſe a Nuno Aluarez, & como ſe eſpedio delle. f. 150.
Cap. 91. De hũa ſacaria, que Nuno Aluarez fez pera prouar os ſeus, de que eſforço eram. f. 151.
Cap. 92. De que guiſa Nuno Aluarez eſcolheo dos ſeus os que tomou pera ſeu conſelho. f. 153
Cap. 93. Como Nuno Aluarez mandou chamar algũas gentes, & das rezoẽs, que propoz a todos. f. 156.
Cap, 94. Da repoſta, que a Nuno Aluarez foy dada, como todos outorgarão de ſer com elle na batalha. f. 158
Cap. 95. Das rezoens, que Nuno Aluarez ouue cõ Ruy Gonçaluez. f. 160
Cap. 96 Como Nuno Aluarez poz batalha aos Caſtellaõs, & os vẽceo. 162
Cap. 97. Como Nuno Aluarez cobrou Arronches & Alegrete. f. 166.
Cap 98. De hũa entrada, que os Portu-

gueſes fizeram por Caſtella, & do roubo, que tomaram. f. 168
Cap. 99. Como Vaſco Porcalho foy lançado de Villa Viçoſa por ſoſpeita, que delle tomaram. f. 169.
Cap. 100. Como o Meſtre mandou entregar a Vaſco Porcalho o Caſtello como dantes tinha. f. 171.
Cap. 101. Como Vaſco Porcalho prendeo Aluoro Conçaluez por arte. f. 172.
Cap. 102. Como os Portugueſes pelejarão & os vẽçerão, & desbaratarão. 174
Cap. 103. Como foi liure Aluoro Conçaluez Coutado da prizão, & desbaratados os Caſtellãos, que o leuarão f. 178
Cap. 104. Como Pero Rodriguez foi acorrer Aluoro Coitado que onam prendeſem os Caſtellãos f. 181
Cap. 105. Como Vaſco Porcalho foi correr ao Alandroal, & da preza que tomou f. 183
Cap. 106. Como Pero Rodriguez da Fonſeca lançou huma ſilada aos do Alandroal, & do que lhes aueio. f. 184
Cap. 107. Como Paio Rodriguez Marinho prẽdeo Gil Fernãdez de Eluas. f. 186
Cap. 108. Como Gil Fernandez foi pellejar a Caſtella, & do q̃ lhe aueyo 187
Cap. 109. Como Gil Fernandez pelejou com Payo Rodriguez Marinho, & foy desbaratado, & morto f. 188
Cap. 110. Dalgũas naos de Genoua que o Meſtre cobrou a ſeu poder, & como combateo Alanquer, & não foi tomado. f. 190
Cap. 111. Como o Meſtre mãdou armar certas galés em Lisboa. f. 192.
Cap. 112 Como foy entregue o Eſtandarte a Conçalo odriguez, & partio a froto pera o Porto. f. 193.
Cap. 113. Como eſcaramuçarão os Caſtellãos com os Portugueſes, & foy hi preſo Iohão Ramires de Arelhanho. f. 195.
Cap. 114. Como ElRey chegou ſobre a Cidade, & do cõbate, q̃ lhe deu. f. 196
Cap. 115. Como ElRey de Caſtella chegou ſobre Lisboa, & como aſſentou ſeu arrayal ſobre ella. f. 199.
Cap. 116. Porque guiſa eſtaua a Cidade corregida, pera ſe defender quando ElRey de Caſtella poz cerco ſobre ella f. 202.
Cap. 117 Como foi tomado Ourem, & preſo Diogo Lopez Pacheco, & dado por elle Iohão Ramires. f 206
Cap. 118. Dos Capitaens, que entraram com o Arcebiſpo a correr em Portugal, & como foi preſo Fernando Affonſo de Camora. f. 208
Cap. 119. Do conſelho, que o Arcebiſpo ouue com os ſeus, & como foi cercar o Porto. f. 210.
Cap. 120. Como os do Porto ſahiram fora pera pelejarẽ cõ os Gallegos. 211
Cap. 121. Como as galés de Lisboa chegarão ao Porto, & ſe ajuntaram as gentes dellas com as da Villa, pera peleijar com os Gallegos. f. 212.
Cap. 122. Como os Portugueſes eſcaramuçaram com os Gallegos, & ſe foy o Arcebiſpo. f. 214.
Cap. 123. Como Ruy Pereira diſſe ſua meníagem aos do Porto, & a reposta que lhe deram. f. 215.
Cap. 124. Do recado, que os do Porto enuiaram ao Conde D. Gonçalo, & da reposta, que a ello deu. f 217.

Cap.

Cap. 125. Como as galès forão correr a coſta de Galliza, & do que lhe aueyo em ſua viagem f. 220
Cap. 126. Como Nuno Aluarez ouuera de hir na frota, & porque rezão nam entrou nella f. 223.
Cap. 127. Como Nuno Aluarez ordenou de partir de Coimbra, & do que lhe aſsi aueio f. 224.
Cap. 128. Como a Nuno Aluarez lhe aueio com Dom Dauid Algaduxe ſobre dinheiros, q̃ lhe quizera dar. 225
Cap. 129. Como Nuno Aluarez pelejou com algũs Caſtellãos, & os deſbaratou. f 226.
Cap. 130. Do conſelho que ElRey de Caſtella ouue com os ſeus, em q̃ guiſa pelejaria com a frota de Portugal. f. 228
Cap. 131. Das rezões que Pero Fernandez de Valhaſco diſſe, porque não era bem, q̃ a ſua frota pelejaſſe com a de Portugal, & do que ElRey reſpõdeo ſobre ello. f. 231
Cap. 131. Como a frota do Porto chegou a Caſcaes, & da maneira, que o Meſtre lhe mandou q̃ tiueſſem. f. 233.
Cap. 132. Como foi ſabido por a Cidade que a frota vinha, & do que as gentes por ello fazião. f. 235.
Cap. 133. Como algũas naos pelejaram com as de Caſtella, & foram tomadas tres dos Portugueſes. f 236
Cap. 134. Como trouueram a ElRey hũ dos eſcudeiros, que foram prezos, & das rezoens, q̃ ouue em ello. f. 240
Cap. 135. Como nam peleijou mais a frota com a de Caſtella, & como ElRey mandou combater Almada. f. 241.
Cap. 136. Das couſas, que paſſauam os de Almada por mingoa dagoa. 244.
Cap. 137. Como os de Almada derão a Villa a ElRey de Caſtella. f. 246.
Cap. 138. Como foi deſcuberto ao Meſtre, o q̃ Dõ Pedro tinha ordenado, & da maneira, q̃ em ello teue. f. 247
Cap. 139. Como as galès de Caſtella quizeram tomar as de Portugal, & do q̃ ſobre ello aconteceo. f. 251.
Cap. 140. De algũas couſas, q̃ aconteceram aos da Cidade com os do arrayal jazendo cercados. f. 259.
Cap. 141. Como ElRey enuiou cometer auença ao Meſtre, & das rezoens, que ſobre ello paſſaram. f 258.
Cap. 142. Como o Meſtre determinou com os do ſeu Conſelho de pelejar com ElRey de Caſtella. f. 262.
Cap. 143. Como Nuno Aluarez determinou de tomar a Monçaraz por arte; & de que guiſa foi filhado. f. 265.
Cap. 144. Do recado, que Iohão Rodriguez de Caſtanheda mãdou a Nuno Aluarez, & do q̃ ſobre ello aueyo. 267.
Cap. 145. Como Nuno Aluarez ouue recado, que gentes ſe ajuntaram pera o hir buſcar; & da maneira, que em ello teue. f. 268.
Cap. 146. Como Nuno Aluarez poz batalha a Pero Xarmento, & outros Capitaens, & que nam quizeram pelejar com elle. f. 269.
Cap. 147. Como Nuno Aluarez ordenou de hir a Almada ſobre Pero Xarmẽto, & do q̃ ſobre ello acõteceo. 273
Cap. 148. Das tribulaçoens, q̃ Lisboa paſſou por mingoa de mãtimẽtos. 278
Cap. 149. Da peſtelença, que andaua entre os Caſtellãos: & de alguns Capitaens,

taens, que em ella morreraõ f.282
Cap.150. Das rezoẽs, que Dom Carlos disse a ElRey de Castella, & como ElRey leuantou seu arrayal, & descercou a Cidade. f.285
Cap.151. Como os da Cidade ordenaram perciſſam por darem graças a Deos, & da pregaçaõ, que fez hũ frade nella. f.288.
Cap.152. Como Nuno Aluarez passou a Lisboa por falar com o Meſtre. 293
Cap. 153 Como Nuno Aluarez falou ao Meſtre, & das rezoens, que ambos ouueram. f.295.
Cap.154. Como os fidalgos, & pouos fizeraõ menagens ao Meſtre, & dos priuilegios, que deu à Cidade. f.297
Cap.155 Como ElRey de Caſtella chegou a Sanctarem, & ordenou Alcaides, em alguns Lugares. f.301
Cap 156. Como ElRey de Caſtella partio pera ſeu Reyno, & da maneira como hiam. f.304
Cap.157. Como Nuno Aluarez cobrou a Villa de Portel por azo dalgũs, que dentro morauaõ. f.306
Cap.158. Como entregaraõ o Caſtello a Nuno Aluarez, & ſe foy Fernaõ Cõcaluez pera Caſtella. f 309.
Cap.159. Dos nomes de alguãs peſſoas, q̃ ajudaram ao Meſtre a defender o Reyno. f.311.
Cap.160. Dos nomes de Algũs fidalgos Portugueſes, como Caſtellaos f.314.
Cap.161. De algũs fidalgos, & Cidadãos, que ajudaram ao Meſtre a defender o Reyno. f.317.
Cap.162. Dos nomes de alguns Lugares, q̃ tiueram voz por Portugal. 339
Cap.163 Da ſeptima idade. que começou no tempo do Meſtre. f.340
Cap.164. Como o Meſtre foy por cobrar Cintra, e naõ pode chegar por azo da muita chuua. f.342
Cap.165. Como o Meſtre foy a Almada, & cobrou o lugar por vontade dos moradores da Villa. f.344.
Cap.166. Como o Meſtre partio de Almada, & foy ſobre Alanquer. f.346.
Cap.167. Do combate, que deraõ os do arrayal aos da Villa, em que foy morto Affonſo Anriquez, & outros. f.349.
Cap 168. Como o Meſtre preiteiou com Vaſco Pirez de Camoẽs, & ſe alçou de ſobre o lugar. f.350
Cap. 169. Como o Meſtre partio de Alãquer, & foy cerquar Torres Vedras. f 351.
Cap. 170. Como o Meſtre de Chriſtus foy vencido, & leuado a Sanctarem prezo f.352.
Cop. 171. Como Nuno Aluarez foy a Eluas, & lançou fora alguns do Lugar. f.353
Cap.172 Como Nuno Aluarez foy por cobrar Villa Vicoſa, & foy morto ſeu Irmaõ, & acercou, & naõ pode tomar. f.355.
Cap. 173. De como o Meſtre partio de Torres Vedras, & foy a Leiria. & deſhi a Coimbra. f.357.
Cap.174. Como o Meſtre chegou a Coimbra, e foy bẽ recebido de todolos da Cidade. f.360.
Cap.175. Das rezoẽs, que ſe falaraõ anteque entraſſem às Cortes, & nomes dalguns, q̃ a ellas eſtiueraõ. 362

Cap.

Cap. 176. Como o Doutor Iohão das Regras propoz em Cortes, mostrando que auia quatro herdeiros do Reyno. f. 363.

Cap. 177. Rezoens, daquelle Doutor porque a Rainha Dona Briatiz nam podia herdar estes Reynos. f. 365.

Cap. 178. Outras rezoens desse mesmo Doutor, porque ElRey, nem sua molher não deuem ser tomados por senhores. f 369.

Cap. 179. Como o Doutor mostrou claramente, que nunca foi certo, que Dona Ines fosse molher DelRey Dom Pedro. f. 372.

Cap. 180. Como os do Porto tomaram o Castello de Caya, e o derribarão. 377.

Cap. 181. Como o Mestre combateo a Villa com as cauas; que feitas tinha, & a não pode tomar. f 378

Cop. 182. Que pessoas eram aquellas, q̃ ao Mestre não erão fieis vassallos. 380

Cap. 183. Porq̃ modo tinhão ordenado de matar ao Mestre, & descobriram seus segredos. f. 383.

Cap. 184. Como foi descuberta a treição, que ao Mestre tinhão ordenado, & queimado Garcia Coçaluez. 383.

Cap. 185. Como o Mestre deu os bens dos que erão culpados cõtra elle 388

Cap, 186. Como Vasco Pirez tomou voz outra vez por ElRey de Castella. 391

Cap. 187. Dos impedimento, q̃ o Doutor disse, porque Dona Ines não podia ser molher DelRey D. Pedro. 393.

Cap. 188. Da discordança, que os fidalgos, & pouos auião antre sy sobre a eleição, que querião fazer. f. 396.

Cap. 189. Do recado, que ElRey Dom Affonso enuiou â Corte de Roma, por o Infante seu filho non casar com Dona Ines. f 399.

Cap. 190. Do recado, que ElRey Dom Pedro enuiou ao Papa, & da reposta, que lhe de lá veyo. f. 401.

Cap. 191. Como acordarão todolos fidalgos, & pouo, que alçassem o Mestre de Auis por Rey. f. 405.

Cap. 192. Das rezoens, que os fidalgos, & pouos ouueram com o Mestre, & como foy alçado por Rey f. 407.

Cap. 193 & vltimo. Como Nuno Aluarez foy feito Condestabre, & de alguns modos de seu viuer. f. 409.

FIM.

Com todas as licenças nêcessarias.

Foy impressa esta primeira parte da Cronica DelRey Dom IOAM o Primeiro. Em Lisboa, por Antonio Aluarez Impressor DelRey nosso Senhor. Anno de 1644.